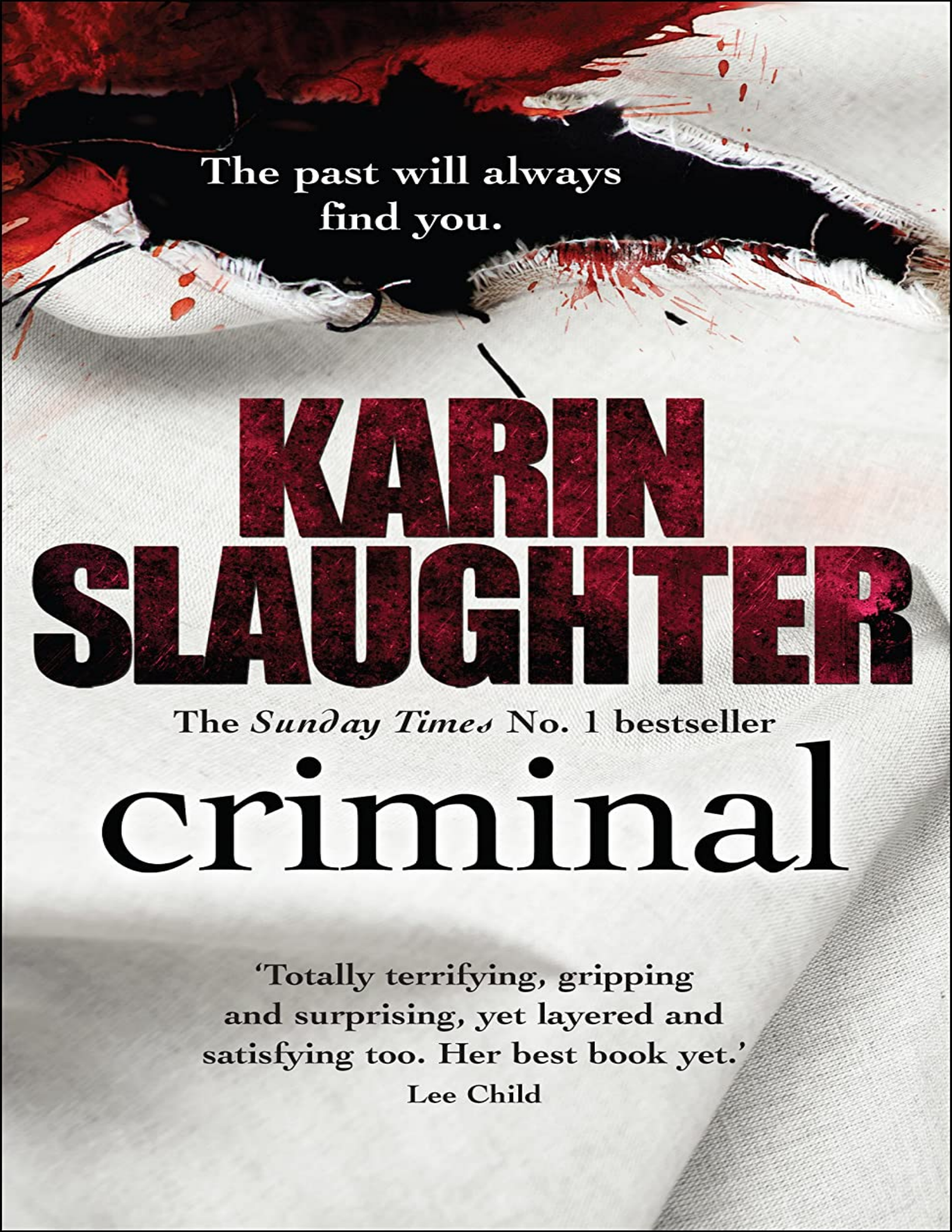




The past will always
find you.

KARIN SLAUGHTER

The Sunday Times No. 1 bestseller

criminal

‘Totally terrifying, gripping
and surprising, yet layered and
satisfying too. Her best book yet.’

Lee Child

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Karin Slaughter - Will Trent 06 - Criminal (TM)

Sinopse

Wíll Trent é um brilhante agente do Escritório de Investigação do estado da Geórgia. Agora apaixonado, começa a carregar com um passado difícil. De repente, uma estudante universitária desapareceu e Wíll é inexplicavelmente separado do caso por sua supervisora e mentora Amanda Wagner.

Quarenta anos atrás, no verão no que Wíll nasceu, Amanda dava seus primeiros passos no Departamento de Polícia de Atlanta e um de seus primeiros casos foi a investigação de um crime brutal em um dos bairros mais perigosos da cidade. Amanda e sua companheira, Evelyn, parecem ser quão únicas realmente se preocupam com tentar esclarecer o ocorrido.

Agora, o caso que impulsionou a carreira da Amanda súbitamente voltou para presente, mesclando-se com um mistério relacionado com a família do Wíll Trent.

Ambos os investigadores terão que enfrentar-se aos demônios do passado.

Uma obra professora atmosférica repleta de intriga e incerteza. Uma épica história de amor, lealdade e assassinatos no sul dos Estados Unidos.

A RESPEITO DA AUTORA

Karin Slaughter é autora de várias séries superventas de novelas criminais situadas todas elas no Sul dos Estados Unidos. Como boa residente de Atlanta que é, divide seu tempo entre a cozinha e a sala de estar. Com mais de quinze milhões de exemplares vendidos em todo mundo, Slaughter se confirma, novela a novela, como uma das grandes reína do gênero criminal.

A RESPEITO DE SUA OBRA ANTERIOR

“A novela mais poderosa e aditiva do Karin Slaughter até a data. A leitura deste livro foi como ver um grande atleta em seu melhor ano de carreira.” LÊ CHILD

“Karin Slaughter demonstra que é uma das melhores escritoras do gênero com Criminal.” Associated Press “As novelas do Karin Slaughter são das mais interessantes e fascinantes que tenho lido e com Criminoso Slaughter mostra sua novela mais visceral e dilaceradora.”

THE HUFFINGTON POST

“Criminoso é uma obra professora, com uma trama que se apodera do leitor e o mantém em vela até a madrugada.”
Orlando BOOKS EXAMINER

Índice

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Capítulo vinte e oito

Capítulo vinte e nove

Capítulo trinta

Capítulo trinta e um

Capítulo trinta e dois

Capítulo trinta e três

Agradecimentos

Capítulo um

Lucy Bennett

15 de agosto de 1974

Um Oldsmobile Cutlass de cor marrom canela subiu pelo Edgewood Avenue, com os guichês baixados e o condutor curvado em seu assento. As luzes do console deixavam ver uns olhos pequenos e redondos que olhavam a fileira de garotas paradas debaixo da placa da rua: Jane, Mary, Lídia. O carro se deteve. Como era de esperar, o homem lhe fez um gesto com o queixo ao Kitty. Ela se aproximou depressa, ajustando-a minissaia enquanto caminhava sobre seus saltos de agulha sobre aquele desnivelado asfalto. Duas semanas antes, quando Juice pôs pela primeira vez ao Kitty a trabalhar na rua, disse às outras garotas que tinha dezesseis anos, o que significava que pode que tivesse quinze, embora parecia que não passava dos doze.

Todas a odiaram nada mais vê-la.

Kitty se apoiou sobre o guichê aberto. Sua rígida saia de vinil se levantou como a parte inferior de um sino. Sempre a escolhiam a primeira; estava-se convertendo em um problema do que todo mundo, salvo Juice, dava-se conta. Kitty recebia um trato especial. Podia convencer aos homens de algo. Era uma garota nova, de aspecto infantil, embora, como todas elas, levava uma faca de cozinha na bolsa e sabia como utilizá-lo. A nenhuma gostava do que faziam, mas ter outra garota uma garota mais jovem-lhes fazendo a competência as chateava; sentiam-se como quinceañeras às que ninguém tirava um baile.

A negociação no interior do Oldsmobile foi rápida, sem regateios; o que se ofertava valia seu preço. Kitty fez um

sinal ao Juice, esperou a que este assentira e logo subiu ao carro. O escapamento cuspiu uma nuvem de fumaça quando o Olds girou para entrar em um beco estreito. O carro se sacudiu ao reduzir para meter-se em um estacionamento. O condutor levantou uma mão, agarrou a nuca do Kitty e ela desapareceu.

Lucy Bennett se apartou, olhando a escura e desértica avenida. Não se via nenhum farol, nada de tráfico, nenhum cliente. Atlanta não era uma cidade noturna.

A última pessoa em sair do edifício Equitable estava acostumado a apagar as luzes, mas viu os abajures do Flatiron iluminar o Central City Park. Se observava com atenção, via o familiar letreiro CeS de cor verde ancorada no distrito comercial. O New South. O progresso através do comércio. Uma cidade muito ocupada para odiar.

Se havia algum homem passeando aquela noite pelas ruas, não tinha boas intenções.

Jane acendeu um cigarro e logo colocou o pacote em sua bolsa. Não era o tipo de pessoa a que gostasse de compartilhar, mas sim mas bem receber. Seu olhar se cruzou com a do Lucy. Custava trabalho suportar aquela frieza. Jane deveu sentir o mesmo, porque apartou o olhar rapidamente.

Lucy se estremeceu, apesar de estar em meados de agosto e de que a calçada desprendia um calor tão intenso como o fogo. Doíam-lhe os pés e as costas, a cabeça lhe retumbava como um metrônomo, sentia o estômago tão pesado como se se tragou um caminhão de cimento, a boca pastosa e um formigamento constante nas mãos.

Aquela manhã, uma mecha de cabelo loiro lhe tinha cansado no lavabo. Dois dias antes, tinha completo os

dezenove, mas se sentia velha.

O Olds cor marrom se sacudiu de novo no beco. Kitty apareceu a cabeça. limpou-se a boca ao sair do carro. Não se entretive. Não queria lhe dar tempo a aquele tipejo para reconsiderar sua compra. O carro se afastou antes de que ela pudesse fechar a porta. Kitty se cambaleou durante uns instantes sobre seus saltos, como desorientada, assustada e zangada. Todas o estavam. A raiva era seu refúgio, sua zona de conforto, quão único podiam considerar como algo próprio.

Lucy observou que Kitty retornava à esquina. Deu-o dinheiro ao Juice e tentou continuar avançando, mas ele a agarrou do braço para que se estivesse quieta.

Kitty cuspiu na calçada, tratando de aparentar que não estava assustada. Enquanto isso, Juice desdobrava o maço de bilhetes e os contava um a um. Kitty se deteve, à espera. Todas o estavam.

Finalmente, Juice levantou o queixo. Tudo em ordem. Kitty voltou a colocar-se em seu sítio. Não olhou ao resto das garotas. limitou-se a observar a rua com a expressão vazia, esperando a que aparecesse o próximo carro, aguardando que o próximo homem lhe fizesse um gesto ou passasse de comprimento. Tinha demorado dois dias, como muito, em adquirir o mesmo olhar vazio que o resto das garotas. O que estava pensando? Provavelmente, quão mesmo Lucy, nessa cantinela tão familiar que ressonava em seus ouvidos antes de dormir cada noite: “Quando acabará tudo isto? Quando acabará tudo isto? Quando acabará tudo isto?”.

Lucy teve quinze anos uma vez. Agora logo que podia recordar a aquela garota que passava notitas em classe, que ria bobamente dos meninos, que corria a sua casa ao

terminar a escola para ver sua série favorita, que dançava em sua habitação as canções dos Jackson Five com seu melhor amiga, Jill Henderson. Então tinha quinze anos, mas logo a vida se abriu como um abismo e a pequena Lucy começou a cair naquela interminável escuridão.

Tinha começado a tomar anfetaminas para emagrecer. Ao princípio, só pastilhas. A bencedrina que sua amiga Jill tinha encontrado no estojo de primeiro socorros de sua mãe. Tomavam de vez em quando, com precaução, até que os federais se chatearam e proibiram as pastilhas. O estojo de primeiro socorros ficou vazio um dia e, ao seguinte -ou ao menos isso acreditava, começou a engordar de novo: chegou a pesar quase setenta quilogramas. Era a única garota gorda da escola, além do George, o Gordo, o menino que se pinçava o nariz e se sentava sozinho durante o almoço. Lucy o odiava tanto como se odiava a si mesmo, tanto como detestava sua imagem no espelho.

Foi a mãe da Jill a que lhe ensinou a injetar-se. A senhora Henderson não era estúpida; tinha notado que lhe faltavam pastilhas e se alegrou de ver que fazia algo por livrar-se de seus michelines. Ela tinha utilizado o medicamento pela mesma razão. Era enfermeira no hospital General Clayton. Saía da sala de urgências com frascos de vidro de metedrina tocando castanholas como denta no bolso de seu uniforme branco. Anfetamina injetável, disse ao Lucy. Quão mesmo as pastilhas, mas mais rápido.

Lucy tinha quinze anos a primeira vez que a agulha lhe atravessou a pele.

-Pouco a pouco -lhe ensinou a senhora Henderson, extraíndo um pouco de sangue vermelho com a seringa e pressionando lentamente o êmbolo de novo. Você é a que controla. Não deixe que ela controle a ti.

Não notou um verdadeiro subidón, tão solo um enjôo e, logo, obviamente, a agradável sensação de perder o apetite. A senhora Henderson tinha razão. O líquido era mais rápido que as pastilhas, mais fácil. Dois quilogramas e médio, logo cinco, sete e, depois..., nada. Por isso Lucy teve que isso redefinir de um pouco cada vez” e começou a injetar-se não cinco centímetros cúbicos, a não ser dez, e logo quinze, até que sua cabeça explorou e se sentiu capaz de algo.

O que podia lhe importar depois daquilo?

Nada.

Os meninos? Não, eram muito estúpidos. Jill Henderson? Vá coñazo. Seu peso? É óbvio que não.

Aos dezesseis pesava menos de quarenta e cinco quilogramas. As costelas, os quadris e os cotovelos lhe sobressaíam como mármore recém gentil. Pela primeira vez em sua vida tinha maçãs do rosto. Usava delineador negro uso Cleopatra, sombra de olhos cor azul e se engomava seu comprido cabelo loiro para que lhe golpeasse com rigidez seu muito magro traseiro. A garota a que em quinto curso sua professora de ginástica tinha apelidado, para deleite do resto da classe, o Rolo compressor, estava tão magra como uma modelo, mostrava-se despreocupada e, de repente, converteu-se em alguém muito popular.

Não popular com suas antigas amigas, essas que a conheciam da creche. Não, essas a consideravam um lixo, uma marginada, uma perdedora. Entretanto, por uma vez em sua vida, não lhe importava. Quem queria estar com pessoas que lhe desprezavam por te divertir um pouco? Para elas sozinho tinha sido um mero objeto simbólico: a garota gorda com a que se saía para que a outra ressaltasse

mais e fosse a bonita, a encantada, a que flertava com todos os meninos.

Suas novas amigas pensavam que Lucy era perfeita. adoravam quando fazia um comentário sarcástico sobre alguém de seu passado. Acolhiam de bom grau suas raridades. Convidavam-na a suas festas. Os meninos lhe pediam que saísse com eles. Tratavam-na como a uma igual. Ao final, tinha encaixado em um grupo e não ressaltava entre as demais por ser muito...Era uma mais. Era, simplesmente, Lucy.

E o que passava com sua anterior vida? Lucy não sentia nada, salvo desprezo, por todos os que lhe tinham pertencido, sobre tudo pela senhora Henderson, que deixou de lhe falar bruscamente e dizia que Lucy precisava sentar a cabeça. Mas sua cabeça estava mais lúcida que nunca, e não tinha a mais mínima intenção de renunciar a sua nova vida.

Todas suas antigas amigas eram umas aborrecidas, estavam obcecadas com sua preparação para entrar na universidade, que consistia principalmente em debater em que residência viveriam. Os aspectos mais delicados dessas residências, cujas mansões vitorianas e de estilo grego salpicavam Milledge Avenue e South Lumpkin Street na Universidade da Geórgia, tinham formado parte do jargão do Lucy desde que tinha dez anos, mas a sedução da anfetamina reduziu seu grego a uma língua esquecida.

Já não necessitava o olhar de desaprovação de suas antigas amigas, nem tampouco à senhora Henderson. Tinha muitos amigos novos que podiam lhe subministrar o que necessitava; além disso, os pais do Lucy eram muito generosos com seu pagamento. Quando esta não lhe

chegava até final de semana, agarrava-lhe dinheiro a sua mãe da bolsa, já que ela jamais se dava conta de nada.

Que fácil era vê-lo agora, mas, naquela época, o descida vertiginoso de sua vida pareceu acontecer em questão de segundos, não nos dois anos completos que tinha demorado para cair. Quando estava em casa se mostrava huraña e malhumorada. Começou a escapar pelas noites e a enganar a seus pais pelas coisas mais estúpidas e mundanas, coisas que podiam ser facilmente refutadas. Na escola faltava às lições e terminou na classe de inglês rudimentar com o George, o Gordo, sentado diante, e seus novos amigos na fila de atrás, fazendo o parvo e perdendo o tempo até que pudesse retornar com seu verdadeiro amor.

A agulha.

Essa magra e afiada peça de aço cirúrgico, aquele instrumento que parecia do mais inócuo, dominava cada momento de sua vida. Sonhava chutando-se, com essa primeira espetada na carne, com a sensação que lhe produzia a ponta ao lhe atravessar a veia, com aquele calor lento que lhe percorria o corpo quando se injetava o líquido, com aquela euforia imediata que lhe produzia a droga ao entrar no organismo. Aquilo merecia algo. Merecia qualquer sacrifício, qualquer perda, algo que tivesse que fazer com tal de consegui-la. Todas essas coisas que fazia, mas que esquecia um segundo depois de que a droga entrasse em seu sangue.

Logo, repentinamente, vinha a crista da última colina, a colina mais alta, mas logo começava a descender por aquela montanha russa.

Bobby Fields. Quase vinte anos maior que Lucy. Mais preparado. Mais forte. Era mecânico em um dos postos de

gasolina de seu pai. Bobby jamais se fixou nela.

Para ele, Lucy era a mulher invisível, uma menina gordinha com os acréscimos murchos. Mas aquilo trocou depois de que a agulha começasse a formar parte de sua vida.

Um dia entrou na garagem, com os jeans por debaixo de seus magros quadris e os sinos da calça desfiadas de tanto roçar o chão. Bobby lhe disse que ficasse a conversar um momento.

Ele a escutou. Ninguém antes o tinha feito. Logo Bobby se aproximou até onde estava, com seus dedos manchados de graxa, e lhe apartou uma mecha de cabelo que lhe pendurava diante do rosto. Depois, sem saber como, estavam na parte traseira do edifício; lhe pôs a mão no peito e ela se sentiu viva ao sentir que monopolizava toda sua atenção.

Lucy jamais tinha estado com um homem. Embora estivesse pendurada sabia que devia dizer que não. Sabia que devia guardar-se, que a ninguém gostava das mercadorias deterioradas. Por muito incrível que agora pudesse parecer, naquela época havia uma parte dela que lhe dizia que, apesar de seus escarcéus, terminaria na Universidade da Geórgia, compraria a casa que quisesse e se casaria com um jovem sério cujo brilhante futuro mereceria a aprovação de seu pai.

Lucy teria filhos. Formaria parte da Associação de Pais. Prepararia bolachas e levaria a seus filhos à escola em uma caminhonete, e se sentaria na cozinha com as demais mães para queixar-se de suas aborrecidas vistas. E pode que, enquanto que as demais mulheres falassem de suas disputas maritais ou dos cólicas de seus filhos, ela sonriera

recordando sua amalucada juventude, seu selvagem aventura com a agulha.

Ou pode que algum dia estivesse na esquina de uma rua do centro de Atlanta e sentisse um sobressalto ao pensar que podia perder aquela acolhedora cozinha e a seus amigas mais íntimas.

A Lucy de dezesseis anos jamais tinha estado com um homem, mas Bobby Fields tinha estado com muitas mulheres. Muitas mulheres jovens. Por isso sabia como lhes falar, como fazer que se sentissem especiais. E, o mais importante, sabia como passar suas mãos do peito às coxas, das coxas a entrepierna, e dali a outros lugares que faziam que ela ofegasse tanto que seu pai a chamou do escritório para ver se se encontrava bem.

-Estou bem, papai disse.

Bobby tinha umas mãos que lhe tinham dado tanto prazer que teria enganado ao mesmo Deus.

Ao princípio, sua relação foi um segredo, o qual fazia que resultasse ainda mais excitante. Tinham um vínculo, um segredo proibido que compartilhavam eles dois. Durante quase todo um ano, seguiram com sua aventura clandestina. Lucy evitava os olhares do Bobby quando ela fazia sua visita semanal à garagem para ajudar a seu pai com a contabilidade. Simulava que Bobby não existia até que não podia resistir mais. Então se dirigia aos sujos asseios que havia atrás do edifício, e lhe agarrava o traseiro com tanta força com suas gordurentas mãos que logo lhe doía quando se sentava de novo ao lado de seu pai.

O desejo que Bobby sentia por ela era tão intenso como o sua pela agulha. A garota fazia novilhos na escola. Aceitou um trabalho a meia jornada e dizia a seus pais que ia ficar a

dormir em casa de uma amiga, algo que eles jamais se incomodavam em comprovar. Bobby tinha sua própria casa. Conduzia um Mustang Fastback, como Steve McQueen. Bebia cerveja, fumava erva, procurava anfetanas para o Lucy, e ela aprendeu a chupar-lhe sem sentir náuseas.

Tudo era perfeito até que se deu conta de que não podia continuar com aquela farsa. Ou pode que não quisesse. Deixou a escola superior dois meses antes de graduar-se. A gota que encheu o copo foi o fim de semana em que seus pais partiram de viagem para visitar seu irmão na universidade. Lucy passou todo o tempo em casa do Bobby. Cozinhou para ele, limpou-lhe a casa, fez o amor com ele toda a noite e se passou o dia olhando o relógio e contando os minutos até que se atreveu a lhe dizer que lhe amava. E Lucy lhe amava “de verdade”, especialmente quando retornava a casa de noite com um enorme sorriso no rosto e um pequeno frasco de pó mágico no bolso.

Bobby era muito generoso com a agulha. Possivelmente muito. Injetava-lhe tanta droga que lhe tocavam castanholas os dentes, e ainda seguia pendurada à manhã seguinte, quando retornava dando tombos a sua casa.

Domingo.

Supunha-se que seus pais tinham ido à igreja com seu irmão antes de retornar, mas ali estavam, sentados à mesa da cozinha, vestidos ainda com seus trajes.

Sua mãe nem sequer se tirou o chapéu. Tinham-na esperado toda a noite. Tinham telefonado a seu amigo, seu alibi; supunha-se que a garota lhes diria que tinha passado toda a noite em sua casa. Ao princípio, tinha-lhes mentido, mas, depois de pressioná-la um pouco, disselhes onde estava exatamente e onde tinha estado os últimos meses.

Lucy tinha então dezessete anos, mas seguiam considerando-a uma menina. Seus pais quiseram que visitasse um psicólogo. Tentaram que a polícia prendesse o Bobby, que não o contratasse em nenhuma outra garagem, mas ele se trasladou a Atlanta, onde a ninguém interessava quem lhe arrumasse o carro enquanto fosse barato.

Transcorreram dois meses infernais; logo, de repente, Lucy tinha dezoito anos. Rapidamente, sua vida trocou. Era o bastante maior para deixar a escola, para beber, para abandonar a sua família sem que os porcos dos polis a obrigassem a retornar. Passou de ser a menina de batata à menina do Bobby. Vivia em um apartamento no Stewart Avenue, onde se passava o dia dormindo, esperando que retornasse Bobby de noite, para lhe dar seu chute, para que se a follasse e logo a deixasse dormir um pouco mais.

Naquela época, Lucy solo o sentia por seu irmão, Henry. Estudava na Faculdade de Direito, na Universidade de Atlanta. Era seis anos maior que ela, mas pareciam mais amigos que irmãos. Quando estavam juntos, compartilhavam largos momentos de silêncio, mas, desde que se tinha ido à universidade, escreviam-se cartas duas ou três vezes ao mês.

Ao Lucy adorava lhe escrever cartas, já que se mostrava como a garota de sempre: um pouco ridícula quando falava de meninos, ansiosa com sua graduação, desejosa de aprender a conduzir. Não falava de seu vício às drogas, nem de seus novos amigos, que estavam tão à margem da sociedade que temia levá-los a sua casa por medo de que lhe roubassem o faqueiro de prata de sua mãe, se é que ela os deixava entrar, claro.

Henry sempre lhe respondia com cartas muito breves; entretanto, embora estivesse arrasado com os exames, as arrumava para lhe enviar ao Lucy uma linha ou dois para lhe dizer como foram as coisas. Entusiasmava-lhe a idéia de que ela pudesse estar na universidade com ele, de poder lhe apresentar a seus amigos. Até que deixou de está-lo quando seus pais lhe disseram que sua querida irmã se transladou a Atlanta para converter-se na puta de um velho hippie de trinta e oito anos que se dedicava a vender drogas.

depois disso, ao Lucy devolviam as cartas sem abrir. Henry rabiscava nelas: “Devolver ao remetente”. Sem lhe dar nenhuma explicação, atirou-a como se fosse lixo.

E pode que estivesse no certo, que merecesse que a abandonassem, já que, quando lhe acontecia o colocón, quando já não eram tão intensos e os fagotes resultavam insuportáveis, o que era Lucy Bennett, salvo uma mulher da rua?

Dois meses depois de que Bobby se transladasse a Atlanta, jogou-a de casa. Quem podia lhe culpar por isso? Seu jovem e ardente zorrinho se converteu em uma yonqui que lhe esperava todas as noites na porta lhe pedindo uma dose. E quando Bobby deixou de proporcionar-lhe buscou-se a outro homem do bloco de apartamentos disposto a lhe dar o que quisesse. O que importava se tinha que abrir-se de pernas para isso? Dava-lhe o que Bobby já não queria lhe dar, proporcionava-lhe o que necessitava.

Chamava-se Fred. Limpava aviões no aeroporto. Desfrutava fazendo-a chorar, logo lhe dava sua dose e tudo voltava de novo para a normalidade. Fred se considerava especial, melhor que Bobby. Quando se precaveu de que lhe brilhavam os olhos pela droga e não por ele, começou a

maltratá-la e não deixou de fazê-lo até que terminou em um hospital. Quando agarrou um táxi para retornar ao apartamento, o gerente lhe disse que Fred se partiu sem deixar nenhuma direção. Foi então quando lhe disse que podia ficar com ele.

O que veio depois foi como uma nuvem imprecisa, ou possivelmente tão clara que não podia vê-la, mas o caso é que tinha a mesma sensação que se tem quando um fica os óculos de outra pessoa. Durante quase um ano, Lucy passou de um homem a outro, de um camelo a outro. Fez coisas coisas horríveis-com tal de conseguir sua dose. Se havia um poste totêmico no mundo das anfetamidas, ela tinha começado por cima... e tocou fundo com soma rapidez. Dia detrás dia, viu como sua vertiginosa vida se ia pelo ralo. Não podia evitá-lo. A dor era mais forte que ela. A necessidade, as ânsias, o desejo que ardia como ácido fervendo em suas vísceras.

Logo, finalmente, tocou fundo. Ao Lucy a aterrorizavam os motoristas que vendiam anfetamidas, mas seu desejo terminou por vencê-la. A passavam entre si como se fosse uma bola, maltratavam-na. Todos tinham estado no Vietnã e estavam furiosos com o mundo, com o sistema, inclusive com o Lucy. Por sua parte, nunca antes se passou com a dose, ao menos não tanto como para terminar em um hospital. Agora, em várias ocasiões, desceram-na do assento traseiro de uma Harley para deixá-la na sala de urgências do Grady. Aquilo não gostavam de nada aos motoristas. Os hospitais chamavam à polícia, e a polícia sempre resultava difícil de subornar. Uma noite lhe deu um subidón tão forte que um deles lhe injetou uma dose de heroína para que lhe passasse, um truque que tinha aprendido lutando com os vietnamitas.

A heroína foi o último passo para sua destruição. Ao igual a lhe aconteceu com as anfetamidas, enganchou-se rapidamente. Essa sensação de alívio, essa indescritível felicidade, essa perda da consciência do tempo e o espaço. Era a inconsciência absoluta.

Lucy jamais tinha cobrado por praticar sexo. Até então tinha sido mais uma questão de troca. Sexo em troca de anfetamidas. Sexo em troca de heroína. Nunca sexo por dinheiro.

Entretanto, necessitava urgentemente o dinheiro.

Os motoristas vendiam anfetamidas, não heroína. A heroína era coisa dos negros. Inclusive a Máfia passava disso. A heroína era uma droga dos guetos. Era muito forte, muito aditiva e muito perigosa para os brancos. Especialmente, para as mulheres brancas.

Assim foi como Lucy terminou trabalhando para um negro com uma tatuagem do Jesus Cristo no peito.

A colherinha, chama-a, o aroma de borracha queimada, o torniquete, o filtro de um cigarro quebrado, todo aquilo tinha um ar romântico, um processo comprido e dilatado que fez que seu anterior aventura com a agulha lhe parecesse muito pouco sofisticada. Agora inclusive podia sentir como se emocionava nada mais pensar na colherinha. Fechou os olhos, imaginando essa peça de faqueiro dobrado, como o pescoço se parecia com um cisne desconjuntado. Um cisne negro, uma ovelha negra, a puta de um negro.

De repente, Juice ficou a seu lado. As demais garotas se apartaram disimuladamente. Aquele fanfarrão tinha um dom especial para perceber a debilidade. Esse era seu método para as captar.

-O que acontece, bonita?

-Nada -murmurou ela. Tudo vai cojonudo.

Ele se tirou o palito de dentes da boca.

-Não jogue comigo, boneca.

Lucy agachou a cabeça. Viu seus sapatos de verniz branco, a forma em que o sino de suas calças verdes feitas a medida se rendia ao largo de suas pontas de asa. Quantos estranhos tinha que follarse Lucy para que lhe desse brilho a esses sapatos? Em quantos assentos traseiros se tinha jogado para que ele pudesse ir à alfaiate no Five Points a medi-la entrepierna?

-Sinto-o respondeu ela, atrevendo-se a lhe olhar à cara e tentando avaliar seu temperamento.

Juice se tirou o lenço e se secou o suor da frente. Suas costeletas eram tão largas que se uniam a seu bigode e seu cavanhaque. Tinha uma mancha de nascimento na bochecha a que Lucy olhava quando precisava concentrar-se em outras coisas.

-Vamos, boneca disse ele. Se não me disser o que acontece sua cabeça, não posso fazer nada.

Deu-lhe um empurrão no ombro. Ao ver que ela não falava, empurrou-a com mais força. Não pensava render-se. Juice odiava que tivessem segretos com ele.

-Pensava em minha mãe respondeu Lucy. Era a primeira vez que dizia a verdade desde fazia muito tempo.

Juice se pôs-se a rir e utilizou o palito de dentes para dirigir-se às demais garotas.

-Não é uma doçura? esteve pensando em sua mãezinha. -
Levantou a voz. De quantas de vocês se preocupam suas
mamães agora?

Ouviram-se algumas risadas afogadas. Kitty, a mais bola
de todas, disse: -Solo temos a ti, Juice. Somente a ti.

-Lucy -sussurrou Mary.

A palavra quase ficou engasgada na garganta. Se Juice se
enchia o saco, nenhuma conseguiria o que desejavam, e o
que desejavam nesse momento, o que precisavam era a
colherinha e a heroína que ele guardava no bolso.

-Não passa nada disse Juice fazendo um gesto para que
Mary se calasse. Deixa que fale. Vamos, garota, fala.

Talvez fora porque lhe disse o mesmo que diria a um cão
-“fala”, como se obtivesse um prêmio se ladrava quando ele
o mandava, ou pode que se devesse a que estava
acostumada a fazer justo o que Juice lhe ordenava, mas o
caso é que Lucy começou a mover a boca por vontade
própria.

-Estava pensando naquela época em que minha mãe me
levava a cidade. -Lucy fechou os olhos. Podia ver-se sentada
no assento traseiro do carro, o salpicadero metálico do
Chrysler de sua mãe brilhando sob a luz do sol. Fazia um dia
caloroso, de grande abafado, um desses dias de agosto em
que desejas ter ar condicionado no carro. Me ia deixar na
biblioteca enquanto ela fazia seus recados.

Juice se Rio de suas lembranças.

-Que bonito, garota. Sua mamãe te levando a biblioteca
para que pudesse ler.

-Não pôde chegar replicou Lucy abrindo os olhos e lhe olhando tão fixamente como jamais tinha feito antes. O Klan tinha uma reunião.

Juice se esclareceu voz. Olhou às demais garotas e logo voltou a olhar ao Lucy.

-Segue disse com um tom tão brusco que um calafrio lhe correu pelas costas.

-As ruas estavam bloqueadas. Paravam a todos os carros para registrá-los.

-Te cale já -sussurrou Mary.

Mas já não podia deixá-lo. Seu dono lhe tinha ordenado que falasse.

-Era sábado. Minha mãe sempre me levava os sábados à biblioteca.

-De verdade? perguntou Juice.

-Sim.

Inclusive com os olhos abertos, Lucy ainda podia ver em sua mente aquela cena. Estava no carro de sua mãe, segura, contente. Foi começar a tomar pastilhas, antes de injetar-se, antes da heroína e antes de conhecer o Juice. E antes de que se perdesse aquela pequena Lucy que se sentava no carro de sua mãe, angustiada porque não chegaria a tempo à biblioteca para seu grupo de leitura.

A pequena Lucy era uma leitora voraz. Levava sua pilha de livros no regaço enquanto olhava aos homens que bloqueavam as ruas. Todos foram vestidos com uma túnica branca. A maioria deles se tiraram o capuz porque fazia

muito calor. Conhecia alguns da igreja, e a um par deles da escola. Saudou o senhor Sheffield, o dono da loja de ferragens. Lhe piscou os olhos um olho e lhe devolveu a saudação.

-Estávamos em uma colina perto do tribunal e havia um homem negro diante de nós, parado em um sinal de stop. Conduzia um desses carros estrangeiros. O senhor Peterson se aproximou dele; o senhor Laramie ficou ao outro lado.

-De verdade? repetiu Juice.

-Sim, de verdade. O homem estava aterrorizado. Seu carro começou a mover-se para trás. Devia ter a embreagem pisada, mas o pé lhe escorria de quão assustado estava. Recordo a minha mãe lhe olhando como se estivéssemos vendo Reino animal ou um pouco parecido. Ela ria sem parar e disse: “Olhe o assustado que está esse mapache”.

-Deus santo exclamou Mary.

Lucy sorriu ao Juice e repetiu:

-Olhe o assustado que está esse mapache.

Juice se tirou o palito de dentes da boca.

-Tome cuidado com o que diz, boneca.

-Olhe o assustado que está esse mapache -murmurou Lucy. Olhe o assustado... -Sua voz se foi apagando, mas era como um motor em ralentí antes de sair disparado.

Sem razão alguma, a história lhe pareceu do mais graciosa. Logo levantou tanto a voz que ecoou nos edifícios. Olhe

quão assustado está esse mapache! Olhe o assustado que está esse mapache!

Juice o propinó uma bofetada com a mão aberta, o bastante forte para fazer que se desse a volta. Lucy notou que o sangue lhe corria pela garganta.

Não era a primeira vez que lhe pegavam, nem a última, mas já nada podia detê-la.

-Olhe o assustado que está esse mapache! Olhe o assustado que está esse mapache!

-Te cale! gritou Juice lhe dando um murro na cara.

Lucy ouviu o estalo de um dente ao romper-se. Seu queixo girou como se fosse um hula hoop, mas continuou: -Olhe o assustado...

Chutou-lhe o estômago. Levava as calças tão ajustadas que não podia levantar muito o pé, mas notou a planta do sapato lhe pressionando a pélvis. Lucy gritou de dor, tão espantoso como liberador. Quantos anos levava sem sentir nada, salvo um intumescimento? Quantos anos levava sem lhe levantar a voz a um homem para lhe dizer que não?

Sentia tal pressão na garganta que não podia respirar. Logo que podia suportá-lo.

-Olhe o assustado que...

Juice voltou para propinarle um murro na cara. Notou que a ponte do nariz lhe rompia. Lucy se cambaleou, com os braços abertos. Viu, literalmente, as estrelas.

Lhe caiu a bolsa. Um dos saltos lhe rompeu.

-Fora de minha vista! exclamou Juice brandindo o punho no ar. te Largue daqui antes de que lhe mate, zorra!

Lucy chocou com o Jane, que a apartou como a um cão sarnento.

-Parte ! vaiou Mary. Por favor.

Lucy tragou um pouco de sangue e a cuspiu tossindo. Trocitos de cor branca caíram ao chão. Eram seus dentes.

-Comprido, zorra! -advertiu-a Juice. Fora de minha vista.

Lucy conseguiu dá-la volta. Olhou a escura rua. Não havia luz alguma. Ou os alcoviteiras as apagavam, ou a cidade não se incomodava nas acender. Lucy se cambaleou de novo, mas conseguiu manter-se direita. O salto quebrado de seu sapato era um problema. tirou-se ambos os sapatos. As novelos de seus pés notaram o intenso calor do asfalto, uma sensação tão ardente que lhe subiu até o couro cabeludo. Era como caminhar por cima de um montão de brasas. Tinha-o visto uma vez em televisão; o truque consistia em caminhar o bastante rápido como para que o oxigênio não entrasse nas chamas, assim não te ardia a pele.

Acelerou o passo. ergueu-se enquanto caminhava. Manteve a cabeça bem alta, a pesar da dor tão intensa que sentia nas costelas. Não importava. A escuridão tampouco. Nem o calor na planta de seus pés. Nada importava.

Deu-se a volta e gritou:

-Olhe o assustado que está esse mapache!

Juice fingiu sair detrás dela, que começou a correr pela rua. As novelos de seus pés se chocavam contra o asfalto. Seus braços se moviam com força. Seus pulmões pareciam

sacudir-se quando deu a volta à esquina. A adrenalina lhe percorria todo o corpo. Lucy se lembrou das classes de ginástica, quando, por sua má atitude, a professora a obrigava a dar cinco, dez, vinte voltas à pista. Tinha sido tão rápida naquela época, tão jovem e livre. Todo isso se acabou. As pernas começaram a lhe doer, os joelhos lhe dobravam. atreveu-se a olhar atrás, mas não viu o Juice. Não viu ninguém. cambaleou-se para deter-se.

Juice nem se incomodou em persegui-la.

Lucy se inclinou, apoiando uma mão sobre uma cabine Telefónica, cuspiendo sangue pela boca. Utilizou a língua para ver de onde lhe saía. Tinha dois dentes quebrados, embora graças a Deus eram da parte de atrás.

Entrou na cabine. A luz a cegou ao fechar a porta. Abriu-a de novo e se apoiou contra o cristal. Ainda ofegava. Parecia que tivesse deslocado dez milhas, não umas quantas maçãs.

Olhou o telefone, o auricular negro pendurado de seu gancho, a ranhura para as moedas. Lucy passou os dedos por cima do símbolo do timbre, gravado na placa; logo deixou que sua mão procurasse o quatro, o sete, o oito. O número de telefone de seus pais. Ainda sabia de cor, como se sabia o número da rua onde viviam, a data do aniversário de sua mãe e a da próxima graduação de seu irmão. Aquela Lucy de antes ainda não estava completamente perdida. Sua vida seguia existindo em números.

Podia chamar, mas, embora respondessem, ninguém teria nada que dizer.

Lucy se obrigou a sair da cabine. Subiu a rua caminhando lentamente, sem direção alguma. Seu estômago se retorceu quando notou a primeira sensação do macaco.

Deveria ir ao hospital para que a curassem e lhe rogar à enfermeira que lhe desse um pouco de metadona antes de que piorasse ainda mais. O Grady estava doze maçãs mais abaixo, e logo outras três para cima. Ainda não sentia câibras nas pernas. Podia chegar até ali caminhando. Aquelas voltas à pista nunca tinham sido um castigo.

Ao Lucy estava acostumado a lhe gostar de correr. adorava fazer jogging os fins de semana com seu irmão Henry. Ele sempre se parava antes que ela. Lucy tinha sua carta na bolsa. A deu o mês passado o homem da Union Mission, onde as garotas estavam acostumadas acontecer o momento quando Juice estava cheio o saco com elas.

Lucy tinha guardado a carta sem abrir durante três dias, por medo de que lhe desse más notícias. Seu pai tinha morrido. Sua mãe se escapou com o homem das Charles Chips. Agora todo mundo se estava divorciando. Lares destruídos. Filhos destroçados. Embora Lucy tinha perdida muito tempo, aquilo era algo mais que abrir e ler uma singela carta.

Apertada-a e pequena escritura do Henry lhe resultou tão familiar que sentiu como se uma suave emano lhe acariciasse as bochechas. Os olhos lhe encheram de lágrimas. Leu a carta inteira uma vez, logo outra e depois outra mais. Uma página. Não lhe falava de nenhuma fofoca, nem lhe dava notícias de sua família, porque Henry não era assim. Era preciso, lógico, nada dramático. Estava no último curso da Faculdade de Direito. Estava procurando um trabalho porque tinha ouvido que as coisas estavam difíceis. Sentiria falta de ser estudante, estar com seus amigos. E sentia falta da o Lucy.

Sentia falta da o Lucy.

Essa foi a parte que leu quatro, cinco vezes, e depois tantas que perdeu a conta. Henry sentia falta da o Lucy. Seu irmão sentia falta da sua irmã.

Lucy também se sentia falta da si mesmo.

Mas lhe tinha cansado a bolsa na esquina. Agora possivelmente o tinha Juice. Provavelmente teria atirado todas suas coisas à calçada e as teria registrado como se fossem delas. Isso significava que teria a carta do Henry, e sua faca de cozinha, o bastante afiado para cortar a pele de sua perna, algo que tinha feito a semana passada para assegurar-se de que seguia sangrando.

Lucy girou na seguinte esquina. deu-se a volta para olhar a lua. Assinalava o céu escuro com o bordo curvado de sua unha. O esqueleto do inacabado hotel Peachtree Plaza apareceu ao longe; o hotel mais alto do mundo. Toda a cidade estava em obras. Ao cabo de um ano ou dois, haveria milhares de habitações novas de hotel no centro. Os negócios estavam em pleno auge, especialmente nas ruas.

Duvidou que vivesse para vê-lo.

Lucy tropeçou de novo. Uma dor lhe percorreu as costas. As lesões que lhe tinha causado Juice começavam a reclamar sua atenção. Devia ter uma costela fraturada.

Sabia que tinha o nariz rota. Os retortijones do estômago começavam a ser mais intensos. Necessitaria uma dose logo ou acabaria sofrendo um delirium tremens.

Esforçou-se por seguir caminhando.

-Por favor disse rogando ao deus do hospital Grady. Espero que me dêem metadona, que me dêem uma cama, que sejam amáveis, que...

Deteve-se. O que acontecia ela? por que deixava que seu destino estivesse em mãos de uma puta enfermeira que a olharia de cima abaixo e saberia o que era?

Devia retornar por onde tinha vindo, arrumar as coisas com o Juice, ajoelhar-se ante ele e lhe pedir que a perdoasse. Por piedade. Por uma dose. Pela salvação.

boa noite, irmã.

Lucy se deu a volta, esperando ver o Henry, embora ele jamais a tinha saudado dessa forma. Havia um homem a uns metros detrás dela. Era branco, alto, e se ocultava na escuridão. Lucy se levou a mão ao peito. O coração lhe pulsava com força. Sabia que não devia deixar que ninguém lhe aproximasse dessa forma. Procurou sua bolsa, a faca que guardava dentro, mas recordou tardiamente que o tinha perdido tudo.

-Encontra-te bem? perguntou o homem.

Era um tipo com bom aspecto, algo que Lucy levava muito tempo sem ver, salvo em algum poli. Levava o cabelo talhado ao corte de barba, as costeletas curtas e não tinha nem um indício de barba, apesar do tarde que era. Um militar, pensou. Muitos homens estavam retornando do Vietnam. dentro de seis meses, esse casulo seria como outros veteranos de guerra que conhecia, levaria o cabelo sujo recolhido em uma trança, pegaria às mulheres e se passaria o momento jogando pestes do Governo.

Lucy tratou de falar com voz firme.

-Sinto muito, guapetón, mas acabei por esta noite. -Suas palavras ressonaram entre os altos edifícios. precaveu-se de que lhe custava falar e se ergueu para que não pensasse que ia ser um objetivo fácil. Já fechamos o negócio.

-Não me interessa o negócio respondeu dando um passo para diante. Levava um livro nas mãos: a Bíblia.

-Joder -murmurou Lucy. Esses tipos estavam por todos lados. Mórmones, testemunhas do Jehová, inclusive alguns da Igreja católica da localidade. Escuta, não necessito que me salvem.

-Ódio discutir, irmã, mas eu acredito que sim.

-Não sou sua irmã. Eu tenho um irmão, e não é você.

Lucy se deu a volta e começou a caminhar. Não podia retornar com o Juice nesse momento, porque não se sentia capaz de suportar outra surra. Iria ao hospital e armaria tal alvoroço que a teriam que sedar. Isso, ao menos, bastaria para passar a noite.

-Arrumado a que está preocupado por ti.

Lucy se deteve.

-Refiro a seu irmão. Estou seguro de que estará preocupado por ti. Eu o estaria.

Lucy juntou as mãos, mas não se deu a volta. Continuou caminhando. O homem a seguiu. Lucy não acelerou o passo. Não podia. A dor no estômago era tão intenso que parecia ter uma faca parecida nas vísceras. O hospital seria uma solução para essa noite, mas logo viria amanhã, e o dia seguinte, e o outro. Tinha que procurar a forma de ganhar de novo a simpatia do Juice. Não tinha sido uma boa noite. Nem sequer Kitty tinha ganho muito dinheiro. Ao Juice solo interessava o dinheiro lhe contem e lhe soem, e Lucy estava segura de que esse seguidor do Jesus teria ao menos dez dólares em cima. Juice lhe pegaria de novo, mas o dinheiro suavizaria os golpes.

-Eu gostaria de lhe chamar disse Lucy diminuindo o passo. Podia sentir como a seguia, mantendo a distância. Refiro a meu irmão. Virá a me recolher. Disse que o faria. -Estava mentindo, mas sua voz soava firme. Não tenho nada de dinheiro. Solo quero um pouco para lhe chamar. Com isso me basta.

-Se o que quer é dinheiro, eu lhe posso dar isso.

Lucy se deteve de novo. girou-se lentamente. O homem estava sob o feixe de luz que procedia do vestíbulo de algum edifício de escritórios próximo. Lucy era muito alta, 1,78 sem sapatos. Estava acostumada a ter que olhar para baixo para falar com a gente. Entretanto, aquele homem media mais de 1,80. As mãos que sustentavam a Bíblia eram enormes. Tinha as costas larga. As pernas eram largas, mas não magras. Lucy era rápida, especialmente quando estava assustada. Assim que tirasse a carteira, a tiraria e poria-se a correr.

-É marinhe ou um pouco parecido?

-Do 4-F1 respondeu o homem dando um passo para aproximar-se. Discapacidad médica.

lhe pareceu mais que capacitado. Provavelmente, tinha um papai que lhe ajudou a livrar-se, quão mesmo tinha feito seu pai com o Henry.

-Por favor, me dê um pouco de dinheiro para chamar a meu irmão.

-Onde está?

-Em Atenas.

-Na Grécia?

Lucy soltou uma gargalhada.

-Na Geórgia. Está na universidade. Na Faculdade de Direito. Está a ponto de casar-se. Eu gostaria de lhe chamar. lhe felicitar. lhe pedir que venha a por mim e que me leve a casa, com minha família.

O homem voltou a aproximar-se. A luz iluminou os rasgos de seu rosto, que eram do mais normais, inclusive muito normais. Olhos azuis, uma bonita boca, o nariz afiado, a mandíbula quadrada.

por que não está na universidade?

Lucy notou um formigamento na nuca. Não sabia como descrevê-lo. Uma parte dela tinha medo daquele homem; outra pensava que não tinha falado com um tipo assim desde fazia muitos anos. Não a olhava como se fosse uma puta. Não lhe estava propondo nenhum negócio. Não via nenhuma ameaça em seus olhos. Entretanto, eram as duas da madrugada e ali estava, em uma rua vazia de uma cidade cujas comporta se fechavam às seis da tarde, quando todos os brancos retornavam a suas zonas residenciais.

A verdade é que nenhum dos dois formava parte daquele lugar.

-Irmã disse aproximando-se um pouco mais. Lucy se surpreendeu ao ver em seu olhar tanto interesse. Não quero que tenha medo de mim. O Senhor me guia.

Ela demorou para responder. Levava muitos anos desde que alguém, por última vez, tinha-a cuidadoso com algo próximo à compaixão.

por que crie que tenho medo?

-Acredito que leva muito tempo vivendo assustada, Lucy.

-Você não sabe como hei... -Se deteve. Como sabe meu nome?

-Você me há isso dito respondeu o homem um tanto confuso.

-Não. Eu não lhe hei isso dito.

-Disseme que te chamava Lucy faz uns minutos. - Levantou a Bíblia para enfatizar. Lhe juro isso.

Lucy tinha a boca seca. Seu nome era um segredo. Jamais o dizia a um estranho.

-Eu não te hei dito meu nome.

-Lucy...

O homem estava muito perto dela. Tinha o mesmo olhar de preocupação em seus olhos, mas com solo dar um passo podia agarrá-la pela garganta antes de que ela pudesse impedi-lo.

Mas não o fez. Continuou com a Bíblia pega ao peito.

-Por favor, não tenha medo de mim. Não tem motivos para isso.

-O que faz aqui?

-Quero te ajudar. Quero te salvar.

-Não necessito que me salvem. Necessito dinheiro.

-Já te hei dito que te darei todo o dinheiro que queira.

ficou a Bíblia debaixo do braço e tirou a carteira. Viu os bilhetes dobrados cuidadosamente na carteira. Centenas. Abriu-os em leque.

-Quero cuidar de ti. É o que quis sempre.

Ao Lucy tremeu a voz. Olhou o dinheiro. Havia ao menos quinhentos dólares, pode que inclusive mais.

-Não te conheço de nada.

-Não, ainda não.

Lucy retrocedeu, embora precisava aproximar-se, agarrar o maço de bilhetes e pôr-se a correr. Se o homem se precaveu de suas intenções, não o demonstrou.

ficou ali, sustentando os bilhetes como se fossem selos de correios em suas grandes mãos, sem mover-se, sem dizer nada. Havia muito dinheiro. Quinhentos dólares.

Com essa quantidade poderia alugar a habitação de um hotel, apartar-se das ruas durante meses, pode que inclusive por um ano.

Notou que o coração lhe chocava contra a costela estilhaçada. Duvidava entre agarrar a massa e pôr-se a correr ou, simplesmente, correr e ficar a salvo.

O cabelo da nuca lhe arrepiou. Tremiam-lhe as mãos. Notou uma fonte de calor lhe dando nas costas. Durante uns instantes, pensou que o sol estava saindo no Peachtree Plaza, percorria a rua e esquentava seu pescoço e seus ombros. Era um sinal do Céu? Tinha chegado por fim seu momento de salvação?

Não. Nenhuma salvação. Só dinheiro.

Deu um passo adiante, logo outro.

-Quero lhe conhecer -lhe disse ao homem.

O medo lhe impedia de falar com clareza.

-Isso está bem, irmã respondeu o homem com um sorriso.

Lucy fingiu lhe devolver o sorriso. Encurvou os ombros para parecer mais jovem, mais doce e inocente. Logo agarrou o maço de bilhetes e se deu a volta para pôr-se a correr, mas seu corpo retrocedeu como uma funda.

-Não oponha resistência. -Seus dedos lhe aferravam a boneca. Seu enorme emano ocupava meio braço dela. Já não pode escapar.

Lucy deixou de lutar. Não podia fazer nada. A dor lhe chegava até a nuca. A cabeça lhe palpitava. O pescoço lhe rangeu. Apesar disso, ainda aferrava o dinheiro.

Notou que os rígidos bilhetes lhe arranhavam a palma da mão.

-Irmã, por que leva uma vida pecaminosa?

-Não sei.

Lucy negou com a cabeça. Olhou o chão. Sorveu o sangue que lhe brotava do nariz. Logo notou que ele começava a soltar-se.

-Irmã...

Lucy apartou a mão, rasgando-a pele como se fosse uma luva. Correu tão rápido como pôde, os pés golpeando contra o asfalto, balançando os braços. Uma maçã, dois. Abriu a boca, ofegando com tanta força que notava uma dor aguda

no peito. Tinha as costelas rotas, o nariz fraturado, os dentes feitos pedacinhos. O dinheiro na mão. Quinhentos dólares. Uma habitação de hotel. Um bilhete de ônibus. Toda a heroína que quisesse. Era livre. Por fim era livre.

Até que sua cabeça retrocedeu. Seu couro cabeludo parecia os dentes de uma cremalheira abrindo-se, enquanto notava que lhe arrancavam de raiz as mechas de cabelo. Não se deteve imediatamente. Viu como suas pernas se levantavam por diante, seus pés chegavam à altura de seu queixo e logo caía de costas contra o chão.

-Não resista repetiu o homem tornando-se sobre ela, lhe aferrando o pescoço com as mãos.

Lucy lhe arranhou os dedos, mas ele apertava, implacável. O sangue lhe brotava do couro cabeludo e lhe caía nos olhos, no nariz, na boca.

Não podia gritar. Sem poder ver nada, tentou lhe cravar as unhas nos olhos. Apalpou sua bochecha, sua pele áspera, mas logo deixou cair as mãos porque já não podia levantar os braços por mais tempo. Sua respiração se acelerou enquanto seu corpo dava espasmos. Noto a morna urina lhe correr pela perna. Podia sentir sua excitação, apesar de que uma sensação de impotência se ia dando procuração dela. Por quem estava lutando? A quem lhe importaria que estivesse viva ou morta?

Pode que Henry se entristecesse quando soubesse, mas seus pais, seus velhos amigos, inclusive a senhora Henderson se sentiriam aliviados.

Finalmente, chegou o inevitável.

Notou que a língua lhe inchava, que sua visão se voltava imprecisa. Era inútil. Seus pulmões já não tinham ar. Não lhe

chegava oxigênio ao cérebro. Notou que começava a render-se, que seus músculos se relaxavam. A nuca golpeou contra a calçada. Olhou para cima. O céu era de um escuro intenso, as estrelas eram tão pequenas que logo que podia as distinguir. O homem a olhou fixamente, com o mesmo olhar de preocupação nos olhos.

Solo que agora estava sonriendo.

1. 4-F. Classificação militar para os discapitados militarmente. (Todas as notas do livro são do tradutor).

Capítulo dois

Na atualidade. Segunda-feira

Wíll Trent jamais tinha estado sozinho em casa de outra pessoa, a não ser que essa pessoa estivesse morta. Ao igual a acontecia com outros muitos aspectos de sua vida, era consciente de que isso era uma característica que compartilhava com muitos assassinos em série. Felizmente, ele era um agente do Escritório de Investigação da Geórgia, por isso os quartos de banho vazios nos que procurou e os dormitórios desérticos que registrou estavam emoldurados dentro da categoria das intrusões pelo bem comum.

Essa revelação não lhe tranqüilizou enquanto percorria o apartamento da Sara Linton. Não parava de repetir-se que tinha uma razão legítima para estar ali.

Sara lhe tinha pedido que lhe pusesse de comer aos cães e que os tirasse passear porque ela tinha que fazer um turno extra no hospital. Entretanto, eles não eram uns estranhos. estiveram-se conhecendo durante um ano antes de começar a estar juntos, algo que aconteceu duas semanas

atrás. Após se ficou em seu apartamento todas as noites. Antes inclusive de que isso acontecesse, tinha conhecido a seus pais, tinha jantado em casa de sua família. Tendo em consideração toda essa familiaridade, essa sensação de estar invadindo uma propriedade alheia carecia por completo de sentido.

Mas isso não impedia que se sentisse como um perseguidor.

Provavelmente, devia-se a que era a primeira vez que se encontrava ali sozinho. Estava seguro de que estava obcecado com a Sara Linton. Queria sabê-lo tudo dela. E embora não sentia a necessidade de tirar seus trajes e derrubar-se nu com eles em sua cama -ao menos não sem a Sara ali com ele, havia algo que lhe impulsionava a olhar todas as coisas que tinha nas prateleiras e nas gavetas. Desejava olhar os álbuns de fotos que guardava em uma caixa dentro do armário do dormitório. Queria estudar seus livros e examinar sua coleção de iTunes.

Não é que atuasse levado por esses impulsos. A diferença dos assassinos em série, tratava de que nenhuma de suas obsessões se convertesse em algo sinistro, mas o desejo o fazia sentir um tanto inquieto.

Enganchou a correia dos cães no cabide que havia dentro do armário da entrada. Os dois galgos estavam tombados sobre o sofá do salão. Um raio de sol branqueava seu cabelo cor beis. O loft era um apartamento de cobertura de luxo, o qual era um dos extras de ser uma pediatra em lugar de um funcionário. As janelas em forma de L ofereciam uma vista panorâmica do centro de Atlanta. O Banco do America Plaza, cujos construtores pareciam haver-se esquecido de tirar os andaimes da parte superior. A torre Geórgia Pacific em forma de degraus, que se construiu sobre o cinema

quando se estava estreando O que o vento se levou. O diminuto edifício Equitable, apostado como um pisapapeles de granito negro ao lado do cubilete para lápis do Westin Peachtree Plaza.

Atlanta era uma cidade pequena em muitos aspectos; a população dentro dos limites da cidade passava ligeiramente dos quinhentos mil. Entretanto, fora da zona metropolitana, chegava quase aos seis milhões. A cidade era uma Balance no Piedmont, o centro empresarial do Southeast. falavam-se mais de sessenta idiomas.

Havia mais habitações de hotel que residentes, mais escritórios que habitantes. Trezentos assassinatos ao ano. Mil e cem violações denunciadas. Quase treze mil cargos de agressões com agravantes.

Uma cidade pequena, mas sempre zangada.

Foi à cozinha e agarrou os recipientes de água do chão. Pensar em retornar a sua pequena casa fez sentir-se sozinho, o qual resultava estranho, tendo em conta que tinha crescido desejando estar sozinho, por cima de qualquer outra coisa. Em sua vida havia algo mais que Sara Linton. Era um homem adulto. Tinha um trabalho.

Seu próprio cão. Sua casa. Inclusive tinha estado casado antes. Tecnicamente, ainda seguia casado, embora isso não lhe tinha importado grande coisa até recentemente.

Wíll tinha oito anos quando os polis deixaram ao Angie Polaski no orfanato de Atlanta. Ela tinha onze anos, era uma garota, o que significava que contava com muitas oportunidades de ser adotada, mas era rebelde e respondona, por isso ninguém a queria. Ao Wíll tampouco o queria ninguém. Tinha passado a maior parte de sua infância entrando e saindo dos orfanatos como um livro

manuseado de uma biblioteca. Angie, de algum jeito, tinha conseguido que todo aquilo fosse mais suportável, salvo nos momentos em que ela o convertia em algo insuportável.

Casaram-se dois anos antes. Tinham-no feito como se fosse desafio entre os dois, o que, de alguma forma, explicava que nenhum tomasse muito a sério. Angie tinha durado menos de uma semana. Dois dias depois da cerimônia civil, Wíll despertou e viu que se levou sua roupa, que a casa estava vazia. Não lhe surpreendeu nem lhe doeu. De fato, sentiu-se muito aliviado ao ver que não tinha demorado muito em fazê-lo. Angie desaparecia constantemente, embora ele sabia que voltaria.

Sempre o fazia.

Mas, nesta ocasião, pela primeira vez, tinha ocorrido algo enquanto ela estava fora. apaixonou-se pela Sara, de sua forma de lhe respirar no ouvido, de sua forma de lhe passar os dedos pelas costas, de seu sabor, de seu aroma, de todas essas coisas que jamais tinha sentido com o Angie.

Estalou a língua enquanto punha os recipientes de água no chão, mas os cães permaneceram no sofá, sem lhe emprestar atenção.

A Glock do Wíll estava sobre a encimera, ao lado de sua jaqueta. colocou-se a pistolera no cinturão. Olhou a hora na cozinha enquanto ficava a jaqueta.

O turno da Sara terminava dentro de cinco minutos, o que significava que ainda ficavam dez minutos para partir. Provavelmente, lhe chamaria ao chegar a casa, e ele diria que tinha estado ocupado com a papelada ou correndo na cinta, qualquer mentira que deixasse claro que não tinha estado esperando sua chamada, mas logo viria a toda

pressa, bailoteando como fazia Julie Andrews em Sorrisos e lágrimas.

Caminho da porta principal vibrou seu móvel. Reconheceu o número de sua chefe. Durante um segundo, pensou em desviar a chamada à rolha de voz, mas sabia por experiência que Amanda não se renderia facilmente.

-Trent respondeu.

-Onde está?

Por alguma razão, essa pergunta lhe resultou um tanto intrusiva.

por que?

Amanda soltou um suspiro de cansaço. Wíll podia ouvir ruídos ao outro extremo, o débil murmúrio da multidão, um som seco e constante.

-me responda, Wíll.

-Estou em casa da Sara.

Ela não respondeu.

-Necessita-me?

-É óbvio que não. Seguirá no aeroporto até novo aviso. Compreende-me? Nada mais.

Wíll olhou o telefone durante uns instantes, logo o pôs de novo na orelha.

-De acordo.

Sua chefe terminou a chamada bruscamente. Tinha a sensação de que teria pendurado de um golpetazo se isso fosse possível com um móvel.

Em lugar de partir, ficou no vestíbulo, tentando imaginar o que teria acontecido. Rebobinou a conversação mentalmente. Não lhe tinha dado nenhuma explicação.

Estava acostumado ao secretismo de sua chefe. A raiva não era uma emoção nova. Entretanto, embora lhe tinha deixado de lado em outras ocasiões, não podia entender por que lhe tinha perguntado onde estava nesse momento. De fato, surpreendia-lhe que lhe tivesse falado. Não lhe tinha dirigido a palavra nas duas últimas semanas.

A diretora anexa, Amanda Wagner, era uma veterana que pertencia a esse grupo de policiais que ignoravam as regras para defender um caso, mas seguia o manual quando se tratava do código da vestimenta. O GBI exigia que todos os agentes que não fossem secretos levassem o cabelo talhado dois centímetros por cima do pescoço.

Duas semanas antes, Amanda lhe tinha posto uma regra na nuca; ao ver que não lhe fez caso cortando o cabelo, transladou-o ao serviço do aeroporto, o que lhe obrigava a rondar pelos serviços de cavaleiros esperando que alguém lhe fizesse uma proposição.

O engano do Wíll tinha sido lhe falar da regra a Sara. Tinha-lhe contado a história como se fosse uma espécie de brincadeira, para lhe dar uma explicação de por que tinha que ir à barbearia antes de sair para jantar. Sara não lhe havia dito que não se cortasse o cabelo. Era mais lista que todo isso. Havia-lhe dito que gostava do cabelo tal como o tinha, que lhe sentava bem. Tinha-lhe acariciado a nuca enquanto o dizia. E logo lhe sugeriu que, em lugar de ir à

barbearia, fossem-se ao dormitório, onde fizeram algo tão obsceno que durante uns segundos experimentou uma espécie de cegueira histérica.

Por isso pensava que podia passar o resto de sua carreira olhando por debaixo dos compartimentos dos assentos de homens no aeroporto mais transitado do mundo.

Entretanto, nada disso explicava por que Amanda tinha necessitado lhe localizar esse dia e a essa hora em particular. Nem o som da gente reunida que ouviu de fundo. Nem esse som seco tão familiar.

Entrou de novo no salão. Os cães se moveram no sofá, mas não se sentou. Agarrou o mando e acendeu o televisor. Um partido de basquete. Trocou ao canal local.

Monica Pearson, a apresentadora do Canal 2, estava sentada detrás de sua mesa. Estava emitindo um programa sobre o Beltline, o novo sistema de transporte que todos os habitantes de Atlanta odiavam, salvo os políticos. Wíll tinha o dedo sobre o botão de aceso quando o programa trocou. Últimas notícias. Apareceu a imagem de uma moça por cima dos ombros do Pearson. Wíll subiu o volume enquanto conectavam com uma conferência de imprensa em direto.

Sentou-se.

Amanda estava de pé, em um podio de madeira. Tinha vários microfones colocados diante dela. Esperava a que todo mundo guardasse silêncio. Wíll ouviu esses ruídos tão familiares: as câmaras estalando por cima do murmúrio da multidão.

Tinha visto sua chefe dar centenas de conferências de imprensa. Normalmente, ele ficava na parte traseira da sala, tratando de não aparecer nas câmaras, enquanto

Amanda aceitava de bom grau ser o centro de atenção. adorava estar ao mando e controlar o pequeno reguero de informação que alimentava os meios de comunicação.

Salvo nesse momento. Wíll observou seu rosto quando a câmara a enfocou. Parecia cansada. Mais que isso: preocupada.

Disse: “O Escritório de Investigação da Geórgia emitiu um boletim de Alerta sobre o Ashleigh Renee Snyder. A garota de dezenove anos desapareceu aproximadamente às três e quinze desta tarde”. Se deteve para lhes dar tempo aos jornalistas a tomar nota de sua descrição. “Ashleigh vive na zona do Techwood e é estudante de segundo curso no Instituto de Tecnologia da Geórgia”, acrescentou.

Amanda disse mais coisas, mas Wíll baixou o volume. Observou como movia a boca, como assinalava a distintos jornalistas. Suas perguntas eram largas, mas suas respostas eram diretas. Estava claro que não o suportava. De fato, não utilizou essas brincadeiras tão habituais nela. Finalmente, abandonou o podio e voltou a aparecer Monica Pearson. A foto da garota desaparecida surgiu de novo a suas costas. Era loira, bonita e magra.

Resultou-lhe familiar.

Wíll tirou o móvel do bolso. Deu-lhe ao botão de chamada rápida procurando o número da Amanda, mas não o pressionou.

Segundo a lei estatal, a polícia local tinha que lhe pedir ao GBI que se encarregasse do caso. Uma das estranhas exceções eram os seqüestros, já que o tempo era um fator crucial e os seqüestradores podiam cruzar a fronteira do estado rapidamente. Um boletim de alerta mobilizaria a tudo os escritórios de campo do GBI.

Chamariam a todos os agentes. Qualquer prova que se encontrasse teria prioridade no laboratório. Todos os recursos da agência se destinariam a esse caso.

Todos, salvo Wíll.

Provavelmente, não devia lhe dar muita importância. Era outra forma de lhe castigar. Ainda seguia molesta com seu cabelo. Era capaz de lhe manter fora do caso. Isso era tudo. Wíll tinha trabalhado em seqüestros antes. Eram algo horrível. Não estavam acostumados a acabar bem. Mesmo assim, todos os policiais queriam trabalhar em algum. O tictac do relógio, a tensão, a busca, o subidón de adrenalina os seduzia a todos.

E Amanda o estava castigando lhe mantendo à margem do caso.

Techwood.

Uma estudante.

Apagou a televisão. Notou que uma gota de suor lhe corria pelas costas. Não podia concentrar-se em nada em particular. Finalmente, sacudiu a cabeça para esclarecê-las idéias. Foi então quando viu a hora no decodificador. O turno da Sara tinha terminado fazia doze minutos.

-Joder.

Teve que mover aos cães antes de levantar-se. Foi à porta principal. Abel Conford, o vizinho da Sara, estava no corredor esperando o elevador.

-Boas tar...

Wíll desceu pelas escadas. Desde dois em dois. Tinha que sair do edifício para que Sara não pensasse que a tinha estado sentindo falta de. Vivia a poucas maçãs do hospital. Estaria ao chegar.

De fato, já estava ali.

Viu-a sentada em seu BMW nada mais abrir a porta da entrada. Durante um estúpido segundo, pensou em ocultar-se entre as árvores. Logo se precaveu de que Sara teria visto seu carro. Seu Porsche do 79 estava estacionado ao lado de seu novo SUV. Wíll não podia abrir a porta sem lhe dar um golpe ao da Sara.

Resmungou algo em voz baixa enquanto esboçava um sorriso. Sara não a devolveu. Estava sentada em seu assento, com as mãos obstinadas ao volante, olhando para diante. Wíll se aproximou até o carro. O sol brilhava o bastante para converter o pára-brisa em um espelho, por isso não notou que estava chorando até que esteve a seu lado.

De repente, seus problemas com a Amanda perderam toda sua importância. Wíll atirou do bracelete da porta. Sara abriu desde fora.

-Encontra-te bem?

-Sim respondeu ela, que se deu a volta para lhe olhar, apoiando os pés nos estribos. Um mau dia no trabalho.

-Quer que falemos disso?

-A verdade é que não, mas obrigado.

Lhe aconteceu os dedos pela bochecha e lhe jogou o cabelo detrás da orelha.

Wíll se aproximou. Quão único podia fazer era olhá-la. Tinha seu cabelo avermelhado recolhido em um acréscimo. A luz do sol ressaltou o verde intenso de seus olhos. Levava posta a bata de hospital. viam-se algumas mancha de sangue seca na manga. Tinha vários números escritos na palma da mão: tinta azul sobre uma pele branca como o leite. Todas as histórias clínicas dos pacientes do Grady estavam em tabletes digitais. Sara usava o dorso da mão para calcular as dose que devia lhes dar aos pacientes. Se o tivesse sabido na semana anterior, teria se economizado duas noites de insônia por um ciúmes insanos, mas não queria danificá-lo tudo com nimiedades.

-Estão bem os cães? perguntou Sara.

-Fizeram tudo o que se supõe que devem fazer.

-Obrigado por cuidar deles.

Apoiou as mãos em seus ombros. Wíll notou um calafrio familiar. Era como se existisse um cordão invisível entre eles. O mais ligeiro puxão o deixava incapacitado.

Sara lhe acariciou a nuca.

-Me conte como foi seu dia.

-Aborrecido e triste respondeu, o qual, em parte, era certo. Um viejecito me disse que tinha um bom pacote.

Ela esboçou um sorriso pícaro.

-Não lhe pode prender por ser sincero.

-Estava-se desfrutando quando o disse.

-Bom, não me importaria fazer o mesmo.

Wíll notou que o cordão se esticava. Beijou-a. Tinha uns lábios suaves. Sabiam à hortelã de seu bálsamo de lábios. Suas unhas lhe arranharam o cabelo. Ele se aproximou ainda mais. Logo todo se deteve quando a porta principal do edifício se abriu de repente. Abel Conford os olhou com o cenho franzido enquanto se dirigia a grandes pernas até sua Mercedes.

Wíll teve que esclarecê-la voz antes de poder lhe perguntar a Sara:

-Está segura de que não gosta de estar sozinha?

Lhe ajustou o nó da gravata.

-Quero dar um passeio contigo, e depois quero me comer uma pizza inteira contigo, e logo quero passar o resto da noite contigo.

Wíll olhou seu relógio.

-Acredito que poderei arrumá-lo.

Sara saiu do carro e fechou a porta. Wíll se guardou o chaveiro no bolso. O plástico golpeou o frio metal de seu anel de bodas. O tinha tirado duas semanas antes, mas, por alguma razão que não sabia explicar, isso era o mais longe que tinha podido chegar.

Sara lhe agarrou da mão enquanto desciam pela calçada. Atlanta estava em seu momento mais espetacular de finais de março, e esse dia não era uma exceção.

Uma ligeira brisa refrescava o ambiente. Todos os jardins estavam cheios de flores. O sufocante calor dos meses do verão parecia um conto de velhas. O sol penetrava por entre as ondulantes árvores, iluminando o rosto da Sara.

Tinha deixado de chorar, mas Wíll sabia que ainda seguia afetada pelo acontecido no hospital.

-Seguro que está bem? perguntou.

Em lugar de responder, Sara agarrou seu braço e o passou por cima dos ombros. Era uns quantos centímetros mais baixa que ele, o que significava que encaixava como uma peça de um quebracabeças sob seu braço. Wíll notou sua mão escorrer-se por debaixo da jaqueta. Pendurou seu polegar sobre a parte superior do cinturão, muito perto de seu Glock. Contemplaram o incessante tráfico peatonal da vizinhança: corredores, casais ocasionais, homens empurrando os cochecitos de bebê, mulheres passeando a seus cães. A maioria deles falavam pelo móvel, inclusive os corredores.

-Menti-te disse finalmente Sara.

Ele a olhou.

-No que?

-Não tive um turno extra no hospital. Fiquei ali porque... - Sua voz se apagou. Olhou a rua. Não havia ninguém mais.

Wíll não soube dizer outra coisa, salvo:

-De acordo.

Sara ergueu os ombros ao respirar profundamente.

-Trouxeram para um menino de oito anos quase na hora da comida. -Sara era a pediatra que atendia o serviço de urgências do Grady. Via muitos meninos em muito mal estado. Se tomou uma overdose de medicamentos para a

pressão arterial. Eram de sua avó. Tinha ingerido a metade de sua dose para noventa dias. Não pude fazer nada.

Wíll guardou silêncio para lhe dar tempo.

-Tinha menos de quarenta pulsações quando chegou ao hospital. Fizemo-lhe uma lavagem de estômago. Demo-lhe glucagón, maximizamos a dopamina, a epinefrina.

-Sua voz se entrecortava a cada palavra. Não pude fazer nada mais. Chamei o cardiologista para lhe pôr um marcapasso, mas... -Voltou a sacudir a cabeça. Tivemos que deixar ir e, finalmente, transladamo-lo à unidade de cuidados intensivos.

Wíll viu um Monte Carlo negro baixando pela rua. Tinha os guichês baixados. A música rap sacudiu o ambiente.

-Não podia lhe deixar solo disse Sara.

Wíll deixou de lhe emprestar atenção ao carro.

-Não havia enfermeiras?

-A sala estava enche. -Voltou a sacudir a cabeça. Sua avó não veio ao hospital. Sua mãe está no cárcere. Seu pai anda desaparecido. Não tinha mais parentes.

Estava inconsciente. Nem sequer se podia dar conta de que eu estava ali. deteve-se por um instante. Demorou quatro horas em morrer. Suas mãos já estavam frias quando o subimos à planta de acima. -Olhou a calçada. Jacob. chamava-se Jacob.

Wíll se mordeu o interior da boca. Quando era um pirralho, tinha ingressado no Grady umas quantas vezes. O

hospital era a única instituição financiada publicamente que ficava em Atlanta.

-Teve sorte de te ter a seu lado disse.

Lhe abraçou com mais força. Ainda seguia cabisbaixa, como se as gretas da calçada necessitassem de um exame mais exaustivo.

Passearam em silêncio. Wíll permaneceu à espera. Sabia que ela estava pensando em sua infância, na possibilidade de que sua vida tivesse acabado da mesma forma que a do Jacob. Wíll sentiu a necessidade de dizer-lhe de lhe recordar que o sistema se comportou com ele melhor que com muitos, mas não encontrou as palavras adequadas.

Sara atirou da parte de atrás de sua camisa.

-Vamos. Deveríamos voltar.

Tinha razão. O tráfego peatonal tinha diminuído. estavam-se aproximando da Alameda, que não era o lugar mais adequado para estar a essas horas do dia. Wíll levantou o olhar e piscou por causa da intensa luz do sol. Não havia edifícios altos nem arranhacéu bloqueando o sol, só fileiras e fileiras de moradias subvencionadas pelo Governo.

Techwood tinha sido como aquele lugar até meios dos noventa, quando os Jogos Olímpicos o trocaram tudo. A cidade tinha acabado com os subúrbios. Os habitantes tinham sido transladados mais ao sul, e os estudantes viviam em edifícios de apartamentos de luxo.

Estudantes como Ashleigh Snyder.

Wíll falou antes de poder evitá-lo.

por que não subimos por este lado?

Lhe olhou com curiosidade. Wíll assinalava os guetos.

-Quero te ensinar algo.

-Aqui?

-Está sozinho a umas maçãs.

Wíll a atirou do ombro para fazer que se movesse. Cruzaram outra rua, passando por cima de um montão de escombros. Havia grafitis por todos lados. Notou que a Sara lhe arrepiava o pêlo da nuca.

-Está seguro do que faz?

-Confia em mim disse ele, embora, como era de esperar, encontraram-se com um sórdido grupo de adolescentes descamisados.

Todos tinham um aspecto desalinhado e levavam os jeans semicaídos. Formavam um grupo muito variado de viciados nas anfetamidas; quase todos representavam os grupos étnicos que habitavam em Atlanta. Um deles tinha uma pequena suástica tatuada em sua branca barriga. Outro, uma bandeira de Porto Rico no peito. As boinas de beisebol as levavam do reverso. Faltavam-lhes dentes ou os tinham empastelados de ouro. Todos sustentavam bolsas de papel cor marrom.

Sara se aproximou ainda mais ao Wíll. Ele lhes devolveu o olhar aos moços. Wíll era um tipo forte, mas optou por torná-la jaqueta para trás para que se dessem conta de com quem estavam tratando. Nada desanima mais que uma Glock modelo 23 da polícia, capaz de disparar quatorze balas.

Sem dizer uma palavra, o grupo se deu a volta e se foi na direção oposta. Wíll os seguiu com o olhar para certificar-se de que partiam.

-Aonde vamos? perguntou Sara.

Obviamente não tinha pensado que seu passeio vespertino acabasse em uma visita a uma das zonas com mais índice de criminalidade da cidade. O sol caía sobre eles de cheio. Não havia sombras nessa parte de Atlanta. Ninguém plantava flores em seus jardins dianteiros. A diferença das ruas alinhadas de cornejos das zonas mais habitadas, ali solo havia luzes de xenônio e descampados para que os helicópteros da polícia pudessem localizar os carros roubados ou perseguir a quão delinqüentes fugiam.

-Solo um pouco mais respondeu Wíll lhe esfregando o ombro para tratar de tranqüilizá-la.

Caminharam umas quantas maçãs mais em silêncio. Podia notar como Sara se ia pondo cada vez mais tensa, à medida que se afastavam.

-Sabe como se chama esta zona? perguntou Wíll.

Sara olhou a seu redor procurando alguma placa de rua.

-São? Old Fourth Ward?

-Estava acostumado a chamar-se Buttermilk Bottom.

Sara sorriu ao escutar o nome.

por que?

-Era um subúrbio. Não tinha ruas pavimentadas nem eletricidade. Vê o levantada que é a costa?

Ela assentiu.

-O rede de esgoto estava acostumado a desembocar aqui. Diziam que cheirava como o soro.

Wíll observou que tinha deixado de sorrir. Baixou o braço até sua cintura quando torceram no Carver Street. Assinalou uma cafeteria enclausurada que havia na esquina.

-Isso era uma loja de comestíveis.

Lhe olhou.

-A senhora Flannigan me fazia vir todos os dias depois da escola a comprar seu pacote do Kool e sua garrafa do Tab.

-A senhora Flannigan?

-A diretora do orfanato.

Sara não trocou de expressão, mas assentiu.

Wíll notou uma estranha sensação no estômago, como se se tivesse tragado um punhado de vespas. Não sabia por que tinha levado a Sara até aquele lugar. Normalmente, não era muito impulsivo, e jamais tinha dado detalhes de sua vida, ao menos não de forma voluntária. Sara sabia que se educou em um orfanato, que sua mãe tinha morrido pouco depois de que ele nascesse. Wíll assumiu que tinha deduzido o resto ela sozinha. Não era uma simples pediatra. Tinha sido forense em sua pequena cidade natal.

Sabia o que eram os abusos, e imaginava o que tinham feito com ele. Tendo em conta seus antecedentes médicos, não resultava difícil encaixar todas as peças.

-A loja de discos disse Wíll assinalando outro edifício abandonado.

Manteve o braço ao redor de sua cintura para levá-la aonde queria. O formigamento no estômago piorou. Não se tirava da cabeça ao Ashleigh Snyder. A foto que mostraram na televisão devia ser a de seu carnê de estudante. Tinha o cabelo loiro jogado para trás. Seus lábios esboçavam um sorriso amplo, como se o fotógrafo houvesse dito algo gracioso.

-Onde vivia? perguntou Sara.

Wíll se deteve. Quase tinham acontecido o orfanato. O edifício estava tão trocado que apenas se reconhecia. Sua estrutura de tijolos uso espanhol estava irreconhecível. As janelas dianteiras estavam ocultas por grandes toldos de metal. Tinham pintado de amarelo os tijolos de cor avermelhada. Faltavam-lhe partes de fachada. A enorme porta de madeira que, conforme recordava, era de cor negra brilhante agora tinha um tom avermelhado. O cristal estava cheio de imundície. No jardim, os pneumáticos pintados de branco da senhora Flannigan já não emolduravam suas tulipas e narcisistas. De fato, já não eram nem de cor branca. Wíll temia descobrir o que havia em seu interior nesse momento. Melhor não aproximar-se. Viram um pôster pego em um dos lados do edifício.

-Próxima abertura: Luxury Condos -leu Sara. Me parece que não será logo que dizem.

Wíll observou o edifício.

-Não estava acostumado a estar neste estado.

Apesar de que não as tinha todas consigo, Sara perguntou:

-Quer que olhemos dentro?

Wíll desejava ir-se dali o antes possível, mas se armou de valor e se aproximou até os degraus dianteiros. De menino, sempre tinha sentido pavor cada vez que entrava no orfanato. Sempre havia pirralhos novos entrando e saindo, e todos tinham algo que demonstrar, freqüentemente com os punhos. Nessa ocasião, não foi a violência física a que lhe fez mostrar-se cauteloso, a não ser Ashleigh Snyder. Não sabia por que, mas não podia evitar pensar em que a garota desaparecida se parecia muito a sua mãe.

Aproximou a cara à janela, mas não pôde ver nada, salvo o reflexo de seus próprios olhos. A porta principal estava fechada com um bom cadeado. A madeira estava tão podre que com um simples puxão do trinco tirou os parafusos.

Duvidou enquanto apoiava a palma da mão na porta. Notou que Sara estava a suas costas, esperando. perguntou-se como reagiria se ele trocava de opinião e baixava de novo as escadas.

Sara pareceu lhe ler o pensamento e disse:

-Podemos entrar. -Logo, sem rodeios, acrescentou: por que não entramos?

Wíll empurrou a porta. As dobradiças não rangeram, mas a porta ficou entupida no estou acostumado a curvado de madeira e teve que empurrar com mais força.

Comprovou os fitas de seda ao entrar. Embora ainda havia luz no exterior, a casa estava às escuras por causa dos pesados toldos e a sujeira das janelas. Notou um aroma de almíscar que não se parecia em nada ao aroma de bemvinda do Pene-Sol e os cigarros Kool que recordava de sua infância. Tentou acender as luzes, mas foi inútil.

-Possivelmente deveríamos... disse Sara.

-Parece como se o tivessem transformado em um hotel respondeu Wíll assinalando o mostrador. As chaves ainda penduravam de seus ganchos na parede traseira.

Ou em um centro de reinserção social.

Wíll olhou o que deduziu que seria o vestíbulo. Havia pipas de cristal roda e papel de estanho atirado pelo chão. Os viciados na falência tinham destroçado o sofá e as cadeiras. Havia camisinhas usadas esmagados no carpete.

-Deus santo -sussurrou Sara.

Wíll reagiu um tanto à defensiva.

-Imagine o com as paredes pintadas de branco, e esse sofá grande estofado de veludo cotelê amarelo. -Olhou ao redor acostumado a. Tinha este mesmo carpete, mas estava muito mais limpa.

Sara assentiu. Wíll foi até a parte traseira do edifício antes de que ela pudesse sair correndo por diante. As amplas estadias de sua infância tinham sido divididas em apartamentos de uma só habitação, mas ainda recordava o aspecto que tinha em seus melhores tempos.

-Este era o comilão. Havia doze mesas, com bancos como de pícnic, mas com toalhas e bonitos guardanapos. Os meninos sentávamos a um lado; as garotas, ao outro. A senhora Flannigan procurava que não nos mesclássemos muito. Dizia que não necessitava mais meninos dos que já tinha.

Sara não se Rio com a brincadeira.

por aqui.

Wíll se deteve diante de uma porta aberta. A habitação era um buraco escuro. Recordava-a muito bem: o papel estampado das paredes, a mesa metálica e a cadeira de madeira.

-Isto era o escritório da senhora Flannigan.

-O que foi que ela?

-Sofreu um ataque ao coração. Morreu antes de que chegasse a ambulância. -Percorreu o corredor e abriu uma porta de vaivém que lhe resultava muito familiar.

Continuou: A cozinha, obviamente. -Aquele espaço ao menos não tinha trocado. Tem a mesma boca do fogão que quando eu era menino.

Abriu a porta da despensa. Ainda havia comida empilhada nas estanterias. O mofo tinha transformado uma barra de pão em um tijolo negro. Havia pinturas de graffiti no reverso da porta e na madeira tinham gravado: "Que lhe jodan! Que lhe jodan! Que lhe jodan!".

-Parece que foi redecorada pelos drogados disse Sara.

-Não, sempre estive assim -admitiu Wíll. Aqui é onde lhe colocavam se te levava mau.

Sara apertou os lábios enquanto observava o ferrolho da porta.

-me acredite, que lhe encerrassem na despensa não era o pior que te podia passar.

Viu que Sara lhe olhava de forma inquisitiva e acrescentou:

-Jamais me encerraram aqui.

Ela esboçou um sorriso forçado.

-Menos mal.

-Não era tão mau como cria. Tínhamos comida, um teto, televisão em cor. Já sabe o muito que eu gosto da televisão.

Ela assentiu. Conduziu-a de novo pelo corredor até as escadas dianteiras. Deu-lhe um golpe a uma porta fechada enquanto passavam.

-O porão.

-A senhora Flannigan encerrava aos meninos aí?

-Não, estava proibido entrar aí respondeu Wíll, embora sabia que Angie tinha passado muito tempo ali com os meninos mais maiores.

Com cautela, subiu as escadas, medindo cada degrau antes de que o pisasse na Sara. Os degraus gastos estavam no mesmo lugar que recordava, mas teve que agachar-se no patamar para não golpear-se com a viga.

por aqui detrás.

Percorreu o corredor a grandes pernadas, comportando-se como se aquilo fosse o que tinha planejado fazer aquela tarde. Ao igual à planta baixa, tinham dividido a estadia em habitações que satisfaziam as necessidades das prostitutas, os drogados e quão alcoólicos queriam as alugar por horas. A maioria das portas estavam abertas ou penduravam das

dobradiças. Os ratos haviam roído o estuque ao redor dos zócalos. As paredes estavam infestadas de crias, ou de baratas, ou de ambas as coisas.

Wíll se deteve na última porta e a empurrou com o pé. Solo continha um cama de armar de ferro e uma mesa de madeira desvencilhada. O carpete era de cor marrom fecal. A única janela estava partida pela metade, já que a compartilhava com a habitação do lado.

-Minha cama estava pega contra essa parede. Um beliche. Eu dormia na de acima.

Sara não respondeu. Wíll se deu a volta para olhá-la. estava-se mordendo o lábio com tanta força que pensou que a dor era o único que lhe impedia de tornar-se a chorar.

-Já sei que parece horrível, mas não estava assim quando eu era um menino. Prometo-lhe isso. Estava limpo e ordenado.

-Era um orfanato.

A palavra retumbou em sua cabeça como se ela a tivesse gritado debaixo de um sino. A diferença entre eles dois era indiscutível. Sara se tinha criado com dois pais carinhosos, uma irmã que a adorava; tinha levado uma vida estável em uma família de classe média.

Wíll, entretanto, tinha crescido ali.

-Wíll? perguntou Sara. O que passa?

Ele se esfregou o queixo. por que tinha sido tão estúpido? por que continuava cometendo enganos com ela que não tinha cometido com outras pessoas? Tinha muitas razões

para não falar de sua infância, e uma delas é que a gente sentia lástima quando deviam sentir-se aliviados.

-Wíll?

-Vamos, levo a casa. Sinto-o muito.

-Não seja assim. Esta é sua casa. Foi sua casa. Aqui cresceu.

-Um hotel de má morte em meio de um subúrbio. Provavelmente, um yonqui nos cravará com uma navalha quando sairmos.

Sara se Rio.

-Não tem graça. É perigoso estar aqui. A metade dos crimes da cidade se cometem...

-Sei onde estamos respondeu ela lhe pondo as mãos em ambos os lados de sua cara. Obrigado.

por que? Por fazer que te tenha que pôr uma injeção contra o tétanos?

-Por compartilhar parte de sua vida comigo. -Beijou-lhe delicadamente nos lábios. Obrigado.

Wíll a olhou aos olhos, desejando poder ler seus pensamentos. Não compreendia a Sara Linton. Era amável e sincera. Não estava recolhendo informação para logo utilizá-la em seu contrário. Não era das pessoas que logo punha o dedo na chaga. Não se parecia em nada a nenhuma mulher que tivesse conhecido.

Sara voltou a lhe beijar. Passou-lhe o cabelo por detrás da orelha.

-Carinho, conheço esse olhar, e isso não vai ocorrer.

Wíll abriu a boca para responder, mas se deteve o ouvir fechá-la porta de um carro.

Sara deu um coice e lhe cravou os dedos no braço.

-É uma rua concorrida disse ele, mas, mesmo assim, aproximou-se da parte dianteira da casa para investigar.

Através da janela rota que havia ao final do corredor, viu um Suburban negro estacionado na calçada. Tinha os cristais tintos. A parte externa, ao estar recém lavada, brilhava sob o sol. A parte traseira estava mais baixa que a dianteira por culpa do armeiro metálico que levava no porta-malas.

-É um carro camuflado da polícia.

Amanda conduzia um exatamente igual, por isso não se surpreendeu ao vê-la sair do veículo.

Falava por seu BlackBerry. Levava um martelo na outra mão. O sacaclavos era comprido e desagradável. Balançava-o em um flanco enquanto caminhava para a porta dianteira.

-O que faz aqui? perguntou Sara. Tentou olhar pela janela, mas ele o impediu. por que leva um martelo?

Ele não respondeu, não sabia o que dizer. Não havia razão alguma para que Amanda estivesse ali, nem para que o chamasse e lhe perguntasse onde estava, nem para lhe dizer que ficasse no aeroporto como se fosse um menino ao que tinha castigado em um rincão.

A voz da Amanda penetrou pela janela fechada enquanto falava por telefone.

-Isso é inaceitável. Quero a toda a equipe a meu serviço. Sem exceção alguma.

A porta principal se abriu. Um rangido. Wíll e Sara ouviram passos.

Amanda soltou um som de desgosto.

-Este é meu caso, Mike. Levarei-o como considero oportuno.

-O que está...? -sussurrou Sara.

A expressão do Wíll a fez calar. Tinha as mandíbulas desencaixadas. Invadia-lhe uma repentina e inexplicável fúria. Levantou a mão para lhe indicar que ficasse onde estava. antes de que pudesse discutir, Wíll baixou as escadas com supremo cuidado para que não ragessem os fitas de seda. Estava suando outra vez.

O formigamento lhe tinha subido até o peito. Conteve a respiração.

Amanda se guardou a BlackBerry no bolso traseiro. Aferrou o martelo com força enquanto baixava as escadas do porão.

-Amanda disse Wíll.

Ela se deu a volta e se sujeitou aos passamanes. Viu por seu olhar que estava completamente consternada.

-O que faz aqui?

-A garota ainda segue desaparecida?

Ela não se moveu do degrau superior. Ainda estava perplexa.

Wíll repetiu a pergunta.

-Segue a garota...?

-Sim.

-Então, o que faz aqui?

-Vete a casa, Wíll.

Jamais tinha notado medo em sua voz, mas agora estava terrivelmente assustada; não do Wíll, mas sim de outra coisa.

-Deixa que eu me encarregue disto -acrescentou.

-Te encarregar do que?

Amanda apoiou a mão no trinco, como se o que mais desejasse no mundo fosse livrar-se dele.

-Vete a casa.

-Não até que me diga o que faz sozinha em um edifício abandonado quando há um caso em marcha.

Ela arqueou uma sobrancelha.

-Não estou sozinha, se por acaso não te deste conta.

-Me diga o que acontece.

-Não penso...

Um estridente rangido a interrompeu. O pânico se apoderou dela. ouviu-se outro rangido parecido ao disparo de uma escopeta. Amanda começou a cair. aferrou-se ao trinco. Wíll se lançou para ajudá-la, mas era muito tarde. A porta se fechou de repente quando as escadas se derrubaram. O ruído percorreu o edifício como um trem de mercadorias.

Logo... nada.

Wíll abriu a porta imediatamente. O trinco estralou no chão. Inutilmente, deu aos interruptores para acender a luz.

-Amanda? disse. Sua voz retumbou. Amanda?

-Wíll?

Sara estava no patamar. Não demorou nada em precaver-se do acontecido.

-Me dê seu telefone.

Wíll o deu. Logo se tirou a jaqueta e a pistolera, e se agachou no chão.

-Não te ocorra baixar aí disse Sara.

Ele ficou paralisado, surpreso pela ordem, pelo tom imperante de sua voz.

-Estamos em uma casa de drogados. Pode haver seringas de injeção, cristais quebrados. É muito perigoso.

Levantou o dedo ao ver que lhe respondiam ao outro lado da linha.

-Sou a doutora Linton, do serviço de emergências. Necessito que enviem uma ambulância e uma unidade de

resgate ao Carver Street. cansado-se uma agente de polícia.

-O número 316 -acrescentou Wíll. Estava de joelhos, com a cabeça metida no porão enquanto Sara dava os detalhes. Amanda? -Esperou, mas não obteve nenhuma resposta. Me ouve?

Sara terminou a chamada.

-Já vêm. Fique aqui até...

-Amanda?

Wíll olhou a seu redor, tratando de elaborar um plano. Finalmente, deu-se a volta e se tornou sobre seu ventre.

-Wíll, por favor, não o faça.

Apoiou-se sobre os cotovelos até que os pés lhe penduraram dentro do porão.

-Te vais cair.

Aproximou-se um pouco mais ao bordo, esperando tocar chão firme em qualquer momento.

-Há partes de madeira quebrados ali abaixo. Pode-te romper um tornozelo. Pode cair sobre a Amanda.

Wíll agarrou o bordo das ombreiras da porta com os dedos, rezando para que suas mãos não cedessem, algo que aconteceu. Caiu como a folha de uma guilhotina.

-Wíll? -Sara estava na soleira da porta. ajoelhou-se. Está bem?

Algumas partes de madeira lhe tinham parecido nas costas, como dedos afiados. O ar estava cheio de serrín.

golpeou-se no nariz contra seu próprio joelho, com tal força que viu as estrelas. tocou-se o lateral do tornozelo. Um prego lhe tinha perfurado o osso. Os dentes lhe chiaram de dor.

-Wíll? gritou alarmada Sara. Wíll?

-Estou bem. -Notou que seu tornozelo se queixava quando se moveu. O sangue lhe corria pelo interior do sapato. Tratou de lhe subtrair importância. Me parece que tinha razão sobre a injeção do tétanos.

Sara soltou um palavrão.

Ele tratou de levantar-se, mas seus pés não encontravam um ponto de apoio. Apalpou às cegas a seu redor, pensando que Amanda estaria a seu lado. apoiou-se sobre os joelhos e seguiu avançando, até que finalmente tocou um pé. Faltava-lhe o sapato. A meia estava rasgada.

-Amanda?

Cuidadosamente, Wíll avançou por entre as lascas de madeira e os pregos quebrados. Pô-lhe a mão na tíbia, logo na coxa. Apalpou com suavidade seu corpo até que encontrou seu braço dobrado por cima do estômago.

Amanda gemeu.

Ao Wíll lhe revolveu o estômago quando seus dedos apalpavam a forma antinatural de seus quadris.

-Amanda? repetiu.

Ela voltou a gemer. Sabia que Amanda levaria uma lanterna no carro, por isso olhou em seus bolsos para encontrar as chaves. Sara poderia ir ao carro e agarrá-la.

Diria-lhe que estava no porta-luvas ou em uma das gavetas fechadas. Demoraria vários minutos em encontrá-la, justo o tempo que necessitava.

-Amanda?

Olhou em seus bolsos traseiros. Com a ponta dos dedos tocou a capa rota de plástico de seu BlackBerry.

De repente, a mão da Amanda lhe agarrou pela boneca.

-Onde está Mykel? perguntou.

Wíll deixou de procurar as chaves.

-Amanda, sou Wíll. Wíll Trent.

Ela respondeu de forma direta.

-Já sei quem é, Wílburt.

Wíll ficou rígido. Solo Angie lhe chamava dessa forma. Era o nome que aparecia em seu certidão de nascimento.

-Encontra-se bem? perguntou Sara.

Teve que tragar antes de falar.

-Acredito que tem a boneca rota.

-Respira bem?

Wíll tratou de escutar a cadência de sua respiração, mas o único que pôde ouvir foi seu próprio sangue lhe golpeando os ouvidos. Que fazia Amanda ali? Deveria estar procurando a garota desaparecida. Teria que estar dirigindo a equipe. Não devia estar ali, naquele porão, com um martelo nas mãos.

-Wíll?

Sara falou com um tom mais suave. Estava preocupada com ele.

-Quanto vai demorar a ambulância em chegar até aqui? perguntou ele.

-Não muito. Seguro que está bem?

-Sim.

Wíll pôs de novo a mão no pé da Amanda. Pôde notar seu pulso estável no tornozelo. Tinha trabalhado para essa mulher a maior parte de sua carreira, mas seguia sem saber muito dela. Vivia em um condomínio no centro do Buckhead. Levava nesse trabalho mais anos dos que ele tinha, o que lhe fez pensar que andaria pelos sessenta e tantos. Levava seu cabelo cinzento penteado de tal forma que parecia um casco de rugby. Tinha uma língua afiada, mais licenciaturas que um professor de universidade e sabia que ele se chamava Wílbur, apesar de que se trocou o nome legalmente quando entrou na universidade, por isso em todos os papéis do GBI aparecia como Wílliam Trent.

Esclareceu-se garganta de novo antes de lhe perguntar a Sara:

-Há algo que possa fazer?

-Não, só ficar onde está. -Sara utilizou um tom alto e claro, o típico de uma médica. Amanda, sou a doutora Linton. Pode-me dizer que data é hoje?

Ela soltou um gemido de dor.

-Disse a Edna mil vezes que reforçasse esses degraus.

Wíll se sentou em cuclillas. Um pouco afiado lhe pressionava o joelho. Notou que o sangue lhe corria pelo tornozelo e lhe empapava o meia três-quartos.

O coração lhe pulsava com tanta força que estava seguro de que Sara podia ouvi-lo.

-Wíll -murmurou Amanda. Que horas são?

Wíll não pôde responder. Tinha a boca costurada.

Sara respondeu por ele.

-As cinco e meia.

-Da tarde -acrescentou Amanda. Não era uma pergunta. Estamos no orfanato de meninos. Tenho-me cansado pelas escadas do porão. Doutora Linton, vou viver?

Estava tendida, respirando profundamente aquele ar ardente.

-Surpreenderia-me que não o fizesse.

-Bom, imagino que de momento devo me conformar com isso. perdi a consciência?

-Sim respondeu Sara. Durante uns minutos.

Amanda continuou falando.

-Não sei o que está fazendo Me está tocando o pé?

Wíll apartou a mão.

-Posso mover os dedos disse aliviada. Tenho a cabeça que parece que me tivesse quebrado isso.

Wíll ouviu um movimento, o ruído da roupa. Amanda continuou:

-Não sobressai nada. Não tenho sangue nem partes brandas. Deus, como me dói o ombro.

Wíll notou o sabor do sangue. Saía-lhe do nariz. Utilizou o reverso da mão para limpar-lhe. Amanda soltou outro comprido suspiro.

-Direi-te algo, Wíll. A certa idade, um osso quebrado ou uma lesão na cabeça não é coisa de brincadeira. Durará-te toda a vida. O que fica de vida.

Guardou silêncio durante uns segundos. Parecia tentar tranquilizar sua respiração. sabendo de que não lhe responderia, disse: -Quando ingressei no Departamento de Polícia de Atlanta, havia toda uma divisão completa dedicada a comprovar nosso aspecto. A Divisão de Inspeção. Seis agentes dedicados por completo a isso. Não me estou inventando isso.

Wíll levantou a vista para olhar a Sara. Ela se encolheu de ombros.

-Apresentavam-se enquanto passavam lista; se não cumpria com o regulamento, suspendiam-lhe sem pagamento.

Wíll pôs a mão em seu relógio, desejando que pudesse notar o ponteiro de relógio marcando os segundos. O hospital Grady estava a umas quantas maçãs dali.

Sabiam que Amanda era uma agente de polícia, que precisava ajuda.

-Lembrança a primeira vez que recebi uma chamada dizendo que havia um código 45. A um gilipollas tinham roubado a rádio do carro. Sempre estávamos recebendo chamadas desse estilo. Tinham aquelas antenas tão grandes saindo como flechas de seus porta-malas.

Wíll olhou de novo a Sara. Lhe fez um gesto circular com a mão, lhe indicando que a fizesse falar.

Ele tinha a garganta dura. Não podia pronunciar nenhuma palavra, nem simular que solo eram um grupo de amigos que tinham tido um mau dia.

Amanda não parecia necessitar que a animasse. Se Rio para seus adentros.

riram de mim. Todos riram de mim quando cheguei ali. riram quando tomei declaração. riram quando me parti. Nenhum acreditava que as mulheres pudessem levar uniforme. A central recebia chamadas todas as semanas, pessoas que denunciavam que uma mulher tinha roubado um carro patrulha. Ninguém acreditava que pudéssemos estar desempenhando este trabalho.

-Já estão aqui -anunciou Sara, justo no momento em que Wíll ouviu o som de uma distante sereia. vou fazer lhes um sinal.

Wíll esperou até ouvir os passos da Sara no alpendre dianteiro. Teve que fazer um esforço para não agarrar a Amanda dos ombros e sacudi-la.

-O que vieste a fazer aqui?

-Foi-se Sara?

por que vieste aqui?

Amanda adquiriu um tom inusualmente amável.

-Tenho que te dizer algo.

-Não me importa respondeu ele. Como sabia que...?

-Cala e escuta -ordenou ela. Me está escutando?

Wíll notou que o medo se apoderava dele novamente. Ouviu a sereia aproximar-se. A ambulância freou de repente diante da casa.

-Está-me escutando?

Wíll ficou sem fala de novo.

-É a respeito de seu pai.

Disse algo mais, mas Wíll tinha os ouvidos amortecidos, como se ouvisse sua voz debaixo da água. De menino, rompeu o auricular de seu transístor assim, ficando o botão na orelha e inundando a cabeça na banheira, pensando que aquilo seria uma nova forma de escutar música. E o tinha feito naquela mesma casa. Dois novelo mais acima, no banheiro dos meninos. Teve sorte de não eletrocutar-se.

Ouviu um golpe seco na planta de acima quando os paramédicos abriram a porta principal; logo seus passos cruzaram a habitação. O raio de luz de uma lanterna iluminou repentinamente o porão. Wíll piscou. sentiu-se enjoado. Seus pulmões ansiavam um pouco de ar.

As palavras da Amanda ressonaram em seus ouvidos da mesma forma que o som o tinha feito quando se aferrou ao bordo da banheira e tirou a cabeça da água.

-Me escute -lhe ordenou.

Mas ele não quis fazê-lo. Não queria saber o que tinha que lhe dizer.

A junta da condicional se reuniu. Tinham deixado que seu pai saísse da prisão.

Capítulo três

Lucy Bennett

15 de outubro de 1974

Lucy perdeu a noção do tempo quando os sintomas diminuíram. Sabia que a heroína demorava três dias em eliminar-se por completo do sangue, e que os suores e o malestar duravam uma semana ou mais, em função de quão enganchada estivesse. As câibras no estômago, a intensa dor nas pernas, a constipação ou a diarreia, o sangue cor vermelha brilhante dos pulmões eliminando o veneno de rato, o leite em pó ou algo que tivessem utilizado para cortar o cavalo.

Muitas pessoas tinham morrido tentando tirar-se elas sozinhas da heroína. A droga era rancorosa. Possuía-te. Cravava-te as garras na pele e não te deixava partir tão facilmente. Lucy tinha visto muitos emparelha mortos nas habitações traseiras ou nos estacionamento vazios, com a pele dissecada e os dedos dos pés e das mãos duros enquanto suas unhas e seu cabelo seguiam crescendo. Pareciam bruxas mumificadas.

Semanas? Meses? Anos?

O sufocante calor de agosto se interrompeu pelo que solo podia ser a chegada do outono. Manhãs agradáveis, mas noites frite. estava-se aproximando o inverno?

Seguia sendo 1974 ou se perdeu o dia de Ação de Obrigado, o Natal, seu aniversário?

Ninguém podia deter o passado do tempo.

Importava isso acaso?

Todos os dias, Lucy desejava estar morta. A heroína tinha desaparecido de seu corpo, mas não passava nem um segundo sem pensar no subidón, na transcendência, na erradicação, no adormecimento da mente, no êxtase que lhe produzia a agulha ao lhe cravar a veia, nesse broto de calor que lhe percorria os sentidos. Durante esses primeiros dias, ainda podia notar o sabor da heroína em seus vômitos. Tinha tentado comer-lhe mas o homem o tinha impedido.

O homem.

O monstro.

Quem faria algo assim? Ia contra toda lógica. Não encontrava nada em sua vida que explicasse o que estava acontecendo. Por muito maus que fossem os fanfarrões com os que tinha tratado, sempre terminavam por deixá-la partir. Uma vez que tinham conseguido o que queriam, atiravam-na de novo à rua. Não queriam voltar a vê-la nunca mais. Odiavam sua mera presença. Chutavam-na se não partia o bastante rápido. Jogavam-na de seus carros e saíam apitando.

Mas ele não. Esse homem não. Esse diabo não.

Lucy queria que a violasse, que lhe pegasse, que lhe fizesse algo, salvo submetê-la a aquela detestável rotina que tinha que suportar diariamente. A forma em que lhe escovava o cabelo e os dentes. O modo em que a lavava. A maneira tão pudica que tinha de ficar olhando à parede enquanto acontecia o trapo entre as pernas.

Os cuidadosos golpecitos que lhe dava com a toalha quando a secava. O olhar de pena que punha cada vez que ela abria ou fechava os olhos. E as rezas. As constantes rezas.

“Lava seus pecados. Lava seus pecados.” Esse era seu mantra. Nunca lhe falava diretamente. Solo lhe falava com Deus, como se ele pudesse escutar a uma besta como ele. Lucy se perguntava por que a tinha escolhido a ela, por que o fazia todo aquilo. Gritava-lhe, suplicava-lhe, oferecia-lhe algo, mas ele sozinho respondia: “Lava seus pecados”.

Lucy se tinha educado na religião. Durante anos, tinha encontrado consolo nela. O aroma de uma vela acesa ou o sabor do vinho podiam fazer que rememorasse os momentos vividos no banco da igreja, onde se tinha sentado felizmente entre seus pais. Seu irmão, Henry, do aborrecido que estava, rabiscava desenhos vulgares na folha paroquial, mas lhe encantava escutar ao pregador falando das enormes recompensa que se obtinham se se levava uma vida piedosa. Quando estava nas ruas, reconfortava-a recordar aqueles sermões do passado. Inclusive quando começou a pecar, pensou que sua alma não estava perdida. A crucificação não significava nada se não se redimia a alma do Lucy Bennett.

Mas não dessa forma. Nem dessa maneira. E não com água e sabão. Nem com sangue e vinho. Nem com agulha e fio.

Primeiro vinha a penitência; logo, a tortura.

Capítulo quatro

Segundafeira 7 de julho de 1975

Amanda Wagner soltou um prolongado suspiro de alívio quando saiu da vizinhança de seu pai, Ansley Park. Duke tinha estado de um humor muito estranho essa manhã. Desde que cruzou a porta da cozinha, começou com uma

letania de queixa que não se terminaram até que lhe disse adeus do volante de seu automóvel. Falou-lhe dos veteranos sem objetivos que pediam esmola, de que o preço da gasolina estava pelas nuvens, de que a cidade de Nova Iorque esperava que o resto do país a tirasse do apuro. Não havia nenhuma notícia no periódico da manhã da qual não expressasse sua opinião. Quando começou a enumerar a lista interminável de defeitos que tinha o recém inaugurado Departamento de Polícia de Atlanta, Amanda já apenas lhe escutava, mas assentia de vez em quando para tratar de sossegar seu temperamento.

Preparou-lhe o café da manhã. Procurou que sua taça de café estivesse sempre enche. Esvaziou os cinzeiros. Pô-lhe uma camisa e uma gravata sobre a cama.

Anotou-lhe o que devia fazer para descongelar o assado, assim não teria que preocupar-se de seu jantar depois do trabalho. Quão único a consolava naquele momento era pensar em seu pequeno estudo no Peachtree Street.

O apartamento estava a menos de cinco minutos da casa de seu pai, mas lhe teria dado igual a estivesse na outra ponta da cidade. Localizado-se entre uma biblioteca e um mercadillo hippie no Fourteenth Street, o apartamento era uma das seis unidades de uma antiga mansão vitoriana. Duke tinha visitado aquele lugar e, resmungando, havia-lhe dito que tinha estado em lugares melhores no Midway durante a guerra. Nenhuma janela fechava devidamente. A geladeira não esfriava o bastante para fazer cubitos de gelo. Terei que mover a mesa da cozinha para poder abrir o forno. A tampa da taça do váter arranhava o lateral da banheira.

Entretanto, apaixonou-se por aquele sítio nada mais vê-lo.

Amanda tinha vinte e cinco anos. Ia à universidade. Tinha um bom trabalho. depois de anos de insistência, milagrosamente tinha conseguido convencer a seu pai para que deixasse que se transladasse. Não é que fora Mary Richards, mas ao menos já não a confundiriam nunca mais com o Edith Bunker.

Reduziu a velocidade e girou à direita no Highland Avenue, e logo outra vez à direita em um pequeno centro comercial detrás da farmácia. O calor do verão resultava quase sufocante, embora solo eram as oito menos quarto da manhã. O bafo se levantava do asfalto quando estacionou o carro no extremo mais afastado do estacionamento.

Suavam-lhe tanto as mãos que logo que podia agarrar o volante. Os pantys lhe cravavam na cintura, a camisa lhe pegava ao assento. Tinha uma dor aguda na nuca que lhe estava subindo às têmporas.

Mesmo assim, baixou-se as mangas da camisa e se grampeou os punhos. Agarrou a bolsa do assento do passageiro, pensando que cada vez parecia pesar mais.

Não obstante, era melhor que o que lhe obrigaram a ter posto o ano passado, durante essa mesma época. Roupa interior. Meias. Meias três-quartos negros. Calças de poliéster cor azul marinho. Uma camisa de algodão de homem tão grande que os bolsos de diante ficavam por debaixo da cintura. Cilha. Ganchos de metal. Correia. A capa e a pistola. Rádio. Um microfone no ombro. Lanterna. Algemas. Porrete. Chaveiro.

Não era de sentir saudades que as mulheres do corpo de polícia de Atlanta tivessem a bexiga do tamanho de uma melancia. Alguém demorava dez minutos em tirar-se todo

aquele equipamento da cintura antes de poder ir ao quarto de banho, e isso assumindo que pudesse te sentar sem que te desse um espasmo nas costas. Solo a lanterna, com suas quatro pilhas e sua manga de quarenta centímetros, pesava quase quatro quilogramas.

Amanda notou cada grama de todo esse peso quando se pendurou a bolsa do ombro e saiu do carro. Levava a mesma equipe, solo que agora o tinha em sua bolsa de couro em lugar de na cintura. Isso se chamava progresso.

Seu pai tinha estado a cargo da Zona 1 quando ela ingressou no corpo. Durante quase vinte anos, o capitão Duke Wagner tinha dirigido a unidade com punho de ferro, até que chegou Reginald Eaves, o primeiro comissionado de segurança pública negro; expulsou à maioria dos agentes veteranos brancos e os substituiu por negros. A ira coletiva que isso tinha suscitado quase acaba com o corpo. O anterior chefe, John Inman, fazia virtualmente o mesmo, embora ao reverso, coisa que, ao parecer, não recordava ninguém. As camarilhas estavam bem, sempre e quando fosse um dos selecionados.

Em consequência, Duke e seus colegas demandaram à Prefeitura para recuperar seu posto. Maynard Jackson, o primeiro prefeito negro da cidade, respaldava a seu homem. Ninguém sabia como terminaria o assunto, embora, segundo Duke, era questão de tempo que a Prefeitura capitulasse. Não importava a raça, os políticos necessitavam votos, e os votantes queriam sentir-se seguros. Por essa razão, o corpo de polícia cercou a cidade como um polvo faminto que estendia seus tentáculos em todas as direções.

Seis áreas de patrulha se ampliaram do desfavorecido Southside até as vizinhanças mais ricos do norte. Desde

essas áreas se podia divisar o que se denominavam as “Model Cities”, quer dizer, precintos que serviam aos setores mais violentos do eixo central da cidade. Havia pequenos focos de prosperidade dentro do Ansley Park, Piedmont Heights e Buckhead, mas uma grande parte dos habitantes viviam em subúrbios, desde o Grady Homes até o Techwood, incluído o gueto mais notório, Perry Homes. Essa vizinhança do lado oeste era tão perigoso que merecia seu próprio corpo de polícia. Era o tipo de trabalho que reclamavam quão veteranos tinham retornado, pois se parecia mais a uma zona de guerra que a um bairro de moradias.

Os policiais da secreta e as unidades de detetives estavam repartidos pelas zonas. Havia doze divisões em total, da Brigada Antivicio até a de Investigações Especiais. a de Delitos Sexuais era uma das poucas divisões que contava com um grande número de mulheres. Amanda duvidava que seu pai lhe tivesse permitido solicitar um posto na unidade se tivesse seguido no corpo quando apresentou a solicitude. estremecia-se ao pensar o que aconteceria ganhava o pleito e conseguia de novo seu posto. O mais provável é que a obrigasse a vestir-se de novo de uniforme e a pusesse de guarda de tráfico diante da escola Morningside Elementary.

Mas aquilo era um problema a longo prazo, e o dia da Amanda como o de qualquer outra pessoa-estava cheio de problemas a curto prazo. Sua principal preocupação cada manhã era com quem a poriam aquele dia de acompanhante.

A subvenção federal da Associação de Assistência de Aplicação da Lei que tinha criado a divisão de Delitos Sexuais da polícia de Atlanta exigia que todas as equipes estivessem compostos de unidades de três agentes que

estivessem racial e sexualmente integrados. Entretanto, essas normas estranha vez se cumpriam, porque as mulheres brancas não queriam patrulhar sozinhas com homens negros, as mulheres negras -ao menos as que queriam conservar sua reputação-não queriam patrulhar com homens negros, e os negros não queriam patrulhar com nenhum homem branco. Todos os dias havia brigas sobre quem ia trabalhar com quem, o qual era ridículo, já que a maioria trocavam de companheiro quando estavam nas ruas.

Mesmo assim, com frequência, produziam-se acaloradas discussões sobre as atribuições. ficavam muitos inconvenientes. passava-se lista. de vez em quando, empregavam-se os punhos. De fato, a única coisa em que estavam de acordo os homens da Unidade de Delitos Sexuais é que, no que se referia às atribuições, a nenhum gostava que o emparelhassem com uma mulher.

A menos que fosse uma mulher bonita.

O problema também se estendia a outras divisões. Todas as manhãs, lia-se o boletim diário do comissionado Reginald Eaves antes de passar lista. Reggie sempre estava transladando pessoal com tal de cobrir a cota federal que lhes obrigavam a aceitar esse dia. Nenhum agente sabia aonde iria quando chegava ao trabalho. Tanto podia ser ao centro do Perry Homes como a aquele inferno vivente que era o aeroporto de Atlanta. Um ano antes, uma mulher tinha sido atribuída durante uma semana à equipe SWAT, o que teria sido desastroso se tivesse tido que atuar em alguma situação conflitiva.

Amanda sempre tinha estado no turno de dia, provavelmente porque seu pai o tinha querido assim. Ninguém parecia notar nem preocupar-se de que

continuasse com esse turno, apesar de que Duke o tinha denunciado à Prefeitura. O turno de dia, o mais fácil, durava das oito até as quatro. o de tarde das quatro até a meia-noite, e o de madrugada, o mais perigoso, da meia-noite até as oito da manhã.

Os agentes de patrulha trabalhavam mais ou menos com os mesmos horários que as divisões de detetives e de agentes da secreta, menos uma hora por cada lado, seguindo o antigo horário ferroviário. A idéia era que cada um informasse ao que vinha depois, o que estranha vez acontecia. Na maioria de ocasiões, quando Amanda chegava ao trabalho, cruzava-se com um par de suspeitos com os olhos morados ou vendagens talheres de sangue na cabeça. Normalmente, estavam algemados aos bancos ao lado da porta principal, mas ninguém sabia como tinham chegado nem do que lhes acusava. Dependendo do número de arrestos que tinham feito os agentes uniformizados aquele mês, a alguns lhes punha em liberdade, e logo, imediatamente, voltavam-nos a prender por vagabundear.

Como acontecia com a maioria das sedes, a Zona 1 estava se localizada em um edifício vetusto que parecia o típico lugar onde a polícia estaria praticando uma jogada a rede, não passando o momento bebendo café ou contando-se histórias sobre as detenções do dia anterior. Situada detrás da praça Pharmacy e um cinema porno, tinham recolocado ali a sede quando tirou o chapéu que o anterior quartel estava justo em cima de uma socava. O Atlanta Constitution se desfrutou com a notícia.

O edifício só tinha três salas. A maior era a de reuniões, onde estava o escritório do sargento, separada por um painel de cristal. O escritório do capitão era muito mais agradável, o que significava que as janelas se abriam e se fechavam. Antes de 4 de Julho, alguém tinha quebrado o

cristal da janela de diante da sala de reuniões para que entrasse o ar. Ninguém se tinha incomodado em repará-lo, provavelmente porque sabiam que o romperiam de novo.

Na terceira sala estavam os asseios; embora se compartilhavam, a gente se assegurava de que nenhuma mulher se pudesse sentar na taça. A única vez que Amanda tinha entrado neles, terminou vomitando atrás do Plaza Theater enquanto escutava os gemidos e miados do Winnie Bango que transpassavam o muro de concreto.

bom dia, senhora disse um agente de patrulha dando um golpecito no chapéu quando a viu passar.

Lhe devolveu a saudação, passando entre um grupo de carros patrulha brancos da polícia de Atlanta, caminho da entrada. O aroma dos bêbados impregnava a atmosfera, embora não havia nenhum algemado nos bancos. Uma nuvem de fumaça cobria o teto manchado. Tudo estava talher de pó, inclusive as largas mesas uso cafeteria alinhadas irregularmente na sala. O podio de diante estava vazio. Amanda olhou o relógio. Ainda ficavam dez minutos para a recontagem.

Vanessa Livingston estava sentada na parte traseira da sala de reuniões, ocupada com a papelada. Levava calças cinzas, os mesmos e feios sapatos de homem que lhes obrigavam a levar quando foram de uniforme, uma camisa azul claro de manga curta e seu cabelo moreno talhado com decisão ao estilo pajem, curvado aos lados.

Amanda tinha patrulhado com ela em várias ocasiões quando ambas foram de uniforme. Era uma companheira de confiar, mas podia ser algo simplória e se ouviam rumores de que era um tanto ligeira de cascos, quer dizer, que estava disponível sexualmente para os agentes de polícia.

Amanda não teve mais opção que sentar-se a seu lado. Como de costume, a sala de reuniões estava dividida em quatro quadrantes: os brancos e os negros em ambos os lados, as mulheres na parte de atrás, e os homens diante.

Amanda manteve o olhar à frente enquanto passava ante o grupo de homens uniformizados. Todos esperaram até o último instante para deixá-la passar. Um grupo no rincão estava entretido em abrir cadeados. Todos os dias havia competições sobre quem podia abrir mais rápido uma fechadura. uns quantos agentes intercambiavam munição de alta expansão. Durante os últimos dois anos, quatorze policiais de Atlanta tinham morrido de um disparo. Uma bala mais rápida em sua pistola não era má idéia.

Amanda deixou a bolsa sobre a mesa e se sentou.

-Como está?

-Bem respondeu Vanesa com sua voz alegre de costume. Estive de sorte com a Divisão de Inspeção esta manhã.

-Já se partiram?

Vanessa assentiu. Amanda se desabotoou imediatamente os botões dos punhos e subiu as mangas. O ar fresco que notou nos braços quase fez que se desvanecesse.

-Não veio Geary? perguntou Amanda.

O sargento Mike Geary não teria passado por cima a indumentária da Vanessa. Era a classe de homem que pensava que as mulheres não deviam trabalhar de polícia, e fazia todo o possível para lhes pôr quantas dificuldades podia. Por alguma razão, tinha-a tomada com a Amanda, e em mais de uma ocasião a tinha suspenso durante todo um

dia, por isso não sabia como pagaria o aluguel se isso voltava a acontecer.

Vanessa empilhou os informe e disse:

-Geary está fora hoje. veio Sandra Phillips, a garota negra que leva a cabeça barbeada como os homens.

-Deu-me uma aula replicou Amanda.

Como quase todo mundo que conhecia, assistia às classes noturnas na Geórgia State. O Governo Federal ajudava as classes, e a Prefeitura estava obrigada a te aumentar o salário se obtinha uma licenciatura. No próximo ano, Amanda estaria ganhando quase doze mil dólares.

-Aconteceste-o bem nos dia 4?

-Fiz alguns turnos extra -admitiu Amanda.

Tinha-o feito voluntariamente, já que não podia suportar acontecer um dia inteiro ouvindo seu pai queixar-se de tudo o que lia no periódico. Graças a Deus, solo recebia o periódico duas vezes ao dia; do contrário, não dormiria jamais.

-E você?

-Bebi mais da conta e me estrolei contra um poste de telefone.

-Como está o carro?

-O pára-lama esmagado, mas ainda anda.

Vanessa baixou o tom de voz e acrescentou:

-Inteiraste-te que o do Oglethorpe?

Lareiras Oglethorpe era um dos amigos do Duke. A ambos os tinham despedido o mesmo dia.

-O que lhe passou?

-O Tribunal Supremo opinou a seu favor. Pagamento completo e benefícios. Volta a ocupar seu cargo. Atribuíram a sua antiga brigada. Imagino que Reggie vai se encher o saco muito quando se inteirar.

Amanda não teve tempo de responder. ouviram-se uma série de exclamações masculinas quando Rick Landry e Butch Bonnie entraram na sala. Como de costume, os detetives de Homicídios chegavam com o tempo justo. A recontagem ia começar ao cabo de dois minutos. Amanda agarrou a bolsa e tirou um montão de informe datilografados.

-É um encanto disse Butch agarrando os informe e deixando seu caderno na mesa, diante da Amanda. Espero que possa entendê-lo.

Olhou sua letra na primeira página e franziu o cenho.

-Às vezes acredito que escreve dessa forma tão ilegível a propósito.

-Carinho, já sabe que pode me chamar a qualquer hora do dia ou da noite. -Lhe piscou os olhos um olho enquanto seguia ao Landry para a parte dianteira da sala. Preferivelmente de noite.

Ouviram-se algumas risitas, mas Amanda simulou as ignorar enquanto revisava as notas do Butch. A letra resultava mais fácil de entender à medida que passava as páginas. Butch e Rick trabalhavam na Brigada de Homicídios. Não desejava aquele trabalho. Ao ser a que

datilografava os informe do Butch, não podia evitar conhecer os detalhes. Tinham que lhe dizer a quão familiares um de seus parentes havia falecido, ver muitas pessoas mortas e observar como lhes faziam a autópsia. A ela lhe revolia o estômago com solo ler essas coisas. Em realidade, havia alguns trabalhos que solo os homens eram capazes de fazer.

-Sabe que temos um sargento novo? perguntou Vanessa.

Amanda ficou à expectativa.

-É um dos moços do Reggie.

Amanda conteve um grunhido de desgosto. Uma das que pareciam melhores ideia do Reginald Eaves foi exigir um exame escrito para as ascensões. Amanda tinha sido o bastante estúpida para pensar que tinha alguma opção. Quando nenhum dos agentes negros passou o exame escrito, Eaves atirou os resultados e implantou um exame oral. Como era de esperar, muito poucos agentes brancos puderam aprová-lo e, é óbvio, nenhum deles era uma mulher.

-Hão-me dito que é do norte. Sonha como Bill Cosby.

Ambas se deram a volta e tentaram olhar dentro do escritório do sargento, mas havia arquivos empilhados contra o painel de cristal. A porta estava aberta, mas o único que viu Amanda foi outro arquivo e o bordo de um escritório de madeira. Havia um cinzeiro de cristal sobre o caderno de anotação de pele. Viu uma mão negra estender-se e lhe dar golpes ao cigarro contra o cristal do cinzeiro. Tinha os dedos magros, quase delicados, e as unhas cortadas em linha reta.

Amanda voltou a girar-se. Simulou ler as notas do Butch, mas não podia concentrar-se. Talvez fosse por culpa do calor. Ou pode que fora porque estava sentada ao lado de um periquito.

-Pergunto-me onde está Evelyn disse Vanessa.

Amanda se encolheu de ombros sem deixar de olhar os informe.

-Não posso acreditar que haja tornado. Deve estar mal da cabeça.

Apesar de suas boas intenções, Amanda se sentiu absorvida. “passaram quase dois anos”, disse-se. A seu pai o tinham despedido fazia onze meses. Evelyn se tinha dado de baixa para ter um filho, no ano anterior. Acabava de ingressar na Secreta. Todo mundo pensou que era o fim de sua carreira trabalhista.

-Se eu tivesse um marido e um filho disse Vanessa, não apareceria por este lugar nunca mais. Diria-lhe adeus para sempre.

-Pode que necessite o dinheiro.

Amanda falou em voz baixa, para que ninguém se desse conta de que estava mexericando.

-Seu marido ganha muita massa. Vendeu-lhe seguros na metade do corpo de polícia replicou Vanessa soltando uma gargalhada. Provavelmente, essa seja a única razão pela que tornou, para lhe ajudar a vender apólices. -Baixou o tom de mofa. Não estaria mal que falasse com ele. Tem melhores preços que Benowitz. Além disso, imagino que você não gostaria de lhe dar seu dinheiro a um judeu.

-Perguntarei a Evelyn disse Amanda, embora lhe gostava de Nathan Benowitz. Seu Plymouth pertencia à Prefeitura, mas todos tinham que pagar o seguro do carro. Benowitz sempre tinha sido amável com ela.

-Shh resmungou Vanessa, embora Amanda não dizia nada. Já vem.

Os agentes reunidos guardaram silêncio quando entrou o novo sargento na sala. Vestia com a roupa de inverno: calças azul marinho e uma camisa de manga larga da mesma cor. Era um homem muito magro. Levava o cabelo talhado ao estilo militar. A diferença de todos outros, parecia não suar pela frente.

Amanda observou que não tocava nenhuma das mesas enquanto percorria a linha invisível que chegava até o centro da sala. Aparentava uns trinta anos. Era um homem magro que parecia estar em forma, e se diria que seu corpo era mais o de um adolescente que o de um homem adulto, mas, mesmo assim, teve que fazer alguns giros para passar entre as mesas. Amanda observou que o corredor era mais estreito do normal. As nimiedades eram quão único parecia uni-los a todos. Os policiais negros odiariam ao novo sargento porque era do norte, e os brancos porque era um dos homens do Reggie.

Deixou seus papéis sobre o suporte de livro, esclareceu-se voz e, com um surpreendente tom de barítono, disse: -Sou o sargento Luther Hodge.

Olhou a seu redor como se esperasse que alguém lhe desafiasse. Ao ver que ninguém lhe respondia, prosseguiu: vou ler o boletim informativo antes da recontagem, pois há uma grande quantidade de traslados.

Ouviu-se um grunhido por toda a sala, mas a Amanda resultou reconfortante que alguém se deu conta de que era melhor anunciar os traslados antes da recontagem.

Hodge leu os nomes. Vanessa tinha razão ao dizer que falava como Bill Cosby. O fazia cuidadosamente, embora não com lentidão. Pronunciava cada palavra.

Os homens uniformizados que estavam na fila de diante lhe olhavam um tanto surpreendidos, como se estivessem vendo um cão que caminhasse sobre suas patas traseiras.

Branco ou negro, todos procediam das zonas rurais ou acabavam de livrar do serviço militar. A maioria deles falavam com esse acento tosco que utilizavam suas primos do campo. Não pôde deixar de olhar atentamente ao Hodge.

Deixou de ler a larga lista de traslados, logo se esclareceu voz de novo e disse: -A recontagem se fará por equipes. Alguns terão que esperar a que seus companheiros venham de outras divisões. Por favor, comprovem comigo que seu companheiro fica registrado antes de que saiam à rua.

Como se se tivessem posto de acordo, Evelyn Mitchell entrou apressadamente na sala, olhando a seus redor com olhos quase assustados. Amanda ainda levava uniforme quando Evelyn subiu à Brigada de Delitos Sexuais mas, as poucas vezes que a tinha visto, sempre vestia com muita elegância. Aquele dia levava uma bolsa grande de camurça com um estampado índio na parte de diante e borlas pendurando das amplas dobras. Vestia uma jaqueta azul marinho sobre uma blusa amarela. Sua cabeleira loira lhe caía até os ombros; era um penteado que a favorecia muito, já que o levava a estilo Angie Dickinson. Obviamente, Amanda não era a única que se deu conta disso. Butch Bonnie exclamou:

-Ouça, Pepper Anderson,2 me pode prender quando quiser.

Os homens riram todos ao mesmo tempo.

-Lamento chegar tarde disse Evelyn dirigindo-se ao novo sargento. Não voltará a acontecer.

Olhou a Amanda e a Vanessa, e se dirigiu à parte traseira da sala. Seus saltos retumbaram na sala com um som seco.

Hodge a deteve.

-Não me há dito seu nome, detetive.

Aquelas palavras pareceram absorver todo o ar da sala. Todos se giraram para olhar a Evelyn, que se tinha ficado paralisada ao lado da Amanda. O medo que emanava dela era tão evidente como o calor.

Hodge se esclareceu voz de novo.

-Perdi-me algo, agente? Imagino que é detetive, já que não vai de uniforme.

Evelyn abriu a boca, mas foi Rick Landry quem respondeu.

-É uma agente de patrício, não é detetive.

Hodge insistiu.

-Não estou seguro de saber qual é a diferença.

Landry assinalou com o polegar a parte de atrás da sala. O charuto que tinha na boca se balançou ao falar.

-Não vê seus tetitas debaixo da camisa?

Todos soltaram uma gargalhada. Evelyn ficou a bolsa contra o peito, mas também se Rio. Amanda fez o mesmo. O som retumbou em sua garganta como um ralo.

Hodge esperou até que guardaram silêncio.

-Como se chama, agente? perguntou a Evelyn.

-Mitchell respondeu deixando cair na cadeira ao lado da Amanda. Senhora Evelyn Mitchell.

-Sugiro-lhe que não volte a chegar tarde, senhora Mitchell.

-Olhou a folha de recontagem e procurou seu nome. Você irá com a senhorita Livingston hoje.

A senhorita Wagner irá com o detetive Peterson, que virá da... -alguém soltou um uivo de lobo, mas Hodge prosseguiu: Zona Dois.

Evelyn olhou a Amanda e pôs os olhos em branco. Kyle Peterson era um aporrinho. Quando não tratava de te colocar a mão por debaixo da saia, estava dormindo no assento traseiro do carro.

Vanessa se inclinou e sussurrou a Evelyn:

-Eu gosto de seu novo corte de cabelo. É muito chique.

-Obrigado respondeu. atirou-se do cabelo para trás, como se queria alargar-lhe Logo perguntou a Amanda: Sabe que Oglethorpe recuperou seu posto?

-Atribuíram-lhe sua antiga brigada -acrescentou Vanessa. Me pergunto o que suporá isso para nós.

-Provavelmente, nada -murmurou Evelyn.

Todos voltaram a emprestar atenção à parte dianteira da sala. Havia um homem branco em um dos lados, justo debaixo da porta aberta. Tinha aproximadamente a mesma idade que Amanda e vestia um traje cor azul clara de três peças. Seu cabelo loiro lhe caía pela nuca, e levava as costeletas sem recortar. Tinha os braços cruzados sobre o peito, em sinal de impaciência. Seu proeminente estômago me sobressaía por debaixo.

-Um peixe gordo? perguntou Vanessa.

Evelyn negou com a cabeça.

-Muito trajado.

-Seguro que é um advogado respondeu Amanda.

Tinha estado muitas vezes no escritório do advogado de seu pai e sabia o aspecto que tinham. Seu elegante traje lhe delatava, embora a ela sozinho bastava ver a forma tão arrogante de levantar o queixo para dar-se conta disso.

-Os detetives Landry e... -Luther Hodge se deu conta de que ninguém lhe estava escutando e levantou a vista. Olhou ao visitante durante uns segundos antes de dizer: Senhor Treadwell, podemos falar em meu escritório. -Logo se dirigiu aos membros da sala. Volto dentro de um minuto. Alguém pode continuar com as atribuições?

Butch se levantou:

-Eu me encarrego.

-Obrigado, detetive.

Hodge não se precaveu dos olhares receosos. Pôr ao Butch a cargo das atribuições era como pôr a uma raposa

aos cuidados de um galinheiro. Para ele isso das atribuições era como uma versão do Jogo das entrevistas.

Hodge foi à habitação de atrás, passando seu magro corpo pela estreita linha divisória. O advogado Treadwell seguiu a parede exterior. Acendeu um cigarro enquanto entrava na habitação e fechou a porta.

-Sabem do que se trata? perguntou Evelyn.

-Não se preocupe deles respondeu Vanessa. por que narizes tornaste?

-Eu gosto deste trabalho.

Vanessa esboçou uma expressão de incredulidade.

-Venha, vamos, nos diga a verdade.

-A verdade é muito aborrecida. Espera a ver o que dizem os rumores.

Evelyn sorriu, logo abriu a bolsa e olhou no interior.

Vanessa observou a Amanda procurando uma explicação, mas ela sozinho pôde mover a cabeça.

-Sim, senhor disse alguém.

Amanda viu que um grupo de agentes de patrulha negros tinha começado a descrever as destrezas que estavam tendo lugar no escritório do Hodge. Amanda olhou a Evelyn e logo a Vanessa. Todas se giraram, ao mesmo tempo.

Atrás do painel de cristal, a boca do Treadwell se movia. Um dos policiais negros disse com voz pomposa: -Moço, seu salário se paga com meus impostos.

Amanda reprimiu uma gargalhada. Ouvia essa frase quase todos os dias, como se os impostos da Amanda não pagassem seu salário tanto como o de outra pessoa.

Hodge tinha o olhar posto em seu escritório. Havia certa mansidão na postura de seus ombros enquanto movia a boca.

-Sim, senhor disse o primeiro polícia. Eu o investigarei por você, senhor. Não se preocupe.

Treadwell assinalava com um dedo ao Hodge. O segundo polícia resmungou: -Esta cidade é um desastre. Aonde vamos chegar? A coisa nos está indo das mãos!

Hodge assentiu, ainda com o olhar encurvado. O primeiro polícia disse: -Tem você toda a razão. Não posso nem tomar o almoço sem ouvir comentários de mulheres brancas que foram assaltadas por algum homem negro.

Amanda se mordeu o lábio inferior. ouviram-se algumas risitas afogadas.

Treadwell baixou a mão. O segundo polícia disse:

-O que digo é que seus malditos negros se comportam como se você fosse o dono desta cidade!

Ninguém se Rio desse comentário, nem sequer os agentes negros. A brincadeira tinha chegado muito longe.

Quando Treadwell abriu de um golpetazo a porta do escritório e saiu a toda pressa, a sala ficou em completo silêncio.

Luther Hodge teve que conter sua raiva quando se dirigiu para a porta aberta. Assinalou a Evelyn.

-Você disse. Seu dedo trocou de direção para assinalar a Amanda e Vanessa. E você. A meu escritório.

Vanessa ficou rígida na cadeira. Amanda se levou a mão ao peito.

-Eu ou...

-O que acontece? As mulheres não entendem as ordens? A meu escritório. -Logo se dirigiu ao Butch e acrescentou: Continue com a recontagem, detetive Bonnie.

E que não tenha que dizer-lhe duas vezes.

Evelyn se levou a bolsa ao peito quando se levantou. As pantorrilhas da Amanda sentiram um calafrio quando a seguiu. deu-se a volta para olhar a Vanessa, que tinha aspecto de sentir-se tão culpado como aliviada. Evelyn estava de pé, diante da mesa do Hodge, quando Amanda se aproximou. Ele se sentou em sua cadeira e começou a escrever em uma folha de papel.

Amanda se girou para fechar a porta, mas Hodge disse:

-Deixe-a aberta.

Se Amanda acreditava que antes fazia calor, não era nada comparado com o que sentia agora. A Evelyn acontecia outro tanto. jogou-se o cabelo para trás nervosamente.

A magra prata de sua aliança de casamento refletiu a luz dos fluorescentes. ouvia-se o tom monótono do Butch Bonnie distribuindo as atribuições na outra sala. Amanda sabia que, apesar de ter a porta fechada, Luther Hodge tinha podido ouvir as brincadeiras que tinham gasto os agentes negros mofando-se dele.

Hodge deixou o lápis. tornou-se para trás e olhou primeiro a Evelyn e logo a Amanda.

-Vocês duas estão na Unidade de Delitos Sexuais.

Ambas assentiram, embora ele não lhes tinha perguntado.

houve um código 49 nesta direção.

Uma violação. Hodge lhes tendeu a folha de papel. Houve um pouco de incerteza antes de que Evelyn o agarrasse.

Olhou o papel.

-Isto está no Techwood.

O gueto.

-Assim é respondeu Hodge. Tomem declaração. Determinem se se cometeu um delito ou não. Façam algum arresto se o considerarem necessário.

Evelyn olhou a Amanda. Ambas se estavam perguntando o mesmo: o que tinha que ver aquilo com o advogado que acabava de estar ali?

-Necessitam indicações? perguntou Hodge, embora uma vez mais não lhes estava fazendo uma pergunta. Imagino que conhecerão a cidade. Devo mandar a um carro patrulha que as escolte? É assim como funcionam as coisas?

-Não respondeu Evelyn. Hodge a olhou fixamente até que ela acrescentou: senhor.

-Vão-se.

Hodge abriu uma pasta e começou a ler.

Amanda olhou a Evelyn, quem lhe fez um sinal lhe indicando a porta. Ambas saíram, sem saber a que vinha todo aquilo. A recontagem tinha terminado. A sala de reuniões estava vazia, salvo por alguns atrasados que estavam esperando a que chegassem seus novos companheiros. Vanessa também se partiu, provavelmente com o Peterson. Seguro que ela desfrutaria mais dessa atribuição que Amanda.

-Podemos agarrar seu carro? perguntou Evelyn. Levo a caminhonete e está cheia de pacotes.

-É óbvio.

Amanda a seguiu até o estacionamento. Evelyn dizia a verdade. Sua Ford Falcon estava lotado de pacotes.

-A mãe do Bill vem este fim de semana. Me vai ajudar com o menino enquanto trabalho.

Amanda subiu ao Plymouth. Não queria misturar-se na vida privada da Evelyn, mas seu comentário lhe resultou um tanto estranho.

-Não pense mal de mim disse Evelyn, que se sentou no assento do copiloto. Quero muito ao Zeke, e foi fantástico passar um ano e meio com ele, mas te juro Por Deus que, se passado um dia mais encerrada em casa com o menino, tomo um bote do Valium.

Amanda estava a ponto de colocar a chave no contato, mas se deteve. Olhou a Evelyn. Quase tudo o que sabia dela o tinha contado seu pai. Era bonita, algo que Duke Wagner não considerava um ponto a seu favor para alguém que levasse uniforme. “Obstinada” era o adjetivo que tinha utilizado com mais frequência, seguido de “agressiva”.

-Seu marido está de acordo em que trabalhe de novo? perguntou Amanda.

-Digamos que o aceitou. -Abriu a bolsa e tirou um mapa da cidade de Atlanta. Sabe onde está Techwood?

-Não. estive no Grady Homes várias vezes. -Amanda não lhe disse que quase sempre agarrava as chamadas do North Atlanta, onde as vítimas eram brancas e geralmente mães que lhe ofereciam chá e lhe falavam com soma rapidez sobre sua terrível experiência. E você?

-Mais ou menos. Seu pai me enviou ali umas quantas vezes.

Amanda pisou no acelerador ao mesmo tempo que girava a chave. O motor arrancou ao segundo intento. Guardou silêncio enquanto saíam do estacionamento. Evelyn tinha patrulhado quase toda sua carreira às ordens do Duke Wagner. Não gostou de muito sua ascensão a polícia secreta, mas as coisas estavam trocando e teve que resignar-se. Amanda podia imaginar facilmente a seu pai enviando-a aos subúrbios para lhe dar uma lição.

-Vejam onde está.

Evelyn desdobrou o mapa e o estendeu sobre seu regaço. Passou o dedo sobre a zona próxima a Geórgia Tech. Os subúrbios do Techwood não pareciam harmonizar muito bem com a construção de uma das melhores universidades tecnológicas do país, mas a cidade se estava ficando sem espaço para alojar aos pobres. Clark Howell Homes, University Homes, Bowen Homes, Grady Homes, Perry Homes, Bankhead Courts, Thomasville Heights, todas tinham largas listas de espera, apesar de ser verdadeiros subúrbios.

E não é que nenhum deles tivesse começado como tal. Nos anos trinta, a Prefeitura tinha construído os edifícios de apartamentos Techwood sobre um antigo bairro de barracos chamado Tanyard Bottom. Era o primeiro projeto de moradias sociais nos Estados Unidos. Todos os edifícios tinham eletricidade e água corrente.

Havia uma escola, assim como uma biblioteca e uma lavanderia. O presidente Roosevelt tinha assistido à cerimônia de inauguração. Entretanto, demorou menos de dez anos em voltar a ter o aspecto de subúrbio de antes. Duke Wagner dizia com freqüência que eliminar a segregação racial seria a gota que terminaria por encher o copo no Techwood. Não importava qual era o caso, Geórgia Tech gastava milhares de dólares ao ano contratando segurança privada para que os vizinhos não agredissem aos estudantes. Era uma zona de guerra.

-Venha, vamos disse Evelyn pregando o mapa. Vamos ao Techwood Drive e já te avisarei quando chegarmos ali.

-Os edifícios não têm números.

Esse problema não se limitava aos subúrbios. Quando Amanda era uma agente de uniforme, perdia quase sempre meia hora procurando a direção correta.

-Não se preocupe respondeu Evelyn. Entendo seu sistema.

Amanda foi para o Ponce de Leão Avenue, passou o antigo Spiller Field, onde estavam acostumados a jogar os Cracker. O estádio tinha sido derrubado para construir um centro comercial, mas o magnolio que crescia no centro do campo ainda estava ali. Cortou por um beco perto do edifício Sears para chegar ao North Avenue.

Tanto Amanda como Evelyn subiram o guichê ao aproximar-se do Buttermilk Bottom. Os barracos tinham sido demolidas uma década antes, mas ninguém se incomodou em solucionar o problema do rede de esgoto. Um aroma horrível penetrou nas fossas nasais da Amanda. Teve que respirar pela boca durante as seguintes cinco maçãs. Logo baixaram os guichês de novo.

-Como vai o caso de seu pai? perguntou Evelyn.

Era a segunda vez que o perguntava, coisa que lhe produzia certo receio.

-Não fala comigo disso.

-o do Oglethorpe é uma boa notícia, não te parece? É um bom sinal para ele.

-Espero que sim.

Amanda se deteve em um semáforo em vermelho.

-O que terá que ver este código quarenta e nove com a aparição do Treadwell?

Amanda tinha estado muito afligida para pensar nisso, mas disse:

-Possivelmente estava denunciando uma violação em nome de um cliente.

-Quão advogados levam um traje de cem dólares não têm clientes no Techwood respondeu Evelyn, que apoiou a cabeça sobre uma de suas mãos. Treadwell se mostrou muito mandão com o Hodge, e ele conosco. Tem que haver uma conexão, não te parece?

Amanda negou com a cabeça.

-Não tenho nem idéia.

-Parece jovem. Não faz muito que terá saído da faculdade. A escrivanhinha de seu pai respaldou a candidatura do prefeito.

-Do Maynard Jackson? perguntou Amanda.

Jamais tinha pensado que as pessoas brancas apoiassem ao primeiro prefeito negro da cidade, mas logo se deu conta de que os empresários de Atlanta não deixariam que a raça se interpusesse em seu caminho para ganhar dinheiro.

-A escrivanhinha Treadwell-Price estava metido totalmente na campanha. O pai do Treadwell se fez uma foto com o Jackson o dia que ganhou as eleições. Saíram no periódico, abraçados como duas vedetes. Como se chamava? Adam? Allen? -Soltou um bufo. Não, Andrew. chama-se Andrew Treadwell. Provavelmente será um estudante de terceiro curso. Arrumado a que lhe chamam Andy.

Amanda moveu lentamente a cabeça de um lado ao outro. A política era assunto de seu pai.

-Jamais ouvi falar de nenhum deles.

-Certamente, Júnior se movia com muito aprumo. Hodge estava aterrorizado. Deixando as pantomimas à margem. Não é gracioso?

-Sim.

Amanda olhou o semáforo vermelho, perguntando-se por que demorava tanto em trocar.

-Salte lhe sugeriu isso Evelyn. Viu a expressão de preocupação no rosto da Amanda e acrescentou: Não se preocupe. Não vou prender te.

A outra garota olhou a ambos os lados um par de vezes, logo uma terceira, antes de iniciar a marcha.

-Cuidado -lhe advertiu Evelyn. Havia um Corvette subindo a colina no Spring Street. Saltaram faíscas quando o motor roçou contra o asfalto e cruzou a intercessão.

Onde está a polícia quando a necessita?

A Amanda doía a pantorrilha de ter o freio pisado.

-O seguro do carro o tenho com o Benowitz, se por acaso está tentando ganhar um pouco de dinheiro para seu marido.

Evelyn se Rio.

-Benowitz não está mal se passares por cima os chifres.

Amanda não sabia se se estava rendo dela ou lhe expressando sua opinião. Olhou o semáforo. Ainda em vermelho. Avançou um pouco, estremecendo-se ao pisar no acelerador. Não pôde relaxar os ombros até que passaram o restaurante Varsity. Logo voltaram a subir.

O aroma invadiu o interior do carro assim que chegaram à autoestrada de quatro sulcos. Essa vez não foi o rede de esgoto, a não ser a pobreza, as pessoas vivendo aglomeradas como se fossem animais enjaulados. O calor atenuava o mau aroma. Techwood Homes era feito de concreto com fachadas de tijolo que transpiravam como as médias da Amanda.

A seu lado, Evelyn fechou os olhos; ofegava ostensivelmente.

-Segue disse. Moveu a cabeça e olhou o mapa. Torce à esquerda no Techwood. E logo à direita em Pene.

Amanda reduziu a velocidade para percorrer aquelas ruas estreitas. ao longe via as casas de tijolos e os apartamentos ajardinados do Techwood Homes. As fachadas estavam cobertas de grafiti e, onde não havia nada pintado, havia lixo amontoado até a cintura. Um grupo de meninos jogava em um pátio sujo. Estavam vestidos com farrapos. Inclusive da distância viu quão feridas tinham nas pernas.

-Torce à direita disse Evelyn.

Amanda avançou até que a estrada se converteu em um lugar intransitável. Um carro queimado bloqueava a rua. Tinha as portas abertas, o capô levantado e o motor à vista como se fosse uma língua carbonizada. Amanda subiu à borda e jogou o freio de mão.

Evelyn sou se moveu. Olhava aos meninos.

-Me tinha esquecido quão penoso é isto.

Amanda olhou aos moços. Todos tinham a pele escura e os joelhos protuberantes. Utilizavam os pés para chutar um balão de basquete cravado. Não havia erva por nenhum lado, solo a típica terra seca e avermelhada da Geórgia.

Os meninos deixaram de jogar. Um deles assinalou o Plymouth, comprado pela Prefeitura em lotes e reconhecido por todos por ser o carro camuflado da polícia.

Outro menino correu até o edifício mais próximo, levantando o pó.

Evelyn se Rio malhumorada.

-Já vai o anjinho a avisar ao comitê de bemvinda.

Amanda atirou do ponteiro de relógio para abrir a porta. Podia ver a torre da Coca-Cola ao longe, encaixotando o subúrbio de quatorze maçãs com o Geórgia Tech.

-Meu pai diz que Coca-Cola está tentando que a Prefeitura derrube este lugar e o translate a outro sítio.

-Não posso imaginar ao prefeito jogando às pessoas que lhe votaram.

Amanda não a contradisse, mas sabia por experiência que seu pai sempre tinha razão sobre essas coisas.

-Poderia solucionar o problema.

Evelyn empurrou a porta para abri-la e saiu do carro. Abriu a bolsa e tirou a rádio, que era a metade de grande que a lanterna e quase igual de pesada.

Amanda se assegurou de levar a bolsa fechada enquanto Evelyn informava de sua localização. A rádio da Amanda quase nunca funcionava, por muito que lhe trocasse as pilhas. Se não fosse pelo sargento Geary, deixaria-a em casa, mas o sargento obrigava a todas as mulheres a esvaziar a bolsa para assegurar-se de que levavam toda a equipe.

por aqui.

Evelyn subiu a colina para dirigir-se ao bloco de apartamentos. Amanda podia notar centenas de olhos a observando. Dado o lugar onde se encontravam, era normal que muitas pessoas não estivessem trabalhando durante o

dia. Tinham tempo de sobra para olhar pela janela e esperar que algo horrível acontecesse. quanto mais se afastavam do Plymouth, mais doente se sentia Amanda. Por isso, quando Evelyn se deteve diante do segundo edifício, esteve a ponto de vomitar.

-Aqui é disse Evelyn assinalando a entrada e contando “três, quatro, cinco...”.

Continuou em silêncio enquanto avançava. Amanda a seguiu, perguntando-se se Evelyn sabia o que fazia ou se solo tentava alardear.

Finalmente, deteve-se de novo e assinalou o piso superior do bloco que havia no meio.

-Já chegamos.

Ambas olharam a porta aberta que conduzia às escadas. Um só raio de sol iluminava os degraus de abaixo. As janelas que havia diante do vestíbulo e nos patamares estavam entaladas, mas o clarabóia encastrado em metal deixava passar a suficiente luz. Ao menos enquanto fosse de dia.

-Quinta andar disse Evelyn. Como foi no exame físico?

Era outra das novas normas do Reggie.

-Fiz o tempo justo em correr a milha.

Tinham que fazê-lo em oito minutos e médio, e Amanda usou até o segundo último.

-Desde não ser porque me deram um aprovado no exercício de flexões, estaria em casa vendo Captain

Kangaroo. -Esboço um sorriso otimista. Espero que sua vida não dependa da força que tenho nos braços.

-Seguro que corre mais que eu se for necessário.

Evelyn se Rio.

-Disso não te caiba dúvida.

Fechou a cremalheira de sua bolsa e grampeou a lapela. Amanda comprovou uma vez mais que a seu estava bem fechada. O primeiro que se aprendia ao ir aos subúrbios era a não deixar a bolsa aberta nem apoiada em nenhum lado, já que ninguém queria retornar a sua casa com ela cheia de piolhos ou baratas.

Evelyn respirou profundamente, como se fosse inundar a cabeça sob a água, e logo entrou no edifício. O aroma foi como um bofetão na cara. tampou-se o nariz com a mão enquanto começava a subir as escadas.

-Pensava que me passar o dia lhe trocando os fraldas a um menino tinha feito imune ao aroma da urina, mas os homens comem coisas distintas. Sei que os aspargos fazem que a minha tenha um aroma forte. Uma vez provei a cocaína. Não recordo como me cheirava a urina, mas a verdade é que não me importou um carajo.

Amanda ficou perplexa, ali, na parte baixa das escadas, olhando a Evelyn, que parecia não haver-se dado conta de que tinha admitido ter consumido drogas.

-Não o diga ao Reggie. Eu passarei por cima o do semáforo em vermelho.

Esboçou um sorriso. Deu a volta ao patamar e desapareceu.

Amanda agitou a cabeça enquanto a seguia escada acima. Nenhuma das duas se atrevia a tocar o corrimão. As baratas corriam por seus pés. Os degraus estavam pegajosos. As paredes pareciam aproximar-se cada vez mais.

Amanda fez um esforço por respirar pela boca, ao igual a teve que esforçar-se por seguir avançando. Era uma loucura. por que não tinham pedido reforços?

A metade dos códigos 49 em Atlanta procediam de mulheres que tinham sido violadas em umas escadas. Era algo tão comum nos subúrbios como a pobreza e os ratos.

Quando Evelyn deu a volta ao seguinte patamar, atirou-se do cabelo. Amanda deduziu que era um tic nervoso. Ela sentia o mesmo nervosismo. quanto mais subiam, mais retortijones sentia no estômago. Quatorze policiais tinham sido assassinados nos dois últimos anos. A maioria deles tinham morrido de um disparo na cabeça; outros, de um no estômago. Um agente tinha sobrevivido durante dois dias antes de morrer. Sofreu uns dores tão fortes que seus gritos se podiam ouvir na sala de urgências do hospital Grady.

A Amanda deu um tombo o coração quando giraram no seguinte patamar. As mãos começaram a lhe tremer, e os joelhos pareciam não lhe responder. Sentia umas vontades enormes de tornar-se a chorar.

Certamente, alguma das unidades tinha recebido a chamada da Evelyn informando de sua localização. Os homens poucas vezes esperavam que uma agente solicitasse apoio. Simplesmente, apresentavam-se na cena, apropriavam-se do caso e as jogavam como se fossem meninas estúpidas. Amanda estava acostumada sentir-se

molesta por essa amostra de machismo, mas, naquele momento, receberia-a encantada.

-É uma loucura -murmurou girando no seguinte patamar. Uma completa loucura.

-Solo um pouco mais respondeu alegremente Evelyn.

Não eram dois policiais secretas. Todo mundo sabia que havia dois agentes no edifício. Dois agentes brancas. Duas mulheres. O murmúrio das televisões e das susurrantes conversações se podia ouvir por todos lados. O calor era tão entristecedor como as sombras. Cada porta fechada representava uma oportunidade para que alguém se equilibrasse sobre elas e as ferisse.

-Venha, não se preocupe tanto disse Evelyn sem dirigir-se a ninguém em particular. Segundo as estatísticas, no último ano, denunciaram-se quatrocentas e quarenta e três violações. -Sua voz repicou pelas escadas como um sino. Cento e treze eram mulheres brancas. O que significa isso? Uma de cada quatro? -Olhou a Amanda. Vinte e cinco por cento?

Amanda moveu a cabeça. A mulher falava inconscientemente.

Evelyn continuou subindo as escadas.

-Quatrocentas e treze... -Sua voz se apagou. Quase estava no certo. Temos vinte e seis por cento de possibilidades de que hoje nos violem. Não é uma percentagem muito alta. Há um setenta e quatro por cento de que não nos aconteça nada.

As cifras, ao menos, tinham sua lógica. Amanda sentiu que se tirava um peso de cima.

-Não é tanto.

-Não, não o é. Se tivesse o setenta e quatro por cento de possibilidades de ganhar o Bug, iria correndo a Auburn para apostar tudo o pagamento do mês.

Amanda assentiu. O Bug era um jogo de loteria que se celebrava no Colored Town.

-Onde lhe...?

Chegou-lhes uma comoção do corredor de abaixo. Uma porta se fechou de repente. Um menino gritou. ouviu-se a voz de um homem ordenando a todo mundo que se calassem de uma maldita vez.

O medo voltou a apoderar-se delas.

Evelyn se deteve nas escadas. Olhava diretamente a Amanda.

-De um ponto de vista estatístico, estamos de sorte.

Esperou até que Amanda assentira para continuar subindo, mas por sua forma de andar se via que não estava tão segura. Respirava com dificuldade. Amanda se deu conta de que ela tinha tomado o mando. Se havia algo mau as esperando ao final das escadas, Evelyn Mitchell seria primeira em enfrentar-se a isso.

-De onde tiraste essas cifras? -Jamais as tinha ouvido e, honestamente, não lhe importavam o mais mínimo. Quão único sabia é que falar lhe impedia de vomitar.

Dos informe de violações?

-De um projeto de classe. Estou estudando estatística na Tech.

-Na Tech? repetiu Amanda. Não é muito difícil?

-É uma boa forma de conhecer homens.

Uma vez mais, Amanda não soube se estava brincando, mas tampouco lhe preocupou.

-Quantos violadores eram brancos?

-Como diz?

-No Techwood, noventa por cento são negros. Quantos violadores eram...?

-Já entendo. -Evelyn se deteve na parte de cima das escadas. Agora mesmo não o recordo, mas lhe direi isso depois. Aqui é. -Assinalou o fundo do corredor.

Todas as luzes estavam apagadas. O clarabóia desenhava sombras por todos Quarta lados andar à esquerda.

-Quer minha lanterna?

-Não acredito que sirva de muito. Está preparada?

Amanda trouxe com dificuldade. O coração de uma maçã parecia estar movendo-se no chão. Estava talher de formigas.

-Aqui não cheira tão mal disse Evelyn.

-Não.

-Imagino que, se quer urinar no chão, não faz falta que subidas cinco novelo.

-Não repetiu Amanda.

-Vamos?

Evelyn percorreu o corredor armada de valor. Amanda ficou a seu lado ao chegar à porta principal. Viu um adesivo com a letra C cravada na parede. debaixo da mira, tinha pega uma tira de papel escrita com letras maiúsculas e infantis.

-Kitty Treadwell -leu Amanda.

-A coisa se complica disse Evelyn, que respirou profundamente pelo nariz. O cheira?

Amanda teve que concentrar-se para distinguir o novo aroma.

-Vinagre?

-Não. Assim é como cheira a heroína.

-Também a provaste?

-Isso solo sabe minha cabeleireira.

Indicou a Amanda que ficasse a um lado da porta. Ela ocupou o lado contrário. Em parte, isso garantia sua segurança se alguém estava ao outro lado da porta com uma escopeta.

Evelyn levantou a mão e bateu na porta tão forte que rangeram as dobradiças. Sua voz trocou por completo era mais grave e masculina-quando gritou: “Departamento de Polícia de Atlanta!”. Viu a expressão da Amanda e lhe piscou os olhos um olho antes de voltar a chamar de novo: “Abram!”.

Amanda podia ouvir os batimentos do coração de seu coração, sua respiração ofegante. Transcorreram uns segundos. Evelyn levantou a mão de novo, mas logo a baixou para ouvir a voz amortecida de uma mulher que, desde detrás da porta, exclamou: “Deus santo”.

Ouviram-se uns passos arrastando-se no interior do apartamento. Logo o som de uma cadeia ao soltar-se. Depois uma fechadura ao girar-se. Outra fechadura.

Por último, o trinco se moveu quando se desativou o fecho.

Parecia claro que a garota que havia dentro era uma prostituta, embora levava umas anáguas finas de algodão mais apropriadas para uma menina de dez anos.

Seu cabelo loiro lhe chegava até a cintura. Sua pele era tão branca que parecia azulada. Podia ter entre vinte e sessenta anos. Tinha marcas de espetadas por todo o corpo: nos braços, o pescoço, as pernas, buracos abertos como bocas vermelhas e úmidas nas veias dos pés descalços. Os dentes que lhe faltavam davam a seu rosto um aspecto côncavo. Amanda viu como a articulação de seu ombro girava quando dobrou seus braços por cima da cintura.

-Kitty Treadwell? perguntou Evelyn.

-Que coño querem, zorras? respondeu ela com a voz rouca de fumante.

-Eu também me alegro de vê-la.

Evelyn penetrou no apartamento, que tinha o aspecto que Amanda tinha imaginado. A pia estava lotada de pratos cheios de mofo. Havia bolsas de comida por todos lados. A roupa estava pulverizada pelo chão. Havia um sofá tingido de azul em meio da habitação com uma mesinha de café

diante. Uma seringa e uma colherinha sobre uma suja toallita. Fósforos. Partes de filtros de cigarro. Havia uma bolsa pequena de pó branco ao lado de duas baratas que, ou estavam mortas, ou estavam tão penduradas que não podiam mover-se. Alguém tinha movido o forno da cozinha até o centro da habitação. A porta do forno estava aberta, com o bordo apoiado na mesita de café para sustentar o televisor que havia em cima.

-Está vendo o Dinah? perguntou Evelyn. Subiu o volume. Jack Cassidy estava cantando com o Dinah Shore. eu adoro sua voz. Viu o David Bowie a semana passada?

A garota piscou várias vezes.

Amanda comprovou que não houvesse baratas antes de acender o abajur de pé. Uma luz intensa iluminou a estadia. As janelas estavam cobertas com papel amarelo, mas solo serviam para filtrar o brilhante sol da manhã. Pode que por essa razão se sentisse mais segura dentro do apartamento que nas escadas. Seu coração começava a pulsar com normalidade. Já solo suave pelo calor que fazia.

-David Bowie repetiu Evelyn apagando o televisor. Esteve no programa do Dinah a semana passada.

Amanda afirmou o que já resultava óbvio.

-Está completamente pendurada.

Soltou um profundo suspiro. Tinham arriscado a vida por isso?

Evelyn lhe deu uns tapinhas à garota na bochecha. Sua mão soou forte ao se chocar contra a pele.

-Ouve-me, carinho?

-Eu me lavaria logo com cloro -lhe aconselhou Amanda. Vamos daqui. Se a violaram, provavelmente o merecia.

-Hodge nos enviou por algum motivo.

-Enviou a ti e a Vanessa contra-atacou Amanda. Nos tem feito perder toda a manhã.

-Fonzie -murmurou a garota. Estava falando com o Fonzie.

-Assim é disse Evelyn olhando a Amanda como se tivesse ganho um prêmio. Bowie saiu no programa do Dinah, com o Fonzie do Happy Days.

-Vi-os.

Kitty deu a volta ao sofá e se deixou cair sobre as almofadas. Amanda não sabia se era a droga ou as circunstâncias o que fazia que resultasse impossível entender o que dizia. Não soltava mais que incongruências.

-Não recordo que canção.

-Eu tampouco respondeu Evelyn. Logo indicou a Amanda que registrasse o resto do apartamento.

-O que quer que procure? Edições antigas do Good Housekeeping?

Evelyn sorriu com doçura.

-Não seria gracioso se encontrasse alguma?

-Sim, para partir-se de risada.

A contra gosto, Amanda fez o que lhe pedia, tentando não tocar com as mãos as paredes do estreito corredor enquanto se dirigia à parte de atrás. O apartamento era

maior que o seu. Tinha uma habitação separada do salão. Alguém tinha tirado a porta do armário de suas dobradiças. Havia várias bolsas de lixo de cor negra cheias de roupa. Estavam rotas. A cama era um montão de lençóis manchados e empilhadas sobre o carpete.

Embora parecia impossível, o quarto de banho era mais repulsivo que o resto do apartamento. O mofo negro se deu procuração da argamassa dos azulejos. O

lavabo e a taça serviam de cinzeiros. O cubo de lixo estava lotado de compressas e de papel do váter. O estou acostumado a estava manchado de algo que não quis saber o que era.

Aproveitando os espaços disponíveis, havia diversos produtos de beleza que para a Amanda foram a definição da ironia. Viu dois botes de laca Sunsilk, quatro botes de xampu Breck (todos começados), uma caixa aberta do Tampax, um frasco vazio do Cachet do Prince Matchabelly, dois botes abertos de nata Pond (ambos os talheres de uma capa amarelada), suficiente maquiagem para encher o mostrador do Revlon do Rich'S. Escovas, lápis, delineador líquido, máscara, dois pentes, ambos os cheios de cabelos. Três escovas de dentes muito usados saindo de um copo de Maior McCheese.

A cortina da ducha estava desprendida, o qual proporcionava às baratas da banheira uma ampla perspectiva da Amanda. Olharam-na fixamente enquanto ela se estremecia quase inverificado. Agarrou a bolsa, sabendo de que o teria que sacudir antes de meter-se de novo no carro.

Quando retornou ao salão, Evelyn tinha deixado de falar do Arthur Fonzarely³ e comentava a razão de sua visita.

-Andy Treadwell é seu irmão ou sua primo?

-Meu tio disse a garota. Amanda assumiu que se referia ao Andrew Treadwell. Que horas são?

Amanda olhou seu relógio.

-As nove em ponto. -Logo teve a necessidade de acrescentar: Da manhã.

-Mierda.

A garota procurou entre as almofadas do sofá e tirou um pacote de cigarros. Amanda observou como olhava, quase em transe, o pacote da Virginia Slims como se tivessem cansado como o maná do céu. Com lentidão tirou um cigarro. Estava dobrado. Mesmo assim, agarrou os fósforos da mesa e o acendeu com mãos trementes. Solto uma baforada de fumaça.

-ouvi que isso arbusto disse Evelyn.

-Isso espero respondeu a garota.

-Há formas mais rápidas rebateu Evelyn.

-Você fica por aqui e já as verá.

Amanda detectou um tom ameaçador em sua voz.

por que o diz?

-Os meninos lhes viram subir. Meu papaíto querará saber por que duas putas brancas devem falar comigo.

-Acredito que seu tio Andy está preocupado por ti disse Evelyn.

-Quererá me colocar a franga outra vez.

Amanda intercambiou um olhar com a Evelyn. A maioria dessas garotas afirmavam que um tio ou um pai tinham abusado delas. Nas unidades de delitos criminais as denominavam “Complexo do Edipo”. Não era correto do ponto de vista técnico, mas quase, e obviamente supunha uma perda de tempo para a polícia.

-Não me podem prender. Eu não tenho feito nada disse Kitty.

-Não queremos te prender replicou de novo Evelyn. Nosso sargento nos disse que lhe tinham violado.

-Cada um tem o que se merece concluiu Kitty. Soltoou outra baforada de fumaça, esta diretamente a suas caras.

A boa disposição da Evelyn começou a fraquejar.

-Kitty, temos que falar contigo e tomar declaração.

-Esse não é meu problema.

-De acordo. Então vamos.

Evelyn agarrou a bolsa de heroína da mesinha de café e se girou sobre seus saltos.

Se Amanda não se surpreendeu tanto de ver a Evelyn agarrar a droga, também se teria dirigido para a porta. Ao ficar quieta, viu-o tudo: viu a cara de consternação da garota, a forma em que saltou do sofá, com as unhas abertas como se fosse um gato.

Intencionalmente, Amanda levantou o pé. Não lhe fez uma rasteira, mas sim a golpeou nas costelas, enviando-a

contra o forno. Foi um golpe duro. Kitty chocou contra o televisor e rompeu a porta do forno. O televisor caiu ao chão. Os tubos estalaram e a tela se fez pedacinhos.

Evelyn olhou a Amanda totalmente perplexa.

-Estava a ponto de equilibrar-se contra ti.

-Já vejo que a paraste.

Evelyn se ajoelhou no chão, tirou um lenço da bolsa e o deu à garota.

-Putas disse Kitty arrastando as palavras. levou-se os dedos à boca e se arrancou um dos poucos dentes que ficavam. Putas de mierda.

Evelyn retrocedeu: não parecia muito sensato estar ajoelhada diante de uma prostituta enfurecida. Logo disse: - Tem que nos dizer o que aconteceu. Estamos aqui para te ajudar.

-Que vos jodan -murmurou a garota apalpando-se com os dedos o interior da boca. Amanda viu que tinha antigas cicatrizes nas bonecas de ter tentado cortá-las veias. Ihes Largue daqui.

Evelyn falou com tom cortante.

-Não faça que lhe levemos a delegacia de polícia, Kitty. Importa-me um cominho quem seja seu tio.

Amanda pensou em seu carro, e no tempo que demoraria para limpar o assento traseiro.

-Não estará pensando seriamente em... disse a Evelyn.

por que não?

-Sob nenhum pretexto vou deixar que...

-Te cale! gritou a garota. Eu nem sequer sou Kitty. Meu nome é Jane. Jane Delray.

-Pelo amor de... exclamou Amanda levantando as mãos. Todo o medo que tinha passado nas escadas se transformou em raiva. Nem sequer encontramos à garota correta.

-Hodge não nos deu nenhum nome. Solo uma direção.

Amanda negou com a cabeça.

-Não sei nem por que lhe escutamos. Leva na delegacia de polícia menos de um dia. Igual a você, por certo.

-Eu levei um uniforme durante três anos antes de que...

por que retornaste? -insistiu Amanda. vieste para trabalhar ou por algo mais?

-Você é a que quer sair apitando daqui.

-Porque esta cadela não nos vai dizer nada.

-Ouça! gritou Jane. A quem está chamando cadela?

Evelyn olhou à garota. Sua voz estava impregnada de sarcasmo quando disse: -De verdade, carinho? Quer que discutamos disso agora?

Jane se limpou o sangue da boca.

-Vocês não são do Governo.

-Brilhante dedução disse Evelyn. Mas me diga: quem do Governo te está procurando?

A garota se encolheu de ombros ligeiramente.

-Fui ao Five para tirar dinheiro de uma conta.

Evelyn se levou a mão à cabeça. Com “o Five” se referia à linha de ônibus do Five Points Station que proporcionava serviço ao escritório de assistência social.

-Tentou cobrar o pagamento de assistência estatal do Kitty.

-Não a enviam por correio?

Ambas olharam fixamente a Amanda.

-As rolhas de correios não são muito seguros nesta zona explicou Evelyn.

-Kitty não a precisa disse Jane. Nunca a necessitou. É rica. Tem uma família com muitos contatos. Por isso estão aqui, zorras.

-Onde está agora?

-Foi faz seis meses.

-Onde?

-Não sei. Desapareceu. Igual a Lucy. E que Mary. Todas desapareceram.

-São prostitutas? perguntou Evelyn.

A garota assentiu.

-Kitty também?

A garota voltou a assentir.

Amanda já tinha escutado o bastante.

-Devo anotar isso para a imprensa? Três prostitutas se partiram. Últimas notícias.

-Não se partiram -insistiu a moça. Se foram para sempre. Desapareceram. -limpou-se o sangue dos lábios. Todas vivem aqui. Suas coisas estão aqui. supõe-se que vivem aqui. Cobram seus pagamentos no Five.

-Até que você tentou cobrar suas atribuições -interrompeu Amanda.

-Vejo que não me escuta -insistiu Jane. Todas desapareceram. Lucy leva um ano sem aparecer. Esteve aqui, mas um minuto depois... estalou os dedos. Puff.

Evelyn, muito séria, disse a Amanda:

-Devemos emitir um comunicado imediatamente sobre um homem que leva uma capa e um chapéu de mago. Espera um momento. Vejamos se Doug Henning⁴ está na cidade.

Amanda não pôde conter-se e pôs-se a rir.

Todas se sobressaltaram quando a porta se abriu de repente. O pomo da porta se cravou na parede, fazendo saltar partes de estuque. O ar parecia tremer.

Um homem negro e fornido apareceu na porta. Estava ofegando porque provavelmente tinha subido correndo as escadas. Suas espessas costeletas se uniam com o bigode e a cavanhaque que rodeavam sua boca. Levava umas calças e uma camisa cor verde lima. Não havia dúvida de que era o alcoviteira do Jane. Não cabia dúvida de que estava cheio o saco.

-Que coño fazem aqui, zorras?

Amanda não podia mover-se. Parecia haver ficado de pe

-Estamos procurando o Kitty respondeu Evelyn. Conhece o Kitty Treadwell? Seu tio é um bom amigo do prefeito Jackson. -Tragou saliva. Por isso viemos.

Pediram-nos que o fizéssemos. O amigo do prefeito. Estão preocupados porque desapareceu.

O homem a ignorou e agarrou ao Jane pelo cabelo. Ela gritou de dor e lhe cravou as unhas para lhe sujeitar a mão e impedir que o arrancasse.

-O que estava fazendo? Falando com a poli, porca?

-Não lhes hei dito nada, juro-lhe isso. -Jane logo que podia falar do medo. Se apresentaram aqui.

Empurrou-a até o vestíbulo. Jane se cambaleou e se chocou contra a parede, mas conseguiu manter o equilíbrio.

-Já vamos disse Evelyn com voz tremente. Foi para a porta, lhe indicando a Amanda que a seguisse. Não queremos problemas.

O homem fechou a porta, produzindo um estrondo parecido ao de uma escopeta. Olhou a Amanda durante uns segundos e logo a Evelyn. Seus olhos irradiavam ira.

-Nosso sargento sabe que estamos aqui disse Evelyn.

O homem se deu a volta e jogou a cadeia lentamente. Logo fechou um dos fechos de segurança, depois o outro.

-Falamos por radio antes de que...

-Já te ouvi, cerda. Vejamos se o prefeito pode chegar aqui antes de que eu termine com vocês. -Agarrou a chave da fechadura e a guardou no bolso. Sua voz adquiriu um tom baixo. Vá, vejo que está muito boa.

Não falava com a Evelyn. Tinha o olhar posto na Amanda. chupou-se os lábios e começou a lhe olhar os peitos. Ela tentou retroceder, mas ele se aproximou.

As pernas da Amanda se chocaram com o braço do sofá. O homem lhe tocou a bochecha.

-Boneca, está muito rica.

Amanda tentou não enjoar-se. Agarrou a bolsa e tratou de procurar a cremalheira para tentar abri-lo.

-Pedirei reforços.

Evelyn já tinha a rádio na mão. Deu-lhe ao interruptor.

A mão do homem rodeou o pescoço da Amanda, pressionando-o com o polegar debaixo do queixo.

-A rádio não funciona aqui. Estamos muito altos para as antenas.

Evelyn lhe deu ao interruptor furiosamente, mas solo se ouvia a estática.

-Joder.

vamos divertir nos um pouco, verdade que sim, putita?

Apertou-lhe ainda mais a garganta. Amanda podia cheirar sua colônia e seu suor. Tinha uma marca de nascimento na bochecha. O cabelo do peito lhe saía pelo pescoço da

camisa. Levava uma cadeia de ouro, e uma tatuagem do Jesucristo com uma coroa de espinhos.

-Ev... resmungou Amanda.

Podia apalpar o bordo de seu revólver dentro da bolsa. Tentou lhe tirar o seguro.

-Mmmhmm gemia o fanfarrão. desabotoou-se a cremalheira das calças. Está para te comer.

-Néné, Ev... gaguejou Amanda.

O homem lhe tinha metido a mão por debaixo da saia; podia notar suas unhas lhe arranhando a carne, lhe pressionando a coxa contra ele.

Evelyn colocou a rádio em sua bolsa e jogou a cremalheira como se estivesse disposta a partir. Amanda ficou aterrorizada, mas logo soltou um grito afogado ao ver que Evelyn agarrava a bolsa pela correia com ambas as mãos e o propinaba um golpe na cabeça ao homem.

A pistola, a insígnia, as algemas, a lanterna, a rádio, o porrete, tudo junto pesava quase dez quilogramas. O fanfarrão caiu ao chão como uma boneca de trapo. O sangue começou a lhe brotar da cabeça. As borlas índias lhe tinham aberto a pele e lhe tinham provocado cortes profundos na bochecha.

Amanda tirou seu revólver da bolsa, que caiu ao chão. As mãos lhe tremiam enquanto tentava agarrá-lo. Teve que apoiar-se no braço do sofá para não cair.

-Deus santo.

Evelyn estava de pé, ao lado do homem, boquiaberta. O fanfarrão sangrava de verdade. Tinha as calças abertas.

-Meu deus -sussurrou Amanda enquanto se baixava a saia. As unhas do alcoviteira lhe tinham quebrado as meias e ainda podia notar sua mão lhe aferrando o pescoço. meu Deus.

-Está bem? perguntou Evelyn. Pôs suas mãos nos braços da Amanda. Está bem, verdade? -Pouco a pouco, agarrou o revólver da Amanda. me Dê isso, de acordo?

-E sua pistola? -Amanda ofegava com tanta força que em qualquer momento ia a hiperventilar. por que não...? por que não lhe disparou?

Evelyn se mordeu o lábio inferior. Olhou fixamente a Amanda pelo que pareceu um minuto inteiro e logo admitiu: -Bill e eu acordamos que, pelo menino, não devíamos ter uma arma carregada em casa.

As palavras se confundiam na garganta da Amanda.

-Não leva a arma carregada! gritou.

-A verdade é que... -Evelyn se passou os dedos pelo cabelo. Bom, o caso é que não aconteceu nada, não? -Soltou uma risada forçada. Não aconteceu nada.

As duas estamos bem. As duas. -Olhou ao fanfarrão de novo e acrescentou: Me parece que não é certo o que dizem sobre...

estive a ponto de me violar! Ia violar às duas!

-Estatisticamente... -A voz da Evelyn se apagou antes de admitir: Sim, é certo. É muito provável que acontecesse.

Não lhe quis dizer isso antes, mas...

-Agarrou a bolsa da Amanda do chão. Sim.

Pela primeira vez em dois meses, Amanda não sentia calor. Seu corpo estava frio.

Evelyn continuava balbuciando. Guardou o revólver da Amanda em sua bolsa e o pendurou do ombro.

-As duas estamos bem, verdade? Eu estou bem. Você também. As duas o estamos.

Viu um telefone no chão, ao lado do sofá. A mão lhe tremia tanto que lhe caiu o auricular. Pulsou repetidamente a forquilha, fazendo soar o timbre. Finalmente, conseguiu agarrar o telefone e levar-lhe à orelha.

-Chamarei à central. Os moços virão correndo. Iremos daqui. Não nos aconteceu nada, não?

Amanda piscou para tirar o suor dos olhos.

Evelyn pôs o dedo no disco do telefone.

-Sinto muito. Dá-me de falar quando me ponho nervosa. Meu marido se desespera com isso. -O disco girava de um lado a outro. O que me diz das garotas que mencionou essa puta? Reconhece algum de seus nomes?

Amanda voltou a piscar para tirar o suor. Uma série de imagens estranhas lhe passavam pela cabeça. O repugnante quarto de banho, os botes de xampu, o montão de maquiagem.

-Lucy, Mary, Kitty Treadwell disse Evelyn. Deveríamos apontar seus nomes em algum lado. Seguro que me

esquecem assim que tome uma taça. Ou dois. Ou uma garrafa inteira. -Soltou um breve suspiro. Me parece estranho que Jane estivesse preocupada com elas. Essas garotas não se preocupam com nada mais que contentar a seu fanfarrão.

Três escovas de dentes usados em um copo. O cabelo negro e comprido enredado em um dos pentes.

-Jane é loira disse Amanda.

-Eu não estaria tão segura respondeu Evelyn olhando ao homem imóvel. Leva a carteira no bolso. Importaria-te...

-Não! gritou Amanda. O pânico se voltou a dar procuração dela.

-Tem razão. Não importa. Já o identificarão na delegacia de polícia. Seguro que tem antecedentes. Olá, Linda. -A voz da Evelyn fraquejou quando falou por telefone. Estamos no dezoito de setembro. Hodge nos enviou por um código quarenta e nove, mas se converteu em um cinquenta e cinco. -Olhou a Amanda e acrescentou: Algo mais?

-Sim, lhes diga que você é um vinte e quatro.

Duke Wagner se equivocou ao dizer que Evelyn Mitchell era agressiva e teimosa. Em realidade, estava completamente louca.

2. Protagonista da série A mulher polícia, cuja atriz principal era Angie Dickinson.

3. Personagem fictício da série Happy Days interpretado pelo Henry Winkler.

4. Ilusionista canadense.

Capítulo cinco

Suzanna Ford

Na atualidade

Zanna se deixou cair de costas sobre a cama, com os pés ainda no chão. Levantou seu iPhone e olhou as mensagens. Não tinha nenhuma mensagem de texto, nem de voz, nem tampouco nenhum correio eletrônico. O muito gilipollas levava já dez minutos de atraso, mas, se ela se apresentava na planta de abaixo sem nada de dinheiro, Terry lhe chutaria o culo. Uma vez mais. Ele parecia esquecer que seu trabalho era proteger a essas perdedoras, mas jamais assumia a responsabilidade de nada.

Olhou pela janela ao centro da cidade. Zanna tinha nascido e se criou no Roswell, a meia hora e a toda uma vida de Atlanta. Desde não ser porque os edifícios tinham nomes rotulados neles, não teria nem a menor ideia do que estava olhando. O Equitable, o AT&T, o Geórgia Power. Quão único sabia é que o passaria realmente mal se seu fanfarrão não aparecia.

O televisor de plasma da parede se acendeu. Zanna tinha pressionado o mando sem dar-se conta. Viu a Monica Pearson detrás de sua mesa. Ao parecer, uma garota tinha desaparecido. Branca, loira, bonita. Se lhe ocorresse isso, lhes importaria uma mierda.

Trocou de canais, procurando algo mais interessante, mas o deixou quando passou aos três dígitos. Soltou o mando sobre a mesita de noite. Picavam-lhe os braços. Queria um cigarro, embora necessitava algo mais forte que isso.

Se pensava na metanfetamina, sentia seu sabor no fundo de sua garganta. Apesar de que o nariz lhe estava apodrecendo por dentro, não podia deixar de esnifar, nem de pensar no bolada que lhe chegava ao cérebro, nem na

forma em que a droga lhe percorria o corpo, nem em como fazia que sua vida resultasse mais suportável.

Isso não ia acontecer até ao menos dentro de uma hora. Para consolar-se, foi ao minibar e agarrou quatro botellitas de vodca. Zanna as bebeu uma atrás de outra, e logo encheu as vasilhas vazias no lavabo. Estava colocando de novo as garrafas no refrigerador quando alguém bateu na porta.

-Menos mal grunhiu.

Olhou-se no espelho. Não tinha muito mau aspecto. Ainda podia fingir que tinha dezesseis anos se as luzes não estavam acesas de tudo. Girou a varinha para fechar as persianas e apagou um dos abajures da mesita de noite antes de abrir a porta.

O homem era enorme. Quase roçava o dintel da porta com a cabeça. Suas costas era tão larga como o marco. Zanna sentiu uma quebra de onda de pânico, mas logo recordou que Terry estava na planta de abaixo, que lhe teria deixado passar, e que acontecesse o que acontecesse não teria a mais mínima importância quando as anfetamidas lhe chegassem ao cérebro.

-Olá, papaíto disse ao ver que era um homem maior.

Esperava que o pureta não utilizasse o cheque da segurança social pelos serviços. Olhou-lhe a cara, que não tinha muitas rugas, tendo em conta sua idade.

Tinha um pescoço um tanto esquelético, Entretanto, suas mãos estavam cobertas de manchas da idade. O pêlo de seus braços já tinha encanecido, mas o cabelo que ficava na cabeça era de cor castanha.

Zanna abriu a porta de par em par.

-Entra, grandalhão.

Tentou balançar os quadris ao caminhar, mas o carpete e os novos sapatos de salto não eram uma boa combinação, por isso terminou tendo que apoiar-se na parede. deu-se a volta e esperou até que entrou.

O homem se tomou seu tempo. Não parecia estar nervoso, e sabia que a essa idade não era a primeira vez que ia de putas. Mesmo assim, olhou de cima abaixo o vestíbulo antes de fechar a porta. Parecia estar em boa forma, apesar da idade. Levava o cabelo talhado ao estilo militar. Tinha os ombros quadrados. Pensou que teria estado na Segunda guerra mundial, mas logo recordou suas classes de história na escola secundária e se deu conta de que não era o bastante major para isso.

Provavelmente, no Vietnam. Muitos de seus novos clientes eram jovens que retornavam do Afeganistão. Não sabia o que era pior: quão tristes queriam fazer o amor ou os que estavam cheios de raiva e queriam infligir dano.

Foi direita ao grão.

-É poli?

Ele respondeu da forma acostuada.

-Tenho aspecto disso?

Desabotoou-se as calças sem preâmbulos. Era o último vestígio de democracia. Inclusive de patrício, um policial não podia tirá-la franga.

-Está contente?

Zanna assentiu, reprimindo um estremecimento. O homem a deixava enorme.

-Joder disse. Isso sim é uma franga.

O homem voltou a grampeá-la cremalheira.

-Sente-se disse lhe indicando uma cadeira.

Zanna se sentou, com as pernas separadas, assim teria uma boa perspectiva da cama, mas ele continuou de pé. Sua sombra se estendia por toda a habitação, chegando quase ao bordo da porta.

-Como você gosta? perguntou ela, embora teve o pressentimento de que gostava ao bruto. Tratou de encolher os ombros para parecer mais pequena do que realmente era. Sei amável comigo. Solo sou uma menina.

O lábio do homem tremeu, mas foi a única reação que obteve por sua parte.

-Como chegou até aqui?

Ela pensou que o perguntava literalmente, quer dizer, subindo Peachtree e torcendo à esquerda no Edgewood. Logo se precaveu de que se referia a seu atual emprego.

Zanna se encolheu de ombros.

-O que quer que te diga? eu adoro o sexo.

Isso é o que os clientes queriam ouvir. Isso é o que eles tentavam dizer-se a si mesmos quando separavam de seu lado e lhe atiravam o dinheiro à cara: que você adorava, que não podia viver sem isso.

-Não respondeu ele. Quero que me conte a verdade.

-Bom, já sabe.

Soprou. Sua história era muito aborrecida. Não se podia ver a televisão sem se topar com uma história similar. A ela ninguém a tinha obrigado a trabalhar na rua, nem tinham abusado dela. Seus pais estavam divorciados, mas eram boas pessoas. O problema era ela. Começou a fumar erva para que um menino pensasse que era uma tia guay. Logo aconteceu com as pastilhas porque estava aborrecida. Tinha começado a fumar anfetaminas para emagrecer. Logo foi muito tarde para fazer nada, salvo estar todo o dia pendente do próximo chute.

Sua mãe a deixou viver em sua casa até que se deu conta de que fumava algo mais que Marlboro. Seu pai lhe permitiu viver no porão até que sua nova esposa encontrou o papel sujo de fuligem que cheirava a malvavisco. Logo a encerraram em um apartamento. depois de ficar duros com ela e de dois intentos falhados de reabilitação, viu-se na rua, ganhando o salário abrindo-se de pernas.

-Me diga a verdade repetiu o homem. Como chegou a esta situação?

Zanna tentou tragar, mas tinha a boca seca. Não sabia se era pelo macaco ou pelo medo que começava a lhe dar aquele homem. Disselhe o que queria ouvir.

-Meu pai me pegava.

-Lamento ouvir isso.

-Não tive outra eleição.

Sorveu-se o nariz e olhou ao chão. Com o reverso da mão se tirou as lágrimas de crocodilo. Lhe podia ter aberto a boca como a uma jibóia de quão aborrecida era sua história.

-Não tinha aonde ir. Dormia nas ruas. Eu gosto do sexo, e me dá bem, por isso...

O homem se ajoelhou para olhá-la. Inclusive de joelhos era mais alto que ela. Zanna lhe olhou, mas logo apartou rapidamente o olhar. O que esse homem procurava era vergonha. Era dos que pertenciam à velha geração, dos que se desfrutavam com isso. Pois bem, ela podia lhe dar toda a vergonha que quisesse. Valerie Bertinelli, Meredith Baxter, Tori Spelling. Zanna tinha reconhecido esse olhar em tudo os filmes autobiográficos que tinha visto.

-Lhe sinto falta de. Isso é o mais triste disse. Voltou a olhar ao homem e piscou umas quantas vezes. Sinto falta da meu pai.

Lhe agarrou a mão e a colocou entre as suas. Zanna não pôde ver nada, salvo sua boneca. Acariciava-lhe brandamente a pele, mas se sentia apanhada. Começou a respirar com dificuldade. O medo era um instinto natural que acreditava saber controlar, mas havia algo naquele homem que acendeu tudo os alarmes.

-Não me engane, Suzanna.

A bÍlis lhe chegou à boca.

-Eu não me chamo assim. -Tentou apartar-se, mas o homem lhe aferrou a boneca. Eu não te hei dito meu nome.

-Não?

Desejava matar a aquele maldito fanfarrão. Estava claro que era um desses tipos que venderia a sua mãe por um bilhete de vinte dólares.

-O que te há dito Terry? Eu me chamo Trixie.

-Não -insistiu o homem. Você me disse que te chamava Suzanna.

Notou que a dor lhe subia pelo braço. Baixou o olhar. Tinha-lhe as duas bonecas colhidas com uma só mão. introduziu-se entre suas pernas, abandonando-a contra a cadeira.

-Não resista disse agarrando-a com a outra emano pelo pescoço. A ponta dos dedos lhe chegava até a nuca. Só quero te ajudar, Suzanna. te salvar.

-Eu não me...

Não pôde falar. Estava-a asfixiando. Não podia respirar. O pânico lhe percorreu o corpo como se estivesse recebendo uma descarga elétrica. Os olhos lhe puseram em branco. Notou que a urina lhe caía pela perna.

-te relaxe, irmana.

Tornou-se sobre ela. Seus olhos a olhavam de cima abaixo, como se não queria perder um segundo de seu medo. Esboçou um sorriso.

-O Senhor guiará minha mão.

Capítulo seis

Na atualidade. Segunda-feira

Sara percorreu a sala de urgências do hospital Grady tentando não misturar-se nos casos. Entretanto, embora se tatuasse na frente “fora de serviço”, as enfermeiras não a deixavam nem por um momento. O hospital andava muito

curto de palmilha e muito sobrecarregado de trabalho. Em seus cento e vinte anos de história, não tinha havido nem um só momento em que a oferta pudesse satisfazer a demanda. Trabalhar ali equivalia a não ter uma vida própria, justo o que ela necessitava quando aceitou o trabalho. Nnaquele tempo, naquele tempo, a verdade é que não o desejava, pois acabava de enviuvar, residia em uma cidade diferente e tratava de começar uma nova vida. Inundar-se por completo naquele trabalho tão exigente era a única forma de poder suportá-lo.

Entretanto, resultava incrível quão rápido tinham trocado suas necessidades nas duas últimas semanas.

Ou na última hora, para ser mais exatos. Sara não sabia o que estava acontecendo entre o Wíll e Amanda. Sua relação sempre a tinha desconcertado, mas a conversaço que mantiveram antes de que Amanda caísse tinha sido do mais estranha. Inclusive depois de cair, quando resultava óbvio que estava gravemente ferida, ele parecia mais interessado em interrogá-la que em ajudá-la. Sara ainda estava consternada pelo tom de sua voz. Jamais lhe tinha ouvido falar tão fríamente. Parecia outra pessoa, alguém a quem não tinha o mais mínimo desejo de conhecer.

Sara ao menos tinha podido intuir a causa dessa conversaço, embora não por dedução própria. O televisor do centro de enfermaria sempre estava aceso emitindo as notícias. Os subtítulos se deslocavam de forma mecânica dia e noite. A garota desaparecida do Geórgia Tech se converteu em uma notícia nacional graças a CNN, cuja sede estava a um passo da universidade. O vídeo da Amanda dando uma conferência de imprensa se reproduzia de forma constante, junto com jornalistas que proporcionavam dados estatísticos e esse tipo de informação desnecessária para cobrir uma programação de vinte e quatro horas.

O último que se especulava é que possivelmente Ashleigh Renee Snyder tinha simulado seu próprio seqüestro. Os estudantes que diziam ser seus amigos íntimos se apresentavam para dar detalhes de sua vida. Comentavam que suas notas tinham piorado grandemente, e que cabia a possibilidade de que estivesse oculta em algum sítio. A teoria não carecia de certo fundamento. Geórgia tinha um breve histórico de mulheres que tinham fingido ser seqüestradas, entre as que destacava a denominada “a Fugitiva Prometida”, uma mulher estúpida que tinha feito que a polícia perdesse vários dias de seu valioso tempo para procurá-la, quando se tinha oculto de seu noivo.

-Sara disse uma enfermeira que levava um relatório de laboratório. Te necessito para...

-Sinto muito. Não estou de serviço.

-Então, que narizes faz aqui?

A mulher não esperou a que lhe respondesse.

Sara olhou o tabuleiro para ver se ao Wíll tinham atribuído uma habitação. Normalmente, um caso tão singelo como uma sutura demoraria horas em ser atendido, mas antes de que Sara se ocupasse da Amanda se assegurou de que não deixassem ao Wíll abandonado na sala de espera. Tinham-lhe atribuído um dos compartimentos separados por cortinas, na parte de atrás. Sara sentiu que um calafrio lhe percorria as costas quando viu o nome do Bert Krakauer ao lado do do Wíll.

Foi à parte traseira, com um passo surpreendentemente decidido. A cortina estava aberta. Wíll estava sentado na cama. Tinha uma atadura ao redor do pé, mas o pior de tudo é que Krakauer tinha um portaagujas na mão.

-Não, não disse ela aproximando-se a toda pressa aos dois homens.

Krakauer lhe assinalou o portaagujas.

-O que acontece? Não lhe deixaram jogar com isto na Faculdade de Medicina?

Sara lhe respondeu com um sorriso tenso.

-Obrigado. Mas a partir de agora me ocupo eu.

Ele captou a mensagem, deixou o instrumental na bandeja e partiu. Sara lançou um olhar frio ao Wíll enquanto corria as cortinas.

foste deixar que te costurasse Krakauer?

por que não?

-Pela mesma razão pela que não te ficaste te apodrecendo na sala de espera.

Sara se lavou as mãos no lavabo e acrescentou:

-Se alguém entrasse em meu apartamento, deixaria que outro policial investigasse o caso?

-Eu normalmente não dedico aos roubos.

Sara se secou as mãos com uma toalha de papel. Wíll não estava acostumado a ser tão obtuso.

-O que acontece?

-Disse que necessitava uns pontos.

-Não refiro a isso respondeu ela sentando-se no bordo da cama. Te comportaste que forma muito estranha desde que chegamos aqui. É pela Amanda?

por que o diz? Há-te dito algo?

Sara teve a sensação de ter vivido essa situação antes. Tinha falado brevemente com a Amanda e lhe tinha feito a mesma pergunta sobre o Wíll.

-O que poderia me dizer Amanda?

-Nada importante. Estava delirando.

-me pareceu muito acordada. -Sara se conteve para não levá-las mãos aos quadris como uma professora zangada. Vi nas notícias o que passou ao Ashleigh Snyder.

-Encontraram-na? perguntou Wíll erguendo-se.

-Não. Acreditam que poderia ter fingido seu seqüestro. Uma de seus amigas disse que estavam a ponto de jogar a da faculdade.

Wíll assentiu, mas não disse o que pensava a respeito.

-Está trabalhando no caso?

-Não respondeu com tom cortante. Ainda estou a cargo de que os asseios do aeroporto de Atlanta estejam a salvo dos pervertidos viajantes.

por que não te ocupa do seqüestro?

-Isso terá que perguntar-lhe a Amanda.

Uma vez mais se fechava o círculo.

-Encontra-se bem? perguntou Wíll, embora parecia que o fazia por obrigação. Refiro a Amanda.

A Sara nunca lhe tinham dado bem os concursos de olhares, especialmente com alguém tão teimoso e obstinado como o homem com o que tinha estado dormindo as duas últimas semanas.

-Tem o que se chama uma fratura do Colles. O ortopedista a está tratando neste momento. Terão que engessá-la, mas ficará bem. Normalmente, com isso basta e lhe dão o alta, mas ela perdeu o conhecimento, assim é melhor que fique esta noite.

-Bem.

Wíll a olhou sem compreender. Sara tinha a sensação de estar falando com uma parede. A tensão entre os dois se podia apalpar.

Lhe agarrou a mão.

-Wíll...

-Obrigado por me dizer isso Wíll asintió.

Sara esperou que acrescentasse algo. Logo se deu conta de que faltavam sozinho doze horas para que fosse muito tarde para lhe suturar o tornozelo. ficou um par de luvas cirúrgicas. Pelo desastre que viu, precaveu-se de que Krakauer já lhe tinha limpo a ferida.

-Tem o tornozelo dormido?

Wíll assentiu.

vamos jogar lhe uma olhada.

Pressionou-lhe com os dedos ao redor da pele aberta. A laceração tinha ao menos dois centímetros de comprimento e um de profundidade. Quando lhe apertou a pele, voltou a lhe sangrar.

-Não pensava me dizer que te tinha ferido com um prego no tornozelo?

-O outro médico disse que solo necessitava uns pontos.

-O outro médico não voltará a ver seu tornozelo nunca mais.

Utilizou o pé para aproximar o tamborete e sentar-se. Agarrou o escalpelo e usou o bordo para lhe dar à brecha trincada a forma de elipse.

-Assegurarei-me de que não fique cicatriz.

-Já sabe que isso não me importa.

Sara lhe olhou. Wíll tinha cicatrizes piores em seu corpo. Era algo do que não falavam. Outra das muitas coisas das que não falavam.

-Que narizes te passa? -insistiu ela.

Wíll sacudiu a cabeça e apartou o olhar. Tinha a mandíbula desencaixada. Era óbvio que ainda seguia zangado, mas Sara não sabia por que. Não valia a pena lhe perguntar. Por muito doce e amável que fosse, tinha descoberto que era tão hermético como um am-nésico para o tétanos.

Não sabia o que fazer, salvo começar a lhe suturar a ferida. Tinha os óculos na bolsa, que devia estar no carro. aproximou-se e inseriu a agulha na carne, justo por debaixo

da pele. O fio de cromo entrava e saía enquanto ela desenhava uma só fileira de pontos interrompidos. Atirar, atar e cortar. Atirar, atar e cortar.

Tinha realizado tantas vezes esse mesmo ato durante anos que já se converteu em algo mecânico, o qual, por desgraça, deixava-lhe tempo para pensar.

Voltou a fazê-la mesma pergunta que se feito durante as duas últimas semanas: o que estava fazendo?

Gostava de Wíll. Era o primeiro homem com o que tinha estado desde que morreu seu marido. Desfrutava de sua companhia. Era divertido e inteligente, além de atrativo. Muito bom na cama. Ele tinha conhecido a sua família. Seus cães lhe adoravam, e ela ao dele. Durante as últimas semanas, virtualmente se tinha trasladado a seu apartamento, mas, de alguma forma, seguia lhe sentindo um estranho.

O pouco que lhe tinha revelado de seu passado sempre tinha tratado de adoçar o de alguma forma. Nada era muito mau. Ninguém era tão horrível. Era como se tivesse vivido uma vida de sonho. Não importavam as queimaduras elétricas e de cigarros que tinha no corpo, nem a cicatriz no lábio superior (onde a pele lhe tinha partido pela metade), nem a profunda fenda que tinha na mandíbula. Sara beijava esses rincões e os acariciava como se não existissem.

-Já temos feito a metade.

Sara o observou de novo, mas ele seguia apartando o olhar.

Fechou o último nó e agarrou uma agulha nova fileira com o Prolene. Começou a suturar a fila subcuticular,

zigzagueando o fio de um lado a outro enquanto se reprovava ter cedido ante o silêncio do Wíll.

Quando começaram sua relação, essas coisas não importavam. Wíll podia fazer coisas mais interessantes com sua boca que falar de si mesmo. Entretanto, nos últimos dias, sua reticência tinha começado a lhe incomodar. Sara começou a perguntar-se se era capaz de entregar-se mais, e se não o fazia, se ela estava disposta a conformar-se com tão pouco.

Além disso, embora estivesse disposto a lhe abrir seu coração, ainda estava o enorme problema de sua esposa. Se era sincera, temia ao Angie Polaski, e não só porque lhe deixasse notas desagradáveis no pára-brisa do carro, mas sim porque sempre estava rondando na vida do Wíll como um veneno vaporoso. O júbilo que sentiu Sara quando Wíll a levou a sua antiga vizinhança se dissipou rapidamente ao precaver-se de que todas suas lembranças tinham algo que ver com o Angie. Ele não precisava pronunciar seu nome para que Sara soubesse que estava pensando nela.

Isso o fazia perguntar-se se havia espaço para alguém mais em sua vida que Angie Polaski.

-Já está. -Sara fechou a pele e fez um nó. Terá que os ter assim duas semanas. Em casa tenho algumas tiritas resistentes à água, assim poderá tomar banho.

Darei-te um pouco do Tylenol para a dor.

-Eu tenho em casa. -olhou-se as mãos enquanto se baixava a perna da calça das calças. Provavelmente fique ali esta noite. subiu o meia três-quartos sem olhá-la aos olhos. Preciso lavar algumas camisas, fazer a penetrada, ver como está minha cadela.

Sara lhe olhou abertamente. Wíll apertava a mandíbula. via-se que tratava por todos os meios de controlar a ira. Sara não estava segura de que se devesse sozinho a Amanda.

-Está zangado comigo?

-Não.

Foi uma resposta concisa, rápida; obviamente, uma mentira.

-Como quer.

Sara lhe deu as costas enquanto se tirava as luvas. Atirou-os ao cubo de lixo, e logo começou a limpar o kit de sutura. Podia ouvir o Wíll movendo-se detrás dela, procurando provavelmente seu sapato. Sara estava acostumada ter muita paciência, mas o mau dia que levava fazia que lhe estivesse esgotando. Olhou debaixo da cama e tirou o sapato da cesta.

-Me faça um favor, carinho.

Wíll se tomou seu tempo para responder.

-Qual?

-Não fale do que passou ontem à noite, de acordo? - Arrojou o sapato em sua direção, e ele o colheu com uma só mão, o que a irritou ainda mais. Não me diga o que pensa da Amanda, nem do martelo, nem o que estava fazendo no sítio onde cresceu quando se supunha que deveria estar investigando um caso, nem, é óbvio, pelo que te disse no porão e que te deixou emocionalmente catatónico. Ao menos, mais do habitual. deteve-se para respirar. vamos ignorar o tudo, vale?

Wíll a olhou durante uns segundos antes de dizer:

-Parece-me uma idéia magnífica. ficou o sapato. Até mais tarde.

-Mais te vale.

Sara olhou o tablete digital como se pudesse ler as palavras. Seus dedos pressionavam as teclas ao azar. Tinha notado que Wíll duvidou por uns instantes, mas logo abriu a cortina. Seus sapatos se posaram no chão. Sara permaneceu cabisbaixa, contando em silêncio. Quando chegou a sessenta, levantou a cabeça.

Foi-se.

-Gilipollas disse Sara entre dentes.

Deixou o tablete sobre o mostrador. Antes se havia sentido cansada, mas agora estava muito irritada para fazer algo, salvo sentir-se furiosa. lavou-se as mãos. A água estava o bastante quente para lhe queimar a pele, mas, mesmo assim, esfregou-se com força. Havia um espelho em cima do lavabo. Tinha o cabelo feito um desastre, e algumas mancha de sangue seca na manga. Essa era a primeira noite que tinha retornado a casa vestida com sua roupa de trabalho. Durante as duas últimas semanas, tomou banho se no hospital e se trocou de traje ou se pôs algo mais favorecedor antes de ver o Wíll.

Era isso parte do problema? Pode que o assunto da Amanda fosse outro problema. Enquanto passeavam pela rua, Wíll a tinha cuidadoso com certo desdém. Ela se tinha precavido de que se fixava em sua uniforme, em seu penteado, sem lhe emprestar muita atenção. Wíll sempre ia impecavelmente vestido. Pode que pensasse que ela não merecia grande coisa. Ou pode que fosse por outra razão.

Ele a tinha visto chorando no carro. Foi isso o que lhe fez recordar? De ser assim, por que a tinha levado até o orfanato? O fato de que compartilhasse algo tão pessoal com lhe tinha feito pensar que sua relação estava avançando finalmente.

Mas ali estavam de novo, tropeçando, como se retrocedessem a passos aumentados.

-Olá.

Faith estava de pé, ao lado da cortina. A companheira do Wíll sustentava a sua filha de cinco meses com uma mão, e com a outra, uma enorme bolsa de fraldas.

-O que acontece? perguntou.

Sara foi direita ao grão.

-Tão mal estou?

-É muito mais alta que eu e pesos cinco quilogramas menos. De verdade quer que responda a essa pergunta?

-Com isso me conformo. -Sara estendeu os braços para agarrar a Emma. Deixa?

Faith continuou com o bebê em braços.

-Não acredito que queira estar perto desta coisa. vou ter que lhe pegar um adesivo de perigo em sua fralda.

O aroma era repugnante, mas, mesmo assim, Sara agarrou à menina. Resultava muito agradável sustentar a uma menina sã nos braços.

-Imagino que terá vindo para ver a Amanda. -O marido da Sara tinha sido polícia e ela conhecia muito bem as normas.

Se um deles estava no hospital, todos iam a seu lado. Wíll acaba de partir.

-Surpreende-me que tenha vindo. Odeia este lugar. -Faith agarrou um fralda e algumas toallitas da bolsa. Sabe o que aconteceu a Amanda?

caiu sobre a boneca. Terá que levar um estuque durante um tempo, mas se encontra bem.

Sara pôs a Emma na cama. Faith provavelmente pensaria que estava trabalhando. Esse era um dos problemas que havia com os segredos do Wíll: ela também tinha que guardá-los. Não podia lhe contar o que tinha acontecido sem lhe revelar por que ela mesma tinha estado no mesmo lugar.

-Já estão aqui.

Faith assinalou a um grupo de mulheres maiores apinhadas no centro de enfermaria. Salvo uma espantosa mulher afroamericana que levava um lenço rosa ao redor do pescoço, as demais foram vestidas com calças monocromáticas, levavam o mesmo corte de cabelo e andavam com as costas erguida.

-As abuelitas explicou Faith. Minha mãe e Roz já estão com a Amanda. Estou segura de que estarão contando histórias de guerra até que amanheça.

Sara limpou a Emma. A menina se moveu. Lhe fez cócegas no estômago.

-Como vai com sua mãe em casa?

-Refere-te a que se tiver sentido desejos de estrangulá-la?
-Faith se sentou em um tamborete. Tenho dez minutos para

mim mesma, como muito, cada manhã antes de que Emma se levante. Logo lhe dou de comer, visto-a, café da manhã, arrumo-me e começo minha jornada trabalhista onde não faço outra coisa que responder ao telefone e falar com idiotas que não param de me contar mentiras. Assim todo o dia, até a manhã seguinte.

Faith se deteve e a olhou.

-Minha mãe se levanta às cinco em ponto da manhã. Ouço-a pinçar na planta de abaixo, cheiro o café e os ovos, e então baixo à cozinha. Ela é toda alegria e não pára de falar do que tem pensado fazer durante o dia, e do que viu nas notícias da noite anterior, e do que quero que me prepare de café da manhã, e para o jantar... Te juro Por Deus, Sara, que acabarei por estrangulá-la.

-Eu também tenho mãe e te compreendo. -Sara pôs um fralda novo debaixo da menina. Emma levantou os pés para dá-la volta. O que faz enquanto Wíll está no aeroporto?

-Pensava que sabia.

-Que sabia o que?

-Amanda lhe atribuiu o serviço dos asseios para que eu tivesse os dias livres e pudesse levar a minha mãe a sua entrevista com o fisioterapeuta. -Faith se encolheu de ombros. Não é a primeira vez que mamãe ou Amanda se saltam as regras para fazer um favor.

-Amanda não o está castigando pelo cabelo?

-O que acontece com seu cabelo? Sinta-lhe muito bem.

Uma vez mais, a capacidade do Wíll para compreender às mulheres era do mais aguda.

-Não compreendo essa relação.

-A qual te refere? A da Amanda e Wíll, ou a do Wíll com o mundo?

-Nenhuma das duas.

Sara grampeou o fralda a Emma. Acariciou-lhe com os dedos a cara; a menina sorriu, mostrando duas manchas brancas diminutas nas gengivas onde lhe começavam a sair os dentes. Os olhos da Emma se posaram em seus dedos enquanto ela a acariciava de cima abaixo.

-Já está começando a ser uma pessoa de verdade.

-Nos últimos tempos, ri muito de mim. Intento não tomar o pessoalmente.

Sara agarrou em braços à menina e lhe rodeou o pescoço com o braço.

-Quanto tempo leva Wíll trabalhando com a Amanda?

-Que eu saiba, toda sua carreira. Negociação de reféns, narcóticos, crimes especiais.

-É normal ter o mesmo chefe toda sua carreira?

-A verdade é que não. Os policiais são como os gatos. Preferem trocar de proprietários que de casa.

Sara não podia imaginar ao Wíll solicitando que o transladassem com a Amanda. Jamais a elogiava, e ela parecia deleitar-se torturando-o. E, como sempre, ele se negava a trocar, coisa que ela devia tomar-se como uma advertência.

-Bom, agora me toca perguntar disse Faith cruzando os braços. Quando o vais agarrar por banda e lhe dizer que peça o divórcio?

Sara esboçou um sorriso.

-É muito tentador.

-Então, a que esperas?

-Os ultimato nunca funcionam. E não quero ser a razão de que deixe a sua esposa.

-Ele quer deixá-la.

Sara não disse o que era óbvio: se ele queria o divórcio, porque o pedisse.

Faith soprou.

-Provavelmente não deveria escutar os conselhos de uma mulher que nunca se casou e que tem um filho na universidade e outro com fraldas.

Sara se Rio.

-Não te infravalorize.

-Bom, não parece que os homens bons façam fila para sair com uma agente de polícia... E a verdade seja sorte: não me atraem para nada os gilipollas inúteis que querem casar-se com uma agente de polícia.

Sara não podia discutir com ela. Não havia muitos homens com o temperamento adequado para sair com uma mulher que podia prendê-los.

falou Wíll contigo? disse Faith trocando de tema. Refiro a se te falou que ele. Há-te dito algo?

-Pouca coisa. -De um modo irracional, Sara se sentiu culpado, como se fosse culpa dela que Wíll fosse tão hermético. Acabamos de começar a sair.

-Tenho uma larga lista de perguntas na cabeça -admitiu Faith. O que passou com seus pais? Onde estava quando ultrapassou a idade para estar no sistema?

Como conseguiu ir à universidade? Como ingressou no GBI? -Observou a Sara, que se encolheu de ombros. Logo prosseguiu: Estatisticamente, os meninos que estiveram sob o amparo do Estado têm oitenta por cento de possibilidades de ser presos antes de cumprir os vinte e um. Sessenta por cento terminam na prisão.

-Acredito que tem razão.

Sara se tinha topado muitas vezes com casos assim na sala de urgências. Um dia os estava tratando por uma dor de ouvidos, e ao seguinte os via algemados a uma maca esperando que os levassem a prisão. O fato de que Wíll tivesse quebrado esse padrão tão destrutivo era uma das coisas que mais admirava. Tinha saído adiante apesar do ter tudo em contra.

Estava segura de que não gostaria que falasse disso com o Faith, assim decidiu trocar de tema.

-Está trabalhando no caso do Ashleigh Snyder?

-Oxalá. Mas não acredito que haja muitas esperanças. Não saiu ainda nas notícias, mas tem desaparecido um tempo, e os que dizem chamar-se seus amigos e que aparecem na televisão não têm nem idéia de onde se encontra.

-Quanto tempo?

-Desde antes da primavera.

-Isso foi a semana passada. -Na sala de urgências se notou um incremento de casos de intoxicação etílica e de psicose induzidas pelas drogas. Ninguém se deu conta de que tinha desaparecido?

-Seus pais acreditavam que se partiu ao Redneck Revisse, e seus amigos pensavam que estava com seus pais. Sua companheira de habitação demorou dois dias em denunciar seu desaparecimento. Imaginou que tinha conhecido a um menino e não queria ter problemas.

-Então, não há possibilidade alguma de que esteja fingindo o seqüestro?

-Havia muito sangue em seu dormitório, no travesseiro, no carpete.

-E a sua companheira de habitação não lhe resultou estranho?

-Meu filho tem a mesma idade. São profissionalmente obtusos. Duvido que lhe resultasse estranho que uma espaçonave aterrissasse em sua frente. -Faith voltou para a conversa anterior. Pode olhar o histórico médico do Wíll?

Sara ficou um tanto perplexa pela pergunta.

-Seus arquivos juvenis estão selados -acrescentou Faith, mas tem que haver algo no Grady, de quando era menino.

Um sentimento de profunda vergonha percorreu o peito e o rosto da Sara. Em certa ocasião, ela também tinha

pensado em olhar o histórico, mas o sentido comum se impôs.

-É ilegal acessar sem permissão aos históricos da gente. Por outro lado...

Sara deixou de falar. Não estava sendo totalmente sincera. Ela tinha entrado no Departamento de Históricos; uma das secretárias lhe tinha tirado seu expediente como paciente. Sara não tinha aberto a pasta, embora o nome que aparecia na etiqueta era o do Wílbur Trent. Em sua placa, entretanto, dizia que se chamava Wílliam Trent. Sara a tinha visto a outra noite, quando abriu a carteira para pagar o jantar.

Então, por que Amanda lhe tinha chamado Wílbur?

-Olá? -Faith estalou os dedos. Está aí?

-Sinto muito. Fiquei-me embevecida. -Sara sujeitou à menina com o outro braço. Tratou de recordar do que estavam falando. Não penso lhe espiar. -Isso, ao menos, era certo. Sara queria saber coisas do Wíll porque eram amantes e esperava que ele as contasse, não porque ela sentisse um desejo morboso. Já me dirá isso quando estiver preparado.

-Porque tenha sorte. Enquanto isso, se averiguar algo que valha a pena, diga-me isso.

Sara se mordeu o lábio enquanto olhava ao Faith. O entristecedor desejo de chegar a um acordo começou a surgir em seu interior. Amanda apresentando-se no orfanato com um martelo, a raiva inexplicável do Wíll, seu repentino desejo de ficar sozinho.

Faith era muito lista. Tinha trabalhado como detetive de Homicídios no corpo de polícia de Atlanta antes de converter-se em agente especial do GBI. Levava dois anos sendo a companheira do Wíll. Sua mãe era uma das velhas amigas da Amanda. Se Sara lhe contava o que tinha acontecido no orfanato aquela noite, ela poderia lhe ajudar a encaixar as peças.

Mas então perderia ao Wíll para sempre.

-Faith. Me alegro de que sejamos amigas. Cai-me muito bem. Mas não posso falar com costas do Wíll. Quero que saiba que eu estarei sempre a seu lado.

Faith tomou melhor do que esperava.

-É muito sã para manter uma relação com um policial. Especialmente com o Wíll.

Ela também tinha pensado que possivelmente fora melhor não seguir mantendo aquela relação, mas disse: -Obrigado por compreendê-lo.

Faith saudou uma mulher maior que estava no posto de enfermaria. Não levava traje calça, a não ser calças jeans e uma blusa estampada, mas tinha o inconfundível aspecto de polícia, algo que se percebia em sua forma de olhar a seu redor, descartando aos homens bons e fixando-se nos maus. A mulher lhe devolveu a saudação, olhou o tabuleiro de pacientes e logo se dirigiu à habitação da Amanda.

-Treinou-se com o Mossad depois do 11-S disse Faith. Tem dois filhos e três netos. divorciou-se cinco vezes, dois do mesmo homem. E conseguiu todo isso sem ficar um traje calça. Ela é meu modelo disse Faith com tom reverencial.

Sara embalou a Emma para lhe ver a cara. Desprendia um aroma suave e intenso, uma mescla de fraldas e suor.

-Sua mãe é também um bom exemplo.

-Somos muito diferentes disse Faith encolhendo-se de ombros. Minha mãe é tranqüila, metódica, sempre parece o ter tudo sob controle, e eu sou imprevisível.

A avaliação era um tanto estranha vindo de uma mulher que sempre levava uma escopeta carregada no porta-malas do carro.

-Eu me sinto segura sabendo que está com o Wíll. -Faith nunca se daria conta do elogio que acabava de lhe fazer. Acredito que sabe reagir quando te vê ameaçada.

-Sim, quando não perco os nervos. -Assinalou a habitação da Amanda. Se explorasse uma bomba neste momento, assim que se posasse o pó, veria que todas elas permanecem no mesmo sítio, com a pistola na mão e dispostas a matar aos terroristas.

Sara tinha visto a Amanda em algumas situações perigosas e o que dizia Faith era tal qual: não o duvidava nem um instante.

-Minha mãe me disse que, quando ingressaram no corpo, a primeira pergunta que lhe faziam no polígrafo era sobre sua vida sexual. Eram vírgenes? Se não o eram, com quantos homens tinham estado? mais de um ou menos de três?

-Isso é legal?

-Tudo é legal se te sair com a tua disse sonriendo de orelha a brinca. A minha mãe perguntaram se ingressava no

corpo para ter sexo com os policiais, e ela lhe respondeu que isso dependia de quão bonito fosse o agente.

-E o que me diz da Amanda? -Sua queda no porão lhe tinha feito recordar seus primeiros tempos no corpo. Foi sempre polícia?

-Que eu saiba, sim.

-Alguma vez trabalhou nos serviços infantis?

Faith aguçou o olhar. Sara pôde ver como alguma mola se acendia em sua mente de polícia.

-Aonde quer ir parar?

Sara manteve sua atenção na Emma.

-Solo é curiosidade. Wíll não me falou muito dela.

-Nem o fará respondeu Faith, como se ela necessitasse que o recordasse. Cresci com a Amanda. Esteve saindo com meu tio durante anos, mas o muito idiota jamais lhe pediu que se casasse com ele.

-Alguma vez se casou? Não tem filhos?

-Não pode os ter. Sei que o tentou, mas não pôde.

Sara tinha a vista fixa na Emma. Isso era uma coisa que compartilhava com a Amanda Wagner, e não era algo do que gostasse de presumir.

-Lhe imagina como mãe? Melhor estaria com o Casey Anthony.⁵

Emma soluçou. Sara lhe acariciou a barriga. Sorriu ao Faith. Desejou falar com ela, mas não podia. Fazia muito

tempo que Sara não se sentia tão isolada.

Sempre podia chamar a sua mãe, mas não estava de humor para que lhe jogasse um sermão sobre o bem e o mal, sobre tudo porque ela percebia claramente a diferença, o que a fazia sentir-se menos a vítima de um amor apaixonado e mais alguém que se resignou a ser uma mulher total. Isso foi justamente o que Cathy Linton lhe disse: por que vai dar tudo a um homem que não te dará nada em troca?

foste você ou Emma? perguntou Faith.

Sara se deu conta de que tinha solto um grunhido.

-Eu. Estava pensando que minha mãe tinha razão em algo.

-Eu odeio quando isso me acontece respondeu Faith erguendo-se. Falando de...

Evelyn Mitchell estava de pé, ao lado do centro de enfermaria. Tinha o mesmo estilo que seus amigas: traje calça, corpo esbelto e uma postura perfeita, apesar de necessitar muletas. Resultava óbvio que procurava a sua filha.

Faith se levantou a contra gosto.

-O dever me chama.

Arrastou os pés enquanto se dirigia para o mostrador de enfermaria.

Sara levantou a Emma e lhe tocou o nariz. A menina lhe ensinou ambas as gengivas, gemendo de prazer. Se alguém questionava o boa mãe que era Faith Mitchell, solo tinha

que olhar a sua filha. Sara beijou as bochechas da Emma, que sorriu. uns quantos beijos mais e soltou uma gargalhada. Deu uma série de pataditas no ar.

Sara a beijou de novo.

-Seu o que? gritou Faith.

A voz retumbou na sala de urgências. Mãe e filha olharam abertamente a Sara. Da distância, podia-se dizer que eram as gemas. Ambas tinham o mesmo peso e a mesma estatura, o mesmo cabelo loiro e os mesmos ombros. Faith tinha uma expressão preocupada, mas Evelyn se mostrava tão imperturbável como de costume. A mulher maior disse algo. Faith assentiu antes de dirigir-se a Sara.

-Sinto-o disse agarrando em braços a Emma. Tenho que partir.

-Vai tudo bem? perguntou ela lhe dando à menina.

-Não sei.

-Trata-se do Ashleigh Snyder?

-Não. Bom, sim.

Faith abriu a boca, mas logo a fechou. Era óbvio de que passava algo mau, pois Faith não se surpreendia facilmente, e Evelyn Mitchell não era o tipo de pessoa que proporcionava informação.

-Está-me assustando, Faith. Passa-algo ao Wíll?

-Não... -Se deteve. Não posso... -Fez uma pausa de novo. Apertou os lábios até formar uma magra linha. Finalmente

disse: Tinha razão, Sara. Temos que separar algumas costure.

Pela segunda vez aquela noite, ocultavam-lhe um segredo e lhe davam as costas.

5. Casey Anthony foi acusada de assassinar a sua filha de dois anos.

Capítulo sete

Sextafeira 11 de julho de 1975

Amanda leu o livro de texto sobre estudos de mulheres, assinalando os parágrafos que precisava saber para sua classe noturna. Estava sentada no assento do copiloto do Plymouth Fury do Kyle Peterson. A rádio de polícia estava acesa, mas fazia muito tempo que tinha aprendido a desconectar-se e emprestar atenção às chamadas pertinentes. Deu-lhe a volta à página e começou a ler a seção seguinte.

Para conhecer os efeitos de comprimento alcance do sistema de género/sexo, primeiro se deve dismantelar a hipótese fálica em relação com o inconsciente.

-Vá tecido -suspirou. Qualquer sabia o que significava aquilo.

O carro se cambaleou quando Peterson se deu a volta no assento traseiro. Amanda olhou pelo retrovisor, desejando que não despertasse. Essa manhã já tinha perdido quase uma hora tirando-se suas mãos de cima, e logo outra meia hora desculpando-se para que deixasse de resmungar. Graças a Deus, a cigareira que ele levava no bolso tinha

bastado para lhe deixar nocauteado, ou não teria tido tempo para ler seus deveres.

E não é que não entendesse o que tinha escrito. Alguns dos parágrafos eram claramente obscenos. Se essas mulheres tivessem tantas vontades de saber como funcionavam suas vaginas, deveriam começar a depilá-las pernas e encontrar um marido.

A rádio emitiu um som seco. Amanda ouviu a voz entrecortada de um homem. Na cidade havia poucos sítios sem cobertura, mas esse não era o problema. Um agente negro estava pedindo reforços, coisa que significava que os agentes brancos tratavam de bloquear a transmissão pressionando os botões de seus microfones. Uma hora depois, um agente branco chamaria solicitando ajuda e os negros se comportariam igual.

E logo alguém do Atlanta Journal ou do Constitution escreveria um artigo perguntando-se por que recentemente haviam repuntado os delitos.

Amanda olhou ao Peterson de novo. Tinha começado a roncar. Tinha a boca aberta sob seu emaranhado e comprido bigode.

Leu o parágrafo seguinte, mas nada mais terminar lhe esqueceu o que dizia. Estava tão cansada que lhe nublava a vista. Ou pode que fosse a irritação. Oxalá não voltasse a ler as palavras “ginecocrático” e “patriarcado”. Deveriam enviar a Glória Steinem⁶ ao Techwood Homes e já veríamos se seguia pensando que as mulheres podiam dirigir o mundo.

Techwood.

Amanda sentiu que o medo lhe subia como a bÍlis. Ainda notava as mãos do fanfarrão lhe apertando o pescoço, sua ereção ao estreitá-la contra ele, suas unhas quando tentava lhe baixar as médias.

Apertou os dentes, esperando que o coração se acalmasse. Respirou profundamente. Inspirou e exaltou, pouco a pouco. “Uma..., dois..., três...”. Contou os segundos. Demorou alguns minutos em afrouxar a mandíbula e respirar com normalidade.

Amanda não tinha visto a Evelyn Mitchell nos últimos quatro dias, desde que viveram aquela horrível experiência. Não se tinha apresentado à recontagem e seu nome não aparecia na lista. Nem sequer Vanessa pôde encontrá-la. Amanda esperava que Evelyn tivesse recuperado a sensatez e tivesse retornado a sua casa para cuidar de sua família. Para a Amanda já era bastante duro ter que levantar-se da cama todas as manhãs. Não podia imaginar o medo que haveria sentido se tivesse que deixar a sua família, conhecendo o mundo no que entrava.

Entretanto, Evelyn não foi a única agente que tinha desaparecido. Ao novo sargento, Luther Hodge, também o tinham transladado sumariamente. Substituiu-o um homem branco chamado Hoyt Woody. Era do norte da Geórgia; seu acento camponês resultava de tudo ininteligível, em parte porque nunca se tirava o palito de dentes da boca. As tensões na brigada seguiam ali, mas eram as habituais. Todo mundo se sentia mais cômodo com o conhecido.

Ao menos o desaparecimento do Hodge não tinha sido total. Vanessa fez algumas chamadas e averiguou que o tinham transladado a um dos distritos policiais do Model City. Isso não só supunha um retrocesso em sua carreira, mas sim além o tirava do círculo da Amanda. Por desgraça,

não tinha o valor de lhe visitar em sua nova central e lhe perguntar por que as tinha enviado ao Techwood Homes para cumprir esse encargo tão estúpido.

E não é que ela não pudesse fazer esses encargos tão inúteis. Os últimos dias se debateu entre suas vontades de esquecer tudo o que aconteceu Techwood e sua curiosidade, que não o permitia. Suas noites de insônia não só estavam cheias de temores, mas sim de perguntas.

Amanda queria relacioná-lo com uma curiosidade de polícia, mas a verdade é que era mas bem uma questão de intuição feminina. A prostituta que tinha visto no apartamento do Kitty Treadwell lhe tinha feito ver que algo estava acontecendo, que algo não ia bem. Podia-o sentir em suas vísceras.

Por isso tinha feito algumas indagações que a exasperaram ainda mais. Estúpidas pesquisas que provavelmente fariam que voltasse com seu pai e se metesse em problemas, não com o Duke, a não ser com os altos cargos do corpo de polícia.

Fechou o livro de texto. Não tinha estômago para ler a refutação do Phyllis Schlafly à emenda sobre a Igualdade de Direitos. Estava cansada e farta de que mulheres que nunca tinham que pagar o aluguel de suas casas lhe dissessem como devia viver sua vida.

-Como vai?

Amanda se sobressaltou tanto que quase estrela o livro contra sua cara. Primeiro mandou calar a Evelyn Mitchell, e logo se girou para olhar ao Peterson.

-Sinto-o -sussurrou Evelyn. Pôs a mão no ponteiro de relógio da porta, mas Amanda baixou o seguro. Evelyn

permaneceu fora do carro, imóvel. Sabe que o guichê está baixada, verdade?

Vanessa Livingston, que estava detrás dela, soltou uma risita.

Amanda, a contra gosto, abriu a porta e saiu do carro.

-O que quer? -sussurrou.

-Estamos negociando. Você pela Nessa respondeu Evelyn também sussurrando.

-De maneira nenhuma.

Aos chefes não importaria, mas Amanda não queria voltar a ter nunca mais de companheira a Evelyn Mitchell. girou-se para subir de novo ao carro, mas Evelyn a agarrou do braço e Vanessa se adiantou, ocupou o assento e fechou cuidadosamente a porta.

Amanda ficou no estacionamento vazio, desejando lhes dar uma bofetada às duas.

Evelyn se dirigiu a Vanessa.

-Voltaremos dentro de umas horas.

-Demora o que queira respondeu Vanessa olhando ao Peterson. Não acredito que vá a nenhum sítio.

Evelyn utilizou o dedo para dar um golpecito no nariz, ao estilo do Robert Redford no golpe. Vanessa fez o mesmo.

-Isto é absurdo resmungou Amanda, que entrou no carro para agarrar a bolsa e o livro.

-Vamos, te animem disse Evelyn. Pode que encontremos um pouco divertido.

Evelyn conduziu sua Ford Falcon pelo North Avenue. A caminhonete estava vazia de caixas de embalar, mas tinha alguns artigos infantis. Salvo pela rádio que descansava no assento entre elas, não havia nada que indicasse que uma agente de polícia conduzia aquele automóvel. Notou que o vinil do assento pegava às pernas, e, como era filha única, não tinha primos e logo que estava acostumado a estar com meninos, não pôde evitar pensar que Zeke Mitchell tinha segregado alguma substância repugnante no assento.

-Bonito dia disse Evelyn.

Devia estar de brincadeira. O sol do meiodia era tão intenso que lhe choravam os olhos e teve que proteger-lhe.

Evelyn agarrou sua bolsa e ficou os óculos de sol.

-Acredito que tenho outro par disse rebuscando na bolsa.

-Não, obrigado.

Amanda tinha visto o mesmo tipo de óculos no Richway. Custavam ao menos cinco dólares.

-Como quer.

Evelyn fechou sua bolsa. Conduzia como uma anciã, parando-se nos semáforos amarelos, deixando passar a todo mundo. Tinha um pé no acelerador e o outro no freio. Quando chegaram à entrada do Varsity, estava a ponto de agarrar o volante e jogá-la do carro.

-Tranqüila.

Com grande concentração, colocou o Falcon em um estacionamento que estava perto da entrada ao North Avenue. Os freios chiaram quando pisou no pedal, avançando lentamente até que notou que as rodas se chocavam contra a barreira. Ao final, jogou o freio de mão. O motor estralou ao apagar o contato, e o carro se cambaleou.

Evelyn se girou e olhou de frente a Amanda.

-Bem?

-Para que me trouxeste aqui? Eu não tenho vontades de comer.

-Acredito que prefiro que não me fale.

-Seus desejos são ordens para mim replicou Amanda. Mas não pôde conter-se. Quase consegue que me violem.

Evelyn se apoiou contra a porta.

-Em minha defesa, diria que foram violar às duas.

Amanda sacudiu a cabeça. Evelyn parecia incapaz de tomar-se nada a sério.

-Mas saímos bem paradas -acrescentou.

-Te economize sua energia positiva.

Evelyn ficou calada. Voltou a girar-se. Tinha as mãos no regaço. Amanda observava o tabuleiro com os menus. As palavras se misturavam sem sentido. Mentalmente, enumerou todas as coisas que tinha que fazer antes de deitar-se. quanto mais pensava nisso, mais trabalho lhe

custava. Estava muito cansada para fazer nada. Inclusive para estar ali.

-Joder, garota disse Evelyn com voz profunda, imitando o tom grave do fanfarrão. Está muito boa.

Amanda apoiou o livro de texto em seu regaço.

-Basta.

Evelyn, como era de esperar, fez caso omisso.

-Está para te comer.

Amanda apartou a vista e se levou a mão ao queixo.

-Por favor, te cale.

-Deixa que te agarre esse formoso culo.

-Pelo amor de Deus balbuciou de raiva Amanda. Ele não disse isso!

Tremiam-lhe os lábios, mas, pela primeira vez em quatro dias, não era porque estivesse contendo as lágrimas.

-Mmmhmm continuou Evelyn, provocando-a e movendo os quadris obscenamente no assento. Está muito boa.

Amanda não pôde evitar que seus lábios se levantassem e, de repente, pôs-se a rir. Por muito que o tentava, não podia controlar-se. Sua boca se abriu de par em par. Notou que a pressão diminuía, e não só pelo som, mas sim pelo ar que tinha apanhado em seus pulmões como um veneno. Evelyn também ria, o que resultava o mais gracioso de tudo. Não demoraram muito em estar as duas dobradas sobre seus assentos com as lágrimas lhes correndo pelas bochechas.

-Boa tarde, senhoritas. -O garçom apareceu no guichê da Evelyn. Tinha o gorro inclinado graciosamente a um lado. Colocou um cartão no pára-brisa e lhes sorriu como se participasse da brincadeira. O que vão tomar?

Amanda se secou as lágrimas dos olhos. Pela primeira vez desde fazia alguns dias, tinha fome.

-Me traga um Glorified Steak e uns aros de cebola. E uma vitamina.

-Eu tomarei o mesmo. Mas acrescenta uma empanadilla disse Evelyn.

-Espera. me traga para mim também outra.

Evelyn ainda se estava rendo quando o garçom se foi.

-Deus santo. -Suspirou. Deu-lhe um golpecito ao espelho e utilizou a ponta do mindinho para arrumar o delineador de olhos. Deus santo. Não pude pensar em comer desde que... -Não teve que terminar a frase. Nenhuma das duas teria que terminar aquela frase nunca mais.

-O que te há dito seu marido? perguntou Amanda.

-Há coisas que não compartilho com o Bill. Lhe gosta de pensar que sou como a agente 99, sempre segura enquanto Max Smart faz o verdadeiro trabalho. -Soltou uma breve gargalhada. E não anda desencaminhado. Nessa estúpida série, nem sequer dizem seu nome. É sozinho um número.

Amanda não respondeu. Parecia um capítulo de seu livro sobre os estudos das mulheres.

Evelyn esperou uns instantes.

-E o que disse seu pai?

-Não estaria aqui se o tivesse contado. -Amanda agarrou o bordo do livro. Ao Hodge o transladaram ao Model City.

-E onde crie que estive eu?

Amanda ficou boquiaberta.

-Atribuíram ao Model City?

-Hodge nem sequer me dirige a palavra. O primeiro que faço todas as manhãs é ir a seu escritório, lhe perguntar o que aconteceu, a quem enchemos o saco, por que enviou ao Techwood, e todos os dias me joga de seu escritório.

Amanda não pôde evitar sentir-se impressionada pelo desparpajo da Evelyn.

-Crie que lhe castigaram? perguntou. Não acredito. Os chefes não me transladaram, e eu estava ali contigo.

Evelyn parecia ter sua própria opinião sobre o assunto, mas preferiu guardar-lhe para si.

-Os moços se encarregaram do fanfarrão esse.

Amanda sentiu que o coração lhe dava um tombo.

-Não o há dito a ninguém?

-É óbvio que não, mas não faz falta ser Colón para sabê-lo: um fanfarrão sangrando no chão com a assume fora e nós dois a ponto de sofrer um ataque ao coração.

Tinha razão. Evelyn as tinha salvado, ao deixá-lo nocauteado à espera da chegada da cavalaria.

-Deixaram-no sair com tempo suficiente para podê-lo prender de novo. Ao parecer, resistiu à autoridade. Deram-lhe um passeio pelo Ashby Street e acabou no hospital.

-Parece-me muito bem. Assim aprenderá.

-É possível disse Evelyn dúbia. Disse que eu fiquei com os braços cruzados enquanto ele te violava, esperando meu turno.

-Provavelmente, lhe tenha ocorrida centenas de vezes. Já viu o Jane. Estava aterrorizada.

Evelyn assentiu pouco a pouco.

-Dwayne Mathison. Esse é seu verdadeiro nome. foi acusado um par de vezes por maltratar a suas garotas. Normalmente, garotas brancas; mulheres altas, loiras, que estavam acostumados a ser atrativas. faz-se chamar Juice.

-Como o jogador de rugby?

-Sim, solo que alguém ganhou o troféu Heisman e ao outro gosta de pegar às mulheres.

Evelyn lhe deu uns golpecitos ao livro de texto da Amanda e acrescentou: -Surpreende-me.

-Ela tampou o livro com ambas as mãos, envergonhada.

-É um curso obrigatório.

-Mesmo assim, não está mal saber o que acontece em outros sítios.

Amanda se encolheu de ombros.

-Isso não trocaria as coisas.

-Não crie que seja inevitável? Olhe o que passou com os negros disse assinalando o restaurante. Nipsey Russell estava acostumado a passá-las horas atirado na calçada e agora lhe vê em televisão a todas as horas.

Era certo. Amanda não sabia o que mais enchia o saco a seu pai, se ver o Russell em todos os concursos ou topa-se com a Monica Kaufman, a nova apresentadora negra no Canal 2 todas as noites.

-O prefeito Jackson não o está fazendo tão mal. pode-se dizer o que se queira sobre o Reggie, mas a cidade não se derrubou. De momento.

O garçom retornou com a comida. Passou a bandeja pelo guichê da Evelyn. Amanda agarrou sua bolsa.

-Deixa, eu pago disse Evelyn.

-Não necessito que...

-Considera-o uma forma de comprar seu perdão.

vais necessitar algo mais que isso.

Evelyn contou os bilhetes e deixou uma generosa gorjeta.

-O que vais fazer amanhã?

Se ia ser um sábado como outro qualquer, passaria-o limpando a casa de seu pai, logo seu apartamento e depois dando uma volta com a Mary Tyler Moore, Bob Newhart e Carol Burnett.

-Ainda não o pensei.

Evelyn lhe passou sua comida.

por que não vem a casa? vamos fazer um andaime.

-Tenho que olhar minha agenda respondeu Amanda, embora sabia que seu pai não o passaria. De fato, já lhe preocupava que se inteirasse de algo. Deliberadamente, todas as manhãs dessa semana a tinha estado advertindo de que se mantivera afastada da Evelyn Mitchell. Mas obrigado pelo convite.

-Bom, já me dirá. eu adoraria que conhecesse o Bill. É tão... -Sua voz adquiriu um tom romântico. É o melhor. Estou segura de que você gostará.

Amanda assentiu, sem saber o que dizer.

-Você sai muito?

-Todo o tempo respondeu ela em brincadeira. Aos homens adoram quando descobrem que é polícia. -Disse-o em tom sarcástico, dando a entender que saíam apitando pela porta. Logo acrescentou: De todas formas, agora estou muito ocupada para sair. Estou tentando acabar minha carreira. Tenho muitas coisas que fazer.

Evelyn entendeu o que queria dizer.

-Quando trabalha com gilipollas como Peterson, se esquece o que é um homem amável e normal disse. Também os há bons. Não deixe que os neandertales lhe afundem.

-Mmmm disse Amanda levando uma batata frita à boca, e logo outra, até que Evelyn fez o mesmo.

Comeram em silêncio, deixando os copos sobre o salpicadero enquanto sujeitavam as vasilhas no regaço. Isso era justo o que Amanda necessitava: um hambúrguer e

umas gordurentas batatas fritas. A vitamina de chocolate estava tão doce como uma sobremesa, mas se comeu a empanadilla. Quando terminou, voltou a sentir umas ligeiras náuseas, mas, nessa ocasião, era mais por indulgência que por medo.

Evelyn colocou as vasilhas vazias no guichê do restaurante. Logo se levou a mão ao estômago e grunhiu: - Minha Mamma, a carne estava picante.

-Esta manhã coloquei um bote novo da Alka-Seltzer na bolsa.

Evelyn lhe fez um gesto ao garçom e pediu dois copos de água.

-Começo a pensar que é uma má influência para mim..., e que eu o sou para ti.

Amanda piscou prolongadamente.

-É a primeira vez que queria estar no carro com o Peterson, assim me poderia tender e me jogar a dormir.

-Despertaria com ele em cima replicou Evelyn tornando o cabelo para trás. Logo guardou silêncio durante uns segundos e perguntou: por que crie que Hodge enviou ao Techwood?

Não era a primeira vez que Amanda sentia o perigo que podia haver detrás dessa pergunta. Era óbvio que algum jefazo estava movendo os fios. Tanto Evelyn como Hodge tinham sido transladados, e ela não sabia o que poderia lhe ocorrer, especialmente se descobriam o que tinha estado fazendo.

Evelyn lhe deu uma cotovelada.

-Vamos, garota. Sei que estiveste pensando nisso.

-Bom disse. Logo considerou se devia calar-se, mas continuou: O homem do traje azul me tem intrigada. E não porque seja advogado.

-Já sei a que te refere. Entrou na delegacia de polícia como se fosse o chefe. Gritou ao Hodge. Não lhe pode fazer uma coisa assim a um policial, por muito que seja branco e luza um bom traje.

-Hodge lhe chamou por seu sobrenome. Durante a recontagem, disselhe: "Senhor Treadwell, podemos falar em meu escritório".

-E logo se meteram no despacho, e Treadwell começou a lhe dar ordens nada mais entrar.

-Evelyn, te está esquecendo do mais importante. Pensa no que me há dito antes. Andrew Treadwell, pai, tem amigos nas altas esferas. fez-se uma foto com o prefeito Jackson. Trabalhou em sua campanha. por que recorreria a um humilde sargento sem influência alguma e que levava a mando menos de uma hora?

-Tem razão. Segue.

-Treadwell-Price está especializada em direito urbanístico. Treadwell Sênior está negociando todos esses contratos para a nova linha de metro que ninguém quer.

-Como sabe?

-Fui ao periódico e estive olhando velhas edições.

-Deixaram-lhe fazê-lo?

-Meu pai esteve trabalhando o ano passado nesse caso de seqüestro disse Amanda encolhendo-se de ombros. Exigiram um resgate de um milhão de dólares por um editor. Uma das últimas funções oficiais do Duke foi levar o dinheiro da câmara couraçada do CeS até o ponto de intercâmbio. Os pinjente quem era e me deixaram ver os arquivos.

-Seu pai não sabe que esteve ali?

-É óbvio que não. -Duke se haveria posto furioso se soubesse que não o tinha consultado primeiro com ele. Me teria perguntado no que estava colocada. Não quis abrir essa caixa de trovões.

-Vá exclamou Evelyn apoiando a cabeça no respaldo. O que tem descoberto é muito interessante. Algo mais?

Amanda voltou a duvidar.

-Vamos, carinho. Não seja tão desconfiada.

Amanda suspirou para mostrar sua reticência. Suspeitava que estava removendo algo sujo.

-O homem que esteve falando com o Hodge não é Treadwell Júnior. Segundo o periódico, Treadwell Sênior só tem uma filha.

Evelyn se ergueu de novo.

-Chama-se Kitty? Ou Katherine? Ou Kate?

-Eugenia Louise, e está em uma escola para garotas na Suíça.

-Então não está metendo-se cavalo no Techwood?

-Cavalo?

-Assim chamam os negros à heroína. -O garçom retornou com os dois copos de água. Obrigado. -Amanda desenroscou o plugue do Alka-Seltzer e jogou duas pastilhas em cada copo. O som do borbulho resultou agradável.

-Então não há Treadwell Júnior disse Evelyn. E, assim, quem era o homem do traje azul? E por que Hodge pensou que era Treadwell? -Sorriu. Estou segura de que pensa que todos os brancos são iguais.

Amanda também sorriu.

-O do traje azul tem que ser um advogado. Pode que trabalhe na escrivania e que Hodge pensasse que se chamava Treadwell. Mas isso tampouco tem muito sentido.

Já concluímos que Andrew Treadwell não enviaria a um ajudante para falar com um capitão de zona recém renomado. teria se dirigido diretamente ao prefeito. quanto mais delicada é uma situação, menos pessoas quer que a conheçam.

Evelyn estabeleceu a óbvia conexão.

-O que significa que o homem do traje azul tomou a iniciativa para ajudar a seu chefe ou tentava causar problemas.

Amanda não estava muito segura a esse respeito, mas disse:

-Em qualquer caso, Hodge não lhe disse o que queria ouvir. O do traje azul estava muito zangado quando se foi. Gritou-lhe e saiu muito cheio o saco de delegacia de polícia.

Evelyn voltou para sua teoria inicial.

-O do traje azul pressionou ao Hodge para que nos enviasse a ver o Kitty Treadwell. Treadwell não é um nome muito comum. Tem que estar relacionada de alguma forma com o Andrew Treadwell.

-Não pude encontrar uma conexão nos periódicos, mas não guardam todas as edições antigas, e não gostam que faça uma busca muito intensa.

-Treadwell-Price está nesse edifício de escritórios novo que há no Forsyth Street. Poderíamos nos sentar durante a hora da comida. Esses tipos não comprem comida para levar. O do traje azul terá que sair cedo ou tarde.

-E logo o que?

-Ensinamo-lhe nossa placa e lhe fazemos algumas pergunta.

Amanda não acreditava que fora a funcionar. O mais provável é que se riera em sua cara.

-E o que passa se Hodge se inteira de que está indagando?

-Não acredito que lhe importe sempre que não esteja em seu escritório lhe fazendo perguntas. O que me diz de seu novo sargento?

-É um dos guardas antigos, mas logo que sabe como me chamo.

-Provavelmente esteja bêbado antes da hora de comer disse Evelyn. Estava no certo. Uma vez que os sargentos veteranos repartiam as tarefas da manhã, era difícil ver um

em seu escritório. Podemos nos ver na segunda-feira depois da recontagem. Não lhes importa o que fazemos sempre e quando estivermos na rua. Nessa se leva bem com o Peterson.

A Amanda preocupou um pouco quão bem podia levar-se Vanessa com o Peterson, mas o deixou passar.

-Jane não era a única garota que vivia no apartamento. Havia ao menos outras dois.

-Como sabe?

-Havia três escovas de dentes usados no quarto de banho.

-Não é que Jane tivesse muitos dentes.

Amanda olhou o copo borbulhante. Tinha o estômago muito cheio para rir das brincadeiras da Evelyn.

-Uma parte de mim me diz que estou louca por perder o tempo tratando de localizar a uma prostituta yonqui.

-Não é quão única esteve perdendo seu tempo - acrescentou Evelyn em tom de desculpa.

Amanda a olhou com os olhos entrecerrados.

-Imaginava. O que tem descoberto?

-Falei com uma amiga que conheço no Five. Cindy Murray. É uma boa garota. Descrevi ao Jane. Cindy disse que recordava havê-la visto a semana passada. Muitas garotas tratam de cobrar vale que não lhes pertencem. Têm que ensinar duas identificações: um carnê, um cartão de doador de sangue, uma fatura de eletricidade ou algo com a foto e a direção. Se Jane for a garota que recordava Cindy, tentou

utilizar o carnê de outra. Quando Jane viu que a tinham pilhado, perdeu os estribos e começou a chiar e a lançar ameaças. Os de segurança tiveram que jogar a à rua.

-O que aconteceu o carnê?

-Guardaram-no em uma caixa para ver se alguém o reclama. Cindy me disse que têm centenas deles. A final de ano os cortam pela metade e os atiram.

-Estão as listas de assistência social ordenadas por nomes ou por direções?

-Por números, por desgracia. Muitas têm o mesmo sobrenome ou vivem no mesmo domicílio, por isso lhes atribuem um número.

-O número da segurança social?

-Por desgracia, não.

-Têm que estar nos ordenadores, não é verdade?

-Estão trocando o sistema dos cartões perfurados pelo das cintas magnéticas. Cindy me disse que era um caos. Ela está trabalhando a toque de caixa enquanto os homens tentam resolvê-lo. O que significa que, embora pudessem acessar à informação, provavelmente não nos dariam isso. Temos que fazê-lo à mão: conseguir o número da lista de assistência social e logo contrastar o número com o nome, verificá-lo com a direção, e logo voltar a contrastar ambas as coisas com o registro de subvenções que comprova se as garotas tiveram cobrado seus vale nos últimos seis meses, o qual poderíamos utilizar para compará-los com os nomes que aparecem nos carnês. -Evelyn se deteve para tomar fôlego e concluiu: Cindy me disse que necessitaríamos uma palmilha de cinquenta pessoas e vinte anos.

-Quanto demorarão para atualizar os ordenadores?

-Não acredito que isso importância respondeu Evelyn, que se encolheu de ombros. São ordenadores, não varinhas mágicas. De todas formas, teríamos que fazê-lo tudo à mão, e isso assumindo que nos proporcionassem acesso. Seu pai conhece alguém no Five?

Duke lhe prenderia fogo ao Five se lhe deixassem.

-Isso não importa. Não podemos começar o processo até que não encontremos o número da assistência social do Kitty Treadwell. -Amanda ficou pensativa. Jane disse que tinham desaparecido três mulheres: Kitty Treadwell, Lucy e Mary.

-Eu já comprovei as pessoas desaparecidas na Zona Três e Quatro. Não aparece nenhuma Kitty Treadwell, nem Jane Delray, a que pensei em investigar enquanto estive ali. O que sim encontrei foi uma dúzia do Lucys e quase cem Marys. Jamais esvaziam os arquivos. Algumas delas terão morrido de velhas. estiveram desaparecidas da época da Depressão. Posso ir às outras zonas a semana que vem. Conhece doutor Hanson?

Amanda negou com a cabeça.

-Pete. Dirige o depósito de cadáveres. -Olhou a expressão da Amanda. Não ponha essa cara, é um bom tio. O que se espera de um forense, mas muito amável.

Conheço uma garota que trabalha com ele, Deena Coolidge. Disseme que às vezes lhe deixa fazer algumas costure.

-Que coisas?

Evelyn pôs os olhos em branco.

-Não é o que pensa. Coisas do laboratório. A Deena adora seu trabalho, gosta da química. Pete lhe está ensinando como fazer as provas e a trabalhar sozinha no laboratório. Também vai às classes noturnas do Tech.

Amanda podia imaginar por que o doutor Hanson lhe estava deixando fazer essas coisas, e seguro que não era por generosidade.

-Comprovou o DNF?

-O que?

Referia-se ao arquivo de negros mortos. Duke lhe tinha falado da lista de homicídios de negros que não se resolveram.

-Comprovarei-o -se ofereceu Amanda.

-Comprovar o que?

Trocou de tema.

-Sabemos se o apartamento está em nome do Kitty?

-Vá! -Evelyn parecia impressionada. Boa pergunta. - Agarrou um guardanapo do salpicadero e anotou algo. Me pergunto se o número que lhe atribuem pelas moradias da Seção Oito é o mesmo que se utiliza para recolher os vale da assistência social. Conhece alguém na Autoridade da Moradia Pública?

-Sim. Ao Pam Canale. -Amanda olhou o relógio. Tenho que estudar para minha classe noturna, mas posso chamá-la na segunda-feira a primeira hora.

-Pode-me dizer o que averiguaste quando vigiarmos ao do traje azul. -Anotou algo no guardanapo. Aqui tem o número de minha casa, se por acaso gosta de vir amanhã ao andaime.

-Obrigado.

Amanda dobrou o guardanapo pela metade e a guardou na bolsa. Resultava difícil encontrar uma mentira que pudesse justificar ante o Duke uma ausência tão prolongada. passava-se o dia chamando-a o apartamento para assegurar-se de que estava em casa. Se não o agarrava depois de que soasse pela segunda vez, pendurava e se apresentava ali.

-Sabe? disse Evelyn, li um artigo no periódico sobre esse menino do West que esteve assassinando a estudantes universitários.

-Estas garotas não são universitárias.

-De todas formas, há três desaparecidas.

-Isto não é Hollywood, Evelyn. Não há assassinos em serie em Atlanta. -Amanda trocou de tema e procurou algo mais plausível. estive pensando no apartamento do Kitty. Havia três bolsas de lixo cheias de roupa no dormitório. Nenhuma mulher se pode permitir tanta roupa, especialmente se viver nos subúrbios. -Amanda notou que lhe soavam as tripas. esqueceu-se do copo de papel que tinha na mão. bebeu-se o Alka Seltzer de um gole e conteve o arroto. Também havia muita maquiagem. Muito para uma só garota. Inclusive para uma prostituta.

-Jane não levava nenhuma maquiagem. Tampouco nenhuma máscara debaixo dos olhos. Não me posso imaginar isso limpando-se com nata todas as noites.

-Havia nata no quarto de banho recordou Amanda, mas não faz falta dizer que estava sem usar. Havia compressas no cubo de lixo, mas uma caixa do Tampax na estanteria. É óbvio que havia alguém ali que não se dedicava a isso. Pode que uma irmã pequena. Pode que Kitty Treadwell.

Evelyn se levou o copo aos lábios.

-O que te faz pensar isso?

-Não pode te pôr um Tampax se for virgem. Por isso...

Evelyn se engasgou. A água lhe saiu pela boca e o nariz. Agarrou o guardanapo do salpicadero e começou a tossir com tanta força que parecia que lhe foram sair os pulmões pela boca.

Amanda lhe deu uns golpecitos nas costas.

-Encontra-te bem?

Evelyn se levou a mão à boca e tossiu de novo.

-Sinto muito. Me foi pelo outro lado. -Tossiu uma terceira e uma quarta vez, e disse: O que acontece?

Amanda olhou à rua. Um carro da polícia de Atlanta passou a toda velocidade, com as luzes girando, mas sem a sireia. O seguinte passou justo ao reverso: com a sireia soando e as luzes apagadas.

-Que demônios...? disse Amanda.

Evelyn acendeu a rádio. Quão único podia ouvir era o falatório de costume, seguido das interferências dos microfones para que não se ouvisse os que falavam.

-Idiotas -murmurou Evelyn baixando o volume.

Outro carro patrulha passou com a sireia troando.

Amanda estava erguida em seu assento, tratando de ver o que acontecia. Logo se deu conta de que havia uma forma mais singela. Atirou o copo de papel pela janela e abriu a porta. Quando chegou à calçada, outro carro passou a toda velocidade; esta vez era um Plymouth Fury, como o seu.

Evelyn chegou a seu lado.

-Esses eram Rick e Butch, de Homicídios. dirigem-se ao Techwood. Todos vão para ali.

Nenhuma das duas disse o que pensava. Retornaram à caminhonete. Amanda empurrou a Evelyn para que se sentasse no assento do acompanhante.

-Eu conduzo.

Evelyn não protestou. acomodou-se em seu assento enquanto Amanda dava marcha atrás, e logo subiram North Avenue. Giraram no Techwood Drive. Um carro patrulha lhes adiantou a toda velocidade pela esquerda quando giraram em Pene.

Evelyn se agarrou ao salpicadero.

-Deus santo. por que têm tanta pressa?

-Saberemos muito em breve.

Amanda subiu à calçada. Havia cinco carros patrulha e dois Plymouths sem distintivos. Não havia nenhum menino jogando no pátio do Techwood Homes, embora seus pais sim estavam. Homens sem camiseta e jeans ajustados com uma lata de cerveja na mão. A maioria das mulheres também levavam muito pouca roupa, mas havia algumas

que pareciam recém chegadas do trabalho. Amanda olhou o relógio. Era uma em ponto. Provavelmente tinham retornado a casa para comer.

-Amanda.

Evelyn falou com voz tremente. Amanda viu que olhava o segundo bloco de apartamentos situado à esquerda. Havia um grupo de agentes uniformizados apinhados na entrada. Butch Bonnie passou a seu lado quando saiu ao pátio. ficou de joelhos e vomitou no chão.

-Vá disse Amanda procurando um lenço na bolsa. Lhe podemos dar um pouco de água de...

-Você fica quietecita respondeu Evelyn sujeitando-a com firmeza.

-Mas...

-Falo a sério disse Evelyn com um tom desconhecido para a Amanda.

Rick Landry foi o seguinte em sair do edifício. Utilizou o lenço para limpá-la boca, e logo o guardou no bolso. Desde não ter sido porque seu companheiro ainda estava de joelhos e vomitando, provavelmente não as teria visto. dirigiu-se para elas.

-Que coño fazem aqui?

Amanda abriu a boca, mas Evelyn foi quem respondeu:

-Tivemos um caso aqui esta semana. Na planta de acima. Apartamento C. Uma prostituta chamada Jane Delray.

Landry se passou a língua pelas bochechas enquanto olhava a Evelyn e Amanda.

-E o que?

-Está claro que aconteceu algo.

-Estamos no Techwood, carinho. Aqui acontecem coisas todos os dias.

-Na planta de acima? No apartamento C?

-Equivoca-te respondeu Landry. ocorreu atrás do edifício. foi um suicídio. Saltou do telhado e se esmagou contra o chão.

-Joder!

Butch Bonnie deu uma arcada que soou como o grunhido de um javali. O olhar do Landry titubeou. Não olhava a seu companheiro, mas tampouco a Amanda e Evelyn.

-Você disse dirigindo-se a um agente uniformizado. Jogue a estas pessoas daqui. Nem que estivéssemos filmando um filme do Tarzán.

O policial se apressou a dispersar ao grupo de curiosos, que responderam com gritos e protestos.

-Pode que alguém visse... disse Evelyn.

-O que visse o que? -interrompeu-a Landry. Provavelmente nem a conheciam. Mas, se esperas um momento, verá como choram, aúllan e dizem quão triste foi.

-Olhou a Evelyn. Já deveria sabê-lo, Mitchell. Não terá que lhes deixar que se agrupem ou ficarão muito emotivos e teremos que chamar uma equipe do SWAT para jogá-los.

Evelyn falou tão baixo que Amanda logo que pôde ouvi-la.

-Queremos ver o corpo.

-Como diz? exclamou Amanda.

-Parece que Ethel não está pelo trabalho, Lucy⁷ disse Landry sorrindo.

Evelyn não estava disposta a desistir. esclareceu-se voz.

-Estamos investigando um caso, Landry. Quão mesmo você.

-Quão mesmo eu? repetiu ele com incredulidade. Olhou de novo ao Butch, que estava sentado em cuclillas e ofegava.

Amanda viu o brilho do revólver que levava no tornozelo.

-O que têm que fazer é lhes voltar por...

-Ela tem razão.

Amanda ouviu claramente as palavras. Tinha-as pronunciado com sua voz. Tinham saído de sua boca.

Evelyn parecia tão surpreendida como a própria Amanda.

-Estamos investigando um caso disse Amanda dirigindo-se ao Landry.

Isso era justo o que estavam fazendo. Tinham passado a última meia hora falando disso no carro. Algo estava ocorrendo com essas mulheres: Kitty, Lucy, Mary e agora, possivelmente, Jane Delray. Naquele momento, Evelyn e Amanda eram as dois únicas agentes do corpo que sabiam, ou pareciam saber, que tinham desaparecido.

Landry acendeu um cigarro. Soltou uma baforada de fumaça.

-Quão mesmo eu? repetiu, embora esta vez rendose. Desde quando as mulheres trabalham em um caso de homicídio?

-Você acaba dizer que foi um suicídio replicou Evelyn. Se for assim, o que faz aqui?

Ao Landry não gostou da resposta.

-Mitchell, se você gosta de tocar os cojones, pode me tocar meus.

Amanda baixou o olhar para que sua expressão não lhe delatasse.

-Tenho bastante com os de meu marido, mas obrigado. - Evelyn agarrou a bolsa e tirou sua lanterna. Quando você diga.

Landry a ignorou e se dirigiu a Amanda.

-Vamos, garotas. Este não é lugar para vocês. O corpo parece um asco. Há tripas por todos lados. É muito desagradável. Muito desagradável para umas senhoritas.

-Levantou o queixo assinalando ao Butch, sem expressar o que era óbvio. Venha, agarrem o carro e marcha vos. Ninguém dirá nada.

Amanda sentiu que o estômago lhe deixava de encolher. Estava-lhes oferecendo uma saída, uma saída graciosa. Ninguém saberia que tinham querido ver o corpo.

Poderiam partir com a cabeça alta. Amanda estava a ponto de aceitar a oferta, mas Landry acrescentou: -Além, não quero que seu pai me persiga com uma escopeta por ter assustado a sua garotinha.

A Amanda percorreu um estranho comichão pelas costas. Parecia como se cada vértebra tivesse ocupado de repente seu lugar. Falou com incrível segurança.

-Há dito que a vítima está atrás do edifício?

Evelyn parecia tão surpreendida como Landry quando Amanda começou a dirigir-se para o edifício. ficou a seu lado e sussurrou: -O que faz?

-Você segue andando -lhe rogou Amanda. Por favor.

-Viu alguma vez um cadáver?

-Desde perto, não -admitiu. A menos que conte a meu avô.

Evelyn soltou uma maldição. Falou com voz seca.

-Seja como for, não te enjoe. Nem grite. E, por isso mais queira, não ponha-se a chorar.

Amanda estava disposta a fazer as três coisas, e ainda não tinha visto o corpo. O que estava fazendo? Landry tinha razão. Se Butch Bonnie não tinha sido capaz de suportá-lo, elas tampouco poderiam.

-Escuta -ordenou Evelyn: se te derrubar, não voltarão a confiar em ti nunca mais. Acabará datilografando informe ou te cortando as veias.

-Estou bem disse. Logo, vendo que Evelyn também precisava escutá-lo, acrescentou: E você também.

Os saltos da Evelyn levantavam o pó enquanto caminhava ao lado da Amanda.

-Eu estou bem repetiu. Tem razão. Estou bem.

-As duas o estamos.

Corria-lhe tanto suor pelas costas que tinha a roupa interior empapada. alegrou-se de levar uma saia negra, de haver-se tomado um Alka-Seltzer e de não estar sozinha quando entrou no escuro edifício.

O vestíbulo era mais sombrio do que Amanda recordava. Olhou para as escadas. Um dos painéis do clarabóia estava quebrado e tinham colocado uma parte de madeira em seu lugar. Ambas se detiveram na porta metálica ao final do vestíbulo, esperando ao Landry.

Ele pôs a mão na porta, mas não abriu.

-Me escutem um momento. O jogo se acabou. Voltem para seus informe de pobres fulanillas que se juntaram com o tipo equivocado e armaram um alvoroço por nada.

-Estamos investigando um caso disse Evelyn. Pode que tenha algo que ver com...

-A puta se atirou ao vazio. Não vê este lixeiro? Não sente saudades que alguém queira saltar do telhado.

-Mesmo assim.

-Venha, deixe. Isto já foi muito longe.

-Eu...

-Basta! exclamou Landry lhe dando um golpe à porta com o punho. Fecha a puñetera boca! Hei-lhes dito que lhes partam e mais vale que o façam.

Evelyn estava visivelmente assustada, mas insistiu.

-Solo queremos...

-Quer me encher o saco? -Agarrou a lanterna da Evelyn e a cravou no peito. Você gosta? -Empurrou-a uma e outra vez até que a abandonou contra a parede.

A que agora não fala tanto, verdade que não?

-Rick... disse Amanda.

-Te cale! viu-se um brilho de pele branca quando pôs a lanterna entre as pernas da Evelyn. Se não quiser que lhe coloque isso de verdade, mais vale que faça o que te hei dito. Compreende?

Evelyn não disse nada, solo podia assentir. Levantou as mãos em sinal de rendição.

-Não me jodas -advertiu Landry. O entende?

-Sente-o muito -interveio Amanda. As duas o sentimos muito. Rick, por favor.

Lentamente, Landry tirou a lanterna de debaixo da saia da Evelyn. Com uma mão, deu-lhe a volta e a deu a Amanda.

-Leve-lhe a daqui.

Amanda obedeceu.

6. Jornalista e ativista americana, considerada um ícone do movimento feminista.

7. Faz referência à série televisiva Eu quero ao Lucy.

Capítulo oito

Na atualidade. Segunda-feira

O taxista olhou dubitativamente ao Wíll quando se deteve diante do número 316 do Carver Street.

-Está seguro de que é aqui?

-Sim.

Wíll olhou o taxímetro e lhe deu um bilhete de dez.

-Fique com a mudança.

O homem se mostrou resistente a agarrar o dinheiro.

-Sei que é polícia, mas isso não importa grande coisa a estas horas da noite.

Wíll abriu a porta.

-Agradeço-lhe a advertência.

-Está seguro de que não quer que o espere?

-Não, obrigado.

Wíll saiu do carro. Mesmo assim, o homem se entreteve. Até que não o viu ir para o lateral do edifício não ficou em marcha.

Wíll viu as luzes traseiras desaparecer ao baixar a rua. Logo se deu a volta e se abriu caminho entre os hierbajos e

as sarças, enquanto se dirigia à parte traseira do orfanato. Obrigado à luz da lua e às luzes, podia ver claramente. Esquivou seringas de injeção e camisinhas, copos quebrados e montões de lixo empilhado.

Recordou a advertência que lhe tinha feito Sara aquela manhã sobre os perigos que havia no interior da casa. Essa noite fez muitos comentários. Não ficava dúvida de que estava muito cheia o saco. Wíll não podia culpá-la. Ele também estava cheio o saco consigo mesmo. De fato, estava furioso.

E seguia estando-o.

Apertou os punhos quando deu a volta à casa. Sabia que se encontrava em um estado em que se negava a aceitar o que lhe perturbava. Seu pai tinha saído da prisão. Esse monstro estava gozando do ar livre. Tratou de tirar-se essa idéia da cabeça, tal como tinha feito desde que se inteirou.

Durante todo o tempo que Sara lhe tinha estado suturando o tornozelo, o único em que pensou era em entrar na habitação da Amanda e lhe tirar a verdade.

por que a Junta de Liberdade Condicional tinha deixado sair a seu pai do cárcere? por que Amanda se inteirou antes que ele? Que mais lhe ocultava?

Tinha que estar lhe escondendo algo. Sempre o fazia.

E morreria antes de revelar-lhe. Era mais dura que qualquer homem que tivesse conhecido. Não é que fosse exatamente uma mentirosa, mas manipulava a verdade de tal forma que lhe fazia pensar que te estava voltando louco. Wíll tinha renunciado fazia muito tempo a ser direto com ela. Quinze anos estudando sua personalidade não lhe tinham revelado nada, salvo que vivia para as sutilezas e os

enigmas. desfrutava-se lhe enganando. Por cada pergunta que o fazia, lhe respondia com outra, e ao momento se encontrava em tal situação que falavam de coisas que lhe faziam desejar não haver-se levantado essa manhã. Ou esse ano. Ou nunca na vida.

por que se tinha apresentado no orfanato aquela tarde? O que estava procurando? O que sabia de seu pai?

Wíll já podia deduzir suas respostas. Tinha saído a dar uma volta. A quem não gostava de dar uma volta pelo gueto quando se supunha que devia estar trabalhando em um caso de seqüestro. Viu o Wíll e a Sara no interior da casa e se perguntou o que faziam ali. É pecado sentir curiosidade? É óbvio que sabia quem era seu pai.

Ela era sua chefe. Tinha a obrigação de saber tudo o que lhe concernia.

Exceto uma coisa. A velha viga lhe tinha golpeado tão forte na cabeça que perdeu seu acostumado controle.

“Disse a Edna milhões de vezes que escorasse estas escadas”, havia dito.

Edna. referia-se à senhora Edna Flannigan.

Amanda estava em meio de um caso mais importante. A imprensa estava pendente dela. Provavelmente, tinha ao diretor do GBI em cima. Entretanto, deixou-o tudo, agarrou um martelo e foi até aquele lugar. Solo havia uma forma de conseguir uma resposta sincera a respeito do que fazia ali, e Wíll estava disposto a derrubar o orfanato com as mãos com tal de averiguá-la. E logo a esfregaria pela cara.

Olhou a parte traseira da casa. Em seu momento, ali havia uma terraço, mas agora solo ficava um enorme buraco onde

estava acostumado a estar a janela do porão. Os paramédicos não tinham podido tirar a Amanda através da porta interior e tiveram que romper as pranchas que cobriam uma das janelas do porão e tirar alguns tijolos para aumentar a abertura.

Wíll olhou as luzes das ruas. As traças revoavam ao redor, emitindo uma luz estroboscópica. Voltou a olhar o oco da janela.

Visto em retrospectiva, havia formas melhores de fazer aquilo. Wíll podia lhe haver pedido ao taxista que o deixasse em casa, que estava a menos de uma milha de distância. Tinha muitas ferramentas na garagem. Duas maçãs, uma palanqueta, inclusive um martelo mecânico que tinha comprado de segunda mão no Habitat Store.

Todos estavam muito gastos e usados. Tinha comprado sua casa porque a tinham executado hipotecariamente, mas tinha dedicado três anos e muito dinheiro em transformá-la em um lar.

O mais difícil tinha sido convencer aos drogados de que a casa tinha um novo proprietário. Os primeiros seis meses teve que dormir com uma escopeta ao lado do saco de dormir. Quando não estava demolindo paredes ou soldando as tuberías de cobre, encontrava-se na porta lhe dizendo a alguém que se fosse a outro sitio a procurar falência.

E isso foi uma boa preparação para o que estava a ponto de fazer.

Meteu-se pela abertura. A luz estroboscópica iluminava grande parte do porão. Utilizou o móvel para ajudar-se. abriu-se caminho por entre as escadas rotas.

Amanda Wagner era a viva imagem da meticulosidade, por isso não podia imaginá-la entrando no porão escuro sem uma lanterna. Viu a caixa azul tão familiar sobre as prateleiras vazias. Pressionou o botão. A lanterna era o bastante pequena para guardar-lhe no bolso, mas iluminava como os faróis de um antigo Chevy.

Wíll não tinha sido de tudo sincero com a Sara. Ele também tinha passado seus momentos com o Angie no porão. Obviamente, não tinha estado ali tomando medidas, mas suas lembranças do lugar o tinham deixado reduzido a uma caixa de sapatos, apesar de que era tão grande como a planta de acima.

Passou a mão pelas paredes. O estuque Lisa ficava interrompida cada meio metro pelos buracos dos pregos que havia debaixo. Uma parede divisória partia a habitação pela metade. Essa construção era nova. A madeira compensada tinha os borde talheres de mofo negro. Faltavam algumas partes na parte de abaixo. viam-se vigas de pinheiro amarelo de duas por quatro na base, que pareciam pernas debaixo de uma anágua.

Havia uma habitação pequena na parte de atrás com um lavabo e uma taça de váter, provavelmente para casos de urgência. As paredes estavam recubiertas de pranchas de pinheiro. Olhou detrás das tuberías; logo lhe deu uma patada ao deságüe de debaixo do lavabo, mas não encontrou nada.

Tirou a tampa da cisterna e viu que estava vazia. A taça estava cheia de água negra. Olhou a seu redor procurando algo com o que poder ajudar-se. A velha instalação de eletricidade pendurava lânguidamente das viguetas. Arrancou uma parte de cabo comprido e o dobrou até que

esteve bastante rígido para pinçar no interior da taça. Além de um aroma repugnante, não percebeu nada.

A lanterna iluminou as telarañas e os danos que as térmitas tinham causado nas vigas do chão enquanto percorria a habitação. As prateleiras de madeira do armazém estavam vazias. A abertura de carvão estava coberta de um pó negro, junto com um par de seringas e algumas camisinhas usadas. Utilizou a lanterna para examinar o tiro. Havia excrementos de pássaros e arranhões. podia-se observar que algum animal se ficou ali apanhado em algum momento. Wíll fechou a porta metálica e girou o ponteiro de relógio para pô-la em seu lugar.

Tirou-se a jaqueta e a pendurou de um dos pregos das viguetas. Levava seu Glock no cinturão, à mão. Encontrou o martelo da Amanda ao lado das escadas. Estava novo; ainda levava a etiqueta pendurada. Loja de ferragens Midtown. Quarenta dólares.

Guardou-se a lanterna no bolso traseiro. Com as luzes da rua tinha o bastante. Observou o martelo. Era de aço azul, com a cara Lisa e uma capa de náilon.

O punho era de plástico, para reduzir a vibração. Era a ferramenta de um pedreiro, não a de uma pessoa que emoldura quadros. Wíll deduziu que Amanda o tinha comprado por sua forma, não por sua função. Ou possivelmente o tinha escolhido porque o azul fazia jogo com sua lanterna. Em qualquer caso, era uma ferramenta bem equilibrada.

O sacaclavos estava muito afiado e se embutiu limpamente no estuque quando golpeou a parede exterior.

Desencravou o martelo e voltou a golpear de novo a parede para aumentar o buraco. Arrancou uma parte de

estruque. esmiuçou-se entre seus dedos. Havia cabelo de cavalo na mescla, tiras pequenas e sedosas que tinham servido para unir o gesso e a areia durante quase um século.

Arrancou uma parte o bastante grande para poder colocar a mão por detrás do fita de seda. A madeira estava podre, úmida ainda pela água que tinha penetrado nos alicerces. Deveria levar luvas, óculos ou ao menos uma máscara, já que sem dúvida havia mofo atrás do gesso, provavelmente merulio. O aroma no interior da parede era de humedal, o típico que desprendem as casas quando se estão morrendo. Wíll utilizou o martelo para arrancar outro pedaço de gesso, e logo outro.

Pouco a pouco, percorreu o perímetro do porão, arrancando o gesso parte a parte. Logo tirava os escombros e apartava as partes de periódico que tinham utilizado para isolá-lo, até que passava a seguinte seção.

Sustentava a lanterna da Amanda entre os dentes quando a luz das luzes não iluminava o bastante para ver os rincões mais escuros. Um pó branco impregnava a atmosfera e fazia que lhe chorassem os olhos. Começou a escorrer pelo pó e o mofo. A tarefa não era difícil, mas resultava aborrecida e repetitiva, e a temperatura do porão parecia subir por momentos. Suava copiosamente quando tirou a última parte de gesso. Uma vez mais, desfez-se em sua mão, como papel úmido. Utilizou o martelo para arrancar a madeira podre. Como tinha feito com cada seção, iluminou com a lanterna o oco nu.

Nada.

Pressionou a mão contra a fria parede. Solo havia uma magra capa de tijolos obstaculizando o lixo que havia ao

redor dos alicerces. Wíll tinha quebrado algumas seções para jogar uma olhada, mas logo se deteve por medo a provocar um desmoronamento. Tirou o telefone do bolso e olhou a hora. Eram as doze e dois minutos da noite. Levava trabalhando três horas.

E tudo para nada.

Afastou-se da parede. Tossiu e cuspiu um pedaço de gesso.

Três horas.

Não havia nenhuma nota, nem passadiços escondidos, nem mãos cortadas, nem bolsas com feijões mágicas. Por isso via, ninguém havia meio doido o interior das paredes desde que construíram a casa. A madeira estava tão velha que podia ver as marcas que tinham feito com as tochas ao cortar as árvores.

Voltou a tossir. O ar era irrespirável. Com o reverso da mão se enxugou o suor da frente. Doíam-lhe os braços de tanto dar marteladas. Mesmo assim, continuou com a parede divisória que havia no centro da habitação. Em muitos aspectos, os painéis de madeira compensada resultavam mais difíceis de tirar que o gesso. O conglomerado estava úmido e o gesso empapado. A parede se esmiuçava em partes pequenas. A capa de isolante rosa estava repleta de insetos que tentou que não lhe metessem na boca e no nariz. Os pregos se estavam saindo do chão de acima.

Transcorreram outros quarenta minutos, e seguia sem encontrar nada. Era hora de fazê-la molesta pergunta que lhe tinha rondado pela cabeça durante as duas últimas horas: por que não tinha começado pelo chão?

Amanda tinha comprado um martelo de pedreiro. O chão do porão era feito de losetas. Wíll reconheceu o logotipo da Chattahoochee Brick Company em algumas partes. Eram muito parecidas com as de sua casa; tinha-as elaborado uma fábrica de Atlanta que logo foi transformada em edifício de apartamentos durante o auge financeiro.

Wíll agarrou o martelo. Tinha pensado que Amanda o tinha comprado por ser de cor azul. Podia escutar sua irritante voz lhe dizendo: “Eu acreditava que foi detetive”.

Não tinha sido muito cuidadoso na hora de destruir o porão. Não havia nem um centímetro limpo. Apoiou as costas na esquina e olhou dentro da habitação.

Sem a parede do centro, resultava mais singelo distribuir o trabalho. Cada loseta media uns dez por vinte centímetros. Podia tirar fileiras de cinco por nove, o que suporia uma seção de um metro quadrado. Se a habitação tinha cinqüenta metros, demoraria toda uma eternidade.

Apartou os escombros com o pé, logo ficou de joelhos e começou com a primeira seção. Não sentia o mais mínimo prazer em saber que tinha elaborado um plano lógico para levantar o chão. Wíll desenhava arcos precisos com o martelo, utilizava a ponta para arrancar as partes de loseta e fechava os olhos para que não lhe entrasse nenhuma lasca. As losetas não saíam com facilidade. A argila estava velha. A técnica de assado que se empregava nos anos trinta não era muito científica.

Os imigrantes provavelmente teriam trabalhado de sol a sol, agachados, teriam recheado os moldes de madeira com argila que se secava ao sol e logo se metiam no forno.

A primeira fileira de losetas se desmoronou ao primeiro golpe do martelo. Borda-os estavam brandos, e não

sustentariam o centro. Wíll teve que utilizar as mãos para tirar as partes. Finalmente, quando chegou à terceira fileira, encontrou um método mais efetivo. Tinha que dar um golpe preciso para colocar a cunha nas gretas. As juntas estavam repletas de areia que lhe metia nos olhos e na boca. Apertou os dentes. imaginou a si mesmo como uma máquina enquanto percorria a habitação de um lado a outro, tirando loseta a loseta e cavando uns centímetros para ver o que havia debaixo.

Levava uma terceira parte do trabalho feito quando um sentimento de inutilidade se apoderou dele. Apartou os escombros que cobriam a seção seguinte, logo a outra. Utilizou a lanterna da Amanda para olhar por cada ranhura, por cada greta. As losetas estavam bem pegadas. Ninguém as tinha movido, ao menos da construção do edifício.

Nada. Ao igual a nas paredes, não encontrou nada.

-Maldita seja!

Arrojou o martelo ao outro lado da habitação. Notou um puxão no bíceps. O músculo se contraiu e teve que agarrar o braço. Olhou o montão de escombros, o fruto inútil de seu trabalho.

Pensou em suas fantasias de vingança na sala de urgências do Grady. Via a imagem da Amanda, aterrorizada, disposta a responder qualquer pergunta que lhe fizesse. brigou-se inúmeras vezes em sua vida, mas jamais tinha utilizado os punhos contra uma mulher. Amanda provavelmente estaria dormindo como um bebê na cama do hospital enquanto ele perseguia fantasmas que não estava seguro de poder encontrar.

Apertou as mãos. Tinha pequenos cortes nos dedos, como arranhões, mas mais profundos. O tornozelo suturado lhe

ardia. Tentou levantar-se, mas os joelhos o impediram. Tentou-o de novo e se cambaleou tanto que teve que agarrar-se a uma das vigas. Uma lasca lhe cravou na palma da mão. Gritou para mitigar a dor. Doíam-lhe todos os músculos do corpo.

E tudo para nada.

Tirou o lenço do bolso e se limpou a cara. Desprendeu a jaqueta do prego. As luzes da rua tinham deixado de emitir essa luz estroboscópica quando saiu do porão. O ar estava tão frio que começou a tossir e cuspiu algumas partes de estuque. dirigiu-se ao grifo que havia no centro do pátio. Era o mesmo que tinha utilizado de menino, durante os meses do verão, quando a senhora Flannigan os jogava de casa e lhes dizia que não retornassem até o jantar. A alavanca da bomba estava muito oxidada.

Cuidadosamente, moveu a alavanca de cima abaixo até que saiu um hilillo de água da torneira. Aproximou a boca e bebeu até que teve o estômago cheio. Logo pôs a cabeça debaixo do jorro e se tirou a porcaria. Os olhos lhe arderam com o contato da água. Provavelmente, conteria alguns agentes químicos, mas preferiu não pensar nisso. Quando era pequeno, havia uma curtume ao baixar a rua, por isso talvez tinha ingerido suficiente benzeno para encher um pavilhão de cancerosos.

Outra lembrança de sua infância.

Ergueu-se, apoiando-se na alavanca para ajudar-se. A manivela se rompeu. Sacudiu a cabeça, resignado. Atirou o ponteiro de relógio ao chão e empreendeu o comprido caminho de volta a casa.

Sentou-se à mesa da cozinha, com uma pasta de cor azul entre as mãos. Logo que podia manter os olhos abertos de

quão cansado estava. Não se tinha incomodado em ir-se à cama. Quando chegou a sua casa, já eram mais das três da madrugada. Tinha que partir às quatro para chegar ao aeroporto justo no momento em que saíam os homens de negócios. tomou banho se. Tinha preparado um café da manhã que não pôde tomar. Tinha-lhe dado um passeio ao cão ao redor da maçã. Tinha limpo seus sapatos.

ficou uma jaqueta e uma gravata. Lubrificou do Bactine os inumeráveis cortes e escoriações que tinha nas mãos. E se tinha limpo o fluido rosado e estranho que supurava através da vendagem do tornozelo.

Agora, entretanto, logo que podia levantar-se da mesa.

Agarrou o bordo da pasta. O nome de sua mãe aparecia datilografado na etiqueta pega na cejilla. Tinha visto tantas vezes as letras que lhe ardiam as retinas.

Tinha vinte e dois anos quando por fim tinha conseguido ter acesso a essa informação. Teve que preencher muitos papéis, ir aos tribunais, resolver um montão de assuntos, a maioria dos quais implicavam percorrer o sistema de justiça juvenil. O maior obstáculo era ele mesmo, pois antes teve que chegar a esse ponto de sua vida em que a perspectiva de apresentar-se ante um juiz não lhe produzira um suor frio.

Betty entrou pela porta para cães. Olhou com curiosidade ao Wíll. Era um cão adotado, uma vulgar mescla de chihuahua diminuto que caiu em suas mãos por motivos alheios a sua vontade. Pô-lhe as patas dianteiras na coxa. Pareceu consternada quando ele não se agachou para agarrá-la e pô-la em seu regaço. depois de um momento, retrocedeu em seu empenho e deu várias voltas antes de sentar-se diante de seu recipiente para a comida.

Wíll voltou a olhar o arquivo, o nome de sua mãe. As letras datilografadas em negro ressaltavam na etiqueta branca, embora já não era tão branca, pois tinha passado tantas vezes os dedos por cima que já amarelava.

Abriu a pasta. Na primeira página aparecia o que normalmente se encontra em um relatório policial. A data, seguida pelo número de caso na parte superior.

Logo havia um compartimento dedicado aos detalhes mais importantes: nome, direção, peso, altura, causa da morte.

Homicídio.

Olhou a fotografia de sua mãe, tomada com uma Polaroid, anos antes de sua morte. Teria treze ou quatorze anos. Ao igual à etiqueta, a foto estava amarelada de havê-la meio doido tanto, ou pode que o tempo tivesse chateado os agentes químicos. Estava de pé, diante de uma árvore de Natal. Ao Wíll haviam dito que a câmara foi um presente de seus pais. Sustentava um par de meias três-quartos, provavelmente outro presente. Tinha um sorriso no rosto.

Wíll não era o tipo de pessoa que se olhasse muito ao espelho, mas tinha passado muito tempo observando seus rasgos com detalhe, tentando encontrar parecidos entre sua mãe e ele. Tinham a mesma forma amendoada dos olhos, e apesar de que a foto estava descolorida, viu que também tinham a mesma cor azul. Seu cabelo loiro avermelhado tendia mais à cor castanha que o de sua mãe, que tinha cachos de cabelo amarelos. Um de seus dentes inferiores estava um pouco torcido, como o dela.

Na foto aparecia com um aparelho na boca. Provavelmente, quando a assassinaram, o dente já estivesse em seu sítio.

Alinhou a foto com o bordo da primeira página, assegurando-se de colocar o clipe no mesmo lugar. Passou à segunda página. Não podia concentrar o olhar; as palavras se misturavam. Piscou várias vezes. Logo olhou a primeira palavra da primeira linha. Sabia de cor, por isso não lhe resultou nada difícil: “Vítima”.

Wíll tragou. Leu as seguintes palavras: “... encontrada no Techwood Homes”.

Fechou a pasta. Não fazia falta que lesse de novo os detalhes; sabia de cor, formavam parte dele.

Olhou de novo o nome de sua mãe. As letras não apareceram tão nítidas essa vez. Se seu cérebro não tivesse recheado os ocos, logo que teria sido capaz das decifrar.

Nunca tinha sido um grande leitor. As palavras se deslocavam pela página. As letras se transpunham. Com o passado do tempo, tinha desenvolvido alguns truques para parecer que lia com mais fluidez. Colocar uma regra debaixo da linha de texto impedia que saltasse a seguinte. Utilizava os dedos para isolar as palavras difíceis; logo repetia a frase mentalmente para tratar de lhe encontrar o sentido. Mesmo assim, demorava o dobro de tempo que Faith em preencher os informe que tinham que apresentar diariamente. Que uma pessoa como Wíll tivesse escolhido uma profissão que requeria tanto papelada era algo do que poderia ter escrito lhe Dêem.

Quando soube que tinha dislexia, já estava na universidade. Ou melhor dizendo, quando o disseram. Era o quinceavo aniversário da morte do John Lennon. A professora de apreciação musical comentou que John Lennon padecia dislexia. Com todo luxo de detalhes, descreveu os sintomas desse transtorno: parecia estar

descrevendo a vida do Wíll. De fato, a mulher tinha pronunciado uma sorte de solilóquio dirigido exclusivamente ao Wíll sobre o dom de ser diferente.

Ele partiu da classe. Não queria ser diferente. Não queria integrar-se. Queria ser normal. Durante toda sua etapa escolar, haviam-lhe dito que não encaixava na estrutura do curso. Os professores lhe tinham chamado estúpido, tinham-lhe ordenado que se sentasse na parte de atrás do salade-aula e que deixasse de fazer perguntas cujas respostas jamais compreenderia. Durante o terceiro ano, teve que apresentar-se no despacho do chefe de estudos, quem lhe disse que faria bem em deixá-lo.

Desde não ser pela senhora Flannigan, provavelmente o teria feito. Recordava bem a manhã em que lhe encontrou na cama, em lugar de estar esperando o ônibus da escola. Wíll a tinha visto esbofetear a outros meninos em inumeráveis ocasiões. Nada do outro mundo, solo um bofetão na cara ou um golpe no traseiro. Jamais lhe tinha pego antes, mas nessa ocasião sim o fez. Teve que ficar nas pontas dos pés. “Deixa de te compadecer. E sobe a esse ônibus antes de que te encerre na despensa”, disse.

Wíll não podia contar essa anedota a Sara. Era outra parte de sua vida que jamais compreenderia. Consideraria-o um abuso. Diria que tinha sido uma crueldade.

Mas foi justo o que necessitava: se a senhora Flannigan não tivesse subido as escadas e lhe tivesse empurrado até a porta, ninguém se teria incomodado em fazê-lo.

Betty levantou as orelhas. A placa identificativa tilintou quando girou a cabeça. Soltou um grunhido grave. Wíll ouviu que alguém abria a porta principal.

Durante um segundo pensou que poderia ser Sara, e lhe invadiu um sentimento de ligeireza. Logo recordou que Sara não tinha chave da casa e a escuridão se abateu de novo quando recordou o porquê. Sara não necessitava uma chave. Eles não passavam muito tempo em seu apartamento, porque sempre pendia a constante ameaça de que Angie se apresentasse.

-Wíllie? gritou Angie enquanto se dirigia ao salão.

Deteve-se na entrada da cozinha. Angie sempre lhe tinha tirado partido para seu lado feminino. Utilizava saias ajustadas e camisas que mostravam seu amplo canalillo. Aquele dia, levava uma camiseta negra e uns jeans por debaixo da cintura. Tinha emagrecido nas últimas três semanas, que era o tempo que tinha passado da última vez que a tinha visto. Viu um cinturão negro aparecendo por cima da cintura.

Betty começou a grunhir de novo. Angie a mandou calar. Logo olhou ao Wíll, e depois à pasta azul que tinha na mão.

-Estava lendo, carinho?

Ele não respondeu.

Angie foi à geladeira e agarrou uma garrafa de água. Desenroscou o plugue e lhe deu um bom sorvo enquanto lhe olhava atentamente.

-Parece um asco.

Assim se sentia. Quão único queria era apoiar a cabeça na mesa e tornar-se a dormir.

-O que quer?

Ela se apoiou no mostrador. O que disse não deveria lhe haver surpreso, porque nada do que dissesse Angie podia lhe surpreender.

-O que vamos fazer com seu pai?

Wíll olhou a pasta. Reinava o silêncio na cozinha, e podia ouvir a respiração sibilante da Betty ao respirar, o tinido da placa do colar quando voltou a sentar-se.

Angie nunca lhe tinha dado tempo para pensar.

-O que me diz?

Wíll não sabia o que lhe responder. Levava dezoito horas pensando nisso e não tinha encontrado uma solução.

-Não penso fazer nada.

Angie parecia decepcionada.

-Tem que chamar a sua noiva e lhe pedir que te devolva os cojones.

Wíll a olhou.

-O que é o que quer, Angie?

-Seu pai leva fora do cárcere seis semanas. Sabia?

Wíll notou que o estômago lhe dava um tombo. Não se tinha incomodado em olhar os detalhes na base de dados estatal, mas deduziu que tinha saído recentemente, nos últimos dias, não quase dois meses antes.

-Tem sessenta e quatro anos disse ela. Diabético. Teve um ataque ao coração faz uns anos. Costa manter e cuidar das pessoas maiores.

-Como sabe todo isso?

-Estive na audiência da liberdade condicional. Esperava verte ali, mas não. -Arqueou uma sobrancelha, esperando que lhe fizesse uma pergunta óbvia, mas, ao ver que não o fazia, adiantou-se e acrescentou: Tem bom aspecto para sua idade. mantém-se em forma. Imagino que o ataque ao coração lhe assustou. -Sorriu. Você tem sua mesma boca, a mesma forma de seus lábios.

-A que vem isso?

-O caso é que lembrança nossa promessa.

Wíll se olhou as mãos. tirou-se uma cutícula.

-Então fomos uns meninos.

-Lhe pôr uma faca no pescoço. Lhe colocar um gancho na cabeça. Lhe colocar um chute com heroína e fazer que parecesse um acidente. Esse era seu sonho favorito, não é verdade? -inclinou-se, ocupando todo seu campo de visão. Te está jogando atrás, Wílburt?. Ele se apartou. Preciso te recordar o que fez a sua mãe?

Wíll tentou esclarecê-la voz, mas tinha um pouco engasgado.

Angie agarrou uma cadeira e se sentou a escassos centímetros dele.

-Escuta, carinho, pode te divertir tudo o que queira com seu doctorcilla. Já sabe que eu tive minha parte. Mas isto são negócios. Algo que pertence a nosso passado, e uma promessa que nos fizemos. -Esperou uns segundos e continuou: Tudo o que aconteceu com sua mãe e a ti, e tudo

por culpa desse bode. Não podemos esquecer-lo, Wíll. Tem que pagar por isso.

A cutícula do Wíll começou a sangrar, mas não pôde deixar de atirar-se da pele. As palavras do Angie lhe produziram uma sensação familiar em seu interior.

A raiva, a cólera, a necessidade de vingança. Wíll tinha passado os dez últimos anos de sua vida tratando de apagar todo aquilo, mas Angie o estava reavivando.

-Não acredito que você seja a mais adequada para me falar de promessas incumplidas disse Wíll.

-Ashleigh Snyder.

Wíll levantou a cabeça bruscamente, surpreso.

Angie sorriu enquanto dava golpecitos com o dedo na pasta.

-Esqueceste-te que sei tudo. Todos os detalhes. Até o último. Crie que trocou que método? Crie que é muito velho para fazer das suas? Direi-te uma coisa, carinho, estive muito ocupado no cárcere. Pode correr mais rápido que você, saltar mais que você, matar antes que você. Solo lhe olhar me dá pavor, e já sabe que não me assusto facilmente.

Wíll olhou o dedo do Angie. O esmalte da unha estava descascado.

-Está-me escutando, Wíll?

Esperou a que deixasse de tocar a pasta de sua mãe.

Ela, lentamente, apartou a mão.

Angie lhe tinha ajudado a preencher os papéis para obter os documentos. Tinha sido primeira em lhe ensinar a foto de sua mãe. Tinha-lhe lido o relatório da autópsia em voz alta quando ele, do zangado que estava, logo que podia encontrar sentido a todo aquilo. Lacerações, abrasões, arranhões, rasgões, moratones, todo o inimaginável descrito na fria linguagem dos médicos. Ao igual a Wíll, Angie conhecia cada detalhe. Conhecia todo o horrível que lhe tinha feito, a dor e o dano que lhe tinha infligido, ao igual a sabia que, quando terminou de lhe descrever o que lhe tinha feito a sua mãe, sentia-se tão doente que começou a cuspir sangue.

-Aloja-se no Four Seasons, no Fourteenth Street. Acredito que seu dinheiro lhe proporcionou alguns interesses estes anos.

estiveste lhe vigiando?

-Tenho um amigo em segurança que o faz por mim disse apertando os lábios. Não vive mau. É um hotel de cinco estrelas. Vai ao ginásio todas as manhãs.

Pede que lhe levem a comida à habitação. Sai a passear, e ronda pelo bar.

Wíll visualizou cada ação. O fato de que esse homem vivesse a todo luxo revolveu as tripas.

-Não passa nada disse Angie tratando de sossegá-lo. Wíll não podia deixar de olhar a pasta. Suas mãos aferravam o bordo. Sou eu, carinho. Comigo não tem que dissimular.

Sobressaltou-se quando os dedos do Angie lhe acariciaram o pescoço e as costas. Passou-lhe as unhas pelas cicatrizes de sua pele.

-Pode falar comigo sobre isso. Eu estava ali. Sei o que aconteceu. Não vou julgar te.

Wíll moveu a cabeça, mas ela seguiu lhe acariciando, deslizando a mão por seu peito, lhe tocando com a ponta dos dedos os círculos perfeitamente redondos onde lhe tinham queimado com um cigarro. Ela aproximou a boca a sua orelha e disse: -Crie que todo isso te teria acontecido se tivesse tido a sua mãe? Crie que ela teria permitido que maltratassem a seu bebê?

Disso é do que tinham falado durante horas, dias, semanas, anos. Das coisas que lhes tinham feito. Das coisas que fariam para que essa gente pagasse por isso. Fantasias infantis de vingança. Isso é o que eram. Entretanto, era tão agradável deixar-se levar por elas, tão prazenteiro pensar em lhe fazer a esse bode o que o Estado se negou a fazer.

-Deixa que eu me encarregue disso disse Angie. Deixa que te facilite o caminho.

Wíll estava muito cansado. sentia-se incapaz. Doía-lhe cada centímetro de seu corpo. A estática ressonava em seu cérebro, sem cessar. Quando Angie se aproximou, quão único pensou era quão agradável era sentir perto a outra pessoa. Isso é o que Sara fazia com ele. Tinha-lhe arrebatado sua capacidade de estar sozinho. entrou-se em sua solidão, tinha-o miserável a um mundo onde não só queria coisas, mas sim as necessitava. Necessitava que lhe acariciasse, que seus braços lhe rodeassem.

-Pobre pequeno disse Angie.

Beijou-lhe a orelha, o pescoço. Wíll notou que uma sensação familiar lhe percorria o corpo. Quando lhe colocou a mão pela camisa, não a deteve. Quando aproximou sua

boca à sua, tampouco. Pô-lhe as mãos no peito. Lhe estreitou entre seus braços.

Mas não sabia a nada. Nem a hortelã, nem a mel, nem a aqueles caramelos amargos que tanto gostavam a Sara. Angie apoiou as mãos em seus ombros, com as Palmas abertas, mas não para lhe agarrar pela nuca, nem para lhe aproximar, a não ser para apartá-lo.

Wíll tentou beijá-la de novo, mas ela se separou dele, justo como esperava. Assim funcionavam as coisas entre eles. Assim que ela conseguia algo, já não queria mais.

Wíll soltou um suspiro prolongado.

-Não te quero disse. Logo corrigiu: Já não estou apaixonado por ti.

Angie dobrou os braços e voltou a sentar-se na cadeira.

-Deveria estar doída por isso?

Wíll negou com a cabeça. Não queria feri-la, solo detê-la.

-Volta para a realidade, querido. Sara pode que esteja agora muito carinhosa, e te dirá que quer sabê-lo tudo de ti, mas me diga: pensaste o que fará quando o souber?

Wíll não pôde responder à pergunta, mas sabia uma coisa com toda segurança.

-Não o usará em meu contrário.

-Vá, que doce soa isso, mas me diga: como vai dormir sabendo que o DNA de seu pai corre por suas veias? A natureza é mais forte que a educação, carinho.

Sara é doutora. Já verá como começa a perguntar-se do que seria capaz. -aproximou-se dele. Pensa no terror que verá em seu olhar.

Wíll a olhou fixamente. Tinha um gesto desagradável na boca, um olhar vazio nos olhos. Não só estava mais magra, a não ser gasta. Desde que a conhecia, sempre tinha levado muita maquiagem, não porque o necessitasse, mas sim porque gostava. ficava muito delineador nos olhos, sombra marrom escuro com um pouco de brilho, carmim cor vermelha nos lábios, ruge em seus pronunciados maçãs do rosto. Seu cabelo encaracolada cor castanha pendurando aos lados da cara. Seus lábios formavam uma passarinha perfeita. Era alta, magra, e tinha uns peitos que se sobressaíam das camisas que utilizava. Era o tipo de mulher que fazia que os homens enganassem a suas algemas. Literalmente. Ao Angie adorava arrebatat coisas às pessoas. Era uma tentação, uma sereia, uma benjamima.

Além disso, estava pendurada de tudo, e tinha as pupilas completamente dilatadas.

-Está tomando pastilhas outra vez? perguntou Wíll. Tratou de lhe agarrar a mão, mas ela se apartou. Angie?

Ela se levantou da mesa e foi até a pia.

Wíll voltou a sentar-se na cadeira.

-O que está fazendo, Angie?

Não lhe respondeu. Em seu lugar ficou olhando pela janela da cozinha. Lhe viam as clavículas. A tatuagem da caravela e os ossos que se feito quando tinha dezoito anos tinham adquirido um tom azul claro.

Wíll se levou a mão ao bolso. Apalpou o frio metal de seu anel de bodas. Sara guardava o anel de seu marido em uma pequena caixa de madeira sobre o suporte da chaminé. o dela também estava ali. Ambos entrelaçados com uma cinta branca, apoiados sobre uma almofada de cetim azul.

-O que está fazendo, Angie? repetiu.

Ela levantou os ombros.

-Suponho que é o que me passa quando estou sem ti. estiveste sem mim muitas vezes.

-Sim, mas ambos sabemos que agora é diferente.

Ele não pôde refutar o que era certo.

-Deixa de te fazer danifico.

-Farei-o quando deixar de follarte a sua noiva.

Angie saiu da cozinha. Agarrou a bolsa de onde o tinha deixado e se deu a volta para dirigir-se à porta principal. Lançou-lhe um beijo e logo desapareceu.

Wíll apoiou a frente na mesa. Notou o frio linóleo na pele. Betty lhe deu uma vez mais com as pezuñas na perna. Agarrou-a e a pôs no regaço. Tinha o cabelo áspero. O chupeteó os dedos.

A mãe do Angie se havia suicidado com drogas. Foi um suicídio que durou vinte e sete anos. Por isso entrou no orfanato. Deidre Polaski passou mais da metade da vida do Angie em vírgula vegetativo em um hospital do estado. Fazia poucos meses que tinha morrido. Pode que isso fosse

o motivo de que ela tivesse começado a tomar pastilhas de novo. Possivelmente precisava escapar.

Ou possivelmente fora culpa do Wíll.

Três semanas antes, nessa mesma cozinha, Angie se tinha posto uma pistola na boca. antes disso, tinha-lhe ameaçado matando-se. Era sua estratégia favorita quando já nada lhe funcionava. Wíll pensou no anel de bodas que guardava no bolso. Possivelmente o guardava pela mesma razão que Sara guardava o de seu marido. Ele tinha tido saudades ao Angie durante anos. A única diferença é que ela não tinha morrido.

Soou o telefone. Não o móvel, que se estava carregando sobre seu escritório, a não ser o fixo. Levantou a cabeça da mesa, mas não pôde levantar-se. Possivelmente fora Sara, embora sabia que era sua responsabilidade chamá-la a ela, e não ao reverso. partiu-se a noite anterior sem dar explicações. Tinha-a cheio o saco. Além disso, tinha beijado ao Angie.

Wíll se levou a mão à boca. Ainda tinha os lábios manchados de carmim. Deus santo, o que tinha feito? Sara se sentiria desolada. Ela... não quis pensar no que faria. Seria o final de sua história, o final de tudo.

O telefone deixou de sonar. A casa estava em completo silêncio. Podia sentir o coração martilando em seu peito. Tinha a boca seca. Betty se moveu em seu regaço.

Que narizes tinha feito?

Seu móvel começou a chiar. Jamais se tinha considerado um covarde, mas a atração que lhe provocava ficar ali sentado sem fazer nada era mais forte. Por desgracia, carecia de vontade.

Pôs a Betty no chão. Quando percorreu o salão, pareceu-lhe andar sobre areias movediças. Agarrou o móvel, esperando ver na tela o número da Sara, mas era o da Amanda.

Por um instante, pensou em não responder, mas se tinha aprendido algo nas últimas vinte e quatro horas é que Amanda sabia sempre como lhe localizar.

Agarrou as chaves do carro e respondeu:

-Já vou para o aeroporto.

-Fique aí disse ela com um tom muito sério. encontramos um cadáver. Faith te recolherá.

Apoiou a mão sobre o escritório. Seu coração começou a pulsar apressadamente.

-Onde?

Amanda duvidou, algo que Wíll jamais lhe tinha visto fazer.

-Faith te dará os detalhes.

-Onde?

-Já sabe onde. No Techwood.

Capítulo nove

Mary Halston

15 de novembro de 1974

A Mary tinham roubado a noite anterior na Union Mission, coisa que não era de sentir saudades, mas, apesar disso, incomodou-lhe. Não foi dinheiro o que lhe tiraram, já que seu fanfarrão ficava contudo, a não ser um medalhão que lhe tinha agradável Jerry, seu noivo durante a escola secundária. partiu-se ao Vietnam nada mais terminar a escola. Tinha seus próprios motivos para estar contra os vietnamitas, mas se enganchou tanto à heroína que não pôde acontecer o test de drogas para retornar aos Estados Unidos. Esteve seis meses apodrecendo-se na selva para poder desintoxicar-se, mas, assim que aterrisou o avião, agarrou a Mary e uma bolsa de heroína. Seis meses mais tarde, morreu com a seringa no braço, e Mary teve que resignar-se e ficar a trabalhar nas ruas rezando para que tudo terminasse de uma vez.

Preferia não lhes olhar à cara. Seus olhos redondos e brilhantes, seus lábios úmidos, sua forma de apertar os dentes. Parecia como se suas imagens lhe tivessem ficado gravadas em uma parte de seu cérebro a que um dia teria acesso... e então... puff. Arderia como uma vela e logo se apagaria para sempre.

Em certa ocasião tinha lido um livro estúpido no que os cientistas lhe cortavam as retinas e as introduziam em um enorme televisor no qual se podia ver tudo o que você tinha visto em toda sua vida. Embora arrepiante, o livro a entreteve, porque não gostava de pensar em sua vida. Para começar, resultava estranho que o tivesse lido, já que seu

gosto tendia mais às novelas de mistério da Dana Girls e Nancy Drew. Entretanto, tinha-lhe dado pelas coisas científicas depois de ver 2001: Uma odisséia do espaço. Bom, a verdade é que muito não a tinha visto, porque Jerry se passou todo o momento lhe colocando emano, mas captou a essência do filme: no 2001, a espécie humana estaria totalmente jodida.

E não é que pensasse que viveria para vê-lo, apesar de ter sozinho dezenove anos. Quando não estava dormindo em um cama de armar da Union Mission, passeava pelas ruas em busca de algum cliente. Tinha perdido alguns dentes, e o cabelo caía a mechas. Não era o bastante atrativa para ter sua própria esquina, por isso tinha que perambular durante o dia em procura de advogados e banqueiros que a punham de cara à parede enquanto faziam o seu. Isso lhe recordava a forma em que se agarra a um gatinho. Agarra-o pela parte de atrás do pescoço e fica imóvel. Entretanto, nenhum desses gilipollas ficava imóvel, disso estava segura.

Mary entrou em um beco e se sentou ao lado dos contêineres. Doíam-lhe os pés. Tinha ampolas nos talões porque os sapatos lhe apertavam. Em realidade, não eram seus sapatos. Mary não só era uma vítima na Union Mission, também agarrava o que necessitava, e o que precisava eram uns sapatos de verniz branco, com os saltos grossos. Eram muito elegantes, do tipo que usaria Ann Enjoe em uma rodagem dessa garota.

Ouviu aproximar umas fortes pisadas. Elevou os olhos para olhar ao homem. Era como olhar uma montanha. Era alto, de largas costas e tinha umas mãos que poderiam lhe romper o pescoço com soma facilidade.

bom dia, irmã disse.

Isso foi quão último ouviu.

Capítulo dez

Sábado 12 de julho de 1975

Amanda jamais tinha sido muito hábil na hora de mentir, especialmente quando se tratava de seu pai. Desde muito pequena, Duke conseguia olhar a de uma forma muito especial que fazia que lhe contasse a verdade sem importar as conseqüências. Não podia imaginar zangado que ficaria se se inteirava de que estava passando a tarde em casa da Evelyn Mitchell. Isso lhe recordava todas as histórias sobre o escândalo Nixon. A mentira sempre termina por sair à luz.

E essa era uma das grandes. Amanda não só se inventou uma função na igreja, mas sim tinha envolto a Vanessa Livingston e lhe fez prometer que respaldaria sua história até as últimas conseqüências. Amanda esperava que Duke estivesse tão imerso em seu caso que não queria afundar em sua história. Tinha estado falando por telefone com seu advogado durante toda a manhã. A decisão do Tribunal Supremo no caso de Lareiras Oglethorpe tinha trocado as voltas na delegacia de polícia de polícia. Duke apenas se deu conta de sua presença enquanto limpava sua casa e lhe engomava as camisas.

Quão único desejava nesse momento era ver com seus próprios olhos a Evelyn para assegurar-se de que estava bem. depois de partir no dia anterior do Techwood, nenhuma tinha intercambiado palavra. Evelyn a tinha deixado em delegacia de polícia e se partiu sem nem sequer despedir-se. O que lhe tinha feito Rick Landry no corredor parecia havê-la deixado sem fala.

Amanda se dirigiu ao Monroe Drive. Não freqüentava essa parte do Piedmont Heights. Mentalmente, ainda a considerava uma zona agrícola, embora fazia tempo que se converteu em uma área industrial. De pequena, tinha visitado com sua mãe Monroe Gardens, onde tinham observado durante horas os arriates enquanto agarravam pensamentos e rosas para plantá-los no jardim traseiro. Aquele lugar, entretanto, agora o tinham transformado em uma série de edifícios de escritórios para a Cruz Vermelha, mas ainda podia recordar as fileiras de narcisistas.

Torceu à esquerda no Montgomery Ferry. O Plaster's Bridge estreitava a estrada e a convertia em uma de um só sulco. Os pneumáticos do Plymouth estralavam sobre o asfalto cheio de sulcos. Correu-lhe um suor frio ao passar pelo Ansley Golfe Clube, embora sabia que seu pai não estava jogando aquele dia. Seguiu a curva para o Lionel Lane e logo girou à direita no Friar Truck, que levava diretamente até o Sherwood Forest.

A casa da Evelyn era uma dessas de uso rancheiro que se construíram a milhares para albergar a quão veteranos tinham retornado. Eram casas de uma só planta, com a garagem aberta a um lado, igual à casa do lado, que era uma réplica exata da seguinte, e da de mais à frente.

Estacionou na rua, detrás da caminhonete da Evelyn e se olhou no retrovisor. O calor lhe tinha quebrado a maquiagem. Tinha o cabelo esmagado e sem brilho.

Tinha pensado em lavar-lhe aquele dia, mas a idéia de sentar-se sob o secador lhe resultava nauseabunda e não podia deixar que se secasse ao ar livre porque ficava muito áspero.

Apagou o motor e ouviu o zumbido de uma serra circular. A entrada estava ocupada por um Trans Am cor negra e um Ford Galaxie conversível como o que levava Perry Mason. Ao aproximar-se da casa, viu que estavam construindo um abrigo no lado aberto da garagem. Tinham levantado os tabiques da parede exterior e o teto, mas nada mais. Viu um homem na garagem inclinada sobre uma parte de madeira compensada apoiada sobre um par de cavaletes. Levava postos uns jeans curtos e ia sem camisa. O logotipo de sua viseira cor laranja era facilmente visível, embora não reconheceu o emblema dos Aligátors da Florida até que esteve perto da entrada.

-Olá! disse o homem deixando a serra.

Amanda deduziu que seria Bill Mitchell, embora o tinha imaginado mais glamuroso. Era um tipo normal, da mesma altura que Evelyn, com o cabelo cor castanha e um pouco de barriga. Tinha a pele vermelha pelo sol. Esboçava um sorriso agradável, embora ela se sentiu muito incômoda falando com um homem que estava semidesnudo.

-Amanda disse lhe tendendo a mão. Sou Bill. Prazer em conhecê-lo. Ev me falou muito de ti.

-O mesmo te digo respondeu Amanda lhe estreitando sua suarenta mão. Tinha serrín pego nos braços e no peito.

-Vamos à sombra. Faz um calor insuportável.

Pô-lhe a mão no cotovelo enquanto a conduzia para a parte sombreada da garagem. Amanda viu uma mesa de pícnic no jardim traseiro. O andaime já estava desprendendo fumaça. De repente, sentiu uma quebra de onda de culpabilidade. Tinha estado tão preocupada com o estado mental da Evelyn que se esqueceu de que era uma

festa e de que deveria lhe haver levado um presente à anfitriã.

-Bill?

Evelyn entrou na garagem com um bote de maionese na mão. Ia descalça e levava um traje de suspensórios de cor amarela. Tinha a juba perfeita. Não levava maquiagem, mas não parecia necessitá-lo.

-Olá, Amanda. vieste. -Deu-lhe o bote de maionese a seu marido e acrescentou: Carinho, ponha uma camisa. Está mais avermelhado que um caranguejo.

Bill olhou a Amanda. Abriu o bote de maionese antes de devolver-lhe a sua esposa.

Evelyn se dirigiu a Amanda.

-Apresentou ao Kenny? Bill, onde está Kenny? -Não lhe deu tempo a responder. Kenny?

-Estou aqui debaixo disse uma voz grave procedente de debaixo do abrigo. Amanda viu um par de pernas peludas, logo uns jeans curtos e depois o torso nu de um homem que saiu de debaixo do chão de madeira compensada. Sorriu a Amanda e disse: Olá. -Logo se dirigiu ao Bill e acrescentou: Acredito que necessitamos mais escoras.

-Estão construindo um abrigo explicou Evelyn, assim posso ter um lugar seguro onde guardar a pistola.

-E abono -acrescentou Kenny. Tendeu-a mão a Amanda. Sou Kenny Mitchell. O irmão do Bill.

Amanda lhe estreitou a mão. Estava quente e áspera. Notou que se ruborizava sob o sol. Era o homem mais

atrativo que tinha visto fora de um filme de Hollywood.

Seu peito e seu estômago eram puro músculo. Tinha o bigode recortado, mostrando uns lábios muito sensuais.

-Ev, não me havia dito que seu amiga fosse tão bonita.

Amanda se ruborizou de pés a cabeça.

-Kenny! exclamou Evelyn repreendendo-o-a está envergonhando.

-Sinto muito, senhorita disse.

Fez-uma piscada a Amanda enquanto se metia a mão no bolso e tirava um pacote de cigarros. Amanda tratou de não olhar a linha de pêlo que começava no umbigo e continuava baixando.

-Parece-se com as pedações esse que sai nos anúncios do Safeguard, verdade que sim? disse Evelyn. Fez-um gesto a Amanda para que a seguisse ao interior da casa. Vêem. Deixemos aos meninos com o seu.

Bill as deteve e se dirigiu a Amanda.

-Obrigado por cuidar ontem de minha garota. É uma péssima condutora. Se olhe mais ao espelho que à estrada.

Evelyn se adiantou a Amanda.

-Contei-lhe que estivemos a ponto de atropelar a um homem na rua. -levou-se a mão ao peito, justo ao mesmo lugar onde Rick Landry lhe tinha parecido a lanterna.

O volante me deixou um cardeal tremendo.

-Deve ter mais cuidado disse Bill lhe dando uma palmada no traseiro. E agora entra antes de que coma a beijos.

Evelyn lhe beijou na bochecha.

-Bebe muita Coca-Cola. Não querará te desidratar com este calor.

Agarrou o bote de maionese e o apertou contra o estômago enquanto percorria a garagem. Amanda a seguiu. Queria lhe perguntar por que lhe tinha mentido a seu marido, mas a baixa temperatura do interior da casa a deixou sem fala. Pela primeira vez em muitos meses, não estava suando.

-Tem ar condicionado?

-Bill o comprou quando fiquei grávida e já não podemos viver sem ele.

Pôs o bote sobre a encimera, ao lado de um enorme recipiente cheio de batatas cortadas, ovos e pimentos. Mesclou-as com a maionese e disse: -Quão único sei preparar é salada de batatas. Eu não gosto de muito, mas ao Bill adora. -Parecia embevecida, com aquele sorriso. Não é maravilhoso? É um libera perfeito.

A julgar pela casa da Evelyn, Bill devia ser um libera muito feliz. A cozinha era extremamente moderna: encimeras laminadas de cor branca que faziam jogo com uns eletrodomésticos cor verde abacate. Os atiradores de cromo dos armários brilhavam com a luz do sol. O linóleo tinha um estampado sutil. As cortinas da janela deixavam entrar uma luz amarelada. Havia uma habitação encostada à cozinha com uma máquina de lavar roupa e uma secadora. Uns jeans de menino penduravam do tendedor interior. Era o

tipo de casa que Amanda acreditava que solo existia nas revistas.

Evelyn guardou a salada de batatas na geladeira.

-Obrigado por não dizer nada ao Bill disse ficando-a mão no peito. Só serviria para que se preocupasse.

-Encontra-te bem?

-OH respondeu sem acrescentar nada mais. Pôs a maionese ao lado da salada, mas se deteve quando estava a ponto de fechar a geladeira. Quer uma cerveja?

Amanda jamais tinha provado a cerveja, mas estava claro que Evelyn a necessitava.

-Bom.

Evelyn tirou duas latas do Miller da porta. Atirou das argolas e as jogou no cubo de lixo. Estava-lhe dando a cerveja a Amanda quando começou a funcionar de novo a serra circular.

-Vêem por aqui.

Fez-lhe um sinal enquanto cruzavam o comilão e entravam em um enorme salão.

O comilão estava um degrau mais baixo. A temperatura era quase glacial, graças ao aparelho de ar condicionado que havia em cima de uma das janelas. Amanda notou que o suor de suas costas se esfriava. Seus sapatos se afundaram no suntuoso carpete de cor ocre. O teto tinha uns relevos muito bonitos. Havia uma poltrona estofada de chintz verde e um sofá amarelo. Umas poltronas de brincahonas que faziam jogo emolduravam as portas trilhos

de cristal. ouvia-se música do McCartney na equipe de alta fidelidade. Uma das paredes estava repleta de livros. Um televisor consola do tamanho de um carrinho para bebês servia de centro. A única coisa desconjurada era aquela enorme loja de campanha em meio da habitação.

-Dormimos aqui pelo ar condicionado explicou Evelyn, que se sentou no sofá. Amanda tomou assento a seu lado. Temos um aparelho no dormitório, mas não me pareceu justo com o Zeke, e seu berço é muito grande para que caiba no dormitório.

Deu um comprido sorvo à cerveja.

A Amanda lhe davam bem as conversações, não as frases curtas.

-Quantos anos tem?

-Quase dois disse grunhindo, o que lhe fez pensar a Amanda que era algo mau. Quando era pequeno, Bill o metia na gaveta da cômoda e o deixava ali quando necessitávamos um pouco de intimidade. Mas agora já está começando a caminhar... -Assinalou a loja. Graças a Deus, dorme muito bem, embora não esta manhã. Chiava do lindo, por isso Bill o levou com sua mãe antes de que me voltasse louca de tudo. vou trocar o disco. -levantou-se e se dirigiu ao tocadiscos. Viu o que está fazendo John Lennon?

Falava como se tivesse metido um gato em um saco e lhe desse voltas por uma habitação pequena, mas Amanda murmurou: -Sim. Parece-me muito interessante.

-Acredito que Bill emprestou o disco ao Kenny disse Evelyn falando consigo mesma enquanto passava os discos. Ou pode que falasse com a Amanda. Entretanto, não

parecia lhe importar que lhe respondesse. Simon e Garfunkel? perguntou, embora já estava pondo o disco.

Amanda olhou a mesa de centro, tentando encontrar uma boa desculpa para partir. Jamais se havia sentido tão desconjurado. Não estava acostumada ao trato social, especialmente com estranhos. Para ela sozinho existiam a igreja, o trabalho, a escola e seu pai. Resultava óbvio que Evelyn se encontrava bem depois da experiência do dia anterior. Tinha a seu marido e a seu cunhado. Tinha a loja de campanha para praticar sexo no salão e uma casa o mar de bonita. Tinha sua exemplar do Cosmo em cima da mesa, onde todo mundo pudesse vê-lo.

Amanda notou que se voltava a ruborizar enquanto olhava aqueles titulares tão morbosos. Seria desastroso se um raio caía às dois e seu pai a encontrava em casa da Evelyn com uma lata de cerveja na mão e a revista Cosmopolitan ante ela.

Evelyn se acomodou no sofá.

-Encontra-te bem?

-Tenho que partir.

-Mas se acabar de chegar.

-Solo queria saber se te encontrava bem depois de que Rick...

-Fuma? perguntou Evelyn agarrando uma caixa de metal da mesa.

-Não, obrigado.

-Eu o deixei quando fiquei grávida do Zeke -admitiu. Por alguma razão, não podia suportar o sabor. É curioso, porque antes eu adorava. -Deixou a caixa na mesa. Por favor, não vá. Alegra-me muito que tenha vindo.

Amanda se sentiu envergonhada pelo comentário. E apanhada. Agora não podia partir sem ser grosseira. Voltou a falar de seu filho porque parecia o único tema que não resultava espinhoso.

-Zeke é um nome de família?

-Seu nome é Ezekiel. tentei que Bill não o abreviasse, mas... -Se calou. O único critério que tem Bill para escolher um nome é imaginar como sonha quando o disserem pelos altofalantes do estádio da Florida.

Em lugar de rir de sua piada, ficou calada. Observou a Amanda.

-O que acontece? perguntou Amanda.

vamos seguir com nossas coisas?

Amanda não teve que perguntar a que coisas se referia. foram vigiar o edifício de escritórios para encontrar ao senhor do traje azul. Amanda pensava chamar o Departamento de Moradias. Evelyn revisaria os informe de pessoas desaparecidas em outras zonas. No dia anterior lhes parecia um plano sólido, mas agora, visto com certa perspectiva, parecia pouco profissional e muito perigoso.

-Crie que devemos seguir com isso?

-E você?

Amanda não soube responder. depois do acontecido com o Rick Landry estava assustada. Também lhe preocupavam todas as indagações que já tinham feito. Ambas tinham chamado a pessoas com as que não deviam ter falado. Amanda tinha passado toda uma manhã lendo edições passadas do Journal e do Constitution. Se Duke tinha razão e recuperava seu trabalho, o primeiro que faria seria averiguar o que tinha estado fazendo, e isso não gostaria.

-Sabe, estava pensando... começou Evelyn. ficou a mão no peito. Seus dedos agarraram um dos botões de madrepérola. O que me fez Landry. O que Juice tentou te fazer. É curioso que, sejam brancos ou negros, o primeiro que façam é atirar-se a pelo que tem entre as pernas. Isso é quão único valemos.

-Ou do que carecemos.

Amanda terminou sua cerveja. Estava um pouco achispada.

por que solicitou esse trabalho? Foi por seu pai?

-Sim respondeu ela, embora solo era certo em parte. Queria ser uma garota Kelly.⁸ Trabalhar em um escritório distinto cada dia. Ter um bonito apartamento.

Amanda não terminou de lhe contar qual era sua fantasia, pois também imaginava um marido, possivelmente um filho, alguém a quem pudesse cuidar.

-Já sei que sonha um pouco superficial.

-me parece uma razão melhor que a minha respondeu Evelyn acomodando-se de novo no sofá. Eu estava acostumado a ser uma sereia.

-Como diz?

Evelyn se pôs-se a rir. Parecia encantada com a expressão de surpresa da Amanda.

-Alguma vez ouviste falar do Weeki Wachee Spring? Está a uma hora da Tampa.

Negou com a cabeça. Ela sozinho tinha estado na Florida Panhandle.

-Deram-me o trabalho porque podia estar sem respirar durante noventa segundos. E por isso. -Assinalou seus peitos. Me passava o dia nadando. -Fez um gesto com os braços no ar. E bebendo toda a noite. -Baixou os braços. Sorria.

Quão único pôde dizer Amanda foi:

-Sabe Bill?

-Onde crie que nos conhecemos? foi visitar o Kenny à base aérea McDill. Amor a primeira vista. -Pôs os olhos em branco. Fui com ele a Atlanta. Casamonos.

Aborrecia-me de estar em casa, assim decidi procurar um trabalho perto. -Sorriu, como se fosse contar uma história graciosa. Fui ao centro, aos tribunais, a preencher uma solicitude. Tinha visto um anúncio no periódico dizendo que o Comissionado de Impostos necessitava pessoal, mas me equivoquei de habitação. Entrei e vi um homem vestido de uniforme. Um gilipollas. Olhou-me e me disse: “Muchachita. Equivocaste-te que sítio. Esta habitação é para a polícia. E, pelo aspecto que tem, asseguro-te que não vais entrar”.

Amanda se Rio. Evelyn o imitava muito bem.

-O que fez?

-A verdade é que estava furiosa disse endireitando as costas, assim que lhe disse: “Não, senhor, que se equivoca é você. Eu vim para ingressar na polícia, e tenho direito a fazer a prova”. -Se tornou para trás. Pensei que não passaria, mas uma semana depois me chamaram para uma entrevista. Não sabia se devia ir. Não o havia dito nem ao Bill. Mas me apresentei e soube que tinha aprovado porque me disseram que me apresentasse na academia a semana seguinte.

Amanda não podia imaginar semelhante descaramento.

-O que disse Bill?

-“te divirta, mas tome cuidado.” -Estendeu os braços e acrescentou: Assim me converti em polícia.

Amanda ficou consternada para ouvir aquela história, mas ao menos era melhor que a da Vanessa, que tinha visto um letreiro no tablón de anúncios da prisão quando a estavam processando por conduzir em estado de embriaguez.

-Não estava segura de que pudesse retornar depois de ter ao Zeke prosseguiu Evelyn. Respirou profundamente. Mas logo pensei no bem que me sentia quando respondia a uma chamada e uma mulher via que eu estava ao mando, e que seu noivo, seu marido ou quem quer que fosse que a tinha estado maltratando tinha que responder a minhas perguntas. Faz-me sentir que estou fazendo algo bom. Imagino que os negros se sentem igual quando vêem aparecer um policial negro. Sentem que estão falando com alguém que os compreende.

Amanda jamais o tinha visto dessa maneira, mas supôs que tinha sentido.

-Quero fazê-lo. Realmente quero fazê-lo disse Evelyn lhe agarrando a mão. Havia certo tom de urgência em sua voz. Essas garotas. Kitty, Mary, Lucy, Jane, que descansem em paz. Em realidade, não são muito diferentes de nós, verdade que não? Alguém decidiu que não importavam. E é certo. Não importavam. Não, dadas as circunstâncias. Não quando tipos como Rick Landry se podem permitir o luxo de dizer que Jane Delray se suicidó e o único problema é quem vai limpar seus restos.

Amanda não respondeu, mas Evelyn parecia lhe ler o pensamento.

-O que acontece?

-Não foi Jane.

-A que te refere? Como sabe?

-Eu datilografo todos os informe do Butch. Não foi Jane quem saltou do edifício. A garota se chamava Lucy Bennett.

Evelyn parecia confusa. Demorou uns instantes em processar a informação.

-Não o compreendo. Alguém a identificou? Sua família se apresentou?

-Encontraram a bolsa do Lucy no apartamento C do quinta andar.

-Esse é o apartamento do Jane.

-As notas do Butch dizem que a vítima era a única pessoa que vivia no apartamento. Sua bolsa estava no sofá. Encontraram seu carnê e a identificaram.

-Tomaram as impressões digitais?

-Lucy não estava fichada. Não há forma de comparar os rastros.

-Isso não quer dizer que é uma prostituta. Todas estão fichadas.

-Não, não quer

A menos que fosse nova no ofício, não havia forma de que Lucy Bennett tivesse evitado uma detenção. Algumas garotas inclusive se deixavam prender a propósito para passar uma noite em delegacia de polícia quando seus fanfarrões estavam cheios o saco.

-Lucy Bennett. Seu carnê estava na bolsa? -Evelyn ficou pensativa. Não acredito que Jane tivesse um carnê atirado por aí. Ela nos disse que essas garotas tinham desaparecido faz meses, e Lucy fazia um ano. Jane tentava cobrar sua ajuda governamental. Ou o carnê do Lucy o tinha Jane, ou está na caixa de cartão do Five Points.

Amanda já tinha pensado nisso.

-Butch sempre me dá os recibos das provas para que possa anotá-los no relatório. -Tinham levado a bolsa ao depósito central, onde o sargento de guarda catalogava cada artigo que se armazenava. Segundo o recibo, a bolsa do Lucy não continha nenhum carnê.

-O sargento de guarda não pode mentir a esse respeito. Perderia seu trabalho se algo se perder.

-Sim.

-Tinha dinheiro na carteira?

Amanda se sentiu aliviada ao não ser a ingênua por uma vez. Todas as bolsas e carteiras encontrados nos casos de homicídio que se deixavam no depósito, por obra de algum milagre, nunca continham dinheiro.

-Não importa disse Evelyn. Logo repetiu o nome da garota. Lucy Bennett. E eu pensando todo este tempo que era Jane.

-Significa algo seu nome? Aparece em algum dos informe de pessoas desaparecidas?

-Não. -Evelyn se mordeu o lábio. Logo olhou a Amanda e disse: Te importa se apresento a alguém?

Amanda sentiu um temor que lhe resultava familiar.

-A quem?

-A minha vizinha. -levantou-se do sofá. Agarrou a lata de cerveja da Amanda e a pôs na mesa, ao lado da sua. trabalhou no Departamento de Polícia de Atlanta.

A seu marido o trasladaram ao aeroporto. Bebe muito. Um bom elemento. -Foi até as portas trilhos. Amanda não pôde fazer outra coisa que segui-la. Evelyn continuou falando enquanto cruzavam o jardim traseiro. Roz é um pouco resmungona, mas é uma boa mulher. Viu muitos cadáveres em sua vida. Importa-te que seja judia?

Amanda não soube a que vinha aquela pergunta.

por que me ia importar?

Evelyn duvidou antes de continuar cruzando o pátio.

-Bom, o caso é que Roz é fotógrafa de cenas criminais. Revela todas as fotos em sua casa. Não querem que o faça em delegacia de polícia porque é uma bocazas.

Acredito que leva dez anos com esse trabalho. Não te falou seu pai dela?

Amanda negou com a cabeça quando Evelyn a olhou.

-Vi-a esta manhã e estava muito nervosa.

Passaram ao lado de um Corvair estacionado na garagem. A casa tinha a mesma estrutura que a da Evelyn, mas tinha um alpendre coberto entre a garagem e a casa.

Evelyn baixou a voz.

-Não diga nada de sua cara. Como já te hei dito, seu marido é um bom elemento. -Abriu a porta e deu uns golpecitos com os dedos na janela da cozinha. Olá?

Roz? Sou eu, Ev. depois de uns segundos sem ouvir resposta, dirigiu-se a Amanda e disse: Vou por diante.

-Eu ficou aqui.

Amanda apoiou a mão na máquina de lavar roupa que ocupava quase a metade do alpendre. A sensação de desconforto aumentou ao pensar no que estava fazendo.

Jamais tinha estado em casa de um feijão, e não sabia o que podia esperar.

Evelyn tinha razão; Amanda não saía muito. Levava anos sem ir a uma festa. Tampouco visitava seus vizinhos. Não estava acostumado a sentar-se em um salão a escutar música e beber álcool. Tinha tido muito poucas entrevistas

em sua vida. Qualquer moço que queria sair com ela tinha que pedir primeiro seu consentimento ao Duke, e não muitos tinham sobrevivido a seu escrutínio. Solo um moço que tinha conhecido na escola secundária tinha conseguido convencer a de que se deitasse com ele. Três vezes, mas ela não pôde suportá-lo mais. Assustava-a tanto ficar grávida que a experiência lhe resultou tão desagradável como fazer-se tirar um molar.

Evelyn retornou.

-Sei que está em casa disse batendo na porta da cozinha. Não sei por que não responde.

Amanda olhou seu relógio, tentando encontrar uma boa desculpa para ir-se. Estar ao lado da Evelyn Mitchell só incrementava seu sentimento de mortificação.

sentia-se como uma velha faxineira. A roupa que levava, a saia negra, a camisa branca de manga curta, seus sapatos e suas meias marcavam a diferença. Evelyn parecia uma hippie acalmada. Ao Kenny solo teria bastado olhando-a a ela para qualificar a do que era: uma limusine.

-Olá? disse Evelyn chamando de novo à porta.

Ouviu-se uma voz no interior da casa.

-Esperem um momento, Por Deus.

Evelyn sorriu a Amanda.

-Não deixe que te amedronte. Às vezes pode ser muito desagradável.

A porta se abriu. Uma mulher maior com bata e sapatilhas as olhou fixamente. Tinha a cara machucada: o lábio

partido, um olho arroxado.

por que bateste na porta principal e logo vai ao outro lado?

Evelyn ignorou a pergunta.

-Roz Levy, esta é minha amiga Amanda Wagner. Amanda, apresento ao Roz.

Roz a olhou com os olhos entrecerrados.

-É a filha do Duke Wagner, verdade?

Normalmente, a gente fazia esse comentário com respeito, mas da voz daquela mulher emanava algo muito parecido ao ódio.

-É uma boa garota, Roz. Ihe dê uma oportunidade disse Evelyn.

Roz ficou imóvel. Logo perguntou a Amanda:

-Sabe que Ihe chamam Wag?9 Sempre meneando a cauda, tentando contentar a todo mundo.

Amanda se sentiu surpreendida. O estômago Ihe deu um tombo.

-Te cale de uma vez, Roz disse Evelyn agarrando a Amanda do braço e colocando-a na casa. Quero que meu amiga veja as fotos que me ensinaste.

-Duvido que possa suportá-lo.

-Nisso te equivoca. Amanda pode agüentar mais do que crie.

Evelyn lhe apertou o braço enquanto percorriam a cozinha.

A casa não se parecia absolutamente a da Evelyn. Não tinha ar condicionado. De fato, parecia como se tivessem extraído o ar. Umas cortinas marrons e grosas cobriam todas as janelas, impedindo a entrada do sol. O comilão estava três degraus por debaixo e decorado com tons marrons escuros. Evelyn a empurrou para que passasse de comprimento ante um sofá que emprestava a suor. Havia latas de cerveja ao lado de uma cadeira de balanço, e bitucas fora do cinzeiro. Subiram três degraus. Evelyn a tinha agarrada enquanto percorriam o corredor e só a soltou quando entraram no dormitório do Roz.

Ao igual ao resto da casa, a habitação estava às escuras, e o ambiente, muito carregado. A porta do armário estava aberta. Uma lâmpada vermelha pendia de um cabo sobre várias bandejas e agentes químicos. Havia um divã velho repleto de câmaras de todas as formas e tamanhos. O escritório estava lotado de papéis. Havia raquetes de tênis e patins empilhados por toda a habitação.

-Organiza restelos explicou Evelyn. A primeira vez que Bill a viu disse que lhe recordava ao tipo que trabalhava para a baronesa Bomburst no Chitty Chitty Bang Bang. -Viu a expressão da Amanda e acrescentou: Carinho, não te incomode. Ela diz coisas muito desagradáveis às vezes. É sua forma de ser.

Amanda se cruzou de braços, sentindo-se exposta. Wag. Jamais tinha ouvido esse apodo. Sabia que na delegacia de polícia a consideravam uma garota muito formalita, e ela aceitava essa reputação. Podiam chamá-la coisas piores. Não era uma beleza, mas fazia bem seu trabalho, era amável e serviçal.

Chamavam-na Wag porque sempre tentava agradar a todo mundo.

Tragou saliva, tentando conter as lágrimas. Ela tentava agradar às pessoas. Agradar a seu pai fazendo tudo o que lhe dizia. Agradar ao Butch datilografando seus informes. Agradar ao Rick Landry levando-se a Evelyn do Techwood. por que o tinha feito? por que não lhe havia dito que a deixasse? Tinha-a agredido virtualmente com sua própria lanterna. Tinha um cardeal no peito, e Deus sabe no que outras partes. E sua resposta tinha sido agarrá-la e sair correndo como um perrito com o rabo entre as patas.

Meneando a cauda.

Ao final, Roz Levy se dignou a unir-se a elas. Amanda viu a razão de seu atraso ao entrar na habitação. parou-se para agarrar um Tab. Atirou da argola e a jogou dentro de um recipiente de cristal em cima do escritório.

-O que acontece? Hoje estão jogando a policiais e ladrões?

-Já te hei dito que estamos investigando um caso respondeu Evelyn com um tom surpreendentemente seco.

-Olha-a disse Roz dirigindo-se a Amanda. Acredita que algum dia a deixarão trabalhar em Homicídios.

-Pode que o façam respondeu Amanda.

-Ah. -Em realidade, não se Rio. A liberação da mulher, verdade que sim? Podem fazer o que lhes deseje muito sempre e quando fizerem o que lhes digam.

-Nós estamos na rua todos os dias, igual a eles replicou Evelyn.

-Criem-lhes muito guais porque lhes deixaram ir à academia e lhes deram uma placa e uma pistola. Mas sabem uma coisa: solo lhes deixarão subir o bastante alto como para que lhes rompam o pescoço ao cair. -Deu-lhe um sorvo ao Tab. Logo se dirigiu a Amanda: Crie que seu velho ganhará seu caso?

-Se sentir curiosidade, lhe pergunte você mesma.

-Já tenho um olho arroxado, obrigado. ficou o Tab na frente. A lata estava fria. O suor lhe caía pelas bochechas. Olhou a Amanda. Tem algum problema?

-Não. Mas começo a entender por que te pega seu marido.

Evelyn deu um grito afogado. Roz a olhou.

-De verdade?

Amanda se mordeu a língua para não desculpar-se pelo que havia dito. Olhou-a fixamente aos olhos.

Roz soltou uma gargalhada seca.

-Eve tem razão. É dura de cortar. -Bebeu da lata, esboçando um gesto de decepção ao ver que o líquido se acabava. Tinha cardeais amarelados no pescoço.

Sinto o de antes. tive sufocos toda a manhã. Põem-me de má uva.

Amanda olhou a Evelyn, que se encolheu de ombros.

-A mudança. Logo o terão vocês mesmas. -Roz se meteu no armário e começou a rebuscar entre um montão de fotos. Joder. Deixei-as na cozinha.

Amanda esperou até que saiu da habitação.

-De que fala?

-É algo que padecem todas as mulheres maiores que são judias.

-Não refiro a isso. Você viu a alguém me chamar por esse apodo? Wag?

Evelyn teve a delicadeza de não apartar o olhar. Foi Amanda quem não pôde agüentá-la. Olhou ao interior do armário, aos montões de fotografias que mostravam cenas sangrentas.

-Fotos -murmurou Amanda. Agora compreendia por que Evelyn a tinha levado ali. Ontem Roz fotografou a cena no Techwood.

-As fotos são muito desagradáveis. Realmente desagradáveis. Jane, ou melhor dizendo, Lucy, saltou da planta mais alta.

-Do telhado corrigiu Amanda. Ela conhecia todos os detalhes pelos informe do Butch. Há uma escada de acesso ao fundo do corredor. Subiu até uma trampilla que dá ao telhado. Conseguiu romper o cadeado. Butch acredita que utilizou um martelo. Encontraram um no chão, no fundo da escada. Lucy subiu ao telhado e saltou.

-De onde tirou o martelo?

-Não vi nenhuma ferramenta no apartamento -assinalou Amanda. Pode que o técnico utilizasse um para reparar o clarabóia.

-Sim, suponho que se necessita um martelo para fazer esse trabalho respondeu Evelyn, pouco convencida. Se pode romper um cadeado com um martelo?

-Um martelo? -Roz Levy entrou na habitação. Levava um sobre amarelo na mão. Esses gilipollas acreditam que acessou ao telhado utilizando um martelo? por que não se atirou pela janela? Vivia na planta de acima. Acreditam que estava tão colocada que não sabia o que fazia? -Começou a abrir o sobre, mas se deteve. Olhou fixamente a Amanda. Se vomitar em cima do carpete, a podas até que fique reluzente. E não me importa se tiver que usar uma escova de dentes.

Amanda assentiu, apesar de sentir uma quebra de onda de náuseas. Já tinha o estômago revolto, e a cerveja lhe estava repetindo.

-Está segura? perguntou Roz. Porque não penso limpar o que sujar. Já tenho bastante limpando a mierda que deixa esse gilipollas com o que me casei.

Amanda voltou a assentir, e a mulher tirou as fotografias. Estavam do reverso.

-Se cair de pé de uma altura assim, os intestinos lhe saem pelo culo como a nata de uma manga pastelera.

Amanda apertou os lábios.

-Sangram-lhe os ouvidos. A cara te separa do crânio como se fosse uma máscara. O nariz, a boca e os olhos...

-Pelo amor de Deus exclamou Evelyn tirando as fotos ao Roz. As ensinou a Amanda uma a uma. Respira pela boca - lhe aconselhou. Inspira e expira. Lentamente.

Amanda seguiu seus conselhos e respirou a baforadas aquele ar rarefeito. Esperava deprimir-se. Para ser sinceros, esperava terminar a tarde de joelhos limpando o velho carpete do Roz Levy com uma escova de dentes. Mas não

aconteceu nada disso. As fotos não eram reais. O que lhe tinha acontecido ao Lucy Bennett era tão horrível que seu cérebro não podia aceitar que o que estava vendo era um ser humano de verdade.

Amanda agarrou as fotos. Tinham muita definição e a luz era tão intensa que se podiam ver todos os detalhes. A garota estava vestida por completo. A malha de sua camisa de algodão vermelho estava rígido, pego à pele. A saia lhe pendurava, já que tinha rota a cintura elástica. Amanda deduziu que foi pela queda, porque também lhe faltava o sapato esquerdo.

Observou o rosto do Lucy Bennett. Roz tinha razão em grande parte do que havia dito, mas não no que se referia à pele do crânio. A carne do Lucy parecia pendurar do osso. Os olhos lhe tinham saído das órbitas e o sangue lhe brotava por todos os orifícios.

Parecia uma farsa, um pouco tirado de um filme de terror.

-Encontra-te bem? perguntou Evelyn.

-Agora compreendo que acreditasse que era Jane Delray.

Salvo pelo cabelo loiro, a máscara horripilante de sua cara podia ter pertencido a qualquer garota da rua. Tinha as mesmas marcas nos braços, os mesmos buracos nos pés, idênticas espetadas na parte interna das coxas.

-Pergunto-me se tiver família disse Evelyn.

-Todo mundo tem família. Que o admitam ou não é outra questão -assinalou Roz.

Amanda olhou de novo as fotos. Solo havia cinco. Três do rosto da garota: do lado esquerdo, do direito e do centro.

Outra mostrava um primeiro plano de seu corpo destroçado, tomada provavelmente de uma escada. Na última se via um plano mais amplo da cena, com o edifício da Coca-Cola no horizonte.

-Tem mais fotos? perguntou Amanda.

A anciã sorriu. Faltava-lhe um dos dentes de acima.

-Olha-a. Quem o diria? Se gostar do sangue.

-Tem algum primeiro plano de suas bonecas? concretizou Amanda.

-Não. por que?

-Crie que isso é uma cicatriz? perguntou Amanda mostrando a foto a Evelyn.

Esta olhou fixamente, logo negou com a cabeça.

-Não saberia te dizer. Aonde quer chegar?

-Jane tinha cicatrizes nas bonecas.

-Recordo-o respondeu Evelyn olhando com mais atenção a fotografia. Se for Lucy Bennett, por que tem cicatrizes nas bonecas como Jane Delray?

-A prostituição não é precisamente uma boa razão para viver -assinalou Roz, Não obstante, abriu uma das gavetas de seu escritório e tirou uma lupa. As duas mulheres se alternaram para olhar com mais atenção.

-Não posso assegurá-lo. Parece uma cicatriz, mas pode ser a luz disse Evelyn.

-Isso é minha culpa -assinalou Roz, que, embora resultasse um tanto estranho, parecia estar pedindo desculpas. O flash me deu alguns problemas, e Landry me estava colocando pressa porque queria fichar em seu outro trabalho.

-Butch não mencionou nenhuma cicatriz em suas notas.

-Esse idiota não o faria. -Roz parecia encantada de suas palavras. De acordo, Wag. É hora de ver de que massa parece.

Amanda sentiu outra quebra de onda de medo. Dava-lhe a sensação de estar em uma noria.

-Não acredito que seja necessário... disse Evelyn.

-Fecha o pico, boneca -lhe soltou Roz rendo socarronamente, como uma bruxa. Pete já te dará gostito no coño esta tarde. Se tiverem tantos cojones como dizem, posso fazer uma chamada e lhes darão um assento em primeira fila para ver a autópsia.

Amanda sabia que alguns agentes utilizavam o depósito de cadáveres como esconderijo quando estavam de serviço, especialmente no verão. Resultava mais cômodo tornar-se a dormir em um edifício com ar condicionado, sempre e quando não te incomodasse dormir ao lado de um cadáver.

Tinha estado muitas vezes no Decatur Street para recolher informe ou deixar as provas, mas jamais tinha entrado na parte de atrás. Solo pensar no que acontecia ali lhe produzia repelús. Não obstante, guardou silêncio enquanto Evelyn a conduzia ao interior do edifício, embora a cada passo que dava lhe parecia que lhe estavam fazendo um novo buraco no cinturão.

As duas cervejas que se tomou tampouco a ajudavam. Em lugar de relaxar-se, sentia-se de uma vez enjoada e muito concentrada. Foi um milagre que não estrelasse seu Plymouth contra um poste de telefone.

-Conhece a Deena? perguntou Evelyn, empurrando a porta de vaivém.

Estavam em um laboratório pequeno. Havia duas mesas abandonadas na parte traseira da sala, com um microscópio em cada uma delas, e alguns instrumentos médicos a seu lado. Um enorme ventanal ocupava a parede traseira. As cortinas verdes de hospital estavam abertas, mostrando o que devia ser a sala de autópsias. Havia azulejos amarelos do chão ao teto, dois lavabos de metal, e duas balanças que pareciam mais apropriadas para um posto de frutería.

E um corpo. Uma figura coberta por um tecido verde. E um enorme abajur, como a que utilizam os dentistas. Uma mão pendurava ao lado da mesa. As unhas estavam pintadas de vermelho. A mão estava bocabajo, e não se via a boneca.

-Ódio as autópsias disse Evelyn.

-Quantas viu?

-A verdade é que não as vi confessou. Sabe que se pode nublar a vista a propósito?

Amanda assentiu.

-Isso é o que faço. Nublo a vista e digo “mm” e “sim” quando me fazem uma pergunta ou assinalam algo interessante. Logo vou ao quarto de banho e vomito.

Parecia um plano tão bom como qualquer outro. Ouviram passos na entrada.

-Deena tem uma cicatriz muito feia no pescoço. Tenta não olhá-la disse Evelyn.

-Uma o que?

As palavras da Evelyn se misturaram no cérebro da Amanda e não adquiriram sentido até que uma espantosa mulher negra cruzou a porta. Ia vestida com uma bata de laboratório em cima de uns jeans azuis e uma blusa laranja estampada. Levava o cabelo ao estilo afro, e as pálpebras pintadas com sombra azul. Parecia que a tinham querido estrangular lhe pondo uma soga ao redor do pescoço.

-Olá, guapetona disse Deena, pondo uma bandeja em cima de uma das mesas. Continha portaobjetos, com manchas brancas e vermelhas entre os cristais.

-O que faz aqui?

-Roz me tem feito um favor respondeu Evelyn.

por que segue falando com esse velho feijão tão desagradável? -Olhou carinhosamente a Amanda. Quem é esta amiga tão bonita que te acompanha?

Evelyn a agarrou do braço.

-Amanda Wagner. Agora é minha companheira.

O sorriso desapareceu do rosto da Deena.

-É família do Duke?

Pela primeira vez em sua vida, Amanda quis mentir sobre seu pai. Se tivessem estado a sós, possivelmente o tivesse

feito, mas admitiu: -Sim, sou sua filha.

-Hm.

Deena lhe lançou um olhar de recriminação a Evelyn e se deu a volta para agarrar os portaobjetos.

-Ela é de confiança disse Evelyn. Vamos, Dee. Crie que traria para alguém que...?

A mulher se deu a volta. Tremiam-lhe os lábios de raiva.

-Sabe como me fiz isto? disse Deena assinalando a horrível cicatriz que tinha no pescoço. Trabalhando na tinturaria no Ponce, engomando as togas para pessoas como seu pai.

Evelyn interveio:

-Isso não é culpa dela. Não se pode culpar a ninguém pelo que tenha feito seu pai.

Deena levantou uma mão para fazê-la calar.

-Um dia minha mãe se pilhou uma mão em uma máquina. Não havia forma de apagá-la. O senhor Ginthersosn era muito miserável para pagar um eletricista. Agarrei o cabo e me enroscou no pescoço. Descarga elétrica. Bum. ouviu-se uma explosão; um dos transformadores estalou. O edifício ficou sem luz durante dois dias. Salvei a vida, mas não a de minha mãe.

Amanda não sabia o que dizer. Tinha estado na tinturaria muitas vezes, mas jamais tinha pensado nas mulheres negras que trabalhavam na parte de atrás.

-Lamento-o.

-Ela não pode controlar o que faz seu pai -assegurou Evelyn.

Deena se apoiou contra a mesa. Cruzou os braços.

-Recorda o que te disse sobre minha cicatriz, Ev? Dissete que me tamparia isso o dia que não importasse. -Olhou a Amanda. Mas me segue importando.

Evelyn acariciou as costas da Amanda.

-Ela é meu amiga, Deena. Estamos levando juntas um caso, tentando encontrar a umas mulheres desaparecidas. Kitty Treadwell, outra chamada Mary. Pode que estivessem conectadas com o Lucy Bennett.

-olhaste o arquivo de negros mortos? perguntou dirigindo-se a Amanda. Assim o chamam, não é verdade? Há um em cada delegacia de polícia. Verdade que sim, Wag?

Amanda estava muito envergonhada para olhá-la.

-Suponho que saberá que eu também perdi a minha mãe. -O que lhe tinha acontecido a Amanda Wagner sabia todo o corpo. Quando Duke bebia mais da conta, contava a história com um machismo embriagador. Amanda acrescentou: Não é quão única tem cicatrizes.

Deena deu alguns golpecitos na mesa com os dedos. A cadência começou forte, mas logo ficou em nada.

-Me olhe.

Amanda se esforçou por levantar o olhar. Tinha sido muito fácil com o Roz, mas se deveu a que, ante a anciã judia, tinha-a dominado um sentimento de integridade, não de culpabilidade.

Deena a observou atentamente. A cólera começou a desaparecer de seus olhos. Ao final, assentiu.

-De acordo disse. Vale.

Evelyn exalou lentamente. Tinha um sorriso forçado no rosto. Como de costume, tratava de acalmar as coisas.

-Dee, te hei dito o que fez Zeke o outro dia?

Deena se girou para as bandejas.

-Não, me diga.

Amanda não escutou a história. Olhou o depósito. Ainda se sentia aturdida pela cerveja, ou possivelmente pelos acontecimentos daquele dia. Parecia como se algo em seu interior estivesse trocando. Os últimos dias tinham questionado os vinte e cinco anos de sua vida. Não era seguro de que fosse algo positivo. Sinceramente, não estava segura de nada.

-Olá!

Ouviu-se uma voz masculina no interior do depósito.

-É Pete disse Evelyn.

O forense era um homem rechoncho, com um acréscimo e uma barba que, ao parecer, levava dias sem lavar, ao igual a sua camiseta de cores e seu gastos jeans.

Sua bata de laboratório tinha as mangas estreitas. Um cigarro lhe pendurava do lábio. deteve-se ao lado da janela, mostrando seus dentes amarelados. Amanda não era esse tipo de pessoa que acreditava nas vibrações, mas, embora

tivesse havido uma lua de cristal entre os dois, teria se precavido da repugnância que irradiava seu corpo.

-Deena, carinho disse. Está muito bonito esta tarde.

Deena se Rio, embora pôs os olhos em branco.

-Fecha o pico, louco.

-Louco por ti, carinho.

-Sempre fazem o mesmo -interveio Evelyn.

-Vá.

Amanda simulou que via diariamente homens brancos flertando com mulheres negras.

-Por favor, Dee continuou Pete dando golpecitos na janela. Me vais deixar que convide a uma taça?

-Sim, me espere às dez e nunca. -Correu as cortinas. Lhes deixo com o seu. dirigiu-se a Amanda. Quando vomitar, faz-o perto do deságüe que há em chão.

Assim será mais singelo limpá-lo com a mangueira.

-Obrigado respondeu Amanda.

Seguiu a Evelyn até o interior da sala de autópsias. Tal como era de esperar, fazia frio, mas o aroma a agarrou despreparada. Cheirava a limpo, ao Clorox e Pene-Sol de maçã; não era o que esperava.

Durante sua época de agente de uniforme, tinha respondido a duas chamadas de pessoas desaparecidas, mas em ambas as ocasiões as encontrou perto de suas casas. Alguém tinha sido de um homem que se ficou

encerrado no porta-malas. A outra, de um menino que se ficou apanhado em uma velha geladeira que a família tinha no alpendre. Em ambas as ocasiões tinha notado um aroma desagradável e chamou pedindo reforços. Não sabia o que tinha acontecido com aqueles casos, porque estava na delegacia de polícia preenchendo informe quando tiraram os corpos.

-Quem é esta mulher tão elegante? perguntou Pete Hanson olhando a Amanda.

-É...

-Amanda Wagner disse ela mesma. A filha do Duke Wagner.

Pete se deteve.

-Então é... Duke é todo um personagem, verdade?

Amanda se encolheu de ombros. Já tinha recebido muitos comentários desagradáveis sobre seu pai esse dia.

-Pete -interveio Evelyn com seu habitual tom alegre, embora se passou os dedos pelo cabelo em sinal de desconforto. Obrigado por nos deixar olhar. Nós estivemos no apartamento do Lucy na segunda-feira passada. Não a conhecíamos, mas foi todo um shock nos inteirar de seu suicídio.

-Lucy? perguntou Pete com o cenho franzido. De onde tiraste isso?

-Seu nome aparecia no relatório do Butch -interrompeu Amanda. O viu em seu carnê.

Pete foi para um escritório grande e desordenado. Havia montões de papéis mesclados, mas encontrou o apropriado.

O cigarro fumegava enquanto lia o relatório preliminar. O papel era magro. Amanda reconheceu a letra do Butch Bonnie no reverso, onde tinha colocado o papel carvão do reverso.

-Bonnie não é que seja o mais preparado de todos, mas ao menos não é tão gilipollas como Landry. -Deixou o relatório no escritório. Em um caso como este, o carnê é o último recurso. Eu estou acostumado a preferir o histórico dental, os rastros digitais ou um familiar que identifique o cadáver. Aprendi-o no Vietnam.

Não envia a alguém em uma bolsa a menos que saiba que a verdadeira família está esperando ao outro lado.

Amanda sentiu alívio para ouvir essas palavras. Apesar de suas excentricidades, o homem parecia fazer bem seu trabalho.

-Bom, me diga disse Pete tirando a cinza do cigarro. O que esteve fazendo Kenny? Não lhe vi a muito tempo tempo.

-Suas coisas respondeu Evelyn enquanto observava os movimentos do Pete: a forma em que se limpava o nariz com um lenço de papel, a forma em que movia o cigarro ao falar. Enquanto isso, ela se atirava tão forte do cabelo que parecia que o ia arrancar. Hoje está construindo um abrigo com o Bill. -mordeu-se o lábio durante uns segundos. vamos fazer um andaime depois. Deveria vir.

Pete sorriu a Amanda.

-Você também estará ali?

Sentiu-se um tanto desolada. Era seu destino sentir-se atraída por pessoas como Kenny Mitchell, mas só tipos como Pete Hanson lhe pediam uma entrevista.

-Possivelmente respondeu.

-Fantástico.

Pete se inclinou sobre a bandeja de metal. Havia escalpelos, tesouras, uma serra.

Evelyn olhou os instrumentos. Estava pálida.

-Deveria chamar o Bill. Fomos lhe dizer quando voltaríamos.

Não era de tudo certo. Evelyn tinha deixado claro que não estavam seguras da que hora retornariam. Bill, como de costume, acomodou-se a sua bela esposa.

vou chamar lhe repetiu Evelyn. Saiu da sala virtualmente correndo.

Deixou a Amanda com o Pete. Sozinha.

Estava-a olhando, mas agora o fazia com amabilidade.

-É toda uma mulher, mas este é um dos esportes mais difíceis.

Amanda tragou saliva.

-Quer que vá explicando o processo?

-Eu... -Tinha a garganta dura. por que tem que fazer uma autópsia se for um suicídio?

Pete pensou na pergunta antes de cruzar a sala. Havia um interruptor na parede. Acendeu-o e as luzes piscaram.

-A palavra “autópsia” significa, literalmente, “ver por ti mesmo”. -Lhe fez um gesto. te Aproxime, carinho. Apesar dos rumores, não remoo.

Amanda tratou de ocultar sua inquietação quando se aproximou. A placa de raios X mostrava um crânio. Os buracos onde se supunha que deviam estar os olhos e o nariz estavam completamente vazios.

-Olhe disse assinalando o pescoço. Havia partes de vértebras abertas, da mesma forma que se abre a pazuña de um gato quando a pressiona. Este osso daqui se chama hioides. pronuncia-se “hioides”. Tem a forma de ferradura, e pendura folgado na linha anterior medeia, entre o queixo e a tireóide. Aqui concluiu mostrando seu próprio pescoço.

Amanda assentiu, embora não estava segura de ter compreendido a razão de seu discurso.

-O incrível do pescoço é que o pode mover de cima abaixo ou de lado a lado. A cartilagem faz que isso seja possível. O hioides em si já é fascinante. É

o único osso sem articulação em todo o corpo. Sustenta a língua. Vibra quando a move. Como te hei dito, está justo neste lugar. -Voltou a destacar o pescoço. Por isso, se a alguém o estrangulam com uma ligadura, observam-se machucados ao redor do hioides. Mas aqui -moveu os dedos para cima-é onde se encontram os machucados se se pendurar a uma pessoa. É um sinal clássico de enforcamento. Estou seguro de que o verá mais de uma vez em sua vida.

-Está-me dizendo que primeiro tentou enforcar-se?

-Não respondeu assinalando a placa de raios X do pescoço. Vê essa linha mais escura que cruzamento o hioides?

Amanda assentiu.

-Isso indica uma fratura, o que assinala que a estrangularam, provavelmente com muita força.

-Com muita força?

-Sim, porque é uma moça. O hioides nasce como duas peças e o osso não se solda até que se alcançam uns trinta anos. Você mesma pode vê-lo.

Pensou que queria que lhe tocasse o pescoço. Amanda não queria lhe tocar, mas, mesmo assim, fez gesto de fazê-lo.

Pete sorriu e disse:

-Suponho que pode fazê-lo com seu próprio pescoço.

-De acordo respondeu, rendo apesar do desconforto.

Com suavidade, levou-se os dedos à garganta. Apalpou a zona e notou que algumas costure se deslocavam de um lado a outro. O ruído retumbou em seus ouvidos.

-Notará que há muita mobilidade nessa área. Por isso deve apertar muito forte para fraturar o hioides.

Pete lhe fez um gesto para que lhe seguisse até o cadáver. Deixou o cigarro em um cinzeiro em cima da mesa. Sem preâmbulos, retirou o lençol, mostrando a cabeça e os ombros do Lucy Bennett.

-Vê estes cardeais?

Amanda notou que lhe nublava a vista, mas não a propósito. Piscou e se centrou sozinho no pescoço. Tinha umas marcas vermelhas e moradas ao redor da garganta que recordaram ao Roz Levy.

-Estrangularam-na.

-Assim é recalcou Pete. O agressor lhe pôs as mãos ao redor do pescoço e a estrangulou. Vê os rastros?

Amanda se inclinou para as ver mais de perto. Agora que as ensinava, viu a fileira de cardeais que tinham deixado os dedos.

-As carótidas explicou Pete. Artérias. Uma a cada lado do pescoço. Levam o oxigênio ao cérebro. São muito importantes. Sem oxigênio, não há cérebro.

-Sim, sei.

Amanda recordou que o tinha estudado na academia de polícia. Tiveram que observar como os homens faziam chaves de presa no pescoço.

-Vê onde tenho as mãos? perguntou Pete com as mãos ao redor do pescoço da mulher. Amanda assentiu. Vê que para pressionar as artérias carótidas para estrangulá-la terá que exercer muita força na parte de diante para fraturar o hioides? -Voltou a assentir. Isso indica que perdeu o conhecimento.

Amanda voltou a olhar a placa de raios X.

-O golpe que se deu pela queda do telhado não pôde fraturá-lo?

-Quando lhe abrir o pescoço, dará-te conta de que é muito pouco provável.

Amanda não pôde evitar estremecer-se.

-Não se preocupe. Está-o fazendo muito bem.

Ela ignorou o completo.

-Poderia viver com o hi...?

-Hioides.

-Isso. Poderia viver com o hioides quebrado?

-Possivelmente. Uma fratura do hioides não tem por que ser fatal. Vi-o muitas vezes no Vietnam. Aos oficiais lhes treinava para o combate corpo a corpo, algo do que adoravam presumir. Dá-lhe um golpe a um homem aqui -se golpeou no pescoço-com o cotovelo, ou inclusive com a mão aberta, e pode deixá-lo sem sentido ou lhe romper o pescoço se lhe golpear com suficiente força. -levou-se a mão ao queixo como um perito professor universitário. Notará uma sensação muito peculiar quando te passa os dedos pelo pescoço, como se centenas de borbulhas explorassem debaixo da pele. Isso se deve ao ar que sai da laringe e entra nos planos tisulares.

Além disso do pânico, produz-se uma tremenda dor, moratones e uma forte hemorragia. -Sorriu. É uma lesão muito desagradável, que te deixa incapacitado quase por completo. Fica no chão, resfolegando, rezando para que alguém te ajude.

-Pode-se gritar?

-Duvido que se possa emitir algo mais que um sussurro rouco, mas às vezes a gente te surpreende. Cada pessoa é um mundo.

Amanda tentou assimilar toda essa informação nova.

-Mas diz que ao Lucy Bennett a asfixiaram. -Recordou a terminologia que Pete tinha empregado ao princípio. Que a estrangularam.

Negou com a cabeça e se encolheu de ombros ao mesmo tempo.

-Tenho que ver os pulmões. O estrangulamento causa neumonitis por aspiração; quer dizer, a inalação do vômito nos pulmões. Os ácidos gástricos diminuem a malha, o que nos dá a cronologia. quanto mais prejudicado está a malha, mais tempo esteve viva. Estrangularam-na até ficar inconsciente e logo a jogaram do telhado, ou a estrangularam até morrer e logo a atiraram?

-Isso importa? perguntou Amanda.

Em qualquer dos casos, Lucy tinha sido assassinada.

-Quando capturar a seu assassino, quererá conhecer todos os detalhes de seu crime. Dessa forma, assegurará-te de que captura ao tipo adequado e não a um louco que quer sair nos periódicos.

Amanda não se imaginava capturando a nenhum criminoso. De fato, não estava segura de por que Pete respondia a suas perguntas.

por que o assassino ia dar detalhes de seu crime? Isso solo serviria para reforçar a acusação em seu contrário.

-Ele não se dará conta de que está caindo na armadilha que lhe ponha. Você é mais lista que ele. O assassino é um homem que não pode controlar-se a si mesmo.

Amanda pensou no que acabava de lhe dizer, mas não lhe pareceu de tudo certo.

-Foi o bastante preparado para tentar ocultar o crime.

-Não tanto como crie. Atirá-la do telhado foi um pouco arriscado. Chamou a atenção sobre o crime. Existe a possibilidade de que haja algumas testemunhas.

por que não a deixou no apartamento e esperou a que o aroma chamasse a atenção de algum vizinho dias ou semanas depois?

Tinha razão. Amanda recordou os assassinatos do Manson, a forma em que estavam colocados os corpos.

-Acredita que o assassino queria enviar uma mensagem?

-Possivelmente. E podemos deduzir também que conhecia a vítima muito bem.

por que o diz?

Pete agarrou a parte superior do lençol com ambas as mãos.

-Não se esqueça de respirar.

Retirou o lençol e mostrou o corpo completo.

Amanda se levou a mão à boca. Não lhe veio nada à garganta, nem se deprimiu, nem se enjoou. Ao igual a lhe tinha acontecido com as fotos do Roz Levy, esperava que seu corpo reagisse violentamente, mas, entretanto,

confrontou-o com uma vontade férrea. Notou lhe correr pelas costas a mesma sensação desconhecida que tinha percebido no Techwood. Seu estômago deixou de agitar-se. Em lugar de deprimir-se, sua visão se agudizou.

Amanda jamais tinha visto uma mulher completamente nua. Havia algo triste na forma em que lhe penduravam os peitos a um lado. Tinha o estômago cansado, e o pêlo púbico curto, como se o tivesse recortado, mas os cabelos das coxas os levava sem barbear. Tinha sangue e vísceras pendurando entre as pernas. Tinham-lhe espancado o corpo e tinha moratones no estômago e as costelas.

-Para golpear a alguém desta maneira tem que lhe odiar. E o ódio vem com a familiaridade. E, se não, que o perguntem a meu exmujer, que, em certa ocasião, tentou me estrangular.

Amanda levantou a cabeça para lhe olhar. Seu sorriso não sugeria nada. Pete não só era um pouco horripilante, mas também uma pessoa do mais estranha. Entretanto, era educado. Amanda não recordava nenhuma conversação com um homem em que ele não a interrompesse todo o momento.

-Isto te dá muito bem disse Pete.

Não soube se devia sentir-se elogiada pelo comentário, mas sem dúvida não era um tema para falar durante o jantar.

-Pode me dizer algo sobre o esmalte de unhas?

Pete tirou uma luva de látex do bolso.

por que não me diz isso você?

Amanda não queria, mas agarrou a luva. Tentou colocar a mão, mas a rigidez do látex o impediu.

-Te limpe a primeiro mão.

Amanda secou sua suarenta mão na saia. A luva seguia ficando muito ajustado, mas assim que conseguiu colocar os dedos, o resto entrou com facilidade.

Colheu com delicadeza a mão do Lucy. Tinha a pele fria, ou possivelmente solo foi sua imaginação. Em lugar de estar murcho, o corpo estava rígido.

-O rigor mortis explicou Pete. Os músculos se contraem e bloqueiam as articulações. Seu início varia em função da temperatura e de outros fatores menores.

Pode começar aos dez minutos e durar até setenta e duas horas.

-Então se pode saber quanto tempo leva morta pela rigidez do corpo.

-Isso é confirmou Pete. Quando chegou ontem pela tarde, nossa vítima levava morta aproximadamente entre três e seis horas.

-Isso é um marco muito amplo.

-A ciência não é tão precisa como acreditam.

Amanda tentou girar o braço, mas não pôde movê-lo.

-Não seja tão delicada. Já não pode sentir nenhuma dor.

Amanda ouviu o som de sua garganta ao tragar. Atirou do braço. ouviu-se um forte estalo que fez que se estremecesse.

-Inspira e espira -lhe aconselhou Pete. Recorda, são sozinho ossos e malhas.

Amanda voltou a tragar de novo. O som retumbou na sala. Olhou os dedos do Lucy Bennett.

-Tem algo debaixo das unhas.

-Boa observação disse Pete, que se dirigiu ao armário que havia na esquina. O enviaremos ao laboratório para que o analisem.

Amanda desejou ter a lupa do Roz Levy. O que tinha debaixo das unhas não era sujeira.

-O que crie que é?

-Se se defendeu, provavelmente será pele de seu agressor. Esperemos que lhe fizesse um pouco de sangue. - Pete retornou com um portaobjetos e algo que parecia um palito de dentes gigante. Sujeita a. -Passou o palito de madeira debaixo da unha e tirou uma parte grande de pele. Se houver suficiente sangue na malha epitelial, e tem a um suspeito, podemos analisar seu sangue e ver se forem do mesmo tipo, tanto se for secretor como se não.

-Necessitaremos algo mais que sangue para lhe acusar.

-Atualmente, o FBI está realizando um trabalho incrível com as enzimas. -Pôs a parte de malha epitelial no portaobjetos. Em questão de dez anos, terão amostras de todos os americanos armazenadas em milhares de ordenadores diferentes repartidos por todo o país. Quão único teremos que fazer é enviar a amostra a cada ordenador... e bingo. Em solo uns meses saberemos o nome e a direção do assassino.

-Deveria dizer-lhe ao Butch e ao Rick. -Provavelmente, os dois detetives de Homicídios ririam em sua Este cara é seu caso.

-De verdade?

Amanda não se incomodou em responder a essa pergunta.

-Suponho que não tenho que lhe dizer os problemas que teríamos Evelyn e eu se averiguarem que estivemos aqui.

Pete deixou o portaobjetos no mostrador.

-Sabe, o GBI não conta com as suficientes mulheres para cumprir suas cotas. vão perder as subvenções federais se não ocuparem as praças no fim de ano.

-Eu trabalho para o Departamento de Polícia de Atlanta.

-Não tem por que fazê-lo.

Obviamente, Pete não conhecia o Duke Wagner tão bem como a gente com a que tinha estado esse dia. Além do Butch e Rick, seu pai teria um mexeriqueiro se se inteirava que tinha estado no depósito, tocando um cadáver, falando com um hippie sobre deixar seu trabalho estável e ser uma mulher simbólica no corpo de polícia do estado.

De perdidos, ao rio, disse-se. Ainda ficava a razão que as tinha levado até ali. Amanda lhe deu a volta à mão do Lucy, e expôs a boneca à luz. Ali estavam: as cicatrizes brancas que lhe tinha visto antes.

-Tentou suicidarse.

-É possível corroborou Pete. Muitas mulheres jovens se cortam as veias, normalmente para chamar a atenção. Sua vítima está claro que era uma viciada.

É fácil lhe ver as marcas. Se queria suicidarse, poderia havê-lo feito com a seringa duplicando sua dose de heroína.

-Vejo que a lavaste.

-Sim. Fizemos algumas fotografia e algumas agrade de raios X, logo lhe cortamos a roupa e a lavamos para prepará-la para o procedimento. urinou-se em cima; um desgraçado subproduto do estrangulamento. Embora era uma minúcia comparado com o prolapso retal. Devo recalcar que estava muito limpa considerando seu ofício e seu vício.

-A que te refere?

-Obviamente, encontramos o que se esperava depois de uma queda como essa. Imagina um globo de água atirada desde essa altura. Mas, digo-lhe isso por experiência, os viciados não se lavam muito. Os azeites naturais obstruem a pele. Acreditam que assim se retém a droga mais tempo. Não estou seguro de que haja uma base científica para pensar algo assim, mas acredito que alguém que é capaz de injetar-se limpador nas veias não se preocupa dessas coisas. Pode ver que o recortou. -Assinalou o pêlo púbico. É um pouco estranho, embora não é a primeira vez que o vejo. Muitos homens se sentem mais atraídos pelas mulheres com aspecto infantil.

-Pederastas?

-Não necessariamente.

Amanda assentiu, embora evitou olhar a zona da que estava falando Pete. Em seu lugar, voltou a examinar as mãos do Lucy. O esmalte de unhas era perfeito, embora estava um pouco levantado. O tinha aplicado de um modo uniforme. demorava-se muito tempo e se necessitava muita paciência para aplicar uma capa tão espessa.

Inclusive Amanda, que se polia e se pintava as unhas todas as noites diante do televisor, era incapaz de realizar um trabalho tão profissional.

encontraste algo mais? perguntou Pete.

-Suas unhas.

-São falsas? Recentemente vi muitas de plástico fora de Califórnia.

-Parece como se...

Negou com a cabeça. Não sabia o que pareciam. Tinha as unhas cortadas em linha reta e arrumadas as cutículas. O esmalte vermelho estava dentro dos márgenes.

Nunca tinha conhecido a uma mulher que pudesse permitir uma manicura profissional, e duvidava que uma prostituta morta fosse a primeira.

Amanda deu a volta à mesa e olhou a outra mão do Lucy. Uma vez mais, o esmalte era perfeito, como se o tivesse aplicado outra pessoa.

Abriu a boca para dizer algo, mas logo se deteve.

-Dava o que pensa -a animou Pete. Aqui não há perguntas estúpidas.

-Poderia me dizer se era mão direita ou canhota?

Pete a olhou como se fosse sua melhor aluna.

-Terá mais musculatura no lado dominante.

-Por sustentar um lápis?

-Entre outras coisas. por que o pergunta?

-Quando me Pinto as unhas, um lado sempre fica melhor que o outro. Ela tem os dois lados perfeitos.

Pete sorriu.

-Por essa razão, carinho, deveria haver mais mulheres em meu campo.

Amanda duvidava de que qualquer mulher em seu são julgamento se dedicasse a esse trabalho, ao menos uma que queria chegar a casar-se.

-Pode que tivesse uma amiga que lhe pintasse as unhas?

-Polem-se as mulheres entre si? Eu acreditava que em detrás da porta verde se tomaram algumas liberdades cinematográficas.

Amanda ignorou o comentário. Com cuidado, voltou a pôr a mão do Lucy na mesa. Era mais fácil centrar-se nas partes que no tudo. esqueceu-se de que Lucy Bennett era um ser humano de verdade.

Em parte, devia-se a que ainda não lhe tinha visto o rosto. esforçou-se por fazê-lo e tentou manter sua integridade inicial, mas também a invadiu um sentimento conjunto que solo se podia denominar curiosidade. Ao lhe haver limpo o sangue do rosto, tinha um aspecto diferente. Ao igual a na

foto do Roz, a pele ainda pendurava a um dos lados, mas havia algo que não encaixava, algo além do óbvio.

-Poderia...? -Não queria parecer morbosa, mas continuou: Poderia lhe ver os dentes?

-A maioria os rompeu na queda. Aonde quer chegar?

-A pele da cara. É possível deslocá-la para...?

-É óbvio.

Pete se dirigiu à parte dianteira da mesa. Agarrou a carne solta da bochecha e da frente, e atirou dela para pô-la sobre o crânio. Lucy se tinha mordido o lábio ao cair. Pete voltou a colocar a pele em sua posição. Utilizou os dedos para colocá-la ao redor dos olhos e o nariz, como um padeiro amassando a massa.

-O que pensa? perguntou.

Era justo o que tinha esperado. Essa mulher não era Lucy Bennett. As cicatrizes das bonecas não eram o único indício. As chagas abertas de seus pés tinham um desenho que lhe resultava familiar, como uma constelação de estrelas, mas, além disso, estava claro que o rosto pertencia ao Jane Delray.

-Acredito que deveríamos chamar a Evelyn.

-Tem-me intrigado.

Amanda saiu da sala pelas portas de vaivém. O laboratório estava vazio, assim empurrou a outra série de portas que conduziam à entrada. Evelyn estava a uns quantos metros da porta de saída. Falava com um homem que levava um traje azul marinho. Era alto, mais de um e

noventa. Seu cabelo castanho lhe chegava até o pescoço. Levava um traje feito a medida. A jaqueta se curvava em suas costas, e suas calças folgadas caíam sobre seus sapatos brancos. Estava acendendo um cigarro quando Amanda se uniu a eles. Evelyn lhe lançou um olhar; seus olhos pareciam estar a ponto de sair-se de suas órbitas.

Falava com o homem do traje azul.

-Senhor Bennett disse Evelyn com uma voz mais aguda do habitual, apesar de estar dissimulando muito bem seu entusiasmo. Apresento a minha companheira, a senhorita Wagner.

O homem apenas lhe emprestou atenção e continuou olhando a Evelyn.

-Como lhe hei dito, quão único quero é ver minha irmã e partir.

-Temos que lhe fazer algumas pergunta respondeu ela, mas Bennett a cortou.

-Não há nenhum homem com o que possa falar? Alguém ao mando?

Amanda pensou no forense.

-O forense está na parte de atrás.

Bennett fez uma careta de desagrado, mas Amanda não estava segura de se a tinha esboçado pelo forense ou por ela. Mas não lhe importava. No único que podia pensar era no arrogante e quão desagradável era esse homem.

-O doutor Hanson está preparando o corpo. Solo demorará uns minutos.

Evelyn se precaveu de que mentia.

-Não acredito que queira vê-la nesse estado, senhor Bennett.

-É muito singelo replicou. Como lhe hei dito, senhora Mitchell, minha irmã era uma drogada e uma prostituta. O fato de que esteja aqui é uma mera formalidade para que minha mãe possa ter um pouco de paz ao final de sua vida.

-Sua mãe tem câncer explicou Evelyn.

Amanda deixou que transcorressem uns segundos por respeito, mas não pôde evitar lhe perguntar: -Senhor Bennett, pode me dizer quando foi a última vez que viu sua irmã?

Ele desviou o olhar.

-Cinco ou seis anos? -Olhou seu relógio. Foi um movimento fugaz, tão mecânico quanto Evelyn se atirasse do cabelo. Lhes agradeceria que não me fizessem perder o tempo. Devo ver de novo ao forense?

-Um minuto mais. -A Amanda alguma vez lhe tinha dado bem distinguir a um mentiroso, mas Bennett era como um livro aberto. Está seguro de que essa foi a última vez que contatou com sua irmã?

Bennett agarrou um pacote do Parliaments do bolso interior de sua jaqueta e tirou um cigarro. Levava um enorme anel de ouro no dedo médio. Faculdade de Direito UGA, promoção do 74. O bulldog da Geórgia estava gravado em uma pedra vermelha.

-Está você seguro, senhor Bennett? me parece que contatou com o Lucy mais recentemente.

Mostrou um brilho de culpabilidade enquanto ficava o cigarro entre os lábios.

-Escrevi-lhe uma carta a Union Mission. Foi uma mera obrigação, o asseguro.

-No Ponce de Leão?

A Union Mission situada no Ponce de Leão era o único albergue que permitia a entrada de mulheres.

-Tentei procurar o Lucy quando faleceu nosso pai. Minha mãe pensava que ela se uniu ao movimento hippie, já sabe, solo por um tempo. Acreditava que Lucy quereria voltar para casa, ir à universidade, levar uma vida normal. Ela jamais aceitaria que preferia ser uma prostituta.

-Quando morreu seu pai? perguntou Evelyn.

Bennett abriu seu acendedor de ouro, mas se tomou seu tempo para acender o cigarro. Não falou até que jogou uma baforada de fumaça.

-Poucas semanas depois de me graduar na Faculdade de Direito.

-O ano passado?

-Sim, em julho ou agosto. Não recordo bem. -Deu-lhe uma profunda imersão ao cigarro. Lucy nunca foi uma boa garota. Suponho que enganou a todos, até que escapou com um motorista a Atlanta. Imagino que terão ouvido essa história muitas vezes. -Exalou a fumaça pelo nariz. Sempre foi muito teimosa e obstinada.

-Como soube que devia enviar a carta ao Union Mission? perguntou Amanda.

Bennett parecia irritado porque não lhe deixasse trocar de tema.

-Fiz algumas chamadas a certa gente. Disseram-me que provavelmente terminaria ali.

Amanda se perguntou quem seriam essas pessoas. Provou.

-Dedica-se você aos litígios, senhor Bennett?

-Não, à redução de impostos. É meu primeiro ano como associado no Treadwell-Price. por que o pergunta?

Evelyn estava no certo. Tinha convencido a seu chefe para que fizesse uma chamada Telefónica.

-Recebeu alguma resposta de sua irmã?

-Não, mas o homem que trabalhava ali me assegurou que lhe tinha dado a carta. Ele o pode confirmar.

-Recorda o nome desse homem?

-Trask? Trent? -Soltou uma baforada de fumaça. Não sei. Não é que fosse muito profissional. Levava a roupa suja, o cabelo despenteado e emprestava. Imagino que tinha estado fumando maconha.

-Conheceu-o em pessoa?

-Não se pode confiar nessa gente. -Deu-lhe uma imersão ao cigarro. Pensei que encontraria ali ao Lucy. Mas o único que encontrei foi a um punhado de putas e bêbadas repugnantes. Sabia que Lucy terminaria em um lugar como esse.

-Viu-a?

-É óbvio que não. Duvido inclusive de que a reconhecesse.

Amanda assentiu, embora resultava uma afirmação um tanto estranha vindo do homem que ia identificar seu cadáver.

-Conhece uma jovem chamada Kitty Treadwell? perguntou Evelyn.

Entrecerró os olhos. O cigarro desprendia uma nuvem de fumaça.

-O que sabem do Kitty? -Não lhes deu tempo a responder. Tomem cuidado com onde colocam os narizes. Pode que as cortem.

A porta principal se abriu de repente. Rick Landry e Butch Bonnie entraram no vestíbulo. Ambos franziram o cenho ao ver a Amanda e a Evelyn.

-Por fim -murmurou Bennett.

Via-se que Landry estava furioso. Avançou e disse:

-Que coño fazem aqui, zorras?

Amanda estava ao lado da Evelyn. Não demorou muito em ficar diante dela e bloquear ao Landry.

-Estamos investigando nosso caso.

Landry não se incomodou nem em responder. deu-se a volta bruscamente. Seu ombro se chocou com tanta força contra Amanda que a fez retroceder.

-Hank Bennett?

O tipo assentiu.

-Estão vocês ao mando?

-Sim disse Landry. Empurrou a Amanda, obrigando-a a que retrocedesse, e colocando-se entre ela e Bennett. Lamento sua perda, senhor.

Bennett fez um gesto com a mão, como se não lhe importasse.

-Perdi a minha irmã faz muito tempo. -Voltou a olhar o relógio. Podemos terminar com isto? vou chegar tarde para jantar.

Landry o conduziu pelo vestíbulo. Butch os seguiu. Voltou a cara para olhar a Amanda e a Evelyn. Lançou-lhe uma piscada maliciosa à primeira. Ela esperou até que cruzaram a porta.

Evelyn expulsou o ar entre os dentes. levou-se a mão ao peito. Estava tremendo.

-Vamos disse Amanda agarrando a da mão.

Evelyn estava paralisada e teve que empurrá-la pelo vestíbulo. Abriu a porta do laboratório justo no momento em que os três homens entravam no depósito.

Amanda esperou a que entrassem antes de abrir a porta. Manteve os joelhos dobrados, como se estivesse escondendo-se. As cortinas do enorme ventanal ainda estavam corridas.

Evelyn sussurrou:

-Amanda...

-Shh respondeu ela. Cuidadosamente, separou as dobras uns centímetros.

Evelyn se aproximou até ela para olhar através da janela.

Pete Hanson tinha as costas apoiada na parede do extremo, com os braços cruzados. A Amanda surpreendeu, porque se tinha mostrado muito amável com ela, mas havia algo nele que o fazia pensar que era muito infeliz.

Landry e Butch estavam de costas à janela. Hank Bennett estava ao outro lado; o cadáver da garota, entre eles. Olhava o rosto da vítima.

Ao parecer, Evelyn fazia o mesmo, pois sussurrou: “Essa é Jane Delray”, justo no mesmo momento em que Hank Bennett disse: “Sim, é minha irmã”.

8. A autora se refere a uma garota que realiza trabalhos temporários.

9. Wag, mover o rabo em inglês.

Capítulo onze

Lucy Bennett

15 de abril de 1975

Havia outra garota na habitação do lado. A anterior tinha desaparecido. Não era uma má garota, mas esta era horrível. Não deixava de chorar, de gemer, de rogar e de suplicar.

Estava segura de que não se movia. Lucy podia assegurá-lo. Nenhuma das duas se movia o mais mínimo. A dor era muito insuportável, muito indescritível. Deixava-te sem respiração e lhe fazia perder a consciência.

Ao princípio, resultava impossível não tentá-lo. A claustrofobia se apoderava de ti. O medo irracional a morrer asfixiada. Começava nas pernas, como as câibras que se sentiam durante o macaco. Os dedos dos pés se retorciam, os músculos lhe doíam ao contrair-se e a dor se estendia por todo o corpo como uma forte tormenta.

O mês passado, um tornado tinha golpeado a mansão do governador. Tinha começado no Perry Homes, mas isso a ninguém preocupou. A mansão do governador era diferente. Era um símbolo cujo propósito era mostrar aos empresários e dignatários que Geórgia era o centro do New South.

O tornado, entretanto, pensava de forma distinta.

Tinha arrancado o telhado e tinha prejudicado os alicerces. O governador Busbee disse que estava muito afetado por sua destruição. Lucy o tinha escutado nas notícias, em um boletim especial que puseram entre as repetições dos quarenta principais. depois de que Linda

Ronstadt cantasse When Will I Be Loved, apareceu o governador dizendo que a foram reconstruir. Um fênix saindo das cinzas. Esperanzador. Certo.

Quando começou a fazer frio de verdade, o homem deixou que Lucy escutasse a rádio. Punha-a sempre a um volume baixo, para que as demais garotas não pudessem ouvi-la. Ou possivelmente o fazia especialmente por ela. Escutava as notícias, as histórias de todo esse mundo que continuava girando. Ela fechava os olhos e notava como a Terra se movia sob seus pés.

Ao Lucy não gostava de pensá-lo, mas acreditava que era seu favorita. Isso recordava aos jogos aos que Jill Henderson e ela estavam acostumada jogar em primária. Jill lhe ensinava a fazer coisas com as mãos como agarrar uma folha de papel e pregá-la formando triângulos. Como se chamava aquilo?

Tentou recordar, mas os soluços da outra garota o impediam. Não é que soluçasse muito alto, mas sim de forma constante, como um gatinho miando.

Um comecocos. Assim se chamava.

Jill colocava a ponta de seus dedos nas dobras. Havia palavras escritas no interior. Perguntava-lhe quem você gostava, com quem te fosse casar. fosse ser feliz? Teria um ou dois filhos?

Sim. Não. Pode. Keith. John. Bobby.

A rádio não era quão único a fazia sentir-se especial. O homem passava mais tempo com ela. Era mais amável do que tinha sido antes, mais que com as demais garotas, já que podia lhe ouvir.

Quantas garotas tinham estado ali? Dois ou três? Todas fracas. Todas conhecidas.

A garota nova da habitação do lado deveria deixar de lutar. Deveria render-se, e assim ele se comportaria melhor. Em caso contrário, acabaria como a outra garota. E como a anterior. As coisas não iriam a melhor, não trocariam.

As coisas tinham trocado para ela. Em lugar da salsicha de Viena e o pão rançoso que lhe tinha metido pela boca os primeiros dias, agora deixava que comesse por si mesmo. sentava-se na cama e se comia um hambúrguer do McDonald's com batatas fritas. Ele se sentava na cadeira, com a faca no regaço, observando-a enquanto mastigava.

Era imaginação seu ou seu corpo se estava curando? Agora dormia mais profundamente. As primeiras semanas - ou meses-não fazia outra coisa que dormir, mas solo jogava cabeçadas porque despertava aterrorizada. Agora, pelo contrário, havia ocasiões em que quando ele entrava na habitação tinha que despertá-la.

O fazia empurrando-a com suavidade no ombro. Logo lhe acariciava a bochecha e lhe acontecia a morna esponja, cuidando esmeradamente de seu corpo. Lavava-a, rezava por ela, a fazia sentir-se plena.

Pensava em sua vida nas ruas, quando trabalhava para o Juice, quando as garotas intercambiavam histórias sobre os tipos maus que se encontravam. Falavam daqueles com os que terei que tomar cuidado, daqueles aos que nunca lhes via vir, desses que lhe punham uma faca na cara, dos que tentavam te introduzir todo o punho em suas partes, dos que levavam um fralda, dos que queriam te pintar as unhas.

Tendo em conta todo isso, de verdade era tão mau aquele homem?

Capítulo doze

Na atualidade. Terça-feira

O sol da manhã acabava de sair quando Wíll jogou atrás o assento do passageiro do Mini do Faith. Tinham encontrado um corpo, provavelmente a estudante que tinha desaparecido da Geórgia Tech, e ele estava desperdiçando o tempo ajustando os parafusos de um carro de palhaço para que sua cabeça não desse com o teto.

Faith esperou até que se grampeou o cinto de segurança.

-Tem um aspecto horrível.

Wíll a olhou. Levava seu uniforme regulamentar do GBI: calças cáqui, camisa azul marinho e seu Glock embainhada à altura da coxa.

-Obrigado.

Faith conduziu marcha atrás pela entrada. As rodas golpearam contra o meiofio. Não disse nada, o qual resultava um tanto estranho. Ao Faith gostava de conversar, bisbilhotar. Entretanto, essa manhã, por alguma razão, não fazia nenhuma das duas coisas. Ele deveria preocupar-se por isso, mas já tinha muitos problemas na cabeça: a inútil noite que tinha passado no porão; sua discussão com a Sara; o fato de que seu pai tivesse saído da prisão; o que lhe ocultava Amanda; o cadáver no Techwood; o beijo que lhe tinha dado a sua esposa.

Levou-se os dedos à boca. limpou-se o carmim com uma toallita de papel, mas ainda podia notar o sabor amargo dos resíduos químicos.

houve um acidente neste lado do North Avenue disse Faith. Te importa se tomo o caminho mais comprido pelo Ansley?

Wíll negou com a cabeça.

-Não dormiste?

um pouco.

-Senti falta da...

Faith se tocou a bochecha. Ao ver que Wíll não respondia, baixou o espelho para que se olhasse.

Wíll olhou seu reflexo no espelho. Tinha uma parte pequena de barba que tinha ficado sem barbear essa manhã. Olhou seus olhos. Tinha-os avermelhados. Sem dúvida, mais de um comentaria seu mau aspecto.

-Este assassinato no Techwood começou Faith. Donnelly foi o primeiro em responder.

Wíll pôs o espelho em seu sítio. O detetive Leio Donnelly tinha sido companheiro do Faith quando ela trabalhou na Brigada de Homicídios do Departamento de Polícia de Atlanta. Era um pouco pesado, mas sua maior pecado era sua mediocridade.

falaste com ele?

-Não, só Amanda. deteve-se para lhe dar ao Wíll a oportunidade de lhe perguntar o que havia dito. Em seu lugar, acrescentou: soube o de seu pai.

Wíll olhou pela janela. Faith fazia algo mais que tomar o caminho mais largo. Havia melhores rotas para evitar North

Avenue e chegar ao Techwood. Tinha tomado as estradas secundárias até o Monroe Drive. Estavam bordeando Piedmont Park e dirigindo-se para o Ansley. Eram as seis em ponto da manhã. Não havia nenhum acidente no North Avenue.

-Mamãe me disse isso ontem à noite disse Faith. Me necessitava para fazer uma chamada Telefónica.

Wíll observou as casas e os edifícios de apartamentos. Passaram pela clínica veterinária onde vacinavam a Betty.

-Há um homem com o que saí faz tempo. Acredito que o chegou a conhecer. Sam Lawson. É jornalista do AJC.

O Atlanta Journal Constitution. Wíll não queria pensar nas razões que tinham impulsionado a Evelyn Mitchell a lhe pedir isso. Deduziu que Amanda estaria fazendo algum movimento maquiavélico, tentando adiantar-se ao que publicassem os periódicos. Sara lia o AJC todas as manhãs. Era a única pessoa que conhecia a que ainda lhe levavam a casa os periódicos. Averiguaria-o dessa forma? Wíll podia imaginar sua chamada Telefónica, se é que lhe chamava, porque pode que não o fizesse.

Pode que o visse como uma oportunidade para deixar o que tinha começado. Era uma mulher inteligente.

-Assim é como Amanda se inteirou de que lhe tinham concedido a liberdade condicional a seu pai. deteve-se, antecipando de novo uma resposta. Sam chamou a seu escritório e solicitou uma entrevista. Queria saber o que pensava sobre sua posta em liberdade. -Faith se deteve em um semáforo vermelho. Não vai publicar o. Dava-lhe alguns detalhes sobre uma banda de motoristas que foram presos por jogar carreiras às portas de uma escola. Aparece na primeira página. Sam não voltará a falar disso.

Wíll olhou a franja obscurecida do Ansley Mall. As lojas da planta de acima ainda estavam fechadas. As luzes iluminavam a grama de abaixo. Notou uma estranha sensação, como se o estivessem levando a hospital para operá-lo, para lhe tirar uma parte de seu corpo. Teria que recuperar-se disso, encontrar a forma de aclimar seus sentidos para não sentir o oco que lhe tinha ficado.

-O que te passou nas mãos? perguntou Faith.

Wíll tentou dobrar os dedos, mas lhe doeram nada mais flexioná-los. O tornozelo lhe palpitava com cada pulsado de seu coração. Todo seu corpo se resentia da aventura no porão.

Faith tomou levantada curva que levava ao Fourteenth Street.

-Em qualquer caso, eu investigarei seu caso.

Wíll estava mais que familiarizado com os delitos de seu pai.

-Esquivou uma bala. O caso Furman contra Geórgia foi a princípios dos setenta.

-No 72 corrigiu Wíll. O Tribunal Supremo tinha suspenso temporalmente a pena de morte. Uns anos antes ou depois, e seu pai teria sido condenado a morte pelo estado da Geórgia. Acrescentou: Gary Gilmore foi o primeiro homem executado depois do Furman.

-Um assassino itinerante, verdade? Foi em Utah? -Ao Faith adorava ler sobre assassinatos em massa. Era uma afeição desafortunada que às vezes resultava muito útil.

-Lhe chama itinerante quando as vítimas são sozinho duas pessoas? perguntou Wíll.

-Sempre que o tempo entre uma e outra seja muito breve.

-Pensava que tinham que ser três.

-Então é um assassino em série.

Faith tirou seu iPhone. Enviou uma mensagem com o polegar enquanto esperava para tomar uma separação proibida para o Peachtree.

Wíll olhou Fourteenth Street. Não podia ver o hotel desde esse ponto, mas sabia que o Four Seasons estava duas maçãs mais à frente. Possivelmente por isso Faith tinha tomado essa direção. Sabia que seu pai se alojava nesse hotel. Wíll se perguntou se ainda estaria na cama. Tinha estado na prisão durante mais de trinta anos. Resultaria-lhe impossível ficar até muito tarde. Pode que já tivesse pedido que lhe subissem o café da manhã à habitação. Angie lhe disse que ia ao ginásio todas as manhãs. Estaria correndo na cinta, vendo algum programa matinal e planejando o que ia fazer esse dia.

-Como te dizia. Dois ou mais e o qualificam de itinerante. - Faith soltou o iPhone no recipiente para os copos e se passou o semáforo. Podemos falar agora de seu pai?

-Sabia que Peachtree Street é a divisória continental da Geórgia? disse Wíll assinalando o lateral da estrada. A chuva que cai nesse lado da estrada vai ao Atlântico; a que cai no outro, ao Golfo. Já sabe que confundo os lados, mas espero que me entenda.

-É fascinante, Wíll.

beije ao Angie.

Faith quase sobe à calçada. Deu um volantazo para voltar para sulco. Guardou silêncio antes de resmungar: -É um puñetero idiota.

Tinha toda a razão. Assim se sentia.

-E agora o que vais fazer?

-Não sei. -Olhou de novo pela janela. estavam-se dirigindo ao centro. Acredito que devo dizer-lhe a Sara.

-Não o faça replicou Faith. Está louco? Mandará-te ao carajo.

Provavelmente seria o mais sensato por sua parte. Não havia forma de que pudesse lhe explicar a Sara que o velho clichê era certo essa vez: o beijo não significou nada. Por sua parte, solo lhe serve para lhe recordar que Sara era a única mulher com a que queria estar; pode que a primeira mulher com a que tinha querido estar de verdade. Para o Angie, o beijo tinha sido algo assim como se um cão levantasse a pata para mijar em uma boca de incêndios.

-Quer estar com o Angie?

-Não respondeu negando com a cabeça.

-Houve algo mais?

Wíll recordou que lhe havia meio doido o peito.

-Não... -Não pensava dar detalhes ao Faith. Não houve contato...

-Vale, já o agarro. -Torceu no North Avenue. Deus santo, Wíll.

Esperou a que continuasse.

-Não o pode dizer a Sara.

-Não posso lhe ocultar nada.

Faith se Rio tão alto que a ele mesmo doeram os ouvidos.

-Está-me tirando o sarro? Acaso sabe o de seu pai? Acaso sabe que ele...

-Não.

Faith não se incomodou em ocultar sua incredulidade.

-Então não lhe diga a verdade sobre isso.

-É distinto.

-Crie que Angie o dirá?

Wíll negou com a cabeça. O código ético do Angie não era fácil de decifrar, mas sabia que não diria nada a Sara sobre o beijo. Seguro que preferia utilizá-lo para lhe torturar a ele.

Faith foi direta ao grão.

-Se não ir acontecer de novo e não significou nada, então terá que decidir entre viver com a culpabilidade ou sem a Sara.

Wíll não queria falar mais sobre o assunto. Olhou de novo pelo guichê. detiveram-se em um semáforo em vermelho. As luzes estavam acesas no Varsity. Ao cabo de poucas horas, os empregados estariam limpando os contêineres, estampando números nos carros e recebendo pedidos. A senhora Flannigan estava acostumado a levar aos meninos

maiores ao Varsity uma vez ao mês. Era um prêmio por seu bom comportamento.

-tentaste falar alguma vez com os detetives que levaram o caso de sua mãe?

-A gente desapareceu. Alguém me disse que se transladou a Miami. O outro morreu de sida a princípios dos oitenta.

-Algun deles tinha familiares?

-Eu não encontrei a nenhum.

Para ser sinceros, não o tinha investigado. Era como arranhar uma crosta. Chegava um momento em que começava a sangrar.

-Com todas as conversações que tivemos nos dois últimos anos, jamais me falaste que isso. Não posso acreditá-lo.

Wíll deixou que ela se perguntasse por que.

Faith cruzou a interestadual. As residências para os atletas que se construíram para as Olimpíadas mostravam agora o logotipo da Geórgia Tech. O velho estádio se estava remodelando. As ruas estavam recém pavimentadas. Havia desenhos feitos com tijolos nas calçadas. Inclusive a essas horas da manhã, havia estudantes praticando jogging. Faith torceu no semáforo seguinte. Conhecia muito bem essa zona. Seu filho estudava na Geórgia Tech, sua mãe tinha obtido seu doutorado ali e ela tinha estudado os quatro cursos de sua carreira nela, por isso estava o suficientemente qualificada para trabalhar no GBI.

Faith tirou uma parte de papel do guarda-sol. Wíll viu que tinha escrito uma direção. Reduziu a velocidade do carro

murmurando: “Centennial Park North...

por aqui”. Finalmente, girou em uma rua lateral, reduzindo ao subir uma colina. A zona estava repleta de edifícios de apartamentos de luxo e de casas grandes. Os carros estacionados na rua eram de gama alta: Toyotas, Fords, algum que outro BMW. A grama estava bem talhada. Os beirais e as janelas estavam pintados de branco mate. Havia antenas parabólicas em alguns balcões. O complexo estava desenhado para pessoas com diferentes ganhos econômicos, coisa que significava que um punhado de gente pobre vivia nas unidades menos desejadas, e que as demais se reservaram para os ricos. Wíll pensou que alguns estudantes de famílias acomodadas viveriam ali, em lugar de nas residências, onde se alojava o filho do Faith.

-Zell Miller Center -leu Faith em uma placa. Clark Howell Community Building. por aqui.

Reduziu o carro à mínima velocidade. Já não precisava ver a direção. Havia dois carros patrulha bloqueando a rua. Uma cinta amarela impedia o passo aos residentes. Muitos estavam em bata ou em pijama. Alguns que praticavam jogging se detiveram para ver o que acontecia.

Faith teve que percorrer algumas maçãs para encontrar um estacionamento. subiu a uma calçada e atirou do freio de mão. Logo se dirigiu ao Wíll e lhe perguntou: -Encontra-te bem?

Pensava ignorar a pergunta, mas não lhe pareceu justo.

-Já veremos respondeu.

Saiu do carro antes de que ela pudesse dizer nada mais.

As luzes da rua ainda estavam acesas, suplementando a luz do amanhecer. Dois helicópteros de imprensa revoavam em cima de suas cabeças. O zumbido de suas pás produzia um som branco. Havia muitos jornalistas acampados a pé da rua. Tinham as câmaras apoiadas em seus tripodes. As apresentadoras se retocavam a maquiagem e revisavam suas notas.

Wíll não esperou ao Faith. Retrocedeu até a cena do crime, onde viu a Amanda Wagner esperando.

Tinha o braço em tipóia, o único sinal de que tinha passado a noite no hospital. Estava de pé, na calçada, vestida com sua saia monocromática de costume, sua blusa e sua jaqueta. Dois corpulentos agentes de patrulha a olhavam e assentiam enquanto ela lhes dava ordens. Pareciam jogadores de rugby apinhados antes de iniciar uma jogada de ataque.

Quando Faith e Wíll se aproximaram dela, os agentes se afastaram a toda pressa para os transeuntes, provavelmente para anotar alguns nomes, tomar algumas fotos e as poder passar pela base de dados. Amanda enfocava suas investigações à velho uso. Não confiava nas amostras de sangue ou em mechas de cabelo para convencer ao jurado. Investigava o caso até chegar a uma conclusão que nenhum ser humano pudesse refutar.

Não perdeu o tempo em cortesias.

-Não te quero aqui.

-Então, para que me chamaste?

-Porque sabia que não te manteria à margem.

Amanda não esperou uma resposta. deu-se a volta e se dirigiu ao edifício comunitário. Wíll ficou a sua altura com soma facilidade, apesar de seu andar ligeiro.

Faith manteve a distância, um pouco pouco habitual.

-Estão nos obstaculizando os trâmites burocráticos disse Amanda. Como sabe, esta zona estava acostumada ser um subúrbio. O estado o desalojou para os Jogos Olímpicos. A Prefeitura se levou uma parte do bolo. A Tech, outra. O Departamento de Parques também. A Autoridade da Moradia. O Registro Histórico, o qual resulta irrisório porque não existiu nunca. Temos mais jurisdições que caminhonetes de imprensa. O Departamento de Polícia de Atlanta é o encarregado de levar o caso no momento, mas são nosso técnicos e nosso médico forense os que estão recolhendo as provas.

-Quero ver a autópsia.

-Passarão horas antes de que...

-Esperarei.

-Crie que é boa idéia?

Wíll pensou que era uma idéia horrível, mas isso não o ia impedir.

-Tem que lhe interrogar.

por que crie que devo fazê-lo?

O fato de que sua voz soasse tão razoável fez que Wíll sentisse vontades de esbofeteá-la.

-Você tem lido o expediente de meu pai.

Ela se deteve e lhe olhou.

-Sim.

-Então, suponho que não acreditará que é uma coincidência que ele tenha saído da prisão e se encontrou a uma estudante morta no Techwood?

-As coincidências se dão em todo momento. -Sua certeza de costume mostrava certas fraquezas. Não posso lhe prender sem uma causa provável, Wíll. ouviste falar dos processos regulamentares? Da Quarta Emenda?

-Isso jamais foi um obstáculo para ti.

-Tenho descoberto que está dentro do âmbito dos homens ricos e brancos evitar esses aspectos tão desagradáveis.

Wíll se deu conta de que o tinha esquecido.

-Mesmo assim...

-Basta replicou Amanda. Continuou caminhando. Temos uma identificação provável do Ashleigh Snyder. encontraram sua bolsa no contêiner. Seus cartões de crédito estavam dentro, mas não seu carnê, nem o dinheiro.

-Isso me resulta familiar.

-Benditas sejam as Leis Shunshine.

A lei de liberdade de informação da Geórgia era uma das mais liberais do país. Os reclusos eram uns verdadeiros fãs dela.

-Aloja-se no hotel Four Seasons disse Wíll.

-Já sei. Perdemo-lhe o rastro durante duas horas ontem pela tarde, mas já me assegurei que não volte a ocorrer.

-Leva fora quase dois meses.

Amanda não respondeu imediatamente.

-Nunca compreendi que deixem em liberdade a alguém por bom comportamento. Se estiver na prisão, não deve te comportar bem todo o tempo?

-Ninguém me disse que tinha saído.

-Isso é o que passa quando se tem um expediente de menores fechado. Não lhe podem notificar isso a menos que pergunte.

-Supunha-se que devia morrer ali.

-Sei.

Um dos agentes gritou:

-Doutora Wagner?

-Vós dois sigam.

Ela esperou até que o agente esteve a seu lado.

Wíll continuou caminhando. Faith teve que apressar o passo para lhe alcançar.

-O que acontece?

Ele sozinho pôde mover a cabeça quando entraram no estacionamento. Uma costa os levava até a planta baixa. Na parte de atrás, havia um grupo de detetives formando um semicírculo ao redor do corpo. A mulher estava diante de

uma enorme zona para os contêineres. Umas paredes de tijolo circunvalaban o contêiner. As enormes leva metálicas estavam abertas e o cadeado pendurava do fecho, com a argola rota. Alguém o tinha marcado com uma etiqueta amarela para podê-lo catalogar como prova.

Wíll olhou a seu redor. sentiu-se observado. Ou possivelmente solo estava um pouco paranóico. Registrou atentamente a zona. O centro comunitário estava no lado oposto do estacionamento. Havia mais apartamentos bordeando o perímetro. As portas brancas das garagens pareciam dentes que contrastavam com os tijolos vermelhos.

ao longe se via uma zona de jogos, com túneis e balanços de cores. O edifício da CocaCola dominava o horizonte.

Se olhava por detrás da interestadual, via a fachada cor salmão do hotel Four Seasons.

-Outro caso resolvido pelo glorioso GBI disse Leão Donnelly rendo com o cigarro na boca.

Como de costume, o detetive de Homicídios vestia um traje cor marrom clara que provavelmente já estaria enrugado quando o agarrou do chão essa manhã. Seu novo companheiro, um menino chamado Jamal Hodge, saudou o Faith.

Leão lhe piscou os olhos um olho.

-Vejo que segue tendo uns bons peitos, Mitchell. Ainda lhe está dando de mamar?

-Vete a mierda, Leão respondeu Faith, tirando sua caderneta da bolsa. Quando fizeram a chamada?

Ele também tirou a sua.

-Às quatro e trinta e oito da madrugada. O zelador veio para fazer seu turno, viu-a e flipó. chama-se Otay Keehole.

-Utay Keo corrigiu Jamal.

-Vá com este empollón respondeu Leão lhe lançando um olhar desagradável. Ooo-Tay é um estudante da Tech. Tem vinte e quatro anos. Vive com sua mamãe, de aluguel. Sem antecedentes.

-Estava-a procurando? perguntou Faith.

-Não é provável respondeu Jamal.

Leão fez gesto de fechar sua caderneta de notas. Deu-lhe uma imersão a seu cigarro enquanto olhava ao Jamal.

-O menino esteve dois anos na Camboja. tirou-se o visto de estudante. Apresentou voluntariamente seus rastros digitais e seu DNA. Não tem antecedentes, nem motivos. Estou seguro de que se foi de putas em seus bons tempos (quem não), mas não tem nem carro. Agarrou aqui o ônibus.

-identificaste à vítima por seus cartões de crédito? perguntou Wíll.

Jamal levantou as mãos, indicando que Leão era quem devia responder.

-Estamos quase seguros de que é Snyder disse Leão. Tem a cara feita um Cristo, mas seu cabelo loiro a delata.

-O notificastes à família?

-Sua mãe está morta. Seu pai vem de volta de uma viagem de negócios no Salt Lake. Chegará esta tarde.

pedimos o histórico dental -acrescentou Jamal.

-Bem feito, obrigado -murmurou Faith.

Provavelmente, estava pensando no comprido viagem de volta de seu pai, no momento em que a visse no depósito e sua vida trocasse para sempre.

Todos se giraram para o contêiner. A multidão se dispersou, por isso os técnicos forenses podiam começar a árdua tarefa de processar a cena.

Wíll observou o corpo retorcido da mulher. Seu cabelo loiro lhe cobria a cara. Estava de costas, com os braços abertos e as bonecas olhando ao céu. Tinha o rosto feito um desastre, provavelmente irreconhecível até para seus amigas mais íntimas. Levava as unhas pintadas de vermelho brilhante. O sangue fazia que tivesse a roupa pega ao corpo. Wíll podia deduzir o que tinha debaixo de sua ajustada camiseta e de sua saia estampada.

-Há algo que não se vê todos os dias: o assassino lhe esmurrou o estômago até lhe tirar os intestinos. Isso não se vê nem no YouTube. -Se Rio entre dentes.

Ao menos até que aprenda a dirigir a câmara de meu móvel.

-Que Deus tenha piedade de nós -murmurou Jamal. dirigiu-se para o Chárlie Reed, o investigador de cenas criminais do GBI.

-Venha, Hodge disse Leão a suas costas. É gracioso.

-Usa o cérebro, Leão -advertiu Faith. Ou é que quer encher o saco ao neto do chefe anexo?

Wíll olhou ao Faith. Sua voz soava algo tremente. Jamais lhe tinha gostado de estar perto dos cadáveres, mas conseguia dominar-se. Se se derrubava, embora fosse ligeiramente, Leão, ou alguém como ele, faria que todo mundo se riera dela na recontagem da manhã. Em certa ocasião, Faith havia dito ao Wíll que trabalhar com Leão era como olhar a um bonito que não sabia nem entrechocar os pires.

Wíll se deu conta de que não era o momento oportuno para lhe perguntar se se encontrava bem. Em seu lugar, ajoelhou-se ao lado do corpo, mantendo a distância para não poluir a zona. Os fotógrafos da cena criminal não esperaram a que saísse o sol. Seus ordenadores e suas câmaras digitais estavam sobre uma mesa dobradiça.

Uma das mulheres acendeu o gerador de diésel. As luzes de xenônio piscaram. A mão da vítima contrastou com o asfalto. O esmalte vermelho de suas unhas brilhava como se ainda estivesse úmido.

Faith se dirigiu a Leão.

-O que é esse edifício? Continua sendo o centro comunitário?

-Não sei respondeu encolhendo-se de ombros. Acredito que o chamaram assim depois daquele tio da rádio.

Wíll se levantou muito rápido e sentiu um leve enjôo.

-Clark Howell era o editor do Atlanta Constitution.

-De verdade?

-Hoje em dia, está repleto de fascinantes banalidades - assinalou Faith. Tem alguma pista?

-E a ti o que te importa?

Faith ficou em jaras.

-Não seja casulo, Leão. Já sabe que é um caso estatal. Tem alguma pista ou tenho que perguntar-lhe ao Jamal?

Leão continuou, embora a contra gosto.

-Fiz algumas chamadas, consultei-o com a estação central. Não há ninguém em nossos arquivos que, a base de golpes, tenha-lhe tirado os intestinos a uma garota. -Se Rio de sua própria piada. Literalmente.

-Tinha a vítima algum inimigo?

-Sobre isso seguro que vós sabem mais que eu.

-Problemas com drogas?

Leio esnifó e se esfregou o nariz.

-Por isso sei, nada sério.

-Coca ou metanfetaminas?

-É uma estudante. A ti o que te parece?

-Metanfetamina concluiu Faith. E absten de generalizar. Meu filho vai a Tech e não toma nada mais forte que Rede Bull.

-Seguro.

-Faith chamou Amanda. Estava ao final do estacionamento, lhes fazendo um gesto.

Faith lhe lançou um olhar malévolo a Leão enquanto se dirigia para a Amanda.

-Não faz falta que me dêem as obrigado, oficiais -lhes gritou Leão. foi todo um prazer.

Amanda estava rebuscando em sua bolsa quando se aproximaram. Tirou seu BlackBerry. A capa ainda estava rota pela queda. Olhou as mensagens de correio enquanto falava.

-Um agente encontrou a um corredor que viu uma caminhonete suspeita, pequena e verde, pela zona depois das quatro da madrugada.

-E acaba de chegar? perguntou Faith olhando a hora. esteve correndo durante duas horas?

-Essa é uma boa pergunta para começar. Vive ali, no apartamento 2-6-20. -Amanda assinalou o edifício que havia ao outro lado da rua. te Assegure de que escreba algo. Tudo os T estão cruzadas e os I levam ponto.

-Eu falarei com ele disse Wíll, fazendo gesto de partir, mas Amanda lhe deteve.

-Faith, faz-o você.

A mulher lhe lançou um olhar de desculpa antes de dirigir-se ao edifício de apartamentos.

Amanda levantou o dedo para que Wíll mantivera a boca fechada. Leu uns quantos mensagens mais antes de colocar a BlackBerry na bolsa.

-Sabe de sobra que não pode trabalhar neste caso.

-Não sei como me vais impedir isso.

-Tudo tem que fazer-se devidamente. Não podemos permitir que nos desbaratem isso no julgamento.

-A última vez se sustentou no tribunal e, mesmo assim, saiu.

-Bemvindo ao sistema de justiça criminal. Pensava que já o conhecia.

Wíll olhou ao outro lado da interestadual. Logo seria hora ponta. Os carros começavam a ficar entupidos nos quatorze sulcos. Viu um sinal que indicava o caminho a um dos hospitais Emory. Sara tinha ido à Universidade do Emory. O Grady formava parte de seu sistema de ensino. Nesse momento, estaria-se arrumando para ir ao trabalho, tomando banho, secando o cabelo. Wíll normalmente lhes dava um passeio aos cães antes de que ela partisse. perguntou-se se sentia falta disso.

-Me dê tempo para fazer as coisas bem disse Amanda. Temos que fazê-lo como é devido.

Wíll negou com a cabeça. Não lhe importavam os meios, solo o fim.

-Temos que trabalhar em seu caso desde o começo.

-E o que crie que estive fazendo? Tenho duas equipes nisto desde que me inteirei. Estamos trabalhando com um lapsus de mais de trinta anos em uma cidade que se derruba a cada cinco. Seu velho refúgio é agora um edifício de escritórios de doze novelo.

-Comprovarei-o. Faith pode me acompanhar.

-Já o examinaram de cima abaixo.

-Sim, mas eu não.

Amanda não lhe estava olhando. Ao igual a Wíll, observava a interestadual. Móvel, médios e oportunidade: esse era seu mantra.

-Sabe que ele tinha essas três coisas.

Amanda assentiu com a cabeça. Se Wíll não a tivesse estado observando, não se teria precavido. Observou-a atentamente. Parecia tão cansada como ele. Tinha olheiras e a maquiagem lhe tinha metido nas rugas da boca e dos olhos.

-Tenho que dizer que me encantou o que tem feito com o porão.

Wíll apertou as mãos. Os cortes se abriram em seus dedos.

-Encontrou o que andava procurando?

Sua mandíbula estalou quando abriu a boca para falar.

-O que fazia ali?

-Isso é uma pergunta interessante.

-Faz quanto tempo que sabe o de meu pai?

-Trabalha para mim, Wíll. Minha obrigação é sabê-lo tudo de ti.

por que te chamou esse jornalista?

-Suponho que o considerava uma boa história, já que você escolheu o caminho da lei e a ordem. Surgiu das cinzas. O símbolo de Atlanta é o fênix. Vem-te como anel ao dedo.

Wíll se girou e se dirigiu de novo ao North Avenue, para a ponte que havia sobre a interestadual. A pernada da Amanda era a metade de pequena que a do Wíll, por isso teve que esforçar-se para ficar a seu lado.

-Aonde vai? perguntou.

-A falar com meu pai.

-Para que?

-Você tem lido o arquivo. Já sabe que tem um patrão. Mata a uma e fica com outra. Provavelmente, já a terá pego.

-Devo emitir uma ordem de busca por uma prostituta desaparecida?

Estava-se mofando dele.

-Sabe que está procurando a outra garota.

-Já te hei dito que o estamos vigiando. Não saiu que a habitação.

-Exceto ontem pela tarde.

Amanda deixou de tentar lhe alcançar.

-Não vais falar com ele.

Wíll se girou. Amanda jamais elevava a voz, nem gritava, nem chutava, nem amaldiçoava. Conseguia assustar a todo mundo com sua reputação. Pela primeira vez desde fazia quinze anos, viu o que realmente era. Não era nada. Uma

anciã com um braço em tipóia e um montão de secretos que se levaria a tumba.

emiti uma ordem de arresto contra ti se puser um pé nesse hotel. Entende-me?

Wíll a olhou com ódio.

-Deveria ter deixado que te apodrecesse nesse porão.

-OH, Wíll disse com voz de arrependimento. Tenho a sensação de que, quando tudo isto acabe, ambos vamos desejar que o tivesse feito.

Capítulo treze

Suzanna Ford

Na atualidade

Sentia falta de Olhe quem dança. Sentia falta da o Bobbo, seu perrito, que tinha morrido quando ela tinha dez anos. Tinha saudades a sua avó, que morreu quando Suzanna tinha onze, e a seu avô, que morreu poucos meses depois. Sentia falta da o Adam, o peixe de cores que morreu a mesma noite que o trouxe da loja. O

encontrou flutuando de lado no aquário. Tinha os olhos tão ausentes que pôde ver seu reflexo neles.

Suzanna chamou à loja para queixar-se.

-Atira-o pelo váter disse o gerente. Vêem amanhã e lhe daremos outro.

Suzanna não se sentiu cômoda com aquela idéia. Não era o correto. Acaso Adam não significava nada? Era substituível? Podia colocar outro peixe no aquário e esquecer-se de que tinha existido? Podia lhe chamar Adam também? Alimentá-lo com sua comida? Deixar que nadasse pelo cofre do tesouro e o castelo de coral rosado do Adam?

Ao final teve que resignar-se. Atirou-o pelo váter. Quando a água desenhou esses círculos, viu como levantava seu aleta. A órbita de cristal de seus olhos se girou para ela e viu um pouco parecido ao pânico.

Em sonhos, Suzanna era o peixe. Era Primeiro Adam, já que a tentação tinha sido muito grande, e ao dia seguinte foi à loja para que dessem ao Segundo Adam.

Esse era seu sonho.

Primeira Suzanna, impotente, olhando ao teto enquanto dava voltas e voltas até desaparecer pelo deságüe.

Capítulo quatorze

Segunda-feira 14 de julho de 1975

Amanda se apoiou em seu Plymouth enquanto esperava a Evelyn no estacionamento do edifício Sears. O ar não se movia naquele subterrâneo. O frio que desprendiam as paredes de cimento não bastava para mitigar o sufocante calor. Eram as sete da manhã e já podia notar como lhe caía o suor pela nuca e lhe colocava pelo pescoço.

Nem Evelyn nem ela tinham assistido ao andaime depois de sair do depósito na sábado pela tarde. Hank Bennett. A garota sem identificar. As unhas pintadas de vermelho. O hioides fraturado. Havia muitas coisas que processar e nenhuma delas parecia capaz de cercar uma conversação coerente. Falaram com monossílabos. Amanda pelas coisas que tinha visto com o Pete Hanson, e Evelyn provavelmente-pelo incômoda que se sentou ao ver de novo ao Rick Landry. As razões eram o de menos. Evelyn retornou com seu marido, e Amanda partiu a seu apartamento vazio.

no domingo trouxe uma agradável sensação de normalidade. Amanda lhe preparou o café da manhã a seu pai. Depois foram à igreja. Mais tarde preparou o jantar.

Duke, durante todo o dia, esteve mais animado. Inclusive fez algumas brincadeiras sobre o pregador. sentia-se mais otimista com respeito a seu caso. Tinha falado com seu advogado uma vez mais e lhe havia dito que a reincorporação de Lareiras Oglethorpe era uma boa notícia para todos os homens que Reginald Eaves tinha despedido.

Amanda duvidava que fosse para ela.

A caminhonete da Evelyn girou bruscamente, fazendo chiar os pneumáticos no asfalto. Estacionou ao lado do Plymouth e, pelo guichê aberto, perguntou-lhe: -Chamou-te Kenny ontem?

Amanda sentiu uma quebra de onda de pânico.

-Para que me ia chamar?

-Dava-lhe seu telefone.

Amanda estava tão aturdida que se limitou a olhá-la.

por que lhe deste meu número de telefone?

-Porque me pediu isso, tola. por que te surpreende tanto? E por que fica aí pasmada?

Amanda moveu a cabeça enquanto entrava no carro. Os homens como Kenny Mitchell não pediam seu número de telefone.

-É muito amável de sua parte que trate de lhe incitar, mas não perca o tempo com devaneios inúteis.

-Você pode... -Evelyn se deteve, mas solo por uns instantes antes de lhe soltar: Você pode usar Tampax, verdade que sim?

Amanda se levou os dedos às pálpebras, sem lhe preocupar se isso lhe danificaria a maquiagem.

-Se te disser que sim, trocará de tema?

A Evelyn não resultava fácil dissuadi-la.

-Pete é um médico de verdade. Pode te prescrever o que queira sem fazer perguntas, e se lhe dá uns dólares ao menino do Plaza Pharmacy, não dirá nada.

Amanda se abanicó a cara. Dentro do carro, o calor resultava inclusive mais sufocante. Tentou não pensar na chamada que tinha recebido no dia anterior em seu apartamento vazio.

-Já é legal, carinho. Não tem que estar casada para conseguir anticoncepcionais.

Esta vez, a risada da Amanda foi do mais genuína.

-Acredito que está tirando muitas conclusões.

-Pode, mas é divertido, verdade?

Em realidade, resultava humilhante, mas Amanda tentou ocultar tal coisa olhando de novo seu relógio.

-Isso te teve ocupada todo no domingo ou tiveste tempo para pensar no que estivemos fazendo?

Evelyn pôs os olhos em branco.

-Está de brincadeira? É em quão único pude pensar durante a última semana. Esta manhã estava tão distraída que lhe pus sal ao café do Bill, em lugar de açúcar. O pobrecillo se tomou meia taça antes de dar-se conta. deteve-se para respirar. E você?

estive revisando as notas do Butch disse tirando sua caderneta da bolsa. Vê isto daqui? -Assinalou a página para que resultasse mais fácil a Evelyn.

As letras “IC” estavam assinaladas um par de vezes com um círculo.

-Informante confidencial disse Evelyn. Passou as páginas para trás. Diz algo mais? Um nome?

-Não, mas muitos casos do Butch se apóiam na informação proporcionada pelos informantes. -De fato, acontecia assim na maioria deles. Pelo visto, lhe dava muito bem encontrar delinqüentes e tipejos dispostos a soltar o que sabiam com tal de não entrar na prisão. Nunca menciona suas fontes.

-Muito ardiloso por sua parte. -Olhou as páginas, detendo-se em um desenho rudimentar que tinha feito do apartamento do Jane Delray. Se saltou o quarto de banho. Registraria o lugar? -Ela mesma respondeu a sua pergunta. É óbvio que não. Para que ia fazer o?

Amanda olhou o relógio. Não queria chegar tarde à recontagem.

-Deveríamos revisar o que vamos fazer hoje. Eu posso chamar a meu amiga na Autoridade da Moradia quando chegar ao trabalho. Pode que averigüemos quem alugou o apartamento.

Evelyn guardou silêncio durante um instante enquanto trocava de marcha.

-Eu chamarei a Cindy Murray no Five Points e verei se tiver tempo para comprovar a caixa de carnês confiscados e encontrar o do Lucy Bennett. Ao menos teríamos uma fotografia dela.

-Não sei se servirá de algo. Pete tem que assinar a identificação que proporcionou seu próprio irmão. -Nem

Evelyn nem ela tiveram o valor suficiente para rebater a identificação do Hank Bennett. Bennett não a tinha visto há cinco ou seis anos. Crie que se deu conta de que não era Lucy?

-Acredito que o único que lhe importava era não chegar tarde ao jantar.

Ambas ficaram em silêncio. Amanda tinha uma sensação que ia e vinha. As idéias dançavam e desapareciam. Custava trabalho poder assimilá-lo tudo.

Evelyn compartilhava a mesma sensação.

-Bill e eu começamos um quebra-cabeças ontem à noite: as pontes do Pacific Northwest disse. Zeke o escolheu o mês passado para o Dia do Pai. Pensei: "Assim é como me levo sentindo toda a semana. Há muitas peças soltas e, se conseguisse as pôr juntas, provavelmente veria toda a imagem".

-Entendo o que quer dizer. Quão único faço é me fazer perguntas, mas não encontro uma resposta satisfatória a nenhuma delas.

-Escuta, tenho uma idéia descabelada.

-De verdade? Não sabe o que me surpreende.

Evelyn esboçou uma careta sarcástica e se girou para rebuscar no assento traseiro da caminhonete.

-O que faz?

Apoiou o corpo no assento traseiro e levantou as pernas. Amanda apartou os pés de sua cara. Olhou a seu redor com a esperança de que ninguém as estivesse observando.

-Evelyn, que narizes...?

-Já o tenho disse retornando a seu assento. Tinha um pacote de papéis de cores. As ceras do Zeke estão esmagadas no tapete. me deixe uma caneta. -Abriu a porta.

Amanda saiu do carro e a seguiu até a parte frontal da caminhonete. Evelyn agarrou uma parte de papel da parte superior do pacote e, com a caneta da Amanda, escreveu: "HANK Bennett" na página. Logo escreveu: "LUCY Bennett", e depois "JANE DELRAY". Logo acrescentou a Mary" e "KITTY TREADWELL" ao grupo, e posteriormente ao HODGE", "JUICE/DWAYNE MATHISON" e, ao final, ao Andrew TREADWELL".

-O que faz? perguntou Amanda.

-Peças de quebra-cabeças. -Pulverizou as páginas de cores sobre a capota do carro e acrescentou: vamos juntar as.

Amanda se deu conta do que pretendia. A idéia não tinha nada de descabelada.

-Devemos fazê-lo cronologicamente. -Moveu os nomes enquanto falava. Hank Bennett veio à delegacia de polícia, e logo o sargento Hodge enviou ao Techwood.

Escreve outro papel com a palavra Tech. -Evelyn fez o que lhe pedia. Temos que estas subcategorizar.

Amanda agarrou a caneta e começou a preencher os detalhes: datas, horas, o que lhes haviam dito. O motor da caminhonete emitiu um ruído seco pelo calor.

A capota de metal lhe queimava a pele.

vou fazer um cronograma -sugeriu Evelyn.

Amanda lhe deu a caneta. Assinalou as diferentes páginas enquanto relatava em voz alta a seqüência.

-Hank Bennett foi ver o sargento Hodge na segunda-feira passada. Hodge enviou ao Techwood para tomar declaração de uma violação. -Olhou a Evelyn. Hodge não disse depois por que nos tinha enviado. Obviamente, não houve violação alguma. por que nos enviaria ali?

-Voltarei a perguntar-lhe esta manhã, mas não me disse nada as últimas quatro vezes.

Amanda sentiu a necessidade de lhe dizer:

foi muito valente por sua parte.

-Para o que serviu? -Evelyn fez caso omissso do completo. Juice, o fanfarrão, não deve estar aqui.

-A menos que fosse ele quem matou ao Jane.

-Não acredito que o fizesse. Provavelmente, estaria sob arresto quando aconteceu. Ou recebendo seu castigo por haver resistido ao arresto.

-De acordo, ponhamo-lo aqui como uma possibilidade remota disse Amanda deslocando ao Juice à periferia. Estamos no apartamento no Techwood. Jane nos diz que desapareceram três garotas: Lucy Bennett, Kitty, que mais tarde descobrimos que é Treadwell, e Mary, cujo sobrenome desconhecemos.

-Assim é.

Evelyn anotou a informação, escrevendo seus nomes ao lado do do Jane Delray.

-Dias depois, Jane é assassinada.

-Mas a confunde com o Lucy corrigiu Evelyn. Porei um asterisco ao lado de seu nome, mas o deixaremos assim para vê-lo mais claro.

-Vale. Uma pessoa que se acredita que é Lucy Bennett é assassinada.

-Pergunto-me se seu irmão tem um seguro de vida a seu nome.

Amanda pensou que, pelo fato de estar casada com um homem que se dedicava aos seguros, pensava nessas coisas.

-Há alguma forma de comprová-lo? Um registro?

-O perguntarei ao Bill, mas solo para me informar. Tendo em conta a vida que levava Lucy, para que ia matar a se provavelmente morreria por causa das drogas?

-Evelyn olhou o cronograma. Não é um móvel que valha a pena.

-Móvel. -Havia algo que não tinham tido em conta. por que alguém quereria assassinar ao Jane?

-Estamos assumindo que o assassino sabia que estava matando ao Jane?

A Amanda começava a doer a cabeça.

-Acredito que devemos pensar que foi assim, ao menos até que se demonstre o contrário.

-De acordo. Então o móvel é que Jane era um estorvo.

-Sim, mas a última pessoa a que incomodou, além de nós, foi ao Juice, e se houver algo que sei sobre os fanfarrões é que não matam a suas garotas. Preferem-nas ter trabalhando. Isso lhes dá mais benefícios.

-Chamarei à a prisão para ver quando saiu Juice, solo para me assegurar disse Evelyn, que se deu um golpecito no queixo com a caneta. É possível que o assassino fosse alguém que a viu falando conosco no Techwood. O complexo se revolucionou quando chegamos. Todo mundo devia saber que estava falando com dois agentes de polícia.

Amanda se sentiu incômoda ao pensar que podia ter sido responsável por sua morte.

-Anota-o como possibilidade.

-Ódio pensar que tivemos algo que ver com isso. Mas, certamente, não se dedicava a preparar bolachas para a associação de pais e professores.

-Não disse Amanda mostrando seu acordo, mas Evelyn só tinha visto as fotografias. Alguma vez te tem feito a manicura?

Evelyn se olhou as unhas, que solo tinham uma capa de esmalte transparente.

-Bill me pagou uma sessão o Natal passado. A verdade é que não desfrutei de muito vendo que uma estranha me tocava as mãos.

-As unhas do Jane eram perfeitas. Tinha-as limadas e polidas. Eu não seria capaz de fazer um trabalho assim.

-Aquela manicura foi ridiculamente cara. Não imagino ao Jane com dinheiro para pagar-se algo assim.

-Não, e se o tivesse, o gastaria em drogas, não em fazê-la manicura. -Amanda recordou algo e acrescentou: Pete me comentou algo interessante sobre o agressor.

Disse que estava furioso, descontrolado.

-Como sabe?

-Pelo aspecto que tinha Jane. Tinham-lhe dado uma surra. -Amanda tratou de recordar todos os detalhes, mas lhe resultava mais fácil falar deles com a Evelyn.

Acredito que devemos seguir nos perguntando que classe de pessoa pode fazer algo assim. E logo como o fez. Obviamente, utilizou os punhos, mas também tinha um martelo.

Rompeu o ferrolho para acessar ao telhado. Isso nos obriga a nos expor como pôde enganá-la. Não é que fosse uma garota muito brilhante, mas sabia cuidar de si mesmo.

-Quem, como e por que resumiu Evelyn. São boas perguntas. Se Juice não for a resposta, então quem? Pode que fosse alguém que Jane conhecia de antes, um cliente que sabia onde vivia. -Evelyn voltou a dar golpecitos com a caneta. De momento, isto é o que sabemos: bateu na porta, fez-lhe a manicura e logo a atirou pelo telhado.

-Estrangulou-a antes de atirá-la.

-Disselhe isso Pete? perguntou Isso Evelyn parece o mais plausível. Jane chiou como um porco quando a chutou, e logo que foi um golpecito.

-Não disse o mesmo então.

-Estava assustada -admitiu Evelyn. O sinto.

-Não passa nada. Possivelmente possamos perguntar e ver se houver algum fanfarrão que se dedica a estrangular.

-Conheço uma mulher que trabalha de agente encoberta no centro. Perguntaremos-lhe para ver o que sabe. Mas, embora haja um tipo ao que gosta de estrangular, e algo me diz que há mais de um, como vamos ou seja seu verdadeiro nome? E se descobirmos como se chama, como o vamos vincular com o Jane?

-Pete tirou uma parte de pele de debaixo da unha do Jane. Disse que se podia comparar com o grupo sangüíneo do suspeito e ver se for um secretor ou não.

-Oitenta por cento da população são secretores. E quase quarenta por cento som zero positivo. Isso não nos servirá de muito.

-Não sabia -admitiu Amanda. A Evelyn lhe davam muito melhor as estatísticas que a ela. Revisemos de novo o quebracabeças, antes de que cheguemos tarde ao trabalho. -Amanda continuou onde o tinham deixado. Depois nos encontramos com o senhor do traje azul, aliás Hank Bennett, no depósito. Admitiu não ter visto sua irmã desde fazia muitos anos, o que explica que não pudesse identificá-la.

-Bom, suponho que é um tipo muito arrogante para admitir que não pode.

Essa também era uma possibilidade.

-Mesmo assim sente saudades que Lucy Bennett não tivesse antecedentes. Leva trabalhando nas ruas ao menos um ano, pode que mais.

-Nem tampouco Kitty Treadwell disse Evelyn, envergonhada. Pedi um relatório por rádio enquanto vinha para aqui. Comprovaram todas as variações possíveis.

Não havia nenhum dado sobre o Kitty Treadwell.

-E do Jane Delray?

-Prenderam-na duas vezes faz anos, mas nada recentemente.

-Então terão seus rastros nos arquivos.

-Não respondeu Evelyn franzindo o cenho. limpam muitos arquivos velhos.

-Muito conveniente. -Amanda atualizou a informação debaixo do nome de cada garota. Temos que nos centrar no Andrew Treadwell. É advogado. Amigo do prefeito.

Que mais sabemos dele?

-Jane nos deu a entender que era tio do Kitty. Disse claramente que Kitty era rica, e que sua família tinha contatos.

-Naquele artigo de periódico, dizia-se que Andrew Treadwell só tinha uma filha recalcou Amanda.

-É um dos melhores advogados da cidade. E politicamente tem muito poder. Se tinha uma filha caçoada por um negro, crie que o diria? Em minha opinião, o mais provável é que utilizasse seu dinheiro e sua influência para ocultá-lo.

-Tem razão -afirmou Amanda. Olhou o diagrama. Não te resulta estranho que Lucy e Kitty trabalhem na rua e que uma delas tenha um irmão que trabalha para o tio da outra?

-Possivelmente se conheceram em um grupo de autoayuda brincou Evelyn: Prostitutas Anônimas.

Amanda pôs os olhos em branco.

-Seguimos assumindo que Andrew Treadwell foi o que enviou ao Hank Bennett para que falasse com o Hodge na segunda-feira passada?

-Eu sim. E você?

Amanda também assentiu.

-O que respalda sua teoria de que Andrew Treadwell não quer que lhe relacione com o Kitty. Mas pode que nos equivoquemos. A quem quereria ocultar sua relação se não ser a seus cupinchas da Prefeitura?

-Bennett é um tipo difícil balbuciou Evelyn. É um dos homens mais arrogantes que conheci. E isso é muito tendo em conta as pessoas para as que trabalhamos.

Amanda tentou recordar as respostas diretas do Hank Bennett fora do depósito. Deveria as haver cotado.

-Bennett disse que lhe tinha enviado uma carta a sua irmã a Union Mission. Lembra-te se mencionou quando?

-Sim, quando seu pai faleceu, o ano passado, por esta mesma época. O que me recorda que Jane disse que Lucy tinha desaparecido coisa de um ano.

Amanda anotou essa informação debaixo do nome do Lucy.

-Quando lhe perguntou se conhecia o nome do Kitty Treadwell, dissenos que tomássemos cuidado sobre onde

colocávamos os narizes.

-Trask recordou Evelyn. Assim se chamava o homem com o que falou na Union Mission.

-Disse Trask ou Trent corrigiu Amanda. Recordava esse nome porque o sobrenome de solteira de sua mãe era Trent.

-Bom, de momento o chamaremos como é disse Evelyn.

-Trask -sugeriu Amanda.

-Vale. Trask disse ao Bennett que lhe tinha dado a carta ao Lucy, o que significa que devia conhecê-la. Se trabalhar na Union Mission, tem que conhecer todas as garotas. Joder, Amanda disse com tom de estar devastada, por que não pensamos primeiro em ir a Union Mission? Todos os drogados vão ali quando necessitam um descanso. É seu Acapulco.

-A Mission está ao subir a rua -lhe recordou Amanda. Ainda podemos falar com o Trask e ver se recordar um pouco do Lucy ou do Jane.

-Se recordar algo, pode que nos diga se Lucy estiver viva e em que esquina trabalha, e por que a gente anda dizendo que foi assassinada. -Evelyn olhou seu relógio. Tenho que me apresentar no Model City, mas podemos nos ver ali dentro de meia hora.

-Isso me dará tempo de sobra para chamar à Autoridade para a Moradia e para pensar o que vou fazer com o Peterson.

-Estou segura de que a Vanessa não importará ir-se com ele.

Amanda guardou a caneta em sua bolsa.

-Tenho a sensação de que se está cozendo algo mau.

-É possível. Tentarei perguntar de novo ao Hodge, mas duvido que me diga algo. -Agarrou o punhado de papéis de cores e os agrupou. Eu também tenho um mau pressentimento sobre tudo isto.

-O que quer dizer?

-Acredito que, em qualquer caso, Lucy Bennett está morta.

-Sim, mas pode que seja pelas drogas, não por nenhum delito.

-Inteiraste-te que as garotas do Texas que desapareceram na autoestrada I-45?

-Não. O que passou?

-Uma dúzia ou mais disse Evelyn. Não sabem seguro nem onde estão os corpos.

-Como se inteira dessas coisas?

Sorriu sem nenhuma vergonha.

-Na revista True Creme.

Amanda suspirou enquanto a observava subir à caminhonete.

-Vejo-te na Mission disse.

-De acordo. -Evelyn saiu devagar do estacionamento. Eu não me preocuparia muito pela Vanessa disse através do

guichê aberto. Quem crie que me falou do menino da praça Pharmacy?

-Mandy! gritou Vanessa assim que entrou na delegacia de polícia.

Amanda se abriu caminho entre a multidão. A delegacia de polícia estava enche. Faltavam uns minutos para a recontagem. Amanda olhou no escritório do sargento, mas estava vazia.

-Date pressa!

Vanessa estava uma vez mais sentada na parte de atrás, dando saltos na cadeira. Levava postos umas calças, uma blusa estampada e a pistola embainhada na cintura. Levava sapatos de homem. Amanda começava a perguntar-se se deveria preocupar-se com o sexo ao que pertencia Vanessa. Ao menos levava sustento.

-Olhe o que tenho.

Mostrou-lhe um cartão de crédito como se fosse um lingote de ouro. Amanda reconheceu o logotipo dos armazéns Franklin Simon. Logo ficou boquiaberta ao ver as letras debruadas em ouro que diziam: Vanessa LIVINGSTON.

-Como a há...? -Amanda se deixou cair na cadeira. Quase tinha medo de tocar o cartão. É de verdade?

-É óbvio exclamou Vanessa.

Amanda não podia deixar de olhar o cartão.

-Está-me tirando o sarro? -Olhou a seu redor para ver se alguém as observava. Ninguém parecia interessado. Como a conseguiu?

-Rachel Foster, que trabalha de operadora, falou-me dela. Quão único tem que fazer é lhes apresentar seis meses de seus recibos de lista de nomes.

-Me tirares o sarro? -Amanda não tinha podido alugar seu apartamento sem o aval do Duke. Se não fosse porque a Prefeitura lhe proporcionava um carro, teria que ir a pé. Lhe dão isso sozinho com isso? Assim de singelo?

-Sim.

-Não lhe pediram que falasse com seu marido, nem com seu pai nem...

-Não.

Amanda seguia sem acreditar-lhe Devolveu-lhe o cartão. Franklin Simon era do melhor, mas estavam destinados à bancarrota se concediam créditos de forma tão singela.

-Perdoa, pode me fazer o favor de patrulhar com o Peterson hoje?

-É óbvio.

-Não me pergunta por que?

O som gutural de alguém vomitando ressonou na sala. Outros homens lhe imitaram. Butch Bonnie entrou na delegacia de polícia, com os punhos em alto, como se fosse Mohamed Alí. Amanda se tinha esquecido do doente que se pôs na cena do crime na sexta-feira anterior. Ao parecer, ao resto dos agentes não lhes tinha acontecido isso. Aplaudiram e riram. Inclusive se ouviram ovações por parte de quão negros havia na sala. Butch deu a volta em sinal de vitória enquanto se dirigia para a Amanda.

Apoiou-se na mesa.

-Olá, boneca, tem o meu?

Amanda procurou o relatório em sua bolsa. Deixou as folhas na mesa, a seu lado.

-O que te passa? Está com o período?

-É pelo que seu companheiro fez a Evelyn Mitchell replicou Amanda. É um selvagem.

Butch se arranhou a bochecha. Parecia cansado, levava a roupa enrugada e ia barbear. Seus poros desprendiam um forte aroma de álcool e tabaco.

Amanda lhe devolveu o olhar.

-Quer algo mais?

-Por Deus, Mandy. Não seja tão dura. Sua mulher já lhe dá bastante a monserga em sua casa. Não necessita que outra lhe esteja procurando as voltas no trabalho.

Amanda não se intimidou.

-Suas notas têm um engano material.

Butch ficou um cigarro na boca.

-De que falas?

-Diz que identificou ao Lucy Bennett por um carnê que havia em sua bolsa. A lista de provas não menciona nenhum carnê.

-Joder balbuciou. Comparou as notas de sua caderneta com o relatório datilografado. Sim, tem razão.

-Como identificou à vítima?

Butch baixou o tom de voz.

-Por um confidente.

-Quem?

-Isso não é teu assunto. Você te limite a corrigir o relatório.

-Já sabe que não se pode trocar a lista de provas. Copiam-na por triplicado.

-Então dava que alguém a reconheceu disse lhe devolvendo o relatório. Havia uma testemunha na cena. lhe chame Jigaboo Jones. Ou como quer. Mas que funcione.

-Está seguro? Você é o que tem que assinar na parte de abaixo.

Parecia nervoso, mas disse:

-Sim, seguro. Você faz-o.

-Butch. -Amanda lhe deteve antes de que partisse. me Diga uma coisa: como soube Hank Bennett que sua irmã estava morta? Normalmente, especifica-o em suas notas, mas esta vez o omitiste. -Amanda lhe pressionou um pouco mais. Lucy não tinha antecedentes, por isso sente saudades que Landry e você encontrassem a um parente próximo tão rápido.

Butch a olhou fixamente, sem piscar. Ela quase podia ver como sua cabeça começava a maquinar. Não sabia se ele se estava fazendo essa pergunta ou perguntando-se por que se a fazia ela. Ao final, disse:

-Não sei.

Lhe observou, tratando de detectar duplicidade.

-Parece-me que me está ocultando algo.

-Joder, Mandy, desde que anda com a Evelyn Mitchell não há quem te agüente. -levantou-se da mesa. me Devolva o relatório amanhã a primeira hora. -Esperou a que ela assentira e logo se dirigiu à parte dianteira da sala.

-Latido disse Vanessa, que tinha estado inusualmente calada. O que acontece você e Butch?

Amanda negou com a cabeça.

-Tenho que fazer uma chamada Telefónica.

Havia dois telefones na parte dianteira da sala, mas Amanda não quis abrir-se passo entre a multidão, nem encontrar-se com o Rick Landry, que acabava de entrar na delegacia de polícia. O relógio da parede marcava as oito em ponto. O sargento Woody ainda não tinha chegado, coisa que não lhe surpreendeu. Tinha fama de beber um gole antes do trabalho, assim decidiu utilizar seu escritório.

Pouca coisa tinha trocado desde que Luther Hodge tinha deixado vacante o escritório. Havia muitos papéis pulverizados em cima da mesa. O cinzeiro estava a transbordar. Woody nem sequer se incomodou em conseguir uma nova taça de café.

Amanda se sentou à mesa e procurou na bolsa sua caderneta de direções. A pele de couro estava gretada. Procurou a C e deslizou o dedo até encontrar o número do Pam Canele na Autoridade para a Moradia. Não é que fossem amigas íntimas -Pam era italiana, mas Amanda tinha

ajudado a sua sobrinha quando se meteu em problemas uns anos antes. Amanda esperava que lhe devolvesse o favor.

Olhou a sala de recontagem antes de marcar o número do Pam, e logo esperou enquanto transferiam a chamada.

-Canale disse Pam, mas Amanda pendurou.

O sargento Luther Hodge se dirigia para o escritório. Seu escritório.

Amanda se levantou tão rápido que a cadeira se chocou contra a parede.

-Senhorita Wagner disse Hodge, houve alguma ascensão do qual não me informou?

-Não respondeu Amanda. Logo acrescentou: senhor. -Deu a volta à mesa. Desculpe, senhor. Estava fazendo uma chamada. deteve-se, tratando de não parecer tão nervosa, mas estava aniquilada. O tornaram a transladar aqui?

-Sim. -Esperou a que ela se separasse de seu caminho para poder ocupar seu assento. Suponho que pensará que me quero ficar com o posto de seu pai.

Amanda estava a ponto de partir, mas ficou paralisada.

-Não, senhor. Solo estava fazendo uma chamada Telefónica. -Recordou o valente que tinha sido Evelyn ao lhe plantar cara. por que enviou ao Techwood a semana passada?

Hodge estava a ponto de sentar-se, mas ficou a meio caminho, com a mão na gravata.

-Dissemos que investigássemos uma violação, mas não houve nenhuma.

Ele se sentou, pausadamente. Assinalou-lhe a cadeira.

-Sente-se, senhorita Wagner.

Amanda fez gesto de fechar a porta.

-Não, deixe-a aberta.

Obedeceu e se sentou ao outro lado da mesa.

-Está tratando de me intimidar, senhorita Wagner?

-Eu...

-Já sei que seu pai ainda tem muitos amigos neste departamento, mas quero que saiba que eu não me deixo intimidar. Fica claro?

-Intimidar?

-Senhorita Wagner, pode que não seja daqui, mas posso lhe assegurar uma coisa, e pode dizer-lhe a seu pai: este negro não vai voltar a trabalhar nos campos.

Amanda notou que a boca lhe abria, mas não pôde pronunciar nenhuma palavra.

-E agora vá-se.

Amanda ficou imóvel.

-Tenho que ordenar-lhe de novo?

Amanda se levantou. dirigiu-se para a porta aberta. Suas emoções contrapostas a obrigavam a seguir andando,

refletir sobre o assunto em privado e formular uma resposta mais razoável da que saiu de sua boca.

-Solo tentava fazer meu trabalho.

Hodge tinha começado a escrever algo em uma parte de papel. Provavelmente, uma solicitude para transferi-la ao Perry Homes. deteve-se, olhou-a e permaneceu à espera.

As palavras saíram confundidas de sua boca.

-Eu quero trabalhar. Ser boa... Fazer bem... -Tratou de deter-se para pôr em ordem suas idéias. A garota que nos disse que interrogássemos. chamava-se Jane Delray. Não foi violada nem maltratada. Não tinha nem o mais mínimo arranhão. Estava perfeitamente.

Hodge a observou durante uns instantes. Deixou a caneta. recostou-se sobre a cadeira e cruzou as mãos sobre o estômago.

-Seu fanfarrão entrou. Apelidam-lhe Juice. Jogou ao Jane do apartamento. Tentou aproximar-se de forma sugestiva a mim e a Evelyn. Prendemo-lo.

Hodge continuava olhando-a fixamente. Ao final, assentiu.

na sexta-feira passada encontraram a essa mulher morta no Techwood Homes. Jane Delray. Disseram que se havia suicidado, mas o forense me disse que a tinham estrangulado e que logo a jogaram do telhado.

Hodge seguia olhando-a.

-Acredito que se confunde.

-Não, não me confundo.

Apesar de ter pronunciado essas palavras, questionou-se a si mesmo. Estava segura de que a vítima não era Lucy Bennett? Era possível afirmar que o cadáver que havia no depósito era o do Jane Delray? Hank Bennett estava seguro de ter identificado a sua irmã, mas a cara, as marcas em seu corpo e as cicatrizes nas bonecas o contradiziam.

-A vítima não era Lucy Bennett, a não ser Jane Delray concluiu.

Suas palavras flutuaram na rarefeita atmosfera. Amanda evitou utilizar evasivas. Foi a lição mais difícil que teve que aprender na academia. Por natureza, as mulheres tendem a lhe subtrair importância às coisas, a pacificar. Tinham passado horas levantando a voz, aprendendo a dar ordens em lugar de fazer petições.

Hodge levantou o dedo.

-O que pensa fazer agora?

Amanda deixou sair o ar de seus pulmões.

vou reunir me com a Evelyn Mitchell na Union Mission. Todas as prostitutas terminam ali mais tarde ou mais cedo. É seu o México.

Hodge franziu o cenho para ouvir a analogia. Amanda prosseguiu:

-Tem que haver alguém na Union Mission que conhecesse as garotas.

Hodge continuava observando-a.

por que fala em plural?

Amanda se mordeu o lábio. Sentia falta da presença da Evelyn. A ela lhe davam muito melhor essas coisas. Mesmo assim, não estava disposta a render-se.

-O homem com o que você falou na segunda-feira passada. O advogado com traje azul. chama-se Hank Bennett. Você pensou que o enviava Andrew Treadwell. - Hodge não a contradisse, por isso ela prosseguiu: Acredito que veio procurando a sua irmã, Lucy Bennett.

-Vá. E uma semana mais tarde a encontra.

A afirmação do Hodge os deixou em silêncio. Amanda tentou analisar o que significava, mas um pouco mais importante lhe veio à cabeça. Rick Landry entrou apressadamente no escritório. Emprestava a uísque. Atirou o cigarro ao chão.

-Lhe diga a esta puñetera zorra que não coloque os narizes em meu caso.

Se Hodge se sentiu intimidado, não o mostrou absolutamente. Com um tom de voz razoável, perguntou: - Quem é você?

Landry ficou visivelmente perplexo.

-Rick Landry. De Homicídios. -Olhou ao Hodge. Onde está Hoyt?

-Imagino que o sargento Woody se estará bebendo seu café da manhã na central.

Uma vez mais, agarrou-o despreparado. No corpo de polícia, o normal era não meter-se nos problemas que pudesse ter alguém com a bebida.

-Isto é um caso de homicídio. Não tem nada que ver com ela. Nem com a zorra e bocazas com a que anda.

-Homicídio? -Hodge se deteve mais do necessário. Tinha a impressão de que a senhorita Bennett se havia suicidado. - Rebuscou entre os papéis de seu escritório até encontrar o que estava procurando. Sim, aqui está seu relatório preliminar. Suicídio. -Tendeu-lhe o papel. É essa sua assinatura, oficial?

-Detetive. -Landry lhe tirou o relatório da mão. E, como você diz, preliminar. -Fez uma bola com o papel e a meteu no bolso. Lhe darei o relatório final depois.

-Então, o caso segue aberto? Você acredita que Lucy Bennett foi assassinada?

Landry olhou a Amanda.

-Necessito mais tempo.

-Tome-se todo o tempo que necessite, detetive. -Hodge abriu as mãos como se estivesse lhe pondo o mundo aos pés. Ao ver que não partia, acrescentou: Algo mais?

Landry lançou um olhar fulminante a Amanda antes de partir. Fechou de uma portada. Hodge olhou a porta fechada, e logo a Amanda.

por que veio Hank Bennett na segunda-feira passada? perguntou Amanda.

-Essa é uma boa pergunta.

por que queria que fôssemos ao apartamento do Kitty?

-Outra boa pergunta.

-Você não nos deu nenhum nome, solo uma direção.

-Assim é -assinalou agarrando o lápis. Você pode saltar a recontagem.

Amanda permaneceu sentada, sem compreender.

-Hei-lhe dito que pode saltar a recontagem, senhorita Wagner. -Continuou com a papelada. Ao ver que Amanda não partia, levantou a cabeça e acrescentou: Não dizia que tinha que investigar um caso?

Amanda se levantou, ajudando do braço da cadeira. A porta estava entupida. Teve que empurrar para abri-la. Manteve o olhar para diante enquanto percorria a sala de recontagem e saía pela porta. Sua determinação quase se veio abaixo quando tirava seu Plymouth do estacionamento. Podia ver os agentes através do painel de cristal quebrado. Alguns agentes patrulha a observaram partir.

Amanda se dirigiu ao Highland. Sua respiração não se normalizou até que chegou ao Ponce de Leão e tomou a direção para a Union Mission. Ainda faltavam dez minutos para que Evelyn se reunisse com ela. Possivelmente podia utilizar esse tempo para processar o que acabava de acontecer. O problema é que não sabia por onde começar. Necessitava tempo para assimilá-lo. E ainda tinha que fazer essa chamada.

A Trust Company que havia na esquina do Ponce e Monroe tinha algumas cabines fora do edifício. Amanda entrou no estacionamento. Colocou o carro parte atrás e ficou sentada com as mãos pegadas ao volante. Não havia nada que tivesse o menor sentido. por que Hodge lhe falava em chave? Não parecia estar assustado. Tentava ajudá-la ou desanimá-la?

Encontrou algumas moedas na carteira e agarrou sua caderneta de direções. Havia duas cabines que não funcionavam. A última aceitou a moeda. Voltou a marcar o número do Pam e escutou o timbre. depois de soar vinte vezes, quando já estava a ponto de pendurar, finalmente respondeu.

-Canale.

Parecia mais curvada inclusive que antes.

-Pam, sou Amanda Wagner.

Transcorreram uns segundos até que Pam pareceu reconhecê-la.

-Mandy. Como está? Joder, não me diga que Mimi se colocou em alguma confusão.

Referia-se ao Mimi Mitideri, a sobrinha que quase escapa com um cadete da armada.

-Não, não é nada disso. Chamo-te para ver se me pode fazer um favor.

Parecia aliviada, embora seguro que se passava o dia escutando a gente que lhe pediam favores.

-Me diga.

-Perguntava-me se podia procurar um nome ou um apartamento. -Amanda se precaveu de que não estava sendo suficientemente clara. Não tinha pensado na conversaõ.

É um apartamento do Techwood Homes; apartamento C. Está no quinta andar na fileira de edifícios...

-Espera um momento. Não há letra C no Techwood. Só números.

Amanda controlou a tentação de lhe perguntar onde podia averiguar esses números.

-Pode olhar então um nome? Uma tal Katherine, Kate ou Kitty Treadwell?

-Não procuramos por nomes. Procuramos pelo número de atribuição.

Amanda suspirou.

-Temia que dissesse algo assim. -sentiu-se impotente. Nem sequer estou segura de saber seu nome correto. Há, ou melhor dizendo, havia três garotas vivendo ali. Pode que mais.

-Espera um momento disse Pam. São parentes?

-Duvido-o. São prostitutas.

-Todas no mesmo apartamento? Isso não se permite a menos que sejam parentes. E, inclusive se o são, estranha vez querem compartilhar piso. Mintam todo o tempo.

Ouviu-se um ruído ao outro extremo da linha. Pam tampou o microfone enquanto mantinha uma conversação com alguém. Quando voltou a falar, sua voz soou mais clara:

-Me fale do apartamento. Há dito que estava na última planta?

-Sim, na quinta.

-São apartamentos de uma só habitação. A uma garota só não lhe atribuiria um apartamento assim a menos que

tivesse um filho.

-Não havia nenhum menino. Só três mulheres. Acredito que eram três. Pode que mais.

Pam grunhiu. Quando falou, fez-o sussurrando.

-Em ocasiões, a meu supervisor lhe pode persuadir.

Amanda esteve a ponto de lhe perguntar o que queria dizer, mas logo se deu conta.

Pam falou mais fríamente.

-Deveriam me pôr ao cargo. Eu não trocaria um apartamento na planta de acima por uma mamada.

Amanda soltou uma gargalhada consternada, se é que isso era possível.

-Bom, obrigado, Pam. Sei que tem muito trabalho.

-Se conseguir o número do apartamento, diga-me isso. Possivelmente possa buscá-lo. Levaria-me uma ou duas semanas, mas o farei por ti.

-Obrigado repetiu Amanda.

Pendurou o telefone, mas deixou a mão pega ao auricular. Tinha estado pensando em outras coisas enquanto falava com o Pam Canale. Era uma situação parecida com quando perde as chaves. Quando deixa de buscar, lembra-te de onde estão.

Mas solo havia uma forma de assegurar-se.

Colocou outra moeda na ranhura. Marcou um número que sabia de cor. Duke Wagner nunca deixava que o telefone

soasse mais de duas vezes. Agarrou-o quase imediatamente.

-Olá, papai disse fazendo um esforço, embora não soube que mais dizer.

Duke pareceu alarmar-se.

-Encontra-te bem? ocorreu algo?

-Não, não respondeu, perguntando-se por que lhe tinha chamado. Era uma completa loucura.

-Mandy? O que acontece? Está no hospital?

Amanda poucas vezes tinha visto seu pai assustado. E não é que não se preocupasse com o trabalho que desempenhava, especialmente desde que não estava ali para protegê-la.

-Mandy? -OuvIU que arrastava uma cadeira pelo chão da cozinha. me Diga o que acontece.

Embora a invadiu uma sensação incômoda, deu-se conta de que, por um momento, tinha desfrutado assustando a seu pai.

-Estou bem, papai. Solo queria te fazer uma pergunta sobre... -Não sabia como chamá-la- política.

Duke parecia mais aliviado, embora um pouco irritado, quando respondeu: -E não podia esperar até a noite?

-Não. -Amanda olhou a rua. Os carros tinham as luzes acesas. Os homens de negócios foram ao trabalho. As mulheres levavam os meninos à escola.

-Tivemos um sargento novo a semana passada. Um dos moços do Reggie.

Duke fez um comentário mordaz, como se ela não conhecesse de sobra seus sentimentos.

-Transladaram-no ao dia seguinte. Hoyt Woody ocupou seu posto.

-Hoyt é um bom homem.

-Bom... -Amanda não terminou a frase. O comentário do Duke lhe resultou enjoativo e desalentador, mas não tinha sentido falar disso. O caso é que, aos poucos dias, Hoyt foi transladado de novo, e agora, o antigo sargento, o homem do Reggie, tornou.

-E o que?

-Não te resulta estranho?

-Não tem nada de particular. -Amanda ouviu que acendia um cigarro. Assim funciona o sistema. Procura um homem para fazer um trabalho determinado e logo o translada para que se ocupe de algo distinto.

-Não estou segura de te entender.

-É como um lançador. -Ao Duke sempre gostava de usar o beisebol para suas metáforas. Não sabe batear. Compreende-me?

-Sim.

-Por isso o troca por um rebatedor.

-Já vejo disse Amanda assentindo.

Duke pensou que seguia sem lhe compreender.

-Algo passa em sua brigada. O moço do Reggie não cumpre as ordens, assim enviam ao Hoyt para que se encarregue do assunto. -Se Rio. É típico. Enviam a um homem branco quando necessitam que as coisas se façam como é devido.

Amanda afastou o telefone de sua boca para que não a ouvisse suspirar.

-Obrigado, papai. Tenho que voltar para trabalho.

Duke não estava disposto a esquecer do assunto tão facilmente.

-Não te estará metendo em algo que não deve?

-Não, papai. -Tentou trocar de tema. Não se esqueça de colocar o frango na geladeira por volta das dez. Danificará-se se o deixa fora todo o dia.

-Captei-o quando me disse isso pela sexta vez replicou bruscamente, mas em lugar de pendurar, acrescentou: Tome cuidado, Mandy.

Amanda poucas vezes escutava esse tom compassivo em seu pai. De forma inexplicável, os olhos lhe encheram de lágrimas. Butch Bonnie tinha razão em uma coisa: estava a ponto de ter a menstruação.

-Vemonos esta noite disse.

Ouviu um ruído seco quando Duke pendurou o telefone.

Amanda fez o mesmo. Quando retornou ao carro, tirou um lenço da bolsa e se limpou a mão. Logo se secou a cara. O

sol abrasava sem piedade; sentia que se estava derretendo.

O som de uma buzina rompeu o silêncio que reinava no carro. O Ford Falcon da Evelyn Mitchell se deteve em um semáforo âmbar. Um caminhão de partilha lhe adiantou. O condutor lhe fez um gesto obsceno.

-Deus santo -murmurou Amanda, colocando a chave no contato.

Saiu à estrada e seguiu a Evelyn pelo Ponce de Leão em direção a Union Mission. Evelyn girou lentamente para meter-se no estacionamento. Amanda fez o mesmo e saiu do carro quando Evelyn apagou o motor.

-Não te matará conduzindo assim de lento disse Amanda.

-Refere a não superar o limite de velocidade? Esse caminhoneiro...

-Quase te mata -a interrompeu Amanda. Este fim de semana te vou levar a estádio para te dar uma classe.

-OH respondeu Evelyn, agradecida. Aproveitaremos o dia. Podemos comer juntas e ir às compras.

Amanda ficou surpreendida por seu entusiasmo. Trocou de tema.

-Hodge retornou a minha delegacia de polícia.

-Sentiu saudades não lhe ver no Model City esta manhã respondeu Evelyn fechando a porta do carro. por que o transladaram de novo?

Amanda duvidou sobre se devia lhe contar que tinha chamado a seu pai. Finalmente, decidiu que não.

-É possível que os jefazos transferissem ao Hoyt Woody para fazer o trabalho sujo.

por que foram mandar a um homem branco? Não seria mais apropriado enviar a um dos homens do Reggie e deixar que o assunto ficasse em família?

Era uma boa pergunta, mas Evelyn não padecia o daltonismo do Duke. Hoyt Woody faria o que lhe ordenassem com tal de congar-se com os altos cargos. Luther Hodge pode que não fosse tão manipulable.

-Imagino que enviaram ao Woody pela mesma razão que Hodge enviou a duas mulheres para falar com o Jane. Somos dispensáveis. Ninguém nos presta atenção.

-Isso é verdade respondeu Evelyn. encolheu-se de ombros em sinal de resignação. Então substituíram ao Hodge durante uns dias para que outro fizesse o trabalho sujo, e logo o devolveram a seu posto.

-Assim é. Seu amiga no Five Points disse que chamou segurança quando Jane Delray tratou de cobrar os vale do Lucy. Segurança está fora do recinto do Five Points. A pessoa que a jogou do edifício terá escrito uma nota de incidente. -As notas de incidentes formavam parte de um sistema maior que se utilizava para fazer um seguimento dos delinqüentes sem importância que ainda não merecia a pena que fossem presos. As notas se incluem em um relatório diário que chega aos cargos mais altos. Alguém deveu descobrir que Jane tentava utilizar o nome do Lucy.

Evelyn chegou à mesma conclusão que Amanda.

-Enviaram ao Techwood para amedrontar ao Jane.

-Fizemos um bom trabalho, verdade que sim?

Evelyn se levou a mão à cabeça.

-Necessito uma taça. Tudo isto me está dando enxaquecas.

-Com isso te doerá ainda mais.

Amanda lhe falou de sua conversação Telefónica com o Pam Canale, do ponto morto ao que tinha chegado. Logo lhe mencionou a conversação tão críptica que tinha mantido com o sargento Hodge.

-Que estranho disse Evelyn. por que Hodge não responde a nossas perguntas?

-Acredito que quer que sigamos levando o caso, mas não quer que ninguém crie que nos anima.

-Tem razão. É possível que Kitty não conseguisse esse apartamento na planta de acima fazendo favores sexuais. Pode que seu tio ou seu pai tivessem algo que ver.

-Se Kitty for a ovelha negra da família Treadwell, não me custa trabalho imaginar ao Andrew Treadwell fazendo o possível para impedir que provocasse algum problema. Buscou-lhe um apartamento para ela sozinha. Conseguiu que recebesse uma assistência social. assegurou-se de que tivesse bastante dinheiro para que não lhe incomodasse.

-Não há forma de que possamos falar com o Andrew Treadwell. Não nos deixariam passar da entrada.

Amanda não se incomodou em recalcar o óbvio.

falei com meu amiga encoberta disse Evelyn. É justo o que pensava: seria mais fácil encontrar a um homem ao que “não gosta de” estrangular a suas putas.

-É deprimente.

-Seria-o se fosse uma puta. Disselhe que perguntasse se por acaso alguém conhecia um que gostasse de pintar as unhas.

-Muito inteligente de sua parte.

-Já veremos se funcionar. Disselhe que chamasse casa. Odiaria que alguém se inteirasse pela rádio.

-averiguaste se Juice estava na prisão quando assassinaram ao Jane?

-Estava no Grady fazendo um turbante por haver resistido ao arresto.

Amanda tinha ouvido esse término com antecedência. Havia muitos prisioneiros que despertavam na sala de urgências do Grady sem recordar como tinham chegado até ali.

-Isso não é um álibi. Poderia ter saído do hospital sem que ninguém se desse conta.

-Tem razão -admitiu Evelyn.

Amanda piscou pela intensa luz do sol.

-Não podemos nos passar o dia lhe dando voltas ao assunto.

-Nisso também tem razão. Acabemos com isto.

Evelyn assinalou o feio edifício de uma só planta que tinham em frente. A Union Mission foi em sua época um açougue.

-Acapulco. De onde tiraste isso?

-Vi um anúncio na revista Life. Johnny Weissmuller tinha uma casa ali. Era maravilhosa.

-Você e suas revistas.

Evelyn sorriu, mas logo ficou séria ao olhar ao edifício.

-Como vamos levar este assunto? Por isso se sabe, Lucy Bennett se suicidó.

-Acredito que devemos nos rodear a isso, não te parece?

-Não temos outra opção.

Amanda estava acostumada a não ter muitas opções, mas isso não obstaculizava sua forma de fazer as coisas posteriormente. dirigiu-se para a porta principal.

Ouviu música funk na rádio. A fachada de vidro tinha grades. Havia fileiras de camas vazias na sala dianteira, umas vinte ao longo e quatro ao largo. Não se permitia que as garotas estivessem ali durante o dia. supunha-se que deviam estar procurando trabalho. A porta principal estava aberta e o aroma que saía era tão desagradável como tudo o que tinha cheirado a semana passada.

-No que posso ajudá-la? disse um homem em voz alta.

la vestido como um hippie, com óculos de sol apesar de estar dentro de um edifício. Pendurava-lhe um bigode loiro e comprido, e tinha posto um chapéu de feltro. Era muito alto e desajeitado, e andava com soma lentidão.

-Parece-se com o Spike, o irmão do Snoopy balbuciou Evelyn.

Amanda não mencionou que tinha pensado o mesmo. dirigiu-se ao homem.

-Estamos procurando o senhor Trask.

O homem negou com a cabeça enquanto se aproximava.

-Aqui não há nenhum Trask, senhoritas. Eu sou Trey Callahan.

-Trey repetiram as dois ao mesmo tempo.

Bennett ao menos tinha estado perto. Qualquer sabia como as chamaria a elas, se é que as chamava de alguma forma.

-Me digam disse Callahan esboçando um sorriso lacônico e metendo-as mãos nos bolsos. Imagino que alguma das garotas se colocou em problemas, e nesse caso não posso ajudar. Sou neutro, como a Suíça. Compreendem-me?

-Sim disse Evelyn. Ao igual a Amanda, teve que levantar a cabeça para lhe olhar. Media ao menos um metro noventa. Pode que isto lhe faça trocar de opinião.

Estamos aqui pelo Lucy Bennett.

Sua atitude despreocupada desapareceu.

-Assim é. Farei o que seja por ajudar. Que Deus tenha piedade de sua angustiada alma.

-Esperávamos que pudesse nos dizer algo dela disse Amanda. Para ter uma idéia de quem era e com quem se relacionava.

-Passem a meu escritório.

Apartou-se para lhes indicar que deviam acontecer primeiro. Apesar de seu aspecto de hippie, alguém lhe tinha ensinado bons maneiras.

Amanda seguiu a Evelyn até o escritório do Callahan. Era uma habitação pequena, mas alegre. As paredes estavam pintadas de laranja brilhante. Havia pôsteres de bandas de funk pendurados por toda a habitação. Amanda se fixou nas coisas que tinha em cima da mesa: uma fotografia emoldurada de uma jovem sustentando um cachorrinho de dóberman, um mole de brinquedo oxidado, um grosso montão de folhas sujeitas por uma borracha. Havia um aroma adocicado na atmosfera. Amanda olhou o cinzeiro e viu que o tinham esvaziado fazia pouco.

Callahan apagou a rádio que havia em cima do escritório. Fez-lhes um gesto para que se sentassem e esperou a que o fizessem antes de sentar-se ele. Foi um gesto diplomático, pensou Amanda, já que os punha a todos ao mesmo nível.

Evelyn tirou uma caderneta da bolsa. Isso lhe deu um ar muito profissional.

-Senhor Callahan, que cargo ocupa você aqui?

-Sou o diretor, zelador, assessor trabalhista, pároco. - Estendeu as mãos assinalando o escritório. Amanda se deu conta de que era mais corpulento do que aparentava a primeira vista. Tinha as costas larga e ocupava quase todo o assento. Não me pagam muito, mas me permite ter tempo para trabalhar em meu livro. -Pôs a mão sobre um montão de papéis datilografados. Estou escrevendo uma versão do café da manhã dos campeões, mas a ação se desenvolve em Atlanta.

Amanda sabia que não lhe convinha que falasse do projeto. Seus professores da universidade podiam falar

deles durante horas.

-É você o único que trabalha aqui?

-Minha noiva trabalha no turno de noite. Está terminando sua carreira de Enfermaria na Geórgia Baptist. -Assinalou a foto da mulher e do cão, e esboçou o sorriso de um vendedor de carros usados. Lhes asseguro que aqui tudo é legal.

Evelyn tomou nota, embora não tinha relação alguma.

-Pode nos falar do Lucy Bennett?

Callahan parecia preocupado.

-Lucy era diferente à clientela de costume. Para começar, sabia falar educadamente. Era dura, mas no fundo tinha bom coração. -Assinalou a sala exterior, as camas vazias. Muitas destas garotas procedem de famílias conflitivas. Têm-lhes feito mal de alguma forma. Muito dano. deteve-se. Sabe o que quero dizer?

-Acredito que sim replicou Evelyn, como se estivesse acostumada a falar com simbolismos todos os dias. Se refere a que Lucy não era como as demais garotas?

-Ao Lucy tinham feito mal. notava-se nada mais vê-la, como a todas estas garotas. Não se acaba na rua por gosto.

Tornou-se sobre o respaldo da cadeira. Tinha as pernas abertas. Amanda ficou fascinada ao ver que, com solo trocar de postura, deixava de ser um moço e se transformava em um homem. Ao princípio pensou que teria mais ou menos sua idade, mas depois de lhe observar atentamente pensou que andaria perto dos trinta.

-Tinha Lucy algumas amigas? perguntou Evelyn.

-Estas garotas em realidade não são amigas -admitiu Callahan. Lucy passava o tempo com seu grupo. Sua fanfarrão era Dwayne Mathison, aliás Juice. Mas não acredito que lhes esteja dizendo algo que não saibam.

Amanda agarrou um penugem invisível que tinha na saia. A maquinaria de intrigas do gueto era muito mais fluída que a do Departamento de Polícia de Atlanta.

Deduziu que sabia que Juice as tinha tentado violar.

-Quando foi a última vez que viu o Lucy? perguntou Evelyn.

-Faz mais ou menos um ano.

-Parece recordá-la muito bem.

-Tinha debilidade por ela. -Levantou a mão. Nada que ver com o que estão pensando. Disso nada. Lucy era inteligente. Falávamos de literatura. Era uma leitora empedernida. Sonhava deixando essa vida algum dia e ir à universidade. Falei-lhe de meu livro. Inclusive leu algumas páginas. Interessou-lhe. Captou o que eu pretendia.

encolheu-se de ombros e acrescentou: Tentei ajudá-la, mas não estava preparada.

-Contatou alguma vez com sua família?

Aferrou os braços da poltrona.

-Por isso estão aqui?

Evelyn fingia melhor que Amanda que não sabia nada.

-Não sei a que se refere.

-Ao irmão do Lucy. Enviou-lhes para me fechar a boca?

-Não trabalhamos para o senhor Bennett -afirmou Amanda. Ele nos disse que veio aqui em busca de sua irmã. Solo queremos comprová-lo.

Callahan não respondeu imediatamente.

-O ano passado se apresentou um tipo dando-se ares de importância. Vestia muito elegante. Arrogante como ele sozinho. -Era fácil saber que se referia ao Hank Bennett. Queria saber se lhe tinha dado ao Lucy a carta que lhe tinha enviado.

-A deu?

-É óbvio disse afrouxando os braços. A pobre não podia nem abri-la. Tremiam-lhe tanto as mãos que a meti na bolsa. Não sei se a leu, porque desapareceu uma ou duas semanas depois.

-Quando ocorreu isso?

-Já lhe hei dito que faz mais ou menos um ano. Em agosto, ou possivelmente julho. Lembrança que ainda fazia muito calor.

-E não tinha visto o Hank Bennett após?

-Não, e me alegro. revolveu-se na cadeira. Nem sequer me estreitou a mão. Acredito que temia perder sua excelência.

-Sei que aconteceu muito tempo disse Evelyn, mas recorda com que garotas estava acostumadas ir Lucy?

-Uh... -Se levantou os óculos de sol e se esfregou os olhos com os dedos, como se estivesse fazendo um esforço por recordar. Jane Delray, Mary não sei o que e... -se baixou de novo os óculos-Kitty não sei o que. Ela não vinha muito por aqui; a maioria das noites ficava no Techwood, mas tenho a sensação de que não era uma situação permanente. Nunca soube seu sobrenome. parecia-se mais ao Lucy que o resto das garotas. Também pertencia a outra classe, já sabe a que me refiro.

Mas se odiavam mutuamente, e não podiam estar na mesma habitação.

Amanda não olhou a Evelyn, mas notou que compartilhava seu mesmo entusiasmo.

-Tinha Kitty um apartamento no Techwood?

-Não sei. É possível. Kitty é a típica garota que consegue o que quer.

-Conheciam-se de antes Lucy e Kitty?

-Não acredito. -Refletiu sobre a pergunta, mas negou com a cabeça. Não eram o tipo de garotas que pudessem levar-se bem. pareciam-se muito. -inclinou-se para diante. Estudo Sociologia, sabe? Os bons escritores o fazem. Essa é a base de meu trabalho. As ruas são minha dissertação.

Evelyn parecia entender o que lhe estava dizendo.

-Tem alguma teoria?

-Os fanfarrões sabem como dirigir a essas garotas. Deixam-lhes muito claro que solo uma pode ser a favorita. Algumas garotas se conformam sendo umas segundonas, porque estão acostumadas a que as humilhem. Mas há

outras que se disputam o primeiro posto e fazem o que seja por consegui-lo. Trabalham mais duro, mais horas. É

a sobrevivência da mais forte. Querem ocupar esse posto no pódio, enquanto que os fanfarrões se sintam e riem.

A sociologia está condenada. Amanda o tinha averiguado na escola secundária.

-Quando viu o Kitty por última vez?

-Faz um ano? Não passava muito tempo aqui. Foi durante a época em que a igreja do Juniper abriu o comilão social. Acredito que era um ambiente mais apropriado para o Kitty. Havia menos competência.

-Recorda se deixou de vir antes ou depois do desaparecimento do Lucy? perguntou Evelyn.

-Depois. Umas duas semanas depois. Como muito um mês. Pode que na igreja a recordem. Como lhes hei dito, era um ambiente mais propício para o Kitty. Estava fascinada com a redenção. Acredito que recebeu uma educação muito religiosa. Apesar de suas faltas, era muito devota.

A Amanda custou trabalho imaginar a uma prostituta sentindo-se perto de Deus.

-Sabe o nome da igreja?

-Nem idéia, mas tem uma cruz negra e grande grafite na fachada. Dirige-a um irmão alto, muito pulcro e cultivado.

-Irmão repetiu Evelyn. Se refere a um negro?

Callahan se Rio entre dentes.

-Não, irmana. Refiro-me a que é irmão de Cristo. Ao fim e ao cabo, todos nos liberamos de nossos problemas ao morrer.

-Isso é do Hamlet disse Amanda. Tinha estudado ao Shakespeare dois trimestres antes.

Callahan se levantou os óculos de sol e lhe fez uma piscada. Tinha os olhos avermelhados. Suas pestanas lhe recordaram os dentes de uma planta carnívora.

-Recorda todos meus pecados em suas orações, bela Ofelia.

Amanda se ruborizou.

Felizmente, Evelyn interveio:

-Sabe o nome desse homem da igreja?

-Nem idéia. É um casulo, se me permite dizê-lo. Gosta de falar de livros e coisas desse estilo, mas não acredito que tenha lido nenhum em sua vida. -Callahan ficou os óculos de novo. Pensei que Lucy se despediria de mim antes de partir. Como lhe hei dito, havia algo entre nós, algo platônico. Pode que lhe desse vergonha.

Essas garotas não revistam ficar muito tempo. Seus fanfarrões se fartam delas quando não ganham muito dinheiro e a passam a outro. Outras vezes, são elas mesmas as que se vão. Algumas retornam a sua casa, se o permitem suas famílias. As demais terminam nos Gradys.

-Os Gradys repetiu Amanda. Resultava estranho ouvir essa palavra em boca de um homem branco. Solo os negros chamavam o hospital Grady os Gradys. O nome procedia da

época em que as salas do hospital estavam segregadas. O que nos pode dizer do Jane Delray? Conhece-a?

Callahan soltou uma risada inesperada.

-Essa irmã está louca de arremate. Cravará-te em menos que canta um galo.

por que diz isso?

-Sempre se estava brigando com as garotas. Lhes roubando suas coisas. Tive que lhe proibir que entrasse na Mission, algo que detesto fazer. É o último recurso.

Se não poderem vir aqui, não têm outro sítio aonde ir.

-Não podem ir ao comilão social?

-Não, se estão enganchadas. O irmão não as deixa entrar.
-Callahan se encolheu de ombros. Não é uma má política. Quando essas garotas estão enganchadas, provocam mais problemas. Mas eu não posso lhes fechar a porta e as deixar na rua.

-Não podem receber assistência da Autoridade para a Moradia?

-Se tiverem antecedentes de prostituição, não. A Autoridade lhes dá de lado. Não querem que as garotas estabeleçam seus negócios com o dinheiro público.

Amanda tratou de processar a informação. Alegrou-lhe saber que Evelyn o estava anotando tudo.

-Recorda algo mais do Lucy?

-Solo que era uma boa garota. Já sei que é difícil de acreditar, especialmente se se trabalha para a polícia. Mas

todas começaram bem, e em algum momento de sua vida cometeram um engano, e logo outro. Logo sua vida se converte em uma série de enganos. Lucy especialmente. Ela não se merecia acabar assim. -Aferrou de novo os braços da poltrona. Eu não gosto de lhe desejar mal a ninguém, mas espero que o fitem por isso.

-A quem se refere? perguntou Amanda.

-Acabam de dizê-lo disse assinalando a rádio. O ouvi antes de que vocês chegassem. prenderam ao Juice por matar ao Lucy Bennett. Confessou-o tudo. -O

telefone que havia em cima do escritório começou a soar. Desculpem disse levantando o auricular.

Amanda não se atreveu a olhar a Evelyn.

Callahan utilizou a mão para tampar o microfone.

-Sinto muito, senhoritas. Chama-me um de nossos doadores. Necessitam algo mais de mim?

-Não respondeu Evelyn levantando-se. Amanda fez o mesmo. Obrigado por seu tempo.

O sol brilhava com tal intensidade ao sair do edifício que a Amanda arderam os olhos. Os tampou com a mão enquanto foram até o estacionamento.

-Bom disse Evelyn ficando-as óculos de sol, prenderam-no.

-Sim, e confessou.

Ambas ficaram ao lado de seus carros, em silêncio. Ao final, Amanda perguntou: -O que pensa disso?

-Estou desconcertada -admitiu Evelyn. É possível que Juice o tenha feito, mas também sei que é fácil lhe tirar uma confissão, especialmente se o interrogam Butch e Landry.

Amanda assentiu. Ao menos uma vez à semana, Butch e Landry se apresentavam à recontagem com cortes e feridas nos nódulos.

-Você mesma o há dito: “Juice poderia ter saído do hospital, assassinar ao Jane e meter-se na cama de novo sem que ninguém se precavesse”. -Amanda se apoiou sobre o carro, mas se apartou quando o calor lhe chegou através da saia. Além disso, Trey Callahan nos confirmou que Juice era o fanfarrão do Lucy Bennett e Jane Delray. Ele saberia distinguir às duas. O que não entendo é por que ia confessar que tinha matado a uma se foi à outra.

-Duvido muito que Rick Landry lhe permita contar sua versão da história -acrescentou. Um homem negro mata a uma mulher branca? Isso causaria muito revôo.

Tinha razão. O caso chegaria a todos os rincões da Prefeitura. Juice estaria na prisão antes de que acabasse o ano, se é que agüentava com vida tanto tempo.

As duas guardaram silêncio de novo. Amanda jamais tinha estado tão surpreendida.

Evelyn, para cúmulo, rematou-o ao dizer:

-Crie que nos deixassem falar com ele?

-Com quem?

-Com o Juice.

Pergunta-a era tão descabelada como perigosa.

-Rick Landry nos penduraria vivas. Não lhe quis dizer isso, mas estava muito zangado esta manhã. queixou-se diante de mim e disse ao Hodge que estávamos interferindo em seu caso.

-E o que disse Hodge?

-Nada, a verdade. Esse homem fala em chave. A todas as perguntas que lhe fiz, respondeu-me dizendo que era uma boa pergunta. Foi exaustivo.

-É sua forma de te dizer que ignore ao Rick e siga adiante. Evelyn levantou as mãos para impedir que protestasse. Pensa-o: se Hodge quisesse que deixasse de investigar, ordenaria-te que o fizesse. Podia-te ter atribuído outro trabalho, como vigiar um cruzamento ou te passar o dia com a papelada. Entretanto, disse-te que podia te saltar a recontagem e que te reunisse comigo. -Sorriu agradecida. É muito inteligente de sua parte. Não te diz o que deve fazer, mas não te põe impedimentos.

-me parece muito molesto, isso é tudo. por que não lhe diz isso diretamente? Há algo de mau nisso?

-Já o transladaram ao Model City faz quatro dias. Imagino que não quer que o mandem ali de novo.

-Sim, mas enquanto isso sou eu a que se joga o pescoço.

Evelyn parecia medir suas palavras.

-Provavelmente tem medo de ti, Amanda. Muitas pessoas o têm.

Amanda ficou perplexa.

por que?

-Por seu pai.

-Isso é uma estupidez. Embora a meu pai preocupassem essas coisas, eu não sou uma delatora.

-Mas eles não sabem disse Evelyn com voz afável. Carinho, é sozinho questão de tempo que seu pai recupere seu posto. Ainda tem amigos muito poderosos, e seguro que se vingará. Crie que não têm razão para estar assustados?

Amanda não quis admitir que tinha razão ao falar assim do Duke, embora se equivocasse no resto.

-Não sei por que estamos tendo esta conversa. Ao Juice o prenderam por assassinato. O caso está fechado. Se criarmos problemas, todo o departamento ficará em nosso contrário.

-Certo. -Evelyn olhou para a rua e viu como os carros passavam a toda pressa. Somos umas parvas de cuidado. Juice esteve a ponto de nos violar. Jane nos odiou nada mais nos ver. Lucy Bennett era uma yonqui e uma prostituta a que nem sequer seu irmão podia suportar. -Assinalou a Mission. Que mais dá que o irmão do Snoopy dissesse que era uma garota educada. -tirou-se os óculos de sol. Como certo, o que quis dizer com esse verso da Ofelia?

-É do Hamlet.

-Sei respondeu Evelyn, irritada. Não só leão revista.

Amanda pensou que era melhor calar-se.

Evelyn voltou a ficá-las óculos de sol.

-Ofelia foi um personagem trágico. Teve um aborto e se suicidó atirando-se de uma árvore.

-De onde tiraste que teve um aborto?

-Tomou arruda. É uma erva que utilizavam as mulheres para abortar. Shakespeare a descreve recolhendo flores... e ela... -Evelyn moveu a cabeça. Bom, que mais dá. O que importa é: vai ao cárcere ou não?

-Quem? Eu?

A Amanda custava seguir essas mudanças de ritmo.

-Sozinha? perguntou.

-Disse a Cindy que iria ao Five Points para procurar o carnê do Lucy.

-Muito conveniente.

-Além, Bubba Keller joga pôquer com seu pai, não é certo?

Amanda se perguntou se estava aludindo ao Klan.

-E isso o que tem que ver?

-Keller é o diretor do cárcere.

-E o que?

-Que se for ao cárcere e lhe diz que quer falar com o Juice, não passará nada. Mas, se eu te acompanhar, seu pai se inteirará.

Amanda não soube o que responder. sentiu-se apanhada, como se Evelyn soubesse todas as mentiras que havia dito ao Duke a semana passada.

-Não passa nada disse Evelyn. Todos temos que responder ante alguém.

Amanda não acreditava que ela tivesse que responder ante ninguém.

-Vejamos se te entendo disse: quer que me presente no cárcere assim de alegre e diga que quero falar com um prisioneiro que acaba de ser detido por assassinato?

Evelyn se encolheu de ombros.

por que não?

Capítulo quinze

Suzanna Ford

Na atualidade

Zanna despertou sobressaltada. Não podia mover-se. Nem ver. Doía-lhe a garganta, e logo que podia tragar. Moveu a cabeça de um lado a outro. Tinha-a sobre um travesseiro. Estava tendida. Em uma cama.

Tentou pedir “socorro”, mas não pôde mover os lábios. A palavra não saiu de sua boca. Tentou-o de novo.

-Socorro...

Tossiu. Tinha a garganta seca. Os olhos lhe palpitavam. Cada vez que se movia, a dor lhe percorria todo o corpo. Tinha os olhos enfaixados, e não sabia onde se encontrava. Quão único recordava era o homem.

O homem.

A cama se moveu quando ele se levantou. Já não estavam na habitação do hotel. O débil zumbido do tráfico indo de um lado para outro da cidade tinha sido substituído por dois ruídos. O primeiro era um zumbido, como o que emitia a máquina que lhe tinham comprado a sua avó por Natal, que produzia um ruído uniforme.

“Cala, pequena..., não diga nada...”

O outro ruído era mais difícil de distinguir. Resultava-lhe familiar, mas, cada vez que acreditava distingui-lo, trocava. Era um som lhe assobiem. Não como um trem, mas sim como se o ar passasse por um túnel. Um túnel debaixo da água. Um tubo pneumático.

Não havia nenhuma regularidade nesse ruído. E só servia para que se sentisse mais longe de seu corpo, mais desconjurado. Nem sequer sabia se ainda estava em Atlanta, ou na Geórgia, ou nos Estados Unidos. Não tinha a menor ideia de quanto tempo tinha estado inconsciente, e tinha perdido o sentido do tempo e do espaço.

Quão único sentia é o medo ao que pudesse vir.

O homem começou a balbuciar de novo. Ouviu abrir um grifo, o estalo da água em um recipiente metálico.

Os dentes começaram a lhe tocar castanholas. Queria tomar sua dose de metanfetaminas. Necessitava-a. Seu corpo começava a sofrer convulsões e começava a perder o controle, a sentir desejos de gritar. Possivelmente deveria fazê-lo. Possivelmente deveria gritar tão alto que tivesse que matá-la, já que estava segura de que isso é o que ia fazer com ela. Embora primeiro as faria passar canutas.

Ted Bundy. John Wayne Gacy. Jeffrey Dahmer. O perseguidor noturno. O assassino do Green River.

Zanna tinha lido todos os livros escritos da Ann Rule, e quando não tinha um livro, via alguma filme na televisão ou em Internet, ou uma Dateline, ou um 20/20 ou um 48 horas. Por isso recordava todos os detalhes morbosos que utilizavam quão sádicos tinham seqüestrado a uma mulher para seus demoníacos prazeres.

E esse homem era o mesmo demônio. Disso não cabia dúvida. Os pais da Zanna tinham deixado de ir à igreja quando ela era uma menina, mas tinha vivido no Roswell o suficiente para reconhecer um versículo, a cadência das escrituras. O homem rezava suas orações e rogava a Deus que lhe perdoasse, mas Zanna sabia que o único que lhe escutava era o mesmo demônio.

O grifo se fechou. Com solo dar dois passos, estive de novo na cama. Notou seu peso ao sentar-se a seu lado. Ouviu gotejar a água. O estalo que emitia ao cair em um recipiente.

Suzanna se estremeceu quando aquele pano úmido e morno lhe percorreu a pele.

Capítulo dezesseis

Na atualidade. Terça-feira

Os joelhos da Sara protestaram enquanto dava a volta ao salão, umedecendo um pano em um recipiente com vinagre e água quente, e limpando os zócalos com ardor.

A algumas mulheres, quando se sentiam desgostadas, dava-lhes de sentar-se a ver a televisão; outras preferiam ir-se de compras ou abarrotar-se de chocolate.

A Sara, entretanto, dava-lhe de limpar. Culpava a sua mãe disso. A resposta do Cathy Linton a qualquer doença era o trabalho duro.

-Uff.

Sara ficou em cuclillas. Não estava acostumada a limpar seu apartamento. Estava suando, apesar da baixa temperatura de seu termostato. O ar condicionado não parecia agradecê-lo ninguém. Seus dois galgos estavam enroscados no sofá, como se estivessem em meio de um inverno glacial.

Tecnicamente se supunha que devia estar no trabalho, mas na sala de urgências tinham uma regra não escrita que

dizia que, se a alguém aconteciam três coisas horríveis durante seu turno, podia partir. Esse dia, um vagabundo lhe tinha dado uma patada na perna, uma mãe quase o gorjeta um murro ao tentar separar a de seu filho, que estava tão pendurado que se cagou em cima, e um dos novos internos lhe tinha vomitado na mão. E todo isso antes da hora de comer.

Se seu supervisor não lhe houvesse dito que partisse, ela o teria feito por si mesmo, seguro. Essa era a principal razão pela que o Grady tinha essa norma.

Terminou a última seção dos rodapés e ficou em pé. Tinha os joelhos intumescidos de tanto estar agachada. Estirou as curvas antes de dirigir-se para a cozinha com o trapo e o recipiente. Atirou a solução de vinagre pelo deságüe, lavou-se as mãos, agarrou um trapo seco e uma lata do Pledge para começar a seguinte fase.

Olhou o relógio do microondas. Wíll seguia sem chamá-la. Pensou que estaria sentado na taça de um váter no aeroporto Hartfield-Jackson, esperando que algum viajante de negócios lhe desse um golpecito no pé por debaixo da porta. Isso significava que tinha tempo de sobra para chamá-la. Pode que lhe estivesse enviando uma mensagem. Talvez estivesse tentando lhe dizer que o que havia entre eles se acabou.

Também era possível que tudo fossem imaginações delas, ao ver seu silêncio. A ela nunca lhe tinha dado bem jogar com as relações. Preferia ser direta, o qual era a raíz de seus problemas.

O que necessitava desesperadamente era uma segunda opinião. Cathy Linton estava em sua casa, mas Sara teve a sensação de que sua mãe reagiria da mesma maneira que

quando ela ficou doente por comer um pacote inteiro de Arejamentos. Com toda segurança, recolheria-lhe o cabelo por detrás e lhe daria alguns golpecitos nas costas, mas não sem antes lhe dizer: “E o que esperava que acontecesse?”.

Isso era justamente o que ela se perguntava a todas as horas. O pior de tudo é que se estava convertendo em uma dessas pessoas tão molestas que lhe davam tantas voltas a uma má situação que se esqueciam do que podiam fazer a respeito.

Tirou os objetos do suporte da chaminé para limpar o pó. Com delicadeza sustentou a pequena caixa de madeira de cerejeira que tinha pertencido a sua avó.

A dobradiça se estava saindo. Abriu a coberta com cuidado. Havia duas alianças de casamento apoiados em uma almofada de cetim.

Seu marido tinha sido polícia, mas aí terminava o parecido entre o Jeffrey e Wíll. Ou pode que não. Ambos eram divertidos. E os dois tinham esse caráter moral e forte que a ela sempre a tinha seduzido. Ambos tinham um forte sentido do dever. E ambos se sentaram atraídos por ela.

Entretanto, havia uma coisa em que Jeffrey era completamente distinto ao Wíll. Não se andou com evasivas no que respeita a querer estar com ela. Desde o começo resultou óbvio que a ia fazer dela. Em uma ocasião a tinha enganado, mas se esforçou ao máximo por recuperá-la. Sara não esperava um gesto tão dramático por parte do Wíll, mas sim uma amostra de compromisso mais sólida que apresentar-se em sua cama todas as noites.

Sara se tinha apaixonado por seu marido por sua formosa letra. Tinha visto suas notas escritas na margem de um livro. O risco era suave e fluido, incomum para alguém cujo

trabalho exigia levar uma arma e ocasionalmente utilizar os punhos. Sara nunca tinha visto a escritura do Wíll, salvo sua assinatura, que era apenas um gancho de ferro. Deixava-lhe notas adesivas com caras sorridentes desenhadas nelas. Em ocasiões, tinha-lhe enviado uma mensagem com isso mesmo. Sara sabia que, de vez em quando, lia algum livro, mas preferia as gravações de áudio. E, ao igual a com outras muitas coisas, não gostava de falar de sua dislexia.

Podia amar a esse homem? Podia formar parte de sua vida, ou ao menos dessa vida que lhe deixava ver?

Não estava segura.

Fechou a caixa e a colocou de novo sobre o suporte.

Pode que Wíll não a quisesse, que solo se estivesse divertindo. Ainda conservava seu anel de bodas no bolso dianteiro de suas calças. Sara se alegrou quando lhe mostrou os dedos nus, mas não era estúpida. Nem Wíll tampouco. Isso resultava desconcertante, já que guardava o anel onde normalmente lhe colocava as mãos.

Sara não se precaveu de que se estava apaixonando pelo Jeffrey quando abriu aquele livro e viu sua letra. Foi mais tarde quando se deu conta do que estava acontecendo. Havia lembranças do Wíll que lhe causavam essa mesma sensação: vê-lo lavar os pratos na cozinha de sua mãe; a forma tão atenta em que a escutava quando lhe falava de sua família; seu rosto a primeira vez que lhe tinha feito o amor.

Sara apoiou a cabeça no suporte. Se dispusera de tempo e um pouco de inatividade, poderia pensar em se devia amar ou odiar a esse homem. Por isso desejava que fizesse de tripas coração e a chamasse.

Soou o telefone. Sara deu um coice. O coração começou a lhe pulsar com força enquanto ia para o telefone, o qual era uma completa estupidez. Ela tinha ido à Faculdade de Medicina, pelo amor de Deus. Não devia deixar-se dominar por tais coincidências.

-Me diga?

-Como está meu estudante favorita? perguntou Pete Hanson. Era um dos melhores médicos forenses do estado. Sara tinha assistido a alguns de seus cursos quando trabalhou de forense para o condado do Grant. Me inteirei que tem feito novilhos.

-Um dia para recuperar a saúde mental -admitiu, tentando ocultar sua decepção ao ver que não era Wíll quem a chamava. Logo, ao dar-se conta de que Pete alguma vez a chamava sem razão alguma, perguntou: O que acontece?

-Tenho que te dizer algo, carinho, mas é privado e prefiro fazê-lo em pessoa.

Sara olhou a seu redor. O apartamento estava completamente revolto. Havia almofadas pelo chão, tapetes enrolados, brinquedos dos cães atirados por todos lados e suficientes cabelos para fazer um galgo novo.

-Está no City Hall East?

-Como de costume.

-Agora vou.

Sara terminou a chamada e atirou o telefone em cima do sofá. olhou-se no espelho. Tinha o cabelo empapado de suor. A pele, cheia de manchas. Levava umas calças jeans rasgadas à altura dos joelhos e uma camiseta do Lady

Rebels que lhe tivesse sentado muito bem quando estava em secundária. Wíll trabalhava no mesmo edifício que Pete, mas estava no Southside todo o dia, por isso não havia possibilidade de encontrar-se com ele. Agarrou as chaves e saiu do apartamento. Baixou as escadas até a entrada e não se deteve até que viu o carro.

Havia outra nota debaixo do pára-brisa. Angie Trent tinha trocado de estratégia. além de lhe escrever “Zorra”, como de costume, tinha beijado a nota e lhe tinha deixado o rastro dos lábios.

Sara dobrou a nota e subiu ao carro. Baixou o guichê e atirou o papel no cesto de papéis que havia ao lado da porta automática. Sara supôs que Angie estacionava na rua e se metia por debaixo da porta para lhe deixar essas notas. Até faz poucos anos tinha sido polícia. Ao parecer tinha sido uma das melhores agentes encobertas que tinha tido a Brigada Antivício. Como muitos policiais de antigamente, não se preocupava com pequenos delitos como invasões de moradia ou ameaças.

Uma buzina soou a suas costas. Não se tinha precavido de que a porta se levantou. Fez um gesto com a mão para desculpar-se e saiu à rua. Se pensar no Wíll era um esforço inútil, pensar em sua mulher era um de autoódio. Havia uma razão pela que Angie passava por uma prostituta de classe alta. Era uma mulher esbelta e com curvas, e tinha essa feromona secreta que fazia que todos os homens -ou mulheres, se era verdade o que contavam-soubessem que estava disponível. Por essa razão, Wíll utilizava uma camisinha até que recebesse os resultados de sua última análise de sangue.

Se é que estavam juntos para então.

O edifício City Hall East estava a menos de uma milha do apartamento da Sara. Localizado-se no antigo centro comercial Sears no Ponce de León Avenue, o lugar estava tão escancarado como ruinoso. As janelas metálicas e os gretados tijolos tinham estado imaculados em sua época, mas a cidade não tinha bastante dinheiro para manter um edifício tão enorme. Era um dos edifícios maiores do sul dos Estados Unidos, o que explicava, em parte, por que a metade do complexo estava vazio.

O escritório do Wíll estava em uma das novelo superiores que tinham sido ocupadas pelo Escritório de Investigação da Geórgia. O fato de que jamais a tivesse visto foi uma das muitas coisas que tratou de tirar-se da cabeça enquanto tomava a ampla curva que levava até o estacionamento.

Apesar de que não fazia muito calor, a garagem não estava tão fria como era de esperar, considerando que estava clandestinamente. O depósito estava inclusive mais abaixo, mas, ao igual a no estacionamento, fazia mais calor do esperado. O ar não devia circular bem, ou possivelmente o edifício era tão velho que fazia todo o possível para que seus residentes o deixassem morrer.

Sara baixou as desvencilhadas escadas de cimento até o porão. Notou os aromas familiares do depósito, os produtos cáusticos que se utilizavam para limpar o chão e os químicos que se usavam para desinfetar os corpos. Quando retornou ao condado do Grant, tinha trabalhado a meia jornada como forense para poder comprar a sua companheira aposentada a clínica infantil. Às vezes, o trabalho no depósito era tedioso, mas, pelo general, mais fascinante que os dores de barriga e quão resfriados tratava na clínica. Não obstante, nesse momento tampouco queria pensar que, às vezes, resultava-lhe muito difícil trabalhar no hospital Grady.

O escritório do Pete Hanson se encontrava ao lado do depósito. Viu-o através da porta aberta, inclinado sobre seu escritório, que estava lotado de papéis.

Seu sistema de arquivar não era o que tivesse escolhido Sara, mas em muitas ocasiões lhe tinha visto encontrar sem nenhuma dificuldade o que desejava.

Bateu na porta antes de entrar. Sua mão se deteve a meio caminho. Pete tinha emagrecido fazia pouco. Tinha perdido muito peso.

-Sara disse Pete esboçando um sorriso e mostrando seus dentes amarelados.

Pete era um hippie velho que se negava a cortar-se suas largas tranças, apesar de que começava a lhe escassear o cabelo. Levava camisas havaianas e gostava de escutar Grateful Dead enquanto realizava seu trabalho. Como está acostumado a ocorrer com os forenses, era bastante pouco original, e, em tom de brincadeira, em uma estanteria de seu escritório, guardava em um bote o coração de um homem de dezoito anos que tinha morrido de um ataque.

Ela foi a primeira que falou:

-Como está, Pete?

Em lugar de lhe dizer que tinha o coração de um menino de dezoito anos, franziu o cenho.

-Obrigado por vir, Sara disse lhe assinalando uma cadeira. Obviamente, preparou-se para sua visita, já que os papéis e quão gráficos estavam acostumados a estar sobre a cadeira os tinha posto no chão.

Sara se sentou.

-O que acontece?

Pete se girou de novo fazia seu ordenador e teclou a barra espaciadora. Uma radiografia digital apareceu na tela. Uma placa de raios X da parte frontal do peito mostrava uma massa larga e branca no pulmão esquerdo. Sara olhou o nome que aparecia na parte superior: Peter Wayne Hanson.

-CPCP disse. Câncer de pulmão de células pequenas, as mais mortais.

Sara sentiu como se lhe tivessem dado um murro no estômago.

-O novo protocolo...

-Não serve para mim -interrompeu fechando o arquivo. Já se disseminou em meu cérebro e em meu fígado.

Sara estava acostumada a dar más notícias a seus pacientes diariamente, mas estranha vez se via no lado contrário.

-Lamento-o muito, Pete.

-Bom, não é a melhor maneira de morrer, mas é melhor que escorrer-se na banheira. -tornou-se sobre o respaldo da cadeira. Ela viu claramente os sintomas da enfermidade: suas gastas bochechas, o aspecto cítrico de seus olhos. Pete assinalou o bote que havia na estanteria e acrescentou: Muito para meu coração de dezoito.

Sara se Rio da brincadeira, apesar do inapropriada que era. Pete era um grande médico, mas sua melhor característica era sua generosidade. Era o professor mais paciente e entregue que tinha tido. adorava que um estudante se precavesse de um detalhe que a ele lhe tinha

passado por cima, um rasgo muito incomum entre os médicos.

-Ao menos disse, dá-me uma boa desculpa para voltar a fumar de novo. -Simulou lhe dar uma imersão a um cigarro. Camels sem filtro. Minha segunda esposa os odiava. Você conhece a Deena, verdade?

-Solo por sua reputação respondeu Sara. A doutora Coolidge dirigia o laboratório forense do quartel do GBI. Tem algum plano?

-Refere a uma lista de coisas que queira fazer antes de morrer? -Negou com a cabeça. Vi mundo, ao menos as partes que queria ver. Prefiro aproveitar e ser útil o pouco tempo que fica. Possivelmente plante algumas árvores na granja para que meus bisnetos possam subir a eles. Passar o tempo com meus amigos. Espero que isso inclua a ti.

Sara fez um esforço por não tornar-se a chorar. Olhou as losetas roda do chão. Havia muito amianto no edifício, por isso não lhe surpreenderia que o câncer do Pete se devesse a algo mais que o tabaco. Observou o montão de papéis que havia ao lado da cadeira. Havia uma sobre cor manila em cima, fechado por uma cinta vermelha descolorida. Era uma prova antiga. As profundas rugas mantinham o vincado. As zonas que não estavam amareladas pelo passado do tempo estavam manchadas de negro.

Pete viu que o estava olhando.

-Um caso antigo.

Sara viu a data e observou que era de mais de trinta anos atrás.

-Um caso muito antigo.

-Tivemos sorte de encontrá-lo no Departamento de Provas, embora não estou seguro de que o necessitemos depois de tudo. -Agarrou o sobre e o pôs em cima do escritório. manchou-se os dedos de pó negro. A Prefeitura estava acostumada atirar os casos fechados a cada cinco anos. Fazíamos coisas muito estúpidas nnaquele tempo.tempo.

Sara se deu conta de que o caso era importante para o Pete. Conhecia essa sensação. Havia vítimas de sua época no condado do Grant que estariam em sua lembrança até que morrera.

-Como vão as coisas no Grady? perguntou Pete.

-Bom, já sabe. -Não sabia o que dizer. Chamavam-na “zorra” com tanta freqüência que girava a cabeça cada vez que ouvia essa palavra. Tem que tudo.

-Em quase quarenta anos, não tive nenhum paciente que me responda ou se queixe de mim disse arqueando uma sobancelha. Já sabe que necessitarão a alguém que ocupe meu lugar quando for.

Sara se Rio, mas logo se deu conta de que não estava brincando.

-É sozinho uma idéia. Mas isso me recorda que preciso te pedir um favor.

-Qual?

-Tenho um caso que acaba de entrar. É muito importante.

-Tem algo que ver com isso? perguntou Sara assinalando o sobre sujo que havia em cima do escritório.

-Sim -admitiu. Eu posso fazer todo o trabalho, mas preciso saber que, dentro de seis meses ou um ano, haja uma pessoa que ateste.

-Tem a muita gente trabalhando para ti.

-Só quatro corrigiu. Mas, por desgracia, nenhum tem sua experiência.

-Eu não...

-Você ainda tem sua licença. Comprovei-o. -inclinou-se para diante. Não sou um homem ardiloso no mau sentido, Sara, já me conhece. Por isso entenderá que sou muito sincero quando te digo que é a última vontade de um moribundo. Necessito que faça isso por mim. Necessito que vá ao tribunal, que fale diretamente com o jurado e que este homem volte para lugar que lhe corresponde.

Por um momento, Sara se sentiu desconcertada. Aquilo era o que menos esperava. Seu apartamento tinha o aspecto de ter sido arrasado por um tornado. Ainda tinha que solucionar seus problemas com o Wíll, e levava uma indumentária mais apropriada para um partido de beisebol que para trabalhar. Mesmo assim, soube que não ficava mais remédio.

-Há já algum suspeito?

-Sim respondeu Pete.

Rebuscou entre os papéis e encontrou uma pasta amarela.

Sara olhou o relatório preliminar. Não dizia grande coisa. A uma tal Jane Doe a tinham encontrado morta em um contêiner em uma parte da cidade bastante acomodada.

Tinham-na matado a golpes. Sua carteira não continha dinheiro. As marcas de seus tornozelos e de suas bonecas indicavam que a tinham pacote, possivelmente a tinham seqüestrado.

Sara olhou ao Pete. Invadiu-a uma horrível sensação.

-É a estudante que desapareceu que Geórgia Tech?

-Ainda não dispomos de uma identificação positiva, mas me temo que sim.

-Um caso de pena de morte?

Pete assentiu.

-O corpo está aqui?

-Trouxeram-no faz meia hora.

Pete olhou para a entrada.

-Olá, Mandy.

-Pete. -Amanda Wagner tinha um braço em tipóia. Não tinha muito bom aspecto, mas, mesmo assim, manteve as formalidades. Doutora Linton.

-Doutora Wagner respondeu Sara lhe devolvendo a saudação.

Não pôde evitar olhar por cima do ombro da Amanda, procurando o Wíll.

veio Vanessa? perguntou-Amanda ao Pete.

-A primeira hora da manhã. dirigiu-se a Sara e acrescentou: A quarta senhora Hanson.

-Doutora Linton, espero que possamos contar com sua experiência disse Amanda.

Sara se sentiu um tanto manipulada. Fez a pergunta mais óbvia.

-Está Wíll investigando este caso?

-Não. O agente Trent não pode investigar este caso. Embora isso não explica por que passei as três últimas horas percorrendo todos os corredores de um edifício de doze novelo falando com pessoas que têm coisas melhores nas que pensar. deteve-se para respirar. Pete, quando nos fizemos tão velhos?

-Fala por ti. Eu sempre te hei dito que morreria jovem.

Ela se Rio, mas se apalpava um tom triste em sua forma de fazê-lo.

-Ainda recordo a primeira vez que entrou no depósito.

-Por favor, não choramingue. Trata de partir com dignidade.

Pete sorriu como um gato. Houve um momento de cumplicidade entre eles. Sara se perguntou se Amanda Wagner também tinha formado parte das muitas senhoras Hansons.

O momento passou muito rápido. Pete se levantou do escritório. cambaleou-se e teve que apoiar-se na cadeira. Sara deu um salto para lhe ajudar, mas ele a deteve amavelmente.

-Ainda não cheguei a esse ponto, carinho. -Logo se dirigiu a Amanda e acrescentou: Pode usar meu escritório. Nós

vamos começar.

Pete fez um gesto para que Sara fosse diante. Ela abriu as portas do depósito, mas conteve seu desejo de sujeitar para que Pete passasse. Naquela sala cheia de azulejos, parecia ter ainda pior aspecto. O escritório tinha impedido que se visse o gasto de seu aspecto. Agora, sob as luzes da sala de autópsias, não podia ocultar o óbvio.

-Faz um pouco de frio aqui balbuciou Pete agarrando do cabide sua bata de laboratório.

Foi à bilheteria e tirou uma das suas para a Sara. Tinha o nome do Pete costurado no bolso. Sara podia haver-se envolto duas vezes nela, ao igual a Pete nesse momento.

-Nossa vítima.

Assinalou um corpo coberto no centro da sala. O sangue tinha empapado o lençol, o que resultava bastante estranho. A circulação se detinha quando o coração se parava. O sangue se coagulava. Sara não pôde evitar sentir um entusiasmo culpado. Ihe encantavam os casos difíceis. Trabalhar no Grady e tratar sempre as mesmas lesões e doenças resultava um tanto tedioso.

-Já a fotografamos e lhe temos feito radiografia. enviamos sua roupa ao laboratório. Sabia que antes estávamos acostumados às cortar e as colocar em uma bolsa? Inclusive nos casos de violação. -Se Rio. Deus santo, quantos enganos cometeu a ciência desde o começo. A vítima não nos dizia nada. Se não encontrávamos sêmen na roupa interior do agressor, não podíamos lhe acusar de violação.

Sara não soube o que responder. Não podia imaginar quão horrível eram então as coisas. Por sorte, não tinha que fazê-lo.

Pete fez um coque com sua trança e ficou uma boina de beisebol dos Atlanta Braves. No depósito se encontrava em seu molho, visivelmente mais animado.

-Lembrança a primeira vez que falei com um dentista sobre as marcas dos dentes. Estava seguro de que isso serviria para resolver crímenes no futuro. Ao igual às fibras de cabelo. Ou as fibras de carpete. -Se Rio entre dentes. Se lamento algo sobre meu iminente destino, é que não viverei para ver o dia em que tenhamos o DNA de todo o mundo em um iPad e quão único tenhamos que fazer é procurar um pouco de sangue ou uma parte de malha para localizar ao criminoso. Isso porá fim ao crime tal e como o conhecemos.

Sara não queria falar sobre o iminente destino do Pete. ocupou-se de seu cabelo, sujeitando-o com uma borracha e metendo-lhe sob uma boina de cirurgião para não poluir nada.

-Desde quando conhece a Amanda?

-Do tempo dos dinossauros brincou ele. Logo, com um tom mais sério, acrescentou: A conheci quando começou a trabalhar com a Evelyn. Eram um par de pistoleras.

A Sara resultou estranha essa descrição, como se Amanda e Evelyn tivessem andado por Atlanta como dois Calamity Janes.¹⁰

-Como era?

-Uma mulher interessante respondeu com um de seus melhores cumpridos. Olhou o reflexo da Sara no espelho enquanto ela se lavava as mãos. Já sei que tampouco te resultou fácil quando entrou na Faculdade de Medicina... Quantas mulheres havia? Poucas, não?

-Sim, mais ou menos. Mas no último curso fomos mais de sessenta por cento. -Não mencionou que as que não interrompiam sua atividade para ter filhos se dedicavam quase sempre à pediatria ou a ginecologia, quão mesmo quando ela era uma interna. Quantas mulheres havia no corpo quando ingressou Amanda?

Pete entortou os olhos enquanto refletia.

-menos de duzentas, e eram mais de mil. -Pete se tornou para trás para que Sara pudesse lavá-las mãos. Ninguém acreditava que as mulheres pudessem desempenhar esse trabalho. considerava-se coisa de homens. Não paravam de fazer comentários sobre sua incapacidade para proteger-se a si mesmos, diziam que não tinham muitos “cojones” para apertar o gatilho. A verdade é que todos temiam que fossem melhores que eles. Não posso culpá-los. -Pete lhe piscou os olhos. A última vez que estiveram ao mando, proibiram o álcool.

Sara lhe devolveu um sorriso.

-Acredito que nos deve perdoar o ter cometido um engano em quase cem anos.

-Possivelmente. Sabe?, se escutas aos de minha geração hoje em dia, todos lhe dirão que fomos hippies partidários do amor livre, mas a verdade é que havia mais Amanda Wagners que Timothy Learys, especialmente nesta parte do país. -Esboçou um sorriso fugaz. Além disso, eram muito mais liberais. Eu vivia em um glorioso complexo aos subúrbios do Chattahoochee, no River Bend. ouviste falar dele?

Sara negou com a cabeça. Estava desfrutando das lembranças do Pete. Obviamente, o câncer lhe estava fazendo ver sua vida de uma nova perspectiva.

-Muitos pilotos de aerolinhass viviam ali. Aeromoças, advogados, doutores e enfermeiras, e eu. -Seus olhos brilharam ao recordá-lo. Tinha um te negocie vendendo penicilina às refinações homens e mulheres republicanos que governam atualmente nosso país.

Sara utilizou o cotovelo para fechar o grifo.

-Uma época muito louca. -Ela alcançou a puberdade durante a epidemia de sida, quando o amor livre começou a passar fatura.

-A verdade é que sim disse Pete lhe dando algumas toalhas de papel. Quando foi o caso do Brown contra o Conselho Educativo?

-Refere-te ao caso da segregação? -Sara se encolheu de ombros. Fazia muito tempo que não assistia a aula de História. No 54 ou 55?

-Foi durante essa época em que o estado exigia aos professores brancos que assinassem um compromisso para renegar da integração. Perdiam seu trabalho se se negavam.

Sara jamais tinha ouvido falar de tal compromisso, mas não lhe surpreendia.

-Duke, o pai da Amanda, estava fora quando circulou o compromisso. -Pete soprou dentro de umas luvas de cirurgião empoeirados antes de ficar os Miriam, a mãe da Amanda, negou-se a assinar o compromisso. Seu avô era um homem muito poderoso, um alto cargo da companhia Southern Bell, e a enviou ao Milledgeville.

Sara notou que a boca lhe abria pela surpresa.

-Encerrou a sua filha em um hospital de saúde mental?

-Então era mas bem um armazém, especialmente para os veteranos e quão delinqüentes estavam mal da cabeça. E para as mulheres que não obedeciam a seus pais.

-Pete moveu a cabeça. Isso a deixou feita pó. Deixou feita pó a muita gente.

Sara tentou fazer seus cálculos.

-Tinha nascido Amanda?

-Tinha quatro ou cinco anos, acredito. Duke estava na Coréia, por isso seu sogro tinha a tutoria. Acredito que ninguém disse ao Duke o que estava passando realmente. Nada mais chegar a Geórgia, agarrou a Amanda e tirou sua esposa do Milledgeville. Jamais voltou a lhe dirigir a palavra a seu sogro. -Pete lhe deu um par de luvas a Sara. Todo parecia ir bem, mas, um dia, Miriam saiu ao jardim traseiro e se pendurou de uma árvore.

-É terrível disse Sara ficando-os luvas cirúrgicas. Por isso Amanda era tão introvertida. Era pior inclusive que Wíll.

-Não deixe que isso te comova -lhe advertiu Pete. Te mentiui quando estávamos em meu escritório. Ela te queria aqui por um motivo.

Em lugar de lhe perguntar sobre aquele motivo, seguiu seu olhar até a porta. Wíll estava ali. Olhou a Sara completamente consternado. Jamais lhe tinha visto com tão mau aspecto. Tinha os olhos avermelhados. Estava estragado e sem barbear. cambaleava-se pelo cansaço. Sua dor era tal que a Sara lhe rasgou o coração.

Seu primeiro impulso foi aproximar-se dele, mas também estava Faith, Amanda e Leão Donnelly. Sabia que manifestar seus sentimentos em público só serviria para piorar as coisas. Viu-o em seu rosto. ficou-se completamente perplexo ao vê-la ali.

Sara olhou ao Pete, para que visse que se sentia furiosa. Amanda podia lhe haver enganado dizendo que não era um caso do Wíll, mas ele era quem lhe tinha convencido para ir ao depósito. tirou-se as luvas e se dirigiu para onde estava Wíll. Obviamente, não queria que ela o visse nesse estado. Sara pensou em levá-lo ao escritório do Pete e lhe explicar o que tinha passado, além de desculpar-se, mas a expressão do Wíll a deteve.

Desde perto tinha inclusive pior aspecto. Sara teve que conter-se para não lhe pôr as mãos no rosto e deixar que ele apoiasse a cabeça em seu ombro. Seu corpo emanava esgotamento. Seus olhos refletiam tanto dor que sentiu que, de novo, lhe rasgava o coração.

Falou em voz baixa.

-Me diga o que quer que faça. Posso partir ou ficar. O que seja melhor para ti.

Wíll respirava com dificuldade. Tinha tal olhar de desespero que Sara teve que conter-se para não tornar-se a chorar.

-Me diga o que faço rogou ela. O que necessita que faça.

Seus olhos se posaram na maca, na vítima que havia sobre a mesa.

-Fica balbuciou.

Sara soltou um suspiro interrompido antes de dá-la volta. Faith não podia olhá-la, mas Amanda observou. Sara jamais tinha compreendido a relação tão volúvel que Wíll mantinha com sua chefe, mas, naquele momento, não lhe preocupou o mais mínimo. Desprezava a Amanda Wagner por cima de tudo. Obviamente, estava jogando algum tipo de jogo com o Wíll. E resultava evidente que ele ia perdendo.

-Comecemos -sugeriu Pete.

Sara se colocou ao lado do Pete, em frente do Wíll e do Faith, com os braços cruzados. Tratou de conter sua raiva. Wíll lhe tinha pedido que ficasse. Não sabia por que, mas ela não precisava incrementar a tensão que reinava na sala. Uma mulher tinha sido assassinada. Isso era o principal.

-De acordo, damas e cavalheiros. -Pete utilizou o pé para acender o dictáfono e gravar todo o procedimento. Enumerou a informação de costume: hora, pessoas presente e a suposta identidade da vítima. A identificação ainda tem que confirmá-la-a família, embora também comprovaremos seu histórico dental, que já foi digitalizado e enviado ao laboratório do Panthersville Road. Se dirigiu a Leio Donnelly: Vem seu pai de caminho?

-Um carro patrulha foi a recolhê-lo ao aeroporto. Estará aqui em qualquer momento.

-Muito bem, detetive. -Lançou-lhe um olhar severo e acrescentou: Espero que se guarde qualquer comentário desagradável ou racista.

Leão levantou as mãos.

-Solo estou aqui para a identificação, assim posso atribuir o caso.

-Obrigado.

Sem preâmbulos, Pete agarrou a parte superior do lençol e a retirou. Faith soltou um grito afogado e ficou a mão na boca. Igual de rápido, girou-se para um lado. Deu-lhe uma arcada, mas não piscou. Nunca tinha tido estômago para essas coisas, mas parecia decidida a conter-se.

Inusualmente, Sara compartilhou seu desconforto. depois de tantos anos, pensava que estava feita a todos os horrores da violência, mas o corpo da mulher estava em tal estado que lhe revolveram as tripas. Não só a tinham assassinado. Tinham-na mutilado. Tinha moratones no torso, e diminutos edemas na pele. Uma das costelas lhe tinha atravessado a pele e os intestinos lhe penduravam entre as pernas.

Entretanto, isso não era o pior.

Sara jamais tinha acreditado no demônio. Sempre pensou que era uma desculpa, uma forma de explicar uma enfermidade mental ou a depravação. Uma palavra que servia para ocultar, em lugar de confrontar a realidade de que os seres humanos são capazes de cometer os atos mais deploráveis, que somos capazes de atuar seguindo nossos impulsos mais básicos.

-Entretanto, “demônio” foi a única palavra que lhe veio à cabeça quando olhou à vítima. Não eram os moratones nem as espetadas, nem as marcas de dentadas o que a deixou perplexa. Eram os cortes que lhe tinha feito nas partes internas de suas pernas e de seus braços. Era o desenho de uma cruz que lhe tinha feito nos quadris e no torso, tão perfeito que parecia ter utilizado uma regra. O agressor lhe tinha rasgado a carne da mesma forma que se rasga um descosturado em um traje.

E além disso estava seu rosto. Sara ainda não entendia o que lhe tinha feito na cara.

-Os raios X mostram que lhe fraturaram o hioides disse Pete.

Sara reconheceu o moratón peculiar ao redor do pescoço da mulher.

-Atiraram-na de um edifício depois de estrangulá-la?

-Não respondeu Pete. A encontraram fora de um edifício de uma planta. O prolapso intestinal se deve, provavelmente, ao trauma externo pre morte. Um objeto romo ou uma mão. Parecem-lhe essas estrias sinais de dedos, possivelmente um punho fechado?

-Sim.

Sara apertou os lábios. Os golpes que lhe haviam propinado à vítima deveram ser tremendos. O assassino era obviamente um homem forte, provavelmente corpulento, e sem dúvida cheio de raiva. Apesar de que o mundo tinha trocado, seguia havendo homens que ainda odiavam às mulheres.

-Doutor Hanson perguntou Amanda, pode nos dar uma estimativa da hora da morte?

Pete sorriu ao escutar a pergunta.

-Acredito que entre as três e as cinco da manhã.

Faith interveio:

-O corredor que viu a caminhonete verde saiu por volta das quatro e meia. Não sabe o modelo nem a marca. -

Seguia sem poder olhar a Sara. demos uma ordem de busca, mas provavelmente não sirva de nada.

-As quatro e meia se ajusta na hora da morte disse Pete. Mas, como todos sabem, a hora da morte não é uma ciência exata.

-Como nos velhos tempos disse zangada Amanda.

-Doutora Linton? -animou-a Pete, fazendo um gesto para que Sara participasse. por que não olhe o lado esquerdo enquanto eu observo o direito?

Sara ficou umas luvas novas. Wíll se apartou para deixá-la passar. Estava muito calado, e não respondia a seus olhares inquisitivos. Sara ainda sentia a necessidade de fazer algo por ele, mas também sabia que, naquele momento, devia pôr sua atenção na vítima. Algo lhe disse que dedicar-se lhe resultaria de mais ajuda ao Wíll. Era seu caso, não importavam as mentiras que lhe havia dito Amanda. Não havia dúvida de que existia um vínculo emocional. Sara jamais tinha visto ninguém tão desolado.

Compreendeu que Pete lhe tivesse pedido que alguém de confiança atestasse. O corpo daquela vítima, cada centímetro dele, reclamava justiça. Quem a tivesse agredido e assassinado não só quis lhe fazer danifico, a não ser destrui-la.

Sara notou uma sutil mudança em seu cérebro enquanto se preparava para a autópsia. Os jurados haviam visto suficientes episódios do CSI para compreender os princípios básicos de uma autópsia, mas o trabalho do forense consistia em lhes mostrar cientificamente cada descobrimento. A cadeia de custódia era algo sagrado.

Todos os números de diapositivas, as amostras de malhas, as provas se catalogavam no computador. O conjunto se fechava com uma cinta atada que solo se podia abrir dentro do laboratório do GBI. As provas e as malhas se analisavam em busca de DNA. esperava-se que este coincidissem com um suspeito, e que o detiveram apoiando-se nas provas irrefutáveis.

-Começamos? perguntou-Pete a Sara.

Havia duas bandejas metálicas preparadas com o mesmo instrumental: sondas de madeira, pinças, regras flexíveis, frascos e portaobjetos. Pete tinha uma lupa, que aproximou de seu olho enquanto se inclinava sobre o corpo. Em lugar de começar pela cabeça, examinou a mão da vítima. Ao igual a acontecia com as pernas e o torso, a carne do braço, da boneca até o antebraço, estava aberta em linha reta. Continuava formando uma Ou debaixo do braço, e logo baixava até os quadris.

-Não a lavaste? perguntou Sara. Parecia que lhe tivessem esfregado a pele. E cheirava levemente a sabão.

-Não respondeu Pete.

-Parece poda -assinalou Sara, para que ficasse gravado na cinta. Lhe barbearam o pêlo púbico. Tampouco tem pêlo nas pernas. -Utilizou o polegar para pressionar a pele ao redor dos olhos. Tem as sobrancelhas depiladas em forma de arco. E pestanas postiças.

Concentrou-se no couro cabeludo. As raízes do cabelo eram escuras, enquanto que o resto era uma mescla de amarelo e branco.

-Tem extensões loiras. Leva-as muito perto do couro cabeludo, por isso devem ser novas.

Utilizou um pente de dentes magros para extrair qualquer partícula do cabelo. O papel que tinha colocado debaixo da cabeça da garota mostrava restos de caspa e asfalto. Sara apartou as amostras para as processar mais tarde.

Logo examinou o nascimento do cabelo, procurando rastros de agulhas ou outras marcas. Utilizou um otoscópio para as fossas nasais.

-Há corrosão nasal. A membrana está rasgada, embora não perfurada.

-Metanfetaminas deduziu Pete, o qual era o mais provável, tendo em conta a idade da vítima. Elevou a voz, pode que porque o dictáfono estivesse velho ou porque não estava acostumado a utilizá-lo. Um profissional lhe tem feito a manicura. Tem as unhas pintadas de vermelho brilhante. - Logo se dirigiu a Sara: Doutora Linton, pode comprovar seu lado?

Sara agarrou a mão da mulher. O corpo estava na fase inicial do rigor mortis.

-O mesmo nesta mão. Têm-lhe feito a manicura.

Sara não sabia por que lhe emprestava tanta atenção às unhas. Em Atlanta havia salões para fazê-la manicura por todos lados.

-A cor da pedicura é distinto -assinalou Pete.

Sara olhou os dedos dos pés da garota. As unhas estavam pintadas de negro.

-É normal pintá-las unhas dos pés de diferente cor? perguntou Pete.

Ela se encolheu de ombros, ao igual a Faith e Amanda.

-Bom disse Pete, mas o início da canção Brick House lhe interrompeu.

-Desculpem -se desculpou Leão Donnelly tirando o móvel do bolso. Leu a identificação da pessoa que lhe chamava. É o agente que enviei ao aeroporto. Provavelmente, o pai do Snyder esteja fora. -Respondeu à chamada enquanto se dirigia para a porta: Donnelly.

A sala estava em silêncio, salvo pelo zumbido do motor da geladeira. Sara tentou captar a atenção do Wíll, mas ele olhava ao chão.

-Maldita seja exclamou Faith, que não amaldiçoava ao Donnelly. Disse-o olhando o rosto da vítima. Que demônios lhe tem feito?

Ouviu-se um ruído quando Pete apagou o dictáfono com o pé. dirigiu-se a Sara, como se fosse ela a que tivesse feito a pergunta.

-Costurou-lhe a boca e os olhos. -Pete teve que utilizar ambas as mãos para manter aberto uma dos rasgados pálpebras. Tinha-os cortados em grosas tiras, como a cortina de plástico da geladeira de um açougueiro. Se pode ver por onde o fio lhe atravessou a pele.

-Como sabe? perguntou Sara.

Pete não respondeu a sua pergunta.

-As linhas no torso, nos braços e as pernas mostram que utilizou um fio muito grosso para impedir que se movesse. Acredito que utilizou uma agulha de tapizar, provavelmente

um fio encerado ou um de seda grossa. Seguro que encontramos muitas fibras para analisar.

Pete aconchegou a lupa a Sara, que examinou as lacerações. Ao igual a com a boca e os olhos, tinham-lhe esmigalhado a pele, por isso a carne pendurava a intervalos uniformes. Podia ver as marcas vermelhas por onde tinha passado o fio. Umas quantas vezes. Os círculos eram como os buracos que se fez de pequena nos lóbulos das orelhas.

-Provavelmente, ela mesma se separou do colchão ou de onde a tivessem costurado quando começou a golpeá-la.

Pete expôs sua hipótese.

-Sim, seria uma resposta descontrolada. Golpeia-lhe no estômago e ela se enrosca como uma bola. Abre a boca e os olhos. E ele a golpeia uma e outra vez.

Sara negou com a cabeça. Pete estava tirando umas conclusões muito precipitadas.

-O que me está escapando?

Pete se meteu as mãos nos bolsos vazios de sua bata, observando silenciosamente a Sara com a mesma intensidade que quando ensinava um novo procedimento.

-Não é a primeira vítima de nosso assassino disse Amanda.

Sara seguia sem entender nada. dirigiu-se ao Pete e lhe perguntou:

-Como sabe?

Wíll se esclareceu garganta. Sara quase se esqueceu de que estava na sala.

-Porque lhe fez o mesmo a minha mãe respondeu.

10. Calamity Jane foi uma exploradora americano, famosa por ter lutado contra os ameríndios.

Capítulo dezessete

Lucy Bennett

15 de junho de 1975

Era o Dia do Pai. Na rádio não paravam de falar sobre isso. Richway tinha organizado um dia especial de vendas. Davis Brothers oferecia um bufei livre.

Os disc jóqueis falavam de seus presentes favoritos que tinham recebido outros anos: camisas, gravatas, clubes de golfe.

O pai do Lucy era muito fácil de agradar. Sempre lhe compravam uma garrafa de uísque. Duas semanas depois, se ficava algo, o bebiam em 4 de julho, enquanto contemplavam os foguetes por cima do Lake Spivey.

O papai do Lucy.

Não queria pensar nele. Nem em ninguém de sua vida anterior.

De repente, Patty Hearst¹¹ apareceu de novo nas notícias. Ainda ficava um ano para seu julgamento, mas seu advogado decidiu filtrar alguns detalhes sobre seu seqüestro. Lucy já sabia o que tinha acontecido com aquela garota louca. Já tinha passado antes, quando ela trabalhava na rua. Então não tinha a ninguém com quem falar. Salvo Kitty, nenhuma das garotas sabia quem era Hearst. Também era provável que Kitty estivesse mentindo. Lhe dava muito bem isso de mentir, de simular que sabia coisas, pois o utilizava como desculpa para te atrair e logo te dar uma punhalada traperca. Era uma zorra traidora.

depois do Hearts, seqüestraram a um jornalista do Atlanta Constitution. Pediram um milhão de dólares por seu resgate. Disseram pertencer ao SLA. Mas o que realmente eram é um punhado de idiotas, já que a polícia os prendeu. Não tinham gasto nem um só centímo desse dinheiro. um milhão de dólares. O que faria Lucy com toda essa massa?

O único banco da cidade que dispunha da soma para o resgate era o CeS.

Seu presidente era Mills Lane. Sua fotografia estava acostumada ver-se nos periódicos. Era o mesmo tipo que tinha ajudado ao prefeito a construir o estádio.

Não o prefeito negro, a não ser o que se opunha ao Lester Maddox.

Lucy soltou uma gargalhada afogada.

O Pickrick. O restaurante do Maddox estava no West Peachtree. As paredes estavam decoradas com tochas. Corria o rumor de que esmagaria a cabeça de qualquer negro que se atrevesse a pôr os pés ali.

Lucy tratou de imaginar ao Juice cruzando a porta, com uma tocha atravessada na cabeça e os miolos esparramados por todos lados.

Washington-Rawson era o subúrbio que tinham desalojado para construir o Atlanta Stadium. O pai do Lucy lhe tinha contado essa história. Tinham ido ver um partido de beisebol dos Braves. Viram o chefe Noc-a Homa, com sua enorme cara de louco, correndo com uma tocha que talvez tivesse roubado do restaurante do Lester Maddox. O pai do Lucy lhe disse que tinham construído o estádio para revitalizar a zona. Havia quase um milhão e meio de pessoas residindo na periferia da cidade, a maioria deles

vivendo das subvenções do governo. Se Atlanta não podia jogar pela força aos nigras, então o melhor era procurar a forma de ganhar os Demonio.

Isso é o que tinha feito o SLA com o Patty Hearst. Eram uma seita. Lavaram-lhe o cérebro. Ou ao menos isso é o que disse a doutora na rádio. A psiquiatra era uma mulher, por isso Lucy se mostrou um tanto cética quando escutou sua opinião, mas afirmou que solo se demorava duas semanas em lhe lavar o cérebro a uma pessoa.

Duas semanas.

Lucy tinha demorado ao menos dois meses. E isso apesar de que a heroína tinha desaparecido de seu corpo, apesar de ter deixado de desejar um bom chute, apesar de ter aprendido a não mover-se, a não respirar profundamente, a não preocupar-se com ter chagas nas costas e nas pernas de tanto estar arremesso em seus próprios sedimentos, em sua própria urina.

Lucy destilava ódio cada vez que lhe via entrar na habitação. estremecia-se cada vez que a tocava. Emitia ruídos guturais, pronunciava palavras apenas sem mover a boca, mas sabia que ele as entendia.

Satã.

Demônio.

Matarei-te.

Mamão.

Logo, de repente, deixou de vir. Foi sozinho uns dias. Ninguém pode viver sem água mais de dois ou três dias, como muito. Possivelmente esteve fora três dias. Pode que

quando entrou, ela se pusesse-se a chorar. Pode que quando lhe escovou o cabelo, não se estremecesse. Pode que quando a lavou, deixasse-se fazer.

E pode que quando subiu em cima dela, e lhe fez o que tinha esperado do primeiro dia, inclusive lhe correspondesse.

E logo, quando o viu partir, chorou por ele. O teve saudades. O sentiu falta de.

Igual a tinha feito com o Bobby, seu primeiro amor. Igual a lhe tinha ocorrido com o Fred, o menino que limpava aviões no aeroporto. E logo com o Chuck, que administrava o complexo de apartamentos. Ao igual a outros muitos que a tinham violado, espancado, humilhado e que depois a tinham deixado tiragem.

O síndrome de Estocolmo.

Assim é como o tinha chamado a doutora na CBS. Walter Cronkite a apresentou como uma autoridade destacada. Trabalhava com vítimas das seitas e com pessoas que tinham sido controladas mentalmente. Parecia saber do que falava, mas possivelmente não fossem mais que contos, porque, às vezes, o que dizia não tinha muito sentido.

Ao menos não para o Lucy.

Não para a garota que dormia sobre seus próprios excrementos, nem para a que não podia mover suas extremidades, nem para a que não podia abrir a boca a menos que a descosturasse, nem para a que não podia piscar sem que o agudo fio da folha lhe cortasse os diminutos pontos.

A segunda Lucy viu uma escapatória; assim que tivesse a mais mínima oportunidade, fugiria. Fugiria em busca de sua liberdade. arrastaria-se engatinhando se fazia falta para chegar a casa. reuniria-se com seus pais. Encontraria ao Henry. Iriam à polícia. Conseguiria separar do colchão e retornar a casa.

Patty Hearts era uma zorra estúpida. Estava encerrada em um armário, mas ninguém a retinha. Teve sua oportunidade. apresentou-se no banco com um rifle, gritando tolices sobre o SLA, quando podia ter pego a porta e pedir ajuda.

Se ela tivesse um rifle, usaria-o para lhe voar a cabeça a esse tipo. Amassaria-lhe o crânio com a culatra. Colocaria-lhe o canhão pelo culo. E ria quando visse como lhe saltavam os olhos e o sangue lhe saía da boca.

E logo procuraria a essa doutora que tinha saído na rádio e lhe diria que estava completamente equivocada. Patty Hearst não esteve indefesa. Poderia ter escapado. Poderia ter posto-se a correr em qualquer momento.

Mas pode que a doutora lhe respondesse que ela tinha algo do que carecia Patty Hearts.

Lucy já tinha deixado de estar sozinha. Não necessitava nem ao Bobby, nem ao Fred, nem ao Juice, nem a seu pai, nem sequer ao Henry. Ela já não media o passado do tempo pelo morno calor do sol sobre sua cara nem pela mudança de temperatura que chegava com a estação nova. Ela não media o passado do tempo em dias, a não ser em semanas, em meses e pelo inchaço de sua barriga.

Podia ocorrer em qualquer momento.

Lucy ia ter um filho.

11. Em 1974, o Exército Simbiótico de Liberação seqüestrou ao Patty Hearts. identificou-se com o grupo que a seqüestrou e se dedicou a fazer propaganda e atividades ilegais. Foi sentenciada a prisão em um julgamento que se considerou muito injusto. O presidente Bill Clinton a indultou.

Capítulo dezoito

Segunda-feira 14 de julho de 1975

O capitão Bubba Keller era um dos amigos com os que Duke jogava pôquer, o que significava que talvez levava a engomar sua bata branca à tinturaria onde tinha morrido a mãe da Deena Coolidge. Provavelmente, sua esposa a levaria, e ele não saberia nem quem a lavava.

Amanda nunca tinha dado muita importância à filiação de seu pai ao Klan. O Klan ainda continuava controlando o Departamento de Polícia de Atlanta quando ingressaram Duke Wagner e Bubba Keller. Formar parte da organização era obrigatório, assim como emprestar serviços na Ordem Fraternal da Polícia. Nenhum dos dois se negou. Tinham ascendência alemã. Ambos ingressaram na armada com a esperança de que os enviassem ao Pacífico e não tivessem que combater na Europa. Os dois levavam o cabelo talhado ao estilo militar, as calças com a raia bem marcada e a gravata impecavelmente atada. Eram homens que assumiam o controle das coisas, que abriam a porta às mulheres, que protegiam aos inocentes e castigavam aos culpados, que sabiam a diferença entre o bem e o mal.

Quer dizer, que sempre tinham razão e que sabiam que todos outros estavam equivocados.

A finais dos anos sessenta, o chefe de polícia Herbert Jenkins tinha expulso ao Klan do corpo, mas a maioria dos homens com os que Duke jogava pôquer ainda seguiam filiados. Por isso Amanda sabia, pertencer a essa organização consistia exclusivamente em sentar-se e queixar-se do muito que tinham piorado as coisas. Falavam dos velhos tempos, e de quão bem estavam as coisas antes de que os negros o arruinassem tudo.

O que não reconheciam é que as coisas que resultavam malotes para eles eram boas para todo mundo. Durante os últimos dias, Amanda tinha pensado em várias ocasiões que não havia nada pior que quando a injustiça chamava a sua própria porta.

Tratou de vê-lo com perspectiva enquanto entrava na prisão de Atlanta. O capitão Bubba Keller estava orgulhoso de seu posto, apesar de que o edifício na Decatur Street estava em um estado ruinoso, pior que algo que pudesse ver-se na Attica. Os morcegos penduravam do teto, o telhado tinha goteiras, o chão de cimento estava esmiuçado. Durante o inverno, aos prisioneiros lhes permitia dormir nos corredores por medo de que muriesen de frio nas celas. No ano anterior tinham tido que levar a um homem ao Grady porque lhe tinha atacado um rato. O animal lhe arrancou a maior parte do nariz antes de que os funcionários conseguissem matá-la com uma vassoura.

O mais surpreendente da história não é que houvesse uma vassoura no cárcere, mas sim o funcionário notasse que algo estava ocorrendo. A segurança estava deixada da mão de Deus. A maioria dos homens chegavam bêbados a trabalhar. Os intentos de fuga eram uma rotina, um problema que se agravava ainda mais porque a Secretaria estava se localizada ao lado das celas. Amanda tinha ouvido contar histórias horrorosas às datilógrafas, de como os

violadores e os assassinos passavam ao lado de suas mesas procurando a porta principal.

-Senhora disse um agente, que se golpeou o chapéu em sinal de saudação quando a viu subir as escadas.

O homem respirou uma baforada de ar fresco enquanto se dirigia à rua. Amanda pensou que ela faria outro tão quando saísse desse lugar. O aroma era tão horrível como o dos subúrbios.

Sorriu ao Larry Pearse, que controlava a habitação de pertences detrás de uma porta gradeada. Lhe piscou os olhos um olho enquanto lhe dava um sorvo a uma cigarreira. Amanda esperou a estar nas escadas para olhar o relógio. Ainda não eram as dez da manhã. Provavelmente, a metade do cárcere tinha as luzes acesas.

O runrún das máquinas de escrever aumentou quando se aproximou da Secretaria. Esse tinha sido o trabalho de seus sonhos, mas agora não podia imaginar-se sentada todo o dia detrás de uma mesa. Nem tampouco trabalhando para a Bubba Keller. Era lascivo e grandilocuente, duas características que não tratava de ocultar diante dela, apesar de ser um dos melhores amigos do Duke.

Freqüentemente se perguntava o que aconteceria se dissesse a seu pai que Keller lhe havia meio doido o peito mais de uma vez, que a tinha empurrado contra a parede e lhe tinha sussurrado coisas obscenas no ouvido. A Amanda gostava de imaginar que seu pai se zangaria, que romperia sua amizade com ele, que lhe pegaria um murro no nariz. Entretanto, sabia que talvez não fizesse nada de todo isso, por isso era melhor não dizer nada.

Como esperava, ouviu a voz do Keller por cima do murmúrio das máquinas de escrever. Seu escritório estava

em frente da Secretaria, que era grande e aberta.

Havia umas sessenta mulheres sentadas em fileiras de mesas, datilografando diligentemente, simulando que não podiam ouvir o que estava acontecendo a escassos metros.

Holly Scott, a secretária do Keller, estava na entrada de seu escritório. Era o bastante inteligente como para não passar da soleira. Keller tinha a cara vermelha de raiva. Levantou os braços, mas logo baixou uma mão e atirou todos os papéis ao chão.

-Que narizes tem feito! gritou Keller. Holly murmurou algo, mas ele agarrou o telefone e o estampou contra a parede. O estuque se descascou, salpicando uma chuva de pó branco. Limpa este desastre! -ordenou antes de agarrar o chapéu e sair do escritório. deteve-se o ver a Amanda: Que coño faz aqui?

Não teve que pensar para inventar uma mentira.

-Butch Bonnie me disse que devesse comprovar...

-Não me importa um carajo -interrompeu. Espero que não esteja aqui quando retornar.

Amanda o viu partir. Era a viva imagem de um elefante em uma cacharrería. Empurrava as mesas, atirava os montões de papéis. Havia sessenta mulheres sentadas a suas mesas, datilografando e tentando que não se fixasse nelas.

Houve um suspiro coletivo quando saiu da sala. As máquinas de escrever se detiveram por um momento. ouviram-se alguns gritos procedentes das celas.

boa noite, Irene disse Holly.

Responderam com algumas risitas. As secretárias reataram seu trabalho. Holly fez um gesto a Amanda para que entrasse no escritório do Keller.

-Deus santo disse Amanda, o que passou?

Holly se agachou para recolher uma garrafa rota do Old Dêem.

-Simplesmente, me neguei a fazer o que me pedia.

Amanda se agachou para ajudá-la a recolher os papéis pulverizados.

por que?

-Estamos tentando datilografar o novo manual do Reggie para levá-lo a imprensa disse Holly atirando a garrafa rota no cesto de papéis. Estamos a batente de trabalho e nos jogou o tempo em cima. Keller tem aos altos cargos lhe pressionando.

-E o que?

-Porque, mesmo assim, acreditava que era o momento mais adequado para me chamar ao escritório e me pedir que lhe ensine as tetas.

Amanda suspirou. Conhecia de sobra essa sensação. Normalmente ia seguida de uma risada perturbadora e um sobeteo.

-E?

-Disselhe que ia apresentar uma queixa contra ele.

Amanda recolheu o telefone. O plástico estava rachado, mas ainda funcionava.

-Seria capaz disso?

-Provavelmente, não -admitiu Holly. Mas meu marido me disse que, a próxima vez que o tentasse, agarrasse a bolsa e me partisse.

-E por que não o tem feito?

-Porque esse gilipollas está a ponto de palmarla de um ataque ao coração e eu quero lhe sobreviver. -Agarrou o resto dos papéis. Sorriu. Por certo, o que faz aqui?

-Preciso falar com um detento.

-Branco ou negro?

-Negro.

-Melhor, porque temos uma epidemia de piolhos. -Todo mundo sabia que os negros não agarravam piolhos. Keller vai ter que voltar a fumigar com o DDT. É

a terceira vez este ano. O aroma é horrível. -Holly agarrou uma caneta do escritório e o pôs sobre uma folha de papel. me Diga o nome da garota.

Amanda notou que se o agarrotava a garganta.

-É um homem.

Holly soltou a caneta.

-Quer entrar aí e falar com um negro?

-Com o Dwayne Mathison.

-Deus santo, Mandy. Está louca? matou a uma mulher branca. Confessou-o.

-Solo necessito uns minutos.

-Não. -Holly negou com a cabeça. Keller me mataria. E com razão. Jamais ouvi uma estupidez semelhante. Para que demônios quer falar com ele?

Não era a primeira vez que Amanda pensava que deveria ter planejado suas respostas.

-É por um de meus casos.

-Que caso?

Holly se sentou no escritório para pôr em ordem os papéis. Havia duas garrafas mais de uísque sobre o caderno de anotação, uma delas quase vazia. O copo de cristal esmerilhado que havia entre elas tinha um círculo permanente, pois Keller não deixava de preenchê-lo durante todo o dia. Na madeira do escritório se via o desenho de um pênis e um par de tetas.

Holly olhou a Amanda.

-O que acontece?

Amanda aproximou outra cadeira, como tinha feito Trey Callahan essa mesma manhã na Union Mission. sentou-se frente a Holly. Seus joelhos quase se tocavam.

desapareceram algumas garotas.

Holly deixou de ordenar os papéis.

-Crie que esse fanfarrão as matou?

Amanda não mentiu de tudo.

-É possível.

-Deve dizer-lhe ao Butch e Rick. É seu caso. E sabe que se inteirarão disto. ficou uma mão no coração e levantou a outra, como se estivesse jurando lealdade.

Não se inteirarão nem por mim nem pelas garotas, mas já sabe que aqui se sabe tudo.

-Sei.

Não havia nada mais normal no corpo de polícia que a fofoca.

-Mandy disse Holly movendo a cabeça, como se não pudesse entender o que lhe tinha passado a seu amiga. por que quer te colocar em problemas?

Amanda a olhou. Holly Scott tinha o corpo magro de uma bailarina. Ela mesma se alisava o cabelo. Sua maquiagem era perfeita. Sua pele também. Inclusive baixo aquele calor tão sufocante, podiam-na fotografar para um anúncio de uma revista. Seguro que, na hora de contratá-la, Keller tinha tido mais em conta isso que o fato de que pudesse tomar ditados quase perfeitamente e fosse capaz de datilografar cento e dez palavras por minuto.

Amanda se girou e fechou a porta. seguia-se escutando às datilógrafas, mas isso lhe dava uma sensação de confidencialidade.

-Rick Landry me ameaçou. -Não gostou de misturar a Evelyn nisso, mas disse a verdade quando acrescentou: Me chamou zorra diante de meu chefe. Humilhou-me.

Disseme que devia permanecer à margem de... seu caso.

Holly apertou os lábios.

-Lhe vais fazer conta?

-Não. Estou cansada de fazer o que me pedem. Cansada de lhes ter medo e de cumprir suas ordens, quando o faço melhor que eles.

Disse-o tranqüilamente, mas em suas palavras se apalpava um ar de rebeldia.

Nervosa, Holly olhou por cima do ombro da Amanda. Temia que a ouvissem, formar parte disso, mas, mesmo assim, perguntou: estiveste alguma vez nas celas dos homens?

-Não.

-É horrível. Muito pior que as das mulheres.

-Imagino.

-Ratos, sedimentos, sangue.

-Não exagere.

-Keller ficará furioso.

Amanda se encolheu de ombros.

-Bom, talvez assim lhe dê o ataque ao coração que tanto desejas.

Holly a olhou fixamente durante um bom momento. Seus olhos brilhavam por umas lágrimas que não terminavam de cair. Estava assustada de verdade. Amanda sabia que tinha um filho e um marido que desempenhavam dois trabalhos para poder viver em um bairro residencial. Holly ia à faculdade de noite, ajudava na igreja os domingos e colaborava voluntariamente na biblioteca. E trabalhava ali

cinco dias à semana, suportando as insinuações e as proposições do Keller porque a Prefeitura era o único lugar que aplicava essa lei federal que obrigava a pagar o mesmo salário às mulheres que aos homens.

Holly continuou olhando-a enquanto agarrava o telefone do escritório do Keller. Pôs o dedo no disco. A mão lhe tremia ligeiramente. Não teve que olhar para marcar o número. Ela mesma se encarregava de fazer as chamadas para o Keller. Guardou silêncio enquanto esperava a que respondessem.

-Martha. Sou Holly, do escritório do Keller. Necessito que translate um prisioneiro à cela de trânsito.

Amanda a observou atentamente enquanto Holly transmitia a informação relacionada com o Dwayne Mathison. Teve que procurar entre os papéis que havia no escritório do Keller para encontrar sua ata de detenção, a qual tinha seu número de inscrição. Suas mãos se tranqüilizaram ao realizar essas tarefas tão cotidianas para ela.

Tinha as unhas curtas e pintadas com esmalte transparente, como as da Amanda, e a pele quase tão branca como a do Jane Delray, embora, é óbvio, sem marcas de nenhum tipo. Viu suas veias azuladas no reverso de sua mão.

Amanda se olhou suas próprias mãos, posadas sobre seu regaço. Tinha as unhas bem cortadas, embora, a noite anterior, não se tinha incomodado em pintar-lhe. Tinha arranhões em um dos lados da palma, mas não recordava como os tinha feito. Possivelmente se tivesse arranhado enquanto limpava. Havia uma peça de metal que se sobressaía do refrigerador que sempre o fazia danificar ao limpá-lo.

Holly pendurou o telefone.

-O vão transladar. Será questão de dez minutos. deteve-se. Já sabe que posso lhes voltar para chamar e anulá-lo. Não há necessidade de que siga com isto.

Amanda estava pensando em outras coisas.

-Posso utilizar o telefone enquanto espero?

-É óbvio. -Holly resmungou enquanto desprendia o auricular. Estarei fora. Aviso-te quando estiver tudo preparado.

Amanda procurou a caderneta de direções em sua bolsa. Deveria estar assustada. ia se enfrentar de novo ao Juice, mas ver-se os arranhões na mão lhe fez dar-se conta de que tinha que resolver outros temas mais urgentes.

Tinha um cartão no reverso de sua caderneta de direções com os telefones que utilizava mais freqüentemente. Butch omitia constantemente detalhe em suas notas. Tinha que chamar o depósito ao menos uma vez por semana. Estava acostumado a falar com a mulher que se encarregava dos arquivos, mas essa vez perguntou pelo Pete Hanson.

Responderam ao terceiro tom.

-Coolidge.

Amanda pensou em pendurar, mas teve uma sorte de broto de paranóia, como se Deena Coolidge pudesse vê-la. O cárcere estava a poucos passados do depósito.

Amanda olhou nervosamente a seu redor.

-Me diga? disse Deena.

-Sou Amanda Wagner.

A mulher aguardou uns instantes.

-Me diga.

Amanda olhou para a Secretaria. Todas as mulheres estavam ocupadas com seu trabalho, com as costas erguida e a cabeça um pouco inclinada, datilografando as páginas de um manual que provavelmente a metade do corpo utilizaria como papel do váter, e a outra, como alvo.

-Tenho que lhe fazer uma pergunta ao doutor Hanson. Está por aí?

-Está no tribunal, atestando sobre um caso. -Deena deixou de mostrar-se tão receosa e acrescentou: Posso te ajudar em algo?

Amanda fechou os olhos. Tivesse sido mais fácil com o Pete.

-Tinha que lhe perguntar sobre a parte de pele que encontraram nas unhas da vítima. -Amanda se olhou o arranhão que tinha na palma da mão. Me perguntava se...

Não pôde continuar. Possivelmente deveria esperar ao Pete. Provavelmente, estaria em seu escritório ao dia seguinte, e Jane Delray estaria igual de morta.

-Vamos, jovencita disse Deena. Não me faça perder o tempo. Solta-o já.

-Pete encontrou algo nas unhas da garota na sábado.

-Assim é. Tecido epitelial. Deveu arranhar a seu agressor.

-Analisaram-no já?

-Ainda não. por que?

Amanda moveu a cabeça, desejando mimetizar-se com a cadeira. Provavelmente, o melhor seria andar-se sem rodeios.

-Se o agressor era um negro, não seria negra a pele que encontraram em sua unha?

-Hm. -Deena guardou silêncio durante uns instantes. Bom, já sabe, Pete tem essa luz especial. Se a focar sobre uma amostra de pele e tem um tom alaranjado, então é de um negro.

-De verdade? -Amanda jamais tinha ouvido falar disso. Tem feito a prova já? Porque eu acredito que...

Ao princípio pensou que Deena estava chorando, mas logo se deu conta de que se estava rendo tanto que começava a lhe faltar o ar.

-Muito gracioso respondeu Amanda. vou pendurar.

-Não, espera disse Deena, que continuava renda-se, embora tratava de controlar-se. Não pendure. -Continuou renda-se. Amanda olhou o escritório do Keller.

O cinzeiro estava repleto de bitucas. Sua taça de café, manchada de nicotina. De acordo -acrescentou, e começou a rir de novo.

-Bom, vou pendurar.

-Não, espera. -Deena tossiu várias vezes. Já estou bem.

-Eu sozinho tenho feito uma pergunta sincera.

-Sei, carinho. -Voltou a tossir. Escuta, viu esse anúncio da loção Pura e Singela em que aparecem as diferentes capa da pele?

Amanda não sabia se estava brincando de novo.

-Falo a sério, garota. me escute.

-De acordo. Sim, vi o anúncio.

-A pele tem três capas, basicamente, verdade?

-Sim.

-Normalmente, se arranha a alguém, arranca-lhe a epiderme, que é branca, seja qual seja a raça a que pertença. Para obter a capa pigmentada, tem que lhe arranhar até a hipodermis, o que significa que tem que lhe cravar as unhas o bastante fundo como para que sangue. Então não haveria uma parte pequena de pele na unha, a não ser um de um tamanho considerável.

Amanda observou que utilizava o mesmo tom profissional do Pete em suas explicações.

-Então, não há forma de saber se a garota da sexta-feira arranhou a um agressor negro ou branco?

Deena ficou em silêncio de novo, embora já não ria.

-Está falando do fanfarrão esse que prenderam por matar à garota branca, não?

Amanda viu um funcionário aproximar-se até a mesa do Holly. Era um homem desajeitado, com um bigode grande e o cabelo moreno. Lhe fez um gesto para lhe indicar que Juice estava preparado.

-Amanda disse Deena. Estou falando a sério. Mais vale que pense o que faz.

-Acreditava que estaria disposta a ajudar a um de sua mesma espécie.

-Esse assassino bode não tem nada que ver comigo. -Logo baixou a voz e acrescentou: O único que me interessa é conservar a cabeça em cima dos ombros.

-Bom, obrigado por responder a minha pergunta.

-Espera.

Holly lhe fez um gesto de urgência. Provavelmente, temia que Keller retornasse. Amanda levantou a mão para lhe indicar que esperasse um instante.

-Me diga.

-Tome cuidado. As pessoas que agora lhe protegem serão as mesmas que, logo, quando souberem o que está fazendo, lhe jogarão em cima.

Houve um prolongado silêncio. Ambas refletiram sobre isso.

-Obrigado disse Amanda, que não quis interpretar a maneira tão brusca com a que se despediu Deena.

Pendurou o telefone. O coração lhe pulsava com força. Ela tinha razão. Duke ficaria furioso se soubesse o que estava fazendo. Ao igual a Keller, Butch, Landry e, possivelmente, Hodge. E também toda a gente do departamento se soubesse que estava ajudando a que um homem negro saísse do cárcere. Um homem negro que já tinha confessado ter cometido o assassinato.

Holly se aproximou da porta.

-Date pressa, Mandy. Phillip te vai acompanhar e ficará contigo. -Baixou a voz. Não dirá nada.

Amanda sentiu a necessidade de sair fugindo. Sua coragem subia e baixava como o pistão de um motor.

-Estou preparada.

Levantou-se da mesa. Esboçou um sorriso quando Phillip entrou no escritório. Tinha posto o uniforme azul marinho dos funcionários da prisão, um chaveiro pendurando de um lado do cinturão e um porrete no outro.

Era mais jovem que Amanda, mas lhe falou como se fosse uma menina.

-Está segura de que quer fazê-lo, garota?

A Amanda lhe fez um nó na garganta. Desejava que Evelyn estivesse com ela, apoiando-a. Logo se sentiu culpado, porque ela se levou a pior parte da cólera, e não só do Rick Landry, mas sim do Butch e de quem a tivesse transladado a Model City.

Pode queDeena tivesse razão, e a gente fosse mais cuidadosa com a Amanda porque tinham medo do Duke. Por isso, pensou, em lugar de ter também medo dele, deveria aproveitar-se, ao menos enquanto pudesse.

-Não estou segura de que nos conheçamos disse Amanda dirigindo-se para o homem com a mão estendida. Sou Amanda Wagner, a filha do Duke.

Phillip olhou ao Holly, e depois a Amanda enquanto estreitava a mão.

-Sim, conheço o Duke.

-É amigo da Bubba.

Amanda nunca chamava o Keller por seu nome, mas o funcionário não tinha por que sabê-lo. Agarrou a bolsa da cadeira e começou a procurar uma nova caneta e uma caderneta que havia trazido de casa. Deu-a bolsa ao Holly.

-Importa-te me guardar isso.

Holly a observou enquanto Amanda saía do escritório. Ela tratou de manter o passo firme ao passar pela Secretaria. O constante estalo continuado das máquinas de escrever parecia ir acorde com o batimento do coração errático de seu coração, mas seguiu caminhando. Entrar na prisão era parecido a ir à piscina. Ou te coloca e agüenta a primeira impressão da água, ou vai colocando pouco a pouco enquanto a carne te põe de galinha e lhe tocam castanholas os dentes.

Amanda entrou de sopetón.

Apoiou-se no corrimão ao baixar as escadas. Não esperou a que Phillip lhe abrisse a porta. Empurrou-a com a palma da mão. As celas. Holly estava no certo quando disse que a seção de homens era muito pior que a das mulheres. Havia enormes gretas nas paredes. As pombas arrulhavam nas vigas; seus sedimentos cobriam todo o chão. Passou por cima de um bêbado que estava apoiado na parede. Ignorou os assobios e as olhadas. manteve-se erguida, com o olhar à frente, até que Phillip falou.

-Está à esquerda.

Amanda se deteve diante da porta. Alguém tinha utilizado uma navalha para gravar interrogação na grossa capa de

pintura. Havia uma janela quadrada à altura dos olhos, embora apenas se podia ver nada de quão suja estava.

Phillip agarrou o molho de chaves e procurou a correta. cambaleou-se um pouco, obviamente porque tinha bebido. Ao final, encontrou a chave, meteu-a na fechadura e empurrou a porta. Amanda se girou, lhe impedindo o passo ao interior.

-Entrarei sozinha disse.

Ele se Rio, mas logo viu que falava a sério.

-Está louca?

-Chamarei-te se te necessito.

-Então não terei bastante tempo. -Assinalou a porta. O ferrolho se torna quando fecha a porta. Posso deixá-la entreabrida, assim...

-Obrigado.

Utilizou uma estratégia do Rick Landry: aproximar-se dele e lhe obrigar a retroceder sem lhe tocar. Quão último viu do Phillip foi sua expressão consternada quando ela fechou a porta.

O ruído do fecho retumbou na habitação. Viu fugazmente o chapéu azul do funcionário, solo o bordo, mas nada mais.

Logo se deu a volta.

Dwayne Mathison estava sentado à mesa. Tinha uma vendagem ensangüentada ao redor da cabeça; um dos olhos, arroxado; e o nariz, rota. Tinha jogado a cadeira para trás, por isso quase tocava a parede. Amanda viu que

levava a mesma roupa que na semana anterior, embora agora a tinha manchada de sangue e imundície. Tinha as pernas separadas. Um de seus braços pendurava por detrás do respaldo da cadeira e seus dedos quase lhe chegavam ao chão. Viu a tatuagem do Jesucristo que levava no peito, o lunar de sua bochecha, o ódio em seus olhos.

-Que coño faz aqui, zorra?

Era uma boa pergunta. Amanda jamais tinha entrevistado a um suspeito em uma sala de interrogatórios. Normalmente, o fazia em casa do suspeito, com seus pais na habitação, e às vezes inclusive com um advogado presente. Os moços sempre se mostravam arrependidos e assustados ao ter que falar com um agente de polícia, mas se sentiam mais cómodos se era uma mulher. Seus pais lhe prometiam que não voltaria a acontecer, suas mães faziam comentários lascivos sobre a garota que lhes tinha denunciado e, por regra general, ao cabo de menos de uma hora, o moço seguia com sua vida normal.

Então, o que estava fazendo ali?

Amanda se levou a caderneta ao peito, mas logo se arrependeu do gesto. Juice poderia pensar que o estava tampando. Acreditaria que estava assustada. Ambas as coisas eram certas, mas não podia mostrar-lhe. Baixou os braços enquanto se aproximou até a mesa. A habitação era muito pequena, apenas uns metros. Agarrou a cadeira vazia e se sentou. Juice a olhava igual a um animal observa sua presa. Amanda aproximou a cadeira, embora cada músculo de seu corpo ansiava sair fugindo.

Em questão de segundos, ele podia lhe dar a volta à mesa e lhe romper o pescoço, ou propinarle um murro, ou golpeá-la, ou tratar de violá-la de novo. Amanda sempre tinha

pensado que se algo mau lhe acontecia, como, por exemplo, que um homem entrasse em seu apartamento de noite ou alguém a atacasse em um beco, não poderia gritar. E não o tinha feito quando Juice a ameaçou. Gritaria agora se a atacava? Ouviria-lhe Phillip? E se o fizesse, encontraria a chave antes de que acontecesse o pior?

Amanda não podia produzir bastante saliva para tragar. Abriu a caderneta.

-Senhor Mathison, confessou você o assassinato do Lucy Bennett?

Ele não respondeu.

Caía água de um buraco que havia no teto. As gotas tinham terminado por encharcar o chão. Havia um rato morto em um rincão, com o pescoço quebrado por uma armadilha. As esquinas estavam infestadas de telarañas. Cheirava a suor e a urina seca.

-Senhor Math...

-Mm-mm respondeu Juice passando-a língua pelo lábio superior. Ainda eu gosto. -Estalou a língua. Deveria te haver pilhado quando tive a oportunidade.

De forma incongruente, Amanda notou que um sorriso vinha aos lábios. Podia ouvir a voz da Evelyn, a forma em que lhe imitou quando estavam no Varsity.

Empregou um tom surpreendentemente brusco quando disse:

-Bom, perdeu sua oportunidade. -Amanda abriu a caderneta e tirou a caneta para poder tomar notas. O que aconteceu com Jane Delray?

Juice fez um ruído entre um grunhido e um gemido.

por que me pergunta por essa puta?

-Porque quero saber onde está.

Levantou a mão por cima da cabeça e assobiou como uma bomba atirada por um avião enquanto a deixava cair sobre a mesa.

Amanda olhou sua mão. Tinha dois dedos unidos por um esparadrapo. Não tinha arranhões nas mãos nem nos braços.

-Confessou ter matado ao Lucy Bennett.

-Fiz-o para me liberar da cadeira elétrica.

-A pena de morte já não é legal.

-Disseram-me que a implantariam de novo solo para mim.

Dadas as circunstâncias, a Amanda não sentia saudades que o Estado o tentasse. Todo mundo sabia que era questão de tempo que voltasse a estar vigente.

-Ambos sabemos que você não matou a essa mulher.

-Oxalá o tivesse feito.

por que não o fez?

por que coño está aqui, cadela? por que se preocupa o que acontecer com um negro?

-A verdade é que não me preocupa. -Amanda ficou surpreendida por suas próprias palavras. Me preocupo com as garotas.

-Porque são brancas.

-Não. -Uma vez mais lhe disse a verdade. Porque são garotas, e ninguém se preocupa delas.

Olhou-a. Não se tinha dado conta de que até esse momento ele tinha estado evitando seu olhar. Amanda lhe devolveu o olhar, perguntando-se se era a primeira mulher que tinha o valor de fazer isso. Devia ter uma mãe em algum lugar. Uma irmã. Não podia violar e caçoar a todas as mulheres que lhe pusessem por diante.

Juice pôs a mão na mesa. Amanda não apartou o olhar, mas ele sim.

-É como ela disse.

-Como quem?

-Como Lucy. -Seguiu dando golpecitos com os dedos na mesa. Era forte, muito forte. Eu a dobrei, mas ela sempre se rebelava.

-Kitty também era assim?

-Kitty. -Bufou. Essa zorra quase pode comigo, entende o que digo? Tive que lhe pegar e mantê-la a raia. -Assinalou a Amanda. Quando leva muito tempo trabalhando com garotas, sabe que a mais forte é a mais leal. Quão único tem que fazer é enrolá-la.

-Terei-o em conta se alguma vez dito me converter em fanfarrão.

Ele pôs as Palmas das mãos na mesa e se inclinou para diante.

-Contigo posso fazer o mesmo. me dê cinco minutos e verá como te ponho esse culito branco. -Começou a dar investidas com seus quadris, as fazendo chocar contra a mesa. Te colocaria a mão nesse suculento coñito branco até que te fizesse chiar. -Golpeou a mesa com mais força, acompanhando cada aposta com um gemido.

Era um som gutural que lhe permitiu ver os moratones que tinha no pescoço.

-Estrangularia-me?

com certeza que sim, zorra. -Empurrou uma vez mais a mesa. Te apertaria o pescoço até que te deprimisse.

-Você gosta que lhe estrangulem?

-E uma mierda. -Cruzou os braços sobre o peito. Tinha uns enormes bíceps. Ninguém tem cojones de me estrangular.

Amanda recordou algo que Pete lhe havia dito no depósito.

-Mijou-te em cima?

-Eu não me mijo em cima respondeu levantando o queixo em atitude defensiva. Quem te há dito isso?

Amanda esboçou um sorriso petulante. Tinha conseguido lhe humilhar sem nem sequer tentá-lo.

-Sim, o fez.

Ele olhou à parede.

-O apartamento que há no Techwood é do Kitty, verdade?

Juice não respondeu.

-Posso me passar aqui todo o dia disse ela, e nesse momento se sentiu capaz de fazê-lo. Bubba Keller a teria que tirar rastros dessa habitação. ficaria ali sentada olhando a esse fanfarrão repugnante todo o tempo que quisesse. O apartamento no Techwood pertencia ao Kitty, não?

Juice pareceu dar-se conta de sua determinação.

-Era um sítio que as garotas usavam para trabalhar por sua conta. Ela lhes cobrava uma percentagem. Tive que lhe parar os pés.

Amanda não podia imaginar a uma mulher lhes cobrando uma renda às putas, mas nos últimos dias sua perspectiva do mundo se ampliou grandemente.

-Me fale do Hank Bennett.

-O que te há dito?

-Você me fale dele.

-O muito gilipollas se apresentou em minha esquina me dando ordens. -Tinha o punho apertado quando golpeou a mesa. Alguém tinha que lhe parar os pés.

-Quando ocorreu isso?

-E eu o que sei, zorra. Não levo um jornal.

Amanda desenhou uma raia oblíqua no papel. Se lhe dessem um dólar por cada vez que um homem a tinha chamado “zorra” nos últimos dias, poderia aposentar-se.

foi verte antes ou depois de que Lucy desaparecesse?

Tirou a língua enquanto refletia.

-Antes. Sim, foi antes. A muito puta desapareceu uma semana ou dois depois. Pensei que ele a tinha levado. Lucy falava dele todo o tempo.

Amanda estava um pouco oxidada de não tomar notas, mas não demorou para recuperar suas habilidades.

-Então, Hank Bennett foi verte antes de que desaparecesse Lucy? -Outra mentira do advogado. O que queria?

-Disse-me o que devia fazer. O muito casulo deveria estar contente de que não lhe chutasse seu culito branco.

-Fazer o que?

-Que me desentendesse do Kitty. Disse que me daria dinheiro se deixava de lhe dar cavalo.

Amanda pensou que não tinha ouvido bem.

-Ao Kitty? Querera dizer ao Lucy.

-Que não, zorra. Era com o Kitty com quem queria falar. O tio estava encaprichado com ela.

por que ia se interessar Hank Bennett pelo Kitty?

Ele se encolheu de ombros, mas respondeu:

-Seu papáito é um advogado muito importante. Repudiou a muito puta quando se inteirou de que trabalhava para mim. -Esboçou um sorriso morbosa para assegurar-se de que Amanda entendia o que queria dizer. Ela tinha outra irmã em algum sítio. Era a buenecita. Kitty, sempre a má.

-O pai do Kitty é Andrew Treadwell.

Ele assentiu.

-Vejo que vai pilhando, zorra. Não lhe havia isso dito já o prefeito?

Amanda revisou as notas.

-Hank Bennett te ofereceu dinheiro para que deixasse de dar heroína ao Kitty.

por que coño repete tudo o que digo?

-Porque não tem sentido -admitiu Amanda. Hank Bennett te busca para te perguntar sobre o Kitty. Não te pergunta sobre sua irmã? Não te diz que quer vê-la?

-Juice negou com a cabeça. Não lhe preocupa Lucy? -O tipo repetiu o gesto. E uma semana depois desaparece Lucy?

-Exato, uma semana depois desapareceu Kitty disse estalando os dedos.

Amanda recordou as palavras do Jane. "Simplesmente, desapareceram."

-Isso.

-E o que passou com a Mary?

-A muito puta também desapareceu bufou. Uns três meses depois. Levava muito tempo sem perder tantas garotas de repente. Normalmente, outro fanfarrão me tenta tirar isso.

perdeste três garotas em poucos meses. -Amanda não estava perguntando, a não ser tratando de compreender o que tinha passado. Alguma vez viu o Lucy com uma carta de seu irmão?

Assentiu bruscamente.

-Levava-a na bolsa.

-Sabe ler?

-O que te acreditaste, zorra, que sou um analfabeto?

Amanda esperou.

-Tolices como que a sentia falta de, quando eu sabia que não era assim. Que queria reunir-se com ela. -Juice tamborilou a mesa com os dedos. E uma mierda.

Se a tivesse querido ver, poderia haver ficado em minha esquina cinco minutos mais. Disselhe que viria.

Amanda anotou o que dizia enquanto tratava de pensar na seguinte pergunta.

-Havia alguém por ali que fosse...? -“Aterrador” não era a palavra adequada para um homem como Juice. Alguém que fosse violento ou perigoso? Alguém com quem suas garotas corressem perigo?

-Zorra, eu cobro extra por isso disse sonriendo. Faltava-lhe um dos dentes de diante. Tinha as gengivas em carne viva. Sempre há bodes estranhos por aí soltos. esclareceu-se garganta. Desculpe.

Amanda aceitou a desculpa.

-Como de estranhos?

-Há um tipo ao que gosta de pegar. -Levantou o punho no ar. Amanda deduziu que se referia a golpear às garotas. Há outro que leva uma navalha, mas não faz mal. Nunca a crava a ninguém. Ao menos a folha.

-Alguém mais?

-Há outro tipo alto que dirige o comilão social.

-ouvi falar dele.

-É muito amigo do tipo que leva a Mission.

Ao parecer, Trey Callaham também tinha mentido.

-O tipo sempre vinha de noite, tratando de exortar a minhas garotas.

-O homem do comilão?

Juice assentiu.

-Tinham-lhe medo as garotas?

-Joder. Elas não têm medo de nada quando eu estou perto. Esse é meu trabalho, zorra.

Amanda desenhrou outra raia oblíqua no papel.

-O homem da igreja vinha de noite a sua esquina e tratava de exortar ao Lucy, Kitty e...

-Não. Elas já tinham desaparecido. E Mary também. ergueu-se. Escuta, toda essa mierda da salvação está bem pelo dia, mas não me venha falando do Jesus quando faço meu trabalho. Compreende-me?

-Sim. -Amanda se inclinou para diante. me Diga quem matou ao Jane Delray.

-Me vais tirar daqui?

Amanda começava a dar-se conta de como era o jogo, mas ainda não dominava esse tira e afrouxa. Juice se deu conta por sua expressão.

-Mierda disse tornando-se sobre o respaldo da cadeira. Não pode fazer nada, zorra.

-Se encontro a alguém da Prefeitura que queira falar contigo, dirá-me quem matou ao Jane?

-Outro chochete?

-Não, um homem. Alguém com um cargo importante. - Amanda não conhecia ninguém na Prefeitura, salvo a umas quantas secretárias. Mesmo assim, manteve-se firme e empregou um tom ameaçador quando acrescentou: Mas tem que lhe dizer algo importante. Tem que lhe dar um nome que possa seguir. Em caso contrário, o trato que tem feito com o Butch e Landry não servirá de nada. Prometo-te uma coisa: o estado implantará de novo a pena de morte. Quando seu caso chegue ao Tribunal Supremo, será homem morto.

Ouviram-se uns golpecitos. Sua perna começou a mover-se acima e abaixo. O salto de seu sapato de verniz repicava no cimento.

-Já tenho feito um trato. E confessei.

-Isso não importa.

-O que quer dizer?

-Que confessaste ter matado ao Lucy Bennett, não ao Jane Delray. Quando lhes disser que cometeram um engano... - Se encolheu de ombros. Espero que se lembrem de te barbear a cabeça antes de te pôr a boina de metal.

Juice estava nervoso. Respirava com dificuldade através do nariz rota.

-O que quer dizer, zorra?

-Não ouviste falar do último homem ao que executaram? Seu cabelo começou a arder. O interruptor se esquentou muito e não puderam desconectá-lo. Queimaram-no vivo. As chamas chegaram ao teto. Esteve gritando durante dois minutos antes de que pudessem encontrar a caixa de fusíveis e desconectar a luz.

Juice tragou saliva. A perna lhe tremia tanto que golpeava a mesa com o joelho.

-Me dê um nome, Juice. me diga quem matou ao Jane.

Apertava e afrouxava o punho. A mesa tremeu.

-Me dê um nome.

Juice deu um murro em cima da mesa.

-Não tenho nenhum nome!

Amanda estalou a caneta e fechou a caderneta. Não se tinha estremecido. manteve-se completamente tranqüila, à espera.

-Maldita seja disse Juice com os dentes apertados. Malditas cadelas. Têm-me pilhado por esta mierda.

-Quem queria matar ao Jane?

-Todo mundo. passava-se o tempo criticando, e se buscava muitos inimigos na rua.

-Qualquer poderia havê-la matado?

-Não sem que lhe cortasse o pescoço. A muito cadela levava uma faca na bolsa. Todas o levam, e sabem como utilizá-lo. Não lhes pode dar as costas nem um minuto. São como serpentes.

-Isso resulta gracioso vindo de seu fanfarrão.

Juice não respondeu. Arqueou os ombros e pôs as mãos sobre seu regaço.

-O que disse a outra cadela? Sobre se Kitty conhecia prefeito? Crie que lhe pode jogar um cabo a um irmão? Pode me tirar desta mierda?

-Já te hei dito que, se me disser a verdade, possivelmente possa te ajudar.

Ele a olhou, de cima abaixo, como se estivesse lendo um livro.

-Joder balbuciou. Crie que lhe escutarão? -levantou-se da mesa. O corpo da Amanda ficou tenso, mas permaneceu quieta enquanto ele se aproximava. Olhe a seu redor, zorra disse elevando as mãos. Preferirão deixar que um homem negro dirija este mundo antes que permitir-lhe a uma mulher.

Amanda apareceu na porta principal da casa da Evelyn com uma garrafa de vinho na mão. Não era dos baratos, mas não sabia se o preço tinha algo que ver com a qualidade. Uma vez mais se sentia desconjurado, especialmente quando Kenny Mitchell abriu a porta.

O tipo esboçou um amplo sorriso. Tinha uns dentes perfeitos. Seu rosto era perfeito. Não trocaria nada dele. E não é que fora a ter tal oportunidade.

-Amanda disse.-me alegro de verte.

Aproximou-se para beijá-la, mas ela, sem pensá-lo, retrocedeu.

-OH disse.

Logo avançou, mais como um pato que esconde a cabeça que como uma mulher amadurecida. O momento não podia ser mais incômodo, mas Kenny pôs-se a rir, pô-lhe a mão na cara e a beijou na bochecha. Amanda notou o áspero tato de sua pele, os bicudos cabelos de seu bigode. Sua outra mão repousava ligeiramente sobre seu braço.

Uma quebra de onda de calor lhe percorreu o corpo.

-Vamos, passa disse sustentando a porta. Amanda entrou na casa e em seguida se sentiu envolta pelo ar fresco. É agradável, verdade? -Kenny agarrou a garrafa de vinho. movia-se com muita soltura, como um atleta no estádio. Ev está na parte de atrás dormindo ao menino. Sinto te dizer que o aroma tão desagradável que há é porque Bill e eu tentamos preparar o jantar. Sirvo-te uma taça de vinho? - Olhou a garrafa e assobiou fracamente. Um bom vinho. Possivelmente a guarde para mim sozinho.

-De acordo respondeu Amanda, sem saber o que pergunta estava respondendo. Olhou ao chão, surpreendida de que seus pés seguissem ali, que não se estivesse derretendo como uma estúpida adolescente. Como quer.

Kenny pareceu não dar-se conta, ou possivelmente estava acostumado a que as mulheres se comportassem de forma tão estúpida em sua presença. Assinalou o corredor.

-A primeira porta à direita.

Amanda notou seu olhar enquanto se dirigia ao corredor. Por estranho que pareça, pensou no Juice, nas coisas que lhe havia dito sobre seu traseiro. mordeu-se o lábio. por que de todas as coisas que lhe havia dito esse fanfarrão lhe tinha ficado gravada essa em particular? Seguro que Kenny não era assim. Não era grosseiro nem ordinário. Nem tampouco Amanda, por isso não se explicava as imagens tão obscenas que lhe vinham à cabeça enquanto chamava brandamente à porta do dormitório.

-Entra -sussurrou Evelyn.

Amanda abriu a porta. Evelyn estava sentada em uma cadeira de balanço, com o Zeke nos braços. O menino tinha a cabeça arremesso para trás, e um braço pendurando a um dos lados. Tinha o cabelo loiro, as bochechas rosas e um nariz chato. Não era de sentir saudades que Evelyn tivesse um filho tão formoso, nem que sua habitação estivesse tão bem decorada. As paredes de cor azul clara estavam repletas de ovejitas brancas. O berço estava esmaltado de branco brilhante. Os lençóis amarelos faziam jogo com o carpete, que a sua vez o fazia com o abajur que iluminava a habitação.

-Está muito bonita -sussurrou Evelyn.

-Obrigado disse acontecendo-a mão pelo cabelo. O tinha lavado quatro vezes para tirar o fedor do cárcere, e logo se tornou algumas gotas do Chárlie nas bonecas e o pescoço por outras razões.

-Quer que te ajude na cozinha?

-Não. Esta noite se encarrega Bill.

Evelyn resmungou ao levantar-se da cadeira. Balançou ao menino enquanto o levava ao berço. desabou-se sobre o

colchão como uma boneca de trapo. Evelyn atirou dos lençóis e as pregou sobre seus estreitos ombros. Jogou-lhe o cabelo para trás com os dedos. inclinou-se e lhe beijou na bochecha antes de lhe fazer a ela um sinal para partir.

Em lugar de dirigir-se para a cozinha, Evelyn a levou a habitação do lado. Levava um traje de crinolina azul que parecia sussurrar quando caminhava. Acendeu a luz de acima e viu que estavam em um despacho. Havia dois escritórios nas paredes opostas, ambos os muito ordenados. Amanda deduziu que o de metal negro seria o do Bill Mitchell, pois duvidava que utilizasse o escritório branco e elegante de uso rococó com os atiradores de cristal cor rosa. A caderneta da Evelyn estava colocada justo no bordo. Havia uma lista da compra a seu lado. O que destacava por cima de tudo é que o quebra-cabeças estava desdobrado na parede. Tinha utilizado tachinhas para sujeitar os diferentes papéis kraft de cores.

-Pensei que assim seria mais fácil disse aproximando a cadeira do Bill para que Amanda se sentasse. Evelyn tomou assento frente a seu escritório e abriu a gaveta de acima. encontrei isto no Five Points.

Amanda agarrou os carnês: Lucy Anne Bennett, Kathryn Elizabeth Treadwell, Mary Louise Eitel, Donna Mary Halston e Mary Abigail Ellis.

Observou as fotos cuidadosamente e apartou as que pertenciam às duas Marys e ficou com a da Donna Mary Halston.

-Esta se parece com o Kitty e ao Lucy.

-Isso é o que pensei.

-Por isso se vê ele tinha um tipo de garota.

Amanda não tinha pensado nisso, mas tinha sentido. Todos os homens têm um determinado tipo de mulheres que lhes atraem. por que ia ser diferente o assassino?

-Todas parecem garotas muito normais. Nunca saberia a que se dedicavam.

Amanda olhou as fotografias. Pareciam normais. Nada indicava que fossem prostitutas, nada mostrava que tivessem cansado até os níveis mais baixos da depravação para pagar um vício.

Entretanto, o mais surpreendente sua era parecido. Tinham o cabelo loiro e os olhos azuis. Eram altas e magras, com os lábios carnudos e exuberantes, e um olhar expressivo. Não só eram bonitas, a não ser formosas.

-Todas tinham a mesma direção -assinalou Amanda. Techwood Homes. Voltarei a chamar o Pam Canale e ver se pode localizar o apartamento pelo número. Parece-me que pertencia ao Kitty, mas não acredito que nos sirva de muito sabê-lo. -Lhe ocorreu uma idéia. Podemos levar amanhã as fotos de carnê ao Techwood. Como disse, noventa por cento dos que vivem ali são negros. Todo mundo conheceria três garotas brancas.

-De acordo. Fica com elas. -Evelyn agarrou a caderneta do escritório, mas não a abriu. Comprovei todos os arquivos de pessoas desaparecidas. Não havia nada do Lucy ou Jane, mas encontrei um da Mary Halston. Tem uma irmã na Virginia que leva procurando-a mais de um ano.

-Podemos chamá-la disse Amanda guardando as fotos em sua bolsa. Segura que falará conosco.

-Temos que fazê-lo daqui. Se pusermos uma conferência da delegacia de polícia, esfolarãoos.

Sua pele já estava em perigo.

-Há algo mais que te tenha chamado a atenção?

-Comprovei o arquivo de negros mortos disse olhando a caderneta. Nenhum parece quadrar com nosso caso. Mas todas essas garotas desaparecidas..., ao menos vinte, e a ninguém lhe ocorreu fazer nada mais que as colocar em um arquivo.

Moveu a cabeça com lentidão. Amanda se sentiu envergonhada por lhe haver falado disso. Evelyn prosseguiu: -Estão mortas, seqüestradas ou lhes têm feito mal, e ninguém se preocupa, ou ao menos isso parece. Devem ter famílias que as estão procurando, mas logo que há expedientes de mulheres negras desaparecidas. Imagino que suas famílias sabem que isso não importa. Ao menos não... -Sua voz se apagou enquanto abria o caderno.

Anotei todos seus nomes. Não sei por que. Pensei que alguém deveria saber que desapareceram.

Amanda olhou a larga lista de nomes. Todas mortas. E todas tinham acabado em um arquivo que ninguém olhava.

Evelyn soltou um prolongado suspiro. Voltou a pôr o caderno em cima da mesa.

-Como foi no cárcere?

-Foi repugnante. -Amanda procurou em sua bolsa, embora logo que precisava consultar suas notas. Juice confessou ter matado ao Lucy Bennett, mas solo para evitar a pena de morte.

-Não lhe explicou ninguém que já não há pena de morte?

-Disseram-lhe que a imporiam de novo por ele.

-Então suponho que foi muito inteligente por sua parte.

-Se não te importa acontecer o resto de sua vida na prisão. -Amanda abriu o caderno. Me confirmou que Kitty é a filha do Andrew Treadwell.

-Bem disse Evelyn com um sorriso de suficiência. Nossa teoria da ovelha negra era correta.

-Eu não esperaria uma medalha por isso -lhe aconselhou Amanda. Aqui vem a melhor parte: Juice me disse que Hank Bennett foi ver lhe, mais ou menos uma semana antes de que Lucy desaparecesse.

Evelyn soltou um grunhido.

-Joder, esse tio minta mais que fala.

Agarrou a caneta de sua mesa e se levantou para escrever no quebracabeças que havia na parede. “Viu sua irmã uma semana antes de seu desaparecimento”, disse em voz alta enquanto punha essas palavras debaixo do nome do Hank Bennett.

-Que mais te disse Juice?

-Que Hank Bennett lhe pediu que não desse mais heroína ao Kitty.

-Quererá dizer ao Lucy?

-Não, ao Kitty.

Evelyn se girou.

-E por que ia querer Hank Bennett que Juice não desse mais heroína ao Kitty?

Amanda imitou ao sargento Hodge.

-Essa é uma boa pergunta.

Evelyn grunhiu enquanto olhava o quebracabeças.

-Pode que Andrew Treadwell enviasse ao Hank Bennett para desintoxicar ao Kitty.

-É possível.

Evelyn não parecia muito convencida.

-De acordo, provemos uma coisa: Trey Callahan da Union Mission disse que Kitty me sobressaía por cima das demais garotas. Obviamente, pertencia à classe alta. Não seria difícil averiguar quem era sua família. Ao melhor Juice tentou chantagear ao Treadwell, e este enviou ao Hank Bennett para que lhe fizesse o trabalho sujo. -Consultou suas notas. Juice me disse que Bennett lhe ofereceu dinheiro para que não desse cavalo ao Kitty.

Evelyn soltou um prolongado suspiro.

-Então, é que Bennett foi subornar ao Juice pelo Kitty e se encontrou com que sua irmã estava ali?

-Juice me disse que Bennett não chegou a ver o Lucy, mas quem sabe? Todos mintam.

-Assim é. -Evelyn se inclinou e estudou a folha amarela onde tinha desenhado o cronograma. Temos que atualizar isto. Eu me encarrego.

-Obrigado por ficar com o mais difícil. -Amanda revisou suas notas enquanto Evelyn esperava. Vejamos. A carta para o Lucy Bennett chegou a Union Mission.

Tanto Trey Callahan como Juice o confirmaram.

Evelyn agarrou uma nova folha azul, pegou-a na parede e escreveu A CARTA no centro.

-Juice sabe o que dizia a carta?

-Sim. Que queria ver sua irmã, que a sentia falta de. Juice pensou que se tratava de uma fileira de estupidezes.

-Vá, por uma vez estou de acordo com esse fanfarrão.

Amanda continuou:

-Hank Bennett se apresentou na Mission poucos dias depois e falou com o Trey Callahan. Logo, ao pouco, vai ver o Juice em sua esquina, mas, em seu lugar, vá ao Kitty. Diz ao Juice que deixe de passar cavalo ao Kitty, mas não pergunta por sua irmã. -Entrecerró os olhos para ler suas notas. Juice me comentou que disse ao Bennett que esperasse uns minutos porque Lucy estava a ponto de chegar, mas ele não a esperou.

-Possivelmente ver o Kitty fez que procurar o Lucy passasse a um segundo plano.

-Isso parece -assinalou Amanda. Duas semanas depois, Lucy desaparece. E uma semana depois, também Kitty. E, posteriormente, Mary. -Amanda levantou a vista do caderno. Três garotas em questão de poucos meses. Mas por que?

-Diga-me isso e assim posso deixar de escrever.

Evelyn sacudiu a mão antes de terminar a atualização. Ao final, tornou-se para trás e olhou o cronograma. Ambas o fizeram. O quebra-cabeças se estava fazendo maior pelos retalhos de informação que não pareciam ter conexão alguma.

-Dá-me a impressão de que nos escapa algo.

-Vejam os disse Amanda levantando-se. Às vezes, movera ajudava a refletir. Olhem os desta forma: Bennett tentava ficar em contato com sua irmã. Seu pai havia falecido. Sua mãe queria ver sua filha para lhe dizer o ocorrido. Hank sai em busca do Lucy, mas encontra ao Kitty Treadwell.

-Vale.

-Bennett disse que enviou a carta ao Lucy em agosto. Recordo-o porque acabava de graduar-se na Faculdade de Direito e seu pai acabava de falecer. Logo nos disse que era seu primeiro ano como associado no Treadwell-Price.

-Vaaaya -soltou Evelyn alargando a palavra. Agarrou a caneta e escreveu as datas aproximadas. Viu Bennett ao Kitty trabalhando de prostituta na rua e se valeu disso para obter um trabalho no Treadwell-Price? -Sorriu. É uma das melhores escrivãs. E um trabalho assim te soluciona a vida. Posso imaginar facilmente a essa doninha tratando de aproveitar-se da tragédia de sua irmã.

-É óbvio.

Evelyn se tornou sobre o respaldo da cadeira.

-Mas o que tem que ver isso com o Jane Delray? E por que mentiu Bennett sobre sua identificação? Que vontade com a morte do Lucy? Sim! -Agitou a caneta no ar. Um seguro. Estava-o vendo de uma perspectiva equivocada.

Obviamente, não há uma apólice em nome do Lucy. O próprio Bennett nos disse isso; seu pai morre, sua mãe também, por isso os imóveis e qualquer apólice passam em nome dos filhos. ergueu-se na cadeira. Possivelmente Bennett queria ver o Lucy para que renunciasse aos imóveis. Vi um pouco parecido com um dos clientes do Bill o ano passado. O ancião estava louco de arremate. Seus filhos conseguiram que renunciasse a todos seus imóveis.

-A mim, certamente, Hank Bennett me parece todo um oportunista.

-Além, qual seria a outra alternativa? perguntou Evelyn. Que Bennett matou ao Jane Delray? Vimo-lo faz dois dias, e suas mãos estavam completamente podas.

Não tinha os cortes nem os moratones típicos de ter atacado a alguém.

Amanda recordou a parte de pele que encontraram nas unhas do Jane Delray.

-Ela arranhou a seu atacante. Teria alguma marca no reverso de suas mãos, no pescoço ou na cara.

-A não ser que lhe arranhasse no braço ou no peito. Levava um traje de três peças. Quem sabe o que há debaixo? -Evelyn soprou. Não imagino ao Hank Bennett estrangulando a uma prostituta e atirando-a logo do telhado de uma casa no Techwood Homes.

Amanda, entretanto, não sabia do que era capaz esse homem.

-A mim esse homem dá mau espinho.

-E a mim também.

Ambas olharam à parede. Amanda deixou que seus olhos perambulassem pelos diferentes nomes.

-Juice me disse que Kitty alugava seu apartamento a outras garotas.

-Imagino que herdou o espírito empresarial de seu pai.

-O próximo passo e o mais lógico seria interrogar ao Andrew Treadwell e ao Hank Bennett.

-Ou agitar as mãos e sair voando.

-Temos que falar outra vez com o Trey Callahan na Union Mission. Juice me disse que é amigo de quem dirige o comilão social.

Evelyn ficou boquiaberta pela surpresa.

-É minha impressão ou todo mundo nos está mentindo?

-Também enganaram aos homens. Ninguém te diz a verdade se levar uma placa.

-Bom, então devemos lhe dizer a Betty Friedan¹² que por fim obtivemos certa igualdade.

Amanda sorriu.

-Também deveríamos falar com o homem do comilão social.

-Ainda não sabemos quem é o confidente do Butch. Alguém do Techwood identificou ao Jane Delray como Lucy Bennett.

Evelyn agarrou um papel em branco da gaveta de seu escritório.

-De acordo. O primeiro que devemos fazer amanhã é ir a Union Mission, logo ao comilão social e depois ao Techwood para ensinar as fotografias das garotas.

Crie que podemos incluir uma foto do Hank Bennett? -Deu golpecitos com a caneta na mesa. Conheço uma garota no escritório de carteiras de motorista. Seguro que ali poderemos conseguir uma foto dela.

Amanda olhou a seu amiga. Mostrava essa mescla de excitação e determinação que ela mesma tinha sentido durante toda a semana. Trabalhar nesse caso os fazia esquecer do perigo que corriam.

-Hoje duas pessoas trataram que me dissuadir.

-Landry?

-Bom, com ele são três. Referia ao Holly Scott e a Deena Coolidge. Ambos me disseram que era uma loucura fazer isto.

Evelyn se mordeu o lábio. Não precisou acrescentar que pensava que ambos tinham razão.

vamos seguir com isto? perguntou Amanda.

Evelyn lhe devolveu o olhar, em lugar de lhe responder. Ambas sabiam que deviam pôr fim a suas investigações, e o que se jogavam: não só seus trabalhos, a não ser suas vidas e seu futuro. Se as expulsavam do corpo de polícia, ninguém as voltaria a contratar. Seriam umas emparelha.

-Garotas! gritou Bill Mitchell. O jantar está preparado.

Evelyn se levantou. Apertou a mão da Amanda.

-Simula que está deliciosa, seja o que seja.

Amanda não sabia se se referia ao jantar do Bill ou ao embrulho em que se estavam colocando. Em qualquer caso, solo pôde sentir admiração por ela enquanto a seguia pelo corredor. Evelyn era, ou a pessoa mais otimista que tinha conhecido, ou a mais delirante.

-Senhoritas disse Kenny, que estava de pé, ao lado do tocadiscos, com um LP na mão. O que gosta de escutar?

Evelyn sorriu a Amanda enquanto se dirigiam à cozinha e deixou que ela respondesse à pergunta.

Kenny sugeriu:

-Skynyrd? Allman Brothers? Clapton?

Amanda pensou que era melhor tirar-se esse dilema de cima dizendo:

-Lamento dizer que eu sou mais do Sinatra.

-Sabe que fui ver o ano passado ao Madison Square Garden? -Kenny sorriu ao ver sua expressão de surpresa. Fui até Nova Iorque solo para lhe ver. Sentei-me na terceira fila. Subiu ao quadrilátero como um campeão e cantou a pleno pulmão durante horas. -Rebuscou entre os discos e acrescentou: Aqui está. O deixei ao Bill faz seis meses, embora duvide que o tenha escutado. -Mostrou a Amanda a capa do disco: The Main Event. Lleve.

-O jantar se está esfriando disse Bill.

Amanda esperou até que Kenny pôs o disco. Os primeiros compases soaram brandamente pelos altofalantes. Kenny alargou o braço e a escoltou até o comilão.

Evelyn estava sentada no regaço de seu marido. Lhe deu uns tapinhas no traseiro e lhe beijou antes de levantar-se.

-Amanda, o vinho está delicioso disse dando um bom sorvo à taça. Não fazia falta que trouxesse nada.

-Me alegro de que você goste. Tive a impressão de que o homem da loja me estava enganando.

-Estou seguro de que é uma excelente sumiller disse Kenny lhe aproximando uma cadeira.

Amanda se sentou e deixou que a bolsa se deslizasse até o chão. Kenny lhe aconteceu a mão pelo ombro antes de sentar-se em frente de seu irmão.

Amanda se levou a taça à boca e exalou.

-O que estão tramando? perguntou Bill. Devo me preocupar porque vades empapelar a casa com cartolinas de cores?

-Pode respondeu Evelyn arqueando uma sobrancelha e dando outro sorvo à taça de vinho. Estamos levando um caso que provavelmente fará que nos despeçam.

-Então terei mais tempo para estar com minha garota exclamou Bill. Logo que parecia preocupado enquanto punha uma parte de assado com aspecto de estar seco no prato da Evelyn. Lhes estivestes queixando ou causando problemas? -Agarrou outra parte de assado para a Amanda. Ou ambas as coisas?

-Provavelmente, vamos tirar um negro do cárcere disse Evelyn.

Kenny se Rio.

-Vá. Vejo que fazem amigos por toda parte.

-Não o digo em brincadeira respondeu Evelyn terminando a taça de vinho. Esse tipo se chama Juice.

-Como o jogador de futebol americano? -Bill encheu o copo da Amanda e logo o da Evelyn. Correu mil e setecentas jardas no 68.

-Mil setecentas e nove corrigiu Kenny. Correu cento e setenta e uma contra o Ohio State na Rose Bowl.

-Pelo futebol americano disse Bill levantando a taça.

-Isso, isso -acrescentou Kenny fazendo outro tanto. Todos brindaram. Amanda notou uma onda de calor lhe percorrer o corpo. Não se tinha precavido de quão tensa estava até que o vinho começou a relaxá-la.

-Bom, o Juice que não é jogador de rugby se apaixonou pela Amanda disse Evelyn piscando os olhos um olho do outro lado da mesa-Diz que é uma mulher muito bonita.

-Vá, um tipo ardiloso disse Kenny fazendo um gesto a Amanda.

Lhe deu um bom sorvo ao vinho para ocultar sua vergonha.

-É um fanfarrão -acrescentou Evelyn. Lhe conhecemos a semana passada no Techwood Homes.

Amanda notou como lhe palpitava o coração, mas Evelyn continuou falando.

-Suas prostitutas são todas mulheres brancas.

-Minhas favoritas -acrescentou Bill, voltando a encher o copo da Amanda.

Não se tinha dado conta de que já se tomou a primeira taça. Amanda olhou a comida que tinha no prato. Obviamente, as verduras eram congeladas e a carne estava muito feita, inclusive queimada um pouco pelos borde.

-Jane, a prostituta prosseguiu Evelyn pondo os olhos em branco, não era o que se pode dizer uma pessoa ordenada. Ao entrar, o que é o que disse, Amanda?

Ah, sim: “Procurarei edições passadas do Good Housekeeping”.

Os homens puseram-se a rir. Evelyn prosseguiu contando sua história.

-Era um completo pesadelo.

Amanda lhe deu um sorvo ao vinho e manteve a taça pega a seu peito enquanto Evelyn falava do apartamento no Techwood e daquela respondona prostituta. Todos riram quando imitou o acento sulino do Jane Delray. Havia algo em sua forma de contar quão acontecido o fazia parecer gracioso em lugar de aterrador. Parecia estar descrevendo o argumento de uma comédia de televisão em que duas garotas valentes colocam os narizes onde não devem, mas terminam saindo do embrulho com humor e engenho.

-Venha, deixa-o já disse Amanda.

Todos se puseram-se a rir, embora o sorriso da Evelyn não era de tudo sincera. atirou-se do cabelo para trás.

Bill alargou o braço e lhe apartou a mão carinhosamente.

-Te vais ficar calva.

-Doeu-te ter que te cortar o cabelo? perguntou Amanda.

Evelyn se encolheu de ombros. Obviamente, sim, mas respondeu:

depois de ter ao Zeke, não tinha tempo para me ocupar do cabelo.

O vinho tinha feito que Amanda se desinhibiera.

-Importou-te? perguntou ao Bill.

Agarrou a mão da Evelyn e respondeu:

-Algo que contente a minha garota.

-Chorei durante uma hora prosseguiu Evelyn renda-se, embora obviamente não lhe tinha feito nenhuma graça.

-Eu acredito que foram seis -a corrigiu Bill. Mas eu gosto.

-Fica muito bem -acrescentou Kenny. Embora também te sintas bem o cabelo comprido.

Amanda acariciou a parte de atrás de seu cabelo. O seu era muito pior que o da Evelyn.

por que não lhe o soltas? pergunto Kenny.

Amanda ficou surpreendida e envergonhada. Também estava a ponto de estar completamente ébria, razão pela que acessou.

Tirou-se as forquilhas. Cinco, seis, sete, oito em total, além da laca que lhe deixou os dedos pegajosos ao soltar o cabelo. Sua juba caiu até a metade das costas. cortava-se

as pontas uma vez ao ano, e só o soltava no inverno ou de noite, quando estava sozinha.

Evelyn suspirou.

-Está muito bonito.

Amanda se terminou o vinho. sentia-se enjoada. Ao menos deveria comer um pouco de carne para que absorvesse o álcool, mas não queria ouvir o som da mastigação.

A habitação estava em silêncio, salvo pela música do Sinatra cantando Autum-n in New York.

Bill agarrou a garrafa e encheu a taça a todos. Amanda pensou em tampar a sua com a mão, mas não pôde mover-se.

O telefone soou na cozinha. Evelyn se sobressaltou.

-Deus santo, quem pode chamar a estas horas?

Amanda não podia ficar na habitação só e a seguiu até a cozinha.

-Residência dos Mitchell.

Amanda se jogou o cabelo para trás e se fez um coque no cocuruto. Voltou a ficá-las forquilhas. movia-se com estupidez. Tinha bebido muito vinho e tinha monopolizado muita atenção.

-Onde? perguntou Evelyn. Atirou do cabo do telefone para agarrar um papel e um lápis de uma das gavetas. Repita disse enquanto anotava. Quando aconteceu?

-Fez alguns ruídos para lhe colocar pressa à pessoa que falava. Finalmente, disse: Vamos para lá.

-Aonde vamos? perguntou Amanda, com a mão apoiada na encimera. O vinho lhe tinha subido à cabeça. Quem era?

-Deena Coolidge. -Evelyn dobrou o papel pela metade. Acabam de encontrar outro cadáver.

Amanda notou que recuperava a concentração.

-Quem?

-Ainda não sabem, mas é loira, magra e bonita.

-Vá, isso me resulta familiar.

-Encontraram-na no Techwood Homes. -Evelyn abriu a porta do comilão. O sinto, moços, mas temos que ir.

Bill sorriu.

-O que passa é que não quer lavar os pratos.

-Lavarei-os pela manhã.

Intercambiaram um olhar. Amanda se precaveu de que Bill Mitchell não era tão ingênuo como ela tinha pensado. Ao igual a Amanda, não se deixava enganar pelas histórias graciosas de sua mulher. Levantou a taça como se fosse brindar e disse: -Estarei-te esperando, meu amor.

Evelyn agarrou a bolsa da Amanda antes de deixar que a porta se fechasse.

-Estou bêbada como uma Cuba -murmurou. Espero que não acabemos nos dando um tortazo com o carro.

-Eu conduzirei disse Amanda seguindo-a fora da cozinha.

Em lugar de dirigir-se ao carro, Evelyn entrou no abrigo. Os homens tinham terminado, solo ficava pintá-lo. Passou a mão pelo bordo superior da porta e agarrou a chave. Atirou da cadeia para acender a luz. Havia uma caixa forte no chão. Tentou a combinação três vezes antes de poder abri-la.

-Acredito que nos bebemos a garrafa inteira entre as duas.

por que te chamou Deena?

-Disselhe que o fizesse se algo acontecia.

Evelyn tirou o revólver. Comprovou se tinha munição no tambor e logo o voltou a pôr em seu sítio. Tirou o carregador rápido e fechou a caixa de segurança.

-Vamos.

-Crie que vamos necessitar isso?

Evelyn guardou o revólver em sua bolsa.

-Não penso ir a nenhum sitio sem ele disse agarrando-se a estanteria para levantar-se. Fechou os olhos enquanto se orientava. Provavelmente, prenderãonos por conduzir sob a influência do álcool.

-Bom, isso não nos fará destacar.

Evelyn apagou a luz e fechou a porta. Amanda respirou profundamente enquanto se dirigia ao carro, tentando limpar a cabeça.

-Já sabe que isto implica que Juice não o fez.

-acreditamos alguma vez que o fizesse?

-Não, mas agora outros também saberão.

Amanda subiu ao carro. Jogou a bolsa ao assento traseiro enquanto esperava a que Evelyn entrasse. O trajeto até o Techwood não era muito comprido, especialmente às oito da noite. Não havia tráfego na estrada. As únicas pessoas que ficavam em Atlanta depois de anoitecer eram os que não tinham nada que fazer ali. Isso resultava muito positivo, dado o estado de embriaguez da Amanda. Se atropelava a um pedestre acidentalmente, não importaria a ninguém.

Os semáforos estavam em cor âmbar enquanto subiram pelo Piedmont Road. Amanda tomou a curva que as levava ao Fourteenth Street, e logo reduziu ao ver a luz lhe piscarem antes de torcer à esquerda no Peachtree. Girou de novo à direita no North, seguindo o mesmo percurso da semana passada: passar o Varsity, cruzar a interestadual, torcer à esquerda no Techwood Drive e ir diretamente aos subúrbios.

Havia vários carros patrulha bloqueando o caminho. Amanda estacionou detrás de um Plymouth Fury que lhe resultou conhecido. Olhou no interior do carro ao passar. Havia pacotes de cigarros enrugados, meia garrafa do Johnnie Walker e latas esmagadas de cerveja. Seguiu a Evelyn até o edifício. Uma vez mais, Rick Landry estava de pé no centro do pátio. Tinha as mãos nos quadris. Esboçou uma careta de raiva ao ver a Amanda e a Evelyn.

-O que tenho que fazer? Lhes pegar uma patada no coño?

Parecia disposto a fazê-lo, mas Deena Coolidge lhe deteve.

-Estão preparadas?

Landry a olhou.

-A ti ninguém deu vela neste enterro, negrito.

Ela tirou peito.

-Mais vale que aparte seu jodido culo antes de que ponha a trabalhar para o Reggie.

Landry tratou de olhá-la com desprezo, mas Deena, que era muito mais baixa que ele, manteve-se firme. Finalmente, Landry retrocedeu, mas antes de partir disse:

-Putas de mierda.

-Imagino que lhes perguntarão o que fazem aqui Butch e Landry, quando trabalham no turno de dia. Eu me perguntei o mesmo.

Amanda olhou a Evelyn, que assentiu. Era estranho.

-Pete está na parte de atrás com o corpo disse Deena, mas antes há alguém que quer falar com vocês.

Nenhuma das duas disse nada enquanto seguiam a Deena até o interior do edifício. O vestíbulo estava repleto de mulheres e meninos vestidos com seus pijamas e suas batas. Tinham uma expressão de medo e cautela no rosto. Provavelmente, estavam preparando-se para passar a noite quando tinham aparecido os carros de polícia.

Todos tinham deixado a porta principal de suas casas aberta. As luzes dos carros patrulha iluminavam os apartamentos. Amanda era mais que consciente de que Evelyn e ela eram as únicas brancas no interior do edifício.

Somente a porta de um apartamento estava fechada. Deena chamou. Esperaram a que tirassem a cadeia e lhe dessem a volta ao ferrolho. A anciã que abriu a porta levava

uma saia e uma jaqueta negras. A blusa branca estava engomada. Vestia um elegante chapéu negro com um véu curto que lhe caía até as sobrancelhas.

-O que faz vestida para ir à igreja, senhorita Lula? perguntou Deena. Já lhe hei dito que estas garotas só querem falar. Não a vão levar a prisão.

A anciã olhou ao chão. Sua presença a intimidava, isso era evidente. Inclusive quando retrocedeu para que pudessem entrar, fez-o a contra gosto. Amanda se sentiu muito envergonhada ao passar a seu apartamento.

por que não nos prepara uma taça de chá, carinho? - sugeriu Deena.

A senhorita Lula assentiu enquanto foi para a outra habitação. Deena lhes assinalou o sofá, que era de cor amarela clara e estava imaculada. De fato, o salão estava extremamente ordenado. A única cadeira que havia diante do pequeno televisor tinha uma saia e um toalha de mesa. Em cima da mesa havia uma série de revistas ordenadas. O tapete do estou acostumado a estava muito limpa. Havia fotografias do Martin Luther King, Jr e do Jack Kennedy penduradas na parede, uma frente a outra. Não se viam telarañas por nenhum lado. Nem sequer o fedor do edifício tinha podido penetrar ali.

Mesmo assim, nem Amanda nem Evelyn se sentaram. Eram muito conscientes de onde estavam. Por muito limpo que parecesse o apartamento daquela mulher, estava rodeado de imundície. Não se pode acontecer uma manta limpa por um atoleiro de barro e esperar que não se manche.

Ouviram como a água da bule fervia.

Deena falou com firmeza.

-Mais vale que tenham seu culito branco sobre o sofá quando retornar.

Deena se sentou na cadeira que havia ao lado do televisor. Evelyn, a contra gosto, tomou assento no sofá. Amanda fez o mesmo, com a bolsa pega ao regaço.

Ambas estavam sentadas no bordo, mas não por medo a poluir-se, mas sim porque estavam de serviço. depois de tantos anos de levar carregando todas essas coisas no cinturão, resultava-lhes impossível recostar-se em um sofá.

-Quem chamou? perguntou Amanda.

Deena assinalou a cozinha.

-A senhorita Lula. Vive aqui desde que reformaram o lugar. Transladaram-na desde o Buttermilk.

por que acredita que a vamos prender?

-Porque são brancas e levam uma placa.

-Isso não impressionou a ninguém até agora balbuciou Evelyn.

A senhorita Lula retornou. tirou-se o chapéu e mostrava um arbusto de cabelo branco. As taças chinesas e os pires que havia sobre a bandeja tilintaram enquanto os levava até o salão. Instintivamente, Amanda se levantou para ajudá-la. A bandeja pesava e a colocou sobre a mesinha de café. Deena cedeu seu lugar à anciã. Bem pensado. Deena se alisou a parte traseira de suas calças, provavelmente para comprovar se lhe tinha pego algum inseto. Uma barata

andava pela parede que havia a suas costas. estremeceu-se.

-Querem algumas pasta? -ofereceu a senhorita Lula com uma voz inesperadamente refinada. Falou com certo acento inglês, como o da Lena Horne.¹³

-Obrigado respondeu Evelyn, mas acabamos de jantar. - Alargou a mão para agarrar a bule e acrescentou: Posso me servir?

A senhorita Lula assentiu. Amanda observou como Evelyn servia quatro taças de chá. sentia-se do mais estranha. Jamais tinha estado em casa de uma pessoa negra como convidada. Normalmente, procurava entrar e sair o antes possível. sentia-se como se estivesse em um desses sketches da Carol Burnett mais dedicados às crônicas sociais que ao humor.

-A senhorita Lula foi professora na escola para negros do Benson comentou Deena.

-Minha mãe também foi professora de uma escola primária -acrescentou Amanda.

-Eu também respondeu a senhorita Lula. Agarrou a taça e o pires que lhe ofereceu Evelyn. Tinha as mãos velhas, os nódulos inflamados, com uma ligeira cor cinza. Juntou os lábios e soprou para esfriar o chá.

Evelyn serve a Deena e logo a Amanda.

-Obrigado disse Amanda, notando o calor através da porcelana. Não obstante, bebeu-se o chá fervendo, esperando que a cafeína a ajudasse a eliminar os efeitos do vinho.

Olhou as fotos do Kennedy e Martin Luther King enquanto observava de novo o ordenado apartamento que a senhorita Lula considerava seu lar.

Quando Amanda trabalhava como agente patrulha, muitos homens se entretinham aterrorizando a esses anciões. colocavam-se detrás deles em seus carros patrulha e faziam calotear o carro. Aos anciões lhes caíam as bolsas da compra, levantavam os braços sobressaltados e muitos deles inclusive se atiravam ao chão, já que as detonações do escapamento soavam como o tiro de uma escopeta.

Deena esperou até que todas tomaram um pouco de chá.

-Senhorita Lula, pode lhes contar a estas mulheres o que me há dito?

A mulher baixou o olhar de novo. Obviamente, estava assustada.

-Ouvi um alvoroço na parte de atrás.

Amanda se deu conta de que o apartamento dava à parte traseira do complexo. Era a mesma zona onde tinham encontrado ao Jane Delray três dias antes.

-Olhei pela janela e vi uma garota tendida. Estava morta. - Moveu a cabeça. Foi algo horrível. Não importa quão pecados tenha cometido, ninguém merece morrer assim.

-Havia alguém mais na parte de atrás? perguntou Evelyn.

-Não que eu saiba.

-Como era o ruído que ouviu, que lhe fez olhar pela janela?

-Possivelmente foi a porta traseira ao abrir-se de repente?

Não parecia segura, mas assentiu como se fosse a única explicação possível.

-Viu a algum estranho rondando pelos arredores? perguntou Amanda.

-Como de costume. A maioria dessas garotas recebem visitas noturnas e entram pela porta de atrás.

Era lógico. Provavelmente, os homens que as visitavam não queriam que ninguém os visse.

-Reconheceu a garota? perguntou Amanda.

-Vive na planta de acima. Não sei seu nome. Mas, desde o começo, pinjente que não deveriam lhes haver permitido viver aqui.

-Porque são prostitutas, não porque sejam brancas - acrescentou Deena.

-Exerciam seu ofício no apartamento disse a senhorita Lula, e isso vai contra a lei de Moradia.

Evelyn deixou a taça de chá sobre a mesa.

-Viu algum de seus clientes?

-Alguma que outra vez. Como já lhe hei dito, a maioria deles utilizavam a porta de atrás. Especialmente, os brancos.

-Viam homens brancos e negros?

-Com freqüência a um depois do outro.

Todas guardaram silêncio enquanto refletiam sobre o que acabava de dizer.

-Quantas mulheres viviam nesse apartamento? perguntou Evelyn.

-Ao princípio, a mais jovem. Disse que se chamava Kitty. Parecia uma garota agradável. Dava-lhes caramelos aos meninos, algo que lhe permitimos até que soubemos a que se dedicava.

-E depois? perguntou Amanda.

-Depois se trasladou outra mulher. Isso foi faz um ano e meio, aproximadamente. A segunda garota também era branca, e se parecia muito ao Kitty. Nunca soube seu nome. Seus visitantes não eram tão discretos.

-Era Kitty a mulher que viu pela janela esta noite?

-Não, era uma terceira. Não vi ao Kitty faz tempo que. Nem tampouco à segunda. Estas garotas vão e vêm. deteve-se e logo acrescentou: Que o Senhor as ajude. escolheram um caminho muito difícil.

Amanda recordou os carnês que tinha na bolsa. Tirou-os.

-Reconhece a algumas destas garotas?

A anciã agarrou os carnês. Tinha seus óculos bem pregados a um lado da mesa, apoiadas sobre uma Bíblia muito usada. Todas a observaram enquanto as colocava.

A senhorita Lula examinou atentamente os carnês, lhe emprestando a cada garota a mesma atenção.

-Esta é Kitty disse lhe dando o carnê do Kathryn Treadwell, embora imagine que vocês a conhecerão por seu nome.

-Hãonos dito que lhe alugava o apartamento a outras garotas disse Amanda.

-Sim, é possível.

-Falou alguma vez com ela?

-Em uma ocasião. Parecia ter um conceito muito alto de si mesmo. Ao parecer, seu pai tinha muita influência política.

-Isso lhe disse ela? perguntou Evelyn. Lhe disse Kitty quem era seu pai?

-Não com essas palavras, mas me deixou muito claro que não pertencia a este lugar. Acaso algum de nós pertence a este lugar?

Amanda não pôde responder a essa pergunta.

-Conhece alguma das outras garotas?

A mulher examinou os carnês de novo. Agarrou o do Jane Delray.

-Os homens que visitavam esta eram muito diferentes. Ela não era tão seletiva como... -Levantou a foto da Mary Esta Halston tinha muitos clientes assíduos; não os chamaria cavalheiros. É a garota que há atrás. -Leu o nome. Donna Mary Halston. Bonito nome, tendo em conta o que fazia.

Amanda notou que Evelyn ficava sem fala. Ambas pensavam lhe fazer a mesma pergunta.

-Há dito você que Mary tinha clientes assíduos?

-Assim é.

-Viu alguma vez a um homem branco de quase um e noventa, com o cabelo loiro, costeletas largas e um traje feito a medida, provavelmente de cor azul?

A senhorita Lula olhou a Deena. Quando devolveu os carnês a Amanda, seu rosto carecia de expressão.

-Terei que pensar sobre isso. Amanhã o digo.

Amanda franziu o cenho. Ou o efeito do vinho lhe estava passando, ou o chá funcionava. O apartamento da senhorita Lula estava ao final do corredor. Havia ao menos dez passos das escadas, e mais da porta de atrás. A menos que a anciã se passasse o dia sentada atrás do edifício, não havia forma de que se desse conta das entradas e saídas das garotas ou de seus visitantes.

Amanda abriu a boca para falar, mas Deena a interrompeu.

-Senhorita Lula disse, agradecemos-lhe o tempo que nos dedicou. Tem meu número. me chame para me falar desse assunto. -Deixou o pires sobre a bandeja.

Ao ver que nem Evelyn nem Amanda se moviam, agarrou suas taças e as colocou ao lado da sua. É hora de que vamos disse cortante. Solo lhe faltou dar uma palmada para fazer que se movessem.

Amanda se adiantou a primeira, com a bolsa pega ao peito. Pensou em dá-la volta para despedir-se, mas Deena a empurrou para a porta.

O vestíbulo estava vazio, mas, mesmo assim, Amanda falou em voz baixa.

-Como é possível que...?

-Espera até manhã disse Deena. Averiguará se seu homem misterioso esteve aqui ou não.

-Mas como pode...?

-É a rainha das abelhas disse Deena enquanto as conduzia pelo vestíbulo. Não se deteve até chegar à porta de saída. Estavam no mesmo lugar onde Rick Landry tinha ameaçado a Evelyn. O que lhes há dito a senhorita Lula não é o que viu, a não ser o que ouviu.

-Mas ela não...

-Regra número um do gueto: procura a mulher mais velha e que leve mais tempo. Ela é a proprietária do lugar.

-Vale disse Evelyn. Eu gostaria de saber por que tinha uma escopeta debaixo do sofá.

-Como diz? perguntou Amanda.

-E além disso estava carregada -assinalou Deena abrindo a porta.

A cena do crime estava passada os laços com cinta amarela. Não havia luzes na parte de atrás, ou ao menos que funcionassem. As lâmpadas das luzes estavam rotas, provavelmente a pedradas. Havia seis agentes patrulha ocupando do problema. Estavam de pé, rodeando o corpo, com suas lanternas sobre o ombro para iluminar a zona.

Quão terrenos havia atrás do edifício eram tão ermos como os da parte dianteira. A argila vermelha da Geórgia estava compactada pelo constante pisar dos pés descalços. Não havia nenhuma flor, nem erva, tão solo uma árvore

com suas quedas ramos pendurando. Justo debaixo se encontrava o corpo. Pete Hanson impedia sua visão com sua ampla constituição. A seu lado havia um jovem da mesma altura e compleição. Ao igual a ele, levava uma bata branca de laboratório. Deu-um golpe ao Pete no ombro e lhe fez um gesto para lhe indicar a presença das mulheres.

Pete se levantou e esboçou um sorriso.

-Detetives. Me alegro de que estejam aqui, embora o digo com reservas, dadas as circunstâncias. -Assinalou ao jovem e acrescentou: Este é meu aluno, o doutor Ned Taylor.

Taylor as saudou de forma séria. Apesar da escassa luz, Amanda percebeu o tom esverdeado de sua pele. Parecia como se estivesse doente. Evelyn tinha um aspecto parecido.

-Pete, por que não descreve a Amanda o que passou? disse Deena.

Amanda supôs que devia sentir-se orgulhosa de sua falta de escrúpulos, mas começava a pensar que devia guardá-lo como um mais de seus segredos.

-Eu irei ver o apartamento disse Evelyn. Pode que ao Butch e ao Landry lhes tenha passado algo por alto.

-Disso não me cabe a menor duvida replicou Deena resmungando.

por aqui, carinho disse Pete pondo sua mão debaixo do cotovelo da Amanda para dirigi-la para o cadáver.

Os seis oficiais que sustentavam as lanternas pareciam surpreendidos de que Amanda estivesse ali, embora

nenhum deles perguntou nada, possivelmente por deferência ao Pete.

-Importaria-te? disse Pete, que se apoiou sobre um joelho e ajudou a que Amanda fizesse o mesmo.

Ela se baixou a saia para não manchá-las joelhos. Provavelmente, sairiam-lhe ampolas nos talões; não ia vestida de forma adequada para isso.

-Me diga o que vê disse Pete.

A vítima estava bocabajo. O cabelo loiro lhe caía pelos ombros e as costas. Levava uma minissaia negra e uma camiseta vermelha. Sua mão descansava sobre o chão, a escassos centímetros de sua cara. Suas unhas estavam pintadas de vermelho brilhante.

-Igual à outra vítima. Têm-lhe feito a manicura.

-Assim é. -Pete jogou o cabelo loiro da garota para trás. Cardeais no pescoço, embora não posso dizer que lhe tenham fraturado o hioides.

-Não a estrangularam?

-Acredito que há algo mais. -Levantou a camiseta vermelha. A garota tinha uma linha de marcas no flanco, parecidas com um descosturado. Tem essas lacerações por todo o corpo.

Amanda viu o padrão duplicado na perna da garota. Tinha-o confundido com uma carreira nas médias. Igualmente, a parte externa de seus braços mostrava as mesmas marcas. Era como um padrão do McCall, no qual alguém tinha tentado rasgar a costura unindo a parte dianteira à traseira do corpo.

-O que ou quem pôde fazer algo assim? perguntou Amanda.

-Duas boas perguntas. Por desgrça, não sei como te responder a nenhuma delas.

Mais que lhe perguntar, parecia falar em voz alta.

-Disse a Deena que nos chamasse e nos fizesse vir.

-Sim. A manicura de suas unhas é muito similar. O lugar também. Pensei que havia algo mais, mas depois de um exame mais minucioso... -Começou a lhe levantar a minissaia, mas logo trocou de idéia. Tenho que lhe advertir isso inclusive eu me surpreendi. Não vi nunca uma coisa assim.

Amanda moveu a cabeça.

-A que te refere?

Levantou a saia. Havia uma agulha de fazer ponto entre as pernas da garota.

Amanda não necessitou os conselhos de ninguém nessa ocasião. De forma automática, começou a respirar profundamente, enchendo-os pulmões e soltando o ar pouco a pouco.

Pete moveu a cabeça.

-Não há motivo no mundo para lhe fazer a uma garota uma coisa como esta.

-Não há sangue -observou Amanda.

Pete se apoiou nos talões.

-Não.

-Imagino que o normal é encontrar sangue, não? Da agulha?

-Sim.

Pete lhe abriu as pernas. Um dos agentes retrocedeu ligeiramente e quase tropeça com o ramo rota de uma árvore. ouviram-se um par de risadas nervosas, mas o homem conseguiu manter o equilíbrio. Enfocou a lanterna às pernas da vítima.

Tinha as coxas brancas e pálidas. Sem sangue.

-Encontraram-se rastros na agulha? perguntou Amanda.

Apesar das circunstâncias, Pete lhe sorriu.

-Não. Estava completamente poda.

-Ela não o fez.

-Não acredito. Lavaram-na e alguém a trouxe até aqui.

-Ao mesmo lugar onde encontramos à outra vítima.

-Não exatamente, mas muito perto. -Assinalou um lugar a uns quantos metros. Ao Lucy Bennett a encontramos ali.

Amanda olhou o edifício. O apartamento da senhorita Lula estava no extremo mais longínquo. Desde sua janela não podia ver a árvore nem o lugar onde tinham encontrado ao Jane Delray. Deena tinha razão. Havia outra pessoa ou pessoas que o tinham visto, mas tinham medo de falar.

-Ned disse Pete. Agarra-a pelos pés. Eu a sujeitarei pelos ombros.

O jovem doutor obedeceu. Com cuidado, deram-lhe a volta ao corpo.

Amanda olhou o rosto da garota. Estava destroçada por completo. Faziam farrapos com suas pálpebras. A boca estava rota em pedaços. Mesmo assim, a podia reconhecer. Amanda abriu sua bolsa e encontrou seu carnê. Depois o deu ao Pete.

-Donna Mary Halston -leu. Vive aqui? -Olhou a parte superior do edifício. Deduzo que na planta de acima. Igual a Lucy Bennett.

Amanda procurou entre os carnês até encontrar o do Lucy Bennett. O deu ao Pete e esperou.

-Hmm disse observando a foto. Era consciente de que estava rodeado de seis agentes quando disse a Amanda: Não conheço esta garota.

Amanda lhe aconteceu o carnê do Jane Delray.

Uma vez mais, examinou a foto. Solto um profundo suspiro que soou como um grunhido.

-A esta sim a reconheço.

Devolveu-os dois carnês a Amanda e perguntou:

-E agora o que?

Ela moveu a cabeça. sentiu-se bem ao ver que Pete corroborava suas identidades, mas isso não trocava as coisas.

A porta traseira se abriu. Evelyn negou com a cabeça.

-Não há nada em seu apartamento. Ainda parece um desastre, mas não acredito que ninguém...

Deteve-se. Amanda se precaveu de que tinha visto a agulha de fazer ponto. Evelyn se levou a mão à boca. Em lugar de afastar-se, olhou para a árvore e logo voltou a olhar à garota.

-O que te passa? perguntou Amanda.

Algo não encaixava. levantou-se e se aproximou da Evelyn. Era o mesmo que com aquele quebracabeças de sua casa. Às vezes, o único que se precisava era uma mudança de perspectiva.

O ramo da árvore estava rota. A garota jazia no chão. Tinham-na feito abortar.

-Deus santo disse Amanda. Ofelia.

12. Feminista americana durante a década dos sessenta e setenta.

13. Legendária atriz e cantante afro-americano.

Capítulo dezenove

Suzanna Ford

Na atualidade

A escuridão. O frio. O ruído.

O ar entrando e saindo, como um carro que cruzamento um túnel.

Não podia suportar mais. Doía-lhe o corpo. Tinha a boca seca, e o estômago tão vazio que os ácidos lhe estavam fazendo um buraco nas tripas.

Metadona.

Por isso estava ali. Por isso tinha cansado tão baixo e tinha chegado até esse extremo. Ela mesma se tinha atirado às bocasde-lobo. Não havia outro culpado para ver-se naquele lugar.

“Querido Jesus. Se me tirar daqui, venerarei-te todos os dias. Exaltarei seu nome”, rezou.

A claustrofobia. A completa escuridão. Desconhecido-o. O temor a morrer afogada.

Recordou aquela época em que ainda eram uma família, quando seu pai os levou a todos ao Gales. Havia uma mina, de faz mais de mil anos. Para entrar nos túneis tiveram que ficar uns cascos. Tinham uma altura muito pequena, pois, nnaquele tempo, naquele tempo, a gente não era tão alta. E eram estreitos, porque a maioria dos trabalhadores eram meninos.

Suzanna tinha avançado uns sete metros quando começou a ficar nervosa. Podia ver a luz do sol na abertura,

mas quase se urinou em cima enquanto retornava correndo até a entrada.

Assim se sentia agora. Apanhada. Impotente.

“Elogiarei-te. Difundirei sua mensagem. Inclinarei-me humildemente ante ti.”

Não podia mover os braços. Nem os pés. Nem abrir os olhos nem a boca.

“Nem meus lábios, nem meu nariz, nem meus pulmões voltarão a tocar a metadona. Por favor, Deus, me ajude.”

O tremor começou lentamente, estendendo-se por todo o corpo e esticando seus músculos. Fechou os dedos e sua mão ficou feita um punho. Apertou os ombros, os dentes, o culo. Os fios lhe atiravam. A dor era insuportável, como se uma agulha quente lhe tocasse os nervos. O coração estava a ponto de lhe explorar. Podia escapar de suas ataduras.

Tentou-o com todas suas forças, mas a dor podia mais que ela.

Não podia rasgá-la pele nem romper o fio.

Quão único podia fazer é ficar tendida.

E rezar pedindo a salvação.

“Querido Jesus...”

Capítulo vinte

Na atualidade. Terça-feira

Wíll despertou sobressaltado. O pescoço lhe rangeu quando o moveu de um lado a outro. Estava em sua casa, sentado no sofá. Betty estava a seu lado, arremesso de costas, com as pernas levantadas e o focinho assinalando a porta principal. Olhou a seu redor, procurando o Faith. Tinha-lhe levado a casa do depósito. foi trazer lhe um copo de água e, julgando pelo relógio da televisão, tinham transcorrido quase duas horas.

Aguçou o ouvido para ver se se ouvia algo na casa. Estava em silêncio. Faith se tinha partido. Não sabia como devia sentir-se. Aliviado? Devia perguntar-se onde tinha ido? Não havia um manual de instruções que pudesse seguir.

Tentou fechar os olhos e dormir de novo. Queria despertar dentro de um ano, quando tudo tivesse acabado.

Entretanto, não podia manter os olhos fechados. Cada vez que o tentava, terminava olhando ao teto. Assim se havia sentido sua mãe? De acordo com o relatório da autópsia, não sempre tinha tido os olhos costurados. Às vezes os tinham aberto. O forense assinalou que o pai do Wíll teve que estar a seu lado durante esses períodos, e que utilizou um contagotas para impedir que lhe secassem.

O doutor Edward Taylor. Assim se chamava o médico forense. Tinha morrido em um acidente de tráfico fazia quinze anos. Foi o primeiro investigador ao que Wíll tinha tratado de localizar, o primeiro ponto morto e a primeira vez que se havia sentido aliviado de que não houvesse ninguém que pudesse lhe explicar exatamente o que lhe tinha acontecido a sua mãe.

-Olá disse Faith saindo da habitação de convidados.

Wíll viu que as luzes ainda estavam acesas. Ali estavam seus livros, seu CD, as revistas de carros que tinha

colecionado durante anos, os álbuns com fotos de sua vida anterior. Faith não teria demorado nem dez segundos em dar-se conta dos objetos que estavam desconjurado. Levava os livros na mão. A nova hegemonia feminista.

Modelos aplicados de estatística. Teoria e aplicação. Uma reivindicação dos direitos da mulher.

-Se quiser, pode ir a casa disse Wíll.

-Não penso te deixar sozinho.

Pôs os livros de texto de sua mãe em cima da mesa enquanto se sentava na poltrona. Seu arquivo também estava na mesa, onde ele o tinha deixado essa manhã.

Provavelmente, Faith o tinha folheado enquanto ele dormia. Deveria sentir-se zangado porque ela tivesse estado farejando em suas coisas, mas não tinha forças para nada. sentia-se desprovido de toda emoção. Justamente o contrário que lhe tinha ocorrido quando viu a Sara no depósito. Seu primeiro impulso foi atirar-se a seus pés e tornar-se a chorar. Contar-lhe tudo e lhe pedir que lhe entendesse.

Mas logo... nada.

Foi como se lhe tivessem tirado o plugue a uma pia. Todos seus sentimentos se foram pelo deságüe.

O resto passava por sua cabeça como um tráiler que revelava todos os detalhes do argumento: a garota espancada, as unhas pintadas, a pele rasgada, o suspiro entrecortado da Sara quando Wíll disse a ela, e a todos, que seu pai era o culpado.

Sara era uma mulher verbal, direta, que não estava acostumado a guardar-se sua opinião. Entretanto, essa vez, não disse nada. depois de quase duas semanas de estar vivendo com esse olhar inquisitivo, não quis lhe fazer nenhuma pergunta nem saber nada. Tudo estava ali, diante de seus olhos. Amanda tinha razão sobre a autópsia. Wíll não deveria ter estado presente. Tinha sido como ver sua mãe enquanto a examinavam, processavam-na e a catalogavam.

E Angie tinha razão com respeito à Sara. Todo aquilo era muito para ela.

por que tinha pensado por uns instantes que Angie estava equivocada? por que tinha pensado que Sara era diferente?

Wíll tinha estado no depósito, congelado no tempo e no espaço. Olhando a Sara, esperando que dissesse algo, que gritasse, chiasse ou atirasse algo. Provavelmente, teria ficado ali, mas Amanda ordenou ao Faith que o levasse a casa. Faith teve que lhe agarrar do braço e lhe arrastar fisicamente para tirar o da sala.

Olhou a Sara. Estava pálida, movia a cabeça e parecia a ponto de desvanecer-se.

Era o fim.

-Wíll? perguntou Faith.

Ele levantou o olhar.

-Como entrou no GBI?

Sopesou a pergunta, tentando decifrar por que lhe perguntava isso.

-Contrataram-me.

-Como?

-Amanda veio a minha faculdade.

Faith assentiu, mas ele se deu conta de que procurava uma resposta que ele não podia dar.

-Não solicitou o posto?

Wíll se esfregou os olhos. Ainda tinha restos brancos nas comissuras de ter estado demolindo o porão.

Faith continuou pressionando.

-E o histórico de antecedentes. E a documentação.

Ela conhecia sua dislexia, mas também sabia que era capaz de trabalhar tão duro como qualquer.

-Quase tudo foram entrevistas orais. Deixaram-me que o resto me levasse isso a casa. Igual a você, não?

Faith levantou o queixo. Finalmente, respondeu:

-Sim.

Wíll pôs a mão sobre o peito da Betty. Podia notar o batimento do coração de seu coração. Ela suspirou e tirou a língua.

por que esse jornalista do Atlanta Journal chamou a Amanda?

Faith se encolheu de ombros.

-Não se preocupe disso. Já te disse que paralisei essa história.

Wíll tinha estado muito cego. Amanda lhe tinha proporcionado a informação essa manhã, mas estava tão cansado que foi incapaz de processá-la.

-Meu histórico está fechado. Não há maneira de que um jornalista ou outra pessoa possa descobrir quem é meu pai. Ao menos de forma legal. -Observou ao Faith.

Além disso, se alguém o fizesse, por que ia chamar a Amanda? por que não me chamar a mim diretamente? Meu telefone sai na guia. Igual a minha direção.

Faith se mordeu o lábio inferior. Ela podia dizer-lhe Sabia algo, mas não pensava compartilhá-lo.

Wíll se aproximou.

-Quero que vá ao hotel. Está em liberdade condicional. Por lei, não tem direito à intimidade.

Ao Faith não o fazia falta lhe perguntar a que hotel se referia.

-Para que?

Wíll apertou os punhos. Os cortes lhe voltaram a abrir.

-Quero que ponha sua habitação patas acima, que lhe interroque e que lhe pressione até que não possa mais.

Faith lhe olhou durante uns segundos.

-Já sabe que não posso fazer isso.

por que?

-Porque temos que construir um caso, não que nos denunciem por perseguição.

-Não me importa o caso. Quero que se sinta tão mal que saia do hotel com tal de fugir de ti.

-E depois o que?

Sabia o que aconteceria depois. Wíll lhe jogaria em cima como um cão raivoso.

-Não vou fazer tal coisa disse Faith.

-Posso estudar o desenho do hotel, ir aos tribunais ou encontrar a forma de...

-Vá. Um bom modo de encontrar documentação.

Ao Wíll não importava nada disso.

-Quantos homens há no hotel?

-Cinco vezes mais dos que há fora de sua casa neste momento.

Wíll foi à janela de diante. Abriu a persiana. Havia um carro da polícia de Atlanta bloqueando a entrada, e outro camuflado na rua. Golpeou a persiana.

Betty começou a ladrar e saltou do sofá.

Logo foi à parte de atrás da casa. Abriu a porta da cozinha. Havia um homem sentado no caramanchão que tinha construído o verão passado. Vestia o uniforme do GBI. Levava a Glock na cintura. Tinha os pés apoiados no corrimão. Saudou-lhe enquanto Wíll fechava de uma portada.

-Não me pode fazer isto disse. Não me pode reter em minha casa como se fosse um delinquente.

por que não me tinha falado alguma vez dele? perguntou Faith.

Wíll ia de um lado a outro da habitação. Parecia transbordar adrenalina.

-Para que possa acrescentar outro entalhe a sua coleção de assassinos em série?

-De verdade crie que posso converter sua vida em um jogo?

-Onde está minha pistola? -As chaves e o telefone repousavam sobre seu escritório, mas seu Glock tinha desaparecido. agarraste minha pistola?

Faith não respondeu, mas ele se precaveu de que ela tampouco levava seu pistolera. Tinha guardado sua arma no carro. Não confiava nele, e acreditava que podia tirar-lhe - Cuatro días. La doctora Coolidge les ha dicho que se diesen prisa.

Lhe aconteceram muitas coisas pela cabeça: lhe pegar um murro à parede, soltar uma patada sobre o escritório, romper os guichês do carro do Faith, lhe dar uma surra ao casulo que estava sentado em seu caramanchão, mas, ao final, quão único pôde fazer é ficar ali, sem fazer nada. Era o mesmo que lhe tinha passado no depósito. Estava muito cansado, muito afligido, muito afetado.

-Vete, Faith. Não necessito que cuide de mim. Quero que vá.

-Disso nada.

-Vete a sua casa. Vete com seu estúpido filho e não te meta em meus assuntos.

-Se crie que te levando como um cretino me vais jogar, então é que não me conhece. -tornou-se sobre o respaldo da poltrona, com os braços cruzados. Sara encontrou sêmen no cabelo da garota.

Wíll esperou a que continuasse.

-Há suficiente para um perfil de DNA. Uma vez que esteja no sistema, poderemo-lo cotejar com o seu.

-Isso demorará semanas.

-Quatro dias. A doutora Coolidge lhes há dito que se dessem pressa.

-Então lhe prenda. Pode retê-lo durante vinte e quatro horas.

-Pagaria a fiança e desapareceria antes de que possamos agarrá-lo de novo. -Falava com esse tom molesto de alguém que trata de ser razoável. O Departamento de Polícia de Atlanta pôs cinco homens no hotel e, provavelmente, Amanda terá posto outros dez mais. Não poderá fazer nada sem que saibamos.

-Quero estar presente quando o prender.

-Já sabe que Amanda não o permitirá.

-Quando o interrogar. -Wíll não pôde conter-se e começou a lhe suplicar. Por favor, deixa que o veja, tenho que fazê-lo. Quero lhe olhar aos olhos, ver sua cara e que se dê conta de que consegui escapar, que não ganhou.

Faith se levou a mão ao peito.

-Juro-lhe isso Por Deus, Wíll. Juro-lhe isso pela vida de meus filhos que farei o possível para que assim seja.

-Isso não é suficiente. -Wíll não só queria ver a cara de seu pai. Queria lhe esbofetear, lhe chutar a boca, lhe arrancar os ovos, lhe costurar a boca, os olhos e o nariz, e lhe pegar até que se afogasse em seu próprio vômito. Isso não é suficiente.

-Sei disse Faith. Nunca o será, mas assim são as coisas.

Bateram na porta. Quem podia ser? Amanda, Angie, algum policial lhe dizendo que seu pai havia tornado a assassinar. Qualquer menos a pessoa que viu quando Faith abriu.

-Vai tudo bem? perguntou-Sara ao Faith.

Esta assentiu e agarrou sua bolsa antes de ir para a porta.

-Chamarei-te assim que saiba algo. Lhe prometo disse isso.

Sara fechou a porta. Levava o cabelo solto; caía-lhe em suaves cachos sobre os ombros. Vestia um traje negro apertado ao corpo. Ele a tinha visto ficar elegante em alguma ocasião, mas nem tanto. Levava uns sapatos de salto muito alto, com um estampado negro de leopardo. Davam-lhe tal efeito a suas pantorrilhas que notou uma ligeira excitação.

-Olá disse.

Wíll tragou saliva. Ainda notava o sabor do estuque.

Sara deu a volta ao sofá e se sentou. tirou-se os sapatos e dobrou as pernas debaixo dela.

-Te aproxime.

Wíll se sentou no sofá. Betty estava entre eles. Deu um salto e suas unhas estalaram enquanto se dirigia à cozinha.

Sara lhe agarrou a mão. Não havia dúvida de que tinha visto os cortes e as ampolas que tinha, mas não disse nada. Wíll não podia olhá-la. Era tão bela que resultava quase dolorosa. Em seu lugar, olhou a mesinha de café, a pasta de sua mãe, seus livros.

-Imagino que Amanda lhe contou isso tudo disse.

-Não, não o tem feito.

Ao Wíll não surpreendeu, porque sabia que Amanda desfrutava lhe torturando. Assinalou as coisas de sua mãe.

-Se quiser... -Se deteve, tentando que sua voz não se quebrasse. Aí está tudo. Lê-o.

Sara olhou a pasta.

-Não quero lê-la.

Wíll moveu a cabeça. sentia-se desconcertado.

-Já me contará isso tudo quando estiver preparado.

-Seria mais singelo se...

Ela alargou os braços para lhe tocar a cara. Acariciou-lhe as bochechas com os dedos. aproximou-se. Notou o calor de seu corpo quando o abraçou. Wíll lhe pôs a mão na perna, e notou a firmeza dos músculos de sua coxa. Voltou a

perceber uma ereção. Beijou-a. Sara lhe pôs as mãos na cara quando lhe devolveu o beijo.

sentou-se escarranchado sobre ele. Seu cabelo lhe acariciou o rosto e notou seu fôlego no pescoço.

Por desgracia, até aí chegavam seus sentimentos.

-Quer que me...?

-Não respondeu tirando-lhe de cima. O sinto. Estou...

Lhe pôs os dedos nos lábios.

-Sabe o que realmente quero? -tirou-se de em cima dele, mas permaneceu a seu lado. Quero ver um filme em que os robôs se peguem entre si. Ou onde voem as coisas. Embora prefira que os robôs se peguem entre si. -Agarrou o mando a distância e acendeu o televisor. Procurou o canal Speed. Olhe, isto é inclusive melhor.

Wíll não recordava nenhum momento em sua vida em que se houvesse sentido tão triste. Se Faith não lhe tivesse tirado a Glock, pegaria-se um tiro na cabeça.

-Sara, não...

-Shh. -Agarrou-lhe do braço e o passou por cima dos ombros. Apoiou a cabeça em seu peito, e a mão em sua perna.

Betty retornou. Saltou sobre o regaço do Wíll e se acomodou.

Olhou a televisão. Falavam do Ferrari Enzo. Um italiano utilizava um torno para cavar uma peça de alumínio. Wíll

não era capaz de emprestar atenção. Lhe caíam as pálpebras. Soltou um lento suspiro.

Finalmente, fechou os olhos.

Quando despertou, viu que não estava sozinho. Sara estava arremesso no sofá junto a ele. Tinha o corpo acurrucado junto ao dele. Seu cabelo lhe acariciava a cara. A habitação estava às escuras, salvo pela luz que desprendia o televisor, a que lhe tinham tirado o som. Na tela se via uma carreira de caminhões. O relógio marcava as doze e doze minutos.

Tinha passado outro dia. Outra noite. Uma página mais no calendário de seu pai.

Wíll não podia tirar-se certas idéias da cabeça. perguntou-se se Faith ainda teria sua pistola, se o carro patrulha seguia bloqueando a entrada, se esse casulo continuava sentado em seu caramanchão.

Tinha uma Sig Sauer em uma caixa, guardada em seu armário. Seu rifle Colt AR-15 estava desarmado, a seu lado. Tinha munição para os duas em uma caixa de plástico. Montou mentalmente o rifle: a antecâmara, o pistão, o seguro do gatilho, as balas Winchester 55.

Não. Com a Sig seria melhor. Dispararia a bocajarro. Poria o silenciador na cabeça e o dedo no gatilho. Logo observaria o medo nos olhos de seu pai; depois, o olhar vazio e vidriosa de um homem morto.

Sara se moveu. Jogou a mão atrás e lhe acariciou a bochecha. Suas unhas lhe arranharam ligeiramente. Soltou um suspiro contido.

Sem razão alguma, a fúria do Wíll começou a desaparecer. Era o mesmo que lhe tinha acontecido no depósito, mas, em lugar de sentir-se vazio, sentiu-se pleno.

A calma se apoderou dele. A pressão que tinha no peito começou a dissipar-se.

Sara se apoiou nele. Com a mão, atraiu-o a seu lado. O corpo do Wíll se mostrou mais receptivo. Pô-lhe sua boca no pescoço; a ela lhe arrepiou o cabelo.

Podia sentir sua carne ardendo sob sua língua.

Ela girou a cabeça para lhe olhar e esboçou um sorriso sonolento.

-Olá.

-Olá.

-Esperava que fosse você.

Ele a beijou na boca. Ela se deu a volta para lhe olhar de frente. Ainda sorria. Notava a curva de seus lábios em sua boca. Tinha o cabelo enredado debaixo dela. Ele se moveu e sentiu uma dor aguda na perna. Não era um puxão muscular, a não ser o anel do Angie. Ainda o levava no bolso.

Sara interpretou mal sua reação e pensou que outra vez se sentia desinteressado.

vamos jogar a algo disse.

Wíll não queria jogar a nada. O que desejava é tirar-se ao Angie da cabeça, mas não podia dizer-lhe -Vaya, veo que eres muy creativo.

Ela levantou a mão.

-Meu nome é Sara.

-Sei.

-Não respondeu ela ainda com a mão levantada. Me chamo Sara Linton.

Reagiu como um imbecil, pois lhe estreitou a mão.

-E eu Wíll Trent.

-No que trabalha, Wíll Trent?

-Sou um... -Lhe ocorreu uma idéia. Sou caminhoneiro.

Ela olhou o televisor e se Rio.

-Vá, vejo que é muito criativo.

-E você?

-Sou stripper. -Voltou a rir, como se estivesse surpreendida de si mesmo. Mas solo o faço para me pagar a universidade.

Se não tivesse tido aquele estúpido aliança de casamento no bolso, houvesse-a convidado a que colocasse a mão e agarrasse um pouco de dinheiro para que dançasse para ele. Em seu lugar, limitou-se a dizer:

-Isso é muito elogiável. -moveu-se para seu lado para liberar a mão. O que está estudando?

-Umm... -Sorriu abertamente. Para ser mecânica de caminhões.

Wíll lhe aconteceu o dedo entre os peitos. Seu traje era muito decote e estava desenhado para poder-se abrir com facilidade. Wíll se precaveu de que o tinha posto para ele. Ao igual a se soltou o cabelo e se pôs uns sapatos de salto alto tão estreitos que provavelmente lhe romperiam os dedos.

E também por ele tinha estado presente na autópsia. E também estava ali por ele nesse momento.

-Bom, em realidade, não sou caminhoneiro.

-Não. -Reteve o fôlego enquanto deslizava os dedos por seu nu estômago. Então, o que é?

-Sou um exconvicto.

-Vá, isso eu gosto. Ladrão de jóias ou de bancos?

-Não. Um ladrão de pouca subida. Destruição da propriedade privada. Quatro anos de liberdade condicional.

Sara deixou de rir. deu-se conta de que já não estava jogando.

Wíll respirou profundamente e inspirou pouco a pouco. O estava dizendo agora, e já não havia forma de dar marcha atrás.

-Prenderam-me por roubar comida. -Teve que esclarecê-la voz para poder seguir falando. Aconteceu quando tinha dezoito anos.

Ela pôs a mão em cima da sua.

-Tinha saído do sistema. -A senhora Flannigan tinha morrido o verão que ele cumpriu os dezoito. O tipo novo que

dirigia o orfanato lhe deu cem dólares e um mapa de um albergue para pessoas sem teto. Acabei na missão do centro. Alguns meninos não estavam mau, mas outros eram maiores e... -Não terminou a frase. Sara compreendia por que um adolescente não podia sentir-se seguro ali. Vivi nas ruas... -Uma vez mais sua voz se apagou. Me passava pela loja de ferragens que havia no Highland, porque os empreiteiros procuravam trabalhadores ali pela manhã.

Sara utilizou o polegar para lhe acariciar o dorso da mão.

-Assim aprendeu a reparar coisas?

-Sim. -Jamais tinha pensado nisso, mas era certo. Ganhava um bom dinheiro, mas não sabia como gastá-lo. Deveria ter economizado para um apartamento, ou para um carro, ou para algo, mas me gastava isso em caramelos, em um walkman e em cintas. -Nunca antes tinha tido dinheiro, já que então não existiam as subvenções.

Dormia no Peachtree, onde estava acostumado a estar a biblioteca. Um grupo de tios maiores me rodearam. Golpearam-me, romperam-me o nariz e alguns dedos. Tiraram-me isso tudo. E acredito que tive sorte, porque não me fizeram nada mais.

Sara lhe apertou a mão.

-Não podia trabalhar. Levava a roupa suja e não tinha um lugar onde me banhar. Tentei pedir esmola, mas a gente se assustava de mim. Tomavam por um yonqui, embora não o era. Jamais tomei drogas.

Ela assentiu.

-Tinha tanta fome que o estômago me doía todo o tempo. Enjoava-me de não comer. Estava doente. Dava-me medo

dormir e que voltassem a me pegar de novo. Entrei na loja que estava aberta toda a noite, a que estava acostumado a estar no Ponce de Leão, na praça Drugs, justo ao lado do cinema. -Sara assentiu. Entrei diretamente e comecei a agarrar comida das prateleiras. Guloseimas, bizcochitos, algo que estivesse envolta. Rompia o pacote com os dentes e me metia isso na boca. -Tragou saliva, embora lhe custou trabalho. Chamaram à polícia.

-Prenderam-lhe?

-Tentaram-no. -Sentiu uma quebra de onda de vergonha. Comecei a levantar os punhos, a golpear tudo o que me punha por diante. Detiveram-me, claro.

Sara se jogou o cabelo para trás com os dedos.

-Puseram-me as algemas e me levaram ao cárcere. Logo... -Moveu a cabeça. Se apresentou meu assistente social. Não a tinha visto desde fazia seis ou sete meses. Disse que me tinha estado procurando.

por que?

-Porque a senhora Flannigan me tinha deixado um pouco de dinheiro. -Wíll ainda recordava sua surpresa quando se inteirou. Sozinho podia utilizá-lo para ir à universidade. Por isso... -Se encolheu de ombros. Fui à primeira faculdade que me aceitou. Vivi na residência, comia na cafeteria e trabalhava a meia jornada nos arredores. Logo me contratou o GBI.

Sara guardava silêncio, provavelmente tratava de assimilá-lo tudo.

-Como o conseguiu tendo antecedentes?

-A jueza disse que eliminaria meus antecedentes se me graduava. -Por sorte, ela não tinha especificado nada sobre suas notas. E isso fiz. E ela também cumpriu.

Uma vez mais, Sara guardou silêncio.

-Sei que não esteve bem disse Wíll, que se Rio, mas, dadas as circunstâncias, não é quão pior hoje soubeste que mim.

-Teve sorte de que lhe prendessem.

-Sim.

-E eu tive a sorte de que ingressasse no GBI, porque, de não ser assim, não te teria conhecido.

-Sinto-o muito, Sara. Sinto te haver causado tantos problemas. Eu não... -Notou que as palavras lhe embrulhavam. Não quero que tenha medo de mim. Não quero que pense que posso me parecer com ele.

-É óbvio que não respondeu lhe agarrando a mão. Acaso não sabe que sinto admiração por ti?

Wíll a olhou.

-Por tudo o que passaste, por tudo o que suportaste, e pelo homem em que te converteste. -Pôs uma mão em seu peito. Escolheu ser uma boa pessoa e ajudar a outros. Tivesse sido muito fácil te desencaminhar, mas sempre escolheu fazer o correto.

-Não sempre.

-Mas sim com frequência. Com a suficiente frequência como para que, quando lhe Miro, veja o bom que é, o muito

que te quero e te necessito em minha vida.

Os olhos da Sara tinham um tom verde claro pelo resplendor do televisor. Wíll não podia acreditar que ainda seguisse ali, a seu lado, que queria continuar com ele. Angie se tinha equivocado. Sara não tinha maldade nem acumulava rancor algum.

Se realmente fosse um homem bom, contaria-lhe o acontecido com o Angie. O confessaria e aceitaria as conseqüências. Entretanto, optou por beijá-la. Beijou-a nas pálpebras, no nariz e na boca. Suas línguas se roçaram. Wíll ficou em cima dela. Ela o estreitou com sua perna e lhe beijou intensamente. Ele noto que a culpabilidade se desvanecia com facilidade, com soma facilidade. No único que pensava era em seu desejo, em sua necessidade de penetrá-la. Estava quase frenético quando começou a despi-la.

Sara lhe ajudou, mas ele terminou lhe rasgando o traje. Levava um sustento negro de encaixe que se tirava facilmente. Beijou-lhe os peitos, utilizou sua língua e seus dentes até que a ouviu soltar um profundo gemido. Passou-lhe a língua por todo seu corpo, mordendo e beijando sua suave pele. Sara ofegava quando lhe tirou as calcinhas e lhe separou as pernas. Seu corpo tinha sabor de mel e a salada de cenouras. Ela esfregava a coxa contra sua cara, cravava-lhe as unhas no cabelo.

Empurrou-o para trás e começou a lhe beijar de novo, a lhe chupar a língua e a lhe fazer coisas com a boca que lhe fizeram tremer. Wíll a penetrou. Ela voltou a emitir um gemido e lhe agarrou as costas. Teve que controlar-se para não ir tão rápido, mas ela o abraçava com mais força com cada tranco.

Seus lábios lhe acariciaram a orelha.

-Meu amor disse ela. Meu amor.

Capítulo vinte e um

Lucy Bennett

15 de julho de 1975

Ao amanhecer começaram as contrações. Tinha-lhe descosturado os olhos, mas não a boca. Lucy notou o fio lhe atirar dos lábios enquanto gemia de dor.

Tinha os braços e as pernas abertas, com o corpo colocado justo no centro do colchão. Já se tinha esmigalhado o ombro direito. Solo uns centímetros, mas com isso bastava. Poder mover-se tinha mitigado a dor ao princípio, mas agora lhe corria o sangue pelo braço e o peito, formando um pequeno atoleiro debaixo do omoplata.

Morava-se outra contração. aproximava-se lenta, muito lentamente, mas logo estalava e ela notava como se rasgavam seus lábios ao gritar de agonia.

-Cala disse alguém.

Era a garota da habitação do lado.

Tinha falado.

O estou acostumado a rangeu sob seus pés quando foi para a porta fechada.

-Te cale repetiu.

A outra garota se rendeu. converteu-se em uma pessoa dócil e total. Falava com o homem, rezava com ele, gritava, golpeava e grunhia com ele. Com uma voz infantil, sugeria-

lhe que fizesse coisas que Lucy nem sequer tivesse imaginado.

Por isso, inclusive às vezes a soltava.

Como agora.

Estava falando, andando, movendo-se de um lado a outro.

Podia escapar se lhe desejava muito. Podia fugir e pedir ajuda. Ir à polícia, com sua família, onde quisesse.

Mas não o fazia. Era outra Patty Hearst.

A substituta do Lucy.

Capítulo vinte e dois

15 de julho de 1975

Amanda se sentou no reservado que havia na parte de atrás do Majestic Diner no Ponce de León. conteve-se para não bocejar. depois de parti-la noite anterior do Techwood, sentia-se muito inquieta para poder dormir. Nem sequer Mary Wollstonecraft foi capaz de adormecê-la. Deu voltas e mais voltas na cama, mas não podia apartar algumas imagens do quebracabeças que tinham feito com os papéis de cores. Acrescentou mentalmente novos detalhes: Hank Bennett era um mentiroso; e Trey Callahan, outro.

E Ofelia. O que fazer com a Ofelia?

A garçonete voltou a lhe encher a taça. Olhou o relógio. Evelyn deveria ter chegado fazia quinze minutos. Resultava um tanto inquietante, pois não estava acostumado a

atrasar-se. Tinha utilizado a cabine que havia na parte de atrás para chamar o Model City, mas ninguém respondeu ao telefone. Sua recontagem tinha terminado meia hora antes. Tinham-lhe atribuído como companheira a Vanessa, coisa que lhes vinha muito bem às duas, já que tinha decidido dedicar o dia a ir às compras. O

novo cartão de crédito lhe queimava os bolsos.

A porta se abriu. Evelyn entrou a toda pressa.

-Sinto-o disse. Mas recebi uma chamada muito estranha do Hodge.

-De meu Hodge?

Evelyn lhe fez um gesto à garçonete para que se aproximasse de tomar nota.

-Ordenou-me que me apresentasse na Zona Um.

-Alguém te viu?

-Não. A delegacia de polícia estava vazia. Solo estávamos eu, Hodge e sua porta aberta. -tornou-se sobre o respaldo do assento. Estava muito nervosa. Me pediu que lhe contasse o que temos feito.

Amanda notou que o pânico começava a invadi-la.

-Não passa nada. Não estava molesto. Ao menos isso acredito, pois nunca se sabe com esse homem. Tinha razão sobre seu hermetismo. É lhe desenquadrado.

-Dissete algo?

-Nada. Não me fez perguntas nem comentários. limitou-se a assentir, e logo me disse que continuasse fazendo meu

trabalho.

-O mesmo que me disse ontem. Que fizesse meu trabalho. Crie que estava comparando nossas histórias?

-É possível.

-Não te guardaste nada?

-Não mencionei a Deena nem à senhorita Lula. Não quero as colocar em problemas.

-Falaste-lhe que a Ofelia?

-Não. Disselhe que íamos voltar a ver o Trey Callahan, mas não lhe disse o porquê. Não acredito que Luther Hodge seja um devoto do William Shakespeare.

-Eu tampouco entendo muito o que acontece, Evelyn. Pode que estejamos tirando conclusões precipitadas. Trey Callahan citou uma frase do Hamlet. E, ao ver a vítima ontem à noite, possivelmente tenhamos posto algo de nossa colheita. Parece-me muita coincidência.

-Existem as coincidências em uma investigação policial?

Amanda não soube o que responder.

-Crie que Hodge nos meterá em problemas?

-Quem sabe? -Levantou as mãos. Devem ir outra vez a Mission. Repassar as coisas com o Hodge me tem feito pensar em algo.

Amanda se levantou do assento. Deixou o dinheiro do café e uma gorjeta generosa.

-No que?

-Em tudo. -Evelyn esperou até que saíram para seguir falando. Na situação do Hank Bennett. Acredito que tem razão. É um aproveitado e utilizou a informação que tinha a respeito do Kitty Treadwell para conseguir um trabalho com seu pai.

subiram ao carro da Amanda.

-Como descobriria Bennett que havia uma relação? perguntou.

-Seu nome estava na porta do apartamento -lhe recordou Evelyn. Além disso, Kitty falava muito de seu pai. Até a senhorita Lula sabia que seu pai tinha contatos. E Juice também. Inclusive mencionou a outra irmã, que era a favorita. Todo mundo sabia.

-Mas não os altos cargos deduziu Amanda. Andrew Treadwell se graduou na Geórgia. Lembrança que o li no periódico.

Evelyn sorriu.

-Hank Bennett levava um anel da UGA.

-Geórgia Bulldogs, classe de 1974. -Uma vez mais, Amanda se dirigiu para o Ponce de Leão Avenue. Pode que se conhecessem em um baile ou em um evento social.

Todos esses estudantes são amigos íntimos. -Ela os tinha entrevistado para sua unidade de delitos sexuais. Eram todos uns mentirosos.

-O que acontece ali? disse Evelyn assinalando a Union Mission.

Um carro patrulha do Departamento de Polícia de Atlanta bloqueava a entrada.

-Nem idéia.

Amanda subiu à calçada e se desceu do automóvel. Reconheceu ao agente que saía do edifício, embora não sabia seu nome. Ele, sem dúvida, conhecia-as as duas.

Aliviou o passo quando se dirigiu para seu carro.

-Desculpe...

Amanda tentou lhe deter, mas era muito tarde. O homem subiu e partiu a toda velocidade, fazendo derrapar as rodas.

-Outro igual disse Evelyn.

Não parecia muito intimidada enquanto caminhava até a entrada. Em lugar de encontrar-se com o Trey Callahan, viram um homem gordinho com um alzacuellos de sacerdote. A janela de diante estava rota; havia um tijolo entre os cristais.

-Desejam algo? perguntou.

Evelyn foi a que falou.

-Estamos com o Departamento de Polícia de Atlanta. Procuramos o Trey Callahan.

O homem parecia confuso.

-Eu também.

Amanda deduziu que algo lhes escapava.

-Não está aqui?

-Quem acredita que causou este desastre? perguntou o tipo assinalando a janela rota. Se supunha que abriria o albergue ontem à noite, mas não apareceu e uma das garotas lhe atirou um tijolo à janela. -apoiou-se na escova. O sinto. Nunca tratei com a polícia. São vocês secretárias? O agente que acaba de partir disse que necessitaria uma declaração por escrito.

Amanda reprimiu um grunhido. O agente lhe tinha dado largas.

-Não somos secretárias. Somos agentes secretos.

-Detetives -interrompeu Evelyn, muito segura de si mesmo. E não datilografamos declarações. Como se chama, senhor?

-Sou o pai Bailey. Trabalho no comilão social que há ao baixar a rua.

Não encaixava com a descrição que lhe tinham dado. Logo que era uns centímetros mais alto que Amanda.

-Você é o único que trabalha no comilão?

-Não, meu companheiro prepara a comida. Eu ajudo com a limpeza, mas minha obrigação principal é proporcionar apoio espiritual. -Olhou o relógio que havia na parede. De fato, já chego tarde, assim se não lhes importa.

-Se trabalhar no comilão, o que faz aqui? perguntou Evelyn.

-Tinha ficado com o Trey esta manhã. Reunimonos uma vez ao mês para nos coordenar, para falar das garotas, das que podem ter problemas e das que devemos vigiar.

-E entrou e viu a janela rota?

-E a um montão de garotas dormindo, quando devem deixar o edifício pela manhã. -Assinalou a habitação traseira. roubaram no escritório do Trey. Provavelmente, terá sido alguma das garotas.

-Alguma viu algo?

-O que vou dizer sonha um pouco duro, mas nenhuma delas ajuda a ninguém a não ser que obtenha algum benefício.

-E a noiva do Callahan? perguntou Amanda. Está estudando Enfermaria na Geórgia Baptist.

O homem ficou olhando uns instantes.

-Sim, a chamei. Eileen Sapperson. Disseram-me que tampouco se apresentou ao turno de noite.

-Tem seu número?

-Não tem telefone em casa.

-Importa-lhe se nós... -Amanda assinalou o escritório do Callahan.

O sacerdote se encolheu de ombros. Continuou varrendo enquanto aquelas dois agentes foram à habitação traseira.

Era óbvio que tinham posto o escritório patas acima, mas Amanda não estava segura de se o que o tinha feito era uma yonqui procurando dinheiro ou um homem tratando de sair da cidade a toda pressa. No escritório do Callahan não havia nenhum de seus objetos pessoais. Nem a foto de sua noiva e seu cão, nem o mole de brinquedo, nem os pósteres

de música funk, nem a rádio. No cinzeiro viu os restos de uns quantos néscios que se fumaram até o último centímetro. As gavetas estavam abertas.

E o mais importante, o montão de papéis tinha desaparecido.

Evelyn também se precaveu.

-Onde está seu manuscrito?

-Não acredito que a uma puta sirva para nada, salvo para limpar o traseiro.

-Callahan se partiu a toda pressa. E sua noiva se foi com ele.

-A mesma noite em que encontram morta a Mary Halston no Techwood.

-Coincidência?

Amanda não sabia o que dizer.

vamos falar com o homem do comilão.

-Ao menos poderemos lhe perguntar o nome do pároco.

Retornaram à sala principal, mas o sacerdote se partiu.

-Olá? gritou Evelyn, embora podia ver toda a sala.

Amanda a seguiu ao exterior. A calçada estava vazia, e não havia ninguém no estacionamento. Olharam inclusive atrás do edifício.

-Bom, ao menos não nos mentiu.

-Que saibamos disse Amanda enquanto se dirigia ao Plymouth. O interior do carro já estava ardendo. Acendeu o contato. Estou farta de estar neste carro.

-Alguma vez viu o carro do Colón?

-Prefiro o do Ironside.

-Eu gostaria de ver como reagiriam no Techwood Homes se vissem um parálítico baixar-se de uma caminhonete do pão.

Amanda saiu à rua.

-Pepper Anderson aparece como por arte de magia cada vez que a necessita.

-Uma semana é enfermeira de hospital, a seguinte participa de uma carreira de lanchas, a outra se converte em uma bailarina e a seguinte é uma aeromoça que flerta com um piloto bonito e arrumado. Por certo...

-Te cale.

Evelyn se Rio enquanto apoiava o braço na porta. Ambas guardaram silêncio enquanto Amanda avançava umas quantas maçãs até o Juniper Street.

-Esquerda ou direita? perguntou.

-Escolhe uma.

Amanda girou à esquerda. Reduziu a marcha enquanto olhava cada edifício da esquerda. Evelyn observava os da direita.

Tinham chegado quase a Pene Street quando Evelyn disse:

-Acredito que é esse.

O edifício estava abandonado e não tinha nada que indicasse que fosse uma igreja, salvo a cruz cravada que viram em sua pequena entrada. Estava grafite de negro. Alguém tinha desenhado umas unhas onde se supunha que Jesus tinha as mãos e os pés. Havia pontos de cor vermelha para mostrar seu sofrimento.

-Vá ruína.

Evelyn tinha razão. A fachada de tijolo estava desmoronada e havia enormes gretas no cimento. A entrada, construída com blocos de concreto, estava coberta de grafiti. Duas das quatro janelas da planta de abaixo estavam entaladas, mas as de acima pareciam intactas.

Ambas se desceram do carro e se encaminharam para o edifício. Amanda notou uma brisa ao passar um carro. Era um carro patrulha da Polícia de Atlanta. A luz azul se acendeu para as saudar, mas o condutor não se deteve.

A porta principal do comilão social estava aberta. Nada mais cruzar a soleira da porta, Amanda notou um aroma intenso a ervas e a especiarias. Havia mesas de picnic por toda a sala. Tudo estava preparado: os pratos, as terrinas, os guardanapos e as colheres.

-Não há objetos afiados -assinalou Evelyn.

-Muito inteligente por sua parte. -Amanda levantou a voz. Há alguém?

-Um momento respondeu uma voz áspera.

Ouviram o ruído dos pratos, e logo umas fortes pisadas cruzando a sala. O homem saiu da cozinha. Amanda se

sentiu sobressaltada. Tinha aprendido na academia que uma porta normal mede um e noventa de altura e setenta e cinco centímetros de largura. O homem ocupava toda a porta. Suas costas eram tão largas como o espaço entre as ombreiras. Sua cabeça roçava a travessa superiora.

Sorriu. Tinha um dente torcido de abaixo. Os lábios, cheios. Os olhos, amendoados.

-No que posso lhes ajudar, agentes?

Por um instante, as duas ficaram paralisadas. Amanda procurou em sua bolsa e tirou a placa. A ensinou ao homem, embora ele já sabia que eram policiais.

Entretanto, ela queria pronunciar essas palavras.

-Sou a detetive Wagner. Ela é a detetive Mitchell.

-Por favor disse o homem assinalando uma mesa. Sentem-se.

O homem esperou educadamente a que o fizessem, e logo ocupou o banco de em frente. Amanda, uma vez mais, não pôde evitar fazer comparações. Aquele tipo era tão largo como elas duas juntas. Tão solo o tamanho de suas mãos, que tinha entrelaçadas sobre a mesa, dava medo. Não lhe custaria muito lhes envolver as mãos com elas.

Evelyn tirou a caderneta.

-Como se chama, senhor?

-James Ulster.

-Conhece o Trey Callahan?

Soltou um suspiro. Sua voz era tão rocha que parecia um grunhido.

-É sobre o dinheiro que roubou?

-Roubou-lhe dinheiro? perguntou Amanda, embora resultava evidente que o tinha feito.

-O pai Bailey se ocupa mais das relações públicas que eu explicou Ulster. Um dos doadores observou na junta que faltavam alguns recursos. Pedimos ao Trey que se apresentasse esta manhã a primeira hora, mas, por isso se vê, tinha outros planos.

Amanda recordou a chamada que tinha recebido Callahan no dia anterior, quando elas estavam em seu escritório. Disse que um doador estava ao telefone.

-Estão seguros de que foi Trey quem se levou o dinheiro?

-Sim.

Ulster pôs as mãos a ambos os lados do banco. Tinha as costas encurvada, provavelmente um gesto habitual nele. Um homem assim de grande estaria acostumado a ver que a gente se intimidava ante sua presença. Não obstante, tendo em conta que dirigia um comilão social para os mais necessitados de Atlanta, seu tamanho era mas bem uma vantagem.

-Tem alguma idéia de onde pode ter ido Callahan? perguntou Amanda.

Ulster negou com a cabeça.

-Acredito que tem uma noiva.

Tinham que ir depois a Geórgia Baptist, embora Amanda estava convencida de que não serviria de muito.

-É você amigo do senhor Callahan?

-Lhe há dito isso?

Amanda mentiu.

-Sim. Não é certo?

-Falávamos de teologia e de outras muitas coisas.

-Do Shakespeare?

Disse-o ao azar, mas funcionou.

-Às vezes -admitiu Ulster. Muitos autores do século XVII escreviam em uma língua codificada. Nessa época, os subversivos não estavam muito bem vistos.

-Como no Hamlet? perguntou Evelyn.

-Não é o melhor exemplo, mas sim.

-E Ofelia?

Ulster respondeu com um tom cortante.

-Ela era uma mentirosa e uma prostituta.

Amanda notou que Evelyn ficava rígida.

-Parece você muito seguro disso disse.

-Sinto muito, mas me aborrece esse tema. Trey estava obcecado com essa história. Não se podia manter uma

conversação com ele sem que te soltasse uma entrevista escura.

Parecia dizer a verdade.

-Sabe por que?

-Bom, todo mundo sabia que estava especialmente interessado nas mulheres perdidas, na redenção e a salvação. Estou seguro de que lhes deu um de seus batepapos sobre como se podiam salvar essas garotas. Era bastante rígido a respeito, e tomava pessoalmente se elas fracassavam. -Ulster moveu a cabeça. E, é óbvio, fracassavam.

Fazem-no sempre, porque forma parte de sua natureza.

-Viu-o alguma vez comportar-se de forma inapropriada com as garotas? perguntou Evelyn.

-Eu não ia com muita freqüência a Mission. Meu trabalho está aqui, mas não sentiria saudades que se aproveitou. Roubou dinheiro de uma organização caridosa.

por que não ia explorar às prostitutas?

-Viu-o alguma vez zangado?

-Não com meus próprios olhos, mas me hão dito que tem um caráter muito forte. Algumas garotas comentaram que às vezes ficava violento.

Amanda olhou a caderneta da Evelyn. Não estava anotando nada do que dizia Ulster. Pode que pensasse quão mesmo Amanda. Trey Callahan provavelmente se passava o dia pendurado, e resultava difícil imaginar que se deixasse

levar pela cólera. E, é óbvio, tampouco o tinham tomado por um ladrão.

-Trey Callahan estava escrevendo um livro disse Evelyn.

-Sim respondeu Ulster alargando a consonante. Sua obra. Mas não era muito boa.

-Tem-na lido?

-Umas quantas páginas. Ao Callahan lhe dava melhor o trabalho que desempenhava que o que desejava. -Esboçou um sorriso. Muitos pessoas encontrariam a paz se aceitassem os planos que Deus lhes encomendou.

Amanda teve a impressão de que lhes estava lançando uma indireta.

Evelyn deveu pensar o mesmo, pois empregou um tom cortante quando lhe perguntou: -Que trabalho realizam vocês aqui exatamente?

-Está claro: dar de comer às pessoas. Servimos o café da manhã às seis da manhã. A hora de comer começa ao meio dia, embora verá que as mesas começam a encher-se muito antes.

-Essas são as únicas comidas?

-Não, também damos de jantar. começa-se às cinco e termina às sete.

-E logo toda a gente parte?

-A maioria. Há gente que fica a passar a noite. Há vinte camas na planta de acima. E uma ducha, embora não

sempre há água quente. E só aceitamos mulheres, é óbvio. -
Fez gesto de levantar-se. Querem que o mostre?

-Não faz falta respondeu Amanda, que não queria ficar apanhada na planta de acima com esse homem. Você fica aqui de noite?

-Não. A paróquia do pai Bailey está ao baixar a rua. Vem todas as noites por volta das onze para as encerrar; logo as deixa sair, às seis da manhã.

-Quanto tempo leva trabalhando aqui? perguntou Amanda.

-Em outono fará dois anos respondeu detrás pensar-lhe um momento.

-A que se dedicava antes?

-Era capataz na linha de ferrovia.

Evelyn assinalou o edifício.

-Desculpe que o diga, mas não acredito que aqui receba o mesmo salário.

-Não, é óbvio, e o pouco que cobro intento devolvê-lo.

-Não recebe nenhum salário por trabalhar treze horas ao dia neste sítio? perguntou Evelyn.

-Como lhe hei dito, fico com o que necessito. Mas são dezesseis horas ao dia, sete dias à semana. encolheu-se de ombros. Para que necessito riquezas terrestres se minha recompensa estiver no Céu?

Evelyn se agitou no banco. Parecia tão incômoda como Amanda.

-Alguma vez conheceu uma prostituta chamada Kitty Treadwell?

-Não. -Ficou olhando sem compreender. Não que eu recorde, mas por aqui vêm muitas prostitutas.

Amanda abriu a bolsa e procurou o carnê. Mostrou-lhe a fotografia do Kitty.

Ulster alargou a mão para agarrá-lo, mas teve muito cuidado de não lhe tocar a mão. Estudou a fotografia e logo leu o nome e a direção. Movia os lábios, como se estivesse pronunciando as palavras. Finalmente, disse:

-Tem muito melhor aspecto nesta foto. Suponho que tomaram antes de que caísse na maldita droga.

-Então, conheceu o Kitty? perguntou Evelyn.

-Sim.

-Quando a viu por última vez?

-Faz um mês. Pode que algo mais.

Aquilo não tinha sentido. Amanda tirou o carnê do Lucy Bennett e logo o da Mary Halston.

-Conhece estas garotas?

Inclinou-se sobre a mesa e examinou as fotografias uma a uma. tomou seu tempo. Uma vez mais, seus lábios se moveram enquanto lia seus nomes. Amanda ouvia sua respiração, o modo uniforme de inalar e exalar. Podia lhe ver o cocuruto. Seu cabelo castanho claro estava talher de caspa.

-Sim disse levantando a cabeça. Esta garota esteve aqui algumas vezes, embora preferia a Mission. Posso imaginá-lo porque se trazia algo com o Trey. -Assinalava a Mary Halston, a vítima de assassinato da noite anterior. Logo assinalou ao Lucy. Sobre esta garota não estou muito seguro. parecem-se muito, e as duas são drogadas.

É o açoitado de nossa geração.

-Reconhece ao Lucy Bennett e a Mary Halston como as garotas que vinham ao comilão social? perguntou-lhe Evelyn para assegurar-se.

-Acredito que sim.

Tomou nota.

-E Mary como a favorita do Trey Callahan?

-Assim é.

-Quando foi a última vez que viu o Lucy ou Mary?

-Faz umas semanas. Possivelmente faça um mês. -Uma vez mais, examinou as fotografias. As duas têm um aspecto muito mais saudável nestas fotos. -Levantou a cabeça. Olhou a Evelyn e logo a Amanda. Vocês são agentes de polícia, e estarão mais acostumadas a ver os estragos que causam as drogas. Pobres garotas. -Moveu a cabeça com tristeza. As drogas são um veneno, e não sei por que o Senhor as pôs em nosso caminho, mas há certo tipo de pessoas que sucumbem a essa tentação. Tremem ante as drogas quando deveriam fazê-lo ante o Senhor.

Sua voz retumbava naquela sala aberta. Amanda o podia imaginar falando de um púlpito. Ou nas ruas.

-Há um alcoviteira ao que apelidam Juice.

-Sim, conheço esse pecador.

-Diz que você exorta às garotas quando estão trabalhando. É certo?

-Eu faço o trabalho que o Senhor me encomendou, não me importa quão perigoso seja.

Amanda não podia imaginar que sentisse muito medo. A nenhuma pessoa em seu são julgamento gostaria de encontrar-se com um homem tão grande como James Ulster em um beco escuro.

esteve alguma vez no Techwood Homes?

-Muitas vezes. Levo-lhes sopa aos doentes. Vou ao Techwood Homes as segundasfeiras e sexta-feira. E ao Grady Homes, as terçasfeiras e quinta-feira. Há outro comilão que reparte no Perry Homes, Washington Heights...

-Obrigado -interrompeu Evelyn, mas solo nos interessa Techwood.

-Hão-me dito que ocorreram coisas horríveis ali. -Juntou as mãos. Te encolhe a alma ao ver como vivem essas pessoas. Mas suponho que todos nos liberamos de nossos problemas ao morrer.

Amanda notou que o coração lhe dava um tombo.

-Trey Callahan utilizou essa mesma frase. É do Shakespeare.

-De verdade? Possivelmente me tenha pego sua maneira de falar. Como lhes hei dito, estava obcecado com esse

tema.

-Recorda a uma prostituta chamada Jane Delray?

-Não. Está em perigo?

-E ao Hank Bennett? Conhece-lhe? -Evelyn esperou, mas Ulster negou com a cabeça. Tem o cabelo de sua mesma cor. Um metro oitenta de altura. Muito elegantemente vestido.

-Não, irmana, sinto muito.

A rádio que tinha Evelyn na bolsa emitiu um ruído. ouviu-se uma chamada amortecida, seguida de vários cliques. Colocou a mão na bolsa para baixar o volume, mas se deteve ao ouvir seu nome.

-Mitchell?

Amanda reconheceu a voz do Butch Bonnie.

-Desculpe disse Evelyn, tirando a rádio. Mitchell, deze quatro.

-Vintee cinco. me diga onde se encontra. Agora -ordenou Butch.

Ouviram-se mais cliques na rádio; uma resposta coletiva de mofa. Butch lhes estava dizendo a ambas que se reunissem com ele fora.

Evelyn se dirigiu ao Ulster.

-Obrigado por falar conosco. Espero que não lhe incomode se lhe chamamos para lhe fazer algumas pergunta mais.

-É óbvio que não. Querem que lhes dê meu número de telefone?

A caneta da Evelyn quase desaparece na mão esquerda do Ulster. Aferrou-o com seu punho; não o colocou entre o polegar e o índice enquanto escrevia os sete dígitos. Em cima deles, anotou seu nome. Tinha a escritura de um menino. Ao escrever a última letra, rasgou o papel.

-Obrigado disse Evelyn.

Parecia bastante reacia a agarrar de novo a caneta. Pô-lhe o capuz e fechou a caderneta. Ulster se levantou depois delas. Tendeu-lhes a mão às dois. Todos as tinham suadas pelo calor, mas a pele do Ulster estava especialmente pegajosa. Ele estreitou suas mãos com delicadeza, mas solo serve para que Amanda recordasse que poderia lhe romper todos os ossos se lhe desejava muito.

Evelyn respirava levianamente quando se dirigiram para a porta.

-Deus santo -suspirou.

Por muito aliviadas que se sentissem ao deixar ao Ulster, ao ver o Butch Bonnie sentiram desejos de voltar a entrar. Estava lívido.

-Que coño fazem aqui?

Agarrou a Evelyn pelo braço e a arrastou pela escada.

-Não te ocorra... -soltou Amanda.

-Seu fecha o pico! -Empurrou-a contra a parede. Levantou o punho, mas não a golpeou. Quantas vezes tenho que lhes

dizer isso Retrocedeu. Seus pés raspam na calçada. - Maldita seja.

Amanda se levou a mão sobre o peito. Notou que o coração lhe pulsava com força. Viu que Evelyn se cansado e correu a ajudá-la.

-Não disse Evelyn levantando-se por si mesmo.

Golpeou ao Butch no peito com ambas as mãos.

-Que coño...? exclamou ele cambaleando-se para trás.

Evelyn voltou a lhe golpear, uma e outra vez, até que o teve esquecido contra a parede.

-Se voltar a me tocar, pegou-te um tiro na cabeça. Ouviste-me?

Butch ficou estupefato.

-Que narizes te passa?

Evelyn andava de um lado para outro. Parecia um animal enjaulado.

-Estou farta de ti, casulo.

-De mim? -Butch tirou seus cigarros. E vocês o que? Quantas vezes terá que lhes dizer que não lhes metam neste assunto? -Colocou o dedo no pacote. tentei ser amável, lhes advertir da melhor forma. Mas logo me inteiro de que estão procurando a meu confidente e causando problemas. Assim que se acabaram as amabilidades.

O que se supõe que devo fazer?

-Quem é seu confidente?

-Isso não é seu assunto.

Evelyn lhe atirou os cigarros de um tapa. Estava tão fora de si que lhe custava falar.

-Você sabe que a mulher morta é Jane Delray.

Apartou o olhar.

-Eu não sei nada de nada.

-Quem te ordenou que dissesse que era Lucy Bennett?

-A mim ninguém diz o que tenho que fazer.

Evelyn não estava disposta a render-se.

-Juice não matou ao Lucy Bennett.

-Mais te valeria tomar cuidado protegendo a um negro que está no cárcere. -Olhou-a com condescendência enquanto recolhia o pacote do Marlboro. Deus santo, Eve, por que não deixa de me acostrar como se fosse um touro? - Olhou a Amanda em busca de ajuda. Vamos, Wag. Tráfico de que esta Annie Oakley recupere o sentido.

Amanda tinha um sabor amargo na garganta. Solto o mais horrível que lhe passou pela cabeça nesse momento.

-Que lhe jodan, mamão.

Butch solto uma sonora gargalhada.

-Como diz? Que me jodan? -Rebuscou em seu bolso para agarrar o acendedor. Sabe a quem vão a joder? -Acendeu o cigarro. A ti disse assinalando a Amanda, por ir ao cárcere ontem, e a ti -assinalou a Evelyn, por colocá-la em tudo isto.

-Por me colocar no que? perguntou Amanda. Ela não é minha mãe.

Butch soltou uma baforada de fumaça.

-Amanhã lhes transladarão às duas. Espero que tenham suas luvas brancas porque lhes vejo de agentes de tráfico, regulando a circulação.

-E eu espero que ponham um pleito por discriminação sexual replicou Evelyn. A ti e ao Landry.

Soltou a fumaça pelo nariz.

-Estúpidas zorras, tratastes que joderme todo o tempo, mas sabem uma coisa? Comigo não se acaba tão facilmente. Espero que o passem bem dirigindo o tráfico.

Fez um gesto de despedida enquanto partia.

Evelyn ficou lhe observando, enquanto apertava e afrouxava os punhos. Por um instante, Amanda pensou que sairia detrás dele e saltaria sobre suas costas, mas não sabia o que ocorreria se se deixava levar. Suas unhas não eram muito largas, mas sim fortes. Trataria de lhe arrancar os olhos. E, se não podia, morderia-lhe algo que lhe coubesse na boca.

-Estou farta disto disse Evelyn começando a perambular de um lado para outro. Estou farta de agüentar a mierda desta gente, de que me mintam. -Deu-lhe uma patada ao pneumático do Plymouth. Estou farta de não ter um carro, de que a gente cria que sou uma espécie de secretária. - Agarrou a bolsa. por que não lhe peguei um tiro? Deus, como eu gostaria de pegar-lhe Evelyn dio la vuelta al coche.

-Podemos pegar-lhe agora. -Amanda nunca tinha estado tão disposta em sua vida a fazer algo. Vamos lhe buscar e o pegamos agora mesmo.

Evelyn se pendurou a bolsa no ombro e se cruzou de braços.

-Não penso ir ao cárcere por esse... -Se deteve. Como o chamou? Mamão? -Soltou uma risada de surpresa. Não sabia nem que conhecesse essa palavra.

Amanda se deu conta de que ela também tinha os punhos fechados. Estirou os dedos um a um.

-Suponho que alguém aprende essas coisas quando se junta com putas e fanfarrões.

-Agentes de tráfico disse Evelyn, zangada. É verão. Teremos que suportar a todos esses meninos estúpidos que não estudaram durante o resto do curso.

Amanda abriu a porta do carro.

-Vamos a Geórgia Baptist para ver se podemos encontrar à noiva do Trey Callahan.

-Está de brincadeira? Já viu o que há dito Butch.

-Isso será amanhã. Agora nos preocupemos de hoje.

Evelyn deu a volta ao carro.

-E depois o que, Scarlett Ou'Hara?

-Logo iremos ao Techwood para ver se a senhorita Lula tiver encontrado a alguém que recordasse ter visto o Hank Bennett. -Amanda girou a chave do contato.

E logo lhe perguntaremos se alguma vez viu a um gigante repartindo sopa aos doentes.

Evelyn pôs a bolsa sobre seu regaço.

-Ulster admitiu que vinha com freqüência ao Techwood Homes. As segundasfeiras e as sextasfeiras. Os mesmos dias em que encontraram a nossas vítimas.

-Mentiunos. -Amanda saiu à rua. Como ia ler a obra do Trey Callahan se logo que podia ler os nomes dos carnês.

-Você também te deu conta? perguntou Evelyn. Não parecia analfabeto.

-Pode que não saiba ler bem.

-Butch disse que estávamos tratando com seu confidente. Quem crie que é? Ulster? O pai Bailey? Pergunto-me onde se meteu essa doninha. Fechando às garotas de noite. É uma fábrica de costura.

-Ulster parecia muito disposto a pôr ao Trey Callahan no centro do alvo. A frase da Ofelia. Seus comentários sobre seu caráter.

-Vejo que também te deu conta. -Evelyn apoiou o cotovelo na porta. Sei que por aqui todos somos cristãos, mas eu não gosto da forma em que o usa Ulster.

crie-se melhor que ninguém. Fixaste-te?

Amanda só sabia uma coisa.

-Acredito que James Ulster é o tipo mais aterrador que conheci em minha vida. Há algo sinistro nele.

-Exato disse Evelyn. Viu quão grandes eram suas mãos?

Amanda sentiu que um calafrio lhe percorria as costas.

-Um alto cargo está trabalhando em nosso contrário disse Evelyn.

-Sei resmungou Amanda.

-Butch tem contatos, mas não os suficientes para fazer que nos transladem. Tem que ser alguém que soubesse que ontem esteve falando com o Juice no cárcere.

E que sabia que hoje íamos falar com o Ulster. E com o pai Bailey e Trey Callahan. Pode que eu removesse algum assunto enquanto comprovava os expedientes de negros desaparecidos. -mordeu-se o lábio. Temos feito algo que encheu o saco a alguém o bastante para nos tirar da rua e nos pôr a dirigir o tráfico.

-Sei repetiu Amanda.

Esperou a que Evelyn continuasse, mas provavelmente tinha chegado à mesma conclusão que ela. Duke Wagner não tinha recuperado seu cargo de forma oficial, mas já estava atirando dos fios.

Amanda olhou seu relógio. Eram as oito e quinze da noite. Ao obscurecer não diminuía o calor do verão. Justamente o contrário, dava-lhe à umidade uma razão para levantar-se e fazê-lo ainda mais sufocante. Amanda sentiu como se seu suor estivesse suando. Os mosquitos revoavam por sua cabeça enquanto permanecia ao lado da cabine que havia na esquina do Juniper e Pene. Deixou a porta aberta para que a luz não se acendesse. A moeda parecia escorrer-se entre seus dedos. Meteu-a na ranhura e, lentamente, marcou o número de seu pai.

Tinha saído da casa do Duke fazia quinze minutos. Tinha-lhe preparado o jantar. Tinha escutado pela metade como lhe repetia as notícias do dia e lhe falava dos últimos pormenores sobre seu caso. Era questão de tempo que recuperasse seu posto, e que ela tivesse que fazer o que lhe pedisse. Amanda se tinha limitado a assentir enquanto lhe observava comer, e tinha lavado os pratos. Sentiu uma imensa tristeza. Cada vez que abria a boca para dizer algo, fechava-a para não tornar-se a chorar.

Duke respondeu ao primeiro timbre. Tinha a voz rouca, provavelmente de ter fumado muitos cigarros depois de jantar.

-Me diga?

-Sou eu, papai.

-Está em casa?

-Não.

Duke esperou, e logo perguntou.

-Te avariou o carro?

-Não, senhor.

Ouviu como chiava sua cadeira de balanço.

-O que acontece? Sei que te acontece algo. estiveste zangada toda a noite.

Amanda viu seu reflexo no cromo da cabine. Tinha vinte e cinco anos. Havia meio doido um cadáver o passado fim de semana. Tinha desprezado a um alcoviteira no dia anterior. A última noite tinha ajudado a examinar o cadáver de uma

garota. enfrentou-se ao Butch Bonnie na rua. Deveria poder ter uma conversa sincera com seu pai.

por que tem feito que transladem a um serviço de tráfico?

-Como diz? -Parecia surpreso. Eu não te transladei. Quem demônios o tem feito? -Ouvii o ruído de papéis e o clique de uma caneta. me Dê o nome desse gilipollas.

Já lhe direi eu a quem deve transladar.

-Não foste você?

por que ia transladar te quando vou estar com minha antiga brigada dentro de menos de um mês?

Tinha razão. Além disso, se Duke estava descontente com alguém, normalmente o dizia à cara.

-Amanhã estarei fazendo um serviço de tráfico. -Tinha telefonado para verificar se era certo. junto com a Evelyn Mitchell.

-Mitchell? perguntou trocando de tom. O que faz você com essa zorra? Disseste que te separasse dela.

-Sei, mas estamos trabalhando juntas em um caso.

Duke grunhiu.

-Que tipo de caso?

-assassinaram a duas garotas. Garotas brancas. Viviam no Techwood Homes.

-Prostitutas?

-Sim.

Duke guardou silêncio. Estava pensando.

-Tem algo que ver com esse negro que assassinou a essa garota branca?

-Sim, senhor.

Ouviu o estalo de seu acendedor, e logo como soltava a fumaça.

-Por isso foi ao cárcere ontem pela manhã?

Lhe fez um nó na garganta. Viu que sua vida desaparecia antes seus olhos: seu apartamento, seu trabalho, sua liberdade.

-Inteirei-me que pôs a raia a esse negro. Que esteve sozinha com ele em uma habitação.

Amanda não respondeu. Ouvir o Duke dizer essas palavras fez que se desse conta do louca e estúpida que tinha sido. Tinha sorte de ter saído sã e salva de uma situação como essa.

-Teve medo? perguntou Duke.

Sabia que se daria conta se lhe mentia.

-Estava aterrorizada.

-Mas não o deixou ver.

-Não, senhor.

Ouviu que lhe dava uma larga imersão ao cigarro.

-Pensa ficar até muito tarde esta noite?

-Eu... -Amanda não sabia o que dizer. Olhou para a rua. Uma lua quase enche dominava o céu. A cruz negra de madeira projetava uma sombra na calçada, justo diante do comilão social. Temos a um possível suspeito.

-Têm?

Amanda não respondeu.

-Há provas?

-Nada -admitiu. Procurou uma melhor explicação, mas solo lhe ocorreu uma: É sozinho intuição feminina.

-Não o chame assim -ordenou Duke. Chama-o pressentimento. É algo que se sente nas vísceras, não entre as pernas.

-De acordo. -Foi o único que lhe ocorreu responder.

Duke tossiu várias vezes.

-Estão investigando o caso do Rick Landry, verdade?

-Sim, senhor.

-Esse idiota não seria capaz nem de encontrar seu próprio culo. -Sua risada se transformou em uma tosse seca. Se fica até muito tarde, vete logo a dormir.

Eu me prepararei o café da manhã.

O telefone emitiu um ruído seco. Amanda ficou olhando o auricular, como se o microfone pudesse lhe explicar o que acabava de acontecer. Não levantou a cabeça até que um par de luzes chamaram sua atenção.

A caminhonete da Evelyn cheirava a caramelo e vinho barato. Sorriu enquanto Amanda ocupava o assento do passageiro.

-Encontra-te bem?

-Desconcertada.

Contou a Evelyn a conversação Telefónica que tinha mantido com seu pai.

-Bom respondeu Evelyn com tom circunspeto, crie que está dizendo a verdade?

-Sim.

Duke podia ser muitas coisas, mas não era um mentiroso.

-Então deve estar dizendo-a.

Amanda sabia que Evelyn jamais confiaria no Duke. E o entendia. Em sua opinião, estava talhado pelo mesmo padrão que Rick Landry e Butch Bonnie. E pode que fosse certo, mas era seu pai.

Evelyn olhou em direção ao comilão social.

-Ainda está Ulster dentro?

-Está limpando. -Amanda tinha passado por ali antes e tinha visto o James Ulster levantando uma enorme sopeira da mesa. Estava de costas a ela, mas, mesmo assim, aliviou o passo. Há uma caminhonete verde atrás do edifício. pedi que identificassem a matrícula e está registrada em nome da igreja. Havia alguns objetos religiosos no assento dianteiro e uma Bíblia no salpicadero. Tem cacharros de

madeira na parte de atrás e um montão de cordas. Imagino que as utiliza para que não se derrame a sopa.

-Levando ensopa aos necessitados. me parece um assassino em série.

-Como não? Você sozinho pensa nisso.

Evelyn não estava para brincadeiras.

-Enquanto conduzia para aqui, uma parte de mim tinha a sensação de que estava indo a meu próprio funeral. -Cruzou os braços à altura da cintura. Nosso último dia de trabalho, ou ao menos de nosso verdadeiro trabalho, de que queremos fazer. Não acredito que possa me pôr minha uniforme de guarda de tráfico nunca mais. Pensei que isso era coisa do passado.

Amanda não queria falar disso.

chamaste a Geórgia Baptist?

-A noiva do Callahan se chama Eileen Sapperson. Não se apresentou ao trabalho esta manhã. Não sabem seu número de telefone nem sua direção. Outro desaparecimento mágica do Doug Henning.

-Outro ponto morto recalcou Amanda.

A senhorita Lula tampouco tinha encontrado a nenhuma pessoa que recordasse ter visto alguém com a descrição do Hank Bennett. Além disso, embora muitos conheciam descomunal senhor Ulster, jamais lhe tinham visto causar o mais mínimo problema. Era difícil ter inimigos se lhes levar um prato de comida quente.

-James Ulster vai ao Techwood as segundasfeiras e as sextasfeiras, justo os dias em que se encontraram às vítimas disse Evelyn.

-Vai tantas vezes que ninguém o nota -acrescentou Amanda. Ao menos conhecia o Kitty, e conhecia a Mary Halston o bastante bem para dizer que Trey estava encaprichado com ela. Provavelmente, também conhecia o Lucy Bennett.

-É o único que diz as haver visto com vida recentemente. Jane Delray, Hank Bennett, Trey Callahan e Juice afirmaram que tinham desaparecido o ano passado.

-Pode que Ulster seja o confidente do Butch. Poderia haver dito que Lucy Bennett estava morta para que seu irmão deixasse de procurá-la.

-Crie que a estava procurando de verdade? Deixou de fazê-lo quando encontrou ao Kitty. E nada disso explica por que Hodge nos enviou ali. Nem quem nos transladou, se não ter sido seu pai.

Amanda não podia suportar a idéia de repassá-lo tudo de novo. Não importava as vezes que falassem disso, nunca resolveriam aquele quebracabeças. Evelyn tinha a sua família, e ela tinha que fazer seus trabalhos da faculdade. Além disso, jamais lhes tinham atribuído esse caso. Pelo resto, não teriam mais autoridade que lhes pegar gritos a uns quantos adolescentes em idade escolar.

-Pergunto-me disse Evelyn-o que passaria se apresentar uma denúncia por discriminação sexual. -Pôs as mãos sobre o volante. O que fariam? A lei está de meu lado. Butch tem razão. Não vale a pena ameaçar se não ir seguir adiante. É uma perda de tempo.

-Nunca lhe ascenderão. Transladarão-lhe ao aeroporto, o que é mais humilhante que fazer um serviço de tráfico. Mas eu atestarei em seu favor. Vi o que lhe fizeram Rick e Butch, e não têm direito a fazer tal coisa.

-Mandy, que boa amiga é. -Alargou o braço e lhe agarrou a mão. Faz que este estúpido trabalho seja mais suportável.

Amanda olhou suas mãos. as da Evelyn eram muito mais elegantes que as suas.

-Nunca antes me tinha chamado Mandy.

-Em realidade, não te parece com alguém que se chame Mandy.

Não se sentia assim, em efeito. Iria uma Mandy a prisão para pôr nervoso a um alcoviteira? enfrentaria-se uma Mandy aos mais fanfarrões e os chamaria de tudo?

-Sabe uma coisa? Quando Hodge nos enviou pela primeira vez a esse sítio, temia-te.

Amanda não teve que lhe perguntar os motivos. Se tinha aprendido algo essa semana, é que o nome do Wagner não jogava a seu favor.

-Mas é fantástica. Se houver algo bom que tirei que tudo isto, é nossa amizade.

Amanda levava toda a noite evitando chorar, assim que se limitou a assentir.

Evelyn lhe apertou a mão.

-Eu não tenho muitas amigas. Amigas de verdade.

-Custa trabalho acreditá-lo.

-Estava acostumado às ter. passou-se os dedos pelo cabelo. Bill e eu íamos a muitas festas os fins de semana. Dois ou três. Às vezes inclusive quatro.

-Soltou um prolongado suspiro. Todo mundo pensou que era muito divertido que ingressasse no corpo, mas, quando viram que não estava disposta a me dar por vencida, deixaram-nos de falar. Não queria me dedicar a intercambiar receitas nem a organizar vendas de bolos. Não podiam entender que queria realizar o trabalho de um homem.

Deveria ouvir falar com minha sogra sobre o tema. -Se Rio com arrependimento. Este trabalho te troca. Troca sua forma de pensar, o modo de ver o mundo. Não me importa o que digam. Nós somos policiais, e vivemos e sentimos este trabalho tão intensamente como eles.

-Não acredito que veja o Butch e ao Landry na rua a estas horas.

-Não, provavelmente estarão em sua casa com sua família.

Amanda o pôs em dúvida.

-Eu mas bem diria com suas queridas.

-Olhe, aí está.

Viram o Ulster fechando a porta principal do edifício. A escuridão não lhe favorecia. Era um homem enorme. Amanda não podia imaginar a ninguém resistindo a semelhante força.

Olhou para a rua. Amanda e Evelyn se agacharam, mas ele não pareceu ver a caminhonete vermelha. Se o fez, não

lhe emprestou muita atenção. Até certo ponto, o carro, com os brinquedos do menino no assento traseiro e as ceras esmagadas na catapora, era o esconderijo perfeito.

Amanda conteve o fôlego enquanto esperava que voltasse a aparecer. Pareceram horas, mas solo transcorreram uns minutos quando Evelyn disse: -Aqui vem.

A caminhonete verde girou no Juniper. Seguiram agachadas enquanto passava por seu lado. Evelyn girou a chave de contato. O motor caloteou, e logo arrancou.

Deu ao ponteiro de relógio para assegurar-se de que as luzes frontais estavam apagadas, logo tirou o focinho à rua e, lentamente, colocou-se no sulco contrário.

-Vai melhorando disse Amanda.

-Obrigado resmungou Evelyn.

Na rua Juniper não havia luzes, mas bastava com a luz da lua; quando não podia ver, conseguia decifrar o caminho.

Ulster girou à esquerda no Piedmont Avenue, e logo se dirigiu para o Bedford Pene. O fedor do Buttermilk Bottom invadiu o carro, mas, mesmo assim, deixaram os guichês abertos.

-Aonde vai? perguntou Evelyn.

Amanda negou com a cabeça. Não tinha a menor ideia.

A caminhonete freou no último minuto e girou bruscamente no Ralph McGill.

-Curta pelo Courtland disse Amanda.

Evelyn teve que dar marcha atrás para girar.

-Crie que nos viu?

-Não sei. -Ainda levavam as luzes apagadas; o interior do carro estava às escuras. Pode que solo esteja tomando precauções.

por que ia tomar as? perguntou Evelyn contendo a respiração. A caminhonete verde estava diante delas. Aí está.

Seguiram ao veículo pelo Courtland. Era uma estrada completamente reta, por isso Evelyn se manteve a uns cem metros. Quando a caminhonete torceu em Pene, as luzes do Crawford Long Hospital iluminaram o interior. Viram o inconfundível corpo do Ulster. Evelyn reduziu a velocidade, olhando para a rua antes de girar para lhe seguir. As luzes da autoestrada dificultavam o seguimento. Ulster girou no Spring Street.

-Evelyn disse Amanda.

-Já o vi.

Seguiram-no pelo North Avenue, deixaram atrás o Varsity e passaram por cima da autoestrada. dirigia-se ao Techwood.

-Agarra meu rádio disse Evelyn.

Amanda encontrou a bolsa da Evelyn no assento traseiro. Notou o frio metal do revólver. O deu a Evelyn, quem conduziu com uma mão enquanto se colocava a arma debaixo da perna.

Amanda acendeu a rádio.

-Central?

Não houve resposta.

-Central, é a unidade dezesseis. Ouvem-me?

A rádio fez clique.

-Unidade vinte e três a unidade dezesseis disse uma voz de homem. Necessitam ajuda?

Amanda sustentava a rádio na mão. Tinha chamado a delegacia de polícia, não a um obtuso que estava de patrulha.

-Ouça-me, dezesseis? perguntou o homem. Qual é sua localização?

Amanda falou com os dentes apertados.

-Techwood Homes.

-Repita, por favor.

Amanda separou as sílabas.

-Tech. Wood. Homes.

-De acordo. Perry Homes.

-Deus santo exclamou Evelyn. Acredita que é uma brincadeira.

Amanda aferrou a rádio com todas suas forças, desejando estampar-lhe na cabeça a aquele homem. Pôs o dedo no botão, mas não o pulsou.

-Amanda resmungou Evelyn em tom de advertência.

A caminhonete verde não reduziu para girar no Techwood Drive, mas sim seguiu reto, entrando no interior do gueto.

-Isto eu não gosto de disse Evelyn. Não há razão para que venha até aqui.

Amanda não se incomodou em mostrar seu acordo. Estavam em uma parte da cidade em que ninguém, já fosse branco, negro, polícia ou delinqüente, atrevia-se a entrar de noite.

A caminhonete voltou a girar. Evelyn reduziu a velocidade e tomou a curva, assegurando-se de que não as visse. Viram brilhar um pouco as luzes traseiras da caminhonete. Ulster sabia aonde ia. movia-se lenta e estudiadamente.

Amanda o tentou de novo com a rádio.

-Central, a unidade dezesseis dirigindo-se ao norte pelo Cherry.

O homem da unidade vinte e três respondeu:

-O que diz, dezesseis? Que quer que te desvirgine?

Ouviram-se mais cliques; a rádio tinha interferências.

A operadora cortou o falatório.

-Deze trinta-quatro, todas as unidades. Dezesseis, repita seu dezo vinte.

-É Rachel Foster disse Evelyn. As mulheres da central eram quão únicas podiam pôr fim às estupidezes. Evelyn agarrou a rádio. Dezesseis dirigindo-se ao norte pelo Cherry. Possível trinta e quatro em uma caminhonete Dodge cor

verde. Matrícula da Geórgia... -Olhou à caminhonete e acrescentou: Chárlie, Victor, Wílliam, oito, oito, oito.

-Verificado deze vinte, unidade dezesseis? disse Rachel.

Amanda agarrou a rádio para que Evelyn pudesse conduzir com ambas as mãos.

-Verificado Cherry Street, operadora. nos dirigindo ao norte.

-Estão-me tirando o sarro? disse Rachel com tom seco. Conhecia as ruas melhor que a maioria dos policiais que estavam de patrulha-Dezesseis?

No interior do carro se fez o silêncio. Ambas olharam a caminhonete verde que entrava no gueto. Acaso Ulster pretendia lhes tender uma armadilha?

-Dezesseis? repetiu Rachel.

-Verificada direção norte pelo Cherry.

Durante uns segundos, solo se ouviu o ruído da estática.

-Me dêem cinco minutos disse Rachel. Mantenham sua localização. Repito, mantenham sua localização.

Amanda pôs a rádio sobre seu regaço. Evelyn continuou conduzindo.

por que disse que a caminhonete possivelmente era roubada? perguntou.

-Porque o que menos precisamos é que o vaqueiro esse que está na unidade vinte e três venha aqui com as luzes e as sereias acesas.

-Possivelmente fosse o mais conveniente.

Amanda jamais tinha estado nessa parte da cidade, e duvidava que nenhuma mulher branca o tivesse feito. Não havia placas com o nome das ruas, nem luzes no interior das casas que iluminassem ambos os lados da rua. Até a lua parecia brilhar com menos intensidade nessa zona.

A caminhonete voltou a girar à esquerda. O ar era do mais denso. Amanda teve que respirar pela boca. Na rua havia uma fileira de carros feitos uma sucata.

Se Evelyn seguia ao Ulster, não haveria forma de evitar que visse a caminhonete. Ao final, não o necessitaram. As luzes de freio cintilaram quando se deteve diante de uma casa de madeira. Ao igual a nas demais, não se via nenhuma luz dentro. A eletricidade era um luxo nessa parte da cidade.

-Estão abandonadas? perguntou Evelyn refiriéndose às casas.

Algumas pareciam entaladas, e outras em tão mal estado que o teto se cansado.

-Não sei.

Permaneceram sentadas no carro. Nenhuma das duas sabia o que fazer. Não podiam jogar a porta abaixo e entrar com as armas na mão.

-Rachel deveria nos haver chamado por rádio disse Amanda.

Evelyn continuava com as mãos no volante. Ambas olhavam a casa do Ulster. Uma luz se acendeu em uma das habitações de atrás, desenhando uma linha branca na parte dianteira da caminhonete verde que estava na entrada.

-Pensaria que sou uma covarde se te disser que deveríamos chamar à unidade vinte e três? -sussurrou Evelyn.

Amanda se tinha estado perguntando como lhe fazer essa mesma pergunta.

-Ele tipo lhe poderia dizer ao Ulster que a caminhonete era roubada.

-E lhe pedir se podia olhar no interior da casa.

E receber um tiro na cara. Ou no peito. Ou um murro. Ou uma punhalada. Ou receber uma surra.

-Faz-o disse Evelyn.

Amanda pressionou o botão da rádio.

-Vinte e três? -Solo se ouvia a estática. Inclusive os cliques tinham desaparecido. Operadora?

-Joder -amaldiçoou Evelyn. Provavelmente estejamos em uma bolsa. -Havia pontos sem cobertura por toda a cidade. Evelyn colocou a marcha atrás. Funcionava na última maçã. Vamos a...

Um grito rompeu o silêncio. Foi um grito selvagem, terrorífico. O corpo da Amanda se estremeceu e começou a percorrê-la um suor frio. Todos os músculos se esticaram. O som despertou o primitivo instinto de sair fugindo.

-Deus santo exclamou Evelyn. foi um animal?

Amanda ainda podia ouvir o grito lhe retumbando nos ouvidos. Jamais tinha ouvido algo tão aterrador em sua vida.

de repente, a rádio começou a funcionar.

-Dezesseis? Aqui a unidade vinte e três. Reconsideram minha oferta?

-Graças a Deus -sussurrou Evelyn. Pressionou o botão, mas não teve tempo de falar.

O segundo grito atravessou o coração da Amanda como uma faca. Não era um animal. Era o grito desesperado de uma mulher pedindo ajuda.

-Que demônios foi isso? disse uma voz pela rádio.

A bolsa da Amanda estava no chão. Agarrou-o e tirou o revólver. Logo agarrou o ponteiro de relógio da porta.

O pé da Evelyn soltou o freio.

-O que faz? perguntou.

-Para o carro. estava-se movendo para trás. Para o.

-Amanda, não pode...

A mulher gritou de novo.

Amanda abriu a porta. caiu ao sair do carro e se golpeou o joelho contra o asfalto. A meia lhe rasgou. Mas não havia tempo que perder.

-Chama à unidade vinte e três. Chama a quem te dê a vontade.

Evelyn lhe gritou que esperasse, mas ela se tirou os sapatos e pôs-se a correr.

A mulher voltou a gritar. Estava na casa. Na casa do Ulster.

Amanda aferrou o revólver com força enquanto baixava a toda pressa pela rua. Agitava os braços. Sua visão se estreitava. escondeu-se ao girar na entrada da casa. A meia lhe tinha baixado até o talão. deteve-se. A porta principal estava fechada. A única luz procedia da parte traseira.

Tratou de recuperar o fôlego, abrindo a boca e respirando profundamente. Passou ao lado da caminhonete. ficou em cuclillas para que ninguém pudesse vê-la.

A casa bloqueava a luz da lua e o cobria tudo de sombras. Apontou com o revólver para diante, com o dedo no gatilho, não no lado, como lhe tinham ensinado: pensava lhe disparar a qualquer que se interpor em seu caminho.

Voltou-se a ouvir outro grito. Não era tão forte, mas sim mais desesperado, mais aterrador.

Amanda se ergueu ao aproximar-se da janela. A luz atravessava umas cortinas negras e grossas. Podia ouvir os gemidos da mulher cada vez que respirava. Parecia miar. Com soma cautela olhou entre as cortinas. Viu um lavabo velho, uma pia e uma cama. A mulher estava ali, sentada. Seu cabelo loiro com nervuras vermelhas. Estava esquelética, salvo por seu cheio ventre. A pele dos braços e os ombros estava coberta de sangue. Tinha os lábios e as pálpebras rasgadas de havê-los tentado abrir.

O sangue lhe gotejava por cada centímetro de seu corpo: a cara, o pescoço, o peito.

A garota gritou de novo, mas não antes de que Amanda ouvisse algo a suas costas.

Um sapato arrastando-se pelo cimento.

Amanda começou a girar-se, mas uma enorme emanação a agarrou por detrás.

Capítulo vinte e três

Lucy Bennett

15 de julho de 1975

Tinha os ombros livres, mas isso não lhe importava.

Tinha os braços livres, mas isso não lhe importava.

A cintura, as coxas... livres pela primeira vez desde fazia mais de um ano.

Mas não lhe importava.

Não podia lhe importar.

O único que lhe importava era o bebê que tinha engendrado seu corpo. Aquele pequeno e formoso menino, com dez dedos nas mãos e outros tantos nos pés. Com aquele perfeito cabelo loiro e aquela boca tão pequena e perfeita.

Lucy lhe aconteceu os dedos pelos lábios. Ela era a primeira mulher que lhe tocava. A primeira mulher que lhe abria seu coração e sentia a absoluta felicidade que emanava essa criatura.

Limpou-lhe a baba do nariz e da boca. Pôs delicadamente sua mão sobre seu peito e notou o batimento do coração de seu coração. Batia as asas, batia as asas, como uma mariposa. Era tão formoso, tão pequeno. Como podia ter engendrado algo tão perfeito? Como podia ter saído algo tão doce de um corpo tão maltratado?

-Está-te morrendo.

Lucy notou que se o agudizaban os sentidos.

Patty Hearst.

A segunda garota. A outra mulher da habitação do lado.

Estava de pé, na entrada, temerosa de entrar. Ia vestida. Ele o permitia, deixava-a caminhar, deixava-lhe fazer o que quisesse, menos entrar na habitação do Lucy. Inclusive naquele momento em que as duas estavam sozinhas, seus pés não passavam da soleira.

-Está-te morrendo repetiu a mulher.

Ambas ouviram ruídos fora da janela. Gritos. Tiros. Ele venceria. Sempre vencia.

O bebê sussurrou, com os pés levantados.

Lucy olhou ao menino. A seu perfeito bebê. Sua redenção, sua salvação, o único bom que tinha feito.

Tratou de concentrar-se em sua formosa cara, na luz que fluía entre seus corpos.

Nada importava neste mundo. Nem a dor, nem o aroma, nem os fôlegos que saíam de sua boca.

Nem o ar que penetrava pela enorme faca que me sobressaía de seu peito.

Capítulo vinte e quatro

Na atualidade. Quarta-feira

Sara despertou com o aroma do fôlego quente da Betty. A perrita estava enroscada sobre o sofá, com o corpo torcido e o focinho a escassos centímetros de sua cara. Sara lhe deu a volta como faz um padeiro com a massa do pão. Seu colar tilintou, e ela bocejou.

Viu a roupa do Wíll no chão, mas ele não estava na habitação. Sara se levou a mão à cara. Tocou seus lábios onde ele os tinha acariciado. tocou-se o pescoço.

Tinha a boca dolorida de tanto beijar-se. E notou um formigamento na pele ao pensar nele.

Não havia dúvida de que estava apaixonada. Possivelmente se apaixonou por ele quando o viu lavar os pratos na cozinha de sua mãe. Ou aquele dia no que se sentia inconsolável no trabalho até que lhe acariciou docemente a mão. Ou a noite passada, quando ele a olhou com tanto ardor que ela sentiu como se tudo o que houvesse em seu interior se estivesse abrindo para entregar-lhe a ele.

Não importava quando tinha acontecido, o fato era mais importante que o momento. Sara estava profundamente apaixonada pelo Wíll Trent. Não havia forma de dar marcha atrás nem de negá-lo. Seu coração tinha tomado as decisões enquanto seu cérebro inventava desculpas. Soube nada mais lhe ver a noite anterior. Faria algo com tal de lhe ter a seu lado. Aceitar seus segredos, suportar seus silêncios, agüentar a seu horrível algema.

Com um pouco de ajuda, a seu pai o condenariam a morte.

Pete Hanson estaria morto quando se celebrasse o julgamento. Chamariam-na a ela para atestar. Seria um caso de pena capital. Tinha seqüestrado e assassinado à

garota: cumpria com os requisitos legais da Geórgia para pedir a pena de morte.

O pai do Wíll tinha limpo com cuidado ao Ashleigh Snyder, mas tinha estado encarcerado durante as três últimas décadas. A televisão e a sabedoria que se adquire na prisão provavelmente lhe teriam posto ao dia dos progressos forenses que se alcançaram fora de sua cela, mas resultava pouco provável que tivesse ouvido falar das extensões do cabelo, coisa que resultava irônica considerando sua predileção pela agulha e o fio de costurar.

Fazer extensões levava horas. Uma fileira ou “trama” se trancava em um semicírculo ao redor da nuca. Logo se utilizava uma agulha e fio para costurar os retalhos de cabelo novo, mais largo e espesso. acrescentavam-se mais tramas, uma a uma, dependendo do tempo e do dinheiro que a mulher estava disposta a gastar.

Não era algo barato. O cabelo natural crescia. A extensão tinha que sujeitar-se cada duas semanas, lhe dando mais pontos cada vez. Com uma lavagem normal, não se conseguiam limpar todas as curvas entre o cabelo novo e o velho.

Nessas curvas é onde tinha encontrado restos de sêmen; pequenas gotas secas que tinham ficado apanhadas entre as magras tiras do fio. Teria que lhe explicar ao jurado como tinha feito seu descobrimento, lhe explicar a técnica que se emprega nas extensões e por que as proteínas dos fluidos seminais brilham sob a luz ultravioleta.

O mais provável é que o jurado o condenasse à pena de morte mediante uma injeção letal.

Sara soltou um prolongado suspiro. Olhou o relógio. Eram as seis e meia da manhã. supunha-se que devia estar no

trabalho às sete. Encontrou uma camisa do Wíll e a pôs. A grampeou enquanto entrava na cozinha.

Ele estava diante da boca do fogão, fazendo creps. Sorriu-lhe:

-Tem fome?

-Muita.

Beijou-lhe na nuca. Tinha a pele morna. Teve que conter-se para não lhe abraçar e lhe declarar seu amor. A vida do Wíll era muito complicada nesse momento sem que lhe pressionasse. Lhe dizer a alguém que lhe queria equivalia a lhe pedir que te dissesse o mesmo.

-Sinto muito, mas não tenho café disse ele.

Sara se sentou à mesa. Wíll não tomava café. Bebia chocolate quente pelas manhãs; como isso não lhe proporcionava suficiente açúcar, acrescentava-lhe bolachas.

-Tomarei depois.

-Posso te preparar uns ovos, se quiser.

-Não, obrigado.

Sara se esfregou a cara. Seu cérebro ainda não se despertou, mas se deu conta de que algo acontecia. Wíll já estava vestido para ir-se ao trabalho, com um traje azul marinho e uma gravata. Sua jaqueta pendurava no respaldo da cadeira da cozinha. Estava bem penteado, recém barbeado. Parecia feliz, o qual não era de sentir saudades, mas essa manhã estava muito contente, muito animado. Não podia estar-se quieto. Sapateava enquanto preparava

os creps; quando os pôs em uma bandeja, seus dedos começaram a tamborilar na encimera.

Sara reconhecia essa atitude. Era a típica de alguém que tinha tomado uma decisão. A pressão tinha desaparecido, a decisão estava tomada. Tudo estava premeditado.

Solo faltava levá-la a cabo.

-Madame disse pondo o prato diante da Sara.

Foi então quando o cheirou: azeite e cordita. Em suas mãos, na mesa.

-Obrigado.

Sara se levantou da cadeira. lavou-se as mãos na pia. O aroma era mais intenso agora que se despertou e podia pensar. Wíll o tinha limpo tudo, mas não o bastante bem. secou-se as mãos com uma toalha de papel. Quando abriu o armário onde estava o cubo de lixo, viu os emplastos de limpeza que tinha sujado.

Sara fechou o armário. Tinha crescido rodeada de armas. Conhecia de sobra o aroma do azeite que se empregava para as limpar. Sabia que guardava uma arma de reposto na caixa forte, e conhecia o olhar de um homem que tinha tomado uma decisão.

Deu-se a volta.

Wíll estava sentado à mesa, com o garfo na mão. Seu prato estava talher de sirope. Falou com a boca cheia de creps.

-tirei sua bolsa de ginástica do carro. -Utilizou o garfo para assinalar a bolsa que havia no estou acostumado a. Sinto te

haver quebrado o vestido.

Sara se apoiou na pia.

-Hoje tem que trabalhar no aeroporto?

Assentiu.

-Importa-te se me levo seu carro? O meu está quebrado.

-É óbvio.

A polícia procuraria o carro do Wíll nos arredores do hotel, mas o BMW da Sara passaria despercebido nessa parte da cidade.

-Obrigado disse metendo-se outro bocado de crep na boca.

vamos tomar nos o dia livre disse Sara.

Wíll deixou de mastigar. Seus olhares se cruzaram.

-Quero que vamos juntos. Minha primo tem uma casa no Golfo onde podemos ficar. Vamos, saiamos da cidade.

Tragou.

-Isso não soa mau.

-Podemos nos levar aos cães. Pelas manhãs, poderíamos correr pela praia. -Rodeou-lhe com seus braços pela cintura. E logo podemos nos colocar na cama.

E comer juntos. E depois voltar para a cama.

Esboçou um sorriso forçado.

-Isso sonha realmente bem.

-Então vamos. Agora mesmo.

-De acordo. Deixo-te em casa e logo vou fazer uns encargos.

Sara deixou de dissimular.

-Não vou deixar que o faça.

Wíll se tornou sobre o respaldo. Sua energia nervosa desapareceu imediatamente. Ela observou como lhe saía lentamente de seu corpo; então, solo ficavam o pesar e a tristeza que lhe tinham destroçado o coração no dia anterior.

-Wíll...

Ele se esclareceu garganta e começou a tossir. Tragou enquanto tratava de conter as lágrimas.

-Solo era uma estudante.

Sara se mordeu o lábio.

-Ia a suas classes e uma noite ele a viu, capturou-a e acabou com ela. -Soltou o garfo. Já viu o que lhe tem feito. Veste à garota ontem. Fez-lhes o mesmo às dois.

Soou o móvel do Wíll. Tirou-o de seu bolso.

-Prendeste-lo? -A devastação bastou para adivinhar a resposta que lhe deram. Onde? -Escutou durante uns segundos e logo pendurou. Faith está esperando na entrada.

-O que passou?

Embora pronunciou aquelas palavras, soube que eram inúteis. Tinham encontrado outro corpo, tinham acabado com outra vida. O pai do Wíll havia tornado a assassinar.

Wíll se levantou e agarrou a jaqueta da cadeira. Não quis olhar a Sara, porque sabia que podia lhe ler o pensamento: deveria ter acabado com isso. Deveria ter pego a pistola e haver-se apresentado no hotel nada mais inteirar-se de que seu pai estava em liberdade.

-Amanda quer que venha.

Sara não queria ser uma carga. Amanda já a tinha metido nisso em uma ocasião.

-E você? Quer que vá?

-Amanda quer.

-Não me importa Amanda. Eu sozinho quero te ajudar a ti.

Wíll ficou na entrada. Parecia estar a ponto de dizer algo profundo, mas se limitou a agarrar sua bolsa de ginástica.

-Date pressa. Espero-te fora.

Capítulo vinte e cinco

15 de julho de 1975

James Ulster agarrou pela nuca a Amanda, que se sentiu como um gatinho ao que capturassem pelo cangote. Seus braços caíram aos lados e seus pés ficaram no ar.

Logo recordou que tinha uma arma na mão.

Girou-a para o flanco e apertou o gatilho. Uma, dois, três vezes. O corpo do Ulster se retorceu ao receber os impactos, mas a aferrou com mais força. Ela apertou o gatilho de novo. A chama dos disparos lhe queimou o flanco. Ulster lhe arrebatou a arma, mas ao agarrá-la soltou um gemido. O canhão estava o bastante quente para lhe queimar. A arma caiu ao chão.

Amanda ficou de joelhos e procurou provas a pistola. Ulster a levantou, atirando de seu braço. Ouviu o estalo de um osso e viu que seus pés se levantavam de novo do chão. Suas costas se chocou contra a parede da casa e notou que perdia o fôlego. Chutou-lhe e lhe arranhou enquanto lhe apertava o pescoço. Cravou-lhe as unhas na pele e viu como seu rosto se contraía de raiva. Amanda começou a sentir-se enjoada. Não lhe chegava suficiente ar aos pulmões.

-Solta-a! gritou Evelyn. Tinha a lanterna debaixo de seu revólver. Já!

Ulster não lhe emprestou atenção e apertou ainda mais o pescoço da Amanda.

Evelyn apertou o gatilho. Ulster afrouxou o pescoço da Amanda. Evelyn lhe disparou de novo. A bala lhe deu na perna. Soltou a Amanda. O braço lhe sangrava, o flanco também, mas, mesmo assim, não se deu por vencido.

-Não te mova -ordenou Evelyn.

Ulster não lhe fez caso e começou a caminhar diretamente para ela. Evelyn apertou o gatilho, mas a bala se perdeu. O tipo lhe arrancou a pistola da mão e levantou o punho. Ela retrocedeu, mas não com a suficiente rapidez. Os nódulos lhe roçaram o queixo e caiu no caminho de entrada.

-Não! gritou Amanda.

Saltou sobre suas costas e lhe arranhou os olhos. Em lugar de dar voltas, Ulster caiu de joelhos e se tornou sobre suas costas. O peso de seu corpo esmagou a Amanda. Expulsou todo o ar que tinha no peito. Não obstante, passou-lhe o braço ao redor do pescoço e lhe fez uma presa ajudando do outro. Era o que se chama uma chave de estrangulamento. Tinha-o visto antes. Parecia singelo se o competidor não punha resistência, mas se enfrentava a cento e vinte quilogramas de músculos.

Ulster separou os braços da Amanda com a mesma facilidade que um menino desata um laço. Caiu de costas e se golpeou na cabeça.

Chutou e gritou, mas seus embates eram completamente inúteis. Imobilizou-a com soma facilidade no chão, pô-lhe os braços nos flancos e jogou todo seu corpo em cima, lhe esmagando a rabadia contra o chão. O sangue empapava a parte dianteira da camisa do Ulster e lhe gotejava da boca.

-Deve te arrepender, irmã disse pressionando mais forte. estava ficando sem ar. te Arrepender de seus pecados.

-De acordo -sussurrou Amanda. De acordo.

-Nosso pai.

Ela lutou por agarrar um pouco de ar.

-Nosso pai repetiu ele apertando ainda mais.

As costelas lhe cravaram no estômago. Algo em seu interior se rasgava. Já não podia lutar mais. Quão único podia fazer era olhar seus olhos frios e desalmados.

-Nosso pai disse pela terceira vez.

Era o começo de uma oração.

-Pai balbuciou Amanda.

-Que está nos Céus.

-Que está...

Não tinha bastante ar.

-Que está nos Céus.

-Que... -Tratou de livrar-se dele, mas pesava como uma montanha. Por favor disse ofegando. Por favor.

Ulster se levantou o justo para que pudesse respirar.

-Que está...

-Que está...

Amanda notou que seus braços se moviam a seu ar. Ulster a deteve o princípio, tornando-se em cima, mas logo se deu conta. Com supremo cuidado, retrocedeu apenas um centímetro. Amanda extraiu seu braço e notou que a carne lhe arranhava a entrepierna. Tirou o outro braço e logo uniu ambas as mãos. Entrelaçou os dedos, com todas suas forças, deixando os polegares por fora.

Ulster a olhou intensamente. Esboçava um sorriso. balançou-se um pouco, roçando sua pélvis com a dela. Amanda pensava que estava a ponto de lhe romper os quadris. tornou-se mais em cima ainda. Queria olhá-la, desfrutar vendo a dor em seu rosto.

-Nosso pai -sussurrou Amanda.

-Assim é -sussurrou o tipo, como se lhe estivesse ensinando a um menino. Que está nos Céus.

-Que está nos Céus.

Amanda se deteve para tomar fôlego.

-Santificado seja...

As palavras lhe saíram a toda velocidade.

-Santificado seja seu nome.

-Venha a nós seu reino. -inclinou-se sobre ela e a olhou fixamente à cara. Venha a nós seu reino?

-Venha...

Amanda não terminou a oração.

Em seu lugar, com todas as forças que pôde reunir, golpeou-lhe com as mãos no pescoço. Seus nódulos se chocaram contra a cartilagem e o osso. Sua garganta se afundou. Algo rangeu. Soou como se se rompesse um palito.

O hioides. Tal como lhe tinha ensinado Pete.

Ulster caiu em cima dela como um martelo reservatório de água. Amanda tratou de tirar-lhe de cima. Ele grunhiu, mas não pôde movê-lo; pesava muito. Teve que arrastar-se por debaixo dele. O peso de seu corpo a estava asfixiando. Com todas suas forças, tentou não deprimir-se, não vomitar, não render-se.

Tratou de aferrar-se a algo com as mãos. impulsionou-se com os pés. deslocava-se lentamente, com meticulosidade. Tinha o coração na garganta. A bÍlis na garganta. Ao final, com um impulso, conseguiu liberar-se.

Evelyn seguia inconsciente. Seu revólver jazia em sua mão aberta. A lanterna tinha rodado por volta de um dos lados.

Amanda agarrou a arma, mas Ulster a agarrou pelo tornozelo e atirou dela. Lhe chutou com todas suas forças. Notou que seu nariz se rompia sob seu talão.

Ele a soltou. Com muita dificuldade, conseguiu ficar de joelhos, mas ele a voltou a agarrar. Rodeou-a com seus braços pela cintura. Amanda lhe golpeou na cabeça, tratando de lhe dar no nariz. Ulster se cambaleou. Isso lhe deu o tempo para girar-se, apontar e lhe cravar o cotovelo na carne branda de seu pescoço.

O rangido soou como o estalo de uma escopeta.

Ulster se levou as mãos ao pescoço. O ar penetrou em sua boca emitindo um assobio. Amanda lhe golpeou com o cotovelo pela segunda vez. Outro rangido. O

propinó um terceiro golpe e Ulster caiu de flanco. ficou de costas, tentando respirar um pouco de ar. Amanda tratou de levantar-se de novo. Doíam-lhe os braços, a cabeça lhe estalava, doía-lhe o peito, o pescoço, todo seu corpo.

Conseguiu levantar-se e se agarrou à caminhonete para não cair.

Ulster emitiu um gorjeio. O sangue lhe brotava da boca e do nariz.

Amanda pôs seu pé descalço no pescoço do Ulster. A sensação era tal como a havia descrito Pete: borbulhas estalando sob o arco de seu pé. Jogou todo seu peso sobre o pé, enquanto olhava como os olhos do Ulster se abriam de

terror e se perguntava se ela tinha feito esse mesmo gesto quando lhe estava arrebatando a vida.

-Manda -murmurou Evelyn.

Estava sentada, com o lábio partido e a mão na cara. Tinha a mandíbula tão inflamada que o vulto me sobressaía entre seus dedos.

-Aqui!

Um agente patrulha correu ao redor da caminhonete. deteve-se o ver a cena.

-Deus santo exclamou. Tinha a arma desencapada, mas a sujeitava sem forças diante dele. Que coño têm feito?

-Amanda. -A voz da Evelyn soava forçada, como se lhe doesse falar. A garota.

Capítulo vinte e seis

Na atualidade. Quarta-feira

As caminhonetes dos periódicos e os jornalistas corriam como formigas pelo estacionamento exterior do hotel Four Seasons. Não era somente um hotel. Os advogados mais caros e os corredores de divisas enchiam os escritórios das novelas superiores. As novelas dedicadas à residência estavam lotadas de pessoas famosas. Cantores de rap, estrelas da televisão, buscadores de fama.

Tinham colocado cinta amarela ao redor da fonte de mármore que estava diante do Fourteenth Street. Alguém observou que o luz de alerta do Faith estava aceso.

Os jornalistas avançaram para eles. Wíll podia ouvir as perguntas que lhe faziam através do guichê fechada: “O que aconteceu? por que estão aqui? Podem-nos dizer quem é a vítima?”.

Logo saberiam toda a história. Uma mulher assassinada em um hotel de luxo. Um assassino em liberdade condicional que anda solto. Esse crime percorreria todos os rincões da cidade, do escritório do prefeito até a Convenção e o Escritório de Turismo.

Wíll tinha visto antes como essas histórias se transbordavam. Qualquer detalhe morboso se discutiria e se analisaria. Seria a hora dos rumores que logo se dariam por certos. fariam-se as perguntas óbvias: “A quem tinha assassinado? por que o tinham posto em liberdade?”. invocariam-se as leis que obrigam a manter informado ao público. fotocopiariam-se os arquivos e se enviariam, e Sam Lawson, o ex do Faith, que trabalhava no periódico, apareceria na CNN antes de que se fizesse de noite.

-Joder resmungou Faith abrindo-se caminho até a barricada policial.

O carro tremeu enquanto os jornalistas procuravam uma posição. Ensinou-lhe sua placa ao agente que estava de serviço.

-O BMW também disse Faith assinalando o carro da Sara, que ia atrás.

O agente o anotou em seu portapapeles, e logo se abriu caminho por entre a multidão para lhes abrir passo.

Um jornalista golpeou no guichê do Faith. Lhe respondeu lhe chamando “casulo” enquanto avançava com o carro. Não tinha falado muito durante o trajeto. Wíll não sabia se

era porque não sabia o que dizer ou porque Amanda estava com seu jogo habitual de ocultar os detalhes.

Outro corpo. O mesmo modus operandi. Seu pai, em paradeiro desconhecido. A nova vítima era uma prostituta. Wíll estava seguro. Era o patrão de seu pai.

Primeiro, uma estudante; logo, uma garota da rua. Não se desfazia de uma até que não tivesse outra que ocupasse seu lugar.

Wíll se girou procurando a Sara. O BMW os seguiu dentro da barricada. Seu Sig Sauer ainda estava debaixo de seu assento dianteiro. Nessa ocasião, ela não o ia deter. Amanda podia lhe pôr cinqüenta agentes; estava decidido a agarrar a pistola, encontrar a seu pai e lhe colocar um tiro na cabeça.

Justo como deveria ter feito a noite anterior. E essa manhã. E fazia uma semana.

Tinha perdido muitas oportunidades. Seu pai tinha vivido nesse hotel durante dois meses, e tinha conseguido sair e entrar sem que ninguém se desse conta.

Tinha conseguido seqüestrar a duas garotas. Tinha conseguido atirar a uma no Techwood e assassinar à outra na habitação do hotel. E tudo enquanto se supunha que a polícia, a segurança do hotel e os agentes secretos não lhe tiravam olho de cima.

Se esse bode podia lhes dar o esquinazo, ele faria o mesmo. Ao fim e ao cabo, era seu filho.

Faith atirou do freio de mão quando estacionou atrás do carro secreto da Amanda. Wíll saiu do automóvel. O BMW da Sara se deteve diante de dois carros patrulha.

Havia tantos policiais na cena do crime como jornalistas. Teve que apartar a dois agentes para abrir a porta a Sara. As câmaras cintilaram quando saiu de seu veículo.

cruzou-se de braços por acanhamento. Levava postos suas calças de ioga e a camisa do Wíll. Um traje pouco profissional. Wíll aproveitou a oportunidade para tentar agarrar a arma que tinha debaixo do assento, mas não estava.

Quando levantou a vista, Sara o estava olhando fixamente.

-Doutora Linton disse Amanda. Lhe agradeço que tenha vindo.

Sara fechou a porta do carro. Fez-o com o chaveiro, que se guardou no bolso de sua camisa.

-Vem Pete de caminho?

-Não. Está atestando no tribunal. -Amanda fez um gesto a todos para que a seguissem ao interior. Lhe agradeço que tenha vindo sem que a tenhamos avisado antes. Correspondenos tirar o corpo o antes possível.

Um agente abriu a porta lateral. ouviu-se um bufo ao trocar a pressão do ar. Wíll jamais tinha estado no interior do hotel. O vestíbulo era do mais luxuoso; cada zona tinha um mármore de diferente cor. Umas enormes escadas dominavam o centro da estadia, dividindo-se em dois ao chegar à segundo andar. Os degraus estavam enmoquetados; o corrimão, reluzente. O abajur de aranha que havia no teto era tão imensa que parecia que tivesse explorado uma fábrica de cristal.

O lugar resultaria impressionante de não ser porque havia agentes de polícia de todo tipo. A divisão secreta, agentes uniformizados, agentes especiais do GBI, inclusive um par de mulheres da Brigada Antivício com suas placas de ouro contrastando com sua pobre indumentária.

Amanda se dirigiu ao Faith:

-Segurança está revisando as imagens das câmaras das últimas vinte e quatro horas. Necessito que o acelere todo o possível.

Faith assentiu e foi a recepção.

-identificaram à vítima? perguntou Sara.

-Sim. -Amanda se aproximou do Jamal Hodge. Detetive, importaria-lhe tirar todo o pessoal que não seja imprescindível que esteja aqui.

-Sim, senhora.

Dirigiu-se à multidão e levantou os braços para reclamar atenção. Wíll deixou de olhar ao detetive e se centrou na Amanda. estava-se ajustando o tipóia enquanto dava ordens aos guardas de segurança do hotel.

-O que acontece? perguntou Sara.

Wíll não respondeu. Olhou o vestíbulo, tratando de encontrar a algum agente veterano da polícia de Atlanta. Não estava nem Leão Donnelly nem Mike Geary, o capitão dessa zona.

“Amanda se encarrega da investigação deste caso”, pensou Wíll. Não tinha nenhum sentido. Segundo o

Departamento de Polícia de Atlanta, uma prostituta morta não tinha nada que ver com uma estudante seqüestrada.

-O que aconteceu? perguntou a Amanda.

Lhe assinalou ao guarda de segurança. Levava um traje caro cor escura, mas a rádio que levava na mão lhe delatava.

-Apresento ao Bob McGuire, chefe de segurança do hotel. Ele foi quem chamou à polícia.

Wíll lhe estreitou a mão. McGuire era muito jovem para ser um policial aposentado, mas parecia bastante sereno, tendo em conta o que tinha entre mãos. Conduziu-os até o elevador.

-Recebi a chamada da cozinha esta manhã. A garota do serviço de habitações disse que ninguém respondia a suas chamadas.

-Ao parecer, levava um horário muito regular explicou Amanda.

As portas do elevador se abriram. Wíll se apartou para deixar passar a Sara e a Amanda.

-Estava agasalhado no hotel há dois meses disse McGuire. Passou um cartão pelo painel e logo pressionou o botão da novena planta. Podemos fazer um seguimento de suas entradas e saídas da habitação através do software que há na fechadura. Seu horário foi virtualmente o mesmo desde que está aqui. Serviço de habitação às seis da manhã, logo ginásio, depois de novo a sua habitação, onde pedia que lhe servissem a comida às doze. -meteu-se as mãos nos bolsos. Uma ou duas vezes à semana, utilizba o restaurante para jantar ou comer na barra. A maioria das noites pedia seu

jantar às seis em ponto. E depois não sabemos nada mais dele até as seis do dia seguinte.

-Segue o horário da prisão -apontou Amanda.

Wíll olhou a seu redor. Havia uma câmara de segurança em uma esquina.

-Quanto tempo levam lhe vigiando?

-Oficialmente? perguntou McGuire. Solo uns dias. dirigiu-se a Amanda: Seus homens estiveram fazendo a maior parte do trabalho, mas meus os ajudaram.

-E não oficialmente? perguntou Wíll.

-Desde que veio. É um homem muito estranho. Fisicamente, muito desagradável. Nunca tem feito nada mau, mas faz que a gente se sinta incômoda. E a suíte presidencial custa quatro mil dólares a noite. Estamos acostumados a tentar saber quem som nossos melhores clientes. Investiguei um pouco sobre ele e soube que terei que lhe vigiar.

-Alguém falou com ele? relacionou-se com alguém? perguntou Amanda.

-Como lhe hei dito, era muito desagradável. Os empregados do hotel lhe evitavam sempre que podiam. E nunca deixamos que as garotas da limpeza e o serviço de habitações subissem sozinhas.

-O que me diz de outros hóspedes?

-Ninguém mencionou nada.

-Como pagava a habitação? perguntou Wíll.

Tinha estado na prisão e não podia dispor de um cartão de crédito.

-Seu banco se encarregava de tudo explicou McGuire. Temos um depósito de cem mil dólares pela habitação.

Ouviu-se um sino e se abriram as portas.

Wíll se tornou a um lado e logo os seguiu a todos fora do elevador. Sara lhe olhou durante uns segundos. Lhe fez um gesto para que passasse diante.

-Há outras cinco suítes em sua planta disse McGuire. A presidencial está na esquina. Tem uns seiscentos metros quadrados.

Havia três agentes uniformizados da polícia de Atlanta ao final do corredor. Estavam a uns vinte metros. O sinal de saída brilhava sobre suas cabeças. A suíte estava justo em frente das escadas.

McGuire os guio pelo corredor.

-Três suítes estavam ocupadas por artistas. Há um concerto na cidade. Transladamo-los a nosso outro hotel. Posso lhes dar sua informação, mas...

-Não quero perder o tempo falando com advogados disse Amanda.

Wíll notou uma dor na mandíbula que se propagou até seu pescoço. Tinha os dentes apertados e as costas tensa. Podia escutar sua própria respiração por cima da música de fundo. A grossa carpete se afundava sob seus pés. As paredes estavam pintadas de uma cor marrom que fazia que o corredor se parecesse com um túnel. Havia abajures de aranha pendurando a intervalos, e um carrinho do serviço

de habitações ao lado de uma porta fechada. A habitação não tinha número na porta. Cada suíte equivalia provavelmente a três ou quatro habitações. Nos filmes, estavam acostumados a ter jacuzzis e quartos de banho tão grandes como a casa do Wíll.

Mas ela não estaria na banheira, nem no quarto de banho, a não ser no colchão, cravada como um inseto de um projeto de ciências.

Outra vítima, outra mulher cuja vida tinha acabado à mãos de um homem que tinha seu mesmo DNA.

Nunca tinha estado na suíte de um hotel, nem tinha deslocado pela praia, nem tampouco tinha viajado de avião. Nunca tinha retornado a casa com as notas da escola, nem tinha visto sorrir a sua mãe. O cinzeiro de barro que tinha feito na creche foi um mais dos dezesseis que recebeu a senhora Flannigan o Dia da Mãe.

Todos os presentes que havia debaixo da árvore de Natal diziam “para uma menina” ou “para um menino”. A noite em que se graduou depois de terminar a escola secundária, olhou entre todas aquelas famílias alegres, mas solo viu estranhos.

Amanda se deteve uns quantos metros dos agentes uniformizados.

-Doutora Linton, importaria-lhe ficar no corredor durante uns instantes?

Sara assentiu, mas Wíll perguntou:

por que?

Amanda lhe olhou. Tinha pior aspecto que no dia anterior: umas profundas olheiras e o lápis de lábios deslocado.

-De acordo.

Por uma vez, Amanda não discutiu e seguiu andando pelo corredor.

Os agentes pareciam aborrecidos. Tinham os polegares cruzados sobre seus pesados cinturões. Estavam de pé, com as pernas separadas, para evitar que o peso de suas equipes lhes quebrasse as costas.

-Mimi disse Amanda dirigindo-se a uma agente, como está sua tia Pam?

-Odiando a aposentadoria. -Assinalou a habitação e acrescentou: Ninguém entrou nem saiu.

Amanda esperou a que McGuire abrisse a porta com o cartão. acendeu-se uma luz verde. ouviu-se um som seco. Abriu a porta e Amanda e Sara entraram, seguidas do Wíll.

-Estarei no corredor se me precisam disse McGuire. Havia um fecho metálico na ombreira da porta. Girou-o para evitar que a porta se fechasse.

-De acordo disse Amanda.

ficaram no vestíbulo, olhando o interior de uma habitação que era maior que toda a casa do Wíll. As cortinas estavam abertas e entrava a luz do sol. A janela da esquina oferecia uma vista panorâmica do Midtown, o edifício Equitable, Geórgia Power e o Westin Peachtree Plaza.

E, ao longe, o Techwood.

Havia dois sofás e quatro poltronas colocadas ao redor de um televisor de tela plana de cinquenta e duas polegadas. Um reproduutor do DVD. Videograbadora.

Um reproduutor do CD. Uma cozinha larga e estreita. Um minibar. Um comilão para dez pessoas. Um enorme escritório com uma cadeira ergonômica. Um asseio com um telefone na parede. O papel higiênico estava dobrado formando uma rosa. O grifo era um cisne dourado com a boca aberta para deixar cair a água assim que girassem suas asas.

por aqui disse Amanda.

A porta do dormitório estava semicerrada; utilizou o pé para abri-la de tudo.

Wíll respirou pela boca. Esperava notar o aroma familiar e metálico do sangue, encontrar uma garota magra e loira com o olhar ausente e as unhas perfeitamente cuidadas. Mas não. A quem viu foi a seu pai.

Os joelhos lhe tremeram. Sara tentou sujeitá-lo, mas não tinha bastante força e se desabou contra a porta. Reinava um completo silêncio na habitação. Amanda movia a boca. Sara tentava lhe dizer algo, mas seus ouvidos não funcionavam. Nem tampouco seus pulmões. Lhe nublou a vista e tudo adquiriu um tom avermelhado, como se estivesse vendo o mundo através de um véu de sangue.

O carpete era vermelho, as cortinas, a luz que entrava pelas janelas... Todo estava tingido de vermelho.

Salvo seu pai.

Estava na cama, tendido, com as mãos juntas sobre o peito.

Tinha morrido enquanto dormia.

Wíll gritou de raiva. O propinó uma patada tão forte à porta que o pomo se incrustou na parede. Agarrou o abajur de pé e a jogou no outro lado da habitação.

Alguém tratou de lhe deter. Era McGuire. Wíll lhe deu um murro na cara e logo se desabou no chão quando um porrete lhe golpeou na parte de atrás dos joelhos. Dois policiais estavam em cima dele. Três. Apertaram-lhe a cara contra o carpete; uma mão forte a sujeitou enquanto lhe torciam o braço e lhe punham as algemas.

-Nem lhe ocorra! gritou Sara. Basta!

Suas palavras foram como um bofetão. Wíll notou que recuperava o sentido. deu-se conta do que estava fazendo. Tinha perdido o controle totalmente.

E Sara o tinha visto tudo.

-Agentes disse Amanda com um tom de advertência, soltem-no imediatamente.

Wíll deixou de lutar. Notou que já não o sujeitavam. A agente de polícia se inclinou a seu lado para que lhe visse a cara. Era Mimi.

-Nos vamos levar bem? perguntou.

Wíll assentiu.

Colocou a chave nas algemas e lhe soltou os braços. Pouco a pouco se separaram dele. Wíll não se levantou imediatamente. Olhou o carpete e pôs as Palmas no chão para ajudar-se. sentou-se em cuclillas. Estava resfolegando. O sangue lhe palpitava nos ouvidos.

-Gilipollas disse Bob McGuire tampando-a nariz com a mão. O sangue lhe corria por entre os dedos.

-Senhor McGuire disse Amanda, espero que nos perdoe.

O homem preferia chutar a boca ao Wíll.

-Vamos, porei um pouco de gelo -lhe ofereceu Mimi.

Agarrou ao McGuire do cotovelo e o acompanhou fora da habitação. Os outros dois policiais os seguiram.

-Bom disse Amanda soltando um comprido suspiro, pode calcular a hora da morte, doutora Linton?

Sara não se moveu. Olhava ao Wíll. Não estava zangada nem furiosa. Seu corpo tremia ligeiramente. Ele viu que desejava lhe ajudar por cima de tudo.

Wíll pôs as mãos no chão e se levantou. Logo se arrumou a jaqueta.

-A última vez que lhe viram eram as sete da tarde disse Amanda. Chamou o serviço de habitações para que se levassem a bandeja. Pendurou o cartão do café da manhã na porta.

Serviço de habitação. Suíte de luxo. Morreu pacificamente enquanto dormia.

-Doutora Linton? disse Amanda. A hora da morte nos resultaria de muita ajuda...

Sara negou com a cabeça antes inclusive de que terminasse a frase.

-Não tenho o instrumental adequado. Não posso mover o corpo até que o fotografem. Nem sequer tenho luvas.

Amanda abriu sua bolsa.

-O termostato estava em dezessete quando chegou a primeira unidade. Deu a Sara um par de luvas cirúrgicas. Seguro que pode nos dizer algo.

Ela voltou a olhar ao Wíll, que compreendeu que lhe estava pedindo permissão. Assentiu. Ela agarrou as luvas. Seu rosto trocou ao aproximar-se da cama.

Wíll se tinha dado conta disso muitas vezes. Sara sabia fazer seu trabalho, comportar-se profissionalmente.

Wíll tinha visto muitos exames preliminares. Sabia o que estaria pensando Sara. Anotou a posição do corpo: estava tendido bocabajo sobre o colchão. O lençol e a manta estavam dobradas aos pés da cama; a vítima levava uma camiseta de manga curta cor branca e umas cueca largas da mesma cor.

A seu lado, sobre a mesa, havia um kit de manicura de veludo negro.

Os instrumentos estavam ordenados cuidadosamente: cortador de unhas, umas tesouras pequenas, um polidor de unhas, três tipos de limas, uma lima de cartão, um alicate para unhas e um frasco de cristal que continha os recortes brancos e em forma de meia lua das unhas de seu pai.

Wíll jamais tinha visto seu pai em pessoa. Na foto da ficha policial, aparecia com alguns rasgos inchados e moratones. Uns meses depois de sua detenção, o fotógrafo de uma revista tinha conseguido tirar uma imagem imprecisa dele saindo dos tribunais com os grilhões postos. Essas eram as duas únicas fotos que tinha visto. Não havia informação de seus antecedentes em sua pasta. Ninguém sabia de onde era. Não parecia ter amigos, nem pais, nem vizinhos que

dissessem que sempre lhes tinha parecido um tipo do mais normal.

Nnaquele tempo, naquele tempo, o AJC eram dois periódicos: o Atlanta Journal e o Atlanta Constitution. Ambos descreveram os procedimentos judiciais, mas não se celebrou nenhum julgamento porque seu pai se declarou culpado de seqüestro, tortura, violação e assassinato. Como o Tribunal Supremo tinha sentenciado que a pena de morte não era legal, o único incentivo que pôde lhe oferecer o fiscal por não levar seu caso a julgamento foi a cadeia perpétua com possibilidade de liberdade condicional. Não obstante, todo mundo esperava que tal possibilidade nunca se desse.

Por isso, dadas as circunstâncias, Wíll pensou que seu pai tinha sido um homem afortunado. Afortunado ao ter esquivado a pena capital. Afortunado porque, finalmente, a junta de liberdade condicional o tinha liberado. Afortunado por morrer como queria.

E afortunado por ter assassinado uma vez mais.

Sara começou o exame por seu rosto. Aí é onde começava sempre o rigor. Comprovou a flacidez da mandíbula, pressionou as pálpebras fechadas e a boca. Logo examinou os dedos e flexionou as bonecas. Suas unhas brilharam sob a luz do sol. As tinha talhado com rapidez. A cutícula do polegar lhe tinha sangrado antes de morrer.

-Acredito, e digo somente acredito, que morreu nas últimas seis horas -apontou Sara.

Amanda não estava disposta a lhe dar nenhuma trégua.

-Pode me dizer a causa da morte?

-Não. Pode ter sido um ataque ao coração. Ou cianeto. Não saberei até que não o tenha na mesa.

-Já vejo. Pode me dizer algo mais?

Sara estava visivelmente molesta pela pergunta, mas, mesmo assim, respondeu: -Terá uns sessenta e tantos anos, bem alimentado e em forma. Seu tom muscular é notável, a pesar do rigor. Tem a dentadura postiça, obviamente da qualidade do sistema penitenciário. Parece ter uma cicatriz no peito. Lhe pode ver uma espécie de V sob a camiseta. Parece uma operação cirúrgica.

-Teve um ataque ao coração faz uns anos disse Amanda com o cenho franzido. Por desgraça, conseguiram lhe salvar.

-Isso explica a cicatriz de traqueotomia que tem no pescoço. -Assinalou o bracelete metálico que levava na boneca. É diabético. Não vou mover lhe a roupa até que o fotografem, mas estou segura de que encontraremos marcas de injeções no abdômen e as pernas. -tirou-se as luvas. Algo mais?

Faith apareceu na porta.

encontrei algo.

Levava um disco de ordenador na mão. Não olhou ao Wíll, o que lhe fez deduzir que conhecia quem era a vítima. Ao parecer sabia mentir melhor do que ele se imaginava. Ou pode que não. Em qualquer caso, soube por que tinha estado tão calada durante todo o trajeto até o hotel.

-Podemos vê-lo na outra habitação disse Amanda.

Os três formaram um semicírculo enquanto Faith carregava o reprodutor do DVD. Amanda estava entre o Wíll

e Sara. Tirou o BlackBerry de sua bolsa. Wíll acreditou no princípio que estava lendo seus e-mails, mas era fácil olhar por cima dela. A tela estava gretada e parecia uma telaraña, mas reconheceu o sítio das notícias.

Amanda leu o titular.

-Sentenciado posto em liberdade recentemente morre em uma habitação do hotel Midtown.

-Esperavam a alguém famoso disse Faith agarrando o mando a distância. Idiotas.

-A história ainda não acabou. -Amanda seguia avançando no texto. Ao parecer, um empregado do hotel os avisou de que havia muito policial por aqui nos últimos dias. dirigiu-se a Essa Wíll é a razão pela que tentamos fazer amigos.

-Bom, vamos ver o vídeo disse Faith, que apontou com o mando ao reprodutor. A câmara de segurança mostrava o elevador do hotel vazio. Wíll reconheceu as losetas desenhadas do chão. Faith fez avançar a filmagem. O sinto, não está programada.

As luzes do painel do elevador se iluminaram, indicando que se dirigia ao vestíbulo de entrada. Faith ralentizó a imagem quando se abriram as portas. Uma mulher entrou no elevador. Era uma garota magra, alta, com o cabelo loiro e comprido; vestia um chapéu branco de asa larga. Manteve a cabeça encurvada enquanto entrava no elevador. A asa do chapéu lhe tampava quase toda a cara; solo viram seu queixo antes de que se desse a volta.

-Uma prostituta disse Faith. A segurança do hotel não sabe como se chama, mas a viram antes. Reconhecem o chapéu.

Wíll comprovou a hora que marcava o vídeo: 22.14.12. A essa hora ele estava dormindo no sofá, com a Sara.

-Tem um cartão chave disse Amanda justo no momento em que a mulher passava o cartão pelo leitor, tal como tinha feito Bob McGuire.

Pressionou o botão da planta dezenove. Comporta-as se fecharam. A mulher se colocou olhando à frente: a câmara de segurança enfocava a parte superior do chapéu. O reverso das portas era de madeira sólida, sem espelhos.

-Pode-se ver sua cara nas câmaras do vestíbulo? perguntou Amanda.

-Não respondeu Faith. É uma profissional: sabe onde estão as câmaras. -A mulher saiu do elevador. Comporta-as se fecharam e o elevador ficou novamente vazio. Esteve acima durante meia hora antes de baixar. Comprovei-o com o agente do Antivicio do Departamento da Polícia de Atlanta. Disseme que esse é o tempo que revistam empregar.

-Tem sorte de ter saído viva disse Amanda.

Faith avançou o vídeo de novo e reduziu a velocidade quando as portas do elevador se abriram. A mulher entrou como antes, com a cabeça agachada e o chapéu lhe ocultando o rosto. Não necessitava o cartão chave para chegar ao vestíbulo. Pressionou o botão. Uma vez mais ficou de frente, mas, nesta ocasião, levantou as mãos para ajustar o chapéu.

-Antes não levava as unhas pintadas -assinalou Wíll.

-Exato disse Faith. O comprovei quatro vezes antes de subir.

Wíll olhou as mãos da mulher. As unhas estavam pintadas de vermelho, sem dúvida com o Max Fator Ultra Lucent.

-Não há pintura de unhas ao lado de sua cama. Só instrumentos de manicura disse.

-Pode que a trouxesse ela mesma -sugeriu Faith.

-Não é muito provável -interrompeu Amanda. Ihe gosta de controlar as coisas.

Sara se ofereceu.

-Olharei na outra habitação.

Amanda se dirigiu ao Faith.

-Segurança diz que a garota esteve aqui antes. Quero que revise a cada segundo de vídeo que tenham. Sua cara tem que aparecer em alguma câmara.

Faith saiu da habitação.

Amanda tirou uma luva de látex da bolsa. Não o pôs, mas o utilizou como barreira entre seus dedos enquanto abria as gavetas do escritório. Lápis, papéis, mas nenhuma pintura de unhas Max Fator com seu distintivo capuz branco.

-Para fazer isso não fazem falta duas pessoas disse Amanda.

Wíll se foi à cozinha. Havia dois cartões chave na encimera. Uma era completamente negra, a outra tinha a imagem de uma cinta de correr, é provável que fora para o ginásio. Havia um montão de bilhetes enrugados. Wíll não tocou o dinheiro, mas calculou que havia uns quinhentos dólares, tudo em bilhetes de vinte.

encontraste algo? perguntou Amanda.

Wíll foi atrás do minibar. Varinhas para coquetel, guardanapos, uma coqueteleira. Uma Bíblia com um sobre entre as páginas. O livro era antigo. A capa de pele estava tão gasta pelas esquinas que se via o cartão que havia debaixo.

-Necessito sua luva disse a Amanda.

-Como diz?

Não o deu. Em seu lugar, limpou-se a palma na saia e o pôs ela. Abriu a Bíblia.

O sobre ficou pego à página. Estava claro que levava ali há um tempo. O papel era velho. A tinta tinha apagado o logotipo redondo que havia na esquina.

Com o tempo, a direção datilografada se descorou.

Amanda começou a fechar a Bíblia, mas Wíll a deteve.

Inclinou-se, tratando de decifrar a direção. Wíll tinha visto o nome de seu pai as suficientes vezes para reconhecer as palavras: “Prisão de Atlanta”. Ele tinha utilizado uma ou ambas em todos os informe que tinha escrito. O carimbo estava descolorido, mas a data se via com clareza: 15 de agosto de 1975.

-Enviaram-na um mês antes de que eu nascesse disse.

-Isso parece.

-É de uma escrivãzinha de advogados.

Viu a balança da justiça.

-Herman Centrello -acrescentou Amanda.

O advogado de seu pai. Aquele homem era um capanga. Também era a razão de que eles estivessem ali, já que foi a ameaça da atuação judicial do Centrello a que convenceu ao fiscal de Atlanta para lhe oferecer um trato de condenação perpétua com possibilidade de condicional.

-Abre-a disse Wíll.

Em quinze anos, Wíll só tinha visto a Amanda perder a compostura em uma ocasião. E inclusive nesses episódios era mais uma fissura que outra coisa. Durante um segundo, mostrou um pouco parecido ao medo, mas essa emoção desapareceu tão rápido como veio.

O sobre estava pego ao lombo. Teve que lhe dar a volta como se fosse uma folha. A cola da tampa se secou fazia muito tempo. ajudou-se do polegar e do dedo indicador para abrir o sobre. Wíll olhou o interior.

Não havia carta alguma dentro, nem nenhuma nota, solo a tinta descolorida que tinham deixado algumas palavras.

-Ao parecer solo serve de marcapáginas disse Amanda.

-Então, por que o conservou todos estes anos?

-Não houve sorte disse Sara. Não encontrei pintura de unhas nem no dormitório nem no quarto de banho. Mas sim seu kit de diabético. As seringas estão em uma caixa de plástico. Temos que esperar a que o laboratório as abra, mas, por isso vejo, aqui não há nada estranho.

-Obrigado, doutora Linton. -Amanda fechou a Bíblia e tirou de novo seu BlackBerry. Wíll?

Ele não soube o que fazer, salvo continuar procurando no bar. Utilizou a ponta do sapato para abrir os armários. Mais copos, dois cubiteras. O minibar estava aberto. Wíll utilizou a ponta do sapato de novo. A geladeira estava cheia de frascos de insulina, mas nada mais. Deixou que a porta se fechasse.

Havia ao menos duas dúzias de garrafas de licor nas estanterias de atrás do bar. O espelho refletiu a imagem do Wíll. Não quis olhar-se, porque, sob nenhum conceito, queria comparar-se com seu pai. Em seu lugar, examinou as etiquetas de cores, a forma das garrafas, os líquidos âmbar e dourados.

Foi então quando se precaveu de que um dos botes estava ligeiramente movido. Havia algo debaixo que fazia que se inclinasse para um lado.

-Agarra esta garrafa disse a Amanda.

Por uma vez, ela não perguntou por que e agarrou a garrafa da estanteria.

-Há uma chave.

-É do minibar? perguntou Sara.

Wíll olhou a fechadura da geladeira.

-Não. É muito grande.

Com cuidado, Amanda agarrou a chave pelo bordo. A cabeça era escalonada em lugar de arredondada ou angulada. Havia um número gravado no metal.

-É de uma fechadura da fábrica Schlage disse Wíll.

Amanda parecia confusa.

-Não tenho nem idéia do que é isso.

-É de uma porta de segurança.

Wíll se dirigiu ao vestíbulo. Os policiais se partiram, mas McGuire ainda seguia ali, com uma bolsa de gelo no nariz.

-Sinto o de antes disse.

McGuire fez um gesto seco, como dizendo que não aceitava suas desculpas.

-Que habitação do hotel se abre com uma chave de metal? perguntou Wíll.

O chefe de segurança se tomou seu tempo para tirá-la bolsa de gelo e sorver o sangue.

-Os cartões chave...

Amanda lhe interrompeu lhe mostrando a chave.

-É de uma fechadura Schlage. De segurança. Que porta do hotel se abre com esta chave?

McGuire não era estúpido. repôs-se imediatamente.

-As únicas fechaduras assim estão no subsótano.

-O que há ali? perguntou Amanda.

-Os geradores, a mecânica, os ocos do elevador.

Amanda foi para o elevador.

-Chame a sua equipe de segurança disse ao McGuire. E lhes diga que se reúnan conosco ali.

O tipo acelerou o passo para ficar a sua altura.

-Os elevadores principais se param no vestíbulo. Tem que ir à segundo andar no elevador de serviço, e logo utilizar as escadas de emergência que há atrás do spa.

Amanda pressionou o botão.

-Que mais há nessa planta?

-Salas de tratamento, uma sala de manicura, a piscina. - Comporta-as se abriram. McGuire deixou que Amanda saísse primeiro. As escadas ao subsótano estão atrás do spa.

Capítulo vinte e sete

15 de julho de 1975

-Amanda repetiu Evelyn.

Amanda olhou ao Ulster. Ainda lhe tinha o pescoço pisado com o pé. Se pressionava um pouco mais, podia lhe romper a traquéia.

-Amanda disse Evelyn. A garota.

A garota.

Ela retrocedeu. dirigiu-se ao agente patrulha e lhe disse:

-Lhe prenda.

O homem tirou suas algemas. Chamou à delegacia de polícia através do microfone que tinha no ombro. Parecia tão assustado como ela o tinha estado dez minutos antes.

Mas agora já não estava aterrorizada. Tinha recuperado sua determinação, sua raiva, sua cólera. Foi para a casa.

-Espera disse Evelyn lhe pondo a mão no braço. Tinha a bochecha torcida. Obviamente, doía-lhe ao falar, mas sussurrou: Pode haver alguém mais.

Não se referia a outra garota, a não ser a outro assassino.

Amanda agarrou sua pistola do chão. O punho de madeira estava rachada. Abriu o tambor. Ficava uma bala. Olhou a Evelyn, que comprovou seu revólver e levantou quatro dedos. Cinco balas entre as duas. Isso era tudo o que tinham. E tudo o que necessitavam.

A porta principal estava aberta. Amanda colocou a mão e acendeu as luzes. Uma só lâmpada pendurava de um velho casquilho. Era uma casa de uma só planta, com uma porta principal alinhada com a de detrás. Havia duas cadeiras na habitação de diante. Em uma delas, viu uma Bíblia aberta. Também havia um recipiente de prata com água no chão, o que lhe recordou os serviços religiosos do este. As mulheres levavam recipientes com água e lhes lavavam os pés aos homens. Ela tinha lavado os pés do Duke cada ano desde que cumpriu os dez anos.

O ruído longínquo de uma sereia rompeu o silêncio. Não era uma só sereia, a não ser dois, três, mais das que pôde contar.

Evelyn ficou ao lado da Amanda quando entraram no vestíbulo. A cozinha estava justo diante. Havia duas portas à direita e outra à esquerda, todas fechadas.

Evelyn assinalou a primeira porta. Aferrou o revólver e fez um gesto para lhe dizer que estava preparada.

De pé, cada uma a um lado da porta fechada. Amanda agarrou o pomo e a abriu de repente. Com soma rapidez entrou e lhe deu ao interruptor da luz. Um abajur de pé se acendeu. Havia uma cama metálica no centro da habitação. O colchão estava sujo. dele sobressaíam fios, fios quebrados. Também havia um lavabo, uma pia, uma cadeira e uma mesita de noite.

Em cima da mesita havia um cortador de unhas, um bajapieles, um polidor de unhas e três tipos de limas metálicas. Uma lima de esmeril, um alicate para unhas e um frasco de pintura vermelha para as unhas marca Max Fator, com seu bicudo plugue branco. Um frasco de cristal continha os recortes em forma de meia lua das unhas das mulheres.

Jane Delray.

Mary Halston.

Kitty Treadwell

Lucy Bennett.

Habitações sujas. Paredes descascadas. Lâmpadas nuas no teto. Excrementos de animais no chão. O fedor do sangue e o horror.

Tinha-as retido nessa casa.

Evelyn emitiu um suave vaio para chamar sua atenção. Assinalou a porta seguinte. Amanda viu que o agente entrava pela porta principal, mas não lhe esperou; não necessitavam sua ajuda.

Colocou-se a um lado da porta e girou o pomo. A luz estava acesa. Havia o mesmo que na outra habitação: um lavabo, uma pia, um kit de manicura, pintura vermelha e outro frasco de cristal com os recortes das unhas.

Viu a garota desabada contra o cabecero da cama. O sangue lhe caía até o abdômen e a espuma lhe saía pela boca. Sua mão agarrava uma enorme faca que tinha parecido no peito.

-Não! -Amanda correu para ela e ficou de joelhos ao lado da cama. Agarrou-lhe a mão à garota. Não lhe tire isso.

Evelyn lhe gritou ao agente.

-Peça uma ambulância! Ainda está viva!

A garganta da garota emitiu um som absorvente. O ar penetrava ao redor da mão da Amanda. A folha estava inclinada para a esquerda, danificando o pulmão e

possivelmente o coração. Era uma faca enorme, dos que usam os caçadores para esfolar a suas presas.

-Há... -sussurrou a garota. Seu corpo tremia. Tinha fios rasgados lhe pendurando dos buracos que lhe tinha feito nos lábios. Há...

-Tranqüila disse Amanda tratando de acalmá-la e tentando manter a faca reta enquanto lhe tirava os dedos dele.

-Está tendo um ataque? perguntou Evelyn.

-Não sei.

A mão da garota caiu a um lado, com os dedos contraídos contra o cochón. Tinha um fôlego rançoso, quase amargo. Os músculos da Amanda ardiam enquanto agarrava o punho da faca e tentava desesperadamente que se mantivera em seu lugar. Entretanto, por muito que o tentava, o sangue não deixava de brotar da ferida.

-Tudo vai bem -murmurou. Agüenta um pouco mais.

A garota tentou piscar. Tinha partes de pálpebra pegas à sobancelha. Estendeu o braço, com os dedos flexionados, como se queria assinalar para a porta aberta.

-Te tranqüilize disse Amanda, que notou que lhe caíam as lágrimas pelo rosto. Lhe vamos tirar daqui. Já não te fará mais dano.

Ela emitiu um ruído, algo entre um fôlego e uma palavra.

-Tiraremos-lhe daqui.

Uma vez mais, emitiu o mesmo ruído.

-O que acontece? perguntou Amanda.

-AA... -A garota respirou. Mah...

Amanda negou com a cabeça. Não entendia nada.

Evelyn ficou a seu lado.

-O que acontece, carinho?

-AA... repetiu. AA... Mah...

-Amante? perguntou Amanda. Amor?

Assentiu com sua cabeça várias vezes.

-Ele...

Sua respiração se deteve. Seu corpo se relaxou à medida que perdia a vida. Amanda não a pôde sustentar por mais tempo. Com supremo cuidado a deixou cair na cama. Seu olhar se ausentou. Amanda nunca tinha visto morrer a uma pessoa. A habitação se congelou. Uma brisa lhe percorreu a coluna. Foi como se uma sombra se atesse sobre elas e logo, de repente, desaparecesse.

Evelyn se sentou sobre seus joelhos.

-Lucy Bennett disse em voz baixa.

-Lucy Bennett repetiu Amanda.

Olharam a aquela necessitada garota. Seu rosto, seu torso, suas pernas e seus braços. Os horrores do último ano estavam gravados em seu corpo.

-Como podia lhe querer? perguntou Amanda. Como podia...?

Evelyn se limpou as lágrimas com o dorso da mão.

-Não sei.

Amanda olhou os olhos da garota. Tinha-a visto fazia uns instantes. As imagens passavam por sua cabeça como as cenas de um filme de terror. A garota na cama, sua mão no peito, sustentando uma faca. deu-se conta nesse momento.

O ruído das sereias se intensificou.

-A casa está limpa disse o agente detrás delas. O que... - Viu o corpo da garota, levou-se a mão à boca e saiu correndo da habitação, dando arcadas.

-Ao menos estivemos com ela disse Evelyn.

Ouviram-se alguns carros derrapar na rua. As luzes azuis cintilaram.

-Possivelmente lhe demos algo de... Não sei. Consuelo?

-Chegamos muito tarde para salvá-la disse Amanda.

-Encontramo-la -acrescentou Evelyn. Ao menos a encontramos. E, durante seus últimos minutos de vida, foi livre.

-Isso não basta.

-Não disse Evelyn.

As sereias deixaram de soar à medida que chegavam os carros patrulha. Ouviram alguém falar no exterior; vozes secas dando ordens, o alvoroço de costume quando os homens tomavam o mando.

E algo mais.

Evelyn também o ouviu.

-O que é esse ruído? perguntou Amanda.

Capítulo vinte e oito

Suzanna Ford

Na atualidade

Soube o que era esse ruído. Os elevadores subindo e baixando. Ouviu o vento assobiar como um trem -acima e abaixo, abaixo e acima-enquanto a doutora cortava os fios com umas tesouras de escritório.

ficará bem disse a mulher.

Ela estava ao mando. Tinha sido primeira em chegar ao lado da Suzanna, e a única que não se assustou do que viu. Outros ficaram atrás. podiam-se escutar suas respirações como o vapor que desprende um ferro. Logo a doutora disse a um deles que chamasse uma ambulância; a outro, que trouxesse uma garrafa de água; a outro, que procurasse uma manta; e a outro, que trouxesse umas tesouras. Todos obedeceram com tanta diligência que Suzanna sentiu sua presença muito depois de que deixasse de ouvir seus passos no chão.

-Está a salvo disse a doutora.

Pôs a mão na cabeça da Suzanna. Era uma mulher bonita. Seus olhos verdes foram o primeiro que viu. Olharam-lhe por debaixo da folha das tesouras enquanto lhe cortava os pontos com supremo cuidado. Lhe tinha abafado os olhos com a mão, para que a luz não a cegasse. Tinha um tato tão delicado que logo que notou o metal lhe roçar a pele quando lhe separava os lábios.

-Me olhe. Te vais pôr bem disse a mulher. Falava com tom firme, pois estava convencida de que acreditaria.

Então viu o homem. Enorme. Rondando. Parecia distinto, mais jovem, mas era o mesmo, o mesmo monstro.

Suzanna começou a gritar. Abriu a boca. A garganta lhe doía, os pulmões lhe estalavam. Gritou com todas suas forças. O ruído parecia não cessar. Continuou fazendo-o inclusive depois de que o homem se partiu. Gritou por cima da voz tranquilizadora da doutora, inclusive quando chegaram os sanitários; não deixou de fazê-lo até que Sara lhe cravou uma agulha e a droga lhe correu por todo o corpo.

Um alívio imediato.

Seu cérebro se sossegou. Seu coração se ralentizó. De novo podia respirar, saborear, ver. Sentiu cada parte de seu corpo: suas mãos, seus dedos, os dedos de seus pés, tudo começou a lhe formigar pela pressa.

Liberação. Salvação. Esquecimento.

Zanna estava apaixonada de novo.

Capítulo vinte e nove

Na atualidade. Quarta-feira

Ouvia-se cantar ao Sinatra brandamente através dos altofalantes do Lexus da Amanda, mas Wíll só podia ouvir os gritos da Suzanna Ford. havia-se sentido tão aliviado ao encontrar viva à garota que teve vontades de tornar-se a chorar enquanto Sara a liberava. Seu pai lhe tinha feito mal. Tinha tentado acabar com ela, mas ele o tinha impedido. Ele tinha ganho. Por fim o tinha derrotado.

Entretanto, quando Suzanna lhe tinha visto, tinha pensado que James Ulster tinha ressuscitado.

Levou-se a mão à cabeça enquanto olhava passar os carros. Estavam no Peachtree Road, entupidos em uma congestão de tráfico perto de um dos muitos centros comerciais.

Amanda baixou o volume da rádio. A voz do Sinatra soou ainda mais suave. Voltou a pôr a mão no volante, enquanto a outra descansava no apoio que tinha pacote ao redor do ombro e da cintura.

-Acredito que vai fazer frio este fim de semana disse.

Tinha a voz rouca, provavelmente por não ter deixado de falar por seu BlackBerry durante os últimos vinte minutos. Tinha-o feito com a segurança do hotel, com o Departamento de Polícia de Atlanta, com seus agentes do GBI. Ninguém ficaria sem saber que seus viagens matinais ao ginásio tinham sido uma simples desculpa para ter acesso às escadas que conduziam ao subsótano. Quantas vezes tinha baixado até ali para lhe fazer danifico? Quantas oportunidades de lhe deter se perderam?

A garota tinha seqüestrada ao menos uma semana. Estava desidratada, faminta, mutilada e sabe Deus que mais.

-Embora não se pode confiar de verdade no homem do tempo disse Amanda. Nunca se pôde.

Wíll seguia sem responder.

O carro acelerou quando passaram o condomínio da Amanda. O complexo Regal Park era bonito, mas não se podia comparar com os de ao redor. Estavam na zona residencial do Buckhead. Habersham Road, Andrews Drive, Peachtree Battle; as residências dessas ruas valiam dois milhões e seu preço ascendia à medida que te dirigia mais

ao norte. Na zona estavam as propriedades mais caras da cidade. Seu CEP estava entre os dez mais ricos do país.

-Pode que chova um pouco.

Wíll olhou pelos espelhos laterais quando se aproximaram do centro do Buckhead. Um carro patrulha da polícia de Atlanta os seguia. Amanda não lhe havia dito por que, e ao Wíll não gostava de lhe perguntar. Respirava com dificuldade e tinha as mãos suarentas. Não sabia por que, mas no mais profundo de seu ser estava seguro de que algo mau estava a ponto de ocorrer.

Amanda reduziu a velocidade. ouviram-se as buzinas quando girou ilegalmente no West Pasta Ferry Road. Abriu os lábios, mas solo para respirar.

Wíll esperou que dissesse algo mais do tempo, mas seguiu com a boca fechada e o olhar fixo na estrada.

Ele voltou a olhar pela janela. O medo o fazia sentir-se enjoado. Já lhe tinha pego por surpresa em uma ocasião esse dia. Tinha sido muito cruel por sua parte; quase lhe mata do susto. Que mais tinha planejado?

Amanda assinalou uma casa de estilo dos sessenta com colunas Tara falsas. Era a mansão do governador.

-Um tornado aconteceu por aqui uns meses antes de que nascesse. levou-se o telhado e arrasou Perry Homes.

Wíll não pensava morder a ceva.

-O que farão com seu corpo?

Amanda não perguntou a quem se referia.

-Ninguém o reclamará. Enterrarão-o em uma fossa comum.

-Ele tem dinheiro.

-Você o quer?

-Não.

Não queria nada de seu pai. Preferia viver de novo nas ruas antes que agarrar um centavo de seu dinheiro.

Amanda reduziu a velocidade para girar de novo. Finalmente, Wíll se decidiu a lhe perguntar: -Aonde vamos?

Amanda acendeu os luzes de alerta para girar.

-Não sabe?

Wíll olhou a placa da rua. A X do centro lhe fez dar-se conta. Tuxedo Road. Estavam na parte mais rica da parte mais rica. Com dois milhões de dólares só se poderiam pagar os impostos municipais da propriedade.

-Não? perguntou Amanda.

Wíll negou com a cabeça.

Amanda girou. Conduziram uns quantos metros antes de que acrescentasse: -Seu expediente de menores está selado.

-Sei.

-Não leva o nome de seu pai.

-Nem o de minha mãe. -afrouxou-se o nó da gravata porque logo que podia respirar. esse jornalista do AJC, o

exnovio do Faith, chamou-te...

-Sim, porque eu trabalhei no caso original. -Amanda lhe olhou. Eu fui a que meteu no cárcere a seu pai a primeira vez.

-Não, não foi você. Foram Butch Bonnie e...

-Rick Landry. -Freou para tomar uma curva fechada. Eram os detetives de Homicídios. Eu estava no que eufemisticamente se chamava os Delitos de Vagina.

Se entrava em uma vagina ou saía de uma, esse era meu caso. -Voltou a lhe olhar, mas solo para desfrutar de sua reação. Evelyn e eu fizemos todo o trabalho, mas Butch e Landry se levaram todos os méritos. Não te surpreenda tanto, era algo muito normal. Atreveria-me a dizer que segue ocorrendo.

Embora o tivesse desejado, Wíll não pôde responder. Era muito para assimilar o de uma vez. Muita informação. Em seu lugar, ficou olhando as mansões que se viam o passar. Castelos, mausoléus. Finalmente disse:

por que não me contou isso?

-Porque não importa. Foi outro caso mais. trabalhei em muitos casos durante estes anos. Não sei se te deste conta, mas levo fazendo este trabalho a muito tempo tempo.

Wíll se desabotoou o pescoço.

-Me deveria haver isso dito.

Por uma vez foi honesta.

-Provavelmente, deveria te haver dito muitas coisas.

Reduziu a velocidade de novo. Acendeu o luz de alerta e entrou em um comprido caminho de entrada. Viu uma casa uso Tudor tão grande como a metade de um campo de futebol, cuja porta principal dava a uma grama o dobro de grande que o largo da casa. A erva estava atalho formando quadros. As azaleas e as hostas caíam formando anéis ao redor dos altos carvalhos.

-Quem vive aqui? perguntou Wíll.

Amanda ignorou a pergunta enquanto se aproximava até uma cancela fechada. As volutas estavam pintadas de um negro brilhante que fazia jogo com o muro de tijolo e ferro forjado que rodeava a propriedade. Amanda pressionou o botão do interfone que havia no painel de segurança.

Transcorreu um minuto antes de que respondesse a voz de uma mulher.

-Sim?

-Sou Amanda Wagner.

Ouviu-se a estática através do interfone, e logo um comprido zumbido. A cancela começou a abrir-se.

-Está ao fundo -murmurou Amanda enquanto conduzia pelo sinuoso caminho.

-Quem vive aqui? repetiu Wíll.

-Não reconhece o lugar?

Wíll negou com a cabeça. Não obstante, aquela casa lhe resultava familiar. A suave colina de erva; rodando por ela, manchas de erva em suas calças.

O caminho formava um suave arco diante da casa. Amanda entrou na rotunda. Havia uma fonte enorme no centro. A água caía em uma urna de cimento. Amanda estacionou o Lexus paralelo às pesadas portas de madeira. Eram enormes, de uns três metros, mas faziam jogo com o tamanho do edifício.

Wíll olhou por cima do ombro. O carro patrulha da polícia se deteve a uns trinta metros, ao final da entrada. Saía fumaça do escapamento.

Amanda se ajustou o tipóia.

-Te grampeie o pescoço e te ponha bem a gravata.

Esperou até que o fez e logo saíram do carro.

Os sapatos do Wíll rangeram no cascalho. A água da fonte salpicava. Olhou o jardim dianteiro. Tinha rodado por essa colina? Solo podia recordar algumas costure soltas, mas nenhuma lhe fez sentir-se feliz.

-Vamos.

Amanda agarrou a bolsa pela asa enquanto se dirigia à escada de diante. A porta se abriu antes de que tocassem o timbre.

Uma anciã estava sob a soleira da porta. Era a típica mulher que vivia no Buckhead; extremamente magra, como todas as mulheres saudáveis, com um rosto que, sem dúvida, tinham-lhe estirado por detrás de crânio. Levava uma espessa capa de maquiagem e tinha o cabelo rígido de tanta laca. Vestia uma saia vermelha com meias e saltos altos. Sua blusa de seda branca tinha botões pequenos nas bonecas. Uma blusa de lã vermelha lhe cobria os estreitos ombros.

Não perdeu o tempo com formalidades.

-Está-te esperando em seu escritório.

O vestíbulo era quase tão grande como o do hotel Four Seasons. Também tinha umas escadas largas, que se dividiam em dois ao chegar à segundo andar. As vigas de madeira escura formavam arcos no teto de estuque. O abajur de aranha era de ferro forjado. Os móveis, de aspecto maciço. Os tapetes orientais mostravam uma combinação de cores azul marinho e burdeos.

por aqui disse a mulher, que os conduziu por um corredor comprido que percorria todo o largo da casa.

Seus passos ressonavam nas losetas de piçarra. Wíll não pôde conter-se e olhou para o interior de cada habitação à medida que passava por elas. Uma lâmpada parecia estar acendendo-se em sua cabeça. O comilão com sua enorme mesa de mogno; o faqueiro a China que pendurava das paredes do salão; a sala de jogos com a mesa de bilhar que jamais lhe tinham deixado tocar.

Finalmente, detiveram-se diante de uma porta fechada. A mulher girou o pomo ao mesmo tempo que chamavam.

-Já estão aqui.

-Estão?

Henry Bennett se levantou de seu escritório. Estava impecavelmente vestido com um traje azul feito a medida. Abriu a boca, mas logo a fechou. Sacudiu a cabeça, como se queria esclarecer vista.

Wíll esteve a ponto de fazer o mesmo. Não tinha visto seu tio desde fazia mais de trinta anos. Henry acabava de

terminar a carreira de Direito quando assassinaram ao Lucy. Tratou de manter contato com o único filho de sua irmã, mas a lei não permitia que um homem solteiro adotasse a um menino. Henry perdeu o interesse quando Wíll cumpriu os seis anos, e a essa idade já ninguém quis adotá-lo. Nem sequer Henry. Após, não havia tornado a ver seu tio.

Até esse momento.

E não tinha a menor ideia do que devia dizer.

E Henry tampouco sabia.

-A que...? -Lhe via muito zangado. Esboçou uma careta de desgosto quando perguntou a Amanda. A que está jogando?

Uma vez mais, Wíll notou um suor frio. Agachou a cabeça, desejando desaparecer. Se Amanda acreditava que o foram receber com os braços abertos, estava completamente equivocada.

-Wílburt? perguntou Henry recordando.

Amanda interferiu:

-Hank, tenho que te fazer umas perguntas.

-Meu nome é Henry -a corrigiu ele. Estava claro que não gostava das surpresas, tão pouco como a Amanda. Nem sequer a olhava.

Wíll se esclareceu voz e se dirigiu a seu tio.

-Lamento que nos tenhamos apresentado desta maneira.

Henry o olhou fixamente. Wíll teve uma sensação de déjà vu. Inclusive depois de tantos anos, seu tio tinha uns rasgos muito parecidos com os de sua irmã morta. A mesma boca,

os mesmos maços do rosto pronunciados. Também compartilhava os mesmos segredos; todas aquelas histórias sobre sua infância, seus pais e sua vida.

Ele, entretanto, solo tinha uma magra pasta que dizia que Lucy Bennett tinha sido assassinada brutalmente.

-Bom disse Isto mulher é um pouco incômodo. -Estendeu a mão para o Wíll. Sou Elizabeth Bennett. Como Austen, mas um pouco mais maior. -Seu sorriso estava tão estudado como a brincadeira. Suponho que sou sua tia.

Wíll se limitou a lhe dar a mão, pois não sabia o que outra coisa podia fazer. A mulher a estreitou com mais firmeza do que esperava.

-Wíll Trent.

Ela arqueou uma sobrancelha, como se o nome lhe surpreendesse.

-Quanto tempo tem casada? perguntou Amanda.

-Com o Henry? -Se Rio. Muito tempo. girou-se para lhe dizer a seu marido: Não seja grosseiro, carinho. Estas pessoas são nossos convidados.

Houve um olhar de cumplicidade entre eles, esse tipo de intercâmbio privado e silencioso que se cria entre os casais que levam muitos anos casados.

-Tem razão. -Henry assinalou as duas cadeiras que havia diante de seu escritório. Sente-se, moço. Gosta de uma taça? Eu necessito uma.

-Não, obrigado disse Amanda.

Em lugar de sentar-se diante do escritório, fez-o no sofá. Como de costume, sentou-se no bordo, sem tornar-se para trás. A pele estava gasta e rangeu sob seu escasso peso.

-E você, Wílbur? perguntou. Estava diante de um carrinho com muitas garrafas.

-Não, obrigado.

Wíll se sentou no sofá, ao lado da Amanda. Era tão baixo que podia colocar facilmente os cotovelos sobre seus joelhos. Sua perna tremia. Estava nervoso, como se tivesse feito algo mau.

Henry pôs um cubito de gelo em um copo. Agarrou uma garrafa de uísque e desenroscou o plugue.

Elizabeth se sentou na poltrona de pele que fazia jogo com o sofá. Ao igual a Amanda, sentou-se sobre o bordo, com as costas erguida. Abriu uma caixa de prata que havia na mesinha e tirou um cigarro e um acendedor. Wíll levava muito tempo sem estar ao lado de um fumante. A casa era o bastante grande para absorver a fumaça, mas o aroma intenso do tabaco chegou às fossas nasais quando ela acendeu o cigarro.

-Bom disse Henry aproximando uma cadeira do escritório, imagino que viestes por um motivo. Dinheiro? Tenho que lhes advertir que todo meu dinheiro está imobilizado, porque o mercado esteve muito volátil.

Wíll tivesse preferido que lhe cravassem uma faca na virilha.

-Não, eu não quero seu dinheiro.

-James Ulster está morto disse Amanda.

Henry franziu a boca e ficou completamente imóvel.

-Inteirei-me de que tinha saído.

-Faz dois meses confirmou Amanda.

Henry se tornou sobre o respaldo da cadeira. Cruzou as pernas. O copo descansava ligeiramente sobre a palma de sua mão. alisou-se o braço do traje e disse: -Wílbur, sei que, apesar das coisas horríveis que fez, era seu pai. Assumiste-o bem?

-Sim, senhor. -Wíll teve que afrouxar-se de novo a gravata. O ambiente era tão tenso que teve vontades de partir em seguida, especialmente quando a habitação ficou em silêncio, porque ninguém sabia o que dizer.

Elizabeth lhe deu uma profunda imersão ao cigarro. Esboçava um sorriso divertido, como se estivesse desfrutando dessa situação tão incômoda.

-Como hei dito, seu pai era um homem muito mau, e acredito que todos nos sentimos aliviados de que tenha morrido.

Wíll assentiu.

-Sim, senhor.

Elizabeth lhe deu uns golpes ao cigarro no cinzeiro.

-E como vai a vida, jovencito? Está casado? Tem filhos?

Wíll notou um formigamento no braço e se perguntou se estava sofrendo um ataque ao coração.

-Vai bem.

-E a ti, Hank? perguntou Amanda. Vi que te fez sócio. Três anos depois de sair da Faculdade de Direito já ascendeu ao mais alto da empresa. Não há dúvida de que o velho Treadwell se ocupou bem de ti.

Henry se terminou a taça e pôs o copo na mesa.

-Já estou aposentado.

Amanda se dirigiu a Elizabeth:

-Deve ser maravilhoso o ter em casa.

Ela sustentava o cigarro entre os lábios.

-Desfruto de cada momento.

Houve outro intercâmbio silencioso, mas esta vez entre a Amanda e Elizabeth Bennett.

Wíll se desabotoou o pescoço. Amanda lhe deu uma cotovelada para que se estivesse quieto. Elizabeth lhe deu outra imersão ao cigarro. ouvia-se o clique de algum relógio. A água da fonte da entrada seguia emitindo esse som rítmico.

-Me diga disse Henry tamborilando com os dedos sobre seu joelho. Wílbur. -Deixou de tamborilar. Que mais te oferece? Estava a ponto de partir ao clube.

-Quantos anos teria Lucy agora? perguntou Amanda.

Henry continuou olhando-a mão.

-Cinqüenta e três?

-Cinqüenta e seis corrigiu Wíll.

Henry estirou a perna, meteu-se a mão no bolso de suas calças e tirou um cortador de unhas.

-O outro dia estive pensando em sua mãe, Wílbur. -Girou a manga. Suponho que a posta em liberdade do Ulster a trouxe para minha memória.

Wíll notou uma pressão no peito.

-Lucy tinha uma amiga. Não era uma garota bonita, mas sim muito recatada. -Henry alinhou o cortador de unhas com a unha do polegar e pressionou as duas alavancas ao mesmo tempo. Acredito que Lucy não era um bom exemplo para ela, mas isso carece de importância. -Colocou a parte de unha atalho na mesa, ao lado do cinzeiro. Logo continuou com o seguinte dedo. Um verão que estava em casa, ouvi-as rir na habitação do Lucy enquanto escutavam música. fui ver por que armavam tanto animação e as surpreendi dançando diante do espelho e cantando com a escova do cabelo. -Pôs a segunda unha ao lado da primeira. Não é ridículo?

Wíll observou como se cortava a unha do dedo médio. Deu um coice porque apurou muito, mas, mesmo assim, conseguiu cortar toda a parte em uma só peça. Pôs a unha em forma de meia lua ao lado das outras. Quando levantou a cabeça, surpreendeu-se ao ver que lhe estavam observando.

-Suponho que não é uma anedota muito interessante, mas imagino que quererá saber muitas coisas de sua mãe.

-Lembra-te da Evelyn Mitchell? perguntou Amanda.

Grunhiu para ouvir o nome.

-Vagamente.

-Evelyn estava decidida a fazer um seguimento do dinheiro do Ulster disse a Isso Wíll foi antes do apogeu da cocaína em Miami, quando o Governo começou a exigir aos bancos que os informassem dos grandes depósitos.

Henry se guardou o cortador de unhas no bolso.

-E isso a que vem?

Amanda agarrou sua bolsa do chão. Era uma bolsa tão grande que parecia levar o mundo no ombro.

-Ulster vivia em um subúrbio, mas teve bastante dinheiro para contratar ao melhor advogado defensor do Southeast. Isso fez que nos fizéssemos algumas pergunta, ao menos a nós.

Henry falou com um tom arrogante.

-Não sei o que tem que ver isso comigo.

-Ulster tinha uma conta de economia no banco CeS. Nós conhecíamos uma mulher ali. Dissenos que tinha menos de vinte dólares, por isso não utilizou esse dinheiro para pagar ao advogado.

-Tinha uma propriedade disse Henry.

-Sim, uma casa no Techwood que vendeu em 1995 por quatro milhões de dólares. -Abriu a bolsa. Foi o último que resistiu a negociar. Estou segura de que a Prefeitura ficou muito contente quando terminou por aceitar.

Henry parecia molesto.

-Muita gente fez dinheiro com os Jogos Olímpicos.

-Sem dúvida, Ulster o fez.

Amanda tirou uma luva de látex da bolsa. Como de costume, secou-se a palma da mão na saia. Ao levar o tipóia, resultava-lhe mais difícil introduzir os dedos, mas ao final o obteve. Logo voltou a colocar a mão na bolsa e tirou a Bíblia de seu pai.

Hank se pôs-se a rir quando pôs o livro na mesinha.

vamos rezar pela alma do Ulster?

Amanda abriu a Bíblia.

-Cometeu um engano, Hank.

Ele examinou o sobre. encolheu-se de ombros.

-Qual?

-Está dirigido ao James Ulster, na prisão de Atlanta. - Assinalou o nome. E este logotipo diz Treadwell-Price. Sua escrivania.

Ao Wíll já não surpreendiam as mentiras da Amanda. Não fazia nenhuma hora que lhe havia dito que a carta era do advogado defensor de seu pai.

-E o que? disse Henry encolhendo-se uma vez mais de ombros. Não há nada dentro.

-De verdade? perguntou Amanda.

-Não, não há nada. -Parecia muito seguro de si mesmo. Obviamente, escrevi-lhe uma carta lhe cantando as quarenta. Tinha assassinado a minha irmã. Não pode demonstrar nada.

-Posso demonstrar o porco asqueroso que é.

Ele a olhou friamente.

por que diz...

-Deu-lhe este sobre a sua garota para que o datilografasse.

Olhou a sua esposa, mas ela tinha o olhar fixo na Amanda. Estava sorrindo, mas sua expressão não era nada cálida.

-Vê seu nome datilografado em cima do logotipo do Treadwell-Price? -Deu-lhe a volta à Bíblia para que pudesse vê-lo. Isso é o que se faz quando envia uma carta de negócios. Ensinam-lhe isso na escola de secretariado.

-Minha secretária faleceu faz uns anos.

-Lamento sabê-lo. -Deu-lhe a volta à Bíblia. O curioso sobre essas velhas máquinas de escrever, algo que suponho que não sabia, é que os paus de macarrão eram muito pesados. Se não se tomava cuidado, alguém se podia pilhar os dedos entre eles.

Henry pôs direitos os recortes das unhas que havia sobre a mesa. Utilizou a ponta dos dedos para lhes dar a volta.

-Uma vez mais, pergunto-me aonde quer chegar.

-Bom, o caso é que terei que alinhar o sobre muito bem para que a direção não saísse torcida. Às vezes terei que mover o sobre de um lado a outro entre os paus de macarrão para pô-lo direito. É como uma velha imprensa em que tem que girar o parafuso para imprimir a tinta na folha de papel. Ainda segue utilizando uma pluma estilográfica?

Henry ficou gelado. Finalmente, parecia compreender.

-A tinta não estava seca quando pôs o cheque dentro. - Amanda abriu o papel com cuidado. Por isso, quando sua secretária pressionou o sobre entre os dois paus de macarrão pesados, a tinta do cheque se transferiu ao interior do sobre. Deste sobre. -Sorriu. Seu nome, sua assinatura, o dinheiro que pagou ao Herman Centrello, o advogado defensor do homem que assassinou a sua irmã.

Henry tirou o cortador de unhas de novo.

-Não acredito que isso seja uma pista decisiva.

-Ele a guardou todos estes anos disse Amanda. Mas é que Ulster era assim, verdade?

-Como vou ou seja eu...?

-Não lhe interessava o dinheiro. Era sozinho um meio para conseguir seus fins. Vivia para controlar às pessoas. Arrumado a que, cada vez que abria esta Bíblia, no único que pensava era em quão fácil seria lhe dar a volta a tudo, com uma simples palavra à pessoa adequada, com uma chamada ao advogado oportuno.

-Não tem provas disso.

-Passou a língua pelo sobre para fechar a carta, verdade que sim, Hank? Não acredito que deixasse que o fizesse sua secretária, porque se perguntaria por que estava enviando um cheque tão abundante a outra escrivadinha de advogados para que se ocupassem de enviar longe ao homem que assassinou a sua própria irmã. -Sorriu.

Imagino que foi um enorme esforço para ti lhe passar a língua a seu próprio sobre. Quantas vezes tiveste que fazê-lo durante estes anos?

Henry pareceu primeiro assustado, e logo, zangado.

-Não tem meu DNA para compará-lo.

-Isso crie? -Amanda se inclinou para diante. Lhe arranharam alguma vez, Hank? Arranhou-te Jane no braço ou no peito enquanto a estrangulava?

Levantou-se tão rápido que a cadeira caiu para trás.

-Quero que vá imediatamente. Wílbur, lamento que te tenha visto envolto nesta... procurou a palavra adequada-loucura.

Wíll se desabotoou o pescoço. Fazia um calor insuportável nessa habitação.

Amanda se tirou a luva.

-Fez um trato com o Ulster, verdade que sim, Hank? Ele conseguiu o que queria, e você também.

vou chamar à polícia. -Foi a seu escritório e pôs a mão no telefone. Por respeito ao Wílbur, vou dar uma última oportunidade para que te parta.

-De acordo.

Amanda se tomou seu tempo para levantar-se. arrumou-se o tipóia e se pendurou a bolsa do ombro, mas não foi diretamente para a porta. Primeiro se deteve ao lado da cadeira vazia do Henry e agarrou os recortes das unhas da mesa.

-O que está fazendo? perguntou Henry.

-Sempre tive curiosidade pelo Jane. Não a mataram como às demais garotas. Não tinha marcas no corpo.

Estrangularam-na e a golpearam. Tentou que parecesse um suicídio, mas é muito estúpido para saber que nós podemos descobrir a diferença.

Henry não disse nada. Olhava as unhas que tinha Amanda na mão.

-Jane lhe estava contando a todo mundo o das garotas desaparecidas. Por isso utilizou o nome do Treadwell para mover alguns fios na delegacia de polícia.

Pensou que Jane teria medo da polícia.

-Não sei do que está falando.

-Alguma vez entendeste às mulheres, verdade que não, Hank? Quão único conseguiu foi encher o saco ao Jane e fazer que falasse ainda mais.

Amanda abriu a mão e as unhas caíram sobre o tapete.

Henry quase salta por cima do escritório. conteve-se no último minuto e disse a sua esposa: -Recolhe isso imediatamente.

Elizabeth parecia estar pensando-lhe.

-Acredito que não, Henry. Ao menos hoje não.

-Já falaremos disso depois. -Começou a marcar com aborrecimento os números no telefone. vou chamar à polícia.

-Estão fora disse Amanda. O sobre é suficiente para te prender. Conheço uma garota no laboratório que morre de vontades por pôr suas mãos em seu DNA.

-Hei-te dito que vá.

Henry pendurou o auricular e logo o levantou de novo. Em lugar de marcar três números, marcou dez. Estava chamando a seu advogado.

-Você não te parece em nada a ele, sabe? disse Elizabeth.

Não lhe estava falando com a Amanda nem ao Henry, a não ser ao Wíll.

-Vê-se que é uma boa pessoa disse. James dava medo. Não tinha que falar, nem mover-se nem respirar. Sua presença era suficiente para ver sua maldade.

Wíll observou a feia careta de sua boca.

-Dizia que queria as salvar, mas nenhuma delas o obteve.
-Elizabeth lhe deu uma profunda imersão ao cigarro. Ao Lucy deu ao menos uma oportunidade: a oportunidade de fazer algo bom, de trazer algo puro a este mundo.

-O que está dizendo? perguntou Wíll.

-As garotas não importam. Nunca importam. -O carmim dos lábios lhe tinha deslocado ao interior das profundas rugas que tinha ao redor da boca. Mas você é um menino arrumado. Salvou-te do James, de sua brutalidade e de sua loucura. Você foi nossa salvação. Espero que tenha ganho.

Wíll observou como passava o cigarro pelo cinzeiro. Tinha as unhas largas, pintadas de um vermelho intenso que fazia jogo com sua saia e seu pulôver.

-Trabalhavam juntos, verdade? disse Amanda.

-Não como você crie respondeu Elizabeth. Estou segura de que Hank se divertiu um pouco, mas estou convencida de que te deste conta de que não gosta de sujá-las mãos.

-Te cale -ordenou Henry.

Lhe ignorou e se dirigiu ao Wíll:

-Ele não te queria, mas tampouco queria que ninguém ficasse contigo. deteve-se. O sinto muito. De verdade que o sinto.

-Estou-te avisando, Elizabeth -a ameaçou Henry. O suor lhe corria pelas bochechas.

Ela continuou ignorando a seu marido e olhou ao Wíll com o que solo se podia descrever como um sorriso sinistro.

-Tirava-te do orfanato e te trazia aqui por um dia, dois como muito. Eu te ouvia jogar na planta de abaixo, embora não lhe deixavam tocar nada. Às vezes te ouvia rir. você adorava rodar por essa colina. Fazia-o durante horas. Acima e abaixo, rendo todo o tempo. Comecei a me afeiçoar contigo, e então Henry te levou de novo e eu fiquei sozinha.

-Eu não... -Wíll teve que deter-se para respirar. Não me lembro de você.

Ela tinha o cigarro na boca. O filtro estava manchado de carmim.

-Não pode. Solo te vi uma vez. -Soltou uma suave gargalhada. As demais vezes estava atada.

A débil voz de uma mulher soou através do auricular do telefone que tinha Henry na mão. Sustentou-o afastado de seu ouvido, enquanto olhava a sua esposa.

-Eu podia ter sido facilmente sua mãe. Podia haver... disse Elizabeth.

-te cale, Kitty -lhe ordenou Amanda.

Ela soltou uma baforada de fumaça. As volutas formaram uma espiral perto de seu escasso cabelo loiro.

-Acaso estou falando contigo, zorra?

Capítulo trinta

Quartafeira 15 de julho de 1975

Definitivamente se ouvia um ruído. Um golpe. Uma série de golpes. Amanda não estava segura. A casa estava cheia de homens indo de um lado a outro com suas pesadas botas e gritando pelas habitações. Baixaram as escadas do apartamento de cobertura. Alguém estava inspecionando o interior. Viram o feixe de uma lanterna através das pranchas do chão de madeira.

Amanda ficou no corredor.

-Silêncio! gritou. Que todo mundo se cale.

Os homens a olharam sem saber o que fazer.

Amanda voltou a ouvir o ruído. Procedia da cozinha.

Evelyn se abriu passo entre a multidão, tentando chegar até a parte traseira da casa.

-Cuidado! -alertou-a alguém.

Amanda a seguiu até a cozinha. Os armários eram de metal. A encimera laminada de cor branca tinha um desenho dourado em forma de redemoinhos. Os

eletrodomésticos eram dos anos trinta. A luz de teto era uma simples lâmpada, ao igual a no resto das habitações.

-Ouve-o? disse Evelyn com a mandíbula tensa. O vulto tinha adquirido uma cor vermelha escura e lhe cobria a metade da cara.

Amanda fechou os olhos e escutou. Não se ouvia nenhum golpe, nada. Finalmente, negou com a cabeça e Evelyn soltou um prolongado suspiro.

Os homens tinham perdido a paciência. Começaram a falar em voz baixa, mas foram incrementando o tom à medida que chegavam mais colija à cena. A porta principal estava totalmente aberto. Amanda podia ver a rua. Chegou uma ambulância. O médico saltou da parte de atrás e foi para a casa. Um agente patrulha lhe deteve e lhe assinalou a entrada.

James Ulster ainda estava vivo. Amanda o ouvia gemer através da janela aberta.

-O interior do apartamento de cobertura está espaçoso disse uma voz. Que alguém me ajude a sair daqui.

-Você o ouviu, verdade? perguntou Evelyn.

-Sim respondeu Amanda apoiando-se na encimera.

Ambas ficaram imóveis, atentas. E então o ouviram de novo. Era como se estivessem enrugando papéis; logo, um tamborilar. Vinha de debaixo da pia.

Evelyn ainda tinha a pistola. Sustentou-a diante dela. Amanda pôs a mão na asa e, em silêncio, começou a contar: "Uma... duas... e três...". Abriu a porta.

Ninguém saiu. Nem se disparou nenhuma bala.

Evelyn negou com a cabeça.

-Nada.

Amanda olhou dentro do armário. parecia-se muito ao dele. Em um lado estavam os típicos utensílios de limpeza: lejía, trapos, limpiamuebles. No outro, um grande cubo de lixo. Estava metido a pressão debaixo da pia, pois era muito grande.

Amanda esteve a ponto de fechar a porta, mas o cubo se moveu.

-Deus santo -sussurrou. ficou a mão no peito. Certamente será um rato.

Ambas olharam ao corredor. Pelo menos havia trinta homens na casa.

-Os ratos me horrorizam disse Evelyn.

A Amanda tampouco é que gostasse de muito, mas não pensava escurecer tudo o que tinham conseguido aquela noite pedindo ajuda a um homem.

O cubo de lixo voltou a mover-se. Ouviu um ruído parecido a uma tosse.

-Meu deus disse Evelyn deixando a arma na encimera. ajoelhou-se e tratou de tirar o cubo de lixo. me Ajude!

Amanda agarrou o bordo superior do cubo de plástico e atirou com todas suas forças até que o tirou. Viu dois olhos olhando-a fixamente.

Eram de cor azul e tinham forma amendoada. Suas pálpebras eram tão finas como o papel de seda.

O bebê piscou. Seu lábio superior desenhou um triângulo perfeito quando sorriu a Amanda. Ela sentiu uma enorme ternura, como se se estivesse criando um laço invisível entre eles dois. Olhou suas diminutas mãos, os nódulos pequenos e gordinhos dos dedos de seus pés.

-Meu deus -sussurrou Evelyn. Colocou os dedos entre o cubo de lixo e o armário para tentar dobrar o plástico. meu Deus.

Amanda tocou ao bebê. Pô-lhe a mão na cara. Tinha as bochechas mornas. O menino girou a cabeça para apoiar-se na palma de sua mão e lhe acariciou as suas.

Levantou os pés e os dobrou como se estivesse apertando uma bola invisível. Era realmente pequeno. Muito perfeito e muito formoso.

-Já o tenho disse Evelyn dando um último puxão e tirando por fim o cubo. Agarrou ao menino e o estreitou contra seu peito. Pequeñín -murmurou lhe pondo os lábios na cabeça. Pobre pequeñín.

Nesse momento, Amanda teve um ataque de ciúmes. Os olhos lhe encheram de tantas lágrimas que nublaram sua visão até cegá-la.

Logo apareceu a raiva.

De todos as coisas horrorosas que tinha visto na semana anterior, essa era a pior. Como tinha acontecido? Quem tinha atirado a esse menino ao lixo?

-Amanda?

Era Deena Coolidge. A cicatriz ao redor de seu pescoço tinha um tom azulado. Levava uma bata branca de laboratório.

-Ev? O que acontece? Encontram-lhes bem?

Os pés descalços da Amanda golpearam contra o chão quando saiu a toda pressa da cozinha. Ao chegar à porta principal, já ia correndo. Estavam subindo ao Ulster à ambulância. Ela correu até a rua e apartou aos sanitários.

Estava pacote com correias à maca e lhe tinham algemado as mãos às barras de metal. Tinham-lhe talhado a roupa. Tinha uma vendagem manchada de sangue no flanco, e outro na perna. A mão também a tinha envolta com uma gaze e tinha o pescoço tão vermelho como a bochecha da Evelyn.

-Temos que lhe fazer uma traqueotomia. Não respira bem disse um dos sanitários.

-Encontramo-lo disse Amanda ao Ulster. E lhe derrotamos. "Eu"te venci.

Os lábios úmidos do Ulster esboçaram um sorriso de satisfação. Logo que podia respirar, mas seguia rendose dela.

-Amanda Wagner, Evelyn Mitchell, Deena Coolidge, Cindy Murray, Pam Canale e Holly Scott. Recorda todos esses nomes. Recorda os nomes das mulheres que lhe derrotaram.

Ulster resfolegou pela boca, mas se estava retorcendo de risada, não de medo. Já tinha visto antes esse olhar, em seu pai, no Butch, no Landry e na Bubba Keller. estava-se divertindo. estava-se rendo dela.

“De acordo, boneca. E agora te largue.”

Amanda estava em cima sobre a maca; podia haver-se tornado em cima de Ulster, como ele um momento antes.

-Não o verá nunca.

Ulster piscou quando cuspiu aos olhos.

-Jamais o verá. E te juro Por Deus que nunca saberá o que fez.

O sorriso do Ulster não desapareceu. Respirou profundamente. Com voz afogada, disse: -Já o veremos.

Capítulo trinta e um

23 de julho de 1975. Uma semana depois

Amanda sorriu ao entrar no estacionamento da Zona 1 da delegacia de polícia. Um mês antes, teria posto-se a rir se alguém lhe houvesse dito que se alegraria de voltar. Uma semana como agente de tráfico lhe serve para aprender uma lição muito dura.

Ocupou um dos estacionamentos mais afastados. O motor estralou quando apagou o contato. Olhou o relógio. Evelyn se estava atrasando. Amanda devia entrar na sala de reuniões e esperá-la, mas imaginava como uma volta triunfante. Cinco dias sob um mormaço, vestida com um uniforme de lã e vigiando como os meninos mais preguiçosos cruzavam as ruas, não podiam apagar o fato de que elas tinham caçado a um assassino.

Amanda abriu a bolsa. Tirou o último relatório que ia datilografar lhe ao Butch Bonnie. E não o tinha feito por amabilidade, a não ser para assegurar-se de que estava bem.

Wílbur Trent. Amanda lhe tinha posto esse nomeie ao bebê porque ninguém mais quis fazê-lo. Hank Bennett não queria manchar o nome de sua família. Ou possivelmente não queria complicar-se com os enredos legais de que Lucy tivesse um herdeiro. Evelyn tinha razão sobre as apólices de seguros. Com a morte de seus pais e o assassinato de sua irmã, ele era o único beneficiário de suas propriedades. Tinha deixado que a Prefeitura enterrasse a sua irmã em uma fossa comum enquanto ele passava de ser um membro do tribunal de testamentárias a milionário.

Por isso, foi Amanda a primeira que comprou ao Wílbur uma manta e uma camiseta muito pequena. Deixá-lo no lar de acolhida foi o mais difícil que tinha feito em sua vida. Mais inclusive que enfrentar-se ao James Ulster. Mais que encontrar a sua mãe pendurando de uma árvore.

Estava decidida a cumprir com a promessa que tinha feito ao Ulster. O menino jamais saberia que seu pai era um verdadeiro monstro, nem que sua mãe era uma yonqui e uma prostituta.

Amanda jamais tinha escrito nada inventado, por isso estava nervosa pelos detalhes que tinha incluído no relatório do Butch e as mentiras tão descaradas que havia dito sobre a vida do Lucy Bennett antes de ser seqüestrada.

O menino nunca saberia, pois algo bom teria que sair de toda aquela podridão.

-Como vai?

Evelyn estava fora do carro. Levava umas calças marrons e uma camisa laranja com botões por diante. O moratón que tinha na mandíbula tinha começado a ficar de cor amarela, mas ainda lhe cobria grande parte da cara.

por que vai vestida de homem? perguntou Amanda.

-Se formos de um lado a outro da cidade, não penso romper outro par de bonitos pantis.

-Eu não tenho pensado ir a nenhum lado disse Amanda colocando o relatório na bolsa.

Fechou-o rapidamente, porque não queria que Evelyn visse a solicitude que tinha enviado para um posto no Escritório de Investigação da Geórgia. Seu pai tinha recuperado seu posto. O capitão Wílbur Wagner estaria dirigindo a Zona 1 no fim de mês.

Evelyn franziu o cenho cordialmente quando Amanda saiu do carro.

foste outra vez ao orfanato esta manhã?

Amanda não respondeu.

-Tenho que me lavar as mãos disse.

Evelyn a seguiu à parte de atrás do Plaza Theater.

Amanda soltou um prolongado suspiro.

-Hei dito isso para que me deixasse em paz.

Evelyn sustentou a porta de saída, o que fez que se ouvissem os grunhidos pornográficos do Vixen Volleyball. Os dois homens que estavam na entrada ficaram muito surpreendidos ao as ver.

-Suas algemas lhes enviam lembranças disse Evelyn caminho do quarto de banho.

Amanda sacudiu a cabeça enquanto a seguia.

-Um destes dias conseguirá que nos peguem um tiro.

Evelyn reatou a conversação anterior.

-Carinho, não pode ir ver lhe todos os dias. Os bebês precisam ter um laço com as pessoas. Não acredito que queira que se afeiçoe contigo.

Amanda abriu o grifo. Olhou suas mãos enquanto as lavava. Isso era justo o que desejava com o Wílbur, mas não se atrevia a dizê-lo. Era desesperanzador.

Tinha vinte e cinco anos e estava solteira. Não havia forma de que o Estado lhe permitisse adotá-lo. E provavelmente faziam bem.

-Deu-te Pete essa amostra de pele? perguntou Evelyn.

Tornou-se água fria na cara. Tinha o sobre com a prova na bolsa.

-Sigo sem saber para que serve disse. Logo acrescentou: Pete tem razão sobre a ciência. Agora não podem utilizá-lo, mas é possível que algum dia... Não quererá que se perca em um armazém. Atirarão-o dentro de cinco anos.

Amanda fechou o grifo.

-Se houvesse pena de morte, nada disso importaria.

-Amém. -Evelyn tirou a caixa de pó da bolsa. Onde vais guardar o sobre?

-Não tenho nem idéia. -Não podia ir ao banco e solicitar uma caixa forte sem a assinatura do Duke. O que te parece na caixa onde guarda a pistola?

-Deve estar com o bebê. Ihe diga a Edna que o esconda em algum sítio. -Sorriu. Mas te assegure de que não o guarda na despensa.

Amanda se Rio. Edna Flannigan não tinha muito boa reputação nos serviços sociais, mas era uma boa mulher que cuidava dos meninos. havia-se encaprichado com o Wílbur. A Amanda não lhe tinha passado por cima. Era um menino muito fácil de querer.

-Posso agarrar um de seus livros de texto?

Evelyn deixou de empoeirá-la nariz.

-Para que?

-Edna me disse que podíamos lhe deixar algumas costure ao bebê para quando crescer. Pensei que podíamos...

Evelyn conhecia a história do Lucy Bennett, e do boa estudante que tinha sido. Ela tinha ajudado a elaborá-la, proporcionando alguns detalhes internos sobre a Geórgia Tech para que as mentiras resultassem mais plausíveis.

-Se te der um de meus livros de estatística, promete-me que deixará de estar tão deprimida?

-Eu não estou deprimida.

Evelyn fechou a caixa de pó.

-Temos que falar de nosso próximo caso.

-Qual?

-O DNF. Podemos investigar esses assassinatos.

-Esqueceste-te que esse tal Landry que conseguiu nos pôr de guardas de tráfico? -Duke o tinha averiguado com um par de chamadas telefônicas. Landry estava tomando umas taças com o comandante que tinha assinado o traslado. Não só foi uma conspiração, a não ser um gesto próprio de um porco machista que não podia suportar que duas mulheres se misturaram em seu trabalho. O único que nos falta é nos pôr outra vez em seu ponto de olhe.

-Não me assusta esse fanfarrão disse arrumando o cabelo no espelho. Salvamos uma vida, Amanda.

-E perdemos três, pode que quatro. -Ninguém sabia onde estava Kitty Treadwell. Provavelmente, enterrada em um esgoto da cidade. Algo que ao parecer não preocupava a seu pai. Andrew Treadwell se negou a responder a suas chamadas, e tampouco admitiu ter uma segunda filha. E nenhuma das duas saímos ilesas.

-Mas agora conhecemos mais pessoas. Temos fontes. Dispomos de uma rede. Podemos levar casos igual a fazem os homens, pode que inclusive melhor.

Amanda se limitou a olhá-la. Os sons lascivos do filme pornográfico aumentavam a estupidez de sua afirmação.

-Há algo ao que não lhe possa tirar o lado positivo?

-Hitler. A fome no mundo. Os ruivos; não confio neles.

Evelyn retocou de novo sua maquiagem. Amanda fez o mesmo, nada agradada com o que via. Evelyn não era quão única tinha moratones. Ela luzia um círculo arroxeadado, gentileza das mãos do Ulster. As costelas lhe doíam nada

mais as tocar. E lhe estava começando a formar uma crosta nos cortes das mãos e os pés.

Evelyn a olhou aos olhos.

Feridas de guerra.

Ambas sorriam quando saíram do quarto de banho.

-Falei-te que esse tal Green Beret da Carolina do Norte que matou a toda sua família? perguntou Evelyn.

-Sim respondeu Amanda levantando as mãos para que o deixasse. Duas vezes. Preferiria falar do caso que escutar os detalhes, assim obrigado.

O vestíbulo estava vazio. Evelyn se deteve e pôs os braços em jarras.

-Ainda sigo lhe dando voltas às apólices de seguros.

Referia-se ao Hank Bennett. Não podia tirar-se o da cabeça.

-Bennett foi a Mission procurando o Lucy. Pelo que deduzo que terminou no comilão social e conheceu o James Ulster.

-Pode que se conhecessem, mas disso a dizer que trabalhavam juntos... -Amanda negou com a cabeça. Para que? por que motivo?

-Bennett tirou de no meio de sua irmã para que não pudesse herdar o dinheiro de seus pais, e ficou com o Kitty Treadwell para si mesmo, além de com seu dinheiro, porque já sabe que devia ter algo.

-Crie que Hank Bennett está ocultando ao Kitty em algum sítio? -Não era do todo uma pergunta, pois ela mesma tinha

estado pensando justo isso toda a semana.

Com que fim?

-Para fazer chantagem ao Andrew Treadwell. -Evelyn sorriu. Disposta atenção ao que te digo: Hank Bennett dirigirá a escrivania algum dia.

Amanda suspirou. perguntou-se se devia culpar às revistas que lia Evelyn por essas teorias conspirativas.

-Kitty Treadwell está enterrada em algum sítio. Ulster as seqüestrou para as matar, não para as reabilitar.

-Alguém pôs o bebê no cubo de lixo.

Amanda não soube o que responder. Algumas parte do corpo do Lucy ainda estavam costuradas ao colchão quando a encontraram. Pete Hanson não lhes pôde dar uma hora precisa entre o nascimento do Wílbur e a morte do Lucy. Solo pôde deduzir que, em algum momento, liberou-se de suas ataduras e ocultou ao menino.

E logo Ulster voltou a costurá-la?

-Acredito que há algo que não encaixa disse Evelyn.

Amanda não quis jogar mais lenha ao fogo, mas ela tinha o mesmo pressentimento.

-Quem mais pôde ajudá-la? perguntou. Ao Trey Callahan o agarraram no Biloxi com sua noiva. -Disse que solo tinha roubado o dinheiro da Mission para publicar seu livro. Não havia dúvida de que Ulster tratava de lhe incriminar em todo esse assunto da Ofelia. Não crie que se houvesse um segundo assassino, Ulster o teria incriminado?

-Vejam os uma coisa: de onde procede o dinheiro?

Herman Centrello. Evelyn estava decidida a averiguar como James Ulster podia pagar ao melhor advogado do Southeast.

Amanda negou com a cabeça.

-E isso o que importa? Nenhum advogado do mundo pode conseguir que saia livre. Colheram-no com as mãos na massa. Seus rastros estão na faca.

-Livrará-se do assassinato das outras garotas. Não temos nada que o vincule com o Jane ou com a Mary. Não encontramos o corpo do Kitty, se é que está morta.

Pode que, algum dia, Ulster saia em liberdade condicional. Por isso deve guardar essa mostra. Talvez algum dia a ciência nos sirva para lhe acusar.

-Então terá mais de sessenta anos. Estará muito velho para andar, e menos para fazer machuco a ninguém.

Evelyn abriu a porta de saída.

-E nós seremos umas abuelitas aposentadas que viveremos com nossos maridos na Florida, e que nos perguntaremos por que nossos filhos nunca nos chamam.

Amanda quis reter essa imagem para pensar nela quando se fosse à cama e só visse o olhar condescendente do Ulster. riu-se dela. estava-se guardando algo, algo que devia lhe dar poder sobre todos outros.

-Chamou-te Kenny? perguntou Evelyn.

Amanda deixou que seu rubor respondesse por ela. pendurou-se a bolsa do ombro enquanto foram à delegacia de polícia. Havia uma comoção na porta principal.

Os policiais discutiam com um bêbado. Tinham-lhe pacote as mãos com uma presilha por haver resistido à autoridade, mas as agitava exageradamente enquanto lhe sujeitavam pelo pescoço.

-E queríamos voltar para isto disse Amanda.

Evelyn olhou seu relógio.

-Joder, chegamos tarde para a recontagem.

Muito para sua volta triunfal. Luther Hodge as poria a fazer trabalhos de escritório toda a semana. Amanda odiava essa tarefa, mas ao menos teria a Evelyn para compadecer-se. Possivelmente poderiam jogar uma olhada aos casos sobre as garotas negras que tinham desaparecido. Não havia nada de mau em elaborar outro quebracabeças de papéis.

-Latido! disse o bêbado que ainda lutava quando elas chegaram à entrada da delegacia de polícia.

Um dos agentes lhe deu uma bofetada na orelha. A cabeça do homem girou como uma manivela.

A sala de reuniões emprestava a tabaco e apresentava seu aspecto opaco de costume: as fileiras de mesas estavam torcidas, os brancos sentados a um lado e os negros ao outro. Os homens, na parte de diante; as mulheres, na de atrás. Hodge estava no podio. Todo mundo estava sentado para a recontagem.

Entretanto, por algum motivo, começaram a levantar-se.

Ao princípio foram alguns dos detetives brancos, mas logo, lentamente, começaram a ficar em pé os negros. Percorreram a sala formando um semicírculo, terminando com a Vanessa Livingston, quem, como de costume, estava sentada na última fila. Levantou-lhes os polegares às dois e esboçou um sorriso de orgulho.

Evelyn ficou perplexa durante uns instantes, mas manteve a cabeça erguida enquanto entrava na sala. Amanda tentou fazer o mesmo. Os homens se apartaram para as deixar passar. Ninguém disse nada. Não assobiaram, nem lhes disseram nada inoportuno. Alguns assentiram. Rick Landry foi o único que permaneceu sentado, mas, a seu lado, estava Butch Bonnie, de pé, mostrando seu respeito quase a contra gosto.

A situação se estragou quando atiraram ao bêbado dentro da sala de reuniões. Ele se levantou do chão, gritando: “Lhes vou denunciar, turma de mamões”.

O ambiente ficou do mais tenso. O bêbado ficou paralisado ao ver que estava em uma sala cheia de policiais. Olhou a Amanda e logo a Evelyn: -Desculpem minha linguagem, senhoritas.

-Casulo disse Butch tirando o palito de dentes da boca. Não são senhoritas. São policiais.

A sala suspirou como um só homem. fizeram-se algumas piadas. Tiraram o bêbado e Hodge deu alguns golpes no podio para pedir silêncio.

Amanda reprimiu o sorriso que lhe veio à boca enquanto ia à parte de atrás da sala. Sabia que Evelyn estava detrás dela, pensando o mesmo.

Por fim as tinham aceito.

Capítulo trinta e dois

Na atualidade. Quartafeira

Wíll se sentou no banco de madeira que havia no topo da pequena colina e apoiou os cotovelos nos joelhos. Olhou para a rua quando o carro patrulha saiu da entrada. Seu pai era um assassino. Seu tio também. E ele levava os gens de ambos.

Ouviu uns passos pelo cascalho. Amanda lhe pôs a mão no ombro, mas solo para ajudar-se a sentar-se.

Ambos olharam a rua vazia. Os segundos se converteram em minutos. Wíll ouvia um ruído branco em seus ouvidos, um zumbido que não lhe deixava pensar.

Amanda soltou um profundo suspiro.

-Evelyn nunca me perdoará isto. Ela sempre pensou que havia alguém mais.

-Atestará contra ele?

-Quem? Kitty? -Amanda encolheu o ombro que tinha bom. O duvido. Se tivesse querido falar, poderia havê-lo feito faz anos. Suponho que Henry ainda a controla.

-Soltou uma gargalhada compungida. chegaste muito longe, moço.

Wíll não podia fingir que estava satisfeito nem lançar comentários irônicos, como fazia Amanda.

-Me diga o que aconteceu. A verdade.

Amanda olhou o jardim dianteiro, esse enorme espaço verde que estava melhor cuidado que a maioria dos parques públicos. Necessitava tempo para esclarecê-las idéias. A honestidade não era, precisamente, seu ponto forte. Wíll se deu conta de que estava fazendo um esforço.

-Já sabe que havia duas vítimas. Sua mãe e Jane Delray.

-Sim. -Wíll o tinha visto no histórico de seu pai. Não havia provas suficientes para vincular ao James Ulster com o assassinato do Jane Delray, mas se deduzia que ele tinha sido o culpado. Era seu patrão. Agarrava a dois e decidia qual ficar.

-Havia outras duas garotas. Mary Halston e Kitty Treadwell.

Wíll juntou as mãos.

-Sua mãe e Mary Halston sofreram os mesmos danos. A ambas “as costuraram”, e às duas lhes encontraram sinais de agulhas. Mas Jane foi diferente. A ela não a seqüestraram; seu assassinato foi algo impulsivo. Estrangularam-na e logo a atiraram do telhado para que parecesse um suicídio.

-Foi Henry?

-Não estava segura até que vi o cheque. O que pinjente foi a verdade. A Evelyn sentia saudades que Ulster tivesse um advogado tão caro e, francamente, a mim também. Nunca lhe interessaram as coisas materiais, solo gostava de exercer o controle. Acredito que o fato de que Hank lhe enviasse esse cheque ao cárcere concedeu certo controle.

-Não acredito que ao Henry preocupe esse cheque. Sabe que isso não é suficiente.

-O DNA do Henry se comparará com a prova do caso do Jane Delray. Chamei à garota que está a cargo das provas do arquivo nada mais me inteirar de que seu pai andava solto. É um milagre que a cadeia de custódia siga intacta e que nunca tenhamos tido que usá-la.

-Que prova é essa?

-É a que pinjente aí dentro. Jane arranhou a seu agressor. Seguro que concorda com o DNA do Henry que se pode encontrar no sobre.

-Está segura disso?

-Acaso você não o está?

Wíll tinha visto a cara de seu tio. Não havia dúvida.

-O que acontece Kitty?

-Solo posso fazer algumas conjetura. Ulster a tirou da heroína. Hank a utilizou para tirar dinheiro ao Treadwell. - Assinalou com a cabeça a casa. Como pode ver, não foi um mau plano.

Wíll olhou a casa. “Mansão” não seria a palavra mais adequada. Pode que “museu” ou “prisão”.

-Há algo mais que queira saber?

Tinha um semfim de perguntas.

por que me põe isso tão difícil?

-Porque também o é para mim, Wíll.

Ele não tinha pensado nisso. Apesar de todas suas fanfarronadas, sabia que Amanda se sentia muito vinculada.

Foi seu primeiro caso, seu primeiro homicídio.

Tentava atuar como se nada, mas que ambos estivessem sentados ali confirmava justo o contrário.

-Hank sempre odiou às mulheres disse finalmente. Imagino que odiava ao Lucy por sua independência, por seu espírito livre, por sua capacidade para escolher.

Ela ia à escola. Vivia em Atlanta. Hank era dos que pensava que as mulheres deviam estar em seu lugar. naquela época, muitos homens pensavam igual. Não todos, mas...

-Voltou a encolher o ombro. Quão único deve saber é que sua mãe era uma boa pessoa. Era inteligente, independente e te queria.

Um caminhão grua passou pela rua. Wíll ouviu o zumbido das rodas na estrada. perguntou-se como seria isso de viver em uma mansão e ver o resto do mundo passar a seu lado.

-Todas as pessoas às que interroguei na escola a apreciavam disse Amanda.

Wíll moveu a cabeça. Já tinha ouvido o bastante.

-Era divertida e amável. Muito popular. Todos os professores ficaram destroçados quando se inteiraram do acontecido. Ela prometia muito.

Wíll tinha um nó na garganta.

-Eu estive com ela quando faleceu. -Amanda se deteve de novo. Suas últimas palavras foram para ti. Disse que te queria. Não quis partir até que não se assegurou de que a tínhamos ouvido, até que nos fez entender que te queria com cada fôlego de seu corpo.

Wíll se levou os dedos aos olhos. Não pensava chorar diante dela. Se o fazia, não haveria forma de voltar atrás.

-Ocultou-te no cubo de lixo para te salvar de seu pai. deteve-se. Evelyn estava ali. As duas lhe encontramos. Não acredito que tenha estado tão cheia de ira em toda minha vida.

Wíll voltou a tragar. Teve que esclarecê-la voz para falar.

-Edna Flannigan. Você a conhecia.

-Muitos casos me conduziram ao orfanato disse Amanda ajustando-a tira do tipóia. Ninguém me disse que tinha morrido. Quando soube... -Olhou ao Wíll aos olhos. Sinceramente, seu substituto recebeu o castigo castigo por seus atos.

Wíll não pôde evitar desfrutar com a idéia de que Amanda tinha aniquilado ao homem que o tinha jogado à rua.

-O que havia no porão? O que estava procurando?

Amanda voltou a olhar a grama enquanto soltava um comprido suspiro.

-Pergunto-me se alguma vez saberemos.

Wíll recordou os arranhões na abertura de carvão. Pensou que os tinha feito algum animal, mas agora sabia que provavelmente era uma das velhas amigas da Amanda.

-Alguém esteve ali enquanto estávamos no hospital.

-De verdade?

Amanda fingiu estar surpreendida.

Wíll tentou lhe dar a entender que não era um completo idiota. Era impossível que um portaobjetos tivesse estado no arquivo de provas durante trinta e sete anos.

-Provas de arquivo.

-Provas de arquivo? -Amanda tinha um irritante sorriso nos lábios. Wíll sabia que estava dissimulando antes inclusive de que abrisse a boca.

-Nunca ouvi falar disso.

-Cindy Murray continuou. A assistente social do Wíll, a mulher que lhe tinha ajudado a sair das ruas e entrar na universidade.

-Murray? repetiu Amanda, para finalmente negar com a cabeça. Não me soa.

-O capitão Scott, da prisão...

Ela Rio entre dentes.

-Me recorde que te conte histórias da antiga prisão. Era horrível antes de que Holly a limpasse.

-Rachel Foster. -Amanda ainda chamava a jueza federal para que assinasse todas suas ordens judiciais. Sei que é amiga dela.

-Rachel e eu começamos juntas. Ela trabalhava como operadora no turno de noite, assim podia ir à Faculdade de Direito durante o dia.

-Ela eliminou meus antecedentes quando me graduei na universidade.

-Rachel é uma muito boa mulher.

Wíll não pôde conter-se. Tinha que encontrar ao menos uma fissura.

-Nunca te vi fazer uma viagem para contratar a alguém para o GBI. Nenhum em quinze anos. Solo o que fez para me contratar a mim.

Ajustou-se o tipóia.

-Bom, a verdade é que ninguém desfruta nessas viagens. Tem que falar com cinqüenta pessoas, e a metade deles são analfabetos. -Sorriu-lhe. Não é que isso tenha nada de mau.

-Herdei-o dele? -Não pôde olhá-la. Amanda conhecia sua dislexia. Meu problema?

-Não respondeu ela com toda segurança. Já viu sua Bíblia. Lia-a a todas as horas.

-Essa garota, Suzanna Ford, viu...

-Viu um homem alto, isso é tudo. Você não te parece em nada a ele. Conheci o James Ulster. Falei com ele, olhei aos olhos. Você não tem nenhuma pinga dele em seu sangue. Você vem do Lucy. Tudo o que é os herdaste que sua mãe. me acredite. Desde não ser assim, não perderia meu tempo.

Wíll estreitou suas mãos. A grama se afundava sob seus pés. Sua mãe teria agora cinqüenta e seis anos. Provavelmente, seria professora. Seus livros de texto se leriam nas classes, sublinhariam-se as palavras e estariam infestados de asteriscos nos márgenes. Podia ter sido engenheira, matemática ou uma erudita feminista.

Tinha passado muitas horas com o Angie falando do que tivesse sido. O que teria acontecido se Lucy tivesse vivido? O que teria passado se a mãe do Angie não tivesse tomado

essas overdose? O que teria sido deles se não se criaram naquele orfanato? O que teria passado se não se conheceram alguma vez?

Entretanto, sua mãe tinha morrido. Ao igual à do Angie, embora esta tinha demorado muito mais. Ambos se tinham criado naquele orfanato, e tinham conectado durante quase três décadas. Sua raiva era como um ímã entre eles. Um ímã que às vezes os atraía; outras, separava-os.

Wíll tinha observado o dano que causava o ressentimento. Tinha-o visto no corpo consumido do Kitty Treadwell, na forma tão arrogante em que seu tio Henry inclinava o queixo e, algumas vezes, quando ela acreditava que ninguém a olhava, nos olhos da Amanda.

Ele não podia viver dessa forma. Não podia permitir que seus primeiros dezoito anos de vida arruinassem os seguintes sessenta.

Meteu-se a mão no bolso. Notou o frio de sua aliança de casamento. O deu a Amanda.

-Quero que guarde isto.

-Bom disse simulando estar um pouco envergonhada enquanto o agarrava. Me parece um pouco precipitado. Nossa diferença de idade é...

Wíll tentou recuperá-lo, mas lhe agarrou da mão.

Amanda Wagner não era uma mulher carinhosa. Poucas vezes tocava ao Wíll com delicadeza. Pegava-lhe um murro no braço ou lhe dava uma palmada nas costas.

Em uma ocasião, inclusive atirou da placa de segurança de uma pistola de pregos e fingiu surpreender-se quando o

prego passou entre seu polegar e seu dedo indicador.

Agora, entretanto, agarrou-lhe da mão. Seus dedos eram pequenos, e a boneca, extremamente magra. Levava as unhas esmaltadas e tinha manchas de idade no dorso da mão. Apoiou seu ombro sobre o do Wíll e lhe devolveu o gesto. Lhe estreitou durante uns segundos e logo se soltou.

-É um bom menino, Wílbur disse.

Wíll não quis responder por temor a que a voz não lhe jogasse uma má passada. Normalmente, teria brincado e teria fingido que punha-se a chorar como uma menina, mas a frase em si já era uma contradição para a mulher que estava sentada a seu lado.

-Devemos ir antes de que Kitty nos jogue de um manguerazo.

Guardou-se o anel na bolsa enquanto se levantava do banco. Em lugar de pendurar-lhe do ombro, colheu-o com uma mão.

-Quer que lhe leve isso? -ofereceu-se Wíll.

-Por isso mais queira, não sou uma inválida disse ficando a bolsa no ombro para demonstrá-lo. E te grampeie o pescoço da camisa, que não te criaste em um estábulo. E não cria que não falaremos de seu cabelo.

Ele se grampeou o pescoço enquanto foram para o carro.

Kitty Treadwell estava na porta principal, observando-os atentamente. Tinha um cigarro na boca; a fumaça lhe metia nos olhos.

-Eu paguei os impostos de propriedade disse.

Amanda estava a ponto de abrir a porta do carro, mas se deteve.

-Da casa no Techwood. -Kitty baixou as escadas e se deteve escassos metros do carro. Eu paguei os impostos porque merecia a pena. Isso jodió muito ao Henry, quando James a vendeu.

-E a mim também -admitiu Amanda. Quatro milhões de dólares é um bom benefício.

-Ao Henry solo interessa o dinheiro. -Kitty se tirou o cigarro da boca. Pensei que seriam para o Wílbur.

-Ele não o quer replicou Amanda.

-Já o vejo. -Kitty sorriu ao Wíll, que se estremeceu. Te converteste em uma pessoa muito melhor que todos nós. Como demônios o conseguiste?

Não lhe respondeu. Nem sequer podia olhá-la.

-Hank conheceu o Ulster no comilão social? perguntou Amanda.

Kitty se girou a contra gosto para ela.

-Ele estava procurando o Lucy. Queria assegurar-se de que não reclamaria a propriedade de seus pais. Foi uma união perfeita. ficou o cigarro na boca.

Fizeram um grande negócio. Hank deu ao Lucy, sem condições. Ulster, em troca disso, tirou-me da droga, embora não recomendo seus métodos. -Sorriu como se todo aquilo fosse uma brincadeira. Suponho que James pensou que Lucy era um bom negócio. Um anjo cansado sem pais nem família que pudessem causar problemas. -Jogou uma

baforada de fumaça. Além disso, Mary já não lhe servia de nada.

por que a matou?

-A Mary? -Kitty se encolheu de ombros. Não a podia dobrar. Estar grávida te troca. Ao menos isso parece desde fora. Elogiável, mas olhe onde a levou.

-E ao Jane Delray?

brigavam constantemente pelo Jane. Henry quis tirar a de no meio. Ela não estava disposta a fechar a boca, e lhe falava com todo mundo do Lucy, da Mary e de mim. Imagino que fui muito afortunada ao não terminar da mesma maneira. Eu sempre estava alardeando de meu pai. -Soltou uma gargalhada. Como se a alguém do gueto importasse uma mierda quem fosse meu pai.

brigaram por isso? repetiu Amanda.

-Ao James não importava um carajo com quem falasse essa zorra. Lhe subiu à cabeça, já que, ao fim e ao cabo, estava fazendo a obra do Senhor. Não era um capanga. Deus lhe protegeria.

Amanda estabeleceu uma conexão óbvia.

-Retiveram-lhe na casa com o Lucy.

-Sim, estive ali todo o tempo. deteve-se. Pareceu esperar outra pergunta da Amanda. Todo o tempo.

Amanda não disse nada.

Kitty jogou a cinza no caminho de entrada.

-Ao final me reconciliei com meu pai. -Soltou uma amarga gargalhada. Mais dinheiro para o cofre do Henry. Como diz esse provérbio? Deus não fecha uma porta sem primeiro apuntilar as janelas?

-Se atestar, poderia... disse Amanda.

-Você não pode fazer nada. Ambas sabemos.

-Pode lhe deixar. Pode lhe deixar agora mesmo.

-E por que ia fazer o? -Parecia perplexa. É meu marido e lhe quero.

Seu tom convincente resultava tão espantoso como todo o resto. Wíll já o tinha ouvido antes esse mesmo dia. Ela parecia esperar uma resposta.

-Como pode lhe querer depois do que fez? perguntou Amanda.

Kitty soltou uma larga baforada de fumaça.

-Já sabe o que acontece os homens. -Atirou o cigarro ao jardim. Às vezes, uma mulher se apaixona por um assassino.

Capítulo trinta e três

Na atualidade. Uma semana depois

Os galgos da Sara estavam realmente malcriados. Wíll tinha começado a lhes dar queijo, algo que Sara descobriu de má maneira. Ao parecer o fazia de forma continuada, e os cães estavam obcecados. Assim que lhe viam pela rua,

começavam a atirar da correia como se fossem huskies correndo pelo Klondike. Quando chegou à entrada de sua casa, sentia que lhe tinham desconjuntado os braços.

Agarrou as correias com uma mão enquanto se metia a outra no bolso para tirar a chave da casa do Wíll. Felizmente, seu Porsche apareceu detrás dela. Ele a saudou o deter-se. Os cães começaram a saltar.

-Olha-os disse Wíll em tom carinhoso e acariciando-os. Que carinhosos som.

-São um pesadelo disse Sara. Não lhes dê mais queijo.

Wíll ria quando se levantou.

-Os cães necessitam queijo. Não podem encontrá-lo no bosque.

Sara abriu a boca para lhe contradizer, mas lhe deu um beijo tão largo e tão bem dado que se esqueceu de tudo.

Ele a olhou sonriendo.

-Respondeu-te sua primo?

-Sim. Podemos dispor da casa da praia toda a semana.

Ele sorriu de brinca a orelha. Agarrou as correias dos cães, que se comportaram muito melhor enquanto ele os levava pelo caminho de entrada. Sara pensou em como tinha melhorado seu aspecto. Tinha recuperado seu anterior trabalho, dormia plácidamente toda a noite e não se mostrava tão hermético.

Esperou até que Sara fechou a porta principal para soltar aos cães. dirigiram-se à cozinha, mas Wíll não os seguiu.

-Henry comparecerá ante o juiz a semana que vem.

-Podemos deixar a viagem à praia se...

-Não.

Sara observou como esvaziava seus bolsos e punha as chaves e o dinheiro no escritório.

-Como vai o caso?

-Henry se está defendendo, mas não pode fazer nada contra o DNA. -tirou-se a capa da pistola do cinturão. E a ti? Como te foi o dia?

-Tenho que te dizer algo.

Wíll ficou tenso. Sara não podia lhe culpar, porque tinha recebido muitas más notícias nos últimos dias.

-O exame de Toxicologia de seu pai chegou.

Ele pôs direita a pluma que tinha em cima do escritório.

-O que encontraram?

-Tinha Demerol no sangue, embora não muito.

Ele a olhou atentamente.

-Pastilhas?

-Não, medicinal, injetável.

-Que quantidade?

-Era um homem grande, por isso resulta difícil estar seguro. Acredito que suficiente para que se relaxasse, mas

não para acabar com ele. Encontraram o frasco na geladeira que havia debaixo do minibar. Havia uma seringa em um pequeno recipiente com resíduos. encontraram seus rastros nas duas coisas.

Wíll se esfregou a bochecha com os dedos.

-Ele nunca consumiu drogas. Estava contra elas.

-Já sabe o mal que se passa na prisão. Muitas pessoas trocam de opinião sobre as drogas quando estão dentro.

-De onde tirou Demerol líquido?

Sara tratou de procurar uma explicação.

-A prostituta que lhe visitou a noite anterior pôde haver o levado. Encontrou-a a polícia?

-Não respondeu Wíll. Nem tampouco o esmalte de unhas.

Sara sabia que Wíll odiava os cabos soltos.

-Possivelmente o roubou. A maioria dessas garotas são viciadas. Não praticam o sexo com vinte ou trinta homens ao dia porque lhes resulte divertido.

-Qual foi a causa da morte? -Parecia não atrever-se a pronunciar a palavra. Overdose?

-Não tinha bem o coração. Já sabe que essas coisas não são sempre concludentes. O forense opinou causa natural, mas podia ter tomado outros medicamentos ou ter inalado ou tragado algo que o produziu uma má reação. É impossível comprová-lo tudo.

-levou Pete o caso?

-Não, está de baixa. Foi um de seus ajudantes. Um menino inteligente. Confio nele.

Wíll seguia tocando-a mandíbula.

-Sofreu?

-Não sei. Oxalá lhe pudesse dizer isso.

Betty ladrou. Começou a dar saltos aos pés do Wíll.

-Vou lhes dar de comer.

Foi à cozinha. Sara lhe seguiu. Em lugar de agarrar os recipientes e tirar as latas de comida do armário, Wíll ficou em meio da habitação.

Havia um sobre acolchoado na mesa da cozinha. No centro tinha a marca estampada de um beijo com carmim vermelho. Sara se deu conta de que era coisa do Angie Trent. Ela tinha encontrado uma nota com a mesma marca de beijo em seu carro todas as manhãs dessa semana. Duvidava que lhe tivesse escrito a palavra “zorra” no interior, mas, mesmo assim, perguntou ao Wíll.

-O que quer?

-Nem idéia. -Wíll parecia zangado, logo à defensiva, como se pudesse controlar sua vida. troquei as fechaduras. Não sei como pôde entrar.

Sara não se incomodou em responder. Angie era expolicía. Sabia como abrir uma fechadura. Ao trabalhar na Brigada Antivicio, tinha aprendido a cruzar a linha com impunidade.

vou atirar o.

Sara tratou de acalmá-lo.

-Não passa nada.

-Sim, sim passa.

Wíll agarrou o sobre. Não estava fechado. A lapela se abriu.

Sara retrocedeu, embora o que caiu na mesa não era nada perigoso. Ao menos já não.

A prostituta do Four Seasons tinha sido a última pessoa em ver vivo ao pai do Wíll. Ela conhecia as garotas da rua, como se vestiam e onde recolhiam a suas alcoviteiras. E o mais importante: sabia que, ajustando o chapéu diante da câmara do elevador, atrairia a atenção de suas unhas recém pintadas.

E, se por acaso isso não era o bastante, como um gato que deixa um animal morto na porta de seu dono, Angie Trent tinha pego uma lembrança da cena do crime para que Wíll soubesse o que tinha feito por ele.

Um frasco de cristal. Com o plugue branco e bicudo.

Vermelho intenso.

Era o frasco de esmalte de unhas Max Factor que tinha desaparecido.

FIM

Agradecimentos

Ben Hecht disse: “Tentar saber o que acontece o mundo lendo os periódicos é como tentar conhecer a hora olhando o ponteiro de relógio dos segundos de um relógio”. Tendo isso em conta, li atentamente muitas das edições dos anos setenta do Atlanta Journal e do Atlanta Constitution, cujos arquivos oferecem uma visão fascinante da vida cotidiana dos cidadãos de Atlanta. O Atlanta Daily World apresentava em ocasiões uma visão mais profunda e compensada dos mesmos acontecimentos.

O Atlanta Magazine foi de grande ajuda na hora de estabelecer um contexto histórico, incluída essa seção dedicada ao “melhor de”, assim como um perfil muito divertido do desinibido complexo de apartamentos Riverbend. Os artigos do Cosmopolitan Magazine me proporcionaram muitas idéias sobre os penteados, as celebridades e a forma de conseguir satisfação sexual naquela época, muito diferentes aos de hoje em dia. Revistas como Newsweek, Teme Magazine, LadiesHome Journal e o catálogo do Sears também foram de grande ajuda no que respeita à roupa e a decoração utilizada naqueles anos. A página Web AtlantaTimeMachine.com mostra inumeráveis fotos de antes e depois dos principais lugares da cidade. Há um incrível número de anúncios televisivos dos anos setenta no YouTube que me tiraram muitas horas de minha vida que nunca recuperarei. Meu único consolo é que as pessoas que os penduraram empregaram mais tempo em carregá-los que eu em vê-los.

Contratei ao Daniel Starer do Reseach for Writers para que me ajudasse a recolher o material que necessitava para este livro. Pensei que tinha sido um truque muito inteligente

por minha parte até que recebi os volúmenes de estudo e me dava conta de que devia lê-los todos. (Em minha página Web se enumera a lista completa.) Dão também localizou a um homem chamado Robert Barnes, que realizou um documentário sobre o corpo de polícia de Atlanta em 1975. Robert, um cidadão nativo de Atlanta, teve a amabilidade de me enviar uma cópia do documentário, onde se vêem muitos edifícios de Atlanta e um bom número de planos tomados de um helicóptero do Techwood Homes e do centro da cidade. Também compartilhou muitos de suas lembranças de Atlanta, por isso lhe estou extremamente agradecida.

passei muitas horas em linha ou em pessoa no Centro Histórico de Atlanta, a biblioteca Auburn Avenue Research, a biblioteca da Geórgia Tech, a biblioteca da Universidade Pullman do Estado da Geórgia e a Biblioteca do Congresso. (Deste-te conta de que todos esses sítios incluem a palavra “biblioteca” em seus nomes?

Pode que, depois de tudo, as bibliotecas sejam necessárias.)

Dizer que tenho descoberto costure de grande valor no Centro Histórico de Atlanta seria ficar corta. Foi ali onde ouvi pela primeira vez falar do Patrullaje da Patricia W. Remmington: o trabalho e a introdução dos agentes de polícia femininos (University Press of America, 1981). Esta dissertação se apóia no trabalho de campo de um ano de duração realizado pelo Remmington sobre o corpo de polícia de Atlanta em 1975. Ela acompanhou a muitos agentes em suas rondas, observou os interrogatórios e inclusive lhe proporcionaram um revólver. Graças a seu trabalho, pude selecionar as rotações da palmilha, obter dados estatísticos, conhecer detalhes da estrutura organizativa e socioeconômica do corpo de polícia de Atlanta. Posto que seu estudo estava centrado nas agentes, havia transcrições

de entrevistas realizadas com alguns oficiais masculinos e femininos sobre o trabalho que desempenhavam as mulheres no corpo. Muitos dos dez códigos e do jargão que empreguei (“coleguita”, “chochete” e “falência”), assim como algumas das brincadeiras que empregavam os agentes, tirei-as de suas observações.

Embora haja utilizado sua tese como ponto de partida, falei também com outras agentes de polícia que começaram a trabalhar nos anos setenta. Marla Simms do GBI é uma das narradoras mais entretidas que conheci. Também quero expressar meu agradecimento às oficiais de polícia Doa Robertson, Barbara Lynch e Vickye Prattes por vir a Atlanta para falar comigo. SL, EC e BB também me proporcionaram muitos dados sobre como funcionam as coisas hoje em dia (ou não) nos diversos corpos da Geórgia. E, embora os homens não fiquem muito bem neste livro, também quero dar as obrigado, como sempre, ao diretor Vernon Keenan e ao John Bankhead do GBI. Em realidade, desejo agradecer a todos os agentes que cuidam de nós, porque realizam um trabalho muito elogiável.

Devo mencionar ao Reginald Eaves, que aparece em muitas ocasiões nesta história. Eaves foi uma figura muito controversa na política de Atlanta. Em 1978, um escândalo sobre umas provas de admissão lhe obrigou a demitir do corpo policial. Em 1980, escolheram-no para formar parte da junta de comissionados do condado do Fulton. Em 1984, investigaram-no por extorsão e, finalmente, encarceraram-no em 1988. Entretanto, ninguém pode negar que, sob o mandato do comissionado Eaves, a taxa de criminalidade descendeu notavelmente em Atlanta. Elevou o nível de formação dos novos agentes, desenvolveu um método formal de ascensão e fez que todos os agentes assistissem a aulas de “intervenção de crise” para que aprendessem uma melhor forma de administrar os casos de violência

doméstica. Centrou a maioria dos recursos nos delitos cometidos entre negros e esgrimiu que “não importava quão pobre uma pessoa fosse. Nunca havia uma desculpa para golpear a uma mulher na cabeça ou lhe roubar a bolsa”. Em minha opinião, isso o converte em um grande político.

Embora muitos consideram ainda que a década dos setenta foi uma época de amor e liberdade, as mulheres desse tempo tiveram que confrontar uma árdua batalha.

Abrir uma conta bancária, conseguir um empréstimo para comprar um carro ou uma casa -inclusive assinar o aluguel de uma moradia-estavam fora do alcance de muitas mulheres americanas, a não ser que seus maridos ou seus pais as avaliassem. (Não te passe, Nova Iorque, até 1974 não se aboliu a discriminação de gênero.) Até 1972, as mulheres solteiras não puderam comprar legalmente pílulas anticoncepcionais, embora muitas tiveram muitos problemas para encontrar um médico que as prescrevesse ou uma farmácia que as proporcionasse. A Lei de Discriminação de Gênero de 1975 teve como finalidade reforçar a Lei de Igualdade Salarial de 1963; as mulheres só ganhavam um trinta e oito por cento menos de salário que os homens. O Departamento de Polícia de Atlanta, como todos os corpos de polícia, teve que cumprir com a lei. Por isso, poder patrulhar foi um dos poucos trabalhos que outorgou às mulheres um poder econômico e social.

Assim foi, em certa medida, o aspecto progressivo do trabalho policial por parte das mulheres. A maioria dos homens e muitas mulheres-pensavam que as mulheres não deviam desempenhar o trabalho de um agente. As histórias que se descrevem sobre as pessoas que riam quando uma agente aparecia na cena de um crime são certas. As mulheres estavam condenadas ao fracasso, e as castigava

quando não o faziam. Havia muitas áreas proibidas para elas nos corpos de segurança. Com isso não quero dizer que os homens fossem o único problema. Em um artigo de 1974 do Atlanta Constitution se descrevem quão chamadas recebiam na delegacia de polícia -todas procedentes de mulheres-dizendo que tinham visto uma mulher roubando um carro patrulha. Não podiam compreender que a “benjamima” era, em realidade, uma agente de polícia que para a ronda em um carro de polícia. (Outra entrevista, esta procedente do H. L. Mencken: “Misógino: um homem que odeia tanto às mulheres como elas se odeiam entre si”.)

Agradeço ao Valery Jackson que me tenha dado uma visão da forma de pensar do prefeito Maynard Jackson durante sua primeira candidatura. As afirmações que fez em nome das mulheres e das minorias são muito comuns entre os políticos de hoje em dia, embora muito poucos deles as aplicam tal como ele o fez. Acredito que falo em nome de muitos cidadãos de Atlanta quando digo que seu legado perdura em muitos aspectos positivos.

Vernon Jordan foi de grande ajuda ao lhe dar contexto a esta história. Agradeço-lhe suas perspicazes sugestões, já que me deram a chave para desentranhar a forma de narrar. Embora diga que não me proporcionou muitos detalhes, fez-o. Além disso, estou segura de não ser a única pessoa a que lhe causaste esse efeito.

Linda Fairstein não é uma de minhas autoras favoritas, mas é uma mulher que serve em primeira linha na primeira Unidade de Delitos Sexuais de Nova Iorque.

Seu inovador trabalho foi possível graças às mesmas becas LEAA que beneficiaram a muitas mulheres para poder dedicar-se a ser polícia. Linda, agradeço-te os esforços por

transmitir uma imagem positiva de todas as mulheres do país.

Devo mostrar um especial agradecimento ao Jeanene English por me mostrar como se fazem as extensões de cabelo. Ao Kate White, por me recordar constantemente os grandes lucros que podem conseguir as mulheres quando se apóiam entre si. E a Monica Pearson (cujo nome de solteira é Kaufman) por uma das tardes mais agradáveis que passei em minha vida. Ao Emily Saliers por me contar coisas sobre sua Atlanta. E, embora nunca tive a honra de conhecer o Tyne Daily ou Sharon Gless, qualquer mulher de minha idade sabe que esta história tem uma dívida de gratidão muito especial com ambas.

como sempre, o doutor David Harper me ajudou a que Sara e Pete parecessem saber o que estavam fazendo. Também acredito que devo dizer algo sobre o hospital Grady, o hospital público maior do país. Este gigantesco edifício em forma de H é um testamento ao melhor e o pior de nós. O trabalho da Sara na sala de urgências não é nada comparado com o trabalho que se desempenha no verdadeiro Grady, principalmente porque se necessitariam milhares de páginas para fazer justiça ao desdobramento de humanidade que se mostra em seus corredores todos os dias. Me Quito o chapéu ante os doutores e enfermeiras do Grady por confrontar os problemas, em lugar de esquivá-los.

Henrik Enemark, meu tradutor dinamarquês, enviou-me algumas fotos geniais sobre sua viagem de fim de curso a Atlanta. Ineke Lentin, minha tradutora ao holandês, foi também de muita ajuda. Marty, conservador do museu Pram, respondeu a uma pergunta muito estranha de forma rápida e sem pestanejar. Kitty Stockett lhe emprestou seu nome a uma prostituta (pode que isso outorgue a seu trabalho a atenção que merece). Pam Canale foi a grande

ganhadora do leilão para que apareça seu nome no próximo livro do Karin Slaughter”, cuja finalidade é beneficiar ao sistema de Bibliotecas Públicas do Condado do Dekalb. Diane Palmer me deu uma idéia genial. Ao Debbie T Ihe agradeço sua contínua ajuda na hora de reproduzir o mundo do Will. Beth Tindall do Cincinnati Medea leva muito tempo sendo o administrador de meu sítio Web e um de meus melhores amigos. Vitória Sanders, Angela Cheng Caplan e Diane Golden são a melhor equipe com o que se pode contar. Meu agradecimento também ao Kate Elton, minha boa amiga e minha editora, por me facilitar o trabalho. Ao Jennifer Hershey, Libby McGuire, Cindy Murray e Gina Centrello Ihes agradeço que hajam trazido o beicon a casa e o hajam frito em uma frigideira.

Meu pai me deu de presente toda uma noite me contando anedotas da parte mais vulnerável de Atlanta durante a década dos setenta. Falou-me do Mills Lane e do caso de seqüestro (assim como do Mike Thevis, que seguro que aparecerá em outras histórias, embora não me dito a Ihe perguntar a meu pai sobre sua conexão com o homem que trocou o rosto da pornografia americana). Também Ihe dou as graças a minha irmã, Jatha Slaughter, por me falar tão sinceramente sobre sua vida. E a D.

A., como sempre, por ser o amor de minha vida.

A história é algo perigoso, especialmente em mãos de uma novata. Ao realizar as investigações pertinentes para esta novela, compreendi que não todo mundo vê o passado da mesma forma. Para Atlanta, há uma perspectiva branca e uma perspectiva negra, assim como as (em ocasiões opostas) perspectivas dos homens e as mulheres dentro dessas categorias. Extrapolar isso à diversidade cultural de nossa população atual te fará entender por que, como escritora, escolhi me estabelecer em um só ponto de vista.

Além disso, sou romancista, não historiadora, e não me considero uma perita na Atlanta dos anos setenta nem na atual. Tomei-me certas liberdades com alguns detalhes. (Não há edifícios de cinco andares no Techwood Homes. Monica Kaufman, como Spike, o irmão do Snoopy, não apareceu em Atlanta até agosto de 1975. E provavelmente lhe prenderiam se passasse muito tempo diante do Fours Seasons procurando essa fonte de mármore.) Minha principal intenção na hora de escrever este livro foi contar uma boa história. Desde o começo, soube que havia várias armadilhas inerentes a ser uma mulher negra que escrevia sobre os problemas raciais e de gênero. Por isso quero que, por favor, saiba-se que trabalhei muito para me assegurar de que todos -sem importar a raça, a religião, o credo ou a nacionalidade-fossem igualmente desprezados.

KARIN SLAUGHTER

Atlanta, Geórgia

www.karinslaughter.com